

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Sirlene Lopes de Miranda

A construção cultural do *Self* em um contexto de execução penal de metodologia
alternativa

São Paulo
2018

SIRLENE LOPES DE MIRANDA

A construção cultural do *Self* em um contexto de execução penal de metodologia alternativa

Versão original

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obter o grau de Doutora em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Danilo Silva Guimarães

São Paulo

2018

Nome: Miranda, Sirlene Lopes de

Título: A construção cultural do *Self* em um contexto de execução penal de metodologia alternativa

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obter o título de Doutora em Ciências.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir viver esse momento tão importante para mim, de concretização do doutorado em Psicologia.

Ao Danilo Silva Guimarães, por me orientar em todo o trabalho de construção do projeto, execução da pesquisa e escrita da tese, e pelas trocas dialógicas mantidas nesse processo de construção de conhecimento acerca do tema de minha tese.

Ao meu querido marido, Edson Mendes de Araujo, pelo companheirismo nesse período intenso de estudos, pela compreensão pelos finais de semana em que estava em Minas Gerais, realizando as visitas à Instituição, necessárias à pesquisa.

Aos meus queridos animais, Fredinho (in memoriam), Sarah e Princesa, pelos dias e noites de companhia no escritório, enquanto eu escrevia a tese.

À minha querida irmã, Lenir Lopes Costa, pela torcida e apoio incondicional em todos os momentos de meu doutorado.

Ao meu querido irmão, Itamar Lopes de Miranda, pela força e encorajamento em meio às adversidades.

À minha sobrinha, Viviane Lopes Costa, pelo incentivo e auxílio na edição das figuras da tese.

Aos meus demais sobrinhos, em especial, Francis Júnior Teixeira de Miranda, Anna Laura Teixeira de Miranda e Luiz Paulo Lopes Costa, pelo carinho e apoio.

À Elaine Aparecida Teixeira de Miranda, José Claudio Costa e Renan Paulino Alves Guimarães, pelo apoio e eterno incentivo.

Aos meus eternos amigos, Edmilson Silva, Sirlene Maria de Sousa, Irani Barbosa, Geraldo Barbosa, Juliana Cristina Barbosa, Wilson Donizete Antero, Leila Adriana Borges, Aparecida Borges e Elza Miranda, pelo apoio incondicional.

Agradeço com muita saudade à professora de direito penal, Ana Lúcia Rodrigues Costa (in memoriam) pelas contribuições em minha formação acadêmica. Ainda retomo à memória, sua luta contra violação dos direitos humanos e sua trajetória na implantação do método APAC. Relembro que na ocasião de seu velório, a Instituição permaneceu vazia por várias horas, mas não foi por fuga coletiva, e sim, porque todos os recuperandos do regime fechado e semiaberto estavam se despedindo de você e prestando a última homenagem, sem algemas, cena que para mim adquiriu uma função simbólica, pois você havia mantido inúmeras negociações com o Tribunal de Justiça para fossem concedidas saídas sem escoltas e sem uso de algemas aos recuperandos.

Ao querido professor, advogado e psicólogo, Daniel Augusto dos Reis (in memoriam) pelo compartilhamento de experiências profissionais em Psicologia Jurídica. Sua recente partida me traz muito pesar, mas a certeza de um legado de conhecimento a todos nós que foi deixado.

Ao desembargador de Justiça, Joaquim Alves de Andrade, por favorecer meu contato com a política pública denominada “novos rumos na execução penal” durante minha graduação em Psicologia, que, na ocasião, era ainda recente.

Ao diretor da Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBAC), Valdeci Antônio Ferreira, pela recepção e contribuições acerca da assessoria prestada para as unidades do método APAC de execução penal.

Aos membros da diretoria da APAC que sediou o estudo de caso, por autorizarem a realização da presente pesquisa, meu acesso e permanência nos três respectivos regimes de cumprimento de pena, fechado, semiaberto e aberto.

Aos membros das diretorias das demais unidades do método APAC visitadas, pela autorização de acesso, convite para permanência como hóspede na unidade feminina e a concessão de informações acerca da Instituição.

Aos participantes da pesquisa, que tanto contribuíram com meu trabalho. Sem a colaboração e aceite destes meu trabalho não seria possível.

Aos funcionários e voluntários da APAC, pela recepção e acolhimento.

Ao Dr. Ramiro German Gonzalez Rial, pelas contribuições teórico- metodológicas que potencializaram avanços em meu texto.

Ao Dr. Djalma Francisco Costa Lisboa de Freitas, pelas contribuições teórico-conceituais agregadas ao meu texto durante as discussões no grupo de estudo.

Aos professores Dr. Gustavo Martineli Massola e Dra Lívia Mathias Simão, pela participação em minha banca de qualificação, com contribuições relevantes para prosseguir com meu trabalho de pesquisa.

À minha colega, Flaviana Rodrigues de Sousa, pelo incentivo e sugestões realizadas ao longo das discussões grupais sobre este trabalho.

À minha colega de mestrado e doutorado, Flávia Meneses Duarte, pela parceria e compartilhamento de conhecimento.

Aos demais colegas do laboratório de “Interação verbal e construção de conhecimento”, pelas contribuições ao meu trabalho, em especial Douglas Kawaguchi, Hércules Morais, Marcos Santana, Marcel Lopes, Daniel Vas, Marília Benedito, Dario, David Borges Florscheim, Hernán Sánchez, Larissa Laskovski, Nilson Guimarães, Vivian Volkmer, Paula Franciuli e Juliano Casimiro.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa.

Aos funcionários da Universidade de São Paulo, em especial da Secretaria do Departamento de Psicologia Experimental, Fátima e demais; e aos funcionários da biblioteca, pelo apoio.

Aos porteiros do Instituto de Psicologia e demais profissionais da manutenção, limpeza e informática.

Aos profissionais da área de alimentação do Instituto de Psicologia, Rogério, Tia Shirley e Tânia, pela recepção nos intervalos das aulas e atividades no Instituto de Psicologia.

Aos meus pais, Amador Rodrigues de Miranda e Maria José Rodrigues.

Aos meus colegas professores/professoras, profissionais da Universidade Municipal de São Caetano do Sul/SP, pelo incentivo, em especial, Tânia Fator, Nirã dos Santos Valentim, Ivete de Souza Yavo, Maíra Mendes Clini, Tiago André Alves da Rocha, Lideli Crepaldi (in memoriam), Valquiria da Silva Stafocher, Adelsi da Graça Furtado Fernandes, Karen Francis Belomo Ringis, Luciane Martinelli, Irene Cantero Barone, Mara Solange da Silva Amaral, Kátia Pavani Gomes, Regina Albanese Pose, Eduardo de Camargo Oliva, José Antônio Paganotti, Luiz Vieira da Costa, Mauro Edgard Favoretto, Alessandra Preto Bitante, Alessandra Nabeiro Minciotti, Carlos Alexandre Felício Brito, Ivo Ribeiro de Sá, Nelson Afonso Thomaz, Sílvia Gattai, Rosana Marçon da Costa Andrade, Estela Cristina Bonjardim, Antônio Carlos Gil, Cristiane Vieira de Mello, Júlio César Hidalgo, Otacílio Pedro de Macedo, Tais Cecília dos Santos Lima de Clares, Robinson Henriques Alves, Patrícia Maria Villa Lhacer, Luciano Vieira Alves, Jorge Luis Carvalho Simões, Helio Ivan Jonas de Souza, Robinson Nicácio de Miranda. E aos funcionários, Casimiro Eneidino de Sousa, Filomena A.parecida Alvarez, Neuza Montovanelli, Maria Aparecida Vicente dos Santos, Maria Inês Cremonesi, Nanci Cristina Alves Escudeiro e Sílvia Trovatti Mamud.

Aos meus alunos e alunas dos cursos de Direito e Psicologia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Aos meus professores/professoras e colegas dos cursos de especialização e de graduação da PUC Minas, que participaram de minha formação e construção enquanto psicóloga e pesquisadora.

E à todos os professores (as) e pesquisadores (as) com os quais pude estabelecer diálogos ao longo de minha formação.

Enfim, a todos e todas que contribuíram diretamente ou indiretamente para a concretização desta tese, citados ou não neste texto, o meu eterno agradecimento.

RESUMO

Miranda, S. L. (2018). *A construção cultural do Self em um contexto de execução penal de metodologia alternativa* (Tese de Doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa objetiva descrever as implicações da vivência institucionalizada na construção cultural do *Self* em um sistema prisional no qual a pessoa assume uma dupla posição: cumpre sua pena, mas também participa da administração da instituição penal, como responsável pela segurança. A pesquisa foi realizada em duas fases: 1) uma discussão teórico-metodológica a partir da noção de multiplicação dialógica (Guimarães, 2013); e 2) um estudo de caso na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados - APAC, método alternativo de cumprimento de pena privativa de liberdade que prescinde de presença policial e compartilha a administração com a comunidade local. A participação observante (Bastien, 2007; Malfitano & Marques, 2011), enquanto recurso metodológico para o estudo de caso foi utilizada para descrever e analisar as relações concretas no âmbito da Instituição penal APAC. Realizei 12 visitas à Instituição para observar como se davam as relações interpessoais, bem como uma visita a duas unidades de referência do método APAC e à Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados, órgão fiscalizador das APAC's. Efetuei o registro das informações em um diário de campo. Dezoito pessoas participaram da pesquisa, perante consentimento prévio. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas em áudio e transcritas em sua íntegra para o posterior processo de análise dialógica interpretativa dos enunciados. A partir das informações levantadas na pesquisa, elaborei um protocolo de análise pelo qual identifiquei antinomias e aspectos expressivos (Wertsch, 1993) que emergiram das experiências vividas com os participantes em três campos-tema (cf. Spink, 2003) selecionados para análise, relações interpessoais, relações intrapessoais, e relação APAC-sistema prisional convencional. Cada contexto de convívio interpessoal apresenta um sistema de valores distinto que baliza múltiplas trajetórias de ação (cf. Boesch, 1991) para a pessoa. Então, qual o papel que a Instituição APAC ocupa na construção cultural do *Self* da pessoa que cumpre pena privativa de liberdade? Observamos a construção de sistemas de valores, que passam a orientar as ações no presente e em relação ao futuro iminente, que canalizam a construção pelo *Self* de

posicionamentos e reposicionamentos enquanto tentativas de elaborar tensões dialógicas experimentadas pelos participantes. E o *Self* se desenvolve como uma possibilidade de organização das múltiplas trajetórias de ação disponíveis por meio das ações simbólicas. A análise dialógica dos dados aqui proposta nos guia para uma compreensão que a pessoa que cumpre pena no método APAC reconstrói suas vivências na sociedade e no presídio em memórias transformadas, em uma síntese criativa das antinomias emergentes da experiência e em uma hierarquia de sentidos afetivo-cognitivamente organizados. Como desdobramento da pesquisa, proponho um constructo teórico próprio na dinâmica de compreensão do *Self* que contemple as dimensões institucionais, uma noção preliminar, a ser aprofundada em estudos posteriores- o *Self Institucional*, enquanto um modo de subjetivação e de estabelecimento de relações intra e interpessoais que se guia por uma articulação entre aspectos históricos, culturais e afetivo-relacionais no contexto institucional.

Palavras-chave: *Self*, Vivência Institucionalizada, Multiplicação Dialógica, Antinomias, Execução Penal.

ABSTRACT

Miranda, S.L. (2018). The cultural construction of the *Self* in a context of penal execution of alternative methodology (Doctoral Thesis), Psychology Institute, University of São Paulo, São Paulo.

This research aims to describe the implications of the institutionalized experience in the cultural construction of the *Self* in a prison system in which the person assumes a double position: he fulfills his sentence, but also engages in the administration of the penal institution, as one responsible for the security. The research was developed in two phases: 1) a theoretical-methodological discussion based on the notion of the dialogic multiplication (Guimarães, 2013); and 2) a case study in the Protection and Assistance to Convicts Association - APAC, an alternative method of serving a custodial sentence that dispenses the police presence and shares administration with the local community. The observational participation (Bastien, 2007; Malfitano & Marques, 2011), as a methodological resource for the case study was used to describe and analyze the concrete relations within the scope of the APAC Criminal Institution. I've visited the Institution 12 times to observe how the interpersonal relations were given, and I visited another two reference units of the APAC method and the Brazilian Fraternity to Convicts Assistance, APAC's inspection body. I recorded the information in a field diary. Eighteen people formed the corpus of the research, with prior consent. The semistructured interviews were recorded in audio and fully transcribed for the subsequent process of interpretative dialogical analysis of the statements. From the information collected, I developed a protocol of analysis in which I identified antinomies and expressive aspects (Wertsch, 1993) that emerged from the experiences with participants in three subject fields (Spink, 2003) selected for analysis: intrapersonal relations, interpersonal relations and APAC relationship-conventional prison system. Each context of interpersonal living presents a distinct value system that targets multiple action paths (cf. Boesch, 1991) for the individual. So, what role does the APAC Institution play in the cultural construction of the *Self* of the person who is serving custodial sentence? We observe the construction of value systems, which guide the actions in the present and regarding the imminent future and lead the construction by the *Self* of positioning and repositioning as attempts to elaborate the dialogical tensions experienced by the participants. And the *Self* works as an organizational possibility of the multiple paths of action available through symbolic actions. The dialogical analysis of the data proposed here guides us to an understanding that the condemned person in the APAC method reconstructs his experiences in society and prison by transforming memories, in a creative synthesis of the emerging antinomies of experience and in a hierarchy of affective-cognitively organized. As a result of the research, I propose a theoretical construct in the dynamics of *Self*, understanding that it contemplates the institutional dimensions, a preliminary notion, to be deepened in later studies -

Institutional *Self*, as a way of subjectivation and establishment of intra and interpersonal relations which is guided by an articulation between historical, cultural and affective-relational aspects in the institutional context.

Keywords: *Self*, Institutionalized Experience, Dialogical Multiplication, Antinomies, Criminal Execution.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trajetória de elaboração semiótica da minha experiência enquanto pesquisadora no campo institucional (adaptado de Guimarães, 2013)	22
Figuras 2 - Pátio do regime semiaberto intramuros, mostrando o jardim da área reservada para a visita dos familiares.....	93
Figura 2.1 - Pátio do regime semiaberto intramuros, mostrando o muro com cercas elétricas	94
Figura 3 - As pessoas em cumprimento de pena e suas interlocuções com os demais membros institucionais em perspectiva (adaptada de Achatz & Guimarães, 2016)....	98
Figura 4 - Logo do Método APAC.....	103
Figura 5 - Fábrica de blocos do regime semiaberto intramuros mostrando a tela que separa a APAC do aterro sanitário.....	106
Figura 6- Sintonizações rítmicas entre os contextos institucionais APAC e Execução Penal Convencional e a emergência das paredes semióticas (adaptado de Guimarães & Nash, submetido).....	139
Figura 7 - <i>Self</i> , “como é” e “como se” entre a realidade pessoal e a realidade socialmente compartilhada no campo institucional APAC (adaptado de Moraes & Guimarães, 2015).....	145
Figura 8 - Experiência institucionalizada da vida cotidiana.....	152

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 _ Princípios fundamentais constituintes do método de execução penal APAC.....	36
Tabela 2_ Antinomias e aspectos expressivos presentes no campo-tema “Relações Interpessoais”	67
Tabela 3_ Antinomias e aspectos expressivos presentes no campo-tema “Relações Intrapessoais”	82
Tabela 4 _ Antinomias e aspectos expressivos presentes no campo-tema “experiência construída na relação APAC-sistema prisional convencional”	87

LISTA DE SIGLAS

APAC	Associação de Proteção e Assistência aos Condenados
CR	Centro de Reintegração
CSS	Conselho de Sinceridade e Solidariedade
FBAC	Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados
INFOPEN	Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias
LEP	Lei de Execução Penal
PFI	<i>Prision Fellowship International</i>
SAP	Secretaria de Administração Penitenciária
SSP	Secretaria de Segurança Pública
SIC	Transcrição literal da narrativa do entrevistado, mesmo com erros de português.
SUAPI	Subsecretaria de Administração Prisional
TJMG	Tribunal de Justiça de Minas Gerais

Sumário

1 PERCURSO PESSOAL E A FORMULAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	17
1.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PRISÃO COMO PENA	25
1.2 OS SISTEMAS PENITENCIÁRIOS	31
1.3 O MÉTODO APAC DE EXECUÇÃO PENAL	35
1.3.1 A gênese do Método APAC	37
1.3.2 As relações institucionais na APAC	38
1.4 REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO <i>SELF</i> NO CONTEXTO INSTITUCIONALIZADO	41
1.4.1 <i>Self</i> e Intersubjetividade	47
2 METODOLOGIA	52
2.1 ESTUDO DE CASO	53
2.1.1 A unidade da APAC de referência para este estudo e suas atividades regulares	54
2.1.2 Participantes	56
2.1.3 A participação observante como instrumento de observação	58
2.1.4 Procedimentos da etapa de construção de dados empíricos	59
2.1.5 Análise dos resultados	61
3 A EXPERIÊNCIA INSTITUCIONALIZADA NO CONTEXTO PRISIONAL APAC	63
3.1 TENSÕES NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CONTEXTO INSTITUCIONAL: COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS X AFASTAMENTO INTERPESSOAL	67
3.2 TENSÕES NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CONTEXTO INSTITUCIONAL: COLABORAÇÃO X CONFLITOS INTERPESSOAIS	74
3.3 TENSÕES DIALÓGICAS NAS RELAÇÕES INTRAPESSOAIS NO CONTEXTO INSTITUCIONAL APAC	81
3.3.1 Tensões dialógicas estabelecidas na fronteira entre os sistemas de crenças e valores vividos no método convencional e no método APAC	86
3.4 O <i>SELF</i> E AS MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS INSTITUCIONAIS EM DIÁLOGO NO CONTEXTO DA EXECUÇÃO PENAL APAC	96
3.4.1 As práticas de rituais criativos na busca por elaboração das tensões dialógicas	117
4 INSTITUIÇÃO E <i>SELF</i>	124
4.1 AS RELAÇÕES DE PODER NO FLUXO DA EXPERIÊNCIA INSTITUCIONALIZADA	130
4.1.1 A recursividade na trajetória de vida da pessoa que cumpre pena	136
4.1.2 A emergência do <i>Self</i> Institucional	143
4.2 A EXPERIÊNCIA INSTITUCIONALIZADA NA VIDA COTIDIANA	149

4.3 OS ASPECTOS INSTITUCIONAIS E OS CIRCUITOS DE PODER NA CONSTRUÇÃO CULTURAL DO <i>SELF</i>	153
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS	162
APÊNDICE A- DIÁRIO DE CAMPO	170
APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA	226
APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA USO COM AS PESSOAS QUE CUMPREM PENA	229
APÊNDICE D- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA USO COM OS FUNCIONÁRIOS	230
APÊNDICE E- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA USO COM OS FAMILIARES	231
ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UMA PESSOA EM CUMPRIMENTO DE PENA DO REGIME FECHADO	232
ANEXO B- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UMA PESSOA EM CUMPRIMENTO DE PENA DO REGIME SEMIABERTO	236
ANEXO C- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UM INSPETOR DE SEGURANÇA	240
ANEXO D- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O PRESIDENTE DO CSS DO REGIME SEMIABERTO	245
ANEXO E- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O ENCARREGADO DE SEGURANÇA	249
ANEXO F- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UMA PESSOA EM CUMPRIMENTO DE PENA DO REGIME ABERTO	257
ANEXO G- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UM EGRESSO DO MÉTODO APAC	259

ANEXO H- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UMA VOLUNTÁRIA	261
ANEXO I- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A ESPOSA DE UMA PESSOA EM CUMPRIMENTO DE PENA	265
ANEXO J- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UM EGRESSO DO MÉTODO APAC	268
ANEXO K- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UMA FUNCIONÁRIA DO ADMINISTRATIVO	273
ANEXO L- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UMA JUÍZA DA VARA CRIMINAL DE UMA CIDADE DO INTERIOR DE MINAS GERAIS	277
ANEXO M- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O PAI DE UMA PESSOA EM CUMPRIMENTO DE PENA	282
ANEXO N- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O PRESIDENTE DA INSTITUIÇÃO	285
ANEXO O- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM O PRESIDENTE DO CSS, REGIME FECHADO	291
ANEXO P- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UM VOLUNTÁRIO	296
ANEXO Q- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UM MEMBRO DA FBAC	299
ANEXO R- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM UM FUNCIONÁRIO DA FBAC, EGRESSO DO MÉTODO PRISIONAL APAC E TAMBÉM DA PENITENCIÁRIA DO CARANDIRU.	305

1 PERCURSO PESSOAL E A FORMULAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Esta pesquisa objetiva descrever as implicações da vivência institucionalizada na construção cultural do *Self* em um sistema prisional no qual a pessoa assume uma dupla posição: cumpre sua pena, mas também participa da administração da instituição penal, como responsável pela segurança. Ao longo das páginas que se seguem, defenderei que a pessoa que cumpre pena no método APAC reconstrói suas vivências na sociedade e no presídio em memórias transformadas, em uma síntese criativa das antinomias emergentes da experiência e em uma hierarquia de sentidos afetivo-cognitivamente organizados. E, como desdobramento da pesquisa, proponho um constructo teórico próprio na dinâmica de compreensão do *Self* que contemple as dimensões institucionais, uma noção preliminar, a ser aprofundada em estudos posteriores- o *Self Institucional*, enquanto um modo de subjetivação e de estabelecimento de relações intra e interpessoais que se guia por uma articulação entre aspectos históricos, culturais e afetivo-relacionais no contexto institucional.

O interesse em estudar o contexto da execução penal emergiu de minha experiência durante a graduação em Psicologia no ano de 2005 quando tive a oportunidade de acompanhar a implantação da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) em uma cidade do interior de Minas Gerais. Trata-se de uma entidade civil, de direito privado, sem fins lucrativos, que objetiva prestar apoio às pessoas em cumprimento de pena privativa de liberdade, método que prescinde de presença policial e escoltas armadas.

Atuei nessa Instituição como estagiária da Pastoral na Universidade (um departamento da PUC - Minas que organiza e auxilia os projetos sociais e de extensão universitária) durante o período de 2005 a 2008, e auxiliei a organização da APAC como co-fundadora. Posteriormente, trabalhei como profissional voluntária até o ano de 2012, sendo membro do Conselho Deliberativo (Conselho de planejamento administrativo) e uma das primeiras voluntárias a participar das audiências públicas e de ações em conjunto com a comunidade local para viabilizar o método APAC de cumprimento de pena, a partir da validação dessa proposta pelo Tribunal de Justiça e da realização da eleição para compor a primeira equipe de direção da APAC

(membros voluntários da sociedade civil que administram a Instituição em conjunto com o sistema de Justiça).

Durante sete anos de experiência profissional preliminar, percebi, no relato das pessoas em cumprimento de pena e dos demais membros da Instituição, conflitos na rede de relações que compõe esse sistema prisional, observações que me despertaram o interesse em estudar como essas relações interpessoais se dão em um contexto de execução penal em que a pessoa assume uma dupla posição: cumpre sua pena e também trabalha na instituição penal, como responsável pela segurança e membro coparticipante da gestão administrativa: as pessoas em cumprimento de pena possuem as chaves do sistema prisional e participam de atividades operacionais, administrativo-financeiras e de vigilância da própria Instituição.

Apresentei, no início do doutorado uma proposta de pesquisa empírica para discutir a representação social da Instituição APAC a partir da análise de enunciados de seus membros, funcionários, pessoas em cumprimento de pena, diretoria, conselho deliberativo, juízes e idealizadores do sistema prisional APAC, e como essa representação se articulava aos possíveis conflitos vivenciados nas relações interpessoais e na subjetividade das pessoas que cumprem pena privativa de liberdade. Posteriormente, meu objetivo sofreu mudanças e optei por um estudo de caso que contemplasse não apenas entrevistas com as pessoas envolvidas nesse sistema prisional, mas também uma experiência concreta minha, enquanto pesquisadora, no contexto institucional a partir de visitas periódicas à Instituição, que pudesse ampliar minhas percepções para além da minha experiência prévia com a APAC, e das representações trazidas nas falas das pessoas. Busquei realizar uma pesquisa que contemplasse um estudo sobre a construção cultural do *Self* da pessoa que cumpre pena nessa metodologia alternativa de execução penal.

Como eu já possuía vivências preliminares com a Unidade APAC selecionada para estudo, possuía também informações privilegiadas, desde a fundação desta Instituição, que compreendo ter favorecido o processo de construção de um vínculo de confiança com os participantes da pesquisa. No entanto, a novidade emerge da distinção entre 'a experiência que foi' e 'a experiência que deveria ter sido', ou seja, entre as expectativas prévias do pesquisador e o que de fato foi vivenciado em campo, ruptura que promove a emergência do significado, da criação e do novo na produção do conhecimento.

A abordagem teórico-metodológica selecionada para a presente pesquisa se situa no campo Psicologia Cultural, em sua vertente semiótico-construtivista, uma perspectiva de pesquisa que emergiu a partir dos estudos sobre os sentidos presentes nas relações eu-outro-mundo significativas (Simão, 2015, p.xi). A área se dedica, dentre outros temas, a compreender as relações que se dão entre: o eu e o outro em um mundo sensível; os aspectos intra e intersubjetivos constitutivos da pessoa e as negociações e trocas dialógicas que tomam parte nesse processo; aspectos que tocam e guiam a presente pesquisa. Dentro dessa área, focalizei a noção de multiplicação dialógica (Guimarães, 2013) enquanto um recurso teórico e conceitual para esta discussão, uma noção que se articula à filosofia Bakhtiniana da linguagem, à filosofia da alteridade de Lévinas e às contribuições do perspectivismo ameríndio em Antropologia (Viveiros de Castro, 1996; 2004; 2006; Lima, 1996).

O Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia foi proposto originalmente por Simão (2005/2010) numa articulação teórica que envolve as psicologias de Ernest Boesch (teórico que propôs a teoria da ação simbólica, na qual se inclui alguns conceitos, tais como o potencial de ação e os recursos simbólicos), Jaan Valsiner (que traz proposições acerca da Psicologia Cultural, tais como campo cultural heterogêneo, mediadores e reguladores semióticos dos afetos), e Ivana Marková (que discute a tríade dialógica a partir da teoria das representações sociais de Moscovici). Essas psicologias estabelecem um diálogo com proposições hermenêuticas de Gadamer (em especial a noção de ciclo hermenêutico); as noções do dialogismo e alteridade de Bakhtin; e ainda contribuições de fenomenólogos como Bergson, Merleau-Ponty e Lévinas. Dentre os autores clássicos de psicologia, o diálogo da área se dá, predominantemente, com as reflexões de Kurt Lewin, Vygotsky, James e Baldwin.

A área, portanto, coloca diversas perspectivas em diálogo, filosóficas, psicológicas e antropológicas, para as quais os objetos semióticos também se diferenciam, o que aponta para a multiplicação da unidade triádica dialógica na compreensão intersubjetiva do *Self*.

Embora a noção de multiplicação dialógica tenha emergido na área em um contexto de estudo diferente do tema de minha pesquisa — focalizando a relação psicologia e povos indígenas — recorro a ela porque é um recorte teórico-metodológico que privilegia a compreensão de conflitos que emergem dos diferentes pontos de vista presentes em campos culturais diversos e que participam da construção do *Self*.

Do ponto de vista semiótico-construtivista na Psicologia Cultural, as trajetórias de vida do pesquisador e dos participantes podem se assemelhar em algum aspecto, bem como diferenciar em outros, pois cada um apresenta suas trajetórias próprias (Simão, Guimarães, Freitas, Bastos & Sánchez, 2016). Tanto aproximações quanto distanciamentos nas relações eu-outro, podem produzir experiências de ruptura para pesquisadores e participantes, e os resultados dessas experiências vividas podem permitir ou restringir interações entre eles. A elaboração dos significados emergentes em tais situações é uma tarefa importante no processo investigativo por promover uma tríade analítica significativa: experiência vivida, ruptura de expectativas e possibilidades de compará-las ou reinterpretá-las a partir de outras experiências ou teorias (cf. Simão et al. 2016).

Apresentarei alguns conceitos da área para explicitar o meu processo de formulação do objeto da pesquisa, sem, contudo, nessa introdução, avançar na discussão desses conceitos. Os conceitos da área serão retomados, de forma reflexiva, ao longo da tese. A utilização destes, nesse momento, se deve ao fato da perspectiva da pesquisadora sobre o trabalho estar, no momento da escrita dessa introdução, ancorada nas noções internalizadas ao longo dos 4 anos de estudo, de modo que não é mais possível uma exposição distanciada do repertório conceitual fundamental adotado pela pesquisadora.

Entendo que minha atitude de pesquisadora no campo de pesquisa e na interação com os participantes foi guiada pela compreensão das restrições impostas e das aberturas oferecidas pelas pessoas que aprovavam ou restringiam minha presença em alguma tarefa ou atividade. O pesquisador é uma parte incluída nas ações dos participantes, assim como o oposto também é verdadeiro (Bibace, Young, Herrenkhl & Wiley, 1999) em um campo cultural particular.

Também quanto a esse equilíbrio entre aproximação e distanciamento do pesquisador no campo de pesquisa, o pesquisador parte de uma posição que é sempre situada, um pesquisador seletivo, que faz um recorte do objeto de pesquisa, que traz concepções (cf. Gadamer, 2005; Simão, 2010) a partir de sua experiência vivida em um dado contexto histórico e cultural a partir de uma tradição. Entretanto, essas concepções não anulam o *Self* e nem pressupõe uma neutralidade no campo de pesquisa. Tomando essa concepção de ciclo hermenêutico de Gadamer (2005), a antecipação de sentidos do pesquisador é parte inerente da compreensão hermenêutica, a partir da relação passado-futuro, mas as expectativas derivadas de

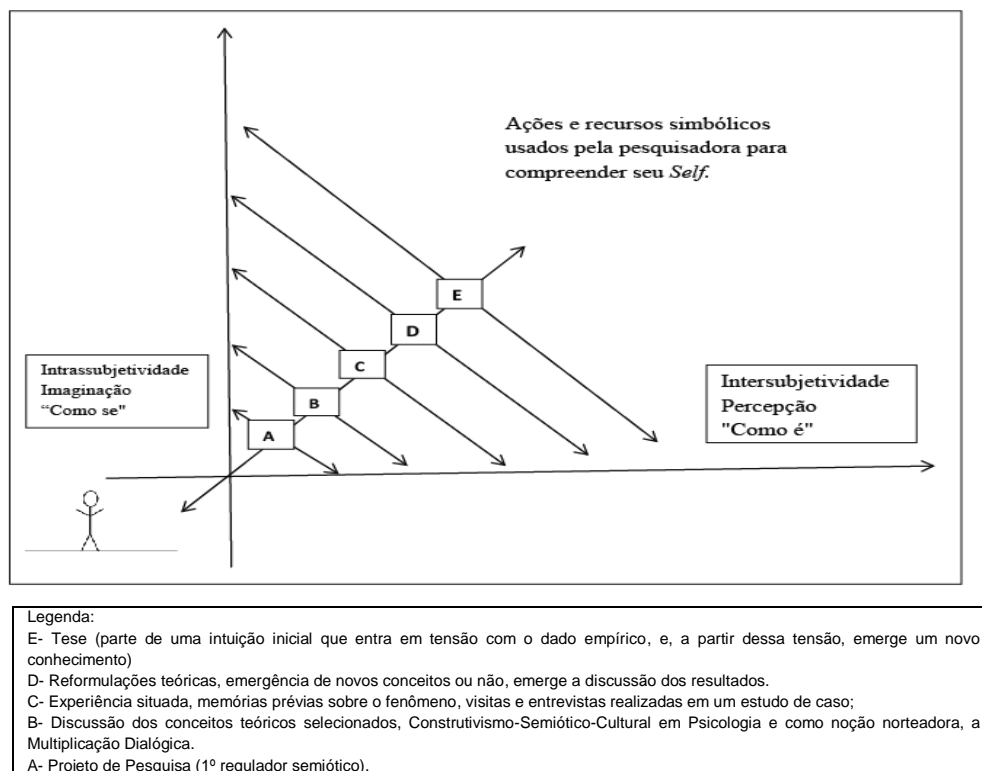
contextos prévios de experiência podem ser rompidas, uma vez que há uma impossibilidade de repetição idêntica da experiência, abrindo espaço para a emergência do novo. A revisão das expectativas prévias não exclui, portanto, as preconcepções do pesquisador, mas permite que elas sejam discutidas de forma reflexiva e que permita a reformulação, se necessária, dos próprios conceitos teóricos e metodológicos utilizados ao longo do estudo, fechando-se o ciclo hermenêutico. E o conhecimento a ser construído na investigação de pesquisa se dá na interação entre pesquisadora e pesquisados, conforme proposto por Valsiner (1998), ao promover afastamentos e aproximações temporários, uma dupla afetação no tecido cultural. Então, a interação pesquisadora-participante no método APAC torna-se presente na produção de conhecimento nesse contexto institucional, assim como na transformação da própria pesquisadora em interação com as pessoas que cumprem pena.

Apresento melhor o percurso teórico-metodológico de construção da presente tese a partir de um diagrama. A figura 1, abaixo, foi elaborada para exemplificar como eu, enquanto pesquisadora, me situei intra e interpsicologicamente na relação com a Instituição APAC, entre a imaginação (meus pressupostos teóricos e memórias prévias com a Instituição como membro co-fundadora) e a percepção (experiências concretas que permitem novas memórias e observações), no desenvolvimento da presente pesquisa. O desenho do corpo humano me representa enquanto pesquisadora, um corpo sensível, figura antepredicativa que precede a possibilidade de uma nomeação pelo contexto cultural, um corpo que se constitui em um feixe de afecções (Viveiros de Castro, 1996).

O diagrama remete a compreensão dos processos intersubjetivos constituídos tanto na interação entre pessoas como em diferentes níveis intrapessoais na mesma pessoa. Os diálogos internos tomam parte da construção da intersubjetividade ao articular experiências interpessoais- perceptíveis e intrapessoais-imaginativas (cf. Vygotsky, 2001; Guimarães, 2013). Desse modo, no diagrama há dois eixos, vertical (que contempla minhas experiências intrasubjetivas de pesquisadora, a partir da imaginação) e o eixo horizontal (que diz respeito às experiências intersubjetivas que se dão no plano perceptivo). Entendo que, enquanto pesquisadora, produzo uma ação simbólica (cf. Boesch, 1991) que resulta em um produto cultural (no caso, a tese), que emerge a partir de uma intervenção minha no mundo sensível, ao articular as memórias prévias e as reflexões teóricas com as vivências concretas na Instituição.

Na integração entre a compreensão e a vivência encontra-se a zona de tensão que faz com que eu produza uma ação e um movimento de construção de conhecimento. A partir dessa tensão entre o fenômeno (tal como é apresentado, plano perceptivo) e o que está para além do fenômeno observado e descrito (posição teórica) é que se constrói a pesquisa, ao apontar para algo invisível no campo da experiência observável e descritível, mas que imagino, a partir das minhas memórias e reflexões. O diagrama é uma tentativa de expressar graficamente as tensões entre: 1- os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa; 2- as minhas memórias e reflexões prévias acerca do fenômeno; 3- o que os dados empíricos apontam; 4- e o sentido da experiência enquanto um resultante desse entrelaçamento, entre o que é vivido e a condição de abertura do pesquisador para o novo, a partir de algo já pressuposto.

Figura 1 - Trajetória de elaboração semiótica da minha experiência enquanto pesquisadora no campo institucional (adaptado de Guimarães, 2013).



Esse corpo sensível do pesquisador se constitui em um campo de múltiplas afecções, e que na medida em que as experiências se tornam mais regulares, elas balizam novas expectativas, e o campo de afecções se abre ainda mais (tal como aparece no diagrama, um corpo sensível e aberto às experiências intra e intersubjetivas). À medida que esse campo me oferece regularidade no fluxo das

experiências, ele orienta e guia o meu estudo sobre o fenômeno. A pesquisadora, enquanto um ser também sensível, regula essa sensibilidade a partir de algumas ações simbólicas.

O primeiro regulador que guiou a tese foi o projeto de pesquisa, a proposta de tese apresentada, um primeiro recurso que balizou meu ponto de vista intrasubjetivo e restringiu meu campo semiótico, a partir de pressupostos teóricos previamente selecionados. Esse primeiro recurso simbólico (descrito na figura 1 como A), o projeto, orientou minha relação com o campo cultural, com os outros no mundo e com o mundo da experiência. No processo de construção da tese, a partir desse projeto, lancei mão de outros recursos simbólicos como as noções teóricas selecionadas em um campo do conhecimento específico, Construtivismo-Semiótico-Cultural em Psicologia, sendo a noção de Multiplicação Dialógica norteadora da pesquisa. Leituras que ao embasar a pesquisa (B), favoreceram a compreensão da experiência situada (C), o estudo de caso realizado no contexto institucional APAC, meu contato e história anterior com a Instituição penal, bem como visitas periódicas e entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa. Por fim, a discussão dos resultados emergiu a partir da possibilidade das reformulações teóricas (D), no processo de discussão dos dados empíricos produzidos nessa experiência situada, uma análise interpretativa dos dados empíricos, que promoveu a emergência de novos constructos, como o *Self Institucional* (que será apresentado nas discussões finais), a partir da sofisticação da noção de Multiplicação Dialógica no contexto institucional de análise, e incorporação dos aspectos institucionais e dos circuitos de poder na compreensão do fluxo da experiência institucionalizada na área de pesquisa “problemas teóricos e metodológicos na pesquisa em Psicologia” a partir do diálogo com outras teorias e pressupostos teóricos; para produzir um produto cultural- a Tese (E). Assim, a elaboração da tese que foi balizada por reflexões e experiências iniciais que entraram em tensão com o dado empírico, e, a partir dessa tensão busquei realizar uma discussão teórica, visando a emergência de um novo conhecimento para a área em que a pesquisa está inserida.

Os reguladores e ações simbólicas aqui descritos e discutidos conduziram um processo de mediação na construção da tese, que ocorreu, à medida em que surgiu um desencaixe entre o que observei em campo e o que li, assim como minhas preconcepções e minhas expectativas, entre a ‘percepção’ e a ‘imaginação’, que guiaram a emergência de novidade na construção de conhecimento sobre o papel que

a Instituição e os conflitos interpessoais ocupam na construção da pessoa. As divergências entre os recursos simbólicos trazidos pelos membros da Instituição durante a realização da pesquisa e por mim na condição de pesquisadora balizaram o entendimento sobre as relações e conflitos no contexto institucional APAC e as discussões teórico-metodológicas nesse campo de pesquisa, a partir dos resultados empíricos selecionados para essa tese.

Com a realização deste estudo, procurei produzir aprofundamentos teórico-metodológicos emergiram à luz das noções de *Self* e experiência institucionalizada. Parti do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia enquanto recurso teórico-conceitual, articulando-o à metodologia da participação observante (que será explicitada no campo metodologia, página 58) como proposta observacional que me favoreceu a realização de um estudo de caso. O estudo de caso, por sua vez, viabilizou a articulação entre estratégias de análise e interpretação, considerando as antinomias e aspectos expressivos que emergiram nos enunciados das pessoas participantes, que foram organizados em campos-tema (contribuições de Peter Spink). Recorri também a Baremlitt, teórico do campo da Psicologia Institucional, a Foucault e Clegg como possibilidade de compreender os aspectos institucionais e suas implicações ao *Self*. Considero que estas escolhas teóricas e metodológicas organizadas e reorganizadas ao longo do trabalho tornou possível uma reflexão sobre o processo de construção dos dados empíricos na perspectiva do pesquisador, e no seu próprio método, concomitantemente repensado com a execução da pesquisa de campo.

Esta tese está organizada em cinco capítulos, sendo eles:

- O primeiro capítulo será dedicado a apresentação do percurso pessoal da pesquisadora, a formulação do objeto de estudo, bem como uma descrição da sociogênese deste objeto;

- O segundo capítulo descreverá a metodologia utilizada, contendo a descrição da participação observante (cf. Bastien, 2007; Malfitano & Marques, 2011) enquanto recurso metodológico, o estudo de caso, seus participantes e os procedimentos utilizados para a construção dos dados empíricos e análise dos resultados;

- O terceiro capítulo abordará a experiência institucionalizada no sistema prisional APAC, a partir da apresentação e discussão dos resultados empíricos selecionados no estudo, priorizando as tensões dialógicas que mais emergiram nas relações interpessoais, intrapessoais e na experiência da pessoa a partir da relação

estabelecida por ela no sistema prisional convencional e na APAC, bem como as múltiplas perspectivas institucionais que constituem a experiência no método APAC e a emergência das práticas singulares deste contexto institucionalizado;

_ O quarto capítulo trará uma discussão sobre a noção de *Self* Institucional, enquanto um constructo teórico-conceitual que trata das relações da pessoa em meio a diversas instituições na vida cotidiana. Abordarei os aspectos institucionais e circuitos de poder que balizam a construção cultural do *Self*, a partir do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, mas recorrendo também a autores como Foucault, Clegg e Baremlitt, que abordam questões atinentes à compreensão da experiência institucionalizada;

_ O quinto capítulo trará as considerações finais, seguidas pelas referências, diário de campo e transcrição das entrevistas.

Nessa direção, apresento, a seguir, uma discussão sobre a construção social da prisão como pena no contexto ocidental, um dos pontos de partida de reflexões que se seguirão.

1.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PRISÃO COMO PENA

Discorrerei aqui sobre a tradição cultural na qual se assenta meu objeto de estudo e como ela se torna dominante na determinação das formas de encarceramento na atualidade no contexto brasileiro: o modelo ocidental de sanções penais. Não me deterei nos modelos prisionais de outros contextos os quais não se relacionam com meu objeto de estudo. Delimito desde a antiguidade até a modernidade, uma breve reflexão dos processos culturais de construção da pena, que não tem como objetivo esgotar essa discussão, mas apenas contextualizar a origem da prisão.

Não tenho como pretensão narrar fatos em uma cronologia, mas de apresentar seletivamente, pontos de tensão que ocorreram ao longo dos processos prisionais no mundo ocidental. A identificação desses pontos de tensão é relevante em uma

perspectiva dialógica de pesquisa, na qual é preciso considerar a dimensão da temporalidade¹ na construção dos fenômenos e a compreensão de um presente que também integra dimensões de passado e de futuro no agora, em uma transformação constante. Assim, pressupomos que as concepções emergidas ao longo da história, a respeito do cumprimento de penas, coexistem contemporaneamente e estão presentes no material empírico focalizado (como explicitarei na discussão).

Essa estratégia teórico-metodológica de apresentação de um recorte histórico dos processos de constituição do encarceramento de dada tradição e suas implicações na subjetividade das pessoas na atualidade no contexto brasileiro foi motivada a partir da leitura da obra de Figueiredo (1994/2002), que apresentou a construção da Psicologia (em um percurso histórico-filosófico) como um território da ignorância marcado pelos conflitos dialógicos entre três divergentes polos e que se apresentam nos modelos de compreensão contemporânea de subjetivação: liberalismo, romantismo e regime disciplinar. Na presente tese, contudo, proponho pensar os processos de encarceramento em uma tradição ocidental e identificar tensões dialógicas, historicamente construídas que estão presentes no campo cultural no qual se insere meu objeto de estudo: a construção cultural do *Self* na instituição penal APAC.

Concepções culturais presentes desde a antiguidade até a transição de uma sociedade guerreira para uma sociedade cortesã (entre séculos XIV e XV), assentam transformações de sentido na construção social da prisão como pena.

A partir do recorte da genealogia do poder em Foucault, proponho aqui também um exercício genealógico para a tese, ou seja, a busca sensível de uma historicidade que nos seja pertinente, a partir de um recorte temporal e espacial suficientemente colaborativo para uma análise sociogenética do objeto e suas articulações aos processos ontogenéticos no presente momento na Instituição penal. Essa discussão não dará conta de toda a origem dos mecanismos de poder nas instituições, que não se esgotará nessa temática e nem se propõe a fazê-la, porque não parte de uma pesquisa histórica, mas que a referencia para compreender os processos de construção subjetiva do *Self* na Instituição APAC que se dão no fluxo da experiência

¹ A noção de temporalidade aqui trazida parte dos estudos de Ingold (2000), Guimarães (2015) e Guimarães & Nash (submetido). Refere-se à uma reciprocidade de atividades mutuamente compartilhadas, nas quais “a pessoa, ao realizar suas tarefas, também atende a outras pessoas” (Ingold, 2000, p.196) e não a uma sucessão de eventos no tempo.

em um tempo irreversível. A gênese refere-se ao entendimento do momento atual, a experiência vivida no agora, a partir de um ponto de início desses processos históricos e culturalmente situados.

Na antiguidade, desde os primórdios dos rituais de guerra, o suplício era praticado um como espetáculo estético de tortura (Zainab, 2008). O poder era delineado e demonstrado pela punição. “As imagens assírias de guerra eram designadas para uma audiência que poderia, de bom grado, participar da glorificação do poder assírio e elas eram esculpidas com o objetivo de produzir prazer visual” (Zainab, 2008, p. 221). Havia uma emoção voyeurística em visualizar cenas de violência do próprio espetáculo sangrento (jogos romanos violentos, charadas romanas, espetáculo apresentados nas arenas), ao mesmo tempo em que se produzia tensão e medo (Zainab, 2008). Esse modo de se pensar a punição se estendeu até a Idade Média, uma vez que o suplício permanecia como algo permitido e executado publicamente com os hereges como atos de fé durante o período da Inquisição.

Foucault (1987) descreve que a natureza do poder de punir, a partir do século XIV, deixou de responder a ordem religiosa ou teológica e passou a responder a outro princípio secular e profano, o senso de justiça enquanto lei. Com a queda do poder do cristianismo católico, de forma progressiva, foi-se desenvolvendo o conceito de justiça como aplicação de uma norma construída pelas demandas da sociedade. A importância do pecado cedeu espaço à importância do delito praticado e descrito pela lei. Um ‘terceiro’ com mais poder começou a surgir na pessoa do governo-Estado, que passou a monopolizar a legislação e a tributação.

O ideário liberal (predominante nos séculos XVII e XVIII), prioriza as noções de individualismo, sociedade, leis, razão e liberdade. Predominava a defesa que o homem possuía sua própria iniciativa para alcançar seus objetivos, em oposição ao modo de vida socialmente dominante no período anterior. A modernidade fez emergir o direito ao livre comércio e à propriedade, o objetivismo e uma visão de igualdade entre os homens. A razão era considerada o mecanismo legítimo pelo qual o homem deveria experimentar o mundo à sua volta. Fruto deste percurso de defesa das propriedades e do uso da razão surgiu o primeiro momento de consolidação da prisão como pena, agora como instrumento disciplinar do governo-Estado (Foucault, 1987). Desde a Idade Média, com os perseguidos pela Igreja a pena não se configurava como prisão, mas, ao contrário, caracterizava-se como açoites, amputação de membros, confisco de bens, trabalho forçado e a morte. A prisão se apresentava como guarda

provisória das pessoas (que eram condenadas por alguém que as considerava colocando a ordem social em risco). A prisão também tinha como finalidade a retenção de prisioneiros do rei, escravos punidos pelos seus senhores ou prisioneiros de guerra, como custódia dos infratores à espera de julgamento pelo rei. A vitória do poder soberano do rei sobre a pessoa era representada em um cerimonial: corpos esquartejados, marcados no rosto ou no ombro e expostos a um cerimonial judiciário (Foucault, 1987).

Como reação à ênfase iluminista conferida à razão, o romantismo se caracterizou como um movimento político, filosófico e artístico particular que surgiu nas décadas finais do século XVII na Europa e durou até parte do século XIX. Emergiu nesse período uma visão de mundo contrária ao racionalismo e ao iluminismo, fruto de um movimento estético e idealista. No percurso de tensionamentos entre os ideários iluminista e romântico, o questionamento do poder de punir por parte dos órgãos estatais especiais e a adoção de tribunais de pessoas letradas levantou a ideia de uma sanção corretiva e de uma nova subjetividade com o advento da sociedade disciplinar (Carvalho Filho, 2002).

Duas imagens, portanto, da disciplina. Num extremo, a disciplina- bloco a. instituição fechada, estabelecida à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper com as comunicações, suspender o tempo. No outro extremo, com o panoptismo, temos os mecanismos de disciplina- b: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para uma sociedade que está por vir. O movimento de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre uma transformação histórica: a extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII, sua multiplicação através de todo o corpo social, a formação do que se poderia chamar grosso modo a sociedade disciplinar (Foucault, 1979/1997, p. 173).

A disciplinarização da sociedade foi marcada pelas mudanças ocorridas entre os séculos XVIII e XIX que levaram a alterações nas tecnologias de poder Foucault (1987). Ao longo dessas mudanças históricas, emergiram várias instituições de poder que aplicam as medidas disciplinares: os asilos, os manicômios, as prisões, as fábricas, as escolas. As instituições passaram a se organizar a partir de um sistema rigoroso de controle a contar com uma arquitetura dos prédios favorável ao controle interno da vida diária e das ações das pessoas, uma vigilância constante dos corpos dos indivíduos. A disciplina normalizadora emergiu como uma estratégia de captura

da subjetividade das pessoas. A lei e o governo ganharam uma forma regular de administração fortalecendo a estatização da justiça penal (Foucault, 1987).

O segundo momento no qual a prisão tornou-se mais fortemente entendida como pena correspondeu a esse surgimento da sociedade disciplinar, ou seja, a partir do final do século XVIII e início do século XIX quando os sistemas judiciais e penais foram organizados na Europa e no mundo. Com o surgimento de um novo modelo disciplinar punitivo direcionado à pessoa em cumprimento de pena, nasceram procedimentos punitivos que não mais deixavam marcas nos corpos das pessoas punidas, mas configuravam-se como uma punição velada. O castigo corporal deixou de ser praticado, tornou-se abominado pela sociedade, mas cedeu espaço ao poder disciplinar. Ao contrário de destruir o corpo do indivíduo criminoso, a sociedade assumiu o controle sobre ele. As penas tornaram-se aplicáveis proporcionalmente aos atos praticados. O direito de punir deslocou-se do Estado enquanto detentor de um poder vingativo e soberano e passou para uma punição enquanto justificativa de defesa da sociedade.

Foucault (1987) aponta o conceito de normatização como a dominação, na qual se exerce o poder como norma, uma forma de poder que regulariza a vida dos indivíduos, uma sociedade que rege a vida das populações (biopolítica) e que se exerce sobre contextos e instituições diversas. A sociedade disciplinar substitui as práticas de suplício de outrora, por uma sociedade panóptica, uma máquina da vigilância (termo que literalmente quer dizer: “vê-se tudo”, de Jeremy Bentham), construída pela tecnologia do poder (ou microfísica do poder).

A sociedade panóptica diz respeito ao uso das estratégias tácitas de poder que atravessam séculos, a sociedade de controle, na qual todas as atitudes das pessoas são vigiadas por arquiteturas que se assemelham a prisões ao favorecer uma visão privilegiada das pessoas que circulam pelas organizações e instituições. As fábricas, as escolas, os manicômios, os hospitais, as prisões, as lojas, as empresas, as tecnologias e câmeras digitais da atualidade representam esta noção de sociedade de controle. Uma sociedade na qual impera o panoptismo nas relações interpessoais cotidianas e nas instituições.

Este controle disciplinar advém das práticas disciplinares utilizadas *a priori* nos mosteiros e nas instituições militares, um sistema de controle que também emergiu como modelo de educação pública. Durante o século XVIII, na Prússia, Frederico Guilherme I instituiu o modelo militar de educação que originou a atual educação pública, gratuita e

obrigatória praticada hoje na Europa e nas Américas, fundamentado nos princípios do Iluminismo, na tentativa de manter o regime absolutista e evitar as revoluções que ocorriam na França. A educação tornou-se obrigatória e os pais negligentes eram punidos com multas ou mesmo perda da guarda dos filhos (Celeti, 2012). Este modelo apresentava uma divisão de classes e castas, fomentava o regime autoritário e visava manter o povo sob o domínio do governo e preparado para as grandes guerras que estavam por ocorrer (Oliveira Júnior & Sousa, 2012). Este modelo prussiano de educação visava a produção de pessoas obedientes. Para isso, colocava as escolas em um patamar semelhante a uma prisão, com portões, muros, grades e uma disciplina rigorosa, um processo de disciplinarização dos corpos assim como em outros estabelecimentos, como os prisionais. Um movimento de adaptação do indivíduo às normas e à rotina industrial. Surgem tensões entre uma educação disciplinar, rigorosa e obrigatória, imposta sob pena de sanções para o seu não-cumprimento, e os processos de produção de subjetividades obedientes aos interesses políticos do país e dispostas a guerrear.

Acerca dessas estratégias disciplinares, Foucault (1987) critica a ineficácia do poder coercitivo, e questiona o papel do Estado na trajetória de construção da criminalidade e de corpos passíveis de manipulação a partir dos interesses políticos governamentais. Foucault (1987) afirma que a sociedade panóptica provoca vários efeitos indesejáveis: se todos podem ver o poder vigilante, mas ninguém sabe como e quando ele se fará presente, todos ficam constantemente atentos, uma vigilância permanente em seus efeitos, um olhar hierárquico, uma sanção normalizadora e a produção de docilidade ao regime. Entretanto, Foucault descreve que o Estado é um órgão que possui poder disciplinar, mas não é o único, pois o poder está nas mãos de todos os indivíduos, não emana do sujeito em si, mas de uma rede de relações que envolve pessoas, assim como no próprio discurso, na arte, na arquitetura, na escola.

Compreendo duas polaridades que se colocam nesses movimentos históricos discutidos por Foucault, a soberania e a vingança do Estado como uma pena *versus* vigilância que promove atitudes passivas e dóceis ao processo de disciplinarização. Um campo de tensões que se apresenta nesse percurso histórico de construção das sanções penais: eficácia e não eficácia dos métodos de suplício empregados como pena, tal como ainda são questionadas na contemporaneidade no mundo ocidental e promovem discussões a partir de diversos pontos de vista: direitos humanos, ciência criminal, políticas públicas e de segurança, métodos higienistas de limpeza social.

Carvalho Filho (2002) discute que no contexto ocidental disciplinar, as características da prisão foram modificadas pela necessidade de aproveitar economicamente as pessoas que eram excluídas da sociedade (classes menos favorecidas) e porque a morte já não era mais aceitável pela sociedade nessa tradição histórica. Ocorreu a supressão da liberdade como sanção criminal imposta pelo governo-Estado e a prisão passou a objetivar o isolamento e recuperação do preso. Houve uma substituição de uma prisão infecta para um estabelecimento público, regulamentado, objetivando ser higiênico e severo para prevenir o delito e ressocializar a pessoa. Entretanto, essa mudança histórica no rumo das prisões não viabilizou que tais aspectos fossem alcançados (Carvalho Filho, 2002), sendo um campo de tensões que se estende até os dias atuais no contexto ocidental e, a partir dele, também na realidade brasileira das sanções penais, tensões entre a possibilidade de dignidade e respeito aos direitos humanos e a manutenção dos regimes disciplinares totalitários.

A partir dessa historicidade na construção das penas entendo que a noção de crime se caracteriza a partir de um valor simbólico e particular, definido segundo os momentos históricos, socioeconômicos e culturais, e que carrega consigo as características de exclusão e de uma prática de higiene social, que se apresenta nas novas e atuais tecnologias e circuitos de poder engendrados nos sistemas penitenciários constituídos na tradição ocidental.

1.2 OS SISTEMAS PENITENCIÁRIOS

Os sistemas penitenciários tiveram forte desenvolvimento nos Estados Unidos no final do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX. Quatro dos sistemas prisionais são importantes para compreensão dos sistemas atuais: o sistema de Filadélfia ou Belga; o sistema de Auburn; o sistema Inglês e o Irlandês (Silva, 2009).

O sistema Filadélfia ou Belga iniciou-se em 1790 em Walnut, no Estado da Pensilvânia, Estados Unidos, posteriormente, adotado também na Bélgica, Inglaterra

e Alemanha. Suas principais características foram: o isolamento constante/*Solitary System*, sem realização de atividades laborais, a exceção de serviços religiosos; proibição de visitas; passeio permitido pelo pátio circular da prisão e a leitura da Bíblia recomendada como modo de reflexão e arrependimento pelo delito cometido (Muakad, 1996). Esse sistema de isolamento foi substituído gradativamente por um sistema de separação (*Separate System*) entre as pessoas condenadas, em que se permitia a visita de funcionários e diretores do presídio, médicos, religiosos, pastores ou sacerdotes. O *Separate System* foi também criticado quanto a ineficácia no combate à criminalidade e pela segregação das pessoas (Muakad, 1996).

O sistema de Auburn ou *Silent System* foi adotado em 1818, em uma penitenciária dos Estados Unidos, pautado na regra do silêncio absoluto, isolamento noturno e trabalho em comum. Embora trabalhassem em conjunto, era proibido aos detentos trocar qualquer forma de comunicação (verbal, gestual), apenas era permitido conversar com os agentes carcerários, conforme permissão prévia (Prado, 2008). O Sistema Auburn foi uma forma de reação ao Sistema Filadélfia que acrescentou a adaptação do preso à rotina industrial, oferecendo o trabalho em oficinas por cerca de oito a dez horas diárias, para compensar os custos do estabelecimento. Esse sistema foi criticado pela intensa atividade laboral dos condenados (Carvalho Filho, 2002).

O Sistema Progressivo ou Inglês, *Mark System*, desenvolvido na Austrália pelo capitão Maconochie, no ano de 1840, aparece como uma alternativa mediante algumas críticas aos dois sistemas acima mencionados (Filadélfia e Auburn): superlotação das penitenciárias, violência e corrupção dos vigilantes (Rothman, 1998). Consistia em dividir a duração da condenação em determinados períodos, e favorecer privilégios conforme o comportamento dos detentos (Bitencourt, 2004). Nessa época, segundo Gondim (2007), surge um discurso de preocupação com a reinserção do condenado na sociedade por meio das atividades laborais, via aprendizagem profissional. Os períodos do sistema inglês podem ser assim descritos: inicialmente, uma fase de isolamento celular diurno e noturno, fase de reflexão sobre o delito, trabalho intenso e alimentação escassa; posteriormente, um período de trabalho em comum, mas em silêncio, sem comunicação entre os detentos. No segundo período, acrescentavam-se os vales ou *tickets (Mark System)*, conforme o bom comportamento do condenado, evoluindo de classes, até ser concedida a

liberdade condicional – a terceira e última fase. Seu cumprimento sem desabono de conduta culminava na liberdade definitiva (Carvalho Filho, 2002).

O modelo progressivo foi utilizado e aperfeiçoado na Irlanda, incluindo-se nesse Sistema Irlandês um quarto estágio, uma espécie de “prisão intermediária”, uma forma de trabalho ao ar livre, sem muros e o rigor de prisão fechada, para preparar o condenado para a liberdade condicional (Carvalho Filho, 2002), semelhante ao atual regime semiaberto, previsto no Código Penal Brasileiro, no qual o condenado pode trabalhar em locais externos sob a vigília de agentes e policiais e obter remição de pena.

O Sistema Irlandês influenciou o modelo de execução penal brasileiro. Na execução penal brasileira temos três regimes de cumprimento de pena, com separação e isolamento entre si, organizados em um método progressivo, conforme o bom comportamento da pessoa (não cometer faltas disciplinares graves). O sistema penal brasileiro se organiza a partir da Lei de Execução Penal (LEP), Lei n.º 7.210 de 11 de julho de 1984. São três regimes para o cumprimento da pena: regime fechado, no qual a pessoa permanece reclusa em sua cela e sem direito a saídas temporárias para visitar os familiares (artigo 87 da LEP); regime semiaberto, regime intermediário no qual a pessoa poderá exercer atividades externas ao presídio desde que configurem práticas que concorram para o convívio social, bem como para participar de ensino supletivo e profissionalizante e realizar visitas autorizadas à família (conforme artigo 122, incisos I, II e III da LEP), e; o regime aberto, período no qual ela trabalha na comunidade local e retorna ao presídio para o recolhimento diário noturno, onde permanece também aos finais de semana (artigo 93 da LEP).

A LEP preconiza para os crimes descritos na categoria de crimes comuns, que a pena deverá ser cumprida em um 1/6 do período cronológico em regime fechado e sem saídas autorizadas; crimes contra a administração pública também há a exigência legal de cumprimento de 1/6 da pena em regime fechado e com reparo aos cofres públicos do valor extorquido; e nos crimes considerados hediondos (estupros, homicídio com característica de extermínio e organização criminosa) são necessários 2/5 da pena ser cumprida no regime fechado, se a pessoa for considerada réu primário, e 3/5 da pena se for considerada reincidente. Também há uma avaliação do comportamento da pessoa antes da prevista progressão de regime, um processo de disciplinarização dos corpos, uma vez que é necessário apresentar obediência ao sistema para conseguir progressão de regime ou liberdade condicional.

Esta prevê em seu artigo 10.º a assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa como dever do Estado, bem como assistência ao egresso em seu processo de reintegração social (artigo 25) e alojamento em cela individual que contenha dormitório, aparelho sanitário e lavatório (artigo 87). Entretanto, o relatório da Organização das Nações Unidas² sobre as condições dos presídios brasileiros (visitas às prisões brasileiras de São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Campo Grande e Brasília realizadas em junho de 2014) a superlotação desses presídios é considerada endêmica:

[...] as políticas públicas que são "severas com o crime" levam a uma dura tendência do encarceramento em massa, sendo que a maioria dos Estados não têm capacidade nem estrutura para lidar com as consequências. A superpopulação endêmica leva a maus-tratos dos prisioneiros e inadequações aos presos (p.13).

Na tentativa de redução dessas características apontadas em todo o percurso histórico desse objeto de estudo e visando oferecer o cumprimento do que se propõe na nossa Lei de Execução Penal Brasileira, quanto à dignidade da pessoa humana, à assistência e individualização da pena, aspectos previstos na execução penal (Ferreira, 2016), outro modelo de execução penal foi elaborado na década de 1970 por um grupo de pessoas da sociedade civil organizada que buscavam uma 'prisão mais humanizada', como uma possibilidade de inserção social das pessoas que cumprem pena. Trata-se do Método de Execução Penal APAC, a ser apresentado a seguir, que recebeu um prêmio de franquia de "prisão humanizada" em novembro de 2017, pela 13ª edição do prêmio empreendedor social e está inserida na *Prison Fellowship International (PFI)*, organização consultora da Organização das Nações Unidas para Assuntos Penitenciários.

Os princípios que guiam a atual legislação penal brasileira compartilham as diretrizes construídas na tradição ocidental dos regimes disciplinares: a prevenção à reincidência e recuperação do preso; o trabalho como forma de inclusão social; a construção de uma expectativa de futuro após cumprimento de pena, e o acompanhamento do preso em um processo de reinserção social (Foucault, 1979/1997). A prisão permanece soberana com um discurso justificatório de recuperação do preso para sua posterior reinserção social ou inserção, haja vista que muitas pessoas já eram

² Human Rights Council (2014). Promotion and protection of all human rights, civil, political, economic, social and cultural rights, including the right to development. *Report of the Working Group on Arbitrary Detention*. Mission to Brazil: Twenty-seventh Session. Available in: bit.ly/1skxNTg.

excluídas no contexto de socialização primária. Na prática, a exemplo das penitenciárias brasileiras, Carvalho Filho (2002) destaca que: “As prisões brasileiras são insalubres, corrompidas, superlotadas, esquecidas. A maioria de seus habitantes não exerce o direito de defesa. Milhares de condenados cumprem penas em locais impróprios (p.10)”.

No contexto brasileiro, a título de breve exemplificação, conforme dados divulgados pelo Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN, 2017), temos a terceira maior população carcerária mundial, 726.715 encarcerados (perdendo no pódio de encarceramento apenas para Estados Unidos e China), sendo o perfil da pessoa em cumprimento de pena no Brasil etnia preta (64%), sem conclusão do ensino médio (75%) e a maioria entre 18 a 29 anos (55%), sendo os principais crimes praticados, roubos e furtos - somados (37%), tráfico (28%) e homicídio (11%), um perfil que evidencia uma segregação social uma vez que os excluídos socialmente são aqueles destinados para o cárcere. E entre os países que concorrem na classificação mundial, o Brasil é o único cujo percentual de encarcerados tem aumentado desde 1995, conforme relatório do INFOPEN.

1.3 O MÉTODO APAC DE EXECUÇÃO PENAL

A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados foi fundada em 1972, em São José dos Campos/SP. Pessoas integrantes do Cursilho de Cristandade (entidade que será melhor apresentada na página 37) da Igreja Católica de São Paulo/SP que realizavam visitas periódicas às pessoas em cumprimento de pena, inquietos com os problemas relacionados aos direitos humanos, à carência de assistência psicossocial e de saúde aos presos e à superlotação das celas nesse presídio, desenvolveu um projeto piloto baseado em um conjunto de atividades de intervenção e assistência a pessoa em cumprimento de pena (Ottoboni, 1997/2001) que se chamava na ocasião “Amando ao Próximo, Amarás a Cristo” (origem da sigla APAC, que se alterou posteriormente para Associação, quando aprovada como pessoa jurídica, respeitando-se o aspecto laico do Estado previsto no artigo 19 da Constituição Federal de 1988). Esse mesmo grupo de pessoas assumiu a direção da

Cadeia Pública de Humaitá, que se transformou em 1974 em pessoa jurídica de direito privado e uma organização sem fins lucrativos, adotando, a partir de então, a denominação “Associação de Proteção e Assistência aos Condenados - APAC” (Ottoboni, 1997/2001).

A partir da década de 1990, Ottoboni ofereceu uma sistematização maior do método e o apresentou em doze elementos fundamentais, dando destaque para a participação da comunidade local, assistência à saúde e à família (Silva Júnior, 2013). A tabela a seguir apresenta esses doze princípios para o método APAC de execução penal (Ottoboni, 1997/2001; Ferreira, 2016).

Tabela 1 _ Princípios fundamentais constituintes do método de execução penal APAC.

Princípios	Descrição
1	Participação da comunidade civil através do serviço voluntariado e da coparticipação na administração da Instituição
2	Recuperando ³ ajudando recuperando, através de ações que despertem a responsabilidade e a ajuda mútua durante o cumprimento da pena, em uma instituição sem presença de policiais/agentes armados.
3	O trabalho: atividades laborerápicas (artesanato, pintura, teatro) são oferecidas ao regime fechado com o intuito de despertar autoestima, potencialidades e senso estético e criativo para as pessoas; e formação de mão de obra qualificada-profissionalização para as pessoas do regime semiaberto;
4	Incentivo às práticas de espiritualidade das pessoas em cumprimento de pena, contemplando uma visão biopsicossocial e espiritual da pessoa;
5	Assistência jurídica, uma vez que 95% das pessoas que cumprem pena não possuem recursos financeiros suficientes para arcar com despesas de advogados;
6	Assistência à saúde, favorecendo o acesso a atendimento médico, psicológico e dentário, salientando que muitas rebeliões ocorrem no sistema prisional convencional devido ao não atendimento das necessidades básicas dos presos;
7	Incentivo à participação da família no método APAC a partir de um acompanhamento psicossocial da família por uma equipe técnica composta por psicólogo e assistente social, bem como ao facilitar o acesso das famílias durante as visitas (sem revistas vexatórias) e em datas comemorativas;
8	Recebimento de trabalho dos voluntários da comunidade local e oferecimento de formação sobre a metodologia APAC para os mesmos;
9	Organização do Centro de Reintegração Social – CRS, prisões de pequeno porte construídas pela comunidade local para compreender o cumprimento de penas previstas na Lei, em regimes devidamente separados;
10	O mérito para progressão de regime e livramento condicional a partir da disciplina e da individualização da pena também por meio de avaliações periódicas pela Comissão Técnica de Classificação;
11	Participação em eventos de reflexão religiosa, como a Jornada da Libertação com Cristo, um retiro espiritual realizado em um final de semana na própria instituição, e conduzido a partir de preceitos cristãos.
12	Participação em atividades de valorização humana que promovem atividades para reflexão de vida e construção de novas expectativas de futuro (palestras, dinâmicas em grupo, atividades artísticas e culturais).

Fonte: Ottoboni, 1997/2001.

³ Ottoboni (1997/2001) utiliza a expressão recuperando para se referir à pessoa em cumprimento de pena na Execução Penal APAC.

Embora pareça haver, do ponto de vista do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, uma melhoria significativa quanto ao respeito aos direitos da pessoa em cumprimento de pena previstos pela LEP, principalmente em termos de assistência jurídica, psicossocial e de saúde, ausência de revistas vexatórias durante as visitas familiares, apoio e incentivo para resgate e fortalecimento de vínculo familiar, alguns estudos apontam para suas limitações na esfera da execução penal e reintegração social. Segundo Oliveira (2008), a APAC não responde a todas as questões que cercam as pessoas em cumprimento de pena, não promove a recuperação em sua totalidade porque não assegura a reintegração social da pessoa, porque a própria ressocialização envolve uma participação efetiva de toda a sociedade civil organizada, do poder público, do apoio familiar e da escolha da própria pessoa.

1.3.1 A gênese do Método APAC

O movimento que deu origem à APAC, denominado Cursilho de Cristandade, teve início no contexto social, econômico e político da Espanha nas décadas de 1930/1940. No Brasil, o início do movimento do Cursilho ocorreu em 1962, na cidade de Valinhos, interior de São Paulo (Beraldo, 1992). Esse movimento se constitui como uma pastoral da Igreja Católica Apostólica Romana. O cristianismo romanizado é centralizado no cumprimento dos sacramentos e de uma moral rígida, apoiado e orientado pelo clero. Já o libertador, é impulsionado pelo movimento de renovação da Igreja Católica, após Concílio Vaticano II (1962-1965), um marco na reforma da Igreja, proposta por João Paulo II, e que busca uma transformação macrossocial e maior participação dos leigos na Igreja.

O catolicismo é marcado por diferentes teologias e, conseqüentemente, por diferentes visões de mundo (Silva Júnior, 2013). Há uma variedade de movimentos e pastorais, cada qual com sua fundamentação e perspectiva. A própria Pastoral Carcerária, com a qual se relaciona o Cursilho de Cristandade, e que realiza visitas frequentes às pessoas que cumprem pena no sistema penitenciário convencional,

também se apoia em variadas perspectivas teológicas e precisa ser considerada em um contexto descritivo-compreensivo específico (Silva Júnior, 2013). Também “[...] os Cursilhos não são dotados de uma linha interpretativa única: ora estão para o catolicismo ‘de outrora’, ora para a Teologia da Libertação, com todas as suas nuances” (Silva Júnior, 2013, p. 77). Entretanto, “a APAC institucionalmente, tem formação cursilhista não integrante da Teologia da Libertação, e se quer enraizada num misto dos modelos tradicional e moderno de pastoral carcerária” (Silva Júnior, 2013, p. 77). O movimento que origina a metodologia de cumprimento de penas denominada APAC se opõe à teologia da libertação e apresenta uma ideologia cristã tradicional, no sentido de levar a conversão ao penitente.

Ottoboni (1978/2001), no livro “Vamos matar o criminoso?”, descreve que a filosofia da APAC se baseia em: “matar o criminoso, salvando o homem” (p.13). E, ainda, nos princípios evangélicos de assistência ao preso, levando Deus/o amor para os encarcerados conforme a alusão aos trechos bíblicos “estive preso e vieste me visitar” (Ottoboni, 1978/2001, p. 13). Também é feita alusão ao velho homem citado pelo apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos (Rm, 6:6) e a possibilidade de uma nova criatura mencionada em seus escritos aos povos de Corinto (2 Coríntios, 5:17).

1.3.2 As relações institucionais na APAC

Os conflitos interpessoais e intrapessoais vivenciados em um contexto fortemente institucionalizado podem favorecer um distanciamento entre posições pessoais e institucionais durante a execução penal, o que implica em uma tensão ou desencaixe entre expectativas e experiência institucionalizada. Antes de adentrar à APAC, a pessoa na condição de condenada cumpre pena no presídio estadual (execução penal convencional e consegue mudança de Instituição perante solicitação e aprovação prévia do juiz da execução penal) e, portanto, carrega suas experiências subjetivas conforme as relações ali estabelecidas. No método alternativo de execução penal, novas relações interpessoais são construídas, regras disciplinares são implementadas e atividades laborais diárias são distribuídas entre as pessoas,

conforme regime de cumprimento de pena, aptidões e interesses profissionais (cf. Ferreira, 2016). Assim, é possível que esse contato com o outro, também enquanto outro método de cumprimento de pena, favoreça desde a entrada da pessoa no método APAC uma imersão em novas propostas de construção de sentidos a respeito de si, sua pena, seu futuro, sua família, suas possibilidades, o que possivelmente favoreça conflitos nas relações interpessoais estabelecidas e entre as múltiplas perspectivas socioculturais presentes no campo institucional.

Quando a pessoa se defronta com novos sistemas de valores (cf. Branco & Madureira, 2008), o sistema de valoração atualmente adotado pode ser questionado a partir de novas experiências e significados que emergem em um contexto relacional e institucional diferente. Por exemplo, no presídio, as pessoas se alimentam por meio de marmitas oferecidas por empresas terceirizadas, duas vezes ao dia, sendo entregues sem talheres para evitar o uso destes instrumentos para outros fins, como tentativa de fuga. No método APAC, é permitido o uso de talheres durante as refeições, as pessoas são responsáveis pela própria limpeza dos dormitórios e dos espaços de convívio, aquelas que trabalham na cozinha tem acesso e fazem uso de facas (armas brancas) para cortar os alimentos (carne, legumes, frutas), regras opostas às normas do sistema prisional convencional. Comer com talheres, cozinhar o próprio alimento, ter acesso ao pátio durante todo o dia, mesmo no regime fechado, à geladeira, autorização para receber visita de familiares de segundo grau, sem revistas vexatórias, praticar atividades físicas, ter atendimento jurídico, psicológico, atividades profissionalizantes e ensino fundamental e médio via supletivo, bem como, ensino superior à distância, a partir de uma disciplina rigorosa que regula as relações interpessoais nos regimes e demarca um cumprimento severo dos horários de atividades laborterapêuticas pode colocar em questão as regras e preceitos que foram construídos anteriormente no presídio.

Na APAC, as pessoas em cumprimento de pena participam de atividades reflexivas denominadas “valorização humana” que tem como objetivo levá-las a experimentar um processo de revisão de vida e reconstrução de significados, valores e expectativas, em um movimento constante de mudança nas relações consigo e com o outro (Miranda, 2015). A partir destas relações imbricadas na execução penal, os diferentes papéis atribuídos aos membros da Instituição, bem como suas posições pessoais no diálogo institucional e diferentes perspectivas acerca do cumprimento da pena, podem canalizar conflitos interpessoais.

Os interesses coletivos e pessoais também geram conflitos nas relações intra e interpessoais. No estudo de Massola (2005), por exemplo, foram evidenciados conflitos entre voluntários e funcionários da ONG de Bragança Paulista, principalmente nos seguintes aspectos: execução de tarefas, respeito e forma de organizar o trabalho com as pessoas em cumprimento de pena. Aos funcionários cabiam as questões burocráticas, assistenciais e administrativas. Aos voluntários era atribuído um papel de relevância na APAC, pois sem eles a mesma não permaneceria como Associação. As pessoas em cumprimento de pena relataram maior vínculo com os voluntários e apresentaram uma relação com os funcionários permeada pela desconfiança, aspectos são significativos para a compreensão das negociações intra e interpessoais nas relações institucionais no método APAC.

O método APAC de execução penal prevê a participação de algumas pessoas em cumprimento de pena no Conselho de Sinceridade e Solidariedade (CSS), um conselho que visa auxiliar a diretoria no cumprimento da disciplina e na aplicabilidade das penalidades às pessoas em cumprimento de pena que descumprirem as regras estabelecidas (o que acarreta perda de benefícios, como saídas temporárias). O papel exercido por esse Conselho propicia tensionamentos entre as pessoas em cumprimento de pena para cada respectivo regime- fechado, semiaberto e aberto, pois ao mesmo tempo em que convivem no mesmo regime, também precisam repassar informações sobre seus colegas para a administração e, na ausência dos funcionários, aplicar as próprias advertências mediante as faltas leves e medianas aos seus colegas de dormitório. As faltas graves são comunicadas pelo CSS ao administrativo da Instituição. Em caso de faltas leves, em geral, ocorre advertência verbal aplicada pelo presidente do CSS. Nas faltas médias, as pessoas em cumprimento de pena podem perder benefícios como visita íntima, redução dos dias de saída temporária, dentre outros e estas consequências são deliberadas pelo conselho. As faltas graves são comunicadas pelo administrativo da Instituição ao Judiciário e caberá ao juiz da execução a aplicabilidade das penalidades, que, em geral, referem-se a retorno definitivo ou como medida cautelar (temporária) para o sistema convencional, bem como regressão de regime (cf. Ottoboni, 1997/2001; Ferreira, 2016). Discutiremos, ao longo da tese, que os tensionamentos provocados pela participação institucional, incluindo a aplicação de sanções, podem ser importantes para a elaboração que as pessoas que participam da APAC fazem de suas experiências prévias e atuais, contribuindo para o desenvolvimento do *Self*.

A Instituição define papéis assimétricos entre os interlocutores, o que produz conflitos entre as posições pessoais e papéis institucionais que, por sua vez, balizam a emergência de tensões nas relações institucionais na APAC⁴. Se esta experiência institucionalizada é permeada por tensões dialógicas (cf. Marková, 2006), compreendo que a Instituição participa do processo de construção cultural do *Self* das pessoas. Mas como os aspectos institucionais tomam parte nas relações intra e interpessoais durante o cumprimento de pena privativa de liberdade e atribuem sentido para essas relações institucionais e interpessoais no fluxo da experiência prisional?

Parto do pressuposto que os aspectos institucionais e os conflitos dialógicos na Instituição podem restringir ou favorecer as possibilidades de ação e desenvolvimento do *Self* das pessoas durante uma experiência institucionalizada. Essa suposição ao longo das discussões dos resultados vai ser retomada e argumentada e a tese traz como contribuição para o Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia: explorar a multiplicação dialógica em um contexto institucional a partir de um estudo de caso; propor um constructo teórico próprio na dinâmica de compreensão do *Self* que contemple as dimensões institucionais, uma noção preliminar, a ser aprofundada em estudos posteriores- o *Self Institucional*, enquanto um modo de subjetivação e de estabelecimento de relações intra e interpessoais balizado pela articulação entre aspectos históricos, culturais e afetivo-relacionais imbricados no contexto de vida institucionalizada.

1.4 REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO *SELF* NO CONTEXTO INSTITUCIONALIZADO

Valsiner propõe uma teoria sociocultural de desenvolvimento humano que se baseia no conceito de ação simbólica (conceito que também se insere na constituição do *Self* a partir da Multiplicação Dialógica) que implica em uma integração entre afeto

⁴ A noção de baliza utilizada nesse texto refere-se a um constructo teórico de Valsiner (1998) e as tensões dialógicas vem de Marková (2006), noções que serão mais exploradas ao longo da tese.

e racionalidade em um processo constante de produzir objetivos e metas diante da imprevisibilidade do futuro. Valsiner (2012b) toma a cultura como um organizador semiótico, inerente e sistêmico dos sistemas psicológicos individuais, um processo dinâmico que se articula com os sistemas intra e interpsicológicos da pessoa. Partindo desta noção de cultura consideramos importante a análise da episteme de uma dada tradição e da historicidade dos processos sociais que participam da construção cultural da subjetividade. Consideramos que há estruturas de conhecimento ocultas em cada período histórico particular no qual se encontram pressupostos e preconceitos, em geral, não conscientes, mas que se fazem presentes no pensamento das pessoas de uma época e que podem se materializar em estratégias de poder e legislação nestes ou em períodos históricos posteriores.

Nesta perspectiva de pesquisa, compreendemos que a cultura não é algo dado, pronto e pré-determinado, e nem se resume em um conjunto de práticas de uma dada comunidade, mas de sentidos, valores e significados compartilhados entre as pessoas e também com ela mesma, no nível intrapsicológico, a partir de uma historicidade em um fluxo de tempo irreversível (cf. Valsiner, 2012a), no qual o presente compartilha experiências de nosso passado e também do futuro iminente e que está em processo de construção nas relações dialógicas do agora.

Esse entendimento da cultura também se inclui na análise das transformações construtivas do curso natural da pessoa, da trajetória de vida (Valsiner, 2007b) desta ao longo de seu desenvolvimento. Os cursos de ação tomados pela pessoa ao longo da trajetória de vida se dão para lidar com os desafios que poderão surgir. Entre o presente situado e o futuro iminente, a ação simbólica dá sentido ao fluxo irreversível do tempo e às experiências no presente vivido. Portanto, não poderia prosseguir nessa tese sem trazer a sociogênese das Instituições e a historicidade dos circuitos de poder que se fazem presentes na atualidade no contexto ocidental.

O Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia tem discutido a noção de *Self* a partir das negociações e trocas dialógicas nas relações eu-outro-mundo significativas (Simão, 2010; Simão, 2015). Um dos teóricos mais relevantes para a área, que elaborou de forma sofisticada a noção de *Self* é William James. Norte americano, nascido em Nova Iorque em 1842, filho de um teólogo anti-calvinista e socialista, formou-se em medicina em Harvard, dedicando-se aos estudos de fisiologia e psicofísica na Alemanha. A obra de James (1842-1910) é permeada por tensões entre o determinismo, advindo do racionalismo iluminista, que permeou a obra de

James até meados do século XX; e o subjetivismo, o espiritualismo e a mutabilidade da ação simbólica- características do romantismo alemão. Sua principal obra, “Princípios de Psicologia” (primeira publicação em 1890), nos traz proposições que permitem diálogo com seus teóricos contemporâneos e com as teorias atuais sobre o *Self*. Neste livro, James destaca que: 1- o fluxo do pensamento, que, segundo ele, deveria ser o foco dos estudos da Psicologia a partir da compreensão que toda experiência é mediada pela consciência; 2- a pergunta principal dos processos investigativos deveria ser como se dá o pensamento; 3- pensamentos e sentimentos fazem parte da consciência ao oferecer a ela uma organização intransferível; 4- a linguagem é um canal para a comunicação intersubjetiva do conhecimento pela qual cada pessoa chega por meio de sua experiência, na primeira pessoa; 5- o pensamento está em um processo de constante mudança, sendo temporalmente irreversível, pelo qual os objetos podem se repetir, mas não a experiência em relação a eles; 6- os diferentes pensamentos e sentimentos sentidos pela pessoa estão intimamente conectados, ao integrar um todo, ao qual cada pessoa chama de MIM MESMO, EU ou MIM; 7- o pensamento opera ao conhecer os objetos como se fossem independentes dele. Enfim, James defende que o processo de construção de conhecimento é seletivo, ao focar-se em alguns objetos em detrimento de outros; e relacional, por estruturar relações entre objetos, que ganham significado pelos sentimentos direcionados a esses objetos.

James (1890/1983) traz a concepção de *Self* como um espaço intrapsíquico integrado às relações da pessoa com os outros e o mundo. Ele faz a distinção entre o fluxo do pensamento e o ponto de vista de observação e elaboração desse fluxo. Tal separação nos propicia compreender as narrativas do si-mesmo para refletir e descrever os objetos do pensamento. Ele descreve quatro constituintes para o *Self*: eu material (a corporeidade como parte mais íntima e interna do *Self material*); eu social (após a dimensão corporal, destacam-se a família, os amigos, as vestes, o reconhecimento que o eu recebe das pessoas); eu espiritual (o ser interno e subjetivo do homem, incluindo-se suas disposições psíquicas) e o ego puro ou empírico (um conjunto de fatos objetivos, em torno do que pode ser descrito como meu). James, em outras palavras, diz que “O *Self Empírico*” ou MIM é tudo que pode ser chamado de

“meu”, incluindo-se nossa casa, nossos familiares, vestes, corpo, fama e prestígios, nosso trabalho, afetos e domínios psíquicos⁵.

James foi um dos primeiros a trazer a discussão de uma noção de *Self* na qual o mundo interno e o externo se complementariam, pois a partir de suas concepções sobre a consciência do eu, há um *Self* bipartido que, em parte, é um sujeito ativo do conhecimento (Eu) e, por outro lado, um objeto passivo de ser conhecido (MIM). James (1890/1990) define o *Self* como não apenas material e individual, mas também social, espiritual e empírico, ao envolver tudo aquilo que pode ser chamado de “MEU”.

Compreendo que há uma ênfase nos processos internos de constituição do *Self* a partir das contribuições teóricas de James, mas, percebo em sua obra, fronteiras de separação afrouxadas entre mundo interno e externo, que contribui para o *Self* ser compreendido a partir de uma natureza processual, pelo qual o mundo interno e o externo se complementam. Como o *Self* integra as experiências interpsicológicas no plano intrasubjetivo? Penso que as percepções sobre os outros no mundo sensível também coexistem no processo constitutivo do *Self*, partindo-se da própria compreensão de um eu social e espiritual que William James propôs. Trarei, então, para discussão alguns apontamentos de Mead quanto aos aspectos relacionais de construção do *Self* e, a seguir, as contribuições da multiplicação dialógica para a compreensão dessa temática.

George Herbert Mead (1863-1931), teórico também importante nessa discussão, apresentou a noção de *Self* a partir da crítica a essa concepção de uma precedência da consciência sobre o mundo, pois abordava que a consciência emergiria pela relação com os outros significativos. Mead, norte americano, filho de um casal de professores, ingressou nas Ciências Naturais no ensino superior americano, que era fortemente marcado por dominação religiosa. Enfrentou conflitos com os dogmas religiosos e mitológicos de explicação da criação do mundo e aproximou-se da teoria da evolução das espécies de Darwin e de uma teoria darwinista aplicada à sociedade. Ingressou no curso de Filosofia em Harvard em 1887, que trouxe contribuições do idealismo alemão à sua obra, a partir do contato com as

⁵ The Empirical Self of each of us is all that he is tempted to call by the name of *me*. But it is clear that between what a man calls *me* and what he simply calls *mine* the line is difficult to draw. We feel and act about certain things that are ours very much as we feel and act about ourselves. Our fame, our children, the work of our hands, may be as dear to us as our bodies are, and arouse the same feelings and the same acts of reprisal if attacked. And our bodies themselves, are they simply ours, or are they *us*? Certainly men have been ready to disown their very bodies and to regard them as mere vestures, or even as prisons of clay from which they should some day be glad to escape (JAMES, 1890/1983, p.291).

bases filosóficas apresentadas pelo professor neocristão hegeliano Josiah Royce, que se preocupava com o distanciamento que a filosofia e as ciências mantinham dos problemas sociais (Souza, 2011). Mead especializou-se em 1888 em psicologia fisiológica como tentativa de resistência aos dogmas religiosos que permeavam o ensino americano e sequenciou seus estudos na Universidade de Leipzig em 1889, onde havia sido fundado o primeiro laboratório de psicologia, mas com dificuldades com a língua alemã, matriculou-se no estudo de filosofia, na disciplina “Fundamentos da Metafísica” ministrada por Wundt. Sua obra traz, portanto, influências da *Volkerpsychologie* de Wundt, além das contribuições de seus professores Dilthey (psicologia descritiva), Ebbinghaus (psicologia exploratória), Paulsen e Schmoller.” (Joas, 1985/1997). Mas Mead não concordava plenamente com nenhum desses teóricos, buscando um entendimento mais racional aos fenômenos sociais à sociedade americana influenciado pelo socialismo e pela atividade intelectual reformista (Joas, 1985/1997).

Mead (1934/1992) propõe que o *Self* seja definido através das relações com os outros significativos, ressaltando-se que o *Self* pode emergir e sofrer transformações com o passar do tempo. A consciência seria, então, o resultado da habilidade de usar símbolos e pensar sobre o próprio *Self*, ao permitir que nos comportemos socialmente. Mead partiu da discussão sobre sociedade e indivíduo para construção de sua teoria sobre o *Self*, a partir da gênese social de formação da personalidade, pela qual uma segunda pessoa torna-se essencial para construção de uma autorreferência para o eu, por meio das trocas simbólicas e convenções semânticas compartilhadas intersubjetivamente.

Compreendo que Mead (1934/1992) colaborou para avanços no entendimento da subjetividade construída a partir de uma interação social, na qual a linguagem é o elemento central para a formação social do *Self*. Alguns de seus conceitos foram apropriados e “(re)significados como aportes científicos balizadores da teoria social” (Souza, 2011, p.377). Seus constructos se apresentam na obra dos sociólogos Berger e Luckmann (1966/2004), em especial ao discorrer sobre ‘a construção social da realidade’; e do sociólogo alemão Jürgen Habermas (1988), que parte do pressuposto que dialeticamente ocorre a individuação do sujeito no processo intersubjetivo de interiorização da realidade (Souza, 2011).

Os avanços na compreensão da noção de *Self* propiciadas por Mead, sua concepção de *Self* nos favorece pensar em conflitos para o *eu* em situações sociais

causadoras de tensão e inquietação. E como o *Self* resolve essas tensões dialógicas com ele mesmo e com as interações em sociedade? Novas perguntas e questionamentos surgem na compreensão do *Self*. E quando a interação social for balizada por diferentes culturas e linguagens, as trocas gestuais e simbólicas ficariam restritas ao campo da linguagem verbal? E as relações concretas e dinâmicas do cotidiano relacional e sua emergência na constituição do eu, como se daria tais processos?

Visando ampliar essa discussão, lançarei mão de constructos mais contemporâneos da Psicologia Cultural, em sua vertente semiótico-construtivista, como tentativa de ampliar o debate e trazer mais fortemente no texto, esta metateoria em Psicologia. É notável que existem diferentes concepções de *Self* na Psicologia enquanto ciência, entretanto, do ponto de vista da Multiplicação Dialógica, o *Self* diz de uma constituição dinâmica, dialógica, a partir das relações intra e interpessoais que se articulam na construção dos aspectos interpsicológicos (Guimarães, 2013). O *Self* se constitui na relação entre o eu e o outro em um mundo sensível, e implica na tentativa de um diálogo e busca por compartilhamentos intersubjetivos. Tais compartilhamentos nunca serão completos em função do limite para esse compartilhamento de experiências, pois os objetos não são os mesmos para diferentes perspectivas em relação.

[...] a noção de multiplicação dialógica, como proposta nesse artigo, também nos permite ver o limite dialógico entre o Eu e o outro integrando o imaginário intrasubjetivo e a dimensão intersubjetiva. Portanto, ela orienta o pesquisador na direção de uma abordagem detalhada sobre os processos envolvidos no compartilhamento psicológico e na diferenciação psicológica (Guimarães, 2013, pp.237-238).

O *Self*, tal como abordado por meio da noção de multiplicação dialógica, é entendido como território de tensões dialógicas entre identidades e alteridades, ao abrigar múltiplas perspectivas a partir das relações sociais concretas, que envolve a articulação de experiências vividas no âmbito interpessoal (percebidas como externas à pessoa) e intrapessoal (percebidos como internas à pessoa).

Na compreensão dos processos de compartilhamento e diferenciação psicológica, podemos dizer que os processos relacionais permitem a emergência de mais de um objeto de referência semiótica, pois estes não são os mesmos para os

diferentes pontos de vista (cf. Marková, 2006; Guimarães, 2013). Portanto, a multiplicação dialógica contemplando as contribuições de Marková e da unidade de tríade dialógica, que se refere as relações bidirecionais entre eu, outro e objeto semiótico, parte da concepção de uma multiplicação dessas tríades dialógicas à medida que esse objeto se diferencia em diversas perspectivas socioculturais.

1.4.1 *Self* e Intersubjetividade

Neste subcapítulo trarei para discussão a noção de intersubjetividade, que me ajuda a sistematizar e avançar nos estudos do *Self*. Se James apresenta uma noção de *Self* priorizando os aspectos intrapsíquicos, por sua vez, Mead avança ao trazer os aspectos interpessoais e intersubjetivos. Se a subjetividade se constrói na interação com o outro em um mundo sensível, como esse outro participa da internalização dos aspectos constitutivos do eu?

Para tanto, trarei para o debate as contribuições de Nick Crossley, professor de sociologia da Universidade de Manchester, Reino Unido, que diz dos processos de construção da subjetividade a partir da fenomenologia de Alfred Schultz. Entendo que a noção de intersubjetividade de Nick Crossley me permite pensar o processo de desenvolvimento da pessoa ao longo da trajetória de vida, assim como as contribuições de Ragnar Rommetveit, professor emérito de Psicologia da Universidade de Oslo, Noruega, sobre intersubjetividade a partir de seus estudos em hermenêutica da comunicação. Esses autores contribuem para o campo dos fundamentos histórico-filosóficos da noção de intersubjetividade e suas potencialidades na compreensão teórica-metodológica de pesquisa em Psicologia.

Quando falo em subjetividade, logo penso em desenvolvimento do *Self*, e, conseqüentemente, em desenvolvimento humano e nos posicionamentos do *Self* ao longo da vida. E não seria diferente, uma vez que uma das principais vias de desenvolvimento humano ocorre através da busca do sujeito pelo compartilhamento de experiências com as outras pessoas, ou seja, pela busca de intersubjetividade.

Para Rommetveit (1979), essa procura por uma intersubjetividade demanda esforço e descentração do sujeito, um desprendimento e compreensão de ambas as pessoas em relação. A partir desse esforço por uma descentração podem surgir rupturas, trocas dialógicas, mudanças de posicionamentos e reelaborações. Porém, para que a intersubjetividade possa emergir nas relações é preciso um campo de negociações de sentidos da experiência compartilhada entre o eu e o outro, entre os participantes de uma interação social que se esforcem em buscar esse compartilhamento, ainda que seja um partilhar mínimo e temporário de experiências, dado que não há compartilhamento pleno de experiências no fluxo das relações eu-outro.

A persistência em manter uma relação com compartilhamentos de experiência remete à noção de alteridade na experiência intersubjetiva em que o outro sempre apresenta algo que lhe escapa e excede na relação. Simão (2010) menciona a noção de alteridade, como a disponibilidade de alguém para o envolvimento com o diferente de si mesmo, um processo que pode ser carregado de tensão, não apenas pelas diferenças que o eu e o outro possam perceber entre si, mas pela impossibilidade de se ter acesso completo a esse outro no contexto da relação. Assim, pode surgir um estranhamento nas relações eu-outro, bem como compartilhamentos, diferenças e distanciamentos nessas relações. A relação eu-outro envolve compreender um processo psicológico, e desse modo, será sempre iniciante, provisória, variando em suas diversas circunstâncias de acontecimento (cf. Simão, 2010).

Crossley (1996), em seu livro “Intersubjectivity, the fabric of social becoming” nos aponta os processos envolvidos na construção social da subjetividade, ou seja, de uma subjetividade pública e intersubjetiva: um engajamento da pessoa em relação à alteridade no nível pré-reflexivo; as ações humanas socialmente instituídas; e as situações dialógicas que promovem as ações humanas. Crossley critica a noção de subjetividade privada ou pertencente ao mundo interno *a priori* existente. A subjetividade é entendida por ele como “um inter-mundo irreduzível de significados compartilhados” (Crossley, 1996, p.24). A subjetividade demanda uma abertura à alteridade, experiência que é sempre pré-reflexiva para a pessoa e não uma objetivação da experiência. Toda ação humana é entendida como socialmente instituída e carregada de significados, assim como as experiências intersubjetivas que surgem das situações dialógicas, não passíveis de redução ao universo individualizado.

Crossley separa e descreve dois tipos de intersubjetividade: a intersubjetividade radical e a egológica. A noção de intersubjetividade radical refere-se ao relacionamento mútuo e harmônico do *self* com o outro, de modo que o *self* não experimente a si mesmo como separado, mas a partir de uma abertura incondicional para o outro. Crossley sustenta a noção de intersubjetividade radical a partir do entendimento que o ser humano é capaz de adotar atitudes pré-reflexivas e pré-refletidas nas quais ele se abre para o compromisso com a alteridade, sem que a alteridade seja reduzida à percepção, ou o contrário, mas ao construir uma relação dialética do organismo com o ambiente perceptivo, um intervalo entre quem percebe e o que é percebido - um ENTRE. Assim, a noção de intersubjetividade radical questiona a ideia solipsista de um mundo perceptivo privado e enfatiza os significados compartilhados entre o eu e o outro a partir de pré-reflexões do sujeito. Crossley também destaca as trocas afetivas experienciadas nas relações interpessoais concretas, uma vez que os encontros entre corpos-sujeitos são penetrados por afeto e emoções diversas.

Já a intersubjetividade egológica (Crossley, 1996) emerge da intersubjetividade radical por ser entendida a partir da intencionalidade empática, na qual o eu experimenta o outro reflexivamente, por meio de uma transposição imaginária do seu *self* para o lugar do outro, para a perspectiva do outro, por analogia, uma compreensão temporária e um envolvimento com uma experiência da outra pessoa que nunca coincide completamente com a sua própria. O eu precisa olhar para o outro para se perceber claramente, expandindo sua pré-reflexão. Para Crossley (1996), a imaginação é um fenômeno intersubjetivo, pois os conteúdos imaginários são sempre compartilhados nas narrativas e relações estabelecidas entre os sujeitos. Entretanto, o reconhecimento da perspectiva do outro nunca é completo, pois o eu não apreende plenamente essa outra perspectiva, mas entendemos que pelo diálogo estabelecido entre o eu e o outro emerge nossa subjetividade.

Outra teórica que traz contribuições que potencializam a discussão sobre a intersubjetividade e seu papel na construção do *Self* é Ivana Marková. Marková (2003) parte de duas principais críticas à diversidade ontológica nas abordagens sobre o tema da intersubjetividade e também da coautoria: 1- a relação eu-outro é uma díade irreduzível. Para exemplo, a construção privada da subjetividade não poderia ser concebida se há uma compreensão da subjetividade em relação ao diálogo entre si-mesmo e os outros significativos da realidade social; 2- a concepção do eu e do outro

como separados existencialmente abre um fosso inapreensível na fronteira entre eu e o outro.

A partir de Marková (2003), podemos compreender que há um estranhamento nas relações eu-outro que promove tensões dialógicas, uma tensão que não pertence a um ou outro interlocutor, mas à relação no diálogo. Marková (2003) defende a dialogicidade como coautoria, que emerge como uma forma de compreensão da construção da subjetividade. “Seres humanos fazem o mundo nos termos dos outros, e a existência inteira do *self* é orientada na direção da linguagem dos outros e do mundo dos outros” (2003, p. 256). Ela recorre à noção de Bakhtin quanto à coautoria, pela qual se compreende que a vida é preenchida e orientada pela existência dos outros e esse viver no mundo dos outros é expresso por Bakhtin como coautoria.

Teorias como do *Self* dialógico, proposta por Herman, Kempen e van Loon (1991) concebe o mundo interno compreendido como um mundo social imaginado e composto por vozes de múltiplos autores sociais. A perspectiva dialógica em pesquisa parte das possibilidades de se pensar a construção subjetiva a partir das concepções que se articulam à filosofia da linguagem e a construção das perspectivas no diálogo. Não seria a experiência a dimensão mais significativa para compreendermos a experiência e a partir dela o que nos inquieta e nos constrói como pessoas?

Partindo da compreensão que as relações eu-outro são específicas e singulares, e que a partir delas aprendemos a significar o mundo, pressuponho experiências que promovam reposicionamentos além das tensões dialógicas. Considero a possibilidade de negociações intra e intersubjetivas nas relações eu-outro que organizam as redes de relações que propiciam trocas dialógicas. Porém, a assimetria no diálogo promove, por sua vez, experiências inquietantes às pessoas. As experiências inquietantes,

criam instabilidade, tensão, perturbam ou mesmo ferem as expectativas da pessoa sobre a habilidade de entender a si mesmo e às suas relações Eu-Outro-Mundo, instigando a pessoa a sentir, pensar e agir de modo cognitivo e afetivo, em diferentes direções daquelas que ela estava seguindo até então, de tal modo que a pessoa pode chegar a integrar sentimentos despertados por ela em sua base afetivo-cognitivo, que, por sua vez também mudará (Simão, 2015, p. 07).

A experiência inquietante se dá a partir de uma vivência subjetiva da pessoa em um nível pré-reflexivo e afetivo, que também se articula aos sentidos atribuídos às múltiplas posições no diálogo e às tensões promovidas entre percepção e imaginação.

Guimarães, ao elaborar a noção de multiplicação dialógica, parte do entendimento de Vygotsky (2001) de que os processos de cognição da realidade são construídos pela percepção e pela imaginação, pelo modo como as pessoas internalizam as percepções e lhe atribuem significado. “Durante a ontogênese, percepção e imaginação relacionam-se dialeticamente, então, grande parte de nossa abordagem perceptiva do exterior é desenvolvida por nossas elaborações internas imaginativas e vice-versa” (Guimarães, 2013, p. 224). Guimarães entende que o desenvolvimento da pessoa envolve recursos simbólicos pessoais e ações articuladas pela compreensão perceptiva e imaginária do *Self*. Guimarães utiliza a concepção de recursos simbólicos a partir de Zittoun, Duveen, Gillespie, Invision & Psaltis (2003, p. 416):

[...] elementos simbólicos usados por um agente que visa conseguir algo em um contexto particular, social, cultural e temporal que constitui esse dispositivo simbólico como um recurso que permite ao agente produzir uma transição de uma formação sociocultural para outra [...].

Ao tomar as concepções de recursos simbólicos e ações simbólicas em um campo cultural, Guimarães (2013) aponta que a intersubjetividade não corresponde apenas ao que se dá na interação entre duas ou mais pessoas, mas também em diferentes níveis intrapessoais do *Self*. Nesse sentido, se há uma intersubjetividade que se dá e emerge nos diversos contextos de trocas dialógicas, qual o papel constitutivo da Instituição para a construção social do *Self*?

Para caminharmos nessa discussão, primeiramente discutirei e apresentei a noção de Instituição e relacioná-la-ei com os processos de construção cultural do *Self*. Ao longo da tese, retornarei a essa provocação feita aqui, a partir dos dados empíricos e das discussões e articulações teóricas, fazendo uma passagem complexa dos fluxos de reflexão teórica para os processos reflexivos a partir da experiência empírica propiciada pela pesquisa de campo. A noção de *Self*, a partir da multiplicação dialógica, foi sofisticada no subtópico da discussão dos resultados e ao longo da tese à medida que o dado empírico fez emergir lacunas para essa noção de *Self* que não contempla a vivência institucionalizada permeando as relações eu-outro no mundo sensível. Na discussão, aprofundarei a compreensão da noção de Instituição e dos circuitos de poder que permeiam as trocas dialógicas no contexto institucional. Para

trilhar este percurso com o leitor, situarei a seguir o recorte metodológico utilizado na presente tese.

2 METODOLOGIA

Na presente tese, busquei compreender as relações interpessoais e tensões dialógicas que emergem a partir de uma vivência institucionalizada de cumprimento de pena. No processo dialógico de construção do conhecimento, participantes e pesquisador atuam efetivamente em conjunto na construção de um novo conhecimento e a pesquisa se dá em um campo de ação simbólica, em que, no mínimo, pesquisador e participantes encontram-se em negociação, tensões e conversação sobre o fenômeno estudado (Simão, 1988/1989).

Nessa perspectiva de pesquisa, o pesquisador estabelece uma separação inclusiva (cf. Valsiner, 2012a) com o objeto de estudo ao estabelecer trocas dialógicas com os participantes. Compreendo que um equilíbrio de atitudes, ao longo da pesquisa, pelo pesquisador, pode favorecer sua separação inclusiva com o ambiente social estudado, ao partir de uma metodologia dialógica. Para tanto, parti de um estudo de caso que foi realizado em uma unidade do sistema prisional APAC. Este estudo contou com a participação observante (cf. Bastien, 2007; Malfitano & Marques, 2011; que será apresentada nos próximos subtópicos deste capítulo) enquanto procedimento que guiou o processo de observação. A participação observante tornou possível a observação das relações interpessoais concretas no contexto institucional, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas com os participantes. Foi utilizado um diário de campo, de forma complementar, para registro das informações levantadas durante a observação no contexto institucional. Obtive acesso ao regime disciplinar, documentos de acervo da Instituição APAC e FBAC sobre essa metodologia de execução penal, bem como autorização para registro fotográfico, quando útil à construção dos dados empíricos do presente estudo. A partir dos dados empíricos construídos no contexto institucional, a seleção do conteúdo para a discussão foi realizada partindo-se da noção de campo-tema (cf. Spink, 2003). Foram

identificadas e analisadas as antinomias e aspectos expressivos (cf. Marková, 2006) presentes em cada campo-tema selecionado, a partir de um protocolo de análise dialógica (cf. Wertsch, 1993). Para a análise, utilizei a estratégia de análise de dados denominada “Trajetórias Descendentes e Trajetórias Ascendentes” (cf. Guimarães, 2016b) que destaca a situação concreta extraverbal e a articulação dos movimentos analítico e interpretativo na construção de uma pesquisa. Cada etapa deste percurso teórico-metodológico será descrita a seguir.

2.1 ESTUDO DE CASO

A Instituição APAC do interior de Minas Gerais que sediou a presente pesquisa (não identificada por questões éticas) autorizou a atividade de pesquisa em julho de 2015, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A escolha por uma APAC do interior de Minas Gerais deve-se à minha experiência preliminar com essa instituição, ao canalizar análises que considerem elementos extraverbais a partir das relações concretas no âmbito institucional e de uma pesquisa que parte de uma perspectiva dialógica. Sua pertinência deve-se ao estudo priorizar uma unidade prisional em processo intermédio de construção (convênio de manutenção aprovado e em vigor pelo TJMG, porém interesse em expandir a assistência para mais de 45 pessoas). Esse processo intermédio se refere a uma Instituição que contempla os três regimes de execução penal, sendo cada regime com estrutura física independente, uma APAC que já está incluída e credenciada junto ao Tribunal de Justiça do Estado, mas que contempla um número pequeno de pessoas em cumprimento de pena, devido à fase de transição e construção, tendo em vista, em longo prazo, tornar-se uma unidade prisional que seja referência para a região. Nesse sentido, chamo esse momento de processo intermédio em relação às demais Instituições.

Meu interesse em uma unidade prisional em processo intermediário de desenvolvimento se justifica teórico-metodologicamente, uma vez que a situação de transição ENTRE o que é e o que se espera ser se constitui como um campo fértil

para a emergência de antinomias, questionamentos, inquietações e conflitos nas assimetrias dialógicas, na medida em que as rotinas institucionais estariam menos sedimentadas.

2.1.1 A unidade da APAC de referência para este estudo e suas atividades regulares

A Instituição APAC foi implantada primeiramente em junho de 2002 por uma equipe de voluntários da comunidade local, porém funcionava dentro do pátio do próprio presídio, o que inviabilizou sua permanência e aprovação pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Posteriormente, em abril de 2007, foi aprovado um projeto de extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, denominado “Reimplantação da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados no município local”. Esse projeto de extensão possibilitou um apoio financeiro mínimo durante dois anos para começar a fomentar debates e reuniões, fóruns de trabalho na comunidade local, bem como ações de divulgação da metodologia APAC na sociedade, ao possibilitar a realização de audiências públicas que viabilizaram a constituição de uma chapa de candidatos à diretoria executiva e conselho deliberativo da APAC (todos membros voluntários).

Ainda em 2007, a prefeitura do município cedeu para a APAC um terreno contendo as bases de uma construção que seria destinada a um Centro de Recuperação para Adolescentes em Conflito com a Lei e que foi inviabilizado pelo Tribunal de Justiça local durante a construção. Os monitores e estagiários do Projeto de extensão APAC em conjunto com os representantes das Organizações Não Governamentais (ONG's) da sociedade envolvente, bem como representantes das Associações de bairros e líderes das diferentes religiões cristãs que estavam engajados com a proposta, somaram esforços para arrecadar fundos e materiais de construção para erguer o espaço físico da APAC. Após uma estrutura física para contemplar dois regimes de execução penal, em julho de 2008, foi inaugurada a unidade da APAC. A partir de então, a Instituição recebeu as primeiras pessoas em cumprimento de pena advindos do presídio estadual, regime fechado, semiaberto (os

dois regimes conviviam em conjunto em um mesmo espaço devido à falta de uma estrutura física adequada) e aberto. O Tribunal de Justiça de Minas Gerais viabilizou a subvenção mensal inicial para 16 pessoas em cumprimento de pena em agosto de 2009, via convênio de manutenção celebrado com a APAC (Fonte: arquivos pessoais da pesquisadora, que acompanhou esse processo de fundação).

Atualmente, a unidade da APAC possui 45 pessoas em cumprimento de penas, sendo 22 no regime fechado, 19 no regime semiaberto e 4 no regime aberto. Em sua estrutura administrativa, a APAC possui 13 funcionários, sendo cinco assistentes (financeiro e administrativo), cinco inspetores de segurança, um gerente administrativo, um motorista e uma estagiária jurídica. E dez voluntários que, após participação em cursos de formação de voluntários, oferecido pela própria instituição, assumem atividades regulares com as pessoas em cumprimento de pena, como aula de matemática e física para as pessoas que cursam o ensino supletivo, atendimento psicológico, atividades físicas e aula de karatê, estudos bíblicos, atividades de valorização humana, cultos e missas conforme informações cedidas pela Instituição.

São três estruturas físicas diferenciadas e separadas: regime fechado, semiaberto e aberto, cada qual seguindo os parâmetros arquitetônicos previstos no método APAC. O regime fechado possui muros mais altos, com cerca elétrica, vários dormitórios ainda em formato de celas para cada grupo de quatro pessoas em cumprimento de pena (porém, celas que permanecem abertas durante o dia), pátio coberto com tela e acesso restrito à quadra (que também é murada). O regime semiaberto possui muros com cerca elétrica, porém sem telas no pátio e acesso ao jardim, quadra e fábrica de blocos (área externa à instituição e sem muros). E o regime aberto que possui apenas um dormitório com um pátio sem telas de proteção. Nos três regimes há armários individuais com chave para as pessoas em cumprimento de pena, armários para roupas, lavanderia, geladeira, sala de TV e pátio. O regime fechado contempla a cozinha que oferece a alimentação para as pessoas em cumprimento de pena dos três regimes. Geralmente, no método APAC, a cozinha se localiza no regime semiaberto que contempla as atividades profissionalizantes, mas, nesta unidade específica, em função de um número maior de pessoa em cumprimento de penas no regime fechado e pela estrutura de cozinha disponível neste espaço, a cozinha permaneceu no regime fechado (informações cedidas pela Instituição).

São oferecidas atividades laborterapêuticas para o regime fechado, como artesanato (crochê, tricô, dobradura), jardinagem, pintura, serviços elétricos e de

pedreiro para espaços internos à APAC, bem como limpeza e culinária. As pessoas em cumprimento de pena são divididas nas atividades em um rodízio semanal e por escalas de equipes, conforme as aptidões pessoais. No regime semiaberto, as pessoas em cumprimento de pena se dedicam ao artesanato, às atividades laborais na fábrica de blocos, obras públicas externas à unidade APAC, jardinagem, pintura, elétrica, oficinas de solda, especialidades da construção civil, como pedreiro, carpinteiro e encanador, além da limpeza (informações cedidas pela Instituição).

No regime aberto, as pessoas saem da Instituição por volta das sete horas da manhã para trabalhar e retornam até às 19h para permanecer reclusas à noite e aos finais de semana. Nesta etapa, aqueles que possuem pena a cumprir no regime aberto são direcionados ao mercado de trabalho com a mediação da própria Instituição, via carta de encaminhamento e negociação prévia de vagas com as empresas parceiras, conforme os cursos de capacitação profissional que a pessoa tenha feito, bem como suas aptidões e interesses profissionais (informações cedidas pela Instituição).

A diretoria atuante no período dessa investigação a administração em dezembro de 2015. Cada mandato corresponde a um período de dois anos. A administração anterior permaneceu por dois mandatos seguidos, totalizando quatro anos de trabalhos prestados voluntariamente à APAC. Os membros da diretoria são todos voluntários, e em geral pessoas ligadas a ONG's, religiões diversas, maçonaria e outros grupos sociais.

2.1.2 Participantes

Dezoito pessoas participaram da pesquisa, perante consentimento livre e esclarecido, sendo uma pessoa em cumprimento de pena de cada regime (fechado, semiaberto e aberto); duas pessoas em cumprimento de pena, membros do Conselho de Sinceridade e Solidariedade - CSS - regimes fechado e semiaberto (totalizando cinco pessoas em cumprimento de pena); juíza da vara de execução penal; e duas pessoas para cada uma das demais categorias que compõem a Instituição APAC: funcionários; membros da diretoria; voluntários; familiares das pessoas em

cumprimento de pena; egressos do método APAC; e membros da Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados - FBAC.

As pessoas em cumprimento de pena, do sexo masculino, regime fechado, semiaberto e aberto com aproximadamente seis meses de cumprimento de pena na APAC foram convidadas a participar da pesquisa. A escolha do tempo aproximado de seis meses de pena cumprida na APAC se justifica ao favorecer um nivelamento entre as pessoas, participantes da pesquisa, no que tange as experiências vividas nessa Instituição em cada regime em andamento. O regime aberto, a princípio, não seria contemplado, uma vez que essas pessoas em cumprimento de pena trabalham fora da Instituição de segunda a sábado e retornam apenas para dormir e passar o final de semana, mas como a Instituição permitiu minha permanência enquanto pesquisadora aos domingos, a participação das pessoas em cumprimento de penas do regime aberto na presente pesquisa foi viabilizada.

Ao longo da tese não utilizo a terminologia utilizada pela APAC, recuperando, para me referir à pessoa em cumprimento de pena, pois entendo que seria um modo de contribuir para um processo de exclusão social construído historicamente pelo qual é atribuída uma condição passiva à pessoa (recuperando= alguém que precisa se recuperar= receber um tratamento, uma penitência, logo, um penitente). Portanto, adoto a expressão pessoa em cumprimento de pena, evitando-se a manutenção de estigmas ao longo de meu estudo e para os futuros leitores desta pesquisa. Trata-se de uma pessoa em cumprimento de pena. Para além da sanção penal, há uma pessoa, há uma subjetividade, alguém que cometeu crimes, mas que possui sua história de vida, suas vivências, afetos e objetivos. Resgatar esta dimensão ao chamá-los pelos nomes faz-se necessário para respeitar a subjetividade da pessoa, bem como promover seus direitos previstos na própria legislação de execução penal brasileira. Entretanto, saliento que ao descrever as entrevistas e falas das pessoas participantes da pesquisa, procurei perspectivar os discursos, preservando a forma autêntica com que elas próprias utilizavam para se descreverem ou descrever a outra pessoa em cumprimento de pena. Procurei tomar como ponto de partida essas diferentes perspectivas em relação, ao descrever os diversos olhares sobre as pessoas inseridas no diálogo. Portanto, ao longo do texto, não há uma nomenclatura única para descrever as pessoas que cumpriam pena, haja vista que eu ocupava um lugar delicado de pesquisadora, ao assumir uma posição de trânsito entre as demais perspectivas, e a partir dela, busquei descrever as falas das pessoas.

2.1.3 A participação observante como instrumento de observação

Uma pesquisa na qual o (a) pesquisador(a) apresenta essa dupla posição no campo pesquisado e cujo papel de profissional esteja sendo desempenhado há algum tempo ou foi desempenhado e modifique a maneira de se observar o campo de pesquisa, pode ser descrita como participação observante (Bastien, 2007; Malfitano & Marques, 2011). O participante observador porque participa (faz parte do contexto ainda que temporariamente), realiza uma observação. “O observador participante, em contraponto, é o pesquisador que vai ao campo para realizar uma investigação. Seu objetivo não é a participação, mas a observação” (Malfitano & Marques, 2011, p. 290).

A literatura sobre essas abordagens técnicas de observação em pesquisa de campo aponta que tais práticas, muitas vezes, são confundidas pelos autores, e que as justificativas para uso de uma em detrimento de outra são plurais (Bastien, 2007). Bastien, pesquisador da Universidade de Caen Basse, traz uma análise crítica dos usos dessas terminologias. Para ele, a participação observante tem sido justificada nos estudos que a utilizam, ora pela busca simples de originalidade ora pelo refinamento argumentativo, mas que tanto uma observação quanto outra implica em observação e participação. Na observação participante, também há uma imersão do pesquisador no universo pesquisado, que favorece acesso privilegiado a informações inacessíveis usando outros métodos empíricos. Portanto, Bastien esclarece que essas denominações, observação participante e participação observante, se fazem mais claras especificamente pelo grau de participação do pesquisador em campo.

O uso do termo observador participante pode ser direcionado para o observador clandestino, que não revela seu objetivo em campo; ou como pesquisador aberto, que se apresenta como pesquisador e relata os objetivos da pesquisa. Entretanto, a observação pode ainda ser periférica ou completa, sendo a periférica aquela que permite um afastamento mínimo, ser um participante público e um observador privado (Bastien, 2007).

Já a participação observante tem se justificado nos estudos por quatro motivos: 1- necessidade de sublinhar um contato particularmente prolongado, dentro de um grupo, comunidade ou organização, bem como pela busca por originalidade do estudo, sem se justificar unicamente pelo exercício anterior de uma função no campo

onde a pesquisa começa; 2- pela presença do pesquisador em um terreno singular de pesquisa, cujas características particulares justificam a noção de participação observante, ao visar compreender de dentro um fenômeno *a priori* desconhecido; 3- por uma participação intensa do pesquisador em campo, do qual se faz parte do meio, intensamente e momentaneamente, mas que lhe permite um passo atrás em alguns momentos para observar o fenômeno do qual participa; 4- pelo comprometimento e envolvimento *a priori* intencional no campo de pesquisa, não sendo um analista ou observador frio, focado apenas no dever de pesquisador, mas ao se colocar como um ator de um evento ou parte de um processo em curso no campo investigado. Em ambas as justificativas, há o predomínio da prioridade pela participação no campo estudado e não da observação (Bastien, 2007).

Para esta pesquisa, usamos o termo participação observante pela especificidade do campo de pesquisa e do objetivo do presente estudo, bem como pela presença intensa e prolongada da pesquisadora em campo, fazendo parte deste campo a partir de um vínculo estabelecido *a priori* com a Instituição que sediou a pesquisa, e por priorizar a participação pública em detrimento da observação distanciada. Através da participação observante, enquanto pesquisadora verifiquei, a partir dos dados empíricos encontrados, o que eu deveria estudar e aprofundar em minhas análises e discussões, sem uma delimitação conclusiva dos aspectos a serem estudados, ainda que possua um referencial teórico e leituras realizadas em uma dada área do conhecimento que me desperta interesse nesse objeto de estudo.

2.1.4 Procedimentos da etapa de construção de dados empíricos

O início das visitas sistemáticas à Instituição ocorreu em julho de 2015, ocasião em que a pesquisadora permaneceu por um período maior na Instituição para os primeiros contatos e compartilhamentos em campo, com o intuito de estabelecer um vínculo de confiança com os participantes da pesquisa. Para se fortalecer esse vínculo, realizei visitas periódicas à APAC, sendo uma visita mensal à Instituição, previamente agendada, no qual passava dois dias acompanhando a rotina dos potenciais participantes da pesquisa, posicionados no campo institucional da APAC como recuperandos, de cada respectivo regime, a saber, um domingo (dia de visitas),

de 8 às 17h; e uma segunda-feira(dia útil na Instituição), de 8 às 16h, promovendo um espaço para escuta dos membros da Instituição, visitas realizadas com frequência mensal entre julho de 2015 e julho de 2016.

As entrevistas foram realizadas em local e horário pré-agendados em comum acordo entre entrevistado e entrevistador. Abordei o tema das negociações interpessoais entre os membros da Instituição APAC e os processos emergentes dessas negociações no campo dialógico da APAC: as tensões e antinomias presentes nas relações intra e interpessoais.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas em sua íntegra para favorecer o posterior processo de análise dialógica e interpretação. As informações obtidas e selecionadas a partir das visitas regulares à Instituição durante o estudo de caso foram descritas na íntegra no diário de campo (no apêndice A da tese, páginas 170-225) e a partir de recortes selecionados para análise no tópico resultados e discutidas em um debate teórico-metodológico concomitantemente.

Acompanhei a rotina das pessoas em cumprimento de pena na Instituição onde o estudo de caso foi realizado e observei as relações entre os diversos membros dessa Instituição. Entretanto, ao mesmo tempo em que observava essas relações, eu também participava do campo institucional de forma ativa, uma vez que ser voluntária foi uma condição necessária para realização da pesquisa, ao justificar minha presença dentro dos regimes fechado e semiaberto. Nesta condição, eu apenas conversava com os potenciais participantes da pesquisa, buscando compreender a vivência institucionalizada, no que diz respeito à rotina, bem como às relações interpessoais e tensões dialógicas presentes no contexto institucional, e as atribuições de sentido ao cumprimento da pena privativa, além de acompanhar as atividades. E também recebia os familiares durante as visitas de domingo, na portaria principal da Instituição, na companhia do inspetor de segurança e de uma pessoa em cumprimento de pena do regime fechado e de outra do regime semiaberto que recebiam os pertences e alimentos levados pelos familiares, registrando-os no caderno de controle de entradas de mercadorias e produtos de limpeza em cada regime de cumprimento de pena.

Também foi realizada uma visita a duas unidades de referência para o método APAC, sendo uma unidade masculina e outra feminina, não identificadas aqui para manutenção do sigilo das informações obtidas.

Os dados foram construídos segundo uma abordagem dialógica, que pressupõe uma relação pesquisador-participante e na qual o conhecimento se

constitui a partir de trocas, tensões e negociações dialógicas nas experiências sensíveis na relação eu-outro-mundo (cf. Simão, 2010; Simão, 2015).

2.1.5 Análise dos resultados

Como abordagem de análise foi utilizado um mapeamento de antinomias e dos aspectos expressivos presentes nos enunciados (cf. Wertsch, 1993) a partir do conteúdo de cada entrevista semiestruturada, o qual contemplava a identificação das tensões, contrastes e rupturas entre posições pessoais e posições institucionais. Para o Psicólogo Cultural James V. Wertsch, a unidade de análise é sempre a ação mediada, uma ação que se manifesta pelas ferramentas culturais, ou meios de mediação semiótica, fornecidos pelo cenário cultural específico no estudo. Por essas unidades de análise identificamos a perspectiva de ‘quem fala’, ‘para quem se fala’, ‘sobre o que se fala’ e ‘como se fala’.

Perante a imensidão de informações levantadas pela pesquisa, a partir da análise dialógica do conteúdo das 18 entrevistas e dos dados extraverbais que emergiram nas 12 visitas à Instituição que sediou o estudo de caso, descritas integralmente no apêndice como diário de campo (disponível nas páginas 170-225), e sem pretender discuti-los em sua totalidade, me guio pela noção de campo-tema (cf. Spink, 2003), desenvolvida para debates em pesquisa de campo do ponto de vista da psicologia social. Campo-tema diz respeito às redes de sentidos que se interconectam, “é um espaço criado - usando a noção de Henri Lefebvre (1991) - herdado ou incorporado pelo pesquisador ou pesquisadora e negociado na medida em que este busca se inserir nas suas teias de ação” (Spink, 2003, p. 28). O campo não é um lugar, um universo distante, separado, um universo empírico, ou lugar para se fazer observações, mas diz da processualidade dos temas em estudo, sem naturalizar o campo, sem torná-lo estático, mas, ao contrário, promover um espaço de debate e negociações no qual o pesquisador possui uma contribuição ativa na compreensão processual do dia a dia acerca do fenômeno estudado (Spink, 2003), o

campo como uma rede de sentidos construídos a partir das trocas dialógicas sobre o tema de estudo.

Além disso, para um aprofundamento na análise interpretativa, para cada campo-tema foram descritas as antinomias (cf. Marková, 2006) e aspectos expressivos (Wertsch, 1993) presentes a partir dos dados empíricos. As antinomias são polaridades, distinções que a linguagem nos propicia, as oposições, as dualidades e suas expressões na dialogicidade e que permeiam as relações intra e intersubjetivas (Marková, 2003). O *Self* pode resolver essas antinomias integrando-as em sua base afetivo-cognitiva e/ou mantê-las em suas relações intra e interpessoais. Discutir como as antinomias se fazem presentes nesse processo de construção cultural do *Self* a partir da compreensão de uma vivência institucionalizada e das relações sociais concretas que se dão nessa Instituição, balizou a compreensão de como o *Self* articula tais polaridades em suas dimensões intra e intersubjetivas em uma perspectiva dialógica.

Para organizar essa discussão dos principais dados empíricos selecionados para essa tese, utilizei três temas presentes em campo: relações interpessoais; relações intrapessoais no contexto institucional APAC; experiência da pessoa a partir da relação estabelecida entre o método APAC de cumprimento de pena e o sistema prisional convencional. Para cada tema descrevi as principais antinomias (cf. Marková, 2006) presentes e, a partir dessas, selecionei uma 'antinomia central' na qual as demais se articulam a partir de uma perspectiva dialógica para construção do conhecimento.

Utilizei no percurso teórico-metodológico e analítico da tese a estratégia das "Trajetórias Descendentes e Trajetórias Ascendentes" (cf. Guimarães, 2016b) que prioriza a análise da situação concreta extraverbal em uma articulação dos movimentos analítico (trajetória descendente) e interpretativo (trajetória ascendente) na construção de uma pesquisa. Esta dinâmica me auxiliou na compreensão do objeto de estudo por meio da apreensão das tensões que emergem na fronteira entre o geral e o particular, propiciando-me compreender as especificidades da vivência institucionalizada em um contexto de execução penal alternativa. Esta abordagem dialógica de análise de dados se dá pela articulação entre o movimento analítico - do todo para as partes - e o movimento interpretativo - das partes para o todo. Parti, portanto, ao início da tese, de uma sociogênese (cf. Valsiner, 2012a) do objeto de estudo – TODO - para contemplar *a posteriori* sua ontogênese (cf. Valsiner, 2012a)

em um estudo de caso – PARTE, contemplando o movimento analítico da tese. Depois, parti da construção dos dados empíricos, sua organização, seleção e análise dialógica dos enunciados que emergiram do estudo de caso e do contexto extraverbal para a discussão teórico-argumentativa que caracteriza o movimento interpretativo da pesquisa.

Ao longo da tese, descreverei e argumentarei sobre a proposta de um constructo próprio no âmbito institucional que possa melhor descrever o *Self* e suas tensões dialógicas no contexto de cumprimento de pena privativa de liberdade, um *Self Institucional*, a ser apresentado na sessão de discussão dos resultados, a partir de uma lacuna identificada na área que não concebe as relações institucionais, as estratégias e circuitos de poder que canalizam e balizam as relações dialógicas no âmbito institucional.

3 A EXPERIÊNCIA INSTITUCIONALIZADA NO CONTEXTO PRISIONAL APAC

Partindo da experiência institucionalizada na execução penal APAC e das diversas antinomias que se apresentam para o *Self* da pessoa que cumpre pena, algumas vivências durante as visitas à Instituição APAC me fizeram pensar em uma experiência institucionalizada na vida cotidiana, para além dos muros das Instituições penais.

Em uma das minhas primeiras visitas à unidade APAC (28 de julho de 2015) que sediou a pesquisa, me deparei com inúmeras perguntas das pessoas que cumprem pena e funcionários da APAC sobre as razões de meu interesse em realizar um estudo na APAC e curiosidades sobre a minha rotina de vida em uma metrópole como São Paulo. Alguns deles, no regime fechado, também perguntaram sobre meus estudos, o que eu fazia, se não era uma cidade violenta e como era para mim estar ali entre eles. Eu me senti a entrevistada, mas não me incomodei com isso e respondi ao que eles perguntavam. Penso que a minha presença tenha proporcionado uma inquietação a eles e que tenha sido uma experiência de alteridade para os mesmos, pois ainda que eu tenha respondido a todos os questionamentos, eu me colocava

como outro desconhecido, cujo acesso, por meio de minhas narrativas, seria sempre incompleto⁶. Essa troca temporária de papéis entre pesquisadora e participantes da pesquisa configura um compartilhamento de experiências dialógicas, uma troca de pontos de vista e de posições no diálogo bem como tensões acerca do fenômeno estudado que a metodologia dialógica e de participação observante valoriza, uma vez que esses processos dialógicos nas relações eu-outro favorecem a construção de conhecimento.

Em 28 de setembro de 2015, outra pessoa em cumprimento de pena do regime fechado me perguntou como era meu cotidiano de vida em São Paulo, onde eu trabalhava, como era o deslocamento, o transporte público. Conteí que sou professora de uma universidade na região metropolitana de São Paulo, que fica a uma hora e meia da minha casa (zona norte) via transporte público e que faço doutorado na USP, zona oeste. Então, o mesmo disse:

Bom... então eu tenho mais qualidade de vida que você! Eu aqui na APAC tenho café da manhã no horário correto. Tenho mais de oito horas de sono por dia. Trabalho menos de seis horas ao dia e ainda consigo tirar um cochilo depois do almoço!" ... Você é feliz desse jeito, com essa vida? Porque eu não queria essa vida para mim não! Trabalhar tanto, estudar, dormir pouco e passar quase três horas do seu dia em transporte lotado! (sic).

[Linhas 695 a 700 do diário de campo, Apêndice A]

Eu me pus a pensar nesses aspectos, pois, afinal: A pessoa em cumprimento de pena descreveu que ele tem melhor qualidade de vida do que outra pessoa, apesar de estar preso. Esse aspecto desconhecido e impensado para mim enquanto pesquisadora até então me produziu tensões a partir do rompimento de uma expectativa prévia de que o aprisionamento fosse fruto de uma Instituição penal e de uma privação de liberdade, mas comecei a construir novas perspectivas a partir do diálogo com essas pessoas, pois as pessoas livres de penas judiciais podem se sentir aprisionadas em outros lugares como em grandes cidades ou mesmo profissionalmente e afetivamente, ao possuir uma vida também institucionalizada.

Constatai que, a partir destas narrativas, que uma pessoa em cumprimento de pena, por sua vez, também pode se sentir livre enquanto pessoa, no campo da imaginação ou da percepção, pois está privado temporariamente apenas de conviver

⁶ Para maiores aprofundamentos, ver a noção de relação Ego versus Alter (cf. Marková, 2006; Bakhtin, 1997).

com a sociedade, de ir e vir, e não de pensar, sentir e relacionar-se consigo e com o outro. Acreditar que a pessoa que cumpre pena não tem qualidade de vida faz parte do percurso histórico de construção da prisão como pena e de um imaginário social em que as prisões são insalubres e não resguardam os direitos das pessoas que ali estão. Então eu me deparei com outros modos de aprisionamento e institucionalização da vida para além dos muros das instituições penais, pois percebi que eu também tenho um viver institucionalizado. Afinal, a rotina de vida das pessoas dentro e fora das prisões é balizada por regras, normas, horários, obrigações, expectativas... A carreira acadêmica nos toma horas e horas de trabalho, nos coloca datas e preceitos normatizados para a escrita e para os preceitos de um texto científico, nos canaliza para o cumprimento de prazos e entrega de relatórios de pesquisa em datas pré-agendadas. Ser pesquisador e professor também pressupõe uma vida institucionalizada, ainda que meu direito de ir e vir não esteja em risco ou confiscado. Portanto, a partir dessa inquietação, não me refiro a vivência institucionalizada nas chamadas Instituições totais, como nos manicômios, prisões e conventos descritas por Goffman (1961) como Instituições que sequestram a subjetividade, mas das Instituições nossas de cada dia que regem e normatizam o cotidiano.

A partir da noção de redundância em Valsiner (2007a), entendo que nossos corpos são submetidos a diversas balizas e canalizações institucionais, sendo disciplinados de maneira redundante, em um sistema aberto que também nos permite uma autonomia relativa, mecanismos que canalizam nossas ações para um dado resultado e objetivo esperado pelas Instituições que guiam o viver em sociedade. A experiência singular da pessoa extrapola essas formas de cristalizadas dos modelos prisionais. O que a pessoa faz com a vivência no presídio? Ele a transforma em um viver com qualidade, em detrimento da reclusão e valoriza que possui mais qualidade de vida que outras pessoas em liberdade, segundo a perspectiva dele. Este viver institucionalizado, portanto, também permite a canalização dos potenciais de ação⁷ em uma ou outra direção pela pessoa dentro e fora do presídio. Entretanto, parto da compreensão e estudo da vivência institucionalizada no método APAC, mapeando seu campo de tensões dialógicas, para posteriormente resgatar essa discussão sobre

⁷ O potencial de ação (Boesch, 1991) diz das possibilidades de ação das pessoas, a partir da constituição de objetivos e planos de execução desta em uma ou outra direção no futuro. Aprofundarei essas noções nas páginas 70 e 71 da presente tese.

modos de vida institucionalizada. Para isto, tomei como ponto de partida os três campos-tema deste estudo: relações interpessoais; relações intrapessoais no âmbito da execução penal APAC; e tensionamentos nas fronteiras e relações entre os sistemas prisionais APAC e Convencional. A seguir, apresentarei inicialmente as tensões dialógicas, antinomias e aspectos expressivos que emergiram nas relações interpessoais no contexto penal APAC.

Tabela 2 - Antinomias e aspectos expressivos presentes no campo-tema “Relações Interpessoais”

Antinomias Presentes	Principal Antinomia “Antinomia-tema”	Aspectos expressivos	Binômio
<ul style="list-style-type: none"> - O trabalho como oportunidade de remição de pena e profissionalização x o trabalho como um castigo. - A religião como atribuição de sentido para a vida x a religião como uma invasão da privacidade. - A colaboração e o compartilhamento de experiências entre as pessoas que cumprem pena x uma relação interpessoal conflitiva no cotidiano institucional. - Seguir as normas da Instituição x seguir as regras do convívio do próprio dormitório. Interesses pessoais conflitando com interesses coletivos. - Ser membro do CSS x ser uma pessoa que cumpre pena. - O desejo de estar próximo dos familiares nas visitas e eventos x medos e receios quanto a não ser aceito por esses familiares ao assumir que está preso. -Distanciamento afetivo-familiar x manutenção de relações afetivas durante a pena. - Ser membro do grupo das pessoas que cumprem pena x colocar-se como membro do grupo dos egressos, para os quais as regras e preceitos legais perdem efeito. 	<p>Colaboração e compartilhamento de experiências x conflitos interpessoais e afastamentos nas relações.</p> <p>Contribuir com o método de execução penal x preocupar-se consigo e sua redução de pena</p> <p>Posições pessoais x posições institucionais</p>	<p>Estudo como estratégia de retorno para a sociedade</p> <p>Trabalho como estratégia para fortalecimento de vínculo familiar e retorno à vida comunitária</p> <p>Resgate de vínculo afetivo-familiar</p>	<p>Colaboração-individualidade</p>

Fonte: dados da pesquisa

A partir da análise dialógica interpretativa dos dados empíricos construídos ao longo da tese, identifiquei oito antinomias no campo-tema relações interpessoais (conforme tabela 2, acima), sendo elas: 1- o trabalho como oportunidade de remição de pena e profissionalização x o trabalho como um castigo; 2- a religião como atribuição de sentido para a vida x a religião como uma invasão da privacidade; 3- a colaboração e o compartilhamento de experiências entre as pessoas que cumprem pena x uma relação interpessoal conflitiva no cotidiano institucional; 4- seguir as normas da Instituição x seguir as regras do convívio do próprio dormitório; 5- ser membro do CSS x ser uma pessoa que cumpre pena; 6- o desejo de estar próximo dos familiares nas visitas e eventos x medos e receios quanto a não ser aceito por

esses familiares ao assumir que está preso; 7- distanciamento afetivo-familiar x manutenção de relações afetivas durante a pena; e 8- ser membro do grupo das pessoas que cumprem pena x colocar-se como membro do grupo dos egressos, para os quais as regras e preceitos legais perdem efeito.

Sintetizei essas antinomias em três 'antinomias-tema': 1- colaboração e compartilhamento de experiências x conflitos interpessoais e afastamentos nas relações; 2- contribuir com o método de execução penal x preocupar-se consigo e sua redução de pena; e 3- posições pessoais x posições institucionais. Essas antinomias-tema foram articuladas ao binômio colaboração-individualidade para favorecer a análise e discussão das tensões dialógicas e da busca por soluções integrativas pelo *Self* para esses tensionamentos, articulados aos aspectos expressivos - trabalho e estudo - que receberam o endereçamento de sentido (pelas pessoas que cumprem pena) de estratégias para fortalecimento e resgate do vínculo afetivo-familiar e para a inserção social.

Para apresentar e concomitantemente discutir este binômio parti do conteúdo dos enunciados das entrevistas e dos dados extraverbais registrados do diário de campo, ao organizar as tensões dialógicas que sugerem compartilhamento de experiências ou afastamento interpessoal e aquelas que nos guiam para um tensionamento entre colaboração e conflitos nas relações interpessoais no contexto institucional APAC, resgatando esses enunciados e informações, conforme descreverei nos próximos tópicos.

3.1 TENSÕES NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CONTEXTO INSTITUCIONAL: COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS X AFASTAMENTO INTERPESSOAL

No contexto institucional APAC, verifiquei que a assimetria nas relações interpessoais e entre posições pessoais e institucionais tomam espaço conjuntamente com as negociações interpessoais e trocas dialógicas estabelecidas com as diferentes perspectivas socioculturais que permeiam a execução penal e favorecem a

interpelação do *Self* da pessoa por antinomias e inquietações. As assimetrias no diálogo institucional são mantidas pelas relações de poder que inibem ou silenciam certas vozes no contexto relacional APAC, como a pessoa que precisa se submeter à disciplina para se manter na Instituição ou o funcionário que cumpre preceitos institucionais ainda que não concorde com eles. Conseqüentemente, esses membros institucionais são confrontados em suas posições pessoais por esses aspectos presentes na APAC. Recorro ao enunciado do encarregado de segurança para ilustrar esses aspectos.

O encarregado de segurança, durante sua entrevista, me relatou experiências interpessoais conflitantes no contexto institucional. Ele descreveu que não conhecia o método APAC de cumprimento de pena e que, a princípio, teve receios em aceitar o trabalho, mas que, na ocasião, percebia essa função como enriquecedora. Sua primeira impressão da Instituição e de sua função foi descrita como “*uma bomba atômica a ponto de explodir*”. E, no momento da entrevista, relatou considerar sua função e a APAC como algo apaixonante e transformador de subjetividades, ao favorecer a quebra de preconceitos, uma experiência carregada de satisfação pessoal, conforme a narrativa dele. Identifiquei uma ruptura entre a forma como o encarregado entendia a Instituição e suas expectativas iniciais quanto ao seu trabalho na Instituição e os modos como se relacionava com ele naquele instante, assim como verificado nas narrativas do inspetor de segurança e da funcionária do administrativo.

A respeito da relação entre os funcionários e as pessoas em cumprimento de pena, ele descrevia como “*um ir e vir*”, ora aconselhar, ora aplicar penalidades, semelhante ao discurso do inspetor de segurança que relatou a necessidade de ora aproximação, ora distanciamento, ora ser acolhedor, ora ter mais um discurso de autoridade em seu comportamento. Percebi um deslocamento fluido entre as posições pessoais e institucionais, ora compartilhamento de experiência no contexto institucional, ora um afastamento interpessoal para aplicar as penalidades disciplinares, o *Self* guiado por dois enquadramentos⁸ (cf. Moore, Jasper & Gillespie, 2011) que o favorece experimentar tensões que emergem entre esses enquadramentos.

⁸ Os enquadramentos (Moore, Jasper & Gillespie 2011) dizem de aspectos diferentes e simultâneos que podem favorecer dilemas, algo essencialmente dialógico e que se coloca na interseção entre cognição e vida social. Aprofundarei essas noções nas páginas 128- 129 da presente tese.

Ao mesmo tempo em que o encarregado de segurança descreveu desenvolver uma função gratificante, ele também narrou suas frustrações nessa função e suas expectativas feridas e reconstruídas nesse contexto de execução penal. Narrou conflitos entre seu papel de encarregado, papel institucional, e seu posicionamento pessoal, ao descrever tensões constantes no cotidiano de sua atividade profissional. Esse campo contraditório de ações promovia angústias e tristezas, uma vez que ao relatar uma falta grave ao judiciário, a pessoa era regredida para o presídio local, o que provocava conflitos em sua prática profissional como encarregado e lhe trazia inquietações.

O encarregado mencionou expressar reações emocionais positivas quando as pessoas terminavam a pena ou conseguiam liberdade condicional, bem como reações emocionais negativas quando alguém regressava para o presídio por alguma falta grave cometida. Assim, descreveu os extremos de satisfação e frustração, de alegrias e tristezas ao longo de suas atividades laborais na Instituição. Também mencionou que o sentido que a Instituição possuía para ele hoje correspondia a uma 'vivência de vida', a 'ajudar as pessoas', 'ser solidário', 'ter esperanças e acreditar na mudança das pessoas'. Afirmou que ao sair da Instituição, sairá com sua experiência de vida fortalecida de solidariedade.

Seguem abaixo alguns fragmentos da entrevista com esse encarregado de segurança.

Entrevistado: *Mas será que eu levei ele a causar esse erro? Eu levei ele a fazer isso? Então essa frustração do dia a dia aqui dentro é pesada, e se a gente não estiver sabendo equilibrar isso, essa frustração... ela machuca muito!!!*

Pesquisadora: *Então, é conflitivo esse papel profissional aqui dentro no seu dia a dia?*

Entrevistado: *Sim, totalmente!*

Pesquisadora: *Você sabe que a atitude da Instituição traz consequências para a vida da pessoa, imediata, que ele vai perder o benefício, que ele vai voltar para o presídio e vai voltar recluso para o regime fechado ou vai para o presídio. Mas você tem uma função institucional aqui... Seria isso? Então existe esse conflito?*

Entrevistado: *Sim!!! Esse conflito você tem ele 24 horas, relacionamento de medo eu não tenho não tenho, eu não tenho medo nenhum da pessoa sair e tentar me prejudicar e querer me descontar alguma coisa. Eu acho que a gente tem que acreditar muito no trabalho. Aí você acredita e ele tem que colocar na minha cabeça que eu não fiz o mal pra ele, que eu só fiz o bem. O conflito maior é aquilo que eu poderia fazer melhor, o que eu poderia fazer para que aquilo não acontecesse. Eu sei que até aquele momento a minha conduta com ele foi da melhor maneira possível, que o erro não foi meu, o erro foi dele, então existe esse conflito...*

Pesquisadora: *E se você tenta amenizar, deixar de comunicar uma falta grave ao judiciário para evitar essas consequências, você pode ser advertido por isso?*

Entrevistado: *Com certeza!!! Eu posso carregar uma carga que amanhã poderá me penalizar sobre isso. É muito complexo e muito confrontante!!! Você precisa tomar decisões rápidas, sem muito tempo pra pensar, e tentar seguir o mesmo parâmetro e de vez em quando você tem que sair desse parâmetro, quando você não pode usar o mesmo parâmetro, depende de cada coisa.*

[Linhas 3652 a 3656, Anexo E]

Nesta entrevista com o encarregado de segurança, várias desestabilizações emergiram, principalmente quanto às tensões e conflitos entre o seu papel institucional (aplicar faltas, comunicar faltas) e o seu papel pessoal, ao qual ele atribui um valor social. Quando não se tem escolha no modo de agir em uma dada situação, como em uma Instituição com papéis pré-definidos, a pessoa tende a agir conforme essa posição. Esses papéis quando reificados, estreitam a distância subjetiva que a pessoa estabelece entre si e o papel que executa, ao favorecer uma identificação total da pessoa com as balizas que lhe são atribuídas socialmente ou institucionalmente. Entretanto, no caso desse encarregado, percebo que, apesar de assumir sua função institucional, cumprir as formalidades e burocracias, bem como ao comunicar as faltas disciplinares ao judiciário, ele buscava manter um diálogo com as pessoas como prevenção a situações de quebra de disciplina, que o direcionam para um distanciamento ainda que temporário de suas funções institucionais e a busca por alternativas em situações futuras semelhantes ou divergentes dessas.

Entendo que o contexto institucional APAC oferece possibilidades de ação, mas também limites para a pessoa que cumpre pena e demais membros, principalmente ao delimitar posições assimétricas nas funções institucionais. Essa compreensão eu trago de Boesch (1991) que entende a cultura como o campo de ação simbólica, como um regulador das próprias ações da pessoa nesse contexto. Portanto, a pessoa, ao agir afetivamente e cognitivamente, constrói seus significados, sendo que esses podem ser compartilhados com outras pessoas, construindo-se assim a cultura. Essa, por sua vez, guiará futuramente as atitudes da pessoa, ao limitar ou oferecer oportunidade para ação dessa pessoa em seu contexto de interações sociais e trocas simbólicas. O potencial de ação (Boesch, 1991), ao estabelecer possibilidades para a pessoa, norteia as atitudes dela a partir da constituição de objetivos e planos de execução da ação em uma ou outra direção no futuro. Assim, compreendo as posições institucionais, para além de se constituírem limites de ação para o membro institucional na APAC, também poderão favorecer o potencial de ação dessa pessoa sobre a própria cultura institucional (ao reconstruí-la), bem como potencializar novas

alternativas de ação para si e para as demais pessoas na APAC, através das mudanças de perspectivas, de atividades e de planejamentos institucionais.

Esses aspectos em uma análise dialógica interpretativa me permite refletir sobre o enunciado do encarregado e os aspectos extraverbais das relações concretas percebidas durante o estudo de caso e que me demonstraram os seguintes aspectos expressivos: comprometimento com a Instituição APAC; tristeza e decepção em relação ao comportamento da pessoa que desrespeitando as normas e regras disciplinares recebe uma penalidade; angústia e ansiedade diante de seus papéis institucionais; alegria em acompanhar o término de cumprimento de pena das pessoas; sentimento de culpa nas ocasiões em que algum colega de dormitório retorna ao presídio por cometer faltas graves, e expectativas ora feridas, ora surpreendidas na relação com as pessoas que cumprem pena.

Ele buscava uma solução integrativa para suas antinomias e conflitos intra e interpessoais, mas na impossibilidade de uma resolução efetiva, reconstruía suas ações na Instituição APAC, a partir de comparações com alternativas utilizadas em situações anteriores na relação com as pessoas em cumprimento de pena e demais membros institucionais. Endereçava à APAC um campo de ação que catalisa dois extremos: o prazer e a satisfação pessoal e profissional quando alguém retorna ao convívio em sociedade, e a frustração e atribuição de sentido de derrota quando algum condenado volta ao presídio ou reincide no crime. Ficar na Instituição implica em lidar com esses dois extremos, com um campo de tensões, e projetar em sua função institucional uma missão que ainda não terminou. Portanto, o permanecer na Instituição se justifica para que seja protagonista de um processo de transformação social na vida das pessoas, segundo o ponto de vista dele.

Sobre esse campo de tensões nas relações interpessoais, a entrevista realizada com um inspetor de segurança me trouxe informações semelhantes às descritas pelo encarregado de segurança, portanto, aproveito para apresentá-las. Quando lhe perguntei sobre as relações no contexto da APAC, o inspetor de segurança descreveu que em qualquer ambiente há conflitos em alguns momentos e que o único local onde esses não existem é o cemitério. Ele afirmou que apesar do método pressupor uma boa convivência entre as pessoas que cumprem pena, um ajudando o outro, não há apenas rosas, também há espinhos. Entretanto, ele fez referência a uma convivência saudável, do ponto de vista dele, dentro de um contexto de privação de liberdade e convivência com pessoas de diferentes idades, culturas,

histórias de vida. Essa contradição entre o que o método almeja e o que ocorre no cotidiano institucional traz um campo de tensões nas relações interpessoais para essa Instituição.

Outro aspecto que emergiu a respeito dos papéis institucionais dos funcionários foi a responsabilidade e o dever de ser exemplo de disciplina e de respeito às pessoas durante o trabalho desempenhado. Enquanto funcionário da Instituição, o inspetor trouxe a conotação de que trabalhar na APAC consiste em “um ir e vir”, ser como um elástico, ora mais dócil e amigo, ora mais rígido e exigente, conforme as circunstâncias em cada regime. Essa alternância de atitudes, segundo o inspetor, também envolve considerar que, em alguns momentos, a pessoa prefere ficar sozinha em seu dormitório, introspectiva, e que o inspetor de segurança precisa perceber que esses momentos de reflexão e isolamento também são necessários. Isso me remeteu a pensar que há um limite para o compartilhamento de experiências e que o contexto institucional já coloca um intenso compartilhamento de informações, de espaço físico, de contextos interativos, o que também nos remete à noção de intersubjetividade (cf. Marková, 2006; Guimarães, 2013), como um compartilhamento com o outro que nunca será pleno. Há um limite para o compartilhamento, às vezes, é preciso silenciar, às vezes é preciso se recolher na capela, única cela vazia no método APAC, para pensar, para chorar, pois a Instituição regula todas as atividades da vida diária e, em nenhum momento, a pessoa está em um espaço privado. As dimensões do público e do privado se chocam quando a Instituição exerce um controle total do fluxo das experiências individuais.

A frustração e as rupturas de expectativas descritas pelo encarregado de segurança também aparecem na narrativa do inspetor. Esse descreveu que os funcionários e voluntários depositam na Instituição suas expectativas de que a pessoa não tenha reincidência ao crime, mas eles não têm nenhuma garantia disso, apesar da sociedade envolvente cobrar esse resultado. Relatou sua angústia diante dessas incertezas, mas disse também que há uma forte responsabilização da pessoa pela sociedade por seu envolvimento no crime. Ele narrou que o papel da ressocialização (termo utilizado por ele) dessas pessoas é de todos nós, do governo-Estado e da sociedade em geral, assim como o dever de prestar assistência aos encarcerados, mas que as pessoas preferem que aquele que cometeu delitos fique excluído da sociedade como um castigo, e que, por mais que a APAC seja um progresso na execução penal e que muitas pessoas reconheçam isso, as pessoas da comunidade

não se comprometem com as Instituições que realizam esse trabalho que subverte os sistema prisional convencional ao se abster do uso de armas.

A inquietação desse inspetor de segurança, conforme relatado por ele, refere-se a vontade de ir além e de fazer mais pela Instituição, um desejo de transcender seu papel institucional dado seu envolvimento pessoal com a APAC. Seu discurso é carregado de afeto e de esperança no método alternativo de cumprimento de pena. Entretanto, ao mesmo tempo, vive a tristeza e a angústia diante das limitações institucionais e da falta de envolvimento da comunidade local com a Instituição.

Ainda sobre as tensões dialógicas compartilhadas pelos funcionários, uma funcionária do administrativo, em sua entrevista, relatou que muitas vezes, quando ocorre retorno de pessoas ao presídio, os funcionários, ao presenciarem as pessoas saindo da Instituição algemadas e com um revólver direcionado para a cabeça, escoltados pela polícia, experimentam uma afetação coletiva, uma tristeza compartilhada entre eles e que os acompanham como um 'sofrimento coletivo'. Esta também mencionou dificuldade para que seus familiares aceitassem o trabalho dela em uma instituição prisional sem presença policial e sua transformação pessoal a partir do trabalho executado na Instituição APAC.

E é igual a gente fala, a gente conversa muito aqui e acha que as pessoas que estão aqui não estão por acaso, trabalhando aqui na APAC. A gente trabalha, a gente precisa de um salário? Precisa, mas a gente está aqui para ajudar, mais para ajudar. Tanto a gente é funcionário normal, mas a gente também aqui é voluntário. As pessoas vêm de fora realmente para ajudar, mas... porque, entre aspas, tem dó. Não é dó, entendeu? Muitos têm... Alguns querem contar uma coisa que aconteceu, e só de você estar falando, não é coisa material que alguns precisam. É só um minuto que você para ali e conversa, ouve o que eles falam, entendeu? Então, isso aí... me tocou muito e vem me tocando muito a cada dia que passa (sic) (Funcionária do setor administrativo).

[Linhas 4658 a 4666, Anexo K]

Compreendo que do convívio com as pessoas em cumprimento de pena privativa de liberdade, bem como o compartilhamento de experiências alegres e tristes em um contexto institucionalizado, emerge um campo de mútua afetação, trocas dialógicas e afetivo-cognitivas na construção de subjetividades e na transformação das histórias de vida de cada membro da Instituição APAC. Como esse compartilhamento nunca é pleno, a pessoa pode conduzir seu curso de ação para um afastamento pessoal nas relações interpessoais e institucionais, bem como poderá fortalecer atitudes mais autorreflexivas e introspectivas não verbalizadas, como uma tentativa de autoproteção e autodefesa.

A título de exemplificação, em 21 de março de 2016, ao adentrar ao regime fechado da Instituição que sediou o estudo de caso, soube que um deles estava chorando em seu dormitório e recusava-se a conversar com os colegas sobre os motivos de seu choro. A equipe do CSS me procurou afirmando preocupação com o colega, expliquei à eles que a pessoa precisa ter esses momentos de privacidade para chorar e viver suas angústias e sofrimentos, uma vez que a institucionalização provoca um compartilhamento intenso de práticas e rotinas diárias e que a sensação de aprisionamento dos próprios sentimentos ou um compartilhar extremo seria uma sentença ainda maior para ela e que se ele quisesse posteriormente conversar com um de nós, ele poderia nos procurar, mas sem configurar uma invasão na vivência dos sentimentos particulares dele. Observei como os colegas de dormitórios demonstravam empatia com aquele recuperando, uma vez que compartilham um mesmo campo de informações, muitas vezes, apreendendo esses mesmos sentidos e experiências. Para a emergência da intersubjetividade nas relações é preciso um campo de negociações de sentido da experiência entre o eu e o outro, entre pessoas de uma mesma interação social, ainda que seja um partilhar mínimo.

3.2 TENSÕES NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CONTEXTO INSTITUCIONAL: COLABORAÇÃO X CONFLITOS INTERPESSOAIS

A metodologia APAC de execução penal pressupõe colaboração e auxílio entre as pessoas, 'recuperando ajudando recuperando' (um dos 12 elementos básicos que guiam o método), no que diz respeito ao cumprimento da metodologia penal, bem como pela promoção e cuidado com a saúde física e psíquica das pessoas durante a pena, ao assegurar os direitos previstos pela Lei de Execução Penal. Entretanto, essa colaboração por vezes também perde espaço para os conflitos que se mantém em especial na aplicação das regras disciplinares pelos membros do CSS em cada regime.

O presidente do CSS do regime semiaberto (com cerca de oito meses de experiência nessa função na data da entrevista), durante a entrevista, relatou conflitos

entre seus interesses pessoais e os papéis a ele atribuídos enquanto presidente do CSS. Afirmou que ao encontrar um colega de regime a cometer falta grave, relata que aplica uma advertência verbal em até três situações seguidas. Na quarta vez que ocorre aquela mesma falta, segundo ele, já procura o administrativo e informa o ocorrido. Diz que antes de comunicar oficialmente a falta, avisa a própria pessoa que terá de comunicar sua indisciplina e, que, conseqüentemente, ela será punida. As penalidades incluem perdas de benefícios, progressão de regime e até mesmo, em casos de uso de drogas, perda do direito de permanecer na APAC. Entretanto, conforme relatado por ele, quando essas faltas ocorrem, o conselho disciplinar ou o próprio judiciário (em caso de faltas graves) determina quais penalidades serão cabíveis para cada circunstância. Nas próximas ocorrências de faltas, ele descreveu vivenciar conflitos com os colegas por tê-los delatado anteriormente. Isso implica em uma posição conflitiva para o *Self*, uma vez que precisa seguir regras, aplicar advertências aos colegas de dormitório, e comunicar as faltas graves, que poderá conseqüentemente impedir a permanência de alguns deles no próprio sistema prisional APAC.

Percebo um campo de tensões dialógicas entre seguir ou não as normas, em permanecer ou não na função de Presidente do Conselho. Entretanto, ele relatou que conseguiu melhorias na disciplina e na higiene do regime semiaberto após assumir o CSS e que desejava que a APAC conseguisse se expandir no município, sendo, então, a sua contribuição ajudar na aplicação das regras. Ora ele descrevia que pretendia sair do CSS, ora relatava interesse em contribuir com a Instituição e participar deste Conselho. Ser uma pessoa que cumpre pena e, ao mesmo tempo, ser presidente do CSS, já pressupõe um campo conflitivo entre ele e os demais no que diz respeito à aplicabilidade das sanções disciplinares. Há tensões dialógicas entre delatar o colega de dormitório e cumprir seu papel institucional ou permanecer sem silêncio para evitar confrontos e ameaças verbais. Ele narrou que levava frequentemente suas ideias ao administrativo para que fossem avaliadas e talvez empregadas na rotina da Instituição.

Segundo o relato desse presidente do CSS, ocorreu uma ruptura com as expectativas iniciais dele na APAC, bem como tensões interpessoais entre o papel pessoal que gostaria de desempenhar e os papéis institucionais como presidente do CSS. Ele mencionou que não tinha interesse em permanecer nessa função. Entretanto, quatorze meses se passaram dessa entrevista e ele permaneceu como

presidente até a data prevista para troca de presidência, e não abandonou a função como afirmou anteriormente.

Trago abaixo alguns fragmentos da entrevista com este presidente do CSS da Instituição APAC que exemplifica as relações interpessoais entre as pessoas que cumprem pena no método APAC. Saliento que retirei poucos trechos das entrevistas para preservar a identidade dos entrevistados, uma vez que se trata de uma unidade com poucas pessoas em cumprimento de pena, bem como poucos funcionários; e as próprias narrativas poderiam favorecer uma posterior identificação destes.

Pesquisadora: *E entre os recuperandos, como é a convivência? Você por ser do Conselho -CSS, algumas vezes já aconteceu de ter que intervir?*

Entrevistado: *Tem. Às vezes, tem intriga... tem bate boca, tem recuperando que não dá certo com o outro, então eles ficam naquela assim... a Fulano é caguete (delator)... (sic) então ele começa a bater boca e a gente pede pra parar, entra no meio, porque aqui não pode ter discussão... [...] Porque a gente não dá certo, nem mesmo irmão, imagine então você colocar um monte de preso juntos, cada um com uma personalidade, cada um com uma cabeça diferente, cada um com um vínculo social completamente diferente, então, é complicado. É difícil conviver ... Igual eu sempre falo, não é ruim ir para a cadeia. O mais difícil na cadeia é a convivência, você aturar certas pessoas, ter que conviver com preso. O difícil é isso sim aqui na APAC.*

Pesquisadora: *E aqui na APAC a convivência acaba sendo assim... inevitável, né? Vocês trabalham juntos.*

Entrevistado: *Sim. Inevitável...trabalhar junto, e mesmo no dormitório, são quinze todos juntos e não tem jeito. Você convive!!!*

Pesquisadora: *Já houve situações na reunião prisional em que você precisou intervir?*

Entrevistado: *A gente tenta resolver, mas na maioria das reuniões tem bate boca. Alguns alí ficam batendo boca [...]. Então, eles querem que, quando o administrativo não está aqui, que vire bagunça, que isso aqui corra solto. Eles querem assistir televisão quando não pode, eles querem tomar banho o dia todo, ficar debaixo do chuveiro uma hora com chuveiro ligado. E, aí, você vai cobrar, eles acham ruim. [...] Partes omitidas por questões éticas [...] É difícil!!!*

[Linhas 3161 a 3182, Anexo D]

Em síntese, o interesse dele em contribuir para a APAC conflitava com o papel a ser desempenhado como presidente do CSS, bem como com suas expectativas feridas dentro do próprio método e seus interesses pessoais, um aspecto que favorecia inquietações. Assim, as relações eu-outro no campo institucional APAC, a partir do relato desse entrevistado, definem tensões entre demandas institucionais e expectativas pessoais. Ao se sentir desconfortável com o papel de presidente do CSS, poderia também se aproximar ou se distanciar dessas funções e atribuições, uma convivência carregada de tensões interpessoais que também favoreciam um campo

expressivo tênue e controverso em suas relações institucionais, e promoviam a dúvida entre permanecer ou sair desse papel.

Ao realizar uma análise dialógica interpretativa das informações por ele narradas, parto da descrição dos aspectos expressivos que percebi na narrativa dele: investimento afetivo na Instituição APAC apesar das decepções e angústias no cotidiano institucional e no cumprimento das regras e normas disciplinares; descrever-se como desrespeitado pelos demais ao desempenhar sua função de presidente do CSS, o que sugere um campo de ação carregado de tensões interpessoais; ansiedade em procurar formas de melhoria para a Instituição; relação de afeto e desafeto com a Instituição e insatisfação por considerar que os colegas de regime nem sempre valorizavam a Instituição e não seguiam as regras institucionais.

Esses aspectos expressivos que emergiram da narrativa dele culminam em campos de ações divergentes e conflitivos, que não promovem a resolução das mesmas no cotidiano da Instituição. Assim, ele permaneceu no CSS, mas reclamava das suas expectativas feridas quanto à Instituição, ao mesmo tempo em que levava novas ideias e projetos para o administrativo e convivia com o distanciamento nas relações interpessoais. As divergências entre os papéis sociais que ele gostaria de executar e os papéis institucionais o colocava em uma fronteira na qual há limites para suas ações, então emerge o significado da APAC como algo bom para ele e sobre a qual ele não tem nada a reclamar, um recurso simbólico diante da impossibilidade de mudança da realidade institucional vivenciada. Falar de suas opiniões, insatisfações e ideias ao administrativo e à pesquisadora aparecem na narrativa como uma forma de se sentir útil e contribuir com a Instituição. As tensões dialógicas permaneciam não resolvidas e ele continuava cumprindo ora o papel determinado pela Instituição, ora defendendo sua posição pessoal. Percebo uma passagem fluida entre duas posições distintas no contexto institucional, quando a pessoa se coloca pertencente a um ou outro grupo institucional, uma fronteira (Boesch, 1991), enquanto uma passagem permeável de um lugar a outro ou de uma posição a outra.

Ainda quanto a esse distanciamento das funções e a busca por colaboração, o relato de algumas pessoas em cumprimento de pena me fez entender que quando se aproxima a data prevista para progressão para o regime semiaberto ou para liberdade condicional, quatro ou três meses para a autorização para progressão de regime, elas demonstram ansiedade elevada, pensamentos negativos, medo de como será sua primeira saída temporária, seu contato com a família, com os parentes com quem

perdeu contato, com os filhos, com a família da vítima nos casos de crime de homicídio. Além disso, alguns relataram pensamentos de evasão, maior tendência a usar drogas, uso mais frequente de cigarros e ideação suicida.

Identifiquei tensões dialógicas na fronteira entre essas duas posições: pessoa que cumpre pena/ pertencente ao grupo de um regime prisional; e alguém que já cumpriu com o tempo previsto de pena ou que esteja bem próximo do final da pena, colocando-se como um dos egressos. Colocar-se na fronteira entre 'condenado/preso' e 'egresso ou quase egresso', pode promover afastamentos da posição institucional que promoveria a espera por alvará judicial de liberdade ou cumprir com o término da pena que se aproxima e, assim, evitar novos problemas com a justiça.

No contexto institucional APAC, a pessoa se coloca e atua como alguém que cumpre pena, ou seja, faz parte de um grupo social específico daqueles que exercem uma posição institucional ou como alguém que não mais pertence a este grupo, não respondendo às ordens que imperam sobre ele, mas agindo individualmente ou atribuindo um pertencimento a outro grupo (que se assemelha aos pressupostos da noção de ambiência de Kurt Lewin⁹, mas que não será aprofundada neste trabalho). No caso da pessoa que se vê como um egresso pela proximidade da data para sua liberdade condicional ou definitiva há uma passagem permeável entre essas posições institucionais e pessoais (noção de fronteira em Boesch, 1991), mas os conflitos dialógicos podem se intensificar diante do objetivo quase alcançado, o que pode promover afastamentos da posição institucional e quebra de compromissos com a Instituição APAC em uma posição de pertencimento ao grupo dos egressos, e portanto, com ações reguladas por outros cursos de ação.

Resumo estas antinomias que se colocam para o *Self* da pessoa que cumpre pena privativa de liberdade ao se aproximar a data para concessão de benefícios

⁹ [...] Como um de muitos exemplos, podemos citar o caso de prisioneiros que, com a pena de três anos quase completada, se evadem dias antes de sua soltura. De maneira semelhante, adolescentes prestes a serem soltos em poucas semanas de um reformatório recaem com frequência no mau comportamento anterior. Uma observação mais minuciosa mostra que nesta, como em muitas situações em que algo é quase alcançado, o indivíduo fica num estado de conflito muito intenso. Em parte, esse conflito surge do fato de que um alvo mais próximo cria uma força assaz poderosa nessa direção. Além disso, o prisioneiro ou o adolescente prestes a ser solto já se sente membro do grupo a que se irá reunir. Enquanto se sentia membro do grupo anterior, agia de acordo com as regras daquele grupo; mas agora, ao sentir-se quase um membro do outro grupo, também sente o direito e a necessidade de obter todas as prerrogativas desse outro grupo (Lewin, 1978, pp. 169-170).

judiciais, como progressão de regime, liberdade condicional ou remição de pena: ser um membro do grupo das pessoas que cumprem pena x colocar-se como membro do grupo dos egressos, para os quais as regras e preceitos legais perdem efeito. Percebi que essa antinomia promove fortes tensões nas relações interpessoais e institucionais, uma vez que alguns entrevistados relataram maior ansiedade, sintomas depressivos e retorno ao uso de cigarro (quando estava em abstinência de nicotina) quando estão prestes a receber a devolutiva de uma petição judicial, uma audiência importante, uma decisão que pode beneficiá-lo ou antecipar progressão de regime. Destaco algumas situações em que essas narrativas se apresentaram ao longo das visitas e entrevistas:

Em 25 de outubro de 2015, no regime aberto, uma das pessoas na condição de condenado, chegada a data prevista para final do seu cumprimento de pena, não regressou à APAC após seu expediente de trabalho. O encarregado de segurança mencionou que explicou a ele a necessidade de aguardar o recebimento do alvará de liberdade expedido pelo Judiciário e que ele precisaria regressar à Instituição para não ter problemas com a Justiça. Entretanto, o mesmo não retornou após o término da saída temporária, mesmo sem receber o comunicado oficial de alvará de liberdade. Cronologicamente, a pena já estava cumprida, mas faltava ainda a carta de alvará de soltura ser lavrada e assinada pelo juiz da vara de execução penal. A ansiedade pela chegada da data de término também parece favorecer um conflito entre permanecer ou sair antes mesmo da liberdade ser expedida judicialmente; também soube, em mesma data, de uma pessoa em cumprimento de pena do regime semiaberto que estava foragida, uma vez que não regressou da última saída temporária, e um aspecto que me chamou a atenção foi o fato de que faltavam apenas quatro meses para essa pessoa sair com o alvará de liberdade. Nesse caso específico, a pessoa responderia por abandono do sistema prisional, ainda com pena para cumprir.

Em 28 de novembro de 2015, uma pessoa estava com o tempo de cumprimento de pena vencido para progredir para o regime aberto. Ele estava aguardando a liberação da juíza para ir para o regime aberto há 25 dias. Relatou estar ansioso, pois a juíza havia se afastado e o foro criminal estava sem juiz substituto temporariamente. Outros dois que já tinham concluído a pena em regime semiaberto também se descreviam como angustiados, um deles aguardava para ir para o regime aberto e o outro para a liberdade definitiva. Assim, já não realizavam atividades laborais e estavam ociosos, o que, segundo eles, aumentava ainda mais a ansiedade,

mas que não queriam trabalhar, já que ‘estavam com a pena paga’. Uma dessas pessoas em cumprimento de pena ficaria apenas 20 dias no regime aberto (e, portanto, já deveria estar em liberdade se as datas no sentido cronológico fossem seguidas).

Conforme essas informações do diário de campo e aspectos extraverbais que emergiram durante a pesquisa, ao se aproximar o período previsto para progressão de regime e para as saídas autorizadas, há um desgaste emocional e mudanças de humor manifestas no comportamento das pessoas. Segundo eles, diante da oportunidade de reaproximar da família, dos filhos, bem como rever os amigos, o local onde morava, os pertences, e animais de estimação, isso os leva, por vezes, a ficar mais isolados ou irritadiços. Estes relatam que o tempo parece não passar, que a sensação experimentada por eles é de que “*o relógio está paralisado, as noites são mais extensas e os dias intermináveis*”.

A partir destas experiências, penso que um programa de acolhimento psicológico da pessoa que esteja em fase de progressão de regime ou em possibilidade de obter o benefício de liberdade condicional seja essencial para a busca de saídas integrativas para essa experiência conflitiva ao *Self* da pessoa que cumpre pena. A resolução nº 009/2010 do Conselho Federal de Psicologia que regulamenta a atuação do psicólogo no sistema prisional garante no artigo 2º que cabe ao psicólogo no sistema prisional (interpretado como convencional ou APAC): “compreender os sujeitos na sua totalidade histórica, social, cultural, humana e emocional; promover práticas que potencializem a vida em liberdade, de modo a construir e fortalecer dispositivos que estimulem a autonomia e a expressão da individualidade dos envolvidos no atendimento” dentre outros. Se é dever do psicólogo compreender a individualidade de cada *Self* das pessoas que cumprem pena no método APAC, as atuações devem considerar as especificidades de cada pessoa e as nuances que colocam novos ritmos e cursos de ação para a pessoa, como a possibilidade de obter concessões de benefícios ou mesmo perdê-los. Logo, caberá a esta política pública incentivar a contratação de psicólogos que possam atuar efetivamente e continuamente com as pessoas em cumprimento de pena, haja vista que os profissionais da Psicologia, em geral, são voluntários nesses espaços institucionais alternativos de execução penal e não sustentam um trabalho sequencial e efetivo com a equipe e com as pessoas em cumprimento de pena privativa de liberdade.

3.3 TENSÕES DIALÓGICAS NAS RELAÇÕES INTRAPESSOAIS NO CONTEXTO INSTITUCIONAL APAC

Ser um membro institucional, seja pessoa que cumpre pena privativa de liberdade ou outro, configura-se como uma posição institucionalmente demarcada, mas que apresenta divergências substanciais ao serem experimentadas por cada pessoa em particular, uma vez que as perspectivas internalizadas acerca da mesma posição institucional podem oscilar de uma pessoa para outra, conforme a construção afetivo-cognitiva da realidade dessa pessoa, ao envolver afeto, percepção, imaginação e cognição de maneira singular. Além disso, a posição de pessoa que cumpre pena também coexiste com outras posições, como ser pai, ser filho, ser marido, ser irmão, ser um profissional, contextos socioculturais de atribuição de funções que oferecem diferentes sentidos para a compreensão de uma mesma experiência ao *Self*.

A partir da análise dialógica interpretativa dos dados empíricos referentes às relações concretas que se deram durante as visitas ao campo institucional APAC e a partir do conteúdo das entrevistas, constatei duas antinomias no campo-tema relações intrapessoais (conforme tabela 3, abaixo): ser uma pessoa que cumpre pena x sentir-se valorizado e respeitado pela comunidade local; o tempo cronológico durante o cumprimento da pena percebido como útil x inútil, ao compreender o sentido atribuído ao tempo e à experiência institucionalizada. Organizei essas duas antinomias em uma 'antinomia-tema': Liberdade/autonomia x responsabilidade e atribuições.

E identifiquei vários aspectos expressivos que emergem na tentativa de resolução destas tensões dialógicas, como a responsabilidade e a liberdade enquanto um valor (cf. Valsiner, 2012a); o estudo que recebe um endereçamento simbólico de sucesso/vitória em detrimento do cumprimento da pena, descrita como depreciativa; o trabalho e a profissionalização tomado pelas pessoas participantes da pesquisa como um valor e como estratégia para lidar com o tempo cronológico da pena; arte, artesanato e contemplação das atividades artísticas, também enquanto recursos simbólicos que guiam a tentativa do *Self* de superar as antinomias presentes na experiência institucionalizada. Estes aspectos expressivos serão melhor explorados nos próximos tópicos da tese. Para a apresentação e discussão inicial simultânea desta antinomia-tema que emerge nas relações intrapessoais, a articulei com as

tensões dialógicas que balizam a relação autonomia-heteronomia da pessoa que cumpre pena, resgatando enunciados das entrevistas e as notas de campo.

Tabela 3- Antinomias e aspectos expressivos presentes no campo-tema “Relações Intrapessoais”

Antinomias Presentes	Principal Antinomia “Antinomia-tema”	Aspectos expressivos	Binômio
- Ser uma pessoa que cumpre pena x sentir-se valorizado e respeitado pela comunidade local. - O tempo cronológico durante o cumprimento da pena percebido como útil x tempo inútil. O sentido atribuído ao tempo e à experiência institucionalizada.	Liberdade/autonomia x responsabilidade e atribuições	Responsabilidade como um valor Liberdade como um valor Estudo como um valor simbólico de sucesso/vitória em detrimento do cumprimento da pena, descrita como depreciativa. Trabalho como um valor e como estratégia para lidar com o tempo cronológico da pena Arte (ação simbólica- a história de vida em arte- teatro: E agora José?) Artesanato e contemplação das atividades artísticas – laborterapêuticas do regime fechado como um recurso simbólico para a experiência institucionalizada.	Autonomia-heteronomia

Fonte: dados da pesquisa

Para aprofundar na compreensão dessas antinomias, trago parte de uma entrevista com uma pessoa em cumprimento de pena do regime fechado da APAC. A primeira desestabilização durante a entrevista ocorreu no relato de ser um ‘preso feliz’, bem-humorado, apesar de estar privado de liberdade: “Estar preso, mas se sentir livre e feliz”. Esta antinomia remete a construção de sentidos para o estar preso como uma possibilidade não tão ruim como se pudesse esperar que fosse, ao romper com os paradigmas construídos socialmente e culturalmente sobre a execução de penas como algo sofrido e humilhante.

Essa pessoa do regime fechado me descreveu a Instituição como ‘uma casa de recuperação’ e também como ‘sua própria casa’, um espaço mais digno para se cumprir pena em relação ao presídio e que, inclusive, discutia com as pessoas quando elas diziam que ele estava em uma ‘cadeia’. Novamente, um sentido contraditório para o *Self*, a Instituição como ‘sua Casa’, como seu ‘espaço de recuperação’. “Estar na Instituição APAC, cumprindo pena x estar em uma casa de recuperação”. Recuperar-se do quê? Da vida do crime, dos vícios e das decisões impulsivas, conforme o relato dele.

Quando questionado se algo o inquietava no ambiente institucional, ele relatou que apenas se incomoda com a saudade da família, da mãe e dos filhos, apenas isso e nada mais. Apenas estar longe da família era algo ruim, segundo ele, e não o estar privado de liberdade necessariamente. Reapareceu aqui a sua atribuição de sentidos de estar feliz mesmo preso, mas ficar triste em algumas ocasiões por saudade da família. A tristeza e a alegria enquanto sentimentos contraditórios que convivem lado a lado na vida institucionalizada a partir da narrativa dessa pessoa. Ele relatou uma relação distante com a família biológica desde antes da condenação, uma vez que esta residia em outro estado. Descreveu ter construído afetos com a família do amigo, em especial com a mãe do mesmo, quem o visitava quando cumpria pena no presídio (a única visita que ele recebia); vínculo esse rompido pela falta de diálogo com o colega do regime fechado, causando-lhe perdas de vínculo afetivo.

E acrescentou que possuía muitos sentimentos de revolta e desejos de vingança em relação ao seu processo, julgamento e por estar preso, mas que encontrou paz ao aceitar o cumprimento de sua pena e desejar viver uma vida diferente ao sair da Instituição, viver em paz, sem dívidas com a sociedade. Um campo carregado de tensões que talvez lhe propiciava uma reconstrução de expectativas para o futuro, ao direcionar os potenciais de ação para uma futuridade fora do crime mas que também apontava para uma submissão institucional e um silenciamento de suas opiniões e desejos.

O trabalho executado na APAC também foi descrito por ele como algo que dava sentido à sua existência, que lhe ajudava a cumprir a pena e ganhar dinheiro com a venda do artesanato. O trabalho fazia parte de sua vida desde a infância e, segundo ele, ficar sem trabalho o deixava ansioso e infeliz. O trabalho aparecia na narrativa dele como forma de viver o período da institucionalização feliz e se sentindo útil para si e seus familiares.

Esse membro do regime fechado verbalizou uma postura passiva em relação aos procedimentos e regras institucionais. Quanto às relações interpessoais, declarou-se introspectivo, voltado para si mesmo. Afirmava adotar um posicionamento colaborativo com os demais colegas de regime dentro da Instituição APAC e evitava confrontos, conforme relatado por ele. Ao lidar com as perdas, talvez buscasse no bom humor a estratégia para lidar com a realidade que não conseguia mudar. A Instituição canaliza, mas também restringe os potenciais de ação (cf. Boesch, 1991)

da pessoa, que busca resolver suas tensões conflitivas ao construir uma nova relação de significação com a execução penal.

Os conflitos e antinomias vivenciadas no campo cultural APAC eram revolidos pela submissão e passividade da pessoa à Instituição, bem como seus recursos simbólicos de busca pela paz e bom humor, ser um “preso feliz”, diante da imprevisibilidade do futuro e da falta de possibilidades no presente de outras direções para o curso de suas ações. A Instituição APAC assumiu o valor simbólico de uma oportunidade para revisar a vida e se libertar de sua revolta, ao aceitar seu cumprimento de pena e ser um preso feliz, liberto de sua revolta e desejos de vingança.

O ‘ser um preso feliz’ parece constituir uma saída criativa do *Self* ao buscar uma futuridade a partir de novas expectativas e não de um agir conforme a experiência pregressa ou presente no momento atual na Instituição. A criatividade ou ajuste entre percepções e imaginações da pessoa (Morais & Guimaraes, 2015) pode ser um modo de conhecer, de maneira seletiva, a realidade que a cerca e lhe atribuir diferentes sentidos simbólicos.

Também percebi um desencaixe entre o que fazer do tempo cronológico da pena, tempo esse, descrito, muitas vezes, como aquele que não passa, os dias e as noites que se ‘tornam intermináveis durante a pena’. Esta pessoa entrevistada descreveu o trabalho como forma de aproveitar o tempo e ajudá-lo financeiramente, um tempo também útil para revisão de vida. Outras pessoas descreveram esse tempo como inútil, como tempo perdido, como páginas em branco na história pessoal de vida. Portanto, posições tênues se dão na relação que as pessoas constroem consigo mesmas e com o tempo cronológico. Essas posições elucidam que cada pessoa apresenta sua própria trajetória de construção simbólica (cf. Guimarães, 2013) na relação consigo e com o outro e em um tempo irreversível de experiências de integração entre elaborações intrasubjetivas e intersubjetivas.

Também surgiram aspectos simbólicos sobre o que fazer da ‘liberdade’ e da própria dignidade em que são recebidos no método APAC, do ser acolhido e valorizado pela comunidade local. Como o desenvolvimento subjetivo é o resultado de relações sociais internalizadas e socialmente compartilhadas (Fávero, 2005), as diversas perspectivas acerca do cumprimento de pena privativa de liberdade internalizadas a partir das vivências particulares no sistema convencional e na relação interpessoal, podem promover um desencaixe ao *Self* ao cumprir uma pena sem

violação dos direitos prescritos na Lei de execução penal. Na busca por uma solução integrativa para essas tensões dialógicas, o *Self* poderá cumprir com os preceitos aflitivos colocados pelos sistemas de valoração pessoal e religiosa ao cumprimento da pena privativa de liberdade como uma penitência necessária à pessoa, logo, cumprir pena ainda que na APAC, precisará envolver algum sofrimento do penitente. Este sofrimento também remete a abstinência de drogas, uma vez que no método APAC há avaliação periódica toxicológica, pela coleta de sangue ou de urina das pessoas de cada respectivo regime. Exame toxicológico positivo é considerado falta grave tendo por consequência a perda do benefício de cumprir pena no método APAC, provocando retorno imediato ao sistema prisional convencional, conforme determinação da justiça e procedimentos previstos para a Instituição APAC. Logo, a presença na Instituição APAC adquire o sentido de um merecimento para a pessoa, o que pressupõe fazer penitência de algo, como do uso de substâncias químicas e uma renúncia ao vício com engajamento ao tratamento da abstinência e dependência.

Como muitos participantes da pesquisa eram usuários de drogas, a dependência química se configura um dos fatores que se relaciona aos abandonos ao sistema prisional durante as saídas temporárias, bem como regressão ao sistema convencional durante o cumprimento da pena. Segundo a narrativa da juíza da vara de execuções, em entrevista a mim concedida, a perda de benefício de permanência na APAC por uso de drogas é algo que lhe promove uma inquietação, mas, alega que precisa cumprir com as determinações da metodologia. Narrou que entende que a dependência química fere os preceitos de saúde para a própria pessoa e não para os colegas de regime, portanto talvez não justificasse a constituição de uma falta grave. Entretanto, também descreve que se não houver exames periódicos e essas advertências e punições, a droga se faria muito presente no contexto de execução penal, do ponto de vista dela.

Percebo a dependência química no contexto institucional APAC como uma barreira no sentido trazido por Boesch (1991), compreendida como um obstáculo, algo difícil de ser transposto, e que necessitará esforços e ações específicas da pessoa para ser ultrapassada, mas que uma vez superada, a ação da pessoa pode prosseguir mais ou menos como anteriormente. Assim, a dependência química se coloca como um obstáculo para a permanência da pessoa no método APAC de cumprimento de pena com vistas ao engajamento da pessoa nas atividades de tratamento psiquiátrico e psicológico.

3.3.1 Tensões dialógicas estabelecidas na fronteira entre os sistemas de crenças e valores vividos no método convencional e no método APAC

A partir dos dados construídos, do ponto de vista dialógico, ao longo da pesquisa, constatei uma comunicação estreita entre sistema prisional convencional e método APAC na interface com a comunidade envolvente. Embora eu não perguntasse sobre a história de vida da pessoa antes da condenação e nem mesmo sobre as experiências que ela trazia do presídio estadual e a relação estabelecida com a sociedade civil, em vários momentos elas traziam uma comparação e questionamento em relação às experiências nesses contextos relacionais distintos, mas que permeavam a vivência destes no cumprimento da pena naquele momento. Neste campo-tema, experiência da pessoa no sistema prisional APAC a partir das memórias e relações dialógicas construídas anteriormente no presídio estadual, emergiram várias antinomias (conforme tabela 4, abaixo), sendo elas: método APAC descrito como mais digno que o sistema convencional x potencializar um convívio interpessoal conflitante; a relação estabelecida entre APAC e sistema prisional convencional, sendo o julgamento e a condenação precedente à entrada no método penal APAC, ou seja, ter uma situação jurídica definida; estar preso x descrever-se como um 'preso feliz'; sentir-se preso pela consciência x o que fazer da 'dignidade' que possui durante o cumprimento de pena, uma vez que cumprir pena canaliza historicamente sentidos relacionados a sofrimento e humilhação para expiação (purificação) dos erros cometidos. A partir dessas antinomias, para guiar nossa discussão, organizei-as em síntese na antinomia-tema "estar 'preso pela consciência' e ser um 'preso feliz' no método APAC x e o que fazer do tempo e das relações de dignidade vivenciadas durante o cumprimento de pena privativa de liberdade". Os aspectos expressivos serão explorados ao longo deste subtópico da tese.

Compreendo que várias regulações semióticas (cf. Valsiner, 2012a) se apresentam na relação que a pessoa estabelece com seu sistema de valores (cf. Branco & Madureira, 2008) a partir das experiências com campos culturais diversos. Constatei que essas antinomias (Marková, 2006) surgem a partir das experiências vividas pela pessoa nesses três contextos relacionais diferentes, sistema prisional convencional- presídio estadual, Instituição APAC, comunidade envolvente. Entendo

que cada um destes espaços de convívio apresenta um sistema de valores distinto que favorece múltiplas trajetórias de ação para a pessoa que, por sua vez, direcionam os mecanismos autorreguladores do *Self*.

Tabela 4 - Antinomias e aspectos expressivos presentes no campo-tema “experiência construída na relação APAC-sistema prisional convencional”

Antinomias Presentes	Principal Antinomia “Antinomia-tema”	Aspectos expressivos	Binômio
<ul style="list-style-type: none"> - Método APAC ser mais digno que o sistema convencional x convívio interpessoal conflitante. - Relação APAC x sistema prisional convencional. - Estar preso x como ser um ‘preso feliz’. - Sentir-se preso pela consciência x o que fazer da ‘dignidade’ que possui durante o cumprimento de pena. 	<p>Estar ‘preso pela consciência’ e ser um ‘preso feliz’ no método APAC x e o que fazer do tempo e das relações de dignidade vivenciadas durante o cumprimento de pena.</p>	<p>Penitência e Ritos cristalizados (penitência mensal que consiste em ficar reclusos como outrora no sistema prisional convencional)</p>	<p>Liberdade-reclusão</p>

Fonte: dados da pesquisa

Os valores são crenças carregadas de afeto e associadas a propósitos ou orientadas para um objetivo (Branco & Madureira, 2008). “São concebidos como construções dinâmicas motivacionais mais elevadas, que são poderosas o suficiente para guiar nossa conduta e que estão profundamente imbrincadas de afeto” (Mattos, 2016, p. 179). Esses sistemas de valoração ocorrem no campo extraverbal, portanto, só foram identificados a partir de uma metodologia que permite uma relação com o cotidiano concreto das relações institucionais e uma compreensão acurada acerca dos fenômenos que perfazem a Instituição.

Estes três modos de convívio (presídio estadual, APAC e sociedade envolvente) oferecem possibilidades específicas para a pessoa, a partir das práticas, dos ritos e sentidos compartilhados entre as pessoas e que se constituem como reguladores semióticos no fluxo da experiência. Então, qual o papel que a Instituição APAC ocupa na construção cultural do *Self* da pessoa que cumpre pena? Ela canaliza fronteiras (cf. Boesch, 1991; Marsico & Valsiner, 2015) entre sistemas de valores antigos e novos, e ao permitir uma passagem fluida entre valorações e práticas cristalizadas em cada um desses contextos relacionais. A Instituição APAC se propõe a uma ruptura com as metodologias convencionais de cumprimento de pena ao balizar a emergência dos valores responsabilidade e liberdade.

Se a vivência institucionalizada emerge entre as bordas que guiam a realidade pessoal e as bordas que guiam a realidade institucional, novos reposicionamentos

para o *Self* podem ocorrer, por meio de uma possibilidade de elaboração das ações possíveis no curso de vida para a pessoa que cumpre pena. Seria esse *Self*, então, o mesmo *Self* que James descrevia a partir das propriedades do Eu? A minha pena e a minha liberdade não seriam posses muito particularizadas que fogem à vida cotidiana das subjetividades? E quando a liberdade é cerceada, o que sobra para o senso de propriedade do eu e para as relações intersubjetivas em um contexto de vida institucionalizada? Considerar essas particularidades implica em considerar as balizas (cf. Valsiner, 1998) e as bricolagens (cf. Zittoun, 2006) provocadas ao *Self* pela institucionalização e pelos sistemas de valores (morais, éticos e cristãos...) presentes na pena nos três diferentes contextos relacionais citados acima, integrados ou não ao *Self* e que promovem uma “colagem” de elementos recursivos, valorativos e crenças. Portanto, defendo que as experiências pessoais que emergem no contexto de cumprimento de pena privativa constroem um *Self Institucional*, um modo de subjetivação e de estabelecimento de relações intra e interpessoais que se guia por uma articulação entre aspectos históricos, culturais e afetivo-relacionais no contexto prisional APAC.

Retornando aos dados empíricos, uma pessoa do regime fechado me questionou se eu não estaria “perdendo meu tempo com preso” ao visitá-los periodicamente. Percebo que esse “perder tempo” perpassa uma cultura pessoal carregada de sentidos simbólicos de menos valia, de vidas que supostamente valeriam menos que as demais. A cultura promove a veiculação e o compartilhamento de sentidos para o cumprir pena e para uma responsabilização penal que são também internalizados pela pessoa, construindo-se um *Self Institucional* com balizas rígidas que regulam a vida cotidiana e as relações intra e interpessoais no contexto da execução penal.

Tania Zittoun (2006, 2007) ao realizar um estudo sobre as transições dos jovens para a vida adulta, discutiu a centralidade da construção da noção de responsabilidade, uma ‘responsabilidade simbólica’ que marca a experiência dos jovens. Trazendo essa noção para a presente pesquisa, qual seria a responsabilização simbólica do *Self* durante e após uma institucionalização? Se não há apenas um sistema simbólico que organiza os valores e preceitos éticos, morais e religiosos, como o *Self* lida com as antinomias constituídas nas marcas da disciplina, da hierarquização, do controle sobre a subjetividade na vida que foi institucionalizada,

dos sentimentos e afetos que foram direcionados para uma experiência privada de relações familiares?

A construção de um novo sistema de valores que passa a orientar as ações no presente e em relação ao futuro promove ao *Self* posicionamentos e reposicionamentos enquanto tentativas de superar as antinomias que emergiram nessas relações (em um processo de bricolagem- Zittoun, 2006/2007): colaborações nas relações interpessoais e conflitos entre papéis institucionais e papéis pessoais; compartilhamentos de experiências e afastamentos interpessoais; participação ativa na administração do próprio sistema prisional, bem como a possibilidade de evasão e fuga a partir da posse das chaves do sistema prisional. E o *Self* emerge como uma possibilidade de organização das múltiplas trajetórias de ação disponíveis por meio das ações simbólicas.

Recorro a fragmentos de uma entrevista com um egresso do sistema prisional APAC, que nos traz o sentido que ele atribuiu para o cumprimento de pena na APAC e a vivência institucionalizada:

Pesquisadora: O que significa a APAC para você? Qual o sentido da APAC?

Entrevistado: “Aprendizagem de tudo... Experiência de vida. Experiência de vida lá é outra. Regras importantes... de fé, de tudo... aprendi tudo lá dentro! Não sabia fazer o nome do pai, aprendi tudo lá dentro, não rezava, não tinha oração. Tem o serviço lá que ajudava com a remição de pena, ajudava a pegar uma profissão, de quem não tinha né! E o artesanato, a psicologia, eu tive duas psicólogas lá dentro, me ajudaram demais mesmo! Tudo foi bom demais pra mim, eu só tenho a agradecer. Os cultos, a missa, as atividades de valorização humana, tudo foi bom demais pra nós! Muitos voltaram pra lá, mas eu estou firme, não quero saber de cadeia mais não!”

[Linhas 3904 a 3910, anexo G]

A experiência no presídio e na APAC emergem na narrativa da pessoa egressa do método APAC como algo que ele pretende manter distante de sua vida atual, fazendo uma espécie de ruptura com um período no qual estava privado de liberdade, mas do qual obteve aprendizados. Elementos morais, éticos e cristãos além do auxílio psicológico e das atividades de valorização humana aparecem na narrativa da pessoa como elementos discursivos presentes na bricolagem (Zittoun, 2006) produzida pelo *Self*.

Muitos participantes da pesquisa também trouxeram relatos que a razão que os mantém cumprindo pena na metodologia APAC sem evasões ou fugas diz respeito à relativa autonomia que possuem em comparação com as vivências no sistema

prisional convencional, uma relação de confiança estabelecida entre ela e a Instituição, com os familiares e, bem como com a comunidade envolvente, a partir das possibilidades de inserção no mercado de trabalho, de estudar e se sentir aceito e valorizado enquanto profissional e pessoa, alguém que cometeu um crime, mas que buscou uma vitória simbólica referente à mudança de curso de vida e também uma elaboração do sofrimento vivido no cárcere.

Sobre essa autonomia construída na relação com o método APAC, selecionei parte de uma entrevista com outro egresso do Método APAC que ilustra essas relações:

Pesquisadora: E qual o significado que a APAC teve ou tem para você?

Entrevistado: Oh, a APAC pra mim... o significado que ela teve é que além de a gente tá num lugar que era o regime fechado, ela mostra pra gente que a vida tem que ter regra e horário e tudo ser cumprido, né? Eu acho que mostra pra gente que a vida não é do jeito que a gente quer, né?

Pesquisadora: E você ficou quanto tempo na APAC?

Entrevistado: Oh Sirlene acho que... minha cadeia foi 1 ano e 8 meses. Eu fiquei 309 dias lá no presídio e o resto eu cumpri na APAC. Acho que foi uns 10 meses também, um pouco mais, um pouco menos. Mais ou menos isso.

Pesquisadora: Na APAC?

Entrevistado: Anham.

[...]

Pesquisadora: E aqui fora, como foi para você? Voltar a trabalhar, voltar a sua vida?

Entrevistado: Olha, no começo assim, não foi muito fácil não. Mas assim, já tinha... quando eu estava no aberto eu já trabalhava com meu pai. Aí o dia que acabou, eu continuei trabalhando com meu pai. Aí agora, depois de quatro anos que vai fazer, né, que eu saí... agora eu arrumei um serviço de cortar lenha. Que vai fazer dois meses agora.

Pesquisadora: Anham. Que bom. Você teve uma dificuldade inicial, mas você conseguiu voltar para o mercado de trabalho e está trabalhando...

Entrevistado: Tô trabalhando, desde que saí de lá. Desde quando eu "tava", eu saí pro aberto eu tô trabalhando...(sic).

Pesquisadora: Já trabalhava, né? Durante o aberto? Que bom. É... tem alguma coisa que você queria acrescentar sobre a APAC? Sobre o tempo que você ficou na APAC?

Entrevistado: É. Eu acho que ele tem que ser pontual, firme. Igual na época que o Na outra época, quando eu entrei. Era sim, sim, não, não. Entendeu? Na época que eu entrei, não ouvia falar em fuga... chegava, conversava, "tem condição de fazer isso?". "Tem", "não, não tem". Não tinha esse negócio, entendeu? Era bem menos falta... era bem menos, bem menos "coisa". Não tinha aquele muro, igual você mesmo viu lá que tá. Na época que vocês iam lá, "cê" lembra que tinha um banquinho lá? "Cê" subia no banquinho, "cê" via de lá do muro, ninguém tinha nem pensamento em fugir, nem nada.

Pesquisadora: Você está dizendo no sentido de... assim: ter uma regra clara para todo mundo.

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: E ser rígido naquela regra?

Entrevistado: É, eu acho assim... tipo assim, igual na APAC, sabe? Falta grave é uma grave. Se tiver uma leve, tá bom. Entendeu? Então é o seguinte, eu acho

assim: é falta grave? Tomou falta grave? Se tomasse uma leve, não tinha conversa. Eu acho que tinha que ser assim. [...]

Pesquisadora: Anham. Entendi. É, são muitas coisas mudaram na APAC. A parte de estrutura física, a FBAC pediu que eles fechassem. Que eles colocassem muros altos, porque não... não tinha infraestrutura adequada conforme as orientações da FBAC. E aí eles colocaram grade, aquele... no pátio que era do regime de semiaberto e fechado junto, hoje é só fechado. E o semiaberto é separado. Ali tem tela, antes não tinha.

Entrevistado: É, eu... eu fui lá, deve ter o quê... deve ter uns cinco meses, mais ou menos. Eu fui lá, tive lá, conversei com o presidente lá. Tive lá. Tá tudo... lá não é igual cadeia, porque a APAC não é cadeia. Mas bendizendo, o regime tá como se tivesse na cadeia, só que com regras. Cadeia é fechado, só que sem regra.

Pesquisadora: É, a estrutura... eles foram fazendo as adequações que a FBAC foi exigindo e a intervenção da FBAC talvez tenha favorecido a mudança...

[...]

Entrevistado: Não, cê lembra lá, nós na quadra sentava lá de tarde e ficava olhando o movimento dos carros passando. Se alguém quisesse...

Pesquisadora: É. Hoje a quadra é toda fechada.

Entrevistado: Quem quisesse fugir na época, era só pegar o caminho e ir embora.

Pesquisadora: É. Acho que a comparação que você faz é que mesmo tendo uma infraestrutura que deixava a desejar, que dava espaço para fugas, as pessoas não fugiam né?

Entrevistado: Não fugiam. Por que? É, tinha um compromisso e gostava de estar ali. Não... ninguém gosta de estar preso, só que em vista de estar preso na cadeia e de tá na APAC, ali tinha... 200% a mais de liberdade, né?

Pesquisadora: É como se fosse uma casa? É esse o sentido que você quer dizer?

Entrevistado: É, ali é como se fosse uma... ali, na época que nós tava, nós era uma família. Um ajudava o outro, às vezes um queria uma coisa e o outro que tinha dava. A hora que não tinha o outro dava, era uma família mesmo. Era como se fosse uma família, na época.

[...]

Pesquisadora: E quando você entrou na APAC você teve algum susto, assim de ver um ambiente diferente? Quando você entrou e falou: "Nossa... muro baixo, as pessoas comem com faca e com garfo. Tem acesso a essa cozinha?"

Entrevistado: É tipo um mundo diferente, né? A hora que cê sai de um lugar que tá, que é a cadeia e cê cai num lugar daquele lá, cê já... aquele peso que tava nas suas costas já fica bem mais tranquilo. "Não, agora eu tô que nem se eu tivesse em casa". Igual em casa, principalmente à noite. Quando tem um plantonista, não sei como é que tá lá hoje, igual antigamente, era um plantonista só nós vinha", às vezes adoecia e podia vim no hospital só com um membro do CSS. Não precisava de ter ninguém, escolta de plantonista nem nada. Ligava, ambulância buscava, vinha pra cá e fazia o que tinha que fazer. Voltava, não tinha que ter ninguém. Aí era bom, na época. Nesse ponto. Só que era aquele negócio também, tinha confiança né? Ninguém pisava na bola. Vinha pro hospital, vinha pro hospital. Dali não ia lá no boteco da esquina, não ia ver uma revista do outro lado da rua, ler um jornal. Não...

Pesquisadora: Era só o hospital...

Entrevistado: Era só no hospital e voltar.

[...]

Entrevistado: É um tipo de liberdade né? Porque... mesmo com aqueles muros lá, do jeito que tá lá e tudo, se o recuperando falar que quer fugir... não tem nada que segure ele. Tem acesso na cozinha, pega uma faca daquela lá e passa no

pescoço de um outro recuperando o que que o plantonista vai ter que fazer? Vai ter que abrir a porta.

Pesquisadora: É, não tem o que fazer. O próprio plantonista se torna refém.

Entrevistado: É, ué?

Pesquisadora: Tomar as chaves dele e pronto.

Entrevistado: Trancar ele dentro de uma cela daquela, toma o celular dele, até pensar em ir lá, pra saber cadê ele, todo mundo já tá na rua.

Pesquisadora: É, seria muito fácil todo mundo fugir.

[Linhas 4436 a 4552, Anexo J]

Esta pessoa egressa do método APAC traz um questionamento acerca dos muros altos que hoje a APAC possui. Na época em que ele cumpriu pena nessa unidade os regimes semiaberto e fechado conviviam juntos, a quadra esportiva era ao ar livre, sem muros, o pátio sem telas protetoras, mas não havia registros de fugas, como tem ocorrido em média duas ou três fugas por ano, após as mudanças que visam aumento da segurança. E o egresso faz uma discussão que a APAC se sustenta na confiança e autonomia, pois eles próprios fazem a própria segurança da Instituição. Com o aumento dos procedimentos de segurança na Instituição, a partir de uma intervenção do Tribunal de Justiça e FBAC, há uma ruptura de confiança, que, segundo esse entrevistado, justifica o aumento do número de fugas, pois se eles, enquanto pessoas que cumprem pena, são responsáveis pela segurança da Instituição, qual o sentido de depositar a confiança em equipamentos, tais como câmeras, muros altos e telas elétricas?

O que a pessoa faz da 'liberdade e da autonomia' dada a ela no sistema prisional APAC? As múltiplas perspectivas acerca da execução penal tomam espaço conjuntamente com as negociações de sentido e elaborações simbólicas acerca do cumprimento de pena privativa de liberdade na construção cultural do *Self*. A pessoa que cumpre pena reconstrói suas vivências na sociedade e no presídio em memórias transformadas, em uma síntese criativa e em uma hierarquia de sentidos carregados de afeto.

Observei algo semelhante na unidade masculina de referência para o método APAC. No pátio do regime semiaberto intramuros, eu me deparei com um jardim e área recreativa infantil muito arborizada, mesas e cadeias de pedra para interação familiar e uma fonte bem ao lado, que, confere ao lugar uma beleza natural, silêncio e muitos pássaros cantando (conforme figura 2, abaixo). Este espaço destina-se a recreação familiar e infantil durante visitas e confraternizações.

Figuras 2 - Pátio do regime semiaberto intramuros, mostrando o jardim da área reservada para a visita dos familiares



Fonte: Dados da Pesquisa.

Por alguns momentos eu nem me lembrava que estava em um sistema prisional. Entretanto, ao ver o muro pintado de branco e com a seguinte frase em azul: “*Do amor, ninguém foge*” (ver figura 2.1, abaixo), mas com cercas elétricas, senti quão frágil pareceria toda essa sensação de liberdade, mesmo no regime semiaberto.

Figura 2.1- Pátio do regime semiaberto intramuros, mostrando o muro com cercas elétricas



Fonte: Dados da Pesquisa.

A gênese da frase “*Do amor, ninguém foge*” foi descrita pelo membro de relações públicas, sendo de autoria de um egresso do método APAC que, após fugir várias vezes de sistemas prisionais, e entrar no método APAC, relatou ter desistido de fugir porque se sentiu tratado com dignidade, mesmo tendo a oportunidade de fuga e, que ao ser questionado porque ele não havia fugido, uma vez que essa era a sua

expertise no sistema convencional, ele respondeu com esta frase. Eu me lembrei que o muro do regime semiaberto que contempla essa frase não era tão alto e nem possuía cercas elétricas na ocasião de minha primeira visita a essa Instituição em 2007. Ocorreu que o Tribunal de Justiça a partir da Comarca Local solicitou tais ajustes na segurança da Instituição, conferindo um sentido contraditório para a frase que ali permaneceu, conforme também explicado pela pessoa que conduzia minha visita ao regime semiaberto.

O binômios liberdade-reclusão e autonomia-heteronomia emergem como reguladores da experiência institucionalizada no contexto penal APAC, enquanto valores e atribuição de sentido para o sofrimento provocado pela privação de liberdade. Os recursos simbólicos e os reguladores afetivos favorecem continuidade e consistência da experiência no contexto institucional APAC e uma ressignificação da trajetória de vida. O *Self* se constrói pela elaboração das antinomias e ressignificação das vivências pessoais a partir das trajetórias de ação e da dialogicidade nos processos de regulação afetivo-cognitiva disponível no contexto institucional APAC.

Aspectos expressivos e ações simbólicas também emergem neste processo de reposicionamentos do *Self*, como transformar a história de vida em arte (teatro, canto, artesanato); em penitência (ritos e práticas religiosas cristalizadas ao longo da sociogênese das prisões no contexto ocidental e na origem da APAC); em qualificação profissional descrita como uma estratégia para utilização do tempo cronológico destinado ao cumprimento da pena; em estudo como estratégia de inclusão social; ou em resgate de vínculo familiar descrito, muitas vezes, como o motivo de se manter vinculado ao sistema APAC sem evasões e fugas. A autonomia relativa dada a pessoa que cumpre pena no método APAC conflita com a heteronomia que existe nos sistemas prisionais, ainda que não convencionais como na Instituição APAC.

Uma pessoa do regime fechado que escreve reflexões e poemas me entregou dois textos de sua autoria, sendo um deles escrito no período em que estava no presídio e o outro escrito sobre a Instituição APAC. Estes dois textos exemplificam a tênue relação entre a experiência no sistema prisional convencional e a experiência de cumprimento de pena no método APAC. Obtive autorização desta pessoa, para incluir seus textos na presente tese, conforme a seguir:

Texto 1:

O dia de um pensamento

“Quiseram roubar meu chão, tentaram furtar meus sonhos e fraudar minha alegria. Procuraram presentear-me apenas com a escuridão. Os anos que já se passaram levaram consigo o fio de lembranças que ainda restava. Pude sentir de tal forma que o incômodo das lágrimas que aconchegava a insônia, e degustei a avareza do ódio por toda a madrugada. Meu sangue incendiava em minhas veias. Naufraguei nos meus mais fatais pensamentos. O silêncio fez-se de meu amigo, minha mente fez-se vencida, mas meu coração ainda luta. Minha alma agoniada clamava em prantos pela luz que estava adormecida em mim. Faltava a ponte que me fazia enxergar o horizonte. Não pude mais sentir a leveza do céu sobre minha cabeça, perdi o faro que me permitia sentir a essência das flores. Saiu da memória como se estende um pé adiante ao outro. Minha existência desfazia-se como qualquer objeto em brasa. O sossego do espírito se ausentava e a tristeza me dominava”. A.R. (sic)

[presídio estadual, 15/11/2013]

Esse primeiro texto retrata a revolta, a insônia, o desejo de vingança, a solidão no cárcere, a dificuldade para seguir em frente e uma melancolia e humor rebaixado de quem está privado de liberdade e do convívio com outras pessoas. O segundo texto produzido pela mesma pessoa, membro do regime fechado, dois anos após a redação do primeiro texto, e estando na APAC, refere-se aos desejos de transformar momentos ruins em coisas surpreendentes que mostrem o valor da pessoa.

Texto 2

O momento

“A cada dia as coisas se tornam mais diferente porque encontramos dentro de nós momentos inesquecíveis e ao mesmo tempo muito importante... Porque sabemos que em todos os sentidos nos tornamos admirados por sermos pessoas diferente. No entanto, precisamos ser fortes para superar tudo aquilo que nos impede de transformar o amargo da vida em algo doce. Tratando de forma momentos ruins em coisa surpreendente que mostre o valor de cada um. Por isso, vejo cada um que vive entorno de mim criando diferentes formas para, estando juntos, possamos viver momentos inigualáveis. A cada tempo, os sentidos tornam tudo possível para aqueles que acredita em si mesmo”. A. R. (sic)

[APAC, 20/11/2015]

A frase “a cada momento, os sentidos tornam tudo possível” me remeteu a busca por soluções dos conflitos intrapessoais perante a possibilidade de se cumprir pena com dignidade e relativa autonomia conflitando com a prisão enquanto humilhação decorrente de discursos autoritários. No processo dialógico, transformar o amargo em doce e criar formas para o viver em coletividade, dentro e fora da

Instituição, e oportunizar a vivência de momentos inigualáveis diz de ações simbólicas como práticas integrativas da experiência institucionalizada ao *Self*.

Produzir artesanato e expor este artesanato é uma saída para demonstrar sua valia em detrimento ao processo de reclusão; estar preso, mas possuir valores e potenciais; querer viver esses momentos de transformação da exclusão em inclusão quando expõem os produtos de artesanatos nas feiras e eventos; quando vendem esses produtos, adicionando um valor financeiro para a renda familiar; quando escrevem poemas; montam um coral; visitam Igrejas e outras Instituições para realizar apresentações artísticas. É um novo curso de ação que reconstrói o amargo em algo de sabor mais doce, produzir modos de estar juntos menos conflituos, produzir liberdade na reclusão, produzir autonomia nos processos carregados de heteronomia. Também nesse sentido, verifiquei alguns rituais criativos realizadas pelas pessoas em cumprimento de pena, conforme descreverei a seguir.

3.4 O SELF E AS MÚLTIPLAS PERSPECTIVAS INSTITUCIONAIS EM DIÁLOGO NO CONTEXTO DA EXECUÇÃO PENAL APAC

Tomando como ponto de partida a noção de Multiplicação Dialógica para análise dialógica interpretativa das informações obtidas com a pesquisa, proponho um diagrama que contempla as diversas perspectivas em diálogo que se apresentam para a pessoa em sua experiência institucionalizada durante o cumprimento da pena em interlocução com os demais membros institucionais, bem como a emergência do *Self* nesse contexto.

Ressalto que a complexidade das relações interpessoais que são no contexto institucional APAC não se esgotam nesse diagrama, mas este visa favorecer uma sistematização desse campo relacional institucional e como as tensões nessas relações interpessoais surgem e se apresentam para o *Self* nesse contexto. Discutirei como as várias tensões dialógicas emergem para o *Self* tanto nas dimensões macro como microssociais, em diferentes níveis de análise, e como o *Self* lida com essas

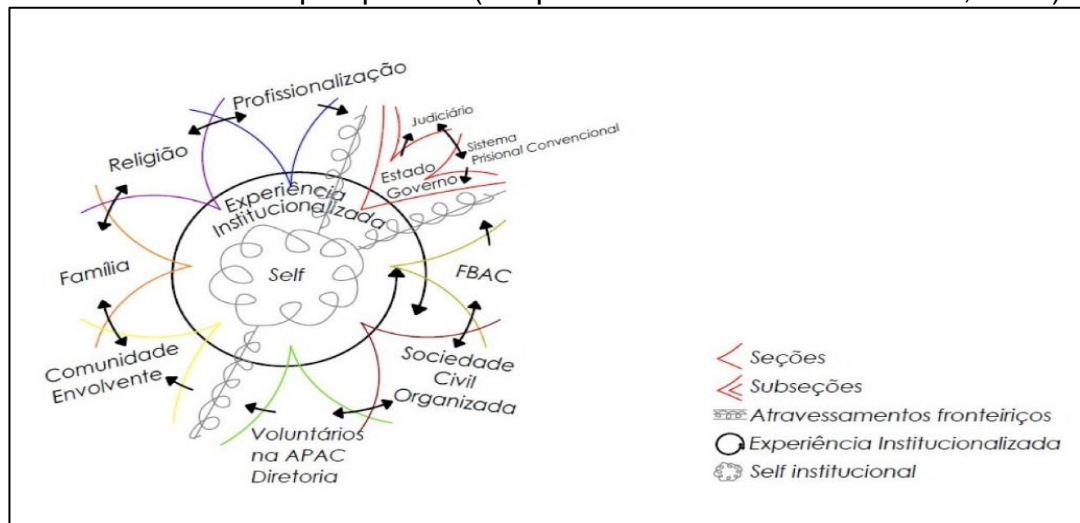
tensões. Ao término deste tópico, trarei a discussão sobre a possibilidade de um *Self* Institucional que emerge da relação institucional, da tentativa de resolução e integração destes tensionamentos e instabilidades, em um processo dialógico de construção de subjetividade com as demais pessoas que compreendem as relações eu-outro-Instituição APAC. Tomo a iniciativa de inserir a Instituição APAC na diáde eu-outro como tentativa de abordar as questões institucionais enquanto constitutivas do *Self* em um contexto socio-histórico particular da execução penal e na temporalidade do fluxo da experiência.

Cada seção do diagrama (figura 3), representa uma perspectiva sociocultural que permeia a experiência de cumprimento de pena para a pessoa e, ou seja, a construção cultural do *Self* a partir da vivência institucionalizada. À direita estão as pessoas que representam o Estado, enquanto governo de Minas Gerais, que investem e mantém a Instituição APAC como política pública no Estado mineiro, em interface com o agentes públicos do Judiciário (órgão responsável pela aplicabilidade e cumprimento das penas através das Varas de Execução Penal deste e de outros estados brasileiros que contemplam a metodologia), enquanto uma subseção do Governo do Estado assim como o sistema prisional convencional a ele submisso. As setas de dupla direção indicam o quanto esses órgãos (Estado, Judiciário e Sistema Prisional Convencional), por meio de seus representantes, mantêm uma atuação conjunta e interdependente.

Também nessa lateral do diagrama, inseri a FBAC enquanto um órgão fiscalizador das unidades APAC em todo o Brasil (formada por representantes do poder público, membros de ONG's e egressos do sistema prisional APAC) que media as negociações com o poder público local em cada Comarca e com a sociedade civil organizada.

A sociedade civil organizada solicita a existência de uma Instituição APAC via audiência pública e dela emerge no mínimo uma chapa contemplando cerca de 15 a 20 pessoas que tenham interesse em participar da APAC como diretoria, secretários e Conselho deliberativo da Instituição. Para mediar as negociações e trocas dialógicas entre os membros institucionais quanto a emergência de novas unidades do método APAC e permanência do mesmo na Comarca local é preciso lidar com fronteiras (cf. Boesch, 1991) permeáveis que permitem um ir e vir entre as perspectivas, identificadas no diagrama como uma linha reta cercada de ondulações e que conectam o *Self* aos aspectos interpessoais vivenciados no âmbito extra-instituição.

Figura 3 - As pessoas em cumprimento de pena e suas interlocuções com os demais membros institucionais em perspectiva (adaptada de Achatz & Guimarães, 2016)



Adaptada de Achatz & Guimarães, 2016. Baseada nos dados da pesquisa.

As pessoas que representam a FBAC em conjunto com as pessoas da sociedade civil organizada precisam articular-se com a diretoria voluntária da Instituição para negociar com as pessoas representantes da comunidade envolvente (geralmente moradores representantes de Associações de Bairros e Organizações Não-Governamentais do município) a existência da APAC, uma nova fronteira que se coloca entre voluntariado e comunidade envolvente.

As pessoas da comunidade envolvente localizadas no entorno da unidade prisional APAC, a família, representantes das religiões que prestarão assistência aos participantes da APAC e os líderes das oficinas e processos educacionais e de profissionalização encontram-se situados na outra margem do diagrama, e se constituem como norteadores do método APAC, que se interconectam com todas as outras pessoas por meio de fronteiras, haja vista que a família está inserida na sociedade civil e na comunidade envolvente, nas quais se inclui em relações concretas normatizadas por um Estado, enquanto governo, e pela justiça penal, que, por sua vez, se interpelam aos sistemas prisionais que dão origem ao método APAC.

Nem as perspectivas da lateral direita, nem as perspectivas da lateral esquerda estão separadas *a priori*, mas coparticipam de todas relações concretas que viabilizam as negociações intra e intersubjetivas para a pessoa que cumpre pena. O diagrama circular favorece a visualização desse dispositivo que permite o trânsito e as trocas dialógicas, bem como tensões intra e interpsicológicas para ambas as dimensões de

análise na vida institucionalizada a partir das perspectivas em diálogo. Essas dimensões viabilizam processos recursivos no fluxo da temporalidade, portanto, podem se alternar, bem como interpelar uns aos outros e promover mudanças ou estabilidade nos processos administrativos que regulam a vida institucionalizada, uma vez que a temporalidade se faz presente no desenvolvimento humano (cf. Valsiner, 2007a) a partir da experiência singular da pessoa, que carrega significados que articulam passado, presente e futuro. A separação, portanto, em categorias, no presente diagrama, é mais ilustrativa e didática do que para fins de segregação entre tais perspectivas em relação.

As seções que se referem à família e à profissionalização são setas que sugerem dupla afetação, haja vista que são dois pilares da execução penal APAC no que se refere a favorecer a inserção social¹⁰ das pessoas egressas desse sistema prisional, e uma dimensão potencializa ou dificulta a outra, o vínculo familiar pode favorecer o reingresso em atuações profissionais, e a profissionalização pode favorecer a manutenção financeira dessa família após retorno à sociedade e suspensão do benefício de auxílio reclusão aos seus dependentes, benefício concedido a pessoas que trabalhavam com carteira assinada antes do efeito da prisão.

Sobre o sistema convencional de execução penal, este foi descrito como uma perspectiva distinta, porém vinculada ao Judiciário. Entretanto, uma vez que no método APAC há somente pessoas julgadas e condenadas, obviamente as pessoas que já cumpriram pena no presídio convencional e podem retornar a ele se assim desejarem para o término do cumprimento da pena, ou se, estando na Instituição APAC, cometerem faltas disciplinares graves que provocam regressão ao sistema convencional. Além disso, esse sistema mantém fortes tensões dialógicas de relação com o sistema APAC dada a divergência metodológica quanto a ausência de agentes armados e policiais, mas que se relaciona a ele, uma vez que a pessoa traz uma experiência preliminar com o sistema prisional convencional antes de adentrar à APAC. Dada a fragilidade das relações estabelecidas entre esses dois métodos de execução penal, os sistema convencional está descrito como subseção do Estado/governo, uma vez que é preciso estar preso no sistema convencional para

¹⁰ A partir dos dados desta pesquisa não posso afirmar que seja reinserção social, haja vista que se tratam de pessoas excluídas da sociedade, conforme dados apresentados na introdução da presente tese.

adentrar o sistema penal APAC, mas este, por sua vez, constitui um novo campo de tensões, uma vez que promove rupturas nos processos de cumprimento das medidas privativas de liberdade ao permitir uma relativa autonomia e participação ativa das pessoas que cumprem pena na administração dos processos e atividades institucionais, incluindo-se a segurança.

Ao centro do diagrama encontra-se um campo nebuloso de trocas afetivas¹¹ que se dão entre essas diferentes posições na experiência institucionalizada que emerge para o *Self* no método APAC, representando as zonas de significados indeterminados, em disputa, nas quais os contextos extraverbais não são compartilhados. Esse campo nebuloso de afetação favorece as trocas dialógicas, a criatividade, mas também fomenta as tensões dialógicas e angústias na busca por negociações de sentido, construções simbólicas e decisões concretas no âmbito relacional, pois se caracteriza como um emaranhado de possibilidades não compartilhadas, a partir do qual se busca um diálogo no campo institucional de execução penal, favorecendo a emergência do *Self* da pessoa que cumpre pena.

A princípio, podemos compreender que o *Self* estaria sufocado nesse emaranhado de discursos e que se houver discurso autoritário entre as Instituições de poder não há dialogicidade, mas essas múltiplas perspectivas não são, a princípio, pontos de vista diferentes acerca de um mesmo fenômeno, mas, para além de divergências de posição, são vivências de mundos diferentes e de diferentes ritmos e fluxos de pensamentos e sentimentos. Acolher a essas angústias, tensões e inquietações potencializa ao *Self* da pessoa à uma produção de sentidos, a construção de novos conhecimentos, a emergência de novidade na elaboração simbólica da experiência institucionalizada e a produção de recursos semióticos que guiem a futuridade (cf. Valsiner, 2007a) para o *Self*. A experiência institucionalizada se apresenta como um sistema aberto, uma coautoria a partir das várias perspectivas socioculturais acerca do cumprimento de pena, aspectos presentes na cultura coletiva e cultura individual da pessoa. Esta coautoria se configura no diagrama a partir de setas circulares abertas ao infinito e que circundam os processos de subjetivação da pessoa, ou seja, que favorecem um *Self*.

¹¹ O campo nebuloso diz respeito ao fluxo afetivo pré-semiótico da experiência na fronteira do *Self*, outro e do mundo (Valsiner, 2007a).

Aprofundarei, mais adiante (página 128), as contribuições de Moore, Jasper e Gillespie (2011) para compreensão dos aspectos institucionais no *Self*, considerando que as pessoas podem ficar presas entre dois enquadramentos simultâneos (a partir da figura 3, entende-se como dois ou mais seções do diagrama), o que resulta em um discurso dialógico, conforme salientam esses autores, a exemplo do imigrante que se vê preso entre dois enquadramentos, a cultura do país de origem e do país anfitrião, mas que essa tensão canaliza a busca por soluções dialógicas. Então, não haveria um *Self* engolido por um enquadramento, mas ocupando dois ou mais enquadramentos simultaneamente, garantindo-se a dialogicidade nos processos institucionais, sem configurar uma nulidade das trocas dialógicas. Esses enquadramentos diferentes e simultâneos podem favorecer dilemas, que são essencialmente dialógicos e se colocam na interseção entre cognição e vida social (Moore, Jasper & Gillespie, 2011).

Estas diversas perspectivas apontadas no diagrama acima apresentam posições diversas quanto à execução da pena privativa de liberdade, fomentando tensões nas relações concretas entre as pessoas que representam esses dispositivos e Instituições e que afetam as relações diárias entre as pessoas no método APAC, conforme aprofundarei a seguir para cada perspectiva sociocultural.

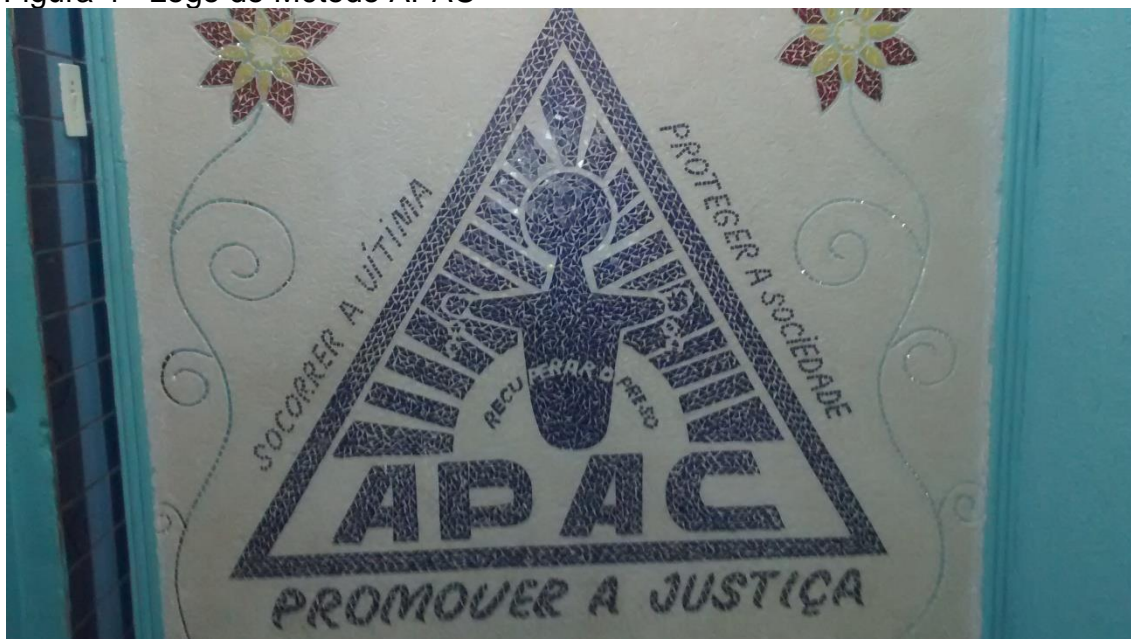
A partir do enunciado das entrevistas e dos dados extraverbais da pesquisa, constatei que o governo do **Estado** de Minas Gerais, a partir da implantação do método APAC como política pública, incentiva as expansões das unidades das APAC's como forma de redução de custos para o mesmo, como tentativa de redução da reincidência ao crime e uma estratégia para as superlotações dos presídios do Estado ('o preso como um custo'). Ao entrevistar a juíza na Vara de Execução Penal da Comarca que sediou o estudo de caso, esta relatou admiração e respeito pelo trabalho realizado pela Instituição APAC, declarou apoiar a iniciativa, mas também descreveu que o Estado, enquanto governo estadual, transfere a responsabilidade quanto ao cumprimento de pena e ressocialização das pessoas para a sociedade. Também emergiu na narrativa da juíza que o Estado de Minas Gerais sugere aos Tribunais de Justiça o aumento do número de vagas nas APAC's, mas que é preciso melhorar as condições de segurança para atingir essa meta. Conforme sua narrativa, este, por sua vez, pressiona o **Tribunal de Justiça** para aumentar o número de vagas na metodologia APAC, o Tribunal de Justiça cobra dos Juízes das Varas Criminais uma liberação destas vagas e um incentivo à metodologia, entretanto, algumas

Comarcas em que a metodologia APAC encontra-se em fase inicial de implantação e com espaço físico reduzido ou insuficiente para abrigar um maior número de pessoas, consideram que seria imprudente aumentar as vagas sem espaço adequado para expandir as atividades profissionalizantes no regime semiaberto e laborterapêuticas no regime fechado, favorecendo prejuízos à própria metodologia.

Durante a visita na unidade masculina de referência, soube pelo membro do regime fechado, relações públicas da Instituição, que há a prática do uso de algemas nas escoltas por determinação do juiz da vara de execuções da Comarca, mas que a Instituição determinou que elas podem “quebrar suas algemas”, tal como pressupõe o método (conforme figura 4, abaixo) a partir da disciplina, ao manter inexistência de infrações médias e graves e ao aderir às propostas de estudo propostas pela Instituição, e, assim, adquirir o “merecimento” para o benefício de sair em escoltas sem algemas, um prêmio por bom comportamento. Segundo ele, as pessoas buscam quebrar suas algemas, ao evitar situações de constrangimento com a sociedade durante os atendimentos realizados fora da Instituição. Surge uma contradição a partir das interferências do sistema de justiça no método APAC, pois se o método não pressupõe uso de algemas internamente e armas de fogo, porque precisaria de algemas para as escoltas? Para responder a uma demanda colocada pela própria sociedade e poder judiciário? Um resgate de práticas do sistema convencional? E qual o papel da pessoa em cumprimento de pena nesse sentido? Cabe a ela merecer o benefício? A culpabilização reaparece para aqueles que, cometendo faltas médias e graves, perdem o benefício da escolta sem algemas.

O logo do método APAC, conforme figura acima, simboliza uma relação triádica formada pela Justiça e Poder Público, a sociedade/comunidade envolvente e a assistência a vítima (à medida em que objetiva reduzir a criminalidade), na qual a pessoa que cumpre pena ocupa o ponto central dessa tríade (representada pela figura humana), pressupondo a necessidade de uma recuperação para essa pessoa, uma transformação e uma inserção social desta. Podemos observar que nas mãos da pessoa estão algemas abertas e abaixo a Instituição APAC como mediadora do processo de quebra de algemas e dos processos estigmatizantes da pessoa que cumpre pena. Entretanto, a culpabilização pode se fazer presente se a pessoa não conseguir quebrar as algemas, no caso específico desta unidade visitada.

Figura 4 - Logo do Método APAC



Fonte: Dados da Pesquisa.

A metodologia APAC de cumprimento de pena privativa de liberdade emerge, a partir dos dados da pesquisa, como um mediador destas possibilidades de negociação de sentidos enquanto estratégia de política de segurança pública, constituindo-se uma vertente instituinte, mas os atravessamentos institucionais guiados pelo Tribunal de Justiça e pela sociedade envolvente ou Governo do Estado ao determinar o uso de escoltas armadas e algemas configura uma tentativa de resgate de práticas de exclusão, uma vertente instituída.

Emergiram também nos enunciados dos entrevistados e nos dados extraverbais da pesquisa, conflitos entre estas instâncias e pessoas a partir de diferentes interesses, e, para contemplar mais unidades ou mais vagas, as Comarcas precisam lidar com a pressão da **comunidade envolvente** e toda **sociedade civil** para garantir a segurança das APAC's, evitar evasões ou fugas durante as escoltas, o que favorece aos juízes a tomada de decisão de exigir o uso de algemas durante as escoltas não armadas e uso de muros mais altos com cercas elétricas em todos os pátios do semiaberto. Essas decisões afetam diretamente a pessoa que cumpre pena nesse método e, alteram as relações interpessoais, consequentemente, que são estabelecidas dentro deste contexto institucional. Portanto, entendo que essas perspectivas se tornam presentes na relação estabelecida entre pessoa em cumprimento de pena e demais membros institucionais.

Os membros da **FBAC** entrevistados relataram buscar uma mediação dessas relações políticas e institucionais com o intuito de manter o método como política pública, mas negocia seus princípios e objetivos frente à execução penal, como, por exemplo, ao manter escoltas sem algemas, não utilizar uniformes vexatórios, não fazer revistas constrangedoras, mas precisa flexibilizar algumas decisões para manter a metodologia aprovada no Tribunal de Justiça e sua consequente subvenção. Para além de relações discursivas, são relações concretas entre pessoas que representam estas instâncias, e a qualidade destas relações torna-se necessária para permanência da metodologia na Comarca local, assim como se torna necessário um vínculo de confiança estabelecido com a comunidade envolvente, uma vez que se trata de uma Associação formada por pessoas da comunidade que dispõem a assumir funções voluntárias na mesma (dados da própria pesquisa).

A FBAC, a partir de seus representantes, conforme relatado, assume o papel de acolher essas negociações institucionais, na busca por promoção de negociações de sentido para a experiência compartilhada no âmbito da execução penal APAC em suas particularidades no cotidiano institucional. Constatei que esses representantes buscam uma coparticipação com a comunidade que sedia a APAC e as pessoas em cumprimento de pena, sem ceder ao discurso autoritário do Judiciário ou do Estado, mas buscando um compartilhamento de sentidos, ainda que mínimo, que permita trocas dialógicas entre os membros institucionais e mantenha a Instituição APAC como uma subversão ao sistema penal convencional, conforme narrativa dos membros da FBAC. Verifiquei que estes membros institucionais da FBAC buscam a emergência da intersubjetividade, do ponto de vista psicológico, tentam favorecer a manutenção de uma relativa autonomia à pessoa que cumpre pena e promover outras dinâmicas de poder que seguem um caminho ético e dialógico singular.

Embora haja maior autonomia para a pessoa que cumpre pena no Método APAC em relação ao que oferece o sistema prisional convencional, sem a adesão da **sociedade civil organizada**, a permanência da APAC na Comarca é inviabilizada. Desse modo, as unidades da APAC repassam as pressões para as pessoas que ali cumprem pena, ao exigir uso de algemas nas saídas e cumprir com as determinações da Justiça, bem como ao inserir detector de metais no dia de visita (na entrada e saída dos visitantes), e utilizar muros mais altos e cercas elétricas. Algumas pessoas em cumprimento de pena afirmam que tais medidas demonstram uma quebra de vínculo de confiança com elas, principalmente na unidade em que ocorreu o estudo de caso.

A Diretoria e os funcionários desta unidade percebem essas situações como fontes de conflitos, mas não tem plena autonomia para alterá-las e, a pessoa que cumpre a pena, por vezes (conforme narrado nas entrevistas com os funcionários, pessoas que cumprem pena e membros da diretoria), atribui essas mudanças a iniciativas dos próprios funcionários da unidade, principalmente encarregados de segurança e diretoria, afetando também as relações interpessoais cotidianas dentro da Instituição. As pessoas representantes da sociedade civil podem implicar-se com a constituição e manutenção da Instituição APAC, conforme prevê o método, mas podem solicitar o seu fechamento, caso mantenha visões preconceituosas, histórica e culturalmente construídas acerca da pessoa que cumpre pena.

Cabe destacar também que, conforme narrado pelo membro da FBAC, muitas unidades da APAC se instalaram em espaços que outrora eram utilizados como penitenciárias e, por isso, herdaram esse processo de exclusão em termos históricos, ao se localizarem distantes dos grandes centros urbanos e em locais destinados a recolher detritos, realizar coleta seletiva e aterrar entulhos e resíduos humanos (conforme figura 5, abaixo). A unidade que sedia o estudo de caso possuía um terreno utilizado para descarte de lixo orgânico e coleta seletiva, fora da zona urbana, posteriormente entregue pela prefeitura ao poder público para sediar um centro de recuperação para adolescentes em conflito com a lei (Fundação Casa), e, mais tarde, foi doado para a APAC, compartilhando uma lateral dos muros com a zona urbana, que lhe atingiu nos últimos anos com o crescimento populacional e o surgimento de novos bairros. Embora a metodologia prevê o retorno das unidades para o centro das cidades, como estratégia de inclusão social das pessoas que cumprem pena, algumas ainda permanecem em locais afastados por se constituírem em terrenos cedidos pelo poder público.

Figura 5 - Fábrica de blocos do regime semiaberto intramuros mostrando a tela que separa a APAC do aterro sanitário



Fonte: Dados da Pesquisa.

Além destas tensões interpessoais e dialógicas no contexto macrossocial da execução penal APAC, surgem outras: **as pessoas do Sistema Convencional de Execução Penal** também apresentam um ponto de vista (conforme descrito por pessoas que cumprem pena no método APAC) acerca da pessoa que cumpriu pena na APAC, como alguém que não irá proteger outra que cumpre pena no presídio, pois o método a incentiva a delatar os próprios colegas de regime e romper com vínculos pré-existentes com organizações e facções criminosas, então, durante as saídas temporárias das pessoas que cumprem pena no método APAC, estas relatam evitar contato com aquelas que estão no sistema convencional para evitar confrontos, bem como permeia o medo de regressar para o método convencional e não ser bem recebido pelos colegas de cela. Além de evitarem confrontos com polícia civil e militar durante as saídas temporárias permitidas ao regime semiaberto, também relataram evitar contato com os egressos ou aqueles que estejam de saída temporária do sistema convencional/presídio. Isso foi relatado por pessoas das três unidades visitadas durante a pesquisa. Como exemplo, em 05 de setembro de 2016, ao visitar uma unidade de referência para o método APAC, unidade masculina, ao conversar sobre a reinserção das pessoas que cumpriram pena no método APAC na comunidade local com um membro do regime semiaberto, este narrou que a sociedade adere bem ao método APAC, porque várias empresas empregam os

egressos e que o Tribunal de Justiça local acredita e respeita a proposta da APAC, mas que se o egresso do método APAC reincidir ele não voltará para a APAC facilmente, ficando como último na fila de solicitações, e que dentro do sistema prisional convencional o egresso da APAC não é bem-vindo, pois as pessoas em privação de liberdade nesse método têm a compreensão de que aquele que cumpriu pena na APAC é inimigo dos outros, ao delatar o próprio colega de regime, tal como pressupõe o método, e que eles têm conhecimento dessas práticas: *“A gente já sabe, se cair em reincidência, esquece! O sistema comum não te trata bem não, é mais um motivo para não cair em reincidência lá fora”*.

Os membros das **religiões que prestam assistência à APAC**, em especial as religiões cristãs - católica e evangélica, também se colocam no diagrama como um dos 12 elementos básicos que direcionam a Instituição desde a sua fundação pela Pastoral Carcerária e Movimento Cursilista, doze balizas que norteiam e canalizam as relações interpessoais e institucionais nesse contexto de cumprimento de pena, constituindo-se a trajetória da própria Instituição em um processo sociocultural de construção dos sistemas penais e seus aspectos ontogenéticos. A religião permeia e fomenta tensões dialógicas para os integrantes do método APAC, pois a assistência espiritual, embora prevista na Lei de Execução Penal (LEP), traz conflitos para as relações interpessoais, dado que são várias religiões que prestam assistência aos mesmos e, as unidades com poucas pessoas em cumprimento de pena relatam que participam de todas as atividades de valorização humana, independentemente de qual religião ele participe efetivamente, como forma de respeitar o voluntário que está visitando-os naquela ocasião, e garantir quórum para as atividades. Uma frase a esse respeito me fez refletir sobre o conflito nesse contexto de vida institucionalizada entre posição pessoal (não ter religião) e posição institucional (o ‘dever’ de participar enquanto pessoa que cumpre pena nesta Instituição e como respeito à pessoa que vai visitá-los na APAC) que se coloca presente na narrativa: *“A gente não vai de coração não, a gente vai obrigado!”*. Ao observar o calendário de atividades de valorização humana previstas para os regimes fechado e semiaberto, percebi que, na ocasião eram cinco igrejas diferentes que prestavam apoio espiritual à APAC: Igreja Católica (uma missa mensal; terço dos homens semanal); Igreja Presbiteriana Renovada (encontro de jovens, uma vez por semana); Igreja do Evangelho Quadrangular (estudo bíblico quinzenal); Igreja Adventista do Sétimo Dia (encontros semanais) e Espiritismo Kardecista (reuniões semanais). Alguns dos voluntários que

realizam essas atividades religiosas para a APAC também participavam na ocasião do Conselho Deliberativo, que participa da tomada de decisões na Instituição. As pessoas que cumprem pena não têm obrigação de participar dos dogmas específicos de cada Igreja, conforme narrado por eles, mas descrevem que precisam participar ao menos de uma religião e respeitar as atividades e reflexões das demais, conforme também mencionado por um dos inspetores de segurança do método APAC. Outras pessoas relataram nesse mesmo dia que a religião lhes auxilia a encontrar sentido para a vida e para a própria pena em execução, bem como reconstruir expectativas de futuro e resgate de convívio familiar. Entretanto, posição pessoal e posição institucional podem conflitar-se nesse contexto, tal como narrado pela pessoa do regime fechado ao questionar essas perspectivas religiosas diversas.

Como se trata de uma Associação, a APAC precisa se manter aberta para parcerias com qualquer ONG ou Instituição religiosa que queira se voluntariar, desde que tenha pessoas na Instituição APAC que apresentem tal crença. Tomo aqui a religião como um mediador semiótico (Valsiner, 2012a) no contexto institucional APAC. Os mediadores semióticos são ferramentas utilizadas pelas instituições sociais enquanto armadilhas semióticas presentes nas atividades institucionais como o uso de vestimentas semelhantes, danças, ritos e outras atitudes compartilhadas entre as pessoas, ações controladas por metas e que regulam as funções psicológicas humanas (Valsiner, 2012a). Porém, a religião também participa do processo de cognição da realidade da pessoa que cumpre pena pelos processos perceptivos e imaginativos, ao conceder um sentido para essa pessoa na compreensão simbólica da experiência institucionalizada.

A religião diz pode ser compreendida como um sistema simbólico (Marková & Gillespie, 2012) nas relações eu-outro-mundo. James (1995) na obra “Variedades da experiência religiosa” discute a realidade do invisível a partir das experiências religiosas das pessoas, e afirma que os objetos religiosos, ainda que os mais concretos, encontram-se carregados de objetos abstratos que se mostram com um poder igual aos objetos concretos. A partir deste aspecto discutido por James (1995) resgato que a Instituição APAC, em sua logo (conforme figura 4, página 103) traz a figura de uma pessoa de braços abertos e sem algemas no centro da tríade sociedade - justiça - e prestação de socorro à vítima, que em minha interpretação, a partir dos dados empíricos e de minhas experiências extraverbais com a APAC, foi construída ao longo da história desta Instituição e, em parte, semelhante à uma cruz, símbolo

religioso das igrejas cristãs (em especial, da Igreja Católica), a qual é endereçada uma atribuição de sentido de conversão, transformação do sofrimento experimentado na cruz em misericórdia, conforme consta no catecismo (livro de formação), ou seja, uma logo que se configura a partir de objetos concretos, porém carregados de sentidos religiosos e espirituais para as pessoas, a partir de um percurso histórico-cultural das religiões cristãs brasileiras. Entretanto, verificamos que na logo não há uma cruz, a pessoa não está suspensa na cruz e suas algemas estão abertas, como atribuição de significado de subversão aos sistemas punitivos e uma tentativa de inserção da pessoa na comunidade envolvente.

Adicionalmente, a partir de Boesch (1984), entendo que os esquemas afetivos que emergem da experiência das pessoas durante a pena se relacionam à apreensão desses simbolismos das imagens presentes no contexto institucional APAC e na cultura judaico-cristã que também permeia a construção das penalizações no contexto ocidental. Boesch (1984) construiu uma teoria que aponta para o entendimento que toda ação humana se estrutura a partir de imagens simbólicas que surgem a partir de sínteses estéticas da experiência da pessoa e que os esquemas afetivos se relacionam às simbologias presentes na cultura.

A religião emergiu nas narrativas ora como atribuição de sentido para a vida ora como uma invasão da privacidade, o que configura uma antinomia para o *Self*. Verifiquei que embora a APAC, não se configure uma Instituição Religiosa, sendo destituída de vinculação direta a quaisquer religiões, configura-se como uma política pública e uma abordagem de internação coletiva para uma execução penal alternativa. Assim sendo, a assistência religiosa está prevista no inciso VII, artigo V da Constituição Federal de 1988 como um dever para tais Instituições: “É assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva”, e especificamente na Lei de Execução Penal (artigo 24). Entretanto, verifiquei que a prática religiosa pode configurar-se como algo invasivo ao *Self*, a depender de como é estabelecida na relação com a pessoa que cumpre pena, por exemplo, quando a pessoa não se identifica com a proposta de apoio religioso e espiritual que lhe é oferecida ou quando diferentes preceitos religiosos tomam parte em um mesmo convívio. E o *Self* da pessoa que cumpre pena precisa integrar essa experiência em sua subjetividade a partir da tentativa de resolução desse conflito: a religião como atribuição de sentido para a vida x a religião como uma invasão da privacidade. Recorro a noção de *Self* espiritual de James (1890/1990) entendido como

uma dimensão subjetiva do homem, que inclui suas disposições psíquicas e suas construções de sentido. Penso que a religião pode promover experiências singulares de espiritualidade ao crente que cumpre pena, bem como a outras pessoas que não possuindo uma profissão de fé específica, mas sendo espiritualizadas, atribuem sentidos espirituais para o processo de cumprir pena. Tomo como exemplo, uma pessoa do regime fechado que atribuía ao seu tempo de pena o sentido de um período necessário para o resgate de vínculo com Deus e uma oportunidade de conversão para ele e os familiares, e a prisão emergiu em sua fala como uma proteção divina, uma vez que traficantes o perseguiram na ocasião, e que poderiam ter-lhe tirado a vida, caso não tivesse sido preso. Percebo na narrativa desta pessoa a espiritualidade como recurso simbólico para atribuir sentido ao estar preso e transformar em uma bênção divina o que poderia ser entendido como uma desgraça, a perda da liberdade de ir e vir, de relacionar-se em sociedade.

Verifiquei que as **atividades profissionalizantes** oferecidas pela APAC fomentam tensões nas relações interpessoais, pois nem todas as pessoas querem participar destas atividades, mas é uma exigência do método a participação nas atividades laborterapêuticas e profissionalizantes. Alguns descreveram estas como oportunidades de serem inseridos ou reinseridos no mercado de trabalho e, outras pessoas verbalizaram não ter interesse em participar das atividades de ensino profissionalizante, ensino supletivo ou superior. Se a participação nas atividades laborais é requisito para obtenção da remição de pena (a cada três dias de trabalho, um dia a menos de pena a cumprir), e nem todos participam, há conflitos também entre eles quanto a isso. Por outro lado, também há uma atribuição de sentidos ao trabalho como forma de 'enfrentar o ócio' dentro do sistema prisional, 'ocupar a mente', 'passar o tempo' e 'se profissionalizar para o mercado de trabalho', e como uma atribuição de sentidos para o cumprir pena. A profissionalização emerge como um processo que se relaciona com os processos constitutivos do *Self* ao favorecer o resgate de vínculo de confiança com a família e a autoestima da pessoa que cumpre pena. Obter uma capacitação profissional emerge como um valor, não apenas como possibilidade de manutenção financeira futura da família, mas também como uma forma de mostrar as potencialidades da pessoa para si mesma. O trabalho se apresenta em um campo de tensões dialógicas acerca da oportunidade para remição de pena e profissionalização x o trabalho entendido como um castigo.

A **família** da pessoa que cumpre pena, por sua vez, também pode oferecer uma fonte de tensões interpessoais para ela, conforme constatei nos dados empíricos. Embora o método APAC priorize o cumprimento de pena próximo do núcleo familiar, nem sempre isso é possível devido a não existência de unidades desta Instituição em todo o país, bem como pelos vínculos familiares rompidos durante o cumprimento de pena no método convencional. Em outras ocasiões, a pessoa que cumpre pena omite para a família que está presa, temendo não ser aceita ou provocar desestabilizações na saúde de algum membro familiar adoecido, bem como pode decidir pelo afastamento como tentativa de evitar futuras frustrações a partir de novos relacionamentos afetivos rompidos durante esse período. Além disso, conforme enunciado das pessoas entrevistadas, membros da diretoria da Instituição, pessoas em cumprimento de pena e pessoas da própria família da pessoa condenada, que os membros familiares podem apresentar características que incomodem a própria pessoa, como uso de álcool e drogas, permanência no envolvimento com o crime, ao fortalecer relações interpessoais conflitivas e fatores de risco ao crime (dados da pesquisa). Entretanto, o fortalecimento de vínculo afetivo-familiar é um objetivo da metodologia APAC, uma vez que “quanto mais frágeis os vínculos e os cuidados que a rede da solidariedade familiar oferece, tanto menores são as chances de integração social para os seus membros” (Petrini, 2003, p.43). Se há um enfraquecimento de vínculo com a família durante o cumprimento de pena no sistema convencional, o método APAC busca resgatar esse vínculo por meio das visitas não vexatórias, confraternizações e possibilidade da visita para familiares de segundo grau, desde que comprovado vínculo familiar, acesso permitido para animais de estimação e comemoração de aniversário com os familiares durante as visitas. Um campo de tensões dialógicas e interpessoais se mantém e pode promover mudanças no curso da ação das pessoas. Se o trabalho da Instituição em si não garante a ressocialização, a família tem um papel mediador nesse processo, além de favorecer a autoestima, a confiança e incentivo para a pessoa reconstruir sua vida pessoal e profissionalmente.

Resgatando a narrativa da mãe de uma pessoa que cumpre pena, esta me relatou que não conseguia dormir quando o filho estava cumprindo pena no presídio:

“Eu sempre tive medo que meus filhos passassem fome e sempre teve fartura em minha casa. Quando eles saem de casa eu sempre mando uma matula (lanche) para eles não passarem fome e sede na rua. E o que mais me dói é saber que por mais que ele não me contasse as coisas que acontecia com ele no presídio, eu sei que ele passou fome. Lá é só uma marmita no almoço e uma na janta e café da manhã e ele sempre comeu muito e várias vezes ao dia. Eu sei que ele passou fome na cadeia! Sede não, mas fome sim! Isso me dói muito”.

[Linhas 1595 a 1601, Apêndice A, Diário de Campo]

Ela relatou que não dormia porque ficava pensando o quanto ele estaria sendo maltratado no presídio e que, com ele na APAC, ela conseguia dormir tranquila, ao ter consciência de que o filho não estava sofrendo maus-tratos e nem passando fome. Relatou que a família dela, irmãos e primos, família extensa, afastou-se deles após a condenação do filho e que se sentiam excluídos da própria família, vítimas de preconceito no próprio contexto familiar e que cumprem pena junto com o filho a partir do processo de exclusão sofrido pela família. A partir desta narrativa, percebo que há uma inaplicabilidade prática da personalização da pena (cf. Cabral & Medeiros, 2014), uma vez esse princípio jurídico não assegura apenas à pessoa responder juridicamente pelo seu crime, a família também cumpre socialmente a pena com o membro familiar recluso.

Os preconceitos e estigmas sociais atribuídos à pessoa que cumpre pena se estendem para a família como um “estigma de cortesia” (cf. Goffman, 1988), enquanto um olhar estigmatizante que se estende para além do indivíduo que está encarcerado, para aqueles que se vinculam profissionalmente, afetivamente ou socialmente com a pessoa que está cumprindo a pena ou egressa do sistema prisional, ou que lutam pelos direitos dessas pessoas menos privilegiadas na sociedade. Isto ocorre porque a sociedade faz uma fusão da imagem da pessoa que foi sentenciada pela justiça com a família e as pessoas que lhe são próximas, tornando-as uma única pessoa (Cabral & Medeiros, 2014), como aparece na narrativa das pessoas entrevistadas, como ser descritas(o/s) ou conhecida(o/s) como “mãe de preso”, “esposa de preso”, “pai de preso”, “filho de preso” ou, até mesmo, “trabalhar com presos”. O estigma refere-se a essa marca, uma cicatriz deixada na trajetória de vida da pessoa, uma chaga que expõe o seu passado e faz emergir um julgamento às suas experiências consideradas desonrosas por uma sociedade cuja cultura as descreve como imorais. E a cortesia

diz da extensão deste estigma aos que o cercam nas relações interpessoais (cf. Goffman, 1988).

Uma família, durante a visita, relatou ser tratada com respeito pelos funcionários e voluntários da APAC e que passou por situações constrangedoras no período em que o visitaram no presídio, declarando-se satisfeitos pela oportunidade do filho cumprir pena na APAC. O pai relatou que experimentava crises de ansiedade aos domingos, antes de ver o filho no presídio, devido às revistas constrangedoras. Este pai utiliza andadores em função de perdas motoras decorrentes de um acidente vascular encefálico e, como esses instrumentos não são permitidos no sistema prisional convencional, por apresentarem uma função implícita de 'arma' para as pessoas em reclusão, precisava deslocar-se com auxílio dos familiares ou agentes penitenciários. Afirmaram que na APAC são tratados como 'gente'. Conforme o relato desses familiares, eles consideravam inesperado que a pessoa em cumprimento de pena e sua família fossem respeitados dentro de um sistema prisional. A narrativa 'ser tratado como gente' aparece como uma ruptura com as expectativas prévias construídas pela família a partir de uma interação com o sistema prisional convencional e um discurso que segrega, maltrata e humilha a pessoa que cumpre pena privativa de liberdade. Outra pessoa verbalizou que, inicialmente, o pai o visitava todos os domingos, mas que proibiu o mesmo de ir semanalmente porque não achava justo o pai 'pagar cadeia junto com ele', sendo que foi ele quem errou e não o pai.

A pessoa que cumpre pena, a partir da experiência institucionalizada, depara-se com várias antinomias no contexto da família, conforme dados extraverbais da pesquisa: o desejo de estar próximo dos familiares nas visitas e eventos x medos e receios quanto a não ser aceito por esses familiares ao assumir que está preso; o distanciamento afetivo-familiar e perda da guarda dos filhos x possibilidade de manutenção de relações afetivas durante a pena. Tomo um caso específico para exemplificar como essas tensões dialógicas se colocam para o *Self* da pessoa que cumpre pena privativa de liberdade: uma pessoa do regime fechado relatou durante as minhas visitas à Instituição que a família da esposa dele, que reside em outra cidade, assim como seus pais biológicos, não sabiam que ele estava preso (o que havia ocorrido há seis anos) e que preferiam não relatar o ocorrido porque talvez não aceitariam a filha permanecer com esse relacionamento. Também mencionou que a esposa mantém um distanciamento afetivo em relação aos pais dela para que não percebam o que eles estão vivendo após a condenação dele. E que precisavam mentir

e omitir informações até a chegada da primeira saída temporária dele quando poderão visitá-los juntos. Verifiquei tensões dialógicas nas relações entre pessoa que cumpre pena e os familiares, bem como conflitos nas relações consigo mesmo (eu - eu) e relações eu-outro, mediante a situação de omissão da pena de reclusão para os familiares. A omissão dessas informações constitui, do ponto de vista deles, uma estratégia para evitar o sofrimento dos parentes, bem como para evitar o rompimento de vínculo afetivo familiar.

Entendo que essas seções apresentadas no diagrama da figura 3 (página 98), representam as tensões dialógicas que se dão na experiência institucionalizada da pessoa que cumpre pena no método APAC e as demais perspectivas em relação que permeiam e interpelam a subjetividade da pessoa, considerando também as balizas que se constituem a partir dos atravessamentos da relação *Self*// Instituição APAC. Essas diversas perspectivas podem provocar um deslocamento das expectativas iniciais da pessoa quanto ao método, fomentar antinomias e conflitos entre sua posição pessoal e sua posição institucional ao assumir dupla função no método. Elas também podem promover um campo nebuloso de afetações que podem atingir ou permear a própria metodologia, em que a pessoa em cumprimento de pena é afetada por esses conflitos interpessoais, mas para além de ser afetados por eles, são também pessoas ativas e transformadoras da própria história de vida, capazes de um reposicionamento frente a trajetória de vida.

Além disso, o encontro com o outro, com a alteridade, pode potencializar o encontro ou reencontro consigo mesmo em um processo transformativo para o *Self*. A outridade pode ser descrita a partir de uma experiência com outra pessoa real, fazer-se presente nos processos intrapsicológicos (diálogo intrasubjetivo), bem como ser outro imaginário ou outro idealizado (Oliveira & Guimarães, 2016). A experiência institucionalizada é balizada por essas tensões dialógicas que se dão no fluxo da experiência da pessoa com as outridades e pelos circuitos de poder que emanam dessas pessoas e de suas respectivas redes de relações, sugerindo diversos cursos de ação e múltiplas trajetórias e cursos de ação para o *Self*.

Para lidar com a alteridade na tentativa de reduzir as tensões e ruídos dialógicos, os procedimentos de sintonização rítmica podem ser demandados (Guimarães & Nash, submetido) com o intuito de produzir um diálogo mais construtivo com o outro, o que, por sua vez, demandará uma disponibilidade e abertura para essa negociação e troca dialógica. Cada uma das perspectivas socioculturais acerca da

experiência institucionalizada no método APAC advém de um contexto cultural distinto. Entretanto, perspectivas diversas podem vislumbrar e canalizar processos de harmonização rítmica entre suas diferentes trajetórias (cf. Guimarães, 2016). A sintonização rítmica, no contexto do método APAC, promove a sua permanência como subversão sistema prisional convencional, uma ruptura com práticas cristalizadas no processo histórico e cultural de construção da prisão como pena, mas viabiliza negociações e aberturas para constantes movimentos instituintes (cf. Baremlitt, 1996), novos cursos de ação (cf. Boesch, 1991) que possam evitar a cristalização de novos discursos autoritários e não dialógicos na Instituição APAC.

Além do que foi discutido até aqui, ser uma pessoa em cumprimento de pena e ao mesmo tempo ser coadministrador do próprio método ao trabalhar dentro do mesmo (posição pessoal conflitar com posição institucional), possuir as chaves da própria instituição, exercer funções administrativas e financeiras, também coloca uma tensão nas relações interpessoais, uma vez que deseja cumprir sua pena e conseguir remição, mas também há um envolvimento com o próprio método, com a própria Instituição. Se para alguns, conforme os enunciados das entrevistas, a APAC é sinônimo de 'família' e de 'dignidade ao preso', para outras pessoas é entendida como um método mais difícil que o sistema convencional para se cumprir a pena, uma antinomia, uma vez que há exigências quanto à disciplina e que o coloca em uma dupla função: posição pessoal (condição de pessoa em cumprimento de pena) x posição institucional (a função que executa na instituição para remir sua pena).

As relações interpessoais na Instituição APAC também se configuram como um conflito para o *Self* da pessoa que cumpre pena a partir de uma antinomia expressa na narrativa das pessoas que cumprem pena e também conforme observações e registros no diário de campo da pesquisa (conforme linhas 228 a 236 do diário de campo, Apêndice A): seguir as normas da Instituição x seguir as regras do convívio do próprio dormitório. Interesses pessoais conflitando com interesses coletivos; ser membro do CSS x ser uma pessoa que cumpre pena. Estas relações interpessoais conflitivas no cotidiano institucional também são atravessadas pela possibilidade de um compartilhamento mínimo de experiências afetivo-cognitivas no âmbito do cumprimento da pena, como em situações de perdas e lutos vividos pelas pessoas, bem como nos momentos de alegria e comemorações pela liberdade condicional ou perdão de pena concedido a algum dos membros dos respectivos regimes.

O *Self* pode produzir diferentes ritmos e ritos para lidar com essas tensões no diálogo institucional (conforme será aprofundado no subtópico seguinte), bem como romper com suas próprias expectativas e reconstruí-las em outras direções a partir da construção simbólica da experiência institucionalizada, ao buscar uma síntese criativa e lidar com as antinomias que se colocam nesse contexto de cumprimento de pena no nível inter e intrapessoal, como produzir uma peça de teatro que dramatize a história de vida de um prisioneiro e que seja apresentada para a comunidade como forma de inserção social, mas que também adquire função de um recurso simbólico que constitui uma resolução integrativa dos conflitos vivenciados pelo *Self*, dentre outras situações que serão descritas nos próximos subcapítulos. No plano intrapessoal, emergem conflitos como estar preso e ser um preso feliz, sentir-se preso pela consciência x o que fazer com a dignidade que possui nesse sistema prisional se cumprir pena pressupõe historicamente e culturalmente sofrer e humilhar-se.

Constatei que a experiência institucionalizada no método APAC é efetivada pela via da coparticipação das pessoas na construção e reconstrução do próprio método em si. Então, proponho discutir a **Instituição APAC como uma coautoria**, na qual todas essas perspectivas emergem e efetivam trocas dialógicas. Somente por via da coautoria a metodologia APAC se mantém, rompendo com um discurso autoritário, e mantendo-se como um sistema aberto para transformação e para novas canalizações a partir das tensões que possam surgir e transformar-se nas relações estabelecidas entre as perspectivas socioculturais.

Emergem para o *Self* na experiência institucionalizada no contexto de execução penal, mediante a essa rede de tensões dialógicas que se apresentam na vivência institucionalizada, aspectos expressivos como tentativa de resolução dos conflitos frente as antinomias expostas. “A vida psicológica humana, em sua forma mediada por signos, é afetiva em sua natureza” (Valsiner, 2012a, p. 251). Valsiner considera que os processos cognitivos são ferramentas semióticas que promovem o contato afetivo do indivíduo com as experiências no mundo. Logo, os sentimentos mediados semioticamente emergem como um valor, uma abstração: o trabalho como um valor; o estudo como um valor e sentido simbólico de uma vitória em detrimento da condenação (fui condenado, mas tenho um diploma, experimentei uma profissionalização); o vínculo afetivo-familiar e a responsabilidade como valores (ter um atribuição no sistema prisional APAC e possuir acesso às chaves, ter mais ‘autonomia’ comparado ao sistema convencional, mas possuir responsabilidades), a

arte teatral ou musical e os produtos de artesanatos como produtos que sinalizam o valor da própria pessoa em detrimento da pena sofrida.

Assim, entendo que os binômios liberdade-reclusão e autonomia-heteronomia são signos hipergeneralizados (cf. Valsiner, 2012a) que orientam a conduta das pessoas e permeiam a experiência institucionalizada no método APAC. Digo binômio porque são valores que regem as relações institucionais no contexto da execução penal, viver e experimentar a liberdade e autonomia mesmo durante a reclusão a que são submetidos sob influência heteronômica do Estado e do Tribunal de Justiça. As antinomias expressas até aqui e aspectos expressivos, foram organizados nesses dois binômios porque favorecem o avanço na discussão dos resultados e abstrações teóricas dos dados empíricos a partir de uma síntese crítica das principais tensões dialógicas entre as perspectivas em diálogo que compõem a experiência institucionalizada da pessoa no método APAC.

3.4.1 As práticas de rituais criativos na busca por elaboração das tensões dialógicas

Tomo alguns dados empíricos como norteadores para a discussão dos rituais criativos utilizados durante o cumprimento de pena privativa, que defendo ser uma tentativa de elaboração das antinomias que se apresentam para o *Self Institucional*. Trago como recorte para análise, um ritual sugerido pelas pessoas do regime fechado para a diretoria da Instituição: eleger uma data do mês para permanecerem reclusos nas celas como forma de penitência, ao relembrar a vivência anterior no sistema prisional convencional.

O método APAC parte de uma coparticipação efetiva das pessoas que cumprem pena nas práticas e regulações implantadas pela Instituição. Muitas vezes, as pessoas que cumprem pena elaboram projetos ou sugerem atividades que ainda não fazem parte da rotina da Instituição. Essas sugestões são avaliadas pela diretoria e, se aprovadas, podem ser implementadas na rotina institucional.

Durante a visita a uma unidade de referência deste sistema prisional, realizada em 5 de setembro de 2016, um recuperando do regime fechado narrou para a pesquisadora visitante que os dormitórios permanecem abertos, exceto em um dia do mês que eles elegeram para ficarem trancados nos dormitórios durante 24h ininterruptas (e recebessem o alimento em vasilhames e sem talheres, como outrora recebiam no sistema convencional, e permaneçam sem direito de circular pela instituição – lavanderia, sala de estudos, biblioteca, refeitório). Os membros do conselho prisional disciplinar do regime fechado procuraram a diretoria da Instituição, a partir das discussões em reuniões prisionais mensais com todos os integrantes do regime, para sugerir um dia de reclusão para os internos como tentativa de fortalecimento espiritual na caminhada de cumprimento de pena, para valorizar e dignificar a autonomia que possuem na Instituição APAC, e como estratégia para evitar situações de faltas graves que provocam o retorno ao sistema convencional, a partir de tais memórias, atribuir maior valor à dignidade que possuem no método APAC e como auxílio para evitar situações que favoreçam envolvimento em atitudes que correspondem a faltas disciplinares graves.

Refleti, a partir destas informações, sobre o processo de construção social da prisão como pena. Desde a antiguidade até a atualidade na tradição ocidental, os processos de cumprimento de pena são narrados a partir de um controle social e políticas de exclusão de pessoas menos favorecidas, logo, pressupõe-se sofrimento e isolamento social para o cumprir pena, que recebe dessas pessoas o sentido de sofrer, humilhar-se e colocar-se em posições inferiores à sociedade. Constatei a partir dos enunciados das pessoas que cumprem pena que elas trazem reminiscências relativas aos modos de subjetivação na prisão que são evocados na atualidade, mas emergem do processo socio-histórico de construção da prisão como pena, das memórias socialmente compartilhadas acerca do encarceramento na Idade Média sendo transmitido e reportado para outro sistema prisional totalmente antitético. Isto ocorre porque a cultura carcerária não se altera simplesmente porque as Instituições transformaram seus modos de atuação, mas traz memórias construídas em uma tradição de encarceramento para a experiência atual no sistema prisional, ainda que seja um sistema prisional que pretende ser menos desumanizado, o que, pode, inclusive, fomentar ainda mais tensões dialógicas nesse contexto - receber tratamento de digno onde se cultiva reminiscências de humilhações, ou seja, um esquema afetivo-cognitivo carregado de memórias acerca de sofrer violências verbais, físicas e

psicológicas durante o cumprimento de pena privativa de liberdade. A partir deste dado empírico, entendo que a disciplinarização nas experiências prisionais emerge como um organizador semiótico (Valsiner, 2012a) que modula constantemente a relação da pessoa com o contexto de execução penal, a partir das práticas de penitência vividos nos dois sistemas prisionais brasileiros.

A penitência sugere fortalecimento espiritual diante dos desafios, do ponto de vista cristão. No sentido bíblico e conforme apresentado no catecismo da igreja católica, a penitência oferece ao penitente a expiação dos pecados e uma paz espiritual. Essa prática de sacrifício sugerida pelas pessoas do regime fechado se apresenta como um ritual, aqui entendido como uma prática humana que se repete continuamente e modula os campos afetivos da pessoa (Valsiner, 2012a).

Se essas práticas surgem a partir de uma necessidade verbalizada pelas pessoas enquanto uma reivindicação, podemos pensar em uma construção de um modo de subjetivação construído e mantido em um tecido sociocultural excludente na tradição ocidental. Entretanto, denomino esse ritual de *ritual criativo*, uma vez que diz de ações que transformam vivências de maior gradiente de rigidez em outra mais fluida, passível de elaboração, e que constitua uma saída simbólica para os conflitos intrapessoais da pessoa que cumpre pena privativa de liberdade e que se vê cumprindo uma pena com dignidade em uma sociedade que atribui a pena um caráter de não-dignidade, fruto de um processo de internalização de perspectivas de marginalização e exclusão na construção de sentidos para o ato de cumprir pena.

A partir desse caso paradigmático, pude perceber que outros processos e ações simbólicas permeiam os discursos da Instituição APAC, como na dramatização realizada pelas pessoas do regime fechado da unidade que sediou o estudo de caso, uma peça de teatro denominada “Os Malacabados da APAC”, baseado no poema “José” de Carlos Drumond de Andrade, organizada por um profissional voluntário da Instituição. A peça retrata a angústia do detento que perdeu a família, a liberdade e que se questiona pelo envolvimento com o crime. Realizaram a primeira apresentação em 27 de abril de 2016 no anfiteatro do Centro Cultural do município, evento que homenageou a professora que foi a fundadora do método APAC neste município (in memoriam), com quem eu trabalhei no período de fundação desta Instituição. Durante este evento, uma pessoa em cumprimento de pena que é desenhista fez vários cartazes para a campanha contra a dengue e estes foram disponibilizados no Centro

Cultural durante a semana que antecedeu a apresentação artística, bem como os artesanatos elaborados pelos demais.

Ainda nesse evento, uma pessoa do regime fechado foi convidada pela diretoria da Instituição APAC para relatar sua história de vida após a apresentação teatral. Essa pessoa dedicava-se às atividades da fábrica de blocos e de criação de porcos, terminou o ensino médio por meio do ensino supletivo após adentrar a APAC e havia conseguido uma bolsa PROUNI para cursar o ensino superior, ensino a distância no curso de administração de empresas. Segundo informações de membros da diretoria da APAC, a apresentação da peça teatral “Os Malacabados” foi produtiva do ponto de vista artístico, cultural e principalmente, como estratégia de inclusão social e reflexão para a trajetória de vida. Também me relataram que a peça contou com a presença e fala da juíza na abertura do evento, bem como de outras autoridades. Narrou que os membros deste grupo teatral estavam descrevendo maior autoestima e satisfação em conviver mais próximos da comunidade envolvente. Além disso, segundo relatos das pessoas em cumprimento de pena e dos funcionários, a população parecia estar conhecendo mais o trabalho realizado pela Instituição APAC ao presenciarem os pessoas em cumprimento de pena sem algemas apresentando teatros, como ocorreu na peça “E agora, José?” (atuação teatral a partir do poema “José” de Carlos Drummond de Andrade).

JOSÉ

Carlos Drummond de Andrade

E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José? e agora, Você? Você que é sem nome, que zomba dos outros, Você que faz versos, que ama, protesta? e agora, José? Está sem mulher, está sem discurso, está sem carinho, já não pode beber, já não pode fumar, cuspir já não pode, a noite esfriou, o dia não veio, o bonde não veio, o riso não veio, não veio a utopia e tudo acabou e tudo fugiu e tudo mofou, e agora, José? E agora, José? sua doce palavra, seu instante de febre, sua gula e jejum, sua biblioteca, sua lavra de ouro, seu terno de vidro, sua incoerência, seu ódio, - e agora? Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta; quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para Minas, Minas não há mais. José, e agora? Se você gritasse, se você gemesse, se você tocasse, a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse.... Mas você não morre, você é duro, José! Sozinho no escuro qual bicho-do-mato, sem teogonia, sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto que fuja do galope, você marcha, José! José, para onde?

Após esta apresentação no Centro de Apresentações Artístico-Culturais do município, eles fizeram uma apresentação para os adolescentes do segundo grau de uma escola estadual do município que sedia a Instituição. Ao final da peça, uma pessoa do regime fechado compartilhou sua história de vida. Ele me contou que ficou muito feliz, que, a princípio, teve medo de não conseguir falar, mas que deixou o papel que havia levado como apoio e passou a dizer de seu próprio modo.

Eu fiquei bem nervoso, sabe! Eu levei um papel para ler, mas não conseguia ler. Fui treinar antes e não saía nada. Aí eu me desesperei! Aí eu pensei: falo do meu jeito mesmo... falei e deu certo! O pessoal parece que gostou! Até foram me dar os parabéns depois. E eu estou gostando disso sabe, dessa história de falar em público. Quando fui falar para os adolescentes do colégio... tudo adolescente assim, difícil prender a atenção deles né, mas eu falei do jeito deles, na linguagem deles, entrei na mente deles. No início eles ficavam falando entre eles e rindo baixinho. Depois eles começaram a me fazer perguntas e eu respondi todas. Eu falei que eu errei, que eu estava cumprindo pena por um crime que cometei, mas que eu escolhi um caminho errado! Que quando eu tinha a idade deles, eu poderia ter escolhido um caminho diferente, mas escolhi o errado. Mas que eu aprendi com isso, com o sofrimento, sabe! Dei exemplos, assim, da realidade deles né... tudo adolescente lá. Mas eu gostei muito disso! Quero continuar dando palestra!

[Linhas 1470 a 1481, Apêndice A]

Ele relatou preocupação em ser persistente em suas atividades e estudos e não cair em reincidência ou uso de álcool quando estiver no semiaberto ou em liberdade condicional para dar exemplo aos jovens de que é possível 'recuperação', bem como seguir caminhos fora do crime.

Eu estou muito feliz com essa oportunidade que a APAC está me dando... e não quero perder isso não... mas quando tudo parece correr bem e você se sente forte e preparado... esse é o maior perigo, você achar que pode enfrentar sozinho as dificuldades lá fora que vão aparecer... e você relaxa e pensa que já tá tudo resolvido... é uma luta com você mesmo. A gente aqui não luta contra a polícia, contra o sistema, contra as pessoas que nos ofenderam, a gente luta contra a nossa própria vontade de errar novamente, de beber, de cheirar no caso de quem curte uma droga, mas é essa luta... pensar que já dá conta é um erro! Você despreocupa e erra... Você não vê que aqui mesmo alguns caem em falta disciplinar grave por besteira, você pode colocar tudo a perder por muito pouco, é muito fácil.

[Linhas 1485 a 1493, Apêndice A]

Outras duas pessoas em cumprimento de pena também me relataram que participar da peça tinha favorecido um desejo de mudança de vida, uma motivação a mais para lutar por uma vida melhor e buscar alternativas de vida que rompem com o crime. Entendo que dramatizar uma peça teatral que se assemelha a própria história

de vida, mas de forma distanciada, como sendo de outra pessoa-uma personagem, promove uma função terapêutica e simbólica carregada de sentidos e elaborações para o *Self* da pessoa que cumpre pena privativa de liberdade.

Participar dessa peça tem feito um bem enorme para mim, eu fico mais tranquilo, mas firme nas minhas decisões, busco mais permanecer fora do crime! Não tenho palavras para descrever o que está acontecendo comigo depois de entrar no teatro (lágrimas nos olhos).SIC [Notas de campo, Dados da Pesquisa]

Constatei que a prática teatral, a partir do relato de quatro pessoas em cumprimento de pena, tem favorecido o processo de ressignificação da própria história de vida e uma reflexão sobre a experiência de cumprimento de pena deles, bem como sobre as relações intra e interpessoais. “A experiência de atuação artística pode favorecer uma reelaboração e ressignificação das relações da pessoa consigo mesma e com suas diferentes formas de interações socioculturais” (Morais & Guimarães 2015, p. 28).

Além disso, a peça teatral favoreceu o contato das pessoas da APAC com a comunidade envolvente. Embora o método APAC pressuponha um envolvimento da comunidade com a gestão desse método alternativo de cumprimento de pena, apenas alguns membros da diretoria a acompanham, conforme percebi nos eventos e atividades promovidas pela APAC. Como a APAC não recebia a visita da comunidade envolvente, a peça teatral favoreceu um movimento inverso, as pessoas em cumprimento de pena se deslocaram até a sociedade através de suas apresentações artísticas (no presente momento) e musicais. O receio da população em relação ao comportamento das pessoas em cumprimento de pena parece ser amenizado, ao favorecer o interesse dos mesmos em conhecer a APAC. Após estas quatro apresentações teatrais (no Centro Cultural da Cidade, em um Colégio Estadual para os adolescentes, outra durante a missa na Igreja Matriz e uma para os seminaristas em formação durante um retiro em outra paróquia da Igreja Católica local), quatro pessoas da comunidade se apresentaram com interesse para serem voluntárias na APAC.

Outras apresentações teatrais também foram confirmadas, uma apresentação na PUC Minas e em outras escolas e colégios. O grupo teatral da APAC participou da missa na Igreja Matriz da cidade (Igreja Católica) na festa da santa padroeira do município. Uma pessoa do regime fechado narrou que a equipe da peça teatral e

demais recuperandos entraram pelo centro da Igreja juntamente com o celebrante e ficaram em um local reservado à frente do altar e ao lado das demais pessoas na Igreja. Outra pessoa, também do regime fechado, relatou que se sentiu valorizada, respeitada pela sociedade, que se sentiu abraçada por todos, o que, segundo ela, a deixou comovida.

Quando eu entrei naquela Igreja pelas portas da frente ao lado do celebrante e me sentei bem perto do altar ...eu nem consigo dizer do que senti... foi muito bom! Eu fiquei emocionado e depois desse dia pra cá eu me sinto abençoado e capaz de superar todas as minhas fraquezas e lutar por uma vida nova, pois a sociedade está abrindo as portas para nós. Eu me senti assim... sabe... aceito, valorizado, respeitado! Como disse o padre durante a missa que os 'últimos seriam os primeiros... e a gente foi os últimos a entrar e a Igreja já estava cheia, mas nosso lugar estava reservado lá na frente.

[Linhas 1713 a 1719, Apêndice A]

Nestes contextos descritos acima, emergiram as seguintes antinomias para o *Self* da pessoa que cumpre pena:

- 1- Estar privado de liberdade, mas cumprir a pena com dignidade x transformar essa dignidade em penitência, uma vez que pena implica em sofrimento;
- 2- Estar recluso devido a um crime cometido x ser incluído nas festividades e eventos acadêmicos, religiosos e artísticos do município;
- 3- Sentir-se culpabilizado pelos delitos, tendo esse sentimento de culpa otimizado pelo discurso autoritário do Judiciário x ser aplaudido pela comunidade e pela juíza da vara criminal, representante do Tribunal de Justiça órgão que, inclusive, o condenou;
- 4- Os últimos, os condenados, os excluídos x os escolhidos para adentrar na Igreja Matriz pelo centro ao lado do celebrante e ter reserva nos bancos da frente da Igreja, em geral reservados para autoridades eclesiais e políticas.

A oportunidade para transformar a exclusão em inclusão, a desvalorização e culpabilização em aplausos e reconhecimento dos potenciais artísticos emergem como solução integrativa ao *Self* para as tensões dialógicas no plano intrapessoal. Esses rituais transformativos da experiência de dor em algo simbólico ocorrem tanto na unidade que sediou o estudo de caso quanto nas unidades de referência para o método APAC que foram visitadas, ainda que com roupagens diferentes. Pessoas de diversas unidades, de municípios distantes, sem se conhecerem, compartilham ações

simbólicas muito distintas, mas com sentidos semelhantes: o que fazer das tensões dialógicas que circundam o cumprimento de pena, como transformar algo doloroso em algo mais brando e passível de elaboração para o *Self*? O ritual de penitência que inclui reclusão por 24h emerge como algo mais leve que as práticas de suplício sustentadas historicamente nos sistemas prisionais convencionais, rituais que transformam a dor em algo mais facilmente aceito e ressignificado pelo *Self*. Essas roupagens diferentes para ações simbólicas com sentidos semelhantes ocorrem devido aos processos de sincronicidade, processos tanto básicos como culturais compartilhados pelas pessoas de diferentes regiões nos níveis de análise filo, sócio e ontogenético. Expressam a busca por produção de momentos inigualáveis para o *Self*, conforme narrado pela pessoa que cumpre pena, como uma saída criativa para os conflitos e como oportunidade de emergência de valores enquanto signos afetivos hipergeneralizados (cf. Valsiner, 2012a).

4 INSTITUIÇÃO E SELF

A compreensão dos processos institucionais em Psicologia compõe um campo heterogêneo de investigações. Dentro da vertente Institucionalista, destacam-se alguns autores na Europa, como René Lourau e Georges Lapassade; e, na América Latina, destacam-se Pichón Riviere, José Bleger, Gregório Baremlitt, Osvaldo Saidon, dentre outros (cf. Baremlitt, 1996). Como cada qual traz sua compreensão da atuação do psicólogo em uma perspectiva institucional, o termo Psicologia Institucional representa na prática uma variedade de formas de atuação, o que leva Marlene Guirado a afirmar que “dever-se-ia, para ser-lhe mais fiel, usá-lo no plural” (Guirado, 2012, p. 105). Este movimento refere-se aos saberes da área de Ciências Sociais que produzem conhecimento acerca da sociedade a partir das instituições, organizações, estabelecimentos e equipamentos, bem como de seus agentes e suas práticas (Baremlitt, 1996).

Utilizarei nesta pesquisa, a partir de uma seleção prévia (tendo como critério os conceitos básicos para compreensão do contexto institucional a partir dos autores clássicos da Psicologia Institucional), algumas noções teóricas de Baremlitt, como Instituições, Movimento Instituinte e Movimento Instituído em uma tentativa de diálogo com nossa perspectiva metateórica de estudo. Compreendo que o presente estudo precisará abarcar um diálogo entre essas tradições de pesquisa em Psicologia, a respeito de como pensam as relações eu-outro (cf. Simão, 2010) e os processos intra e intersubjetivos de constituição da pessoa (cf. Guimarães, 2013).

Recorrerei ao teórico Baremlitt, que discute a noção de Instituição, bem como as trocas e possibilidades de movimentos e ações institucionais transformativas e práticas cristalizadas no âmbito institucional. Entretanto, deixo claro que não pretendo realizar nessa tese uma análise institucional segundo Baremlitt, e nem mesmo uma análise foucaultiana do discurso, metodologia utilizada por Foucault, mas que, a partir do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia e da Multiplicação Dialógica (como noção tributária dessa área do conhecimento), que me permitem uma reflexão teórica crítica das relações dialógicas na construção do *Self*, buscarei avançar no estudo das tensões dialógicas e interpessoais presentes na Instituição, e como essas múltiplas perspectivas institucionais na rede de relações que compõe a Instituição tornam-se dimensões constitutivas do *Self* da pessoa inserida nesse contexto. Para tanto, partimos de alguns questionamentos: O que é Instituição? Como nomear e compreender uma Instituição? Recorrei ao movimento institucionalista para sofisticar a nossa discussão conceitual e ao conceito de poder, em Foucault, que Baremlitt não aprofunda e, por fim, utilizarei o modelo dos circuitos de poder explorados por Stewart R. Clegg, pesquisador e professor na Universidade de St. Andrews, Escócia, que problematiza o aumento das tecnologias de controle e poder na atualidade a partir da discussão trazida por Foucault.

Segundo Baremlitt (1996), o Movimento Institucionalista compreende a sociedade como “uma forma organizada de associação humana” (p.27). Apesar da existência de diferenças doutrinárias de uma escola institucionalista para outra, a sociedade é descrita como uma rede, um tecido de Instituições. As Instituições, nessa abordagem, “são árvores de composições lógicas que, segundo a forma e o grau de formalização que adotem, podem ser leis, podem ser normas e, quando não enunciadas de maneira manifesta, podem ser pautas, regularidades de comportamentos” (Baremlitt, 1996. p. 27). Essas normas e pautas também podem

ser compreendidas como objetivações de valores. As leis e códigos, em geral, são escritos. Entretanto, não é necessário que tais normas estejam organizadas desse modo, *a priori*, elas podem ser transmitidas verbalmente ou nas práticas profissionais.

As instituições são instâncias de saber que permitem a todo tempo recompor as relações sociais, organizar espaços e recortar limites. A despeito de sua forma virtual, imaginária e simbólica, não estão desvinculadas da prática social. Cada sociedade, segundo o modelo infraestrutural a que obedece, cria um tipo de instituição, que será mantida e sustentada em todos os níveis, do Estado à família, Igreja, escola, relações de trabalho, sistema jurídico, etc. (Pereira, 2007, p. 7).

Assim, segundo o Movimento Institucionalista, as sociedades constroem suas lógicas, suas Instituições. Para Baremlitt (1996), as lógicas significam a regulação (no sentido de normatizar a vida) e caracterização de uma atividade humana. Então, não é preciso que se tenha uma estrutura física, a princípio, para ser considerada uma Instituição, mas representar um conjunto de normas e lógicas que regulam o comportamento. Portanto, a exemplo, temos a Instituição linguagem, as Instituições de regulamentação do parentesco, da educação, da religião e as Instituições de Justiça. As estruturas físicas são os estabelecimentos das Instituições. As Instituições podem se materializar em dispositivos concretos, as organizações, ou também em um grande complexo organizacional como os ministérios, a exemplo do Ministério da Educação, Ministério da Justiça, Ministério da Fazenda; ou até mesmo em pequenos estabelecimentos; e são sinônimos da existência de uma coletividade humana (Baremlitt, 1996).

A respeito do processo de transformações nas Instituições, segundo Baremlitt (1996), podem se distinguir duas vertentes, instituinte e instituído. As forças produtivas dos códigos institucionais que levam a transformações profundas nas Instituições formam a vertente instituinte. Já a vertente instituída é o efeito da atividade instituinte, o resultado. A atuação conjunta do instituinte e do instituído ocorre por entrelaçamento, uma interpenetração, cada um deles atua no outro, pelo outro, para o outro e desde o outro (Baremlitt, 1996). Essa interpenetração que reproduz as utopias, via conservadorismo, chama-se atravessamento, e a interpenetração em relação ao instituinte, às transformações revolucionárias e criativas, denomina-se transversalidade. “Quando há uma prevalência do instituído, as instituições e seus estabelecimentos capturam os processos de subjetivação singulares, impondo-lhes seu próprio modelo através da centralidade do poder, do saber, do dinheiro, do

prestígio, da disseminação da culpa” (Pereira, 2007, pp.7-8). Já, quando há forças instituintes “tem-se a possibilidade de produção de novos agenciamentos, novas composições e arranjos próprios de subjetividades livres e desejantes” (Pereira, 2007, p. 8). Entendo que essas vertentes, instituinte e instituído, se complementam e promovem fluxos circulares de transformações nas instituições e nas interações institucionais, que, por sua vez, são constitutivos da subjetividade das pessoas envolvidas em tais processos.

O movimento institucionalista de Baremlitt se concentra na compreensão da origem e do material histórico da Instituição como premissa para se reconstruir o passado e assim auxiliar o entendimento de como este se faz presente na Instituição e determina o seu futuro (Pereira, 2007). Portanto, possibilita a discussão de como ocorrem os processos conflitivos e contraditórios no campo institucional. Essa busca de compreensão da historicidade e de seus efeitos nos processos e movimentos institucionais também pode ser incluída em um diálogo em uma abordagem cultural construtivista de pesquisa na qual o tempo e a historicidade são entendidos como reguladores semióticos da experiência (Valsiner, 2012a). O tempo e a historicidade, enquanto reguladores do fluxo da experiência institucionalizada podem ser explorados no contexto concreto da situação focalizada desta pesquisa (estudo de caso), e favorecer uma tentativa de diálogo mínimo entre a vertente semiótico-construtivista e as reflexões e contribuições do movimento institucionalista de Baremlitt. Deixo claro ao leitor que não se trata aqui de traduzir um termo de uma área do conhecimento para outra, mas tentar promover um diálogo tal como a própria multiplicação dialógica nos permite, considerando objetos diferentes nesse diálogo teórico.

O instituinte pode ser compreendido como um possível potencial de ação. A partir da teoria da ação simbólica de Boesch (1991), entendemos que a experiência vivida em um determinado momento evoca antecipações na reflexão generalizante que atuam na constituição do potencial do sujeito para agir em determinada direção. Essas ações, motivadas por uma sensação de desencaixe, se guiam por uma distinção entre causa (passado) e objetivo (futuro). Se ele implica em revisão e possível mudança de práticas cristalizadas na instituição, a partir de uma sensação de desencaixe, podemos pensar em uma experiência inquietante (cf. Simão, 2015) que faz emergir um planejamento de ações em outras direções e para outros cursos de ação ao longo da vida da pessoa a partir da experiência institucionalizada.

Ao tentar trazer esses aspectos para um diálogo com o Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, também recorro à noção de bidirecionalidade nos processos culturais e de socialização, elaborada por Valsiner (2012a), e pela qual se compreende que a pessoa transforma e também é transformada por esses aspectos culturais. Segundo Valsiner (2012a), cada pessoa interage e transforma ativamente as mensagens comunicativas recebidas pelo outro, e a partir dessas, integra o conteúdo das mesmas em seu repertório ou base cognitiva e afetiva que, também, poderá sofrer transformações no decorrer dessas operações. Desse modo, tanto os atravessamentos como as transversalidades podem tomar espaço institucional conjuntamente nas negociações e trocas estabelecidas com os diferentes agentes institucionais uma vez que se interpenetram no cotidiano das relações institucionais. Compreendo que em ambas as vertentes podem emergir tensões dialógicas nas relações eu-outro. Por um lado, emergem tensões e conflitos a partir dos processos de subjetivação capturados pelo movimento instituído, e, concomitantemente, quando as estratégias conservadoras de poder são questionadas pelo movimento instituinte, outras tensões também podem emergir no diálogo.

Sobre o papel das Instituições na construção do *Self*, são recentes os estudos em Psicologia, principalmente em Psicologia Cultural, que se atentam para essa temática, como Grossen e Salazar Orvig (2011); Moore, Jasper & Gillespie (2011).

Grossen e Salazar Orvig (2011) afirmaram que as pesquisas sobre o *Self* dialógico (a partir de Herman, Kempen e van Loon, 1991) se concentraram na instabilidade do *Self* e adicionaram, por outro lado, a análise dos aspectos sociais compreendidos na estabilidade constitutiva do *Self*. Esses teóricos argumentaram que a estabilidade do *Self* é alimentada por valores, normas, objetos materiais e instituições, uma vez que estes são partes integrantes de uma interação, de um enunciado e até mesmo de uma autorreflexão, ao garantir ao *Self* uma ancoragem em instituições relativamente estáveis.

Moore, Jasper & Gillespie (2011), por sua vez, partiram do estudo de Grossen e Salazar Orvig, e agregaram ao debate sobre estabilidade e instabilidade do *Self* o conceito de 'enquadramento' (*frames*) de Goffman (1974), que compreende aspectos históricos, institucionais, materiais e culturais. Goffman (1974) defende que os enquadramentos ajudam a compreender a "organização da experiência" da pessoa (p. 13). Os enquadramentos/ 'frames' permitem às pessoas "localizar, perceber, identificar e rotular um número aparentemente infinito de ocorrências concretas

definidas em seus limites" (1974, p.21). Para Moore, Jasper & Gillespie (2011), "os enquadramentos são institucionais, mas também estruturam dimensões interpessoais e intrapessoais" (p.513).

Moore, Jasper & Gillespie (2011) acrescentaram ao estudo de Grossen e Salazar Orvig que a estabilidade das instituições não se traduz linearmente na estabilidade do *Self*, mas, ao contrário, pode também fornecer uma base para a instabilidade e tensões dialógicas no *Self*. Moore, Jasper & Gillespie finalizaram seu estudo utilizando o conceito de enquadramento para distinguir a estabilidade produzida por um conjunto de expectativas, dentro de um enquadramento, da instabilidade peculiar e das tensões dialógicas que resultam da incorporação de enquadramentos contraditórios, sendo tanto as estabilidades quanto as instabilidades constitutivas do *Self*. Concluíram que o conceito de enquadramento torna visível a simultânea estabilidade e dialogicidade do *Self*.

A partir da argumentação teórica-conceitual de Moore, Jasper & Gillespie (2011, p.511):

[...] a ancoragem do self em instituições relativamente estáveis explica a estabilidade do self. O self é construído na interação social, mas isso não significa que o self seja à deriva em um mar de interações em constante mudança, renascer de novo em cada interação. Pelo contrário, a maleabilidade do self é ancorada por objetos materiais e restritos dentro de padrões institucionalizados de interação.

Moore, Jasper & Gillespie também discutem que "as interações sociais não começam com os indivíduos, mas com o que socialmente dado e preexistente nos contextos históricos e culturais em que as pessoas são convidadas a habitar" (2011, p. 510). Também nesse sentido, Salgado e Clegg (2011) apontam que o *Self* é "evento, agência e, portanto, fundamentalmente único, bem como fundamentalmente incorporado em um mundo simbólico, material, sociocultural" (p. 430).

Essa instabilidade e estabilidade do *Self* nos remete também aos atravessamentos e transversalidades em Barembritt (1996). Se os atravessamentos canalizam conservadorismo, eles nos guiam para uma estabilidade no fluxo da experiência institucionalizada, a partir de valorações rígidas e práticas cristalizadas, e a uma estabilidade da ação a partir de um enquadramento. Entretanto, se ocorrem transversalidades, fruto de um movimento da vertente instituinte, temos uma instabilidade do *Self* que promove mudanças, tensões dialógicas nas relações

institucionais e, então, podemos falar em dialogicidade de pensamentos e ações entre enquadramentos diferentes no contexto institucional. Entretanto, pela perspectiva do movimento instituído de Baremlitt, pode ocorrer uma captura da subjetividade da pessoa, com a imposição de um modelo próprio de poder para o *Self*, que anularia a dialogicidade nas relações institucionais. Do ponto de vista de Moore, Jasper & Gillespie (2011), o *Self* pode se ocupar de um ou mais enquadramentos simultaneamente, o que favorece a emergência de tensões dialógicas e de um discurso dialógico nas relações interpessoais e institucionais.

Tomarei, a seguir, algumas contribuições a partir de Foucault que considero importantes e complementares às articulações de Baremlitt; Grossen e Salazar Orvig; Moore, Jasper & Gillespie acerca do poder nas relações institucionais. Finalmente, discutirei a noção de circuitos de poder, discutida no trabalho de Stewart R. Clegg e retoma de forma renovada aspectos destacados nesse tópico. Considero que assim poderei aprofundar as compreensões aqui pretendidas, entre as experiências institucionais das pessoas e os processos de transformação do *Self*, no âmbito dos processos de multiplicação dialógica.

4.1 AS RELAÇÕES DE PODER NO FLUXO DA EXPERIÊNCIA INSTITUCIONALIZADA

Entendo que a visão foucaultiana diz de um sentido de poder que emerge de um conjunto de relações, algo simbólico, invisível aos processos descritivos de relações de dominação e atribuição de cargos governamentais para uma pessoa ou outra, mas que circula e não está nas mãos de um indivíduo determinado, algo que transita por nós, mas regulando nossas ações e relações, bem como as estratégias utilizadas para o poder. E nesses movimentos e circulações, o poder dá materialidade às coisas e aos processos de controle, o que favorece o surgimento dos dispositivos disciplinares, mas que não se reduzem a uma ideologia, mas a instrumentos de formação e acúmulo do saber. O poder é manifesto nas relações cotidianas, um poder

simbólico que vai além da noção de um poder dominador. Discuto o poder, a partir de Foucault (1987), como um movimento, um ritmo, que não é estático, e que não negligencia os processos de resistência, mas os compreende como formas de poder capilarizado, distribuídas entre as pessoas e pelas pessoas no conjunto de relações.

Esta noção de poder nos permite compreender e analisar não as funções de uma Instituição, governo ou instância jurídica, mas realizar uma análise sociogênica das formas e manifestações de poder compartilhadas com os indivíduos num contexto delimitado historicamente. Assim, Foucault (1987) propõe novas formas de estudo para os problemas teóricos e sociais ao dizer de um deslocamento metodológico das análises institucionais para uma perspectiva de análise mais global, no sentido de apreender as tecnologias de poder utilizadas pelas Instituições, de modo que se perceba o entorno, a contextualização histórica e cultural que se faz presente na temática a ser interpretada e discutida, permitindo o avanço nas discussões que trouxemos no subcapítulo anterior a partir da visão de Baremlitt.

Foucault (1926-1984), propõe duas noções de poder- soberano e disciplinar- que, ao serem aprofundadas, dão origem à concepção de biopoder. Foucault (1987), em sua obra “Vigiar e Punir” distingue, inicialmente:

1- O poder soberano, no qual os efeitos do poder encontravam-se centralizados na figura do rei, sendo que o poder circulava em uma relação de consanguinidade, em um corpo materializado na pessoa que ocupava o reinado. O rei detinha o poder de fazer morrer ou deixar viver, pois todos precisavam de autorização para viver. No corpo das pessoas, havia uma forma de manifestação desse poder através das torturas, dos suplícios, das práticas de expiação dos pecados. Um poder de morte, que abria espaço para administração dos corpos e uma gestão da vida. A decadência do poder soberano se deu a partir de um processo civilizatório iniciado nos séculos XIV e XV que contou com a passagem de uma sociedade guerreira a uma sociedade cortesã, que impôs limite à violência física para imperar outras formas de resolução de conflitos interpessoais culminando no Absolutismo na Europa e no início da modernidade;

2- Poder disciplinar: Esse tipo de poder deriva das formas de poder que se apresentam institucionalmente e que não provém do centro de um poder único, originário e decisivo, mas das práticas discursivas. Foucault (1987) descreve o poder disciplinar originário das práticas realizadas nos mosteiros e nas estratégias militares. Rompendo com uma visão mecanicista de poder, Foucault discute a circulação do

conhecimento a partir do discurso. “No cerne das últimas posições de Foucault, há uma preocupação constante com as relações entre poder e significado, ou, como ele prefere, entre poder e saber” (Clegg, 1992, p.73). Trata-se de modos discursivos fundamentais de estabelecer relações, a partir de um caráter histórico e das estratégias de um poder discursivo que se apresenta na imposição da norma a partir das práticas derivadas da relação poder/saber. O poder é uma técnica que alcança seus efeitos estratégicos através de um caráter disciplinar (Foucault, 1979/1997). Tais práticas são comumente empregadas nas fábricas, nas escolas, no exército, nos asilos e nas demais instituições da sociedade capitalista. Foucault, na obra “Em defesa da sociedade: curso no collége de France” (1999) descreve que:

[...] a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade de homens, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. (Foucault, 1999, p. 289).

Mais tarde, Michael Foucault, em “A Vontade de Saber” (1985a), descreve o governo como uma biopolítica da espécie humana na confluência entre os aspectos, sexualidade, natalidade e mortalidade. O biopoder “se situa e exerce ao nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população” (Foucault, 1985a, p. 129). O poder soberano e o poder disciplinar que permaneciam separadas até o século XVIII, com o capitalismo industrial, vão se unir para garantir a inserção dos corpos de forma controlada no processo produtivo bem como para ajustar o fenômeno da população às demandas por força de trabalho. As novas tecnologias de poder são descritas por Foucault como decorrentes de uma direção do governo para a administração da vida, dos corpos coletivos, da mesma forma como administra os corpos dos indivíduos. O governo e as instituições passam a governar o mundo social e também o universo pessoal, disponíveis e acessíveis à gestão produtiva por parte destas tecnologias. O mundo social passa a ser organizado a partir do poder disciplinar, da governamentalidade e do biopoder, que por sua vez, organizam e capturam a subjetividade das pessoas.

O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder. “Este não está mais somente às voltas com sujeitos de direito sobre os quais seu último acesso é a morte, porém com seres vivos, e o império que poderá exercer sobre eles deverá situar-se no nível da própria vida; é o fato do poder encarregar-se da vida, mais do que a ameaça da morte, que lhe dá acesso ao corpo” (Foucault, 1985a, p. 134).

Clegg, nas obras “Frameworks of Power” (1989), e “Modern organizations: organization studies in the postmodern world” (1990), descreve a noção de “circuitos de poder” nas redes de relações sociais e interpessoais, partindo de uma releitura das teorias do poder de Hobbes e Maquiavel, a partir das críticas tomadas por Foucault (1987) à noção moderna de um poder estático e mecanicista, bem como dos apontamentos de teóricos sociais e políticos britânicos, americanos, franceses (como Foucault) e alemães.

A noção de ‘circuitos de poder’ desenvolvida por Clegg (1989; 1990) nos ajuda a pensar as práticas e relações discursivas permeadas por formas de poder compartilhadas entre as pessoas no convívio social e os impactos desses circuitos na constituição cultural do *Self*. Clegg (1989) propõe uma interrelação entre as abordagens, institucional e do poder. Entretanto, Clegg não esclarece como poderia ser operacionalizada essa união.

Os circuitos de poder (Clegg, 1989) são relações de significados e pertencimentos que são mobilizadas para as pessoas, favorecendo o uso de técnicas de produção e de disciplina, canais de padrões estabelecidos que nomeiem a organização/instituição como um agrupamento social. O exercício do poder poderá ser, nesta perspectiva, de duas formas: 1 - episódico, que diz do poder dos atores exercido momentaneamente; 2 - o poder à disposição, seria a manifestação do poder que é oferecido pelas regras. Os dois modos de poder se juntam ao compor um circuito de poder. Esses circuitos poderão estar sempre sujeitos a alterações e desafios, que promovem as mudanças sociais ao desafiar as regras e as relações que estruturam o poder e a dominação. Os dispositivos de poder podem também ser usados como instrumento de controle para manter os circuitos de poder previamente existentes. Esta noção de poder momentâneo ou poder à disposição nos faz recortar

em parte o movimento instituinte e o movimento instituído de Baremlitt. Entretanto, ambos dizem das possibilidades de cristalização de práticas de poder ou mudanças nos mecanismos de controle e administração da rotina das pessoas e de suas subjetividades.

Ele propõe também a noção de imbricamento (Clegg, 1990) para compreender e descrever a diversidade organizacional em diferentes ambientes. Este conceito “refere-se a configuração das relações de ‘relativa autonomia’ e de ‘relativa dependência’ que existem entre as formas de organização econômica e social e sua respectiva estrutura cultural e valores institucionais no centro das quais são constituídas” (Clegg, 1990, p.7). Clegg (1990) sugere que o imbricamento diz da ação organizacional circunscrita por uma estrutura institucional dentro da qual a ação é desenvolvida e se torna possível, sendo a estrutura institucional todas as normas financeiras, de impostos, de crenças religiosas, políticas e públicas constituídas a respeito das igualdades nas oportunidades, sejam elas industriais, políticas e regionais. A estrutura institucional traz padrões de significados pelos quais a ação é conduzida e analisada. Entendo que esses imbricamentos se fazem presentes nas Instituições e nos sistemas de poder que as permeia, como nos modelos penais nos quais a ação é guiada por leis, preceitos políticos, financeiros, crenças da sociedade envolvente e articulações políticas locais ou regionais. O método APAC, por exemplo, apresenta uma ‘relativa autonomia’ em relação ao método convencional de cumprimento de penas, mas uma ‘relativa dependência’ de um cenário político, econômico, social e jurídico que permita a execução da ação de construção e manutenção das práticas de cumprimento das atividades de inserção social da pessoa egressa do sistema prisional.

Concebo que as questões relativas ao que aqui foi descrito como ‘tecnologias e dispositivos de poder’ ou ‘circuitos de poder’, bem como ‘imbricamentos’, a partir das noções de “balizas” enquanto “instrumentos de organização temporários, construídos na ação e na ideação, no diálogo entre as pessoas, entre pessoas e expectativas contextuais, ou entre sentidos pessoais e significados coletivo-culturais” (Valsiner, 1998, p.3). A cultura oferece balizas que conduzem os ritmos da ação das pessoas para atingir os objetivos das Instituições.

A realidade institucional prisional pode ser balizada por: normas convencionadas e temporariamente formuladas, mantidas ou ignoradas pela coletividade de cada regime prisional e pela pessoa, individualmente; regras

disciplinares e relacionais construídas e reconstruídas nas relações institucionais, *não definidas, a priori*, em um regime disciplinar ou código de conduta, mas estabelecidas nas relações do aqui e agora da interação e nas dimensões extraverbais da Instituição APAC; relações institucionais e pessoais, a partir dos distanciamentos e aproximações das posições pessoais e institucionais que emergem no cotidiano institucional, aceitação e resistências de seus membros em relação aos procedimentos e tecnologias que o sistema de Justiça utiliza ou reformula; reguladores semióticos afetivos na relação estabelecida entre as pessoas, como valores e crenças; bem como por reguladores semióticos diversos, como o trabalho, a sanção normalizadora e materializada no âmbito da justiça e a relação estabelecida entre as redes de relações que mantem a Instituição em funcionamento a partir da aceitação da comunidade local, condição prévia para sua permanência e existência da Instituição APAC, dentre outros.

Essas normas que balizam as relações institucionais nos remetem à noção de redundância de Valsiner (2007a). Para ele, a redundância se refere a cobertura da mesma função por mais de um sistema de controle que, por sua vez, garante o desenvolvimento da pessoa de maneira segura, devido às possibilidades compensatórias construídas no próprio sistema de redundância. Assim, os corpos são submetidos a regras e disciplinas de maneira redundante a partir dos significados construídos pela cultura para as ações de *cumprir pena, ressocializar-se, recuperar-se*. Mas a redundância dos sistemas de controle também se organiza como um mecanismo aberto, no qual surgem possibilidades de ações canalizadas para novas construções semióticas para estas ações de *ressocializar-se, recuperar-se e cumprir pena*, de modo que algo compensatório ocorra por meio de processos psicológicos humanos que operaram com alta estabilidade mediante uma superprodução de sistemas de controle redundantes. Esses mecanismos abertos, compensatórios e reguladores dos resultados são complexos, mas dotados de construções e reconstruções de tensões dialógicas. Diferentes pessoas se relacionam com diferentes partes das mensagens semióticas presentes nos discursos institucionais e tecnologias de poder que se relacionam com essas mensagens e significados em seus próprios termos.

As tecnologias de poder também nos remetem às noções de cultura pessoal e cultura coletiva (Valsiner, 2012a). A “cultura pessoal” diz dos significados subjetivamente construídos e reconstruídos no sistema de valores pessoais. Este

sistema de valores pessoais se constrói na história de vida da pessoa que lhe favorece aquisição de uma visão de mundo particular. E a “cultura coletiva” diz da multiplicidade de mensagens comunicativas das pessoas com seus papéis sociais, mensagens e aspectos que são apreendidos na dinâmica das relações e códigos comunicativos transmitidos culturalmente e historicamente e que participam da regulação semiótica dos afetos da pessoa (cf. Valsiner, 2012a). “A vida psicológica humana, em sua forma mediada por signos, é afetiva em sua natureza” (Valsiner, 2012a, p. 251). O conjunto de experiências vividas pela pessoa a partir da cultura pessoal e da cultura coletiva balizam os processos constitutivos da construção do *Self* no contexto de convívio institucional. Tais experiências foram descritas e analisadas nos capítulos preliminares dessa tese.

4.1.1 A recursividade na trajetória de vida da pessoa que cumpre pena

Os dados construídos a partir das entrevistas e dos dados extraverbais que emergiram durante as visitas periódicas à Instituição remetem a uma relação dialógica entre as experiências das pessoas nos dois sistemas prisionais brasileiros, convencional e método APAC. Entre essas experiências das pessoas emergem relações dialógicas que justificam a origem do método APAC enquanto proposta de assistência à pessoa presa e sua valoração a partir de uma ruptura com a ausência de cuidados quanto aos direitos da pessoa que cumpre pena privativa de liberdade. O sentido atribuído ao método APAC vem da experiência prévia da pessoa no sistema prisional convencional. Assim, recorro à noção de recursividade (Guimarães & Cravo, 2015) para me auxiliar nessa abordagem dialógica de discussão sobre a construção cultural dos rituais criativos e da subjetividade da pessoa que cumpre pena.

A partir da noção de recursividade (Guimarães & Cravo, 2015), enquanto uma relação de interdependência entre a pessoa e o seu ambiente sociocultural, compreendo os rituais criativos como repertórios de imitação persistentes (cf. Baldwin, 1909/1990) a partir da recursividade e do compartilhamento de informações entre as pessoas em um dado campo sociocultural e de perspectivas de mundo que internalizadas podem refletir na construção da subjetividade da pessoa. Esta noção

trazida por Guimarães & Cravo (2015) remete a relação de interdependência entre a pessoa e seu ambiente sociocultural. Ihe implica em transformações adaptativas bem como em mudanças para esse próprio contexto sociocultural específico. E esses novos sentidos atribuídos às ações podem ser apreendidos desde que as pessoas compartilhem um mesmo campo de informações. Portanto, os rituais criativos podem ser compreendidos como repertórios de imitação persistentes a partir da recursividade e do compartilhamento de informações entre as pessoas em um dado campo sociocultural e de perspectivas de mundo que internalizadas podem refletir na construção da subjetividade da pessoa. A imitação persistente aqui diz do resultado de processos de desenvolvimento na trajetória de vida da pessoa (cf. Baldwin, 1909/1990).

Se as tensões dialógicas no âmbito das políticas públicas de segurança podem produzir novos sentidos para as relações institucionais no contexto da execução penal, outras inquietações que direcionem novas propostas de serviços, como as que deram origem ao método APAC, podem surgir. Entretanto, o ambiente sociocultural das sanções penais é demarcado por uma diversidade de valores pessoais e práticas compartilhadas e repetidas entre os grupos, que favorecem fortes assimetrias dialógicas a respeito das políticas de segurança pública, execução de penas e inserção social.

As relações que as pessoas estabelecem com as sanções penais e com a prática de penitência são compreendidas a partir de uma leitura histórica, pois as referências pessoais estético-afetivas proporcionadas e valorizadas pela cultura fomentam compreensões distintas da realidade a partir da socialização. Assim, a pessoa que cumpre pena no método APAC pode atribuir um sentido de que não está cumprindo com o previsto para a pena enquanto caráter aflitivo, e não passa por experiências de suplício ou penitência como Ihe foram internalizadas enquanto meio para se obter perdão pelos 'erros' cometidos juridicamente ou pelos 'pecados' praticados contra outras pessoas, em uma atribuição de sentidos religiosos, uma forma de expiação dos pecados pelo sacrifício e uma gratidão aos procedimentos mais dignos para se cumprir pena.

A antinomia entre estar na condição de um condenado e possuir tratamento digno pode fomentar conflitos intrapessoais. O dilema 'lidar com o caráter aflitivo da pena', se encaixa em dois subenquadramentos (cf. Goffman, 1974; Moore, Jasper & Gillespie, 2011) que se encontram em tensão para o *Self*, a saber, 'execução penal

com dignidade' e o 'suplício relacionado à pena', que se dão no contexto da experiência institucionalizada.

No contexto interpessoal, outras antinomias se apresentam: cumprir pena no método APAC, embora favoreça a remição de pena devido às atividades laboraterapêuticas e profissionalizantes, e implique em receber visitas familiares sem revistas vexatórias, pode promover um conflito com as pessoas do sistema prisional convencional, uma vez que precisa seguir disciplinas e delatar os colegas que as descumprem durante a pena. Esse convívio interpessoal conflitivo favorece a construção dos processos afetivo-cognitivos estabelecidos e compartilhados na Instituição penal APAC.

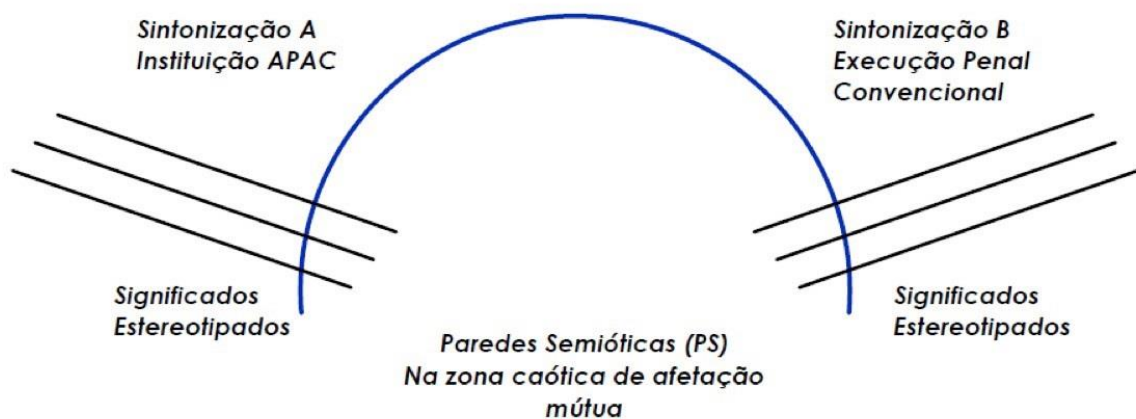
Existem duas experiências institucionais distintas, APAC e execução penal convencional, cada qual com seus sinais, direções e ritmos, bem como produções de estereótipos. Entre esses dois modos de sintonização rítmica, criam-se zonas caóticas de afetação mútua, nas quais há um campo de trocas afetivas e cognitivas, carregado de ruídos, mas também de possibilidades de comunicação. Nessa zona caótica podem se situar paredes semióticas (Guimarães, 2016) que bloqueiam a percepção da alteridade e da troca temporária de sentidos, e se manifesta nas narrativas das pessoas que cumprem pena. A parede semiótica diz de interdições e limites para se afetar com o ritmo do outro. A exemplo, uma pessoa entrevistada narrou "que é um preso feliz no método APAC, o que não lhe ocorria no sistema convencional". A antinomia que se faz presente nesta narrativa é estar preso x ser um preso feliz, produzindo-se felicidade em um contexto de reclusão.

A pessoa pode construir uma visão de si mesma a partir de um mecanismo disciplinador, que sustenta o suplício como inerente a trajetória de vida, ao cumprir um preceito religioso de penitência. E a cultura, enquanto um campo dinâmico e balizador das ações simbólicas a partir de Boesch (1991), oportuniza ações simbólicas, mas também as interdita e coloca limites de tolerância, como transgressões ou novidades (Simão, 2010).

Guimarães & Nash (submetido) e Guimarães (2016) apontam para uma sistematização dos processos de sincronização rítmica entre diferentes modos culturais de organização das ações coletivas. No contexto de cumprimento de pena, temos dois contextos institucionais distintos, APAC e execução penal convencional, cada qual com seus sinais, direções e ritmos, bem como produções de estereótipos. A figura 6 apresenta esses dois contextos relacionais e esses dois modos de

sintonização rítmica (A e B) em uma curva senoidal com concavidade voltada para baixo e com as linhas abertas para o infinito. As linhas de fronteira são as bordas entre os divergentes contextos relacionais de execução penal. E ao centro uma zona caótica e de mútua afetação entre esses contextos a partir de trocas comunicativas e afetivas estabelecidas nas relações intra e interpessoais.

Figura 6- Sintonizações rítmicas entre os contextos institucionais APAC e Execução Penal Convencional e a emergência das paredes semióticas (adaptado de Guimarães & Nash, submetido)



Fonte: Dados da Pesquisa.

Entre esses dois contextos relacionais criam-se zonas caóticas de afetação mútua, que se apresentam entre as diferentes perspectivas de execução penal, e entre as formas distintas de vibrações e rituais. Nessa zona caótica, há um campo de trocas afetivas e cognitivas, carregado de ruídos, mas também de possibilidades de comunicação. Nessa zona caótica podem se encontrar paredes semióticas, como interdições e limites para se afetar com o ritmo do outro (Guimarães, 2016). Tais interdições e limites se articulam à compreensão que o *Self* faz do outro num processo de troca temporária de sentidos. Percebo a manifestação dessas paredes nas narrativas das pessoas que cumprem pena, quando comparam um contexto institucional com o outro e quando recorrem às lembranças do presídio para ressignificar a experiência no método APAC de cumprimento de pena. A exemplo, uma pessoa entrevistada narrou “que é um preso feliz no método APAC, o que não lhe ocorria no sistema convencional”. A antinomia que se faz presente nesta narrativa

é estar preso x ser um preso feliz, produzindo-se felicidade em um contexto de reclusão.

A pessoa pode construir uma visão de si mesma a partir de um mecanismo disciplinador, que sustenta o suplício como inerente a trajetória de vida, ao cumprir um preceito religioso de penitência. E a cultura, enquanto um campo dinâmico e balizador das ações simbólicas a partir de Boesch, oportuniza ações simbólicas, mas também as interdita e coloca limites de tolerância, como transgressões ou novidades (Simão, 2010).

O ambiente sociocultural favorece a apresentação de múltiplos caminhos possíveis para a pessoa, através da diversificação de repertórios pessoais e a partir das situações vivenciadas (Guimarães & Cravo, 2015).

Os rituais criativos interpelam e permeiam diferentes momentos históricos, portanto: uma imitação persistente que mantém essas práticas ritualísticas cristalizadas em um campo cultural. A experiência de imitação persistente refere-se às ações que os adultos apresentam de maneira repetida e dirigida para objetivos pessoais, e que são conduzidas pelas experiências de socialização primária, em um dado contexto socioafetivo e cultural (Guimarães & Cravo, 2015). A cultura organiza os ritmos de vida das pessoas por meio dos rituais dentro de uma dada comunidade, desde hábitos diários até repertórios mais complexos (Guimarães & Nash, submetido) que se mantêm nas Instituições como balizas decorrentes de negociações dialógicas entre as experiências das pessoas a partir da cultura pessoal e da cultura coletiva.

Os dados empíricos levantados neste estudo de caso sustentam que a metodologia APAC fortalece as posições dialógicas assimétricas nas relações *Self*-Instituição APAC-Sistema prisional Convencional que favorecem a emergência de tensões e conflitos a respeito do processo de execução penal, dos papéis definidos pela Instituição para a pessoa que cumpre pena, bem como nas relações interpessoais e afetivas desta. As tensões intra e intersubjetivas favorecem conflitos entre os rituais criativos construídos culturalmente e internalizados pela pessoa e as posições pessoais demarcadas a partir da resignificação da trajetória de vida no sistema prisional APAC. As tensões surgem a partir da dificuldade de estabelecer uma organização coerente e plausível entre ambas as dimensões da experiência coletiva e subjetiva (cf. Simão, 2015).

Os pontos de vista acerca da execução das penas se constituem a partir da construção das narrativas em diferentes campos culturais (políticas públicas, instituições sociais, religiosas e de justiça, intervenções comunitárias, relações familiares) em uma multiplicação dialógica na produção de sentidos sobre o suplício e a aplicabilidade das penas.

Os processos de multiplicação dialógica (cf. Guimarães, 2013) remetem a um corpo que para além de uma entidade biológica, também é constituída simbolicamente e disciplinada por aspectos culturais (cf. Valsiner, 1998). No caso da pessoa que cumpre pena privativa de liberdade, essa pode construir e internalizar uma visão de si mesma a partir de um mecanismo repressivo e disciplinador que sustenta o suplício como necessário e inerente a trajetória de vida da pessoa, em decorrência de um processo imitativo de construção de uma subjetividade de 'prisioneiro', como alguém que precisa sofrer fisicamente e emocionalmente, humilhar-se, cumprir com um preceito religioso de penitência. O método APAC mantém essa perspectiva religiosa, para além de uma perspectiva disciplinar, na aplicabilidade das sanções penais, logo, cumprir pena é também fazer penitência. Por outro lado, em uma sociedade multifacetada como a sociedade brasileira na atualidade, buscamos uma construção de meios e estratégias de políticas públicas e de sistemas penais mais coerentes com esse contexto sociocultural diverso, que não se restrinjam a uma perspectiva de regime disciplinar, mas que favoreça a pessoa que cumpre pena uma autonomia em relação às suas memórias presentificadas e aos seus processos singulares de atribuição de sentido para a experiência.

Quanto a essa busca por autonomia em situações adversas, Boesch (1997), em seu texto "razões para o conceito de ação simbólica", descreveu a atitude de um prisioneiro de guerra, nos campos de concentração nazista, que ao receber ocasionalmente um pedaço de pão, papéis de música e um lápis, entregues por um oficial, produziu um quarteto. E tocou esse quarteto com os instrumentos musicais que restavam no campo de guerra: um violoncelo com três cordas apenas, um clarinete com uma tecla invertida e um violino, único instrumento intacto. Ao produzir a música, o guerreiro recorre a uma ação simbólica válida para produzir o mínimo de dignidade naquele contexto de guerra. Para Boesch (1991, p.367):

O homem é o percebedor, intepretador, transformador e, até certo ponto, também o fazedor desse mundo, e então ele também se torna responsável por ele – cada um de menor ou maior forma. Tentar entender o homem como um ser cultural me forçou a ver a diversidade das culturas como prova da criatividade humana. Aí, no entanto, uma abordagem estritamente determinista não seria mais apropriada. Por todas essas razões, mesmo tendo sofrido diversas influências teóricas, eu optei, sem hesitar, por aquela que não só permite a inclusão da criatividade humana, mas também promete restaurar a sua dignidade.

Logo, a capacidade de promoção de ações simbólicas é uma saída criativa encontrada pela pessoa para atribuição de novos sentidos para a experiência e como estratégia para restituir a autonomia.

Retornando para os dados da presente tese, recorrer a uma data mensal que favoreça o resgate de memórias das vivências no presídio convencional pode ser uma tentativa válida na construção da subjetividade da pessoa se essas vivências permitem uma ressignificação dos fatos vividos relativos à dor e ao sofrimento. Se essa experiência permite uma elaboração dos fatos vivenciados no passado, elas também podem ser consideradas significativas na construção da subjetividade da pessoa que cumpre pena privativa. A partir desse critério de preservação da autonomia da pessoa durante o cumprimento da própria pena, que administra e se submete ao próprio método penal APAC, surge uma alternativa para dar vazão aos múltiplos saberes, olhares e sentidos que a pessoa constrói e reconstrói ao longo de uma pena privativa de liberdade.

Compreendo esses rituais criativos no método APAC como ações simbólicas que integram passado e presente num processo de transformação criativa da experiência de dor e sofrimento vivida no sistema prisional, como uma tentativa de manter a dignidade e desafiar a barbárie, transformando-a em um cenário carregado de valores subjetivos. Experimentar a experiência da não-dignidade (uma espécie de barbárie) para auxiliar na integração da experiência ao *Self*, visando uma possível resolução de conflito intra e interpsicológico quanto ao cumprimento da pena privativa. Essa experiência cria possibilidades de ressignificação dos fatos vividos relativos à dor das pessoas envolvidas. Estes rituais podem ocorrer de diferentes modos de expressão, em um ritual de penitência (como no ritual de reclusão, permanência das pessoas em 24 h ininterruptas nas celas), ritual de agradecimento ou louvor (tal qual ocorre nos cultos religiosos e nos corais desta Instituição) e como rituais contemplativos da própria história de vida, a partir dos teatros, apresentações

artísticas e confecção de artesanatos (pintura, tapetes, objetos concretos carregados de recursos simbólicos).

4.1.2 A emergência do *Self* Institucional

Esta pesquisa objetivou descrever as implicações da vivência institucionalizada na construção cultural do *Self* em um sistema prisional no qual a pessoa assume uma dupla posição: cumpre sua pena, mas também participa da administração da instituição penal, como responsável pela segurança. A pesquisa foi realizada a partir de uma discussão teórico-metodológica a partir da noção de multiplicação dialógica (Guimarães, 2013) e de um estudo de caso na Instituição APAC.

A partir dos dados empíricos, verificou-se que, a partir das tensões dialógicas que emergem da experiência da pessoa no sistema prisional convencional e no método APAC, há uma reconstrução do sistema de valores da pessoa que passa a orientar suas ações no presente e em relação ao futuro, ao promover posicionamentos e reposicionamentos enquanto tentativas de superar as antinomias. E o *Self* emerge como uma possibilidade de organização das múltiplas trajetórias de ação disponíveis por meio das ações simbólicas.

O que a pessoa faz da 'liberdade e da autonomia' dada a ela no sistema prisional APAC? As múltiplas perspectivas acerca da execução penal tomam espaço conjuntamente com as negociações de sentido e elaborações simbólicas acerca do cumprimento de pena privativa de liberdade na construção cultural do *Self*. Os reguladores semióticos liberdade e responsabilidade emergem da experiência institucionalizada no contexto penal APAC enquanto valores e atribuição de sentido para o sofrimento provocado pela privação de liberdade.

Compreendo que emergem fronteiras entre as posições pessoais e institucionais no cotidiano da Instituição APAC. O presidente do CSS do regime fechado afirmou que ao ter conhecimento de alguma possível revista, exame de sangue ou sanções disciplinares planejadas pelo administrativo, o mesmo se reunia com os colegas de regime e os orientava a deixar de fazer o uso da droga, até mesmo descartá-la, bem como descartar o aparelho celular, como um aviso de que a administração da Instituição estaria programando tais revistas ou antecipando exames

toxicológicos e que ele teria que comunicar esses fatos, caso ocorressem. Essa postura foi relatada em uma narrativa carregada de preocupações com os colegas de regime, mas sem deixar de cumprir com sua função de delatar, para evitar punições também para si. Assim, entendo que ele não resolve suas tensões dialógicas, mas permanece na fronteira, ao colocar-se entre dois pontos de vista, que lhe permite uma passagem permeável entre as duas posições, de acordo com o contexto.

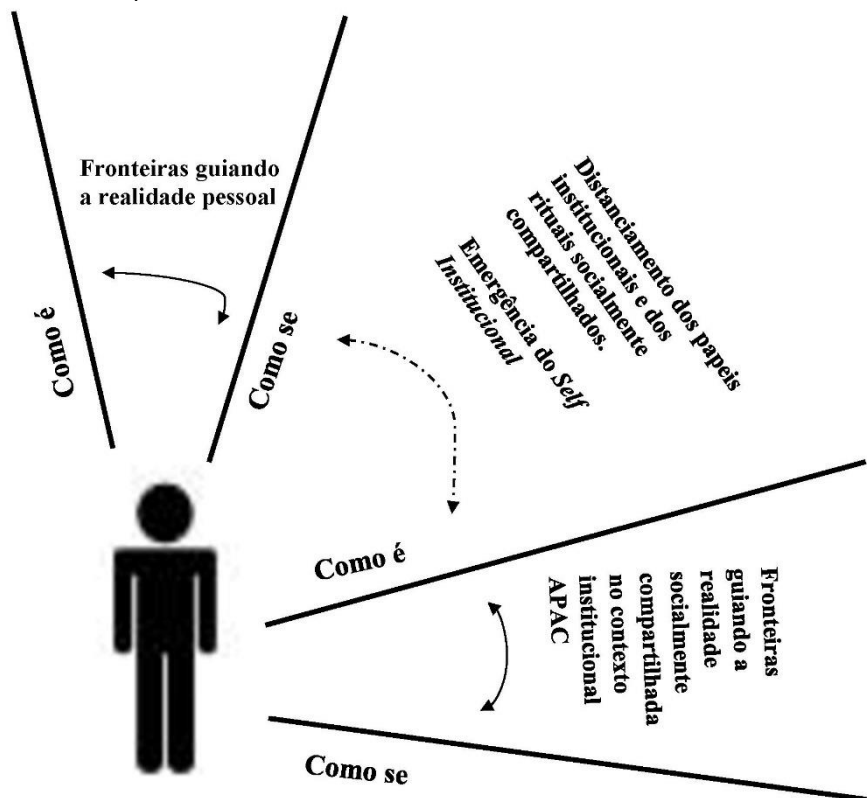
As tensões intra e intersubjetivas favorecem rupturas entre posições pessoais e os papéis institucionais que norteiam as relações eu-outros no contexto institucional APAC. As tensões surgem a partir da dificuldade de estabelecer uma organização coerente e plausível entre ambas as dimensões da experiência subjetiva, coletiva e pessoal (cf. Simão, 2015). A Instituição APAC promove um campo tensional entre as posições intrapessoais de cada membro institucional ao desempenhar funções específicas ou compartilhadas com outros.

A figura 7, adaptada de Moraes e Guimarães (2015), é uma tentativa de ilustrar as fronteiras (cf. Boesch, 1991) entre a experiência pessoal e a experiência coletiva, bem como os limites que definem a realidade pessoal no método APAC e aquela que orienta os rituais criativos compartilhados pelos grupos, e faz emergir a construção da subjetividade da pessoa entre as fronteiras da “percepção” e da “imaginação”. A fronteira em Boesch (1991) é entendida como uma oposição binária entre o aqui e o lá, que permeia a modulação da identidade e do agir da pessoa. A construção da subjetividade da pessoa emerge entre as fronteiras da “percepção” e da “imaginação”, entre as bordas que guiam a realidade pessoal, e as bordas que guiam a realidade socialmente compartilhada no âmbito da execução penal. A pena recebe uma atribuição de sentido de sofrimento a partir da construção social da prisão e do compartilhamento de seus significados pela sociedade para o cumprir pena enquanto viver humilhações, aspectos internalizados também a nível intrapsicológico para a pessoa, e o conflito estabelecido ao cumprir uma pena privativa com dignidade é resolvido com a produção de rituais carregados de sentidos simbólicos.

O *Self* ora redireciona suas ações pela experiência pessoal, ora se direciona pelos aspectos e interesses coletivos, em uma fronteira (cf. Boesch, 1991) permeável que favorece essa transição constante entre essas experiências a serem executados no contexto de cumprimento de pena privativa de liberdade. A pessoa articula processos perceptivos e imaginativos em uma interação constante. Essa interação pode resultar em uma subjetividade marcada pela internalização dos suplícios e

penitências historicamente construídas e destinadas ao prisioneiro; ou o distanciamento desses rituais, bem como favorecer um reposicionamento do *Self* para novas atribuições de sentido para a pena, conforme narrado por algumas pessoas: “sou preso, cometi um crime, mas tenho direitos e posso reconstruir minha história”.

Figura 7 - *Self*, percepção e imaginação entre a realidade pessoal e a realidade socialmente compartilhada no campo institucional APAC (adaptado de Moraes & Guimarães, 2015)



Fonte: Dados da pesquisa

Moraes e Guimarães (2015) discutiram as fronteiras que emergem no corpo afetivo de um ator em cena. A distância entre o ator e a personagem cria uma lacuna que o ator preenche com a criatividade. Ao trazer essa discussão para o contexto institucional APAC, as fronteiras entre a percepção e a imaginação (retratados aqui neste texto a partir do “como é” e “como se” nos termos de Valsiner, 2007b) exemplificadas na figura 7, se fazem presentes na vivência pessoal e coletiva de cada pessoa que cumpre pena, e a lacuna torna-se preenchida pelo *ritual criativo* que

integra experiências de passado e presente em uma cena mais aceitável e mais amena de sofrimento do que outrora ocorria.

Morais e Guimarães (2015) analisaram a fronteira entre o real e o imaginário, entre a percepção e a imaginação, presentes no fenômeno artístico, focalizando os fluxos de apreensão e construção de sentidos, ao partir de como a imaginação, a criação e a percepção oferecem subsídios para a leitura da realidade. Este estudo trouxe como desdobramento “a compreensão de que os endereçamentos da ação humana podem ser estruturados a partir de imagens simbólicas emergentes de sínteses estéticas temporariamente situadas que o sujeito formula a partir de suas experiências no mundo” (Morais & Guimarães, 2015, p. 28).

No contexto institucional, as fronteiras do “como é” e do “como se”, exemplificadas na figura 7, se fazem presentes na vivência de cada pessoa, nas posições pessoais e institucionais de cada uma. As elaborações semióticas tomam parte na articulação entre percepção e imaginação para a compreensão da vivência institucionalizada da pessoa. A imaginação permite ao *Self* uma reflexão que vai além da percepção da realidade em si, porém ela também poderá se distanciar da realidade socialmente compartilhada e promover dificuldades para a produção de sentidos compartilhados para o *Self* no contexto institucional. A partir das fronteiras entre as posições pessoais e papéis institucionais, entendo um *Self* que ora redireciona suas ações na APAC, ora se direciona pelos aspectos e interesses pessoais, em uma espécie de fronteira que favoreça essa transição constante entre papéis a serem executados no contexto de vida institucionalizada e cumprimento de pena privativa de liberdade. Essa passagem entre as duas posições é permitida pelas paredes semióticas e fronteiras.

Compreendo o *Self*, a partir da multiplicação dialógica, como um processo de subjetivação que as pessoas vivenciam a partir dos potenciais de ação (cf. Boesch, 1991) e dos limites que redirecionam a trajetória de vida e promovem ações simbólicas como saídas integrativas para o *Self* mediante os conflitos intra e interpessoais que são construídos em nossas relações singulares com os Outros, que extrapola o viver em prisões, hospitais de custódia e outras Instituições constituídas por balizas rígidas para o viver.

Os recursos simbólicos e os reguladores afetivos favorecem continuidade e consistência da experiência no contexto institucional APAC e uma resignificação da trajetória de vida. Aspectos expressivos e ações simbólicas também emergem neste

processo de reposicionamentos do *Self*, como transformar a história de vida em arte (teatro, canto, artesanato), em penitência (ritos e práticas religiosas cristalizadas ao longo da sociogênese das prisões e na origem da APAC), em qualificação profissional, estudo ou ainda como em resgate de vínculo familiar. Mediante as tensões entre posições pessoais e posições institucionais, a busca por uma resolução integrativa da experiência conflitiva para o *Self* emerge por meio de rituais criativos.

O *Self* se constrói pela elaboração das antinomias e ressignificação das vivências pessoais a partir das trajetórias de ação e da dialogicidade nos processos de regulação afetivo-cognitiva disponível no campo institucional APAC. E a pessoa que cumpre pena no método APAC reconstrói suas vivências na sociedade e no presídio em memórias transformadas, em uma síntese criativa e em uma hierarquia de sentidos carregados de afeto.

Como desdobramento da pesquisa, proponho um constructo teórico próprio na dinâmica de compreensão do *Self* que contemple as dimensões institucionais - o *Self Institucional*, enquanto um modo de subjetivação e de estabelecimento de relações intra e interpessoais que se guia por uma articulação entre aspectos históricos, culturais e afetivo-relacionais no contexto institucional da vida cotidiana. O *Self Institucional* diz de uma subjetivação construída em contextos relacionais e institucionais do cotidiano que se baliza por valorações e direcionamentos histórico-culturais, mas que se constitui em um sistema aberto que lhe favorece autonomia para transformar constantemente as experiências vividas em processos e rituais criativos, mais facilmente elaborados pela pessoa, enquanto ações simbólicas que promovem a reconstrução e transformação das experiências amargas e dolorosas em experiências mais fluidas, carregadas de sentidos em uma busca por resiliência humana.

A noção de *Self Institucional* aponta para um reconhecimento que muitas das ações humanas são institucionalizadas dentro e fora das Instituições, que apresentam balizas que norteiam nossos potenciais de ação no cotidiano de nossas relações intra e interpessoais. Que o *Self Institucional* emerge justamente porque, embora tenhamos uma vivência institucionalizada em nosso cotidiano, estamos diante de um sistema aberto de construção de subjetividade que permite ações simbólicas e saídas criativas para novas experiências amargas ou doces, felizes ou tristes, configurando um campo de múltiplas afetações em uma perspectiva dialógica de construção de sentidos

singulares para a experiência. Respeitar a singularidade da pessoa, sem infundir-lhe balizas rígidas, permite a emergência do *Self Institucional*.

Se todas as relações humanas são passíveis de análise por categorias institucionais, todas as experiências nossas diárias podem ser compreendidas como institucionalizadas. Logo, todas elas favoreceriam a emergência do *Self Institucional*? Não necessariamente. O que não é *Self Institucional*, então? Experiências subjetivas ainda que provenientes de uma institucionalização, mas que não permitam a emergência de uma ação simbólica transformativa desta experiência, como podemos supor que ocorra nas Instituições chamadas por Goffman (1974) de Instituições totais.

O *Self* emerge a partir das possibilidades de ação no fluxo da experiência institucionalizada como tentativa de resolução das tensões dialógicas que emergem das experiências das pessoas nos dois sistemas prisionais, como uma possibilidade de organização das múltiplas trajetórias de ação disponíveis para a pessoa; e como um ajuste recíproco de perspectivas¹² (cf. Rommetveit, 1992), ainda que em uma posição temporária adotada pela pessoa a partir de sua experiência afetivo-cognitiva que se dá na fronteira entre imaginação e percepção, entre expectativas e o que é possível de ser realizado. Os rituais criativos se colocam na fronteira entre imaginação e percepção, como uma síntese criativa da ordenação estética da experiência institucionalizada.

Proponho o constructo *Self Institucional* como uma novidade para essa área de pesquisa em Psicologia, uma vez que os estudos sobre multiplicação dialógica não contemplam uma discussão dos aspectos institucionais, dos circuitos de poder e das balizas que as Instituições colocam para a pessoa, configurando uma lacuna nessa área do conhecimento para aplicabilidades institucionais, um contexto teórico-metodologicamente fértil para análise das assimetrias e trocas dialógicas que permitem a construção cultural do *Self*. Estudos posteriores poderão avançar e ampliar esse constructo.

¹² “O ajuste recíproco de perspectivas é alcançado por uma “sintonia com a sintonia do outro” pelo qual o estado de coisas é apresentado em um foco conjunto de atenção, fazendo sentido de, e falado sobre a partir de uma posição temporária adotada por ambos os participantes na comunicação” (Rommetveit, 1992, p.21).

4.2 A EXPERIÊNCIA INSTITUCIONALIZADA NA VIDA COTIDIANA

Ao longo desta tese, recorri ao teórico Baremlitt (1996), que discute a noção de Instituição enquanto leis, normas, pautas e regularidades de comportamento. Também busquei compreender a microfísica do poder (Foucault 1979/1997) nas relações institucionais da modernidade, que me auxiliou a pensar nas diversas formas do conhecimento que são construídas histórica e culturalmente. Recorri a Clegg (1989;1990), que problematiza o aumento das tecnologias de controle e poder na atualidade a partir da discussão trazida por Foucault. Entretanto, deixei claro que não pretendia realizar nessa tese uma análise institucional segundo Baremlitt, e nem mesmo uma análise foucaultiana do discurso.

Caminhando com o Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia e com a noção de Multiplicação Dialógica (como noção emergida nessa área do conhecimento), busquei avançar no estudo das tensões dialógicas e interpessoais presentes na Instituição, e como essas múltiplas perspectivas institucionais na rede de relações que compõe a Instituição tornam-se dimensões constitutivas do *Self* da pessoa inserida nesse contexto. Portanto, proponho uma segunda noção de Instituição, a partir de uma articulação entre três noções conceituais diferentes, mas que entendo que me ajudam a compreender a participação da dimensão institucional na Vida Cotidiana: potencial de ação (Boesch, 1991); redundância (Valsiner, 2007a) e circuitos de poder (Clegg, 1989;1990).

Considerando a noção de potencial de ação, entendo que a experiência vivida cotidianamente apresenta um fluxo de ações coordenadas e balizadas por valores e preceitos das várias Instituições que nos cercam, como família, religião, justiça, política, instituições genéricas que coparticipam de nosso cotidiano. Estas experiências da vida cotidiana, em um determinado momento, podem evocar antecipações na reflexão generalizante que atuam na constituição do potencial do sujeito para agir em determinada direção. E o fluxo da experiência cotidiana apresenta, não raramente, sensações de desencaixe, que se guiam por uma relação interdependente e fluida entre passado e um dado objetivo projetado no futuro. Portanto, ocorre uma cobertura de nossa experiência da vida cotidiana por mais de um sistema de controle, uma redundância, mas que garante uma temporalidade para

a experiência e uma singularidade desse viver cotidianamente, uma segurança e uma autonomia para o *Self* da pessoa. A temporalidade aqui refere-se à reciprocidade de atividades, nas quais “a pessoa, ao realizar suas tarefas, também atende a outras pessoas” (Ingold, 2000, p. 196).

Existem compensações para *Self* que direciona seu potencial de ação para uma dada direção em detrimento de outra, tendo em vista um objetivo futuro, um sistema que se retroalimenta na redundância do fluxo da rotina e das balizas que emergem em nossas relações intra e interpessoais do dia-a-dia. Mediante sistemas de controle redundantes, as ações podem ser canalizadas para novas construções semióticas, de forma que algo compensatório ocorra por meio dos processos psicológicos que operam tendo em vista a estabilidade mediante a um viver que está constantemente normatizado e guiado.

Cada Instituição que regra nossa vida nos apresenta mensagens semióticas diferentes que se fazem presentes nesses discursos institucionais e nas diversas tecnologias de poder que se relacionam com os avanços em tecnologia, novas descobertas científicas, adaptações a novas realidades climáticas, mudanças econômicas e políticas, que implicam em experiências afetivo-cognitivas específicas para cada pessoa, a partir das ações simbólicas utilizadas para cada uma, para produzir singularidade em meio às tecnologias e os circuitos de poder. As relações discursivas da vida cotidiana são permeadas por diversas formas e modos de poder compartilhados entre as pessoas no convívio social e internalizadas por cada uma diferentemente, a partir da cultura pessoal. Impactos desses circuitos podem emergir na constituição cultural do *Self*, tal como observei na experiência das pessoas na Instituição APAC quando o Tribunal de Justiça solicita uma inclusão de algemas e muros altos com cerca elétrica, constituindo assim um circuito de poder que emana das redes de relações dialógicas que compõem a experiência cotidiana do cumprimento de pena.

A noção de poder de Foucault, discutida por Clegg (1989;1990) na contemporaneidade com a noção de ‘circuitos de poder’, nos ajuda a pensar nos circuitos de poder que emergem das relações dialógicas no âmbito intrapessoal e interpessoal no fluxo da experiência cognitivo-afetiva da pessoa. Constatei, a partir dos dados empíricos, que a Instituição não é algo externo ao *Self*, mas interpelações afetivo-cognitivas, sociais e relacionais que se apresentam na rede de relações dialógicas e em seus circuitos de poder que balizam a vida cotidiana tornando-se

constitutivos da subjetividade das pessoas. Conceituo a Instituição, a partir dessas contribuições teórico-empíricas como rotas de ação simultâneas disponíveis para a pessoa, que a coloca em um contexto de escolha conflitiva, mas com uma reativa autonomia para produzir rituais criativos (por exemplo, de penitência, de louvor ou agradecimento, de contemplação ou de aceitação da realidade) e ressignificações para a trajetória de vida. Concebo a Instituição, após a concretização desta pesquisa, como uma rede de relações de poder capilarizadas subjacentes aos processos de construção de saber, seja no campo político, econômico, social, psicológico e educativo.

Algumas pessoas são mais fortemente guiadas pelos circuitos de poder que emergem das relações instituídas na Igreja; outras pessoas se guiam por circuitos que emergem das relações estabelecidas na comunidade local, onde ela reside; outras pessoas se direcionam pelos aspectos familiares; outros pelas situações culturais, históricas e sociais da vida cotidiana que emergem na coletividade, mas que dizem respeito a experiências singulares, dedicando-se a estudar e compreender os processos de singularidade das experiências de sofrimento/exclusão e suas transformações em práticas ritualísticas (aqui me incluo, que, ao fazer esta pesquisa, tive um viver institucionalizado, balizado por esse objetivo maior). Outras pessoas se guiam por vários circuitos de poder (cf. Clegg, 1989;1990) simultâneos, enquadramentos ou sub-enquadramentos (cf. Goffman, 1974) em tensão, mas que mantêm a dialogicidade nas relações interpessoais que interpelam a construção cultural do *Self* e canalizam as múltiplas possibilidades para o *Self* e cursos de ação diferentes na trajetória de vida.

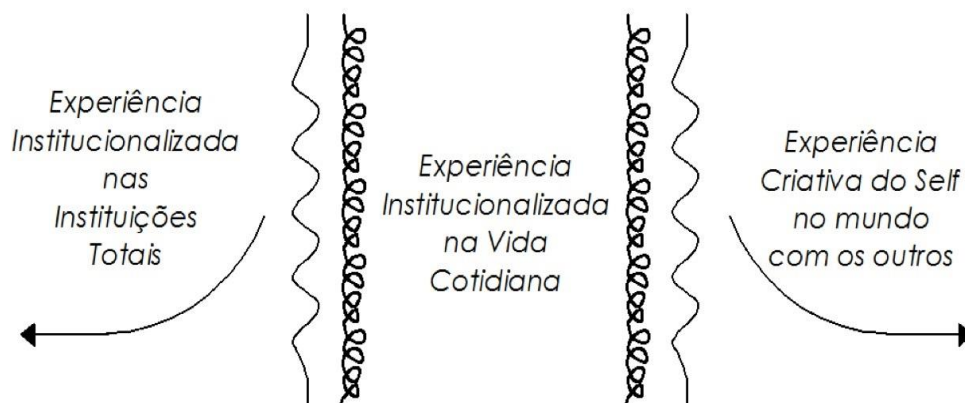
As pessoas podem, então, estar submetidas a um poder episódio, que favorece uma ação guiada por uma condição de agir que nos é dada momentaneamente; ou por um poder composto e construído pelas regras do cotidiano e que seguem o fluxo da vida cotidiana, que, por sua vez, também é institucionalizada. Assim, compreendo que esses circuitos poderão estar sempre sujeitos a alterações e desafios, que promovem as mudanças sociais ao desafiar as regras e as relações que estruturam a dominação e as práticas de exclusão.

Proponho, então, que a participação da Instituição é significativa na “Vida Cotidiana”, ou seja, o viver regrado e balizado por Instituições que se organizam em sistemas redundantes de relação e coparticipação nos fluxos da experiência afetivo-cognitiva do *Self*. Um viver institucionalizado no cotidiano, que também nos permite

romper com os circuitos diários de poder ao fomentarmos situações que fazem emergir mudanças e ocasiões de poder episódico, mas que tão logo essas mudanças se adaptem à vida cotidiana, perdem a dimensão da novidade e se cristalizam em novas normas e preceitos de convivência que retroagem sobre nós em nosso viver, que se estabilizam e voltam a manter os modos de vida instituídos e rotineiros. O constructo de “experiência institucionalizada na vida cotidiana” me ajuda a pensar nas possíveis mudanças de práticas cristalizadas (movimentos instituídos) no cotidiano, a partir de uma experiência inquietante que faz emergir um planejamento de ações em outras direções (movimento instituinte) ao longo da vida da pessoa em sua experiência institucionalizada.

A figura 8 é uma tentativa de ilustrar o constructo do *Self Institucional* como uma fronteira entre a vida institucionalizada nas Instituições totais (cf. Goffman, 1974) e a experiência criativa do *Self* no mundo com os Outros. Entre esses dois extremos, temos a vida cotidiana que também é institucionalizada, mas que permite algum modo de subjetivação na busca por uma saída integrativa para as tensões dialógicas que emergem para o *Self* nas relações intra e interpessoais da Instituição da vida cotidiana, para produção de singularidades e de estabilidades no fluxo da temporalidade dessa experiência. Os rituais criativos dão lugar a essa tentativa de integrar as tensões dialógicas e estabelecer uma rota de ação para o *Self* perante as múltiplas possibilidades na trajetória de vida.

Figura 8 – Experiência institucionalizada na vida cotidiana



Fonte: Dados da Pesquisa.

As duas experiências, vida institucionalizada nas Instituições totais e a experiência criativa do *Self* no mundo com os outros, seguem rotas de ação contrárias,

ao passo que a experiência institucionalizada na vida cotidiana apresenta múltiplas rotas de ação simultâneas para o *Self*, possibilitando a transição entre posições pessoais e institucionais no fluxo da experiência cotidiana, rotas de ação simbolizadas como emaranhado de linhas abertas ao infinito e em diferentes direções, que potencializam rituais criativos e saídas integrativas ao *Self* diante das tensões e experiências inquietantes. Essas múltiplas rotas de ação estão impregnadas de circuitos de poder e aspectos institucionais construídos em um contexto histórico-cultural particular para o qual a pessoa se inclui, e que favorecem posicionamentos e reposicionamentos para o *Self* ao longo da trajetória de vida.

4.3 OS ASPECTOS INSTITUCIONAIS E OS CIRCUITOS DE PODER NA CONSTRUÇÃO CULTURAL DO *SELF*

Foucault (1969) argumenta que nenhum saber é neutro, pois os discursos que o produzem são expressões e articulações de poder com estratégias próprias, como no campo do saber político e institucional, em que os discursos são formas de controle social em um dado contexto histórico. Os modos de produção de saber em criminologia, execução penal e inserção social são inseridos em um fluxo descontínuo na história, mas um fluxo que interconecta experiências de várias épocas, desde a medieval até o contexto atual, desde os espetáculos estéticos sangrentos, dos açoites, até a prisão como sanção penal, mas que agora configuram estratégias de poder que se apresentam com outra roupagem, com outras características imbricadas em um contexto político e histórico de valorização da busca por um controle sutil e pleno sobre as pessoas que permeia a sociedade panóptica na contemporaneidade.

Embora não tenha partido de uma metodologia Foucaultiana de pesquisa, busquei uma sofisticação conceitual para a área de pesquisa a partir da articulação entre a noção de Multiplicação Dialógica (Guimarães, 2013) e a noção de poder disciplinar em Foucault (1987), que me faz compreender melhor as questões socio-históricas que permeiam a contemporaneidade das execuções penais, ainda que de forma transformada. A partir desta articulação entre preceitos teóricos foi possível

refletir que, os modos de subjetivação que ocorrem nesse cenário de execução penal alternativa, na qual a pessoa possui uma dupla posição, cumprir pena e administrar o próprio método de execução, só poderiam ocorrer em uma rede de relações dialógicas carregadas de circuitos de poder que se tornam dimensões constitutivas do *Self*. As múltiplas perspectivas em diálogo promovem relações descontínuas no fluxo da experiência da pessoa, mas relações interdependes e inter-relacionadas ao contexto sociocultural no qual se dá o cumprimento da pena. A busca por um compartilhamento ainda que mínimo nessa rede de relações dialógicas favorece as negociações e os reposicionamentos do *Self* ao longo da trajetória de vida.

A compreensão dos processos de constituição do encarceramento da tradição ocidental e suas implicações na subjetividade das pessoas na atualidade no contexto brasileiro da execução penal APAC nos permite articular o poder disciplinar em Foucault a um dos modelos de compreensão contemporânea de subjetivação discutido por Figueiredo (1994) em um panorama histórico-filosófico, o regime disciplinar permeando a construção da própria Psicologia, no qual a disciplina emerge nas relações intra e interpessoais na vida cotidiana, dentro e fora das Instituições.

A partir dos dados empíricos desta tese, verifiquei que os circuitos de poder emergem pelas pessoas nas redes relacionais na Execução Penal, não de uma pessoa ou de um papel exercido por uma Instituição. Esses circuitos de poder e imbricamentos (cf. Clegg, 1990) balizam as subjetividades das pessoas que participam do Método APAC seja enquanto pessoa que cumpre pena, seja no papel de funcionário, membro da diretoria, voluntário ou agente público. Essas relações de poder capilarizadas são balizas que emergem nas trocas dialógicas entre diferentes perspectivas e que se articulam a elucubrações que talvez se aproximem dos movimentos instituintes e instituídos (Baremlitt, 1996). Elas se apresentam nos cursos de ação da pessoa, guiando o potencial de ação (cf. Boesch, 1991) para uma ou outra direção, fluxos que permeiam constantemente a trajetória de vida das pessoas. Tais alternâncias entre a emergência de novas práticas de inserção social, por exemplo, e a cristalização destas propostas ('movimentos instituintes e instituídos' em Baremlitt, 1996), favorecem uma descontinuidade no fluxo da experiência das pessoas, que, por sua vez, promove um desencaixe, uma experiência inquietante. Na busca por uma solução integrativa para as tensões dialógicas, entendo que os rituais criativos se mostram como modo de elaboração dessas descontinuidades no fluxo da experiência e da temporalidade que interconecta passado, presente e futuro.

A Instituição penal APAC também se configura a partir de processos de disciplinarização de corpos, no sentido proposto por Foucault, porém verifiquei ao longo da tese, a partir dos dados empíricos, que a APAC enquanto sistema prisional se coloca como uma subversão ao sistema convencional, uma vertente instituinte fazendo uma elucubração ao termo de Baremlitt, ao romper com a presença policial, algemas, uniformes estigmatizantes, e propor um sistema menos desumanizado, que permite caminhos e trajetórias de subjetivação para a pessoa que cumpre pena, que permite às pessoas tomada de decisões e coparticipação na administração e fiscalização da própria Instituição.

Nesse contexto de pesquisa, os processos de tensionamentos dialógicos me levou a pensar em outros contextos institucionais. Na relação das pessoas com as Instituições, no contexto da saúde, educação, incluindo-se a vida cotidiana, essas questões também ocorrem? Proponho pensar, a partir do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, que esses circuitos de poder (cf. Clegg, 1990) e as vertentes instituintes e instituídas (cf. Baremlitt, 1996) compreendidas nas redes de relações dialógicas, emergem da sintonização rítmica das experiências afetiva-cognitivas das pessoas que lidam com experiências institucionalizadas. Afinal, a forma com que cada pessoa se relaciona com seus afetos perpassa como ela utiliza os recursos semióticos de uma dada cultura que promove diferentes níveis de generalização e hipergeneralização na regulação afetiva da experiência. Constatei neste estudo, que o método APAC otimiza a evocação dos signos hipergeneralizados autonomia e heteronomia, reclusão e liberdade que emergem da experiência institucionalizada e das tensões dialógicas nesse contexto de execução penal, guiando experiências inquietantes e tomadas de decisões em uma ou outra direção no curso da trajetória de vida da pessoa. A responsabilidade, a liberdade e a autonomia emergiram (a partir do enunciado das pessoas e dos dados extraverbais) como valores (cf. Valsiner, 2012a) durante o cumprimento de pena neste sistema prisional.

Entretanto, se nesse contexto de relações eu-outro-mundo sensíveis no sistema prisional APAC, podemos pensar no *Self* social do ponto de vista de William James, um *Self* que se coloca disponível para atender as demandas sociais e culturais colocadas a ele, qual seria a especificidade do *Self* Institucional? Constituir-se um *Self* como menos invasivo nas relações que o *Self* social e mais dinâmico e constitutivo das dimensões dialógicas singulares das pessoas na vida cotidiana, que garante autonomia relativa e recursos semióticos singulares para cada pessoa em uma dada

cultura. A cultura organiza os ritmos de vida por meio de rituais que são próprios de seus membros (cf. Guimarães & Nash, submetido), ritos revestidos de cotidiano, ritmos de vida, cultural e pessoalmente construídos e reconstruídos nas redes de relações dialógicas, ciclos que movem práticas ritualizadas, que também se incluem nas relações eu-outro-mundo sensíveis como estratégia de elaboração das tensões e conflitos dialógicos.

Além disso, as pessoas se movimentam na experiência em sociedade a partir de mudança de posições institucionais, movendo-se entre os papéis que são institucionalmente delimitados a partir de demandas situacionais (Gillespie & Martin, 2014). O *Self* se constrói nesse contexto de múltiplas posições, inclusive de posicionamentos contraditórios. As pessoas não estão ancoradas em apenas uma ou outra posição social, mas pode acumular várias posições e contextos (Gillespie & Martin, 2014). A exemplo do presente estudo, a pessoa que cumpre pena ocupa ao mesmo tempo, o papel de recuperando, pai, esposo, filho, profissional de uma determinada área do conhecimento... A troca de posição é que favorece a relação dialógica, uma dialogicidade que permeia a autonomia relativa da pessoa em um viver institucionalizado da vida cotidiana. Portanto, estudar as pessoas a partir do contexto extraverbal de pesquisa me facilitou identificar essas diversas posições sociais em trâmite e trocas dialógicas entre as posições pessoais e institucionais. Administrar o próprio método de execução penal é simultaneamente ocupar a posição de recuperando e de responsável pela segurança da Instituição, o que permite a pessoa que cumpre pena a troca de posição no diálogo institucional que, por sua vez, potencializa a autonomia e uma relativa liberdade entre as pessoas e a emergência de um *Self* Institucional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma proposta dialógica de pesquisa, compreendo que o estudo de caso aqui realizado permitiu a emergência de novidades na construção de conhecimentos ao permitir um movimento recursivo e circular de confrontação entre as informações levantadas em campo e as análises teórico-metodológicas que constituem o ciclo hermenêutico: levantamento de dados empíricos – análise - interpretação- e explicitação. Uma vez que a construção de significados emerge das interações da pessoa com seu contexto sociocultural e afetivo, o estudo de novos casos ilustra e canaliza a compreensão destes processos a partir das mediações semióticas, favorecendo questionamentos e reformulações, quando necessárias, das próprias noções teórico-metodológicas utilizadas, a partir dos dados empíricos, da situação extraverbal observada e interpretada.

Considero, ainda, que dada a natureza dialógica da pesquisa, que demanda a construção de compartilhamentos intersubjetivos entre pesquisadora e participantes da pesquisa, a realização da investigação empírica em uma Instituição na qual eu já possuía alguma familiaridade foi valiosa ao estudo por favorecer acesso à Instituição e às relações extraverbais concretas que se dão na rotina diária das pessoas.

As entrevistas semiestruturadas se encaixaram como uma oportunidade não apenas para que eu pudesse obter informações acerca do entrevistado e sua rotina na Instituição, suas construções de sentido e as diferentes perspectivas socioculturais nesse contexto de vida institucionalizada, mas também me favoreceu o compartilhamento dialógico de experiências no mundo sensível do contexto institucional para a pesquisadora e os participantes, a partir da multiplicação dialógica, noção norteadora da tese.

A abordagem teórico-metodológica do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, e, mais especificamente, a partir da noção de multiplicação dialógica enquanto norteadora dos processos analíticos e interpretativos da pesquisa, me auxiliou na compreensão dos múltiplos posicionamentos existentes no contexto institucional APAC e como essas tensões interpessoais tomam parte na construção da pessoa que cumpre pena, a partir da análise das múltiplas perspectivas em relação no diálogo institucional.

Além disso, discutir o papel do contexto institucional nos processos intra e intersubjetivos de construção da pessoa favorece a sofisticação e a ampliação desta noção para outros contextos de interação nos quais as relações de poder e os papéis institucionais balizam as trocas dialógicas e favorecem novas construções de conhecimento. A multiplicação dialógica canalizou a análise das múltiplas perspectivas socioculturais que tomam espaço conjuntamente com as negociações de sentido acerca de um fenômeno-tema. Os campos interativos e socioculturais específicos, tais como a APAC enquanto uma Instituição prisional, a família, a sociedade, promovem cada qual uma perspectiva de posicionamento para o *Self* da pessoa, uma vez que cada um deles disponibiliza contextos de interação eu-outro distintos e que definem posições possíveis para a pessoa. Entendo, portanto, que a noção de dialogicidade possibilitou compreender os processos de construção de sentidos, evidenciando as tensões e antinomias entre os selves em interação, a partir das assimetrias do diálogo, estruturadas em relações de poder que podem inibir e silenciar certas vozes no discurso.

A partir da análise dos empíricos, observei que o método APAC favorece a emergência do significado de 'um período de revisão de vida' para o cumprimento de pena, a partir de uma proposta de assistência jurídica, à saúde, social, material e religiosa prevista na Lei de Execução Penal Brasileira. Verifiquei que se trata de uma intervenção psicossocial que busca cumprir com os pressupostos previstos na LEP e que visa uma mudança no curso de vida de quem cumpre pena, fundamentada em preceitos religiosos do Cristianismo. Entretanto, ela promove assistência espiritual conforme a crença expressa por cada pessoa, sem se caracterizar uma Instituição religiosa, mas uma política pública vinculada ao Tribunal de Justiça do Estado. Alguns princípios religiosos cristãos, como 'a amor e a misericórdia' aparecem implicitamente nas relações institucionais que demonstram nas relações estabelecidas entre funcionários/diretoria e pessoas em cumprimento de pena/familiares o respeito e o entendimento que todas as pessoas podem 'errar' (do ponto de vista penal e também religioso) em alguma circunstância, mas não deixam de ser merecedoras de uma oportunidade para ressignificar sua trajetória de vida, de um acolhimento e uma escuta, conforme a história de vida singular desta pessoa.

Constatei a partir dos dados empíricos (verbais e extraverbais que emergiram no contexto institucional) que a Instituição APAC oferece uma oportunidade para ressignificar a trajetória de vida da pessoa que cumpre pena e construir novas

expectativas para o futuro, bem como buscar por uma inserção social a partir do fortalecimento ou resgate de vínculo familiar e do convívio e participação da comunidade local na administração da própria Instituição. Romper com o discurso autoritário e excludente da execução penal tradicional, tal como pressupõe o método APAC de Execução Penal, fomenta uma subversão ao sistema prisional ao abrir mão de escolta e agentes de segurança armada, e constitui um sistema aberto que permite uma coparticipação e coautoria da pessoa que cumpre pena na administração e fiscalização da própria Instituição Penal APAC, que, por sua vez, evoca a autonomia e a liberdade como valores, como signos hipergeneralizados (cf. Valsiner, 2012a) na regulação semiótica afetiva.

Considerando que toda cognição de um fenômeno envolve a relação afeto-cognição (cf. Guimarães, 2013), as cognições estão sempre vinculadas às percepções e às imaginações. A partir do dialogismo, entendo que se a pessoa apresenta seus próprias afetos e cognições, não há como compreendê-la no contexto institucional sem se colocar nesse mesmo contexto de diálogo e de experiências. A partir dessa abordagem dialógica, entendo que pela linguagem verbal não há acesso à compreensão da significação do fenômeno para o outro, apenas pela compreensão das pessoas em relação, ou seja, das relações concretas que se dão no campo de pesquisa. Essa relação extraverbal é que potencializa a análise do enunciado, da relação afeto-cognição que perpassa o fenômeno expresso pela pessoa. A situação extraverbal diz do compartilhamento entre interlocutores do diálogo e também à aquilo que permanece inacessível ao Outro na relação com a alteridade. Estar no contexto institucional com as pessoas que cumprem pena, nesse sentido, viabilizou o acompanhamento de relações concretas entre as pessoas que produzem os enunciados e, ao acompanhá-las, ser uma participante observante. Participar das atividades laborterapêuticas e reuniões/visitas de familiares, do acolhimento de pessoas recém-ingressas ao método, bem como das atividades profissionalizantes e dos intervalos entre essas atividades, com uma experiência preliminar de uma co-fundadora da unidade, permitiu uma abertura para compartilhamento de experiências institucionais singulares e, a partir dessas experiências concretas, realizar as minhas discussões e aprofundamentos teórico-metodológicos.

Constatai que, para além os muros das instituições penais, as pessoas compartilham significados da experiência com a sociedade, constituindo a cultura coletiva, e internalizam e significam tais aspectos na cultura pessoal. A experiência

singular dessas pessoas extrapola as formas mais cristalizadas de um viver institucionalizado e os recursos semióticos emergem para dar sentidos diversos a experiência. Na busca por resoluções integrativas da experiência ao *Self*, emerge o *Self Institucional*, um constructo que diz de uma subjetivação construída em contextos relacionais e institucionais na vida cotidiana que se baliza por valorações e direcionamentos histórico-culturais, mas que se constitui em um sistema aberto que lhe favorece autonomia para transformar as experiências vividas em processos e rituais criativos, mais facilmente elaborados pela pessoa, em um movimento constante de transformação simbólica.

Entender essas tensões dialógicas na experiência institucionalizada na vida cotidiana, que emergem entre posições pessoais e institucionais, potencializa a emergência de novos aspectos teóricos e metodológicos no aprofundamento das noções conceituais da área de pesquisa (Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, em especial a noção de Multiplicação Dialógica), bem como avanços no diálogo com outras áreas do conhecimento, uma vez que o *Self* se constrói no plano histórico-cultural, afetivo-cognitivo e relacional-social das experiências singulares que emergem da vida cotidiana e que se articulam aos processos de construção de sentidos e ações simbólicas que potencializam o curso da ação em uma ou outra direção ou a um reposicionamento do *Self* diante dos conflitos e tensões dialógicas nas relações eu-outros-instituições.

ENTRE a vida institucionalizada nas Instituições totais e a experiência criativa do *Self* no mundo com os Outros, emerge o *Self Institucional* enquanto uma fronteira entre esses dois extremos, a partir da vida cotidiana, que também se configura uma Instituição, mas que permite modos de subjetivação na busca por uma saída integrativa para as tensões dialógicas que emergem nas relações intra e interpessoais da Instituição da vida cotidiana e que se tornam dimensões constitutivas do *Self* a partir dos circuitos de poder e dos aspectos institucionais que tomam parte na construção cultural do *Self*.

Os aspectos institucionais e os conflitos dialógicos na Instituição podem restringir ou favorecer o potencial de ação das pessoas durante uma experiência institucionalizada. O *Self Institucional*, enquanto um constructo teórico próprio na dinâmica de compreensão do *Self* que contempla as dimensões institucionais, corresponde a uma noção a ser aprofundada em estudos posteriores, enquanto um modo de subjetivação e de estabelecimento de relações intra e interpessoais que se

guia por uma articulação entre aspectos históricos, culturais e afetivo-relacionais articulados à experiência institucional.

Referências¹³

- Achatz & Guimarães (2016). Psicologia e povos indígenas: possibilidades e limites na produção de espaços dialógicos. *Relatório de Iniciação Científica*, Universidade de São Paulo/SP.
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo/SP: Martins Fontes.
- Baldwin, J. M. (1909/1990). *The Influence of Darwin on Theory of Knowledge and Philosophy*. *Psychological Review* 16: 207 - 218. disponível em: http://www.brocku.ca/MeadProject/Baldwin/Baldwin_1909.html acesso em: 23/12/2010.
- Baremblytt, G. F. (1996). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.
- Bastien, S. (2007). Observation participante ou participation observante? Usages et justifications de la notion de participation observante en sciences sociales. *Université de Caen Basse-Normandie*, 27 (1), 2007, pp. 127-140. ISSN 1715-8705 - <http://www.recherche-qualitative.qc.ca/Review.html>.
- Beraldo, J. G. (1992). *A mensagem do Movimento de Cursilhos de Cristandade do Brasil*. São Paulo: Loyola.
- Berger, P.; & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes (Original publicado em 1985).
- Bibace, R., Young, S., Herrenkehl, L., & Wiley, A. (1999). An introduction to partnership in research: Changing the researcher-participant relationship. In R. Bibace, J. J. Dillon, & B. Dowds (Eds.), *Partnerships in research, clinical and educational settings* (pp. 3–14). Norwood, NJ: Ablex.
- Bitencourt, C. R. (2004). *Falência da Pena de Prisão*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Boesch, E. E. (1984). The development of affective schemata. *Human Development*, 3-4, 173-183.
- Boesch, E. E. (1991). *Symbolic action theory and cultural psychology*. Berlin-Heidelberg: Springer-Verlag.
- Boesch, E. (1997). Reasons for a symbolic concept of action. *Culture & Psychology*, 3(3), pp. 423-431.

¹³ De acordo com o estilo APA- American Psychological Association

- Branco, A. & Madureira, A.F. (2008). Dialogical Self in action: The emergence of Self-Positions among complex and cultural dimensions. *Estudios de Psicología*, 29(3), 319-332.
- Brasil. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado.
- Cabral, Y. T.; Medeiros, B. A. de (2014). A família do preso: efeitos da punição sobre a unidade familiar. *Revista Transgressões: Ciências Criminais em Debate*, 2 (1), 50-71.
- Carvalho Filho, L. F. (2002). *A prisão*. São Paulo: Ed. Publifolha.
- Celeti, F. R. (2012). Origem da Educação Obrigatória: um olhar sobre a Prússia. *Revista Acadêmico*, 13, junho.
- Clegg, S. (1989). *Frameworks of Power*. By Stewart R. Clegg. London: Sage. 272p.
- Clegg, S. (1990). *Modern organizations: organization studies in the postmodern world*. By Stewart R. Clegg. London ; Newbury Park : Sage Publications.
- Clegg, S. (1992). Modernist and postmodernist organization. In G. Salaman, S. Cameron, H. Hamblin, P. Iles, C. Mabey & K. Thompson (Eds.). *Human Resource Strategies*. Sage: London.
- Crossley, N. (1996). *Intersubjectivity: The fabric of social becoming*. Londres: Sage Publications
- Conselho Federal de Psicologia (2010). *Resolução CFP Nº 009/2010*. Regulamenta a atuação do psicólogo no sistema prisional. Brasília/DF. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2010/07/resolucao2010_009.pdf.
- Decreto-Lei nº 2.848 de 07.12.1940*. Código Penal Brasileiro. Presidência da República. Casa Civil (1940). Acesso em 02 de abril de 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm.
- Fávero, M. H. (2005). Desenvolvimento psicológico, mediação semiótica e representações sociais: por uma articulação teórica e metodológica. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(1), 17-25.
- Ferreira, V. A. (2016). *Juntando os cacos, resgatando vidas: valorização humana-base do método APAC e a viagem ao mundo do prisioneiro: psicologia do preso*. Belo Horizonte: O lutador.
- Figueiredo, Luis Cláudio Mendonça (2002). *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: Educ/Escuta. Original publicado em 1994.

- Figueiredo, Luis Cláudio Mendonça (2008). *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*, 4ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes.
- Foucault, M. (1969). *A arqueologia do saber*. Trans. A. M. Sheridan Smith. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Foucault, M. (1979/1997). *Microfísica do Poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- Foucault, M. (1985a). História da sexualidade I: A vontade de saber. In M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque (Trads). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. (L. M. P., Vassalo Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975/1976)*. (M. E. Galvão Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Gadamer, Hans-Georg. (2005). Verdade e método. F. P. Meurer & E. P. Giachini (Trads.). 7. ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: EDUSF.
- Gillespie, A. & Martin, J. (2014). Position Exchange theory: a socio-material basis for discursive and psychological positioning. *New Ideas in Psychology*, 32, pp. 73-79. Elsevier journal homepage: www.elsevier.com/locate/newideapsych.
- Gondim, V. C. de S. (2007). A ressocialização do encarcerado como questão de responsabilidade social. *Revista de Ciências Penais*, São Paulo, 6 (4), 353-378.
- Goffman, E. (1961). Manicômios, prisões e conventos. *Coleção debates*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis: An essay on the organisation of experience*. New York: Harper and Row.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Grossen, M., & Salazar Orvig, A. (2011). Dialogism and dialogicality in the study of the self. *Culture & Psychology*, 17(4), 491–509.
- Guimarães, D. S. (2013). Self and dialogical multiplication. *Interações*, 24, 214-242.
- Guimarães (2015). Temporality in cultural trajectories: A psychological approach on semiotic constructions. In L. M. Simão, D. S. Guimarães, & J Valsiner (Orgs). *Temporality: Culture in the flow of human experience*. (pp. 331-358). Charlotte, NC: IAP- Information Age Publishing.
- Guimarães, D. S. & Nash, R. (submetido). O que nos comunica o ritmo? Reflexões à partir do construtivismo semiótico-cultural em psicologia. *Revista Interações*. Portugal.

- Guimarães, D. S.; Cravo, A. M. (2015). Understanding others without a word: articulating the Shared Circuits Model with Semiotic-Cultural Constructivist psychology. In: Zachary Beckstead. (Org.). *Cultural Psychology of Recursive Processes* (pp. 143-160). Charlotte, NC: IAP - Information Age Publishing.
- Guimarães, D. S. (2016). *Descending and ascending trajectories of dialogical analysis: seventh analytic interpretation on Angel's short story*.
- Guirado, M. (2012). *Psicologia Institucional*. São Paulo: EPU.
- Habermas, J. (1988). *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro
- Hermans, H.J.M, Kempen, H.J.G., & Van Loon, R.J.P. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47, 23-33.
- Human Rights Council (2014). Promotion and protection of all human rights, civil, political, economic, social and cultural rights, including the right to development. *Report of the Working Group on Arbitrary Detention*. Mission to Brazil· Twenty-seventh Session. Available in: bit.ly/1skxNTg.
- Ingold, T. (2000). *The perception of the environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. Oxon and New York. Routledge.
- James, W. (1983). *The Scope of Psychology*. Cambridge, MA: Harvard University Press. Publicado originalmente em 1890.
- James, W. (1990). *The principles of psychology*. New York: Cosimo Classics. (Original publicado em 1890).
- James, W. (1995). *The varieties of religious experience: a study in human nature*. New York: Modern Library.
- Joas, H. (1985/1997). *G. H. Mead, a contemporary re-examination of his thought, 1863-1931*. Cambridge, MA: First MIT Press Paperback. (Original publicado em 1985)
- Lewin, K (1978). *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix
- Lei No. 7210, de 11 de julho de 1984*. Lei de Execução Penal Brasileira. Presidência da República. Casa Civil. (1984). Acesso em 02 de abril de 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm.
- Lima, T. S. (1996). O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. *Mana*, 2(2): 21-47.
- Malfitano, A. P. S. & Marques, A. C. R. (2011). A entrevista como método de pesquisa com pessoas em situação de rua: questões de campo. *Revista Cadernos de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos*, 19 (3), p. 289-296.

- Marková, I. (2003). Constitution of the self: intersubjectivity and dialogicality. *Culture & Psychology*, 9(3), 249-259.
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente* (Trad. Filho, Hélio Magri). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2003).
- Marková, I., & Gillespie, A. (Eds.). (2012). Trust and conflict: Representation, culture and dialogue. New York, NY, US: Routledge/Taylor & Francis Group.
- Marsico, G. & J. Valsiner (2015). *Striving for the new: Cultural Psychology as a Developmental Science*.
- Massola, G. M. (2005). *A subcultura prisional e os limites da ação da APAC sobre as políticas penais públicas: um estudo na Cadeia Pública de Bragança Paulista*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mattos, E. (2016). A mediação semiótica da “responsabilidade”: um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta. *Revista Psicologia USP*, 27 (2), pp. 179-188
- Mead, G. H. (1934/1992). Part III: The Self. In Morris, W. C. (Eds). *Mind, Self and Society from the Standpoint of a Social Behaviorist* (pp. 135-226). London: University of Chicago Press. Original publicado em 1934.
- Ministério da Justiça (2017). Levantamento de Informações Penitenciárias- INFOPEN. <http://dados.mj.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias>.
- Morais, H. & Guimarães, D. S. (2015). Borders of Poetic Self construction: dialogues between Cultural Psychology and a Performing Arts. *Psychology & Society*, 7 (2), 28-39.
- Miranda, S. L. (2015). A construção de sentidos no Método de Execução Penal APAC. *Revista Psicologia & Sociedade*, 27 (3), 660-667.
- Moore, H.; Jasper, C. & Gillespie, A. (2011). Moving between frames: the basis of the stable and dialogical self. *Journal Culture & Psychology*, 17 (4), 510-519. DOI: 10.1177 / 1354067X11418542
- Muakad, I. B. (1996). *Pena Privativa de Liberdade*. São Paulo: Atlas.
- Oliveira, C. S. (2008). *De pessoa em cumprimento de pena a recuperando: convergência entre LEP e método APAC*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado de Minas Gerais, Fundação Educacional de Divinópolis, Divinópolis/Minas Gerais.
- Oliveria Júnior, J. A. D. de; & Sousa, C. (2012). Crítica a educação na contemporaneidade. *Universidade Gama Filho*, Pós-Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior. Porto Alegre/RGS.

- Oliveira, M. C. S. & Guimarães, D. S. (2016). Dossiê: Psicologia Dialógica: Psicologia USP. 27, pp. 165-167.
- Ottoboni, M. (1997/2001). *Ninguém é irrecuperável: APAC, a revolução do sistema penitenciário*. São Paulo: Editora Cidade Nova (Trabalho original publicado em 1997).
- Ottoboni, M. (1978/2001). *Vamos matar o criminoso? Método APAC*. São Paulo: Editora Paulinas. Publicado originalmente em 1978.
- Pereira, W. C. C. (2007). Movimento institucionalista: principais abordagens. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7 (1), 6-16, UERJ, Rio de Janeiro.
- Petrini, J. C. (2003). *Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão*. Bauru: EDUSC.
- Prado, L. R. (2008). Curso de Direito Penal Brasileiro. *Revista dos Tribunais*, São Paulo.
- Rommetveit, R. (1979). On negative rationalism in scholarly studies of verbal communication and dynamics residuals in the construction of human intersubjectivity. In R. Rommetveit, & R. Blakar (Orgs.) *Studies of language, thought and verbal communication* (pp. 147-161). London: Academic Press.
- Rommetveit, R. (1992). *Outlines of a dialogically based socio-cognitive approach to human cognition and communication*. In A. H. Wold (Ed.). *The dialogical alternative: Towards a theory of language and mind* (pp.19-44). Oslo. Scandinavian University Press.
- Rothman, D. J. (1998). Perfecting the prison: United States, 1789-1865. In Morris, N.; Rothman, D. J. (Eds.). *The Oxford history of the prison: the practice of punishment in Western Society* (pp.100-116). New York: Oxford University Press.
- Salgado, J., & Clegg, J. (2011). Dialogism and the psyche: Bakhtin and contemporary psychology. *Culture & Psychology*, 17(4), 421–440.
- Santos, L. C. R. (2012). Da assistência- Os artigos 10 e 11 da LEP: O método APAC e seus doze elementos. In *Minas Gerais, Tribunal de Justiça*. J. R. Silva (Org.) *A Execução Penal à Luz do Método APAC*. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça de Minas Gerais, pp.37-53.
- Silva, A. C. da (2009). *Sistemas e regimes penitenciários no direito penal brasileiro: uma síntese histórico-jurídica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá/Paraná.
- Silva Júnior, A. C. da Rosa (2013). Ressocialização de presos a partir da religião: conversão moral e pluralismo religioso na Associação de Proteção e

Assistência aos Condenados (APAC). *Revista PLURA, Revista de Estudos de Religião*, 4 (2), 71-98.

Simão, L.M. (1988/1989). *Interação verbal e construção de conhecimento*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Simão, L. M. (2010). *Ensaio dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro*. São Paulo: Hucitec.

Simão, L. M. ; Guimarães, D. S. ; Freitas, D. F. C. L. ; Bastos, S. ; Sánchez, H. (2015). *Researcher-Participant Relationships in Different Settings: Theoretical and Methodological Issues Within the Framework of Semiotic-Cultural Constructivism*. In Meike Watzlawik; Alina Kriebel; Jaan Valsiner. (Org.). *Particulars and Universals in Clinical and Developmental Psychology: Critical Reflections - A book honoring Roger Bibace*. Charlotte, NC: Information Age Publishing, pp. 247-269.

Simão, L. M. (2015). Culture as a Moving Symbolic Borders. *Integrative Psychological and Behavioral Science*. Online First. DOI 10.1007/s12124-015-9322-6.

Souza, R. F. (2011). George Herbert Mead: contribuições para a história da Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*; 23 (2), pp. 369-378.

Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construtivista. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *Psicologia & Sociedade*;15 (2), 18-42.

Tribunal de Justiça de Minas Gerais (2011). *A execução penal à luz do método APAC* (J. R. Silva Org.). Belo Horizonte: TJMG.

Valsiner, J. (1998). *The guided mind: A sociogenetic approach to personality*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Valsiner J. (2007a). *Culture in minds and societies: Foundations of cultural psychology*. New Delhi: Sage.

Valsiner, J. (2007b). Human Development as Migration: Striving toward the unknown. In: Simão, L. M. & Valsiner, J. (Eds.). *Otherness in Question: Labyrinths of the self* (pp.349-378). Charlotte: Information Age Publishing.

Valsiner, J. (2012a). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. (Bastos, A. C. de S. Trad.). Porto Alegre: Artmed.

Valsiner, J. (2012b). *A guided Science: History of Psychology in the mirror of its making*. New Brunswick (USA) and London (UK): Transaction Publishers

Viveiros de Castro, E. B. (1996). Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, 2(2): 115-144.

- Viveiros de Castro, E. B. (2004). Perspectival Anthropology and the method of controlled equivocation. *Keynote address to the 2004 Meeting of the Society for the Anthropology of Lowland South America (SALSA)*. Miami: Florida International University.
- Viveiros de Castro, E. B. (2006). *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia* (2a ed.). São Paulo: Cosac Naify.
- Vygotsky, L. S. (2001). Conferencias sobre psicologia. In: Vygotsky, L. S. (2001). *Obras ecogidas II* (pp. 351-401). Madrid, Spain: A. Machado Libros, S. A. (Original work published in 1930).
- Zainab, B. (2008). The essence of war. In B., Zainab. *Rituals of war: the body and violence in Mesopotamia* (pp. 207- 223). Cambridge, Massachusetts, and London, England.
- Zittoun, T., Duveen, G., Gillespie, A., Invision, G., & Psaltis, C. (2003). The use of developmental resources in developmental transition. *Culture & Psychology*, 9 (4), 415-448.
- Zittoun, T. (2006). *Transitions: Development through symbolic resources*. Greenwich, CT: InfoAge.
- Zittoun, T. (2007). Symbolic resources and responsibility in transitions. *Young*, 15, 193-211.
- Wertsch, J. V. (1993). *Voices of the mind: a sociocultural approach to mediated action*. Havard University Press.

APÊNDICE A- DIÁRIO DE CAMPO

1

2 1.1 REUNIÃO DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA À INSTITUIÇÃO APAC

3

4

5 Em 24 de julho de 2015, estive em reunião com o diretor e o encarregado de segurança
6 da APAC que sedia esta pesquisa. Eles me receberam na Instituição às 19h, terminado o
7 expediente interno. Após apresentação prévia da pesquisa, o diretor apreciou e assinou o termo
8 demonstrativo de concordância da Instituição, permitindo a realização deste estudo. Ficou
9 definido o período de um ano de visitas mensais à APAC, que foram realizadas aos domingos,
10 de 8 às 17h, em que as pessoas em cumprimento de pena recebem a visita dos familiares, e nas
11 segundas-feiras, de 8 às 16h, ao favorecer o acompanhamento das atividades rotineiras das
12 pessoas na condição de condenados e dos funcionários.

13

14 1.2 A INQUIETAÇÃO DAS PESSOAS EM CUMPRIMENTO DE PENA A PARTIR DE MINHA
15 PRESENÇA NAS PRIMEIRAS VISITAS À APAC

16

17

18 Durante o mês de julho de 2015, eu permaneci no município que sedia a Instituição por
19 quatro dias. Visitei diariamente a APAC (unidade masculina), observei as relações entre pessoas
20 em cumprimento de pena, bem como entre elas e os funcionários e interagi com as mesmas das
21 8h às 16h, período de atividades laborais. Após esse horário, não é permitida a permanência de
22 voluntários na Instituição, pois inicia-se o período de lazer, em que as pessoas podem usar a
23 quadra de esportes antes do jantar.

24 No primeiro dia de visitas, 28 de julho de 2016, conheci a nova estrutura física da
25 Instituição, composta por três espaços independentes e isolados fisicamente um do outro:
26 regimes fechado, semiaberto e aberto, além do setor administrativo, sala de computadores,
27 biblioteca e sala para os inspetores de segurança. Fui apresentada às pessoas em cumprimento
28 de pena de cada regime pelo encarregado de segurança no intervalo de almoço. Durante essa
29 apresentação, o encarregado me descreveu como voluntária da APAC que participou de sua
30 fundação em 2005 e como pesquisadora da Universidade de São Paulo. Expliquei que
31 acompanhei o início dessa unidade de 2005 a 2012, que escrevia um trabalho sobre a APAC e
32 que iria visitá-los periodicamente, nos últimos domingos e segundas-feiras de cada mês para
33 acompanhar a rotina da Instituição. Expliquei ainda, o sigilo e o anonimato das pessoas que se
34 dispusessem a participar de entrevistas individuais e que escreveria sobre a APAC e o sentido
35 da mesma para as pessoas envolvidas.

36 Observei as atividades diárias de limpeza, cozinha, artesanato, produção de blocos,
37 serviços de horta e jardinagem, bem como pintura e trabalhos elétricos, oferecidos aos regimes
38 fechado e semiaberto. Durante o intervalo de almoço, dialoguei com várias pessoas. Fiquei, a
39 princípio, receosa de que me endereçassem o papel de um agente da Fraternidade Brasileira de

40 Assistência aos Condenados (FBAC), organização que periodicamente visita, inspeciona e
41 entrevista os funcionários e pessoas que cumprem pena para avaliar os trabalhos realizados
42 pela APAC. Então, passei quatro dias de interação, sem propor entrevistas.

43 Uma pessoa do regime fechado gentilmente me perguntou se poderia me fazer uma
44 pergunta e eu afirmei positivamente. Ele olhou fixamente nos meus olhos e disse: “*Me desculpa*
45 *perguntar, mas eu ainda não consegui entender. Por quê uma moça que mora em São Paulo,*
46 *com uma vida corrida, cheia de coisas para fazer, viaja 500 km e vem passar a sua semana de*
47 *férias com preso? Não entendo isso! Você poderia viajar, passear... e você está aqui, passando*
48 *suas férias com preso? (sic)”. Fiquei atenta à pergunta dele e expliquei a minha experiência com*
49 *a APAC, bem como os meus objetivos com a pesquisa. Relatei que eu era estagiária do curso*
50 *de Psicologia da PUC Minas quando uma professora do curso de direito obteve aprovação para*
51 *um projeto de extensão universitária que tinha como objetivo reimplantar a APAC no município*
52 *e que eu acompanhei esse processo desde 2005, bem como auxiliei nas audiências públicas, na*
53 *formação de parcerias com Organizações Não-Governamentais, Igrejas e Empresas.*

54 Vários se aglomeraram perto de mim para ouvir meu relato sobre a APAC. Esse e três
55 outras pessoas com quem conversei no pátio durante a confecção de artesanato, após me
56 ouvirem, comentaram que não conheciam a origem da APAC e que nem poderiam imaginar que
57 essa professora da PUC teria auxiliado na implantação da APAC. Também afirmaram ter muito
58 a agradecer a ela e inclusive a mim que fui uma das primeiras voluntárias do projeto. Eles
59 indagaram sobre o que poderia guiar a decisão de algumas pessoas, como a atitude do fundador
60 do método APAC, Dr. Mário Ottoboni, para tentar implantar algo que, em um primeiro momento,
61 é tão questionado pela sociedade como uma execução penal sem presença policial. Essas
62 pessoas começaram a atribuir um significado de ‘missão divina’ que se evidencia na construção
63 de sentidos a partir da religião presente na cultura institucional APAC desde a sua fundação.

64 Alguns também questionaram se eu não estava “perdendo meu tempo” e eu mencionei
65 que essa experiência era muito importante para mim, para compreender as relações
66 interpessoais dentro de uma Instituição de execução penal e suas implicações no
67 desenvolvimento da pessoa. Aos poucos, muitos se aproximaram para conversar comigo, contar
68 da família, da saudade dos familiares, mostrar fotos dos filhos e comentar sobre suas profissões.

69 Eu me sentia muito bem recebida e protegida dentro do regime fechado com eles. Em
70 alguns momentos, parecia que eu estava em outro lugar e não em uma Instituição de execução
71 penal. Eu, enquanto única presença feminina dentro dos dois regimes, contendo 40 homens que
72 cumpriam pena por variados crimes, tráfico de drogas, roubo, assalto à mão armada, latrocínio,
73 homicídio e estupro, sentindo-me segura e protegida em uma Instituição prisional sem presença
74 policial. Entretanto, eu também me voltava para a realidade de uma pesquisa sendo realizada
75 em uma Instituição permeada por aspectos da justiça, administrativos, financeiros, políticos e
76 comunitários. Ora mergulhava naquela realidade ali vivenciada, ora me distanciava para permitir
77 uma visão de pesquisadora, separada e incluída ao mesmo tempo na Instituição, quando me
78 retirava e tomava nota de algumas informações sobre as relações interpessoais e dialógicas
79 observadas em campo.

80 Alguns deles também perguntaram sobre minha vida pessoal, minha família, meus
81 estudos, onde morava em São Paulo, o que eu fazia, como era minha rotina, se eu gostava de
82 São Paulo, se não era uma cidade violenta e como era para mim estar ali entre eles. Eu me senti
83 a entrevistada, mas não me incomodei com isso e respondi ao que eles perguntavam. Penso
84 que a minha presença tenha causado inquietação a eles e que tenha sido uma experiência de
85 alteridade para os mesmos, pois ainda que eu tenha respondido a todos os questionamentos, eu
86 me colocava como outro desconhecido, cujo acesso, por meio de minhas narrativas, seria
87 sempre incompleto.

88 Destaco nesse tópico como principais antinomias:

89 - Desinteresse da população civil em participar do sistema prisional x valorização da
90 pessoa e do sistema prisional e seu contexto de relações humanas: O discurso “perder seu
91 tempo com um preso” configura uma voz sociocultural de exclusão internalizada pela própria
92 pessoa decorrente de uma representação social acerca das relações estabelecidas com a
93 pessoa que cumpre pena privativa, e da historicidade da construção das penas, a partir de uma
94 compreensão que o tempo dedicado a ela é perda de tempo para a comunidade local (não raro,
95 apenas as esposas e mães visitam as pessoas privadas de liberdade) e, assim, se inquietasse
96 com a atitude de quem se coloca em uma posição de ruptura com essas concepções.

97 - Desproteção x sensação de proteção dentro do sistema prisional APAC: Neste contexto
98 prisional, diferentes perspectivas socioculturais acerca dos sistemas prisionais e das relações
99 entre comunidade e pessoas que cumprem pena se fazem presentes, viabilizando o sentir-se
100 protegida como uma ruptura com a perspectiva macrossocial de entendimento do sistema
101 prisional como um local improprio para o convívio da sociedade.

102 - Pesquisadora entrevistadora x pesquisadora entrevistada: Essa troca temporária de
103 papéis entre pesquisadora e participantes da pesquisa configura um compartilhamento de
104 experiências dialógicas, uma troca de pontos de vista e de posições no diálogo bem como
105 tensões acerca do fenômeno estudado que a metodologia dialógica e de participação observante
106 valoriza, uma vez que esses processos dialógicos nas relações eu-outro favorecem a construção
107 de conhecimento.

108

109

110 1.3 ANTINOMIAS E TENSÕES DIALÓGICAS ENTRE POSIÇÕES PESSOAIS E POSIÇÕES 111 INSTITUCIONAIS PERCEBIDAS DURANTE AS VISITAS AO CAMPO INSTITUCIONAL APAC

112

113

114 Em 29 de julho de 2015, pela manhã, três pessoas do regime fechado, ao tomar sol no
115 pátio, também conversaram comigo sobre a APAC e disseram que a Instituição APAC é mais
116 digna para cumprir pena comparada ao sistema convencional. Entretanto, afirmaram ser mais
117 difícil cumprir pena na APAC do que na penitenciária, devido às regras disciplinares e a
118 convivência. Disseram que na penitenciária eles apenas dormem, não precisam conviver, não
119 precisam seguir normas, não têm horários para dormir e para acordar, nem trabalho. Um deles

120 relatou que não tem aptidão para artesanato, nem tem facilidade para a cozinha e que acreditava
121 que a convivência na APAC é mais difícil, pois eles precisam se respeitar, ajudar uns aos outros
122 e dividir funções. Percebi uma polaridade que narra essa relação da pessoa com a Instituição
123 APAC: a APAC descrita como um método mais digno para cumprir a reclusão, mas também
124 carregada de cobranças para adesão às regras disciplinares e de convivência que tornam essa
125 execução penal difícil de ser cumprida, comparada ao sistema convencional, em função dos
126 conflitos presentes nas relações interpessoais no contexto institucional, sob o ponto de vista de
127 alguns deles.

128 O trabalho, apesar de ser uma pré-condição para a inserção na APAC e para a posterior
129 remição de pena (a cada três dias trabalhados, a pessoa em cumprimento de pena tem remição
130 de um dia de pena), não é algo que envolve a todos, como pude perceber. Ocorre que, por ser
131 uma APAC de pequeno porte e oferecer poucas atividades para as pessoas, algumas delas que
132 não se identificam com nenhuma função, cumprem exclusivamente as medidas de higiene,
133 limpeza e afazeres da cozinha nos dias em que estão escalados. Percebi que faltam atividades
134 para incluir todos e que alguns declaram não se sentirem à vontade para trabalhar nas atividades
135 que eles denominam de 'serviço feminino' como o artesanato e o crochê.

136 Outras pessoas me falaram que alguns deles não se interessam por atividades laborais,
137 preferindo permanecer como ficavam no presídio, mas que eles perdem a oportunidade de
138 ganhar um recurso financeiro a mais para mandar para a família com as atividades de artesanato,
139 por exemplo, e de aprender uma profissão para exercer na sociedade, além de ter uma atividade
140 que ajuda a passar o tempo recluso na Instituição, sob o ponto de vista deles.

141 No regime semiaberto, é oferecido o trabalho em uma fábrica de blocos localizada
142 extramuros da Instituição. O lucro das atividades de produção de blocos é deles, bem como das
143 atividades de artesanato, produzidas em ambos os regimes, uma vez que a APAC é uma
144 Associação sem fins lucrativos, conforme relatado pelas pessoas de ambos os regimes, fechado
145 e semiaberto. Assim, a APAC mantém as oficinas e a fábrica em funcionamento, mas não
146 participa do lucro. As demais atividades laborais como limpeza e preparo dos alimentos rendem
147 apenas a remição de pena, por não constituírem atividades remuneradas. Percebi, a partir destas
148 narrativas, que um conflito se coloca entre posição pessoal e posição institucional para essas
149 pessoas: participar de atividades com as quais não se identifica para buscar uma remuneração
150 que possa ajudá-la ou ajudar a família financeiramente (cumprir com a posição institucional), ou
151 não se envolver com atividades não prazerosas para as mesmas (posição pessoal).

152 Um membro do regime fechado mencionou que a dificuldade maior do ponto de vista
153 dele é ter muitas religiões para dar assistência à APAC. Ele alegou não ter religião específica e
154 que se incomodava com o auxílio de tantas Igrejas, uma vez que em alguns períodos eles têm
155 culto quase todos os dias, e a cada dia uma doutrina diferente. Explicou que eles são poucos e
156 precisam garantir quórum para as atividades oferecidas pelos voluntários, como cultos e missas,
157 sendo uma atitude de respeito ao voluntário que sai de casa para estar com eles. Uma frase a
158 esse respeito me fez refletir sobre outro possível conflito nesse contexto de vida institucionalizada
159 entre posição pessoal (não ter religião) e posição institucional (o 'dever' de participar enquanto

160 pessoa que cumpre pena nesta Instituição e como respeito à pessoa que vai visitá-los na APAC)
161 que se coloca presente na narrativa: *“A gente não vai de coração não, a gente vai obrigado!”*.

162 Ao observar o calendário de atividades de valorização humana previstas para os regimes
163 fechado e semiaberto, percebi que, na ocasião eram cinco igrejas diferentes que prestavam
164 apoio espiritual à APAC: Igreja Católica (uma missa mensal; terço dos homens semanal); Igreja
165 Presbiteriana Renovada (encontro de jovens, uma vez por semana); Igreja do Evangelho
166 Quadrangular (estudo bíblico quinzenal); Igreja Adventista do Sétimo Dia (encontros semanais)
167 e Espiritismo Kardecista (reuniões semanais). Alguns dos voluntários que realizam essas
168 atividades religiosas para a APAC também participavam na ocasião do Conselho Deliberativo,
169 que participa da tomada de decisões na Instituição. Eles não são obrigados a participar dos
170 dogmas específicos de cada Igreja, conforme narrado por eles, mas descrevem que precisam
171 participar ao menos de uma religião e respeitar as atividades e reflexões das demais, conforme
172 também mencionado por um dos inspetores de segurança do método APAC. Assim, se a pessoa
173 é evangélica, ela não precisa receber o sacramento da eucaristia, mas ela assiste a missa em
174 respeito ao padre como voluntário e em respeito ao demais, tenta aproveitar o que lhe convier
175 naquele momento, conforme me explicaram. Outras pessoas relataram nesse mesmo dia que a
176 religião lhes auxilia a encontrar sentido para a vida e para a própria pena em execução, bem
177 como reconstruir expectativas de futuro e resgate de convívio familiar. Entretanto, posição
178 pessoal e posição institucional podem conflitar-se nesse contexto, tal como narrado pela pessoa
179 do regime fechado ao questionar essas perspectivas religiosas diversas.

180 Um membro do regime fechado se descreveu como “um preso feliz”. Ele narrou a
181 convivência entre eles como muito boa e afirmou não ter motivos para reclamar de sua vida, uma
182 vez que trabalhava, produzia seu artesanato, vendia seus produtos e ganhava uma renda, já que
183 sua família não possuía auxílio reclusão. Entretanto, relatou tristeza por estar longe da família,
184 saudade da mãe e dos filhos. Descreveu as atividades laborais realizadas na APAC como
185 tranquilas, uma vez que fazia suas atividades ouvindo músicas com o seu fone de ouvido
186 (permitido dentro de cada regime). Ele me relatou que não conversava com um colega de
187 dormitório, embora eles fossem amigos durante os primeiros meses de convívio e que isso o
188 incomodava, pois, a família desse amigo o visitava com frequência e, após as discussões e
189 afastamentos entre eles, perdeu o convívio com essas pessoas.

190 Duas pessoas do semiaberto também me relataram alguns problemas de convivência,
191 que muitos não conversam entre si, devido a conflitos em relação a preferências pessoais de
192 time de futebol e religião. Alguns descreveram que se sentem desrespeitados, uma vez que ao
193 dirigir sua oração ao orixá ou santo de devoção antes de dormir são criticados por colegas de
194 dormitório que possuem outras religiões. Nesse regime, para aproveitar o espaço interno,
195 construíram apenas um dormitório grande com camas e armários para quatorze pessoas. Devido
196 a esse tipo de estrutura física, eles precisam conviver ao menos no período da noite, ocasião em
197 que o dormitório permanece fechado. Essas tensões nas relações interpessoais também
198 favorecem conflitos para a pessoa no sentido de posicionar-se frente às críticas ou ignorá-las, e
199 manter um respeito aos colegas de outras religiões, para seguir o regime disciplinar da Instituição

200 que pressupõe relações interpessoais pautadas no respeito, sem violência física, verbal ou
201 quaisquer ofensas.

202 Ao dialogar com um dos inspetores de segurança, ele me relatou que os recuperandos
203 pedem autorização para conversar com os funcionários a respeito de problemas pessoais e que,
204 muitas vezes, os procuram-lhes atribuindo 'o papel de um pai'. Percebo uma contradição a partir
205 desse relato: os inspetores de segurança da Instituição receberem o endereçamento de uma
206 figura paterna, que aconselha, que ouve, mas que aplica o regime disciplinar enquanto
207 funcionário; o pai que acolhe e que também os repreende em caso de faltas disciplinares.

208 Esse inspetor de segurança descreveu o seu trabalho como sendo 'um serviço de
209 coveiro', de acolher as histórias de vida e de sofrimento das pessoas em cumprimento de pena,
210 seus erros, suas frustrações e angústias, de oferecer uma escuta para situações em que as
211 pessoas em cumprimento de pena o procuram para relatar angústias e preocupações. Seria um
212 serviço de coveiro, na narrativa do inspetor, porque ninguém quer ser coveiro, mas alguém
213 precisa fazer isso e que, igualmente, ninguém quer empatizar e receber os sofrimentos de
214 pessoas que estão cumprindo pena, e alguém precisa fazer isso. Assim, o inspetor atribui ao seu
215 trabalho um valor que transcende a função em si, mas que revela o seu envolvimento afetivo e
216 social com a execução penal alternativa.

217 Uma pessoa que faz parte do Conselho de Sinceridade e Solidariedade do regime
218 semiaberto me relatou que, na visão dele enquanto uma pessoa em cumprimento de pena,
219 quando há a entrada de pessoas na APAC faltando poucos meses para progredir para o regime
220 aberto (ir trabalhar na comunidade local durante o dia e apenas dormir na Instituição) ou com
221 apenas 20 ou 30 dias para sair em definitivo, que a APAC não consegue auxiliar essa pessoa a
222 repensar a sua vida e o seu futuro por possuir tão pouco tempo para se alcançar o objetivo do
223 método, e que isso implica em um possível aumento de reincidência relacionada à APAC, para
224 pessoas que pouco experienciaram a metodologia. Também verifico, a partir deste relato, um
225 campo de tensões entre os objetivos do método e os trâmites do próprio sistema de justiça, bem
226 como as demandas individuais de cada pessoa privada de liberdade.

227 Destaco nesse tópico as seguintes antinomias:

228 - Método APAC ser mais digno que o sistema convencional para cumprimento da pena,
229 porém com convívio interpessoal conflitante: Percebo que essa polaridade entre ser um método
230 mais digno para se cumprir a pena, porém mais difícil em termos de convívio interpessoal
231 favorece uma ambivalência ao *Self* – ora descrever-se como alguém contemplado por um
232 método mais digno de execução penal, comparado ao sistema prisional convencional, ora um
233 confronto pessoal com a necessidade de cumprir um regime disciplinar que narra relações
234 interpessoais pautadas no respeito mútuo e na compreensão das diferenças entre as pessoas
235 (como religião, preferência esportiva, etc) e ter atitudes diferentes dos hábitos e práticas
236 compartilhadas no presídio anteriormente.

237 - O trabalho como oportunidade de remição de pena e arrecadação de auxílio financeiro
238 para si e para a família ou profissionalização x o trabalho como um castigo, uma obrigação (ao

239 envolver a prática de tarefas que não são consideradas prazerosas ou de interesse dos mesmos
240 em aprendê-las).

241 - A religião como atribuição de sentido para a vida x a religião como uma invasão da
242 privacidade. A assistência espiritual, embora prevista pela lei de execução penal, pode
243 configurar-se como uma invasão de privacidade quando a pessoa não se identifica com a
244 proposta de apoio espiritual que lhe é oferecida ou quando diferentes preceitos religiosos tomam
245 parte em um mesmo convívio.

246 - Estar preso x estar feliz. Percebo esta antinomia nas narrativas, declarar-se um 'preso
247 feliz' ao considerar o contexto de privação de liberdade no método APAC em contrapartida ao
248 sistema convencional, mas que lhe favorece nuances entre momentos alegres e tristes, que
249 também permeiam a vida institucionalizada na execução penal, assim como a vida de qualquer
250 pessoa fora do sistema prisional.

251

252

253 1.4 O SENTIDO ATRIBUÍDO À OPORTUNIDADE DE ESCOLARIZAÇÃO E AO CONVÍVIO 254 FAMILIAR

255

256

257 No dia 30 de julho de 2015, novamente adentrei ao regime fechado pela manhã. Nesta
258 data, tive a oportunidade de conhecer as atividades escolares e o acesso ao ensino supletivo
259 (realizado na própria comunidade, em uma escola estadual, no período da manhã). Três pessoas
260 do regime fechado estavam cursando ensino médio supletivo e pretendiam tentar o exame
261 nacional de ensino médio e me perguntaram como fariam para fazer a inscrição e como são as
262 provas, pois pretendiam entrar em uma universidade ainda durante o regime fechado. Os
263 recuperandos fazem o supletivo do ensino médio e recebem auxílio e reforço de um professor
264 voluntário da disciplina de matemática. Aqueles que são aprovados no vestibular podem cursar
265 a universidade através do ensino a distância na sala de informática da APAC. Relataram que a
266 oportunidade que a APAC oferecia para que estudassem, não tinham obtido enquanto estavam
267 em liberdade. Um deles afirmou que não se atentava para a importância de estudar e procurar
268 uma qualificação profissional enquanto estava em liberdade.

269 Percebi no relato de uma pessoa do regime fechado uma reflexão sobre a importância
270 da família, em especial, da esposa, como apoio e incentivo durante o cumprimento da pena. Este
271 relatou ter conhecimento de que a única coisa que lhe restou na vida foi a esposa. Mencionou
272 que apesar de não ter uma religião específica, ele agradecia por ter essa experiência na APAC,
273 pois a descreveu como uma clínica de recuperação e uma oportunidade 'dada por Deus' para
274 que ele resgatasse a confiança da esposa. E também verbalizou que ele gostava de trabalhar,
275 que o trabalho lhe ajudava a passar o tempo e a se manter bem emocionalmente. A partir disso,
276 comecei a refletir sobre as atribuições de sentido para o estar preso e para a relação estabelecida
277 com esse período de reclusão e o viver institucionalizado.

278 Dialogando com três pessoas no pátio do regime fechado, estes atribuíram um
279 significado místico ao estar preso: uma forma de proteção divina ao passo que poderiam ter sido
280 assassinados se não fossem presos; uma reconstrução ou resgate de vínculo afetivo entre os
281 mesmos e a família; para que a família iniciasse 'um processo de conversão' e mudança de vida;
282 um período em que eles precisam ficar reclusos para ter a oportunidade de repensar a vida,
283 tomar novas decisões e obterem a possibilidade de 'oferecer um testemunho das obras de Deus'.
284 Novamente, aqui, na experiência dessas pessoas, a partir das narrativas, percebi a necessidade
285 de dar um sentido ao estar preso.

286 Destaco as antinomias:

287 - Estar preso recebe o sentido de uma proteção divina, uma vez que correria riscos de
288 morte com os inimigos do tráfico, caso permanecesse em liberdade x estar preso como perda da
289 liberdade e do convívio afetivo.

290 - Privação de liberdade x penitência para os membros familiares da pessoa com pena
291 privativa de liberdade. A pena recebe o sentido de uma oportunidade para reposicionamentos
292 dos seus familiares e das relações afetivas estabelecidas no contexto familiar.

293

294

295 1.5 COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS NA VIDA INSTITUCIONALIZADA NO 296 CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

297

298

299 No dia seguinte, 31 de julho de 2015, permaneci no período da manhã no regime fechado
300 e no período da tarde no regime semiaberto. Ao chegar ao regime fechado, alguns deles já se
301 aproximaram para contar que 'um amigo do convívio' tinha sido liberado no dia anterior, à noite.
302 Uma das pessoas desse regime conseguiu a liberdade condicional e foi levada pelo inspetor de
303 segurança até a rodoviária do município para que embarcasse para sua cidade natal. Muitos
304 deles declaravam-se felizes pela aprovação do pedido de liberdade condicional do colega, em
305 função do tempo transcorrido após o pedido desse benefício, e descreviam que sempre vibravam
306 com a pessoa em sua saída condicional. Disseram-me que este colega saiu do regime fechado
307 os abraçando, despedindo-se, e que demonstrava estar confuso se realmente estava livre. O
308 inspetor de segurança relatou que ao deixá-lo na rodoviária, este lhe pediu um número de
309 telefone para manter contato, bem como solicitou autorização para ligar para o encarregado de
310 segurança para agradecer o tempo em que esteve na APAC. Segundo o inspetor, no dia
311 seguinte, essa pessoa ligou para dizer que já estava em casa e que procuraria um trabalho.

312 Da mesma forma que essa notícia pareceu impactante para as pessoas do regime
313 fechado naquele dia, conforme foi relatado, outra notícia também trouxe consequências para o
314 andamento da rotina deste regime, uma vez que ocorreu o falecimento do pai de uma das
315 pessoas desse regime. A notícia foi transmitida pelo encarregado de segurança e a pessoa
316 conseguiu autorização para ir ao velório do pai. Ouvi de vários a preocupação com essa pessoa
317 e com os membros familiares dela diante de tal perda.

318 Acerca deste dia de visita, destaco como antinomia:

319 - A colaboração e o compartilhamento de experiências entre as pessoas que cumprem
320 pena x uma relação interpessoal conflitiva no cotidiano institucional. Observei um
321 compartilhamento, ainda que mínimo, das situações dolorosas nas relações interpessoais, como
322 perda entre eles, bem como das conquistas, o que por sua vez, promove uma cooperação nas
323 relações interpessoais, principalmente no que se refere a situações de concessão de benefícios
324 legais durante a pena, e experiências no âmbito afetivo-familiar. Entretanto, os conflitos
325 interpessoais, em especial quanto ao cumprimento do regime disciplinar também aparecem na
326 narrativa das pessoas.

327

328

329 1.6 A DESPEDIDA APÓS UMA SEMANA DE CONVÍVIO COM AS PESSOAS EM 330 CUMPRIMENTO DE PENA

331

332

333 À tarde, daquela sexta-feira, 31 de julho de 2015, eu fui me despedir (pois retornaria a
334 São Paulo) das pessoas de ambos os regimes, separadamente, agradecer pela receptiva e
335 informar que frequentaria a Instituição aos domingos e segundas-feiras uma vez ao mês. Recebi
336 uma carta de agradecimento de um deles, uma dobradura de papel (origami) e uma poesia.
337 Outro, representando o grupo do regime fechado, fez agradecimentos por esses dias de escuta
338 da história de cada um, por passar minhas férias com eles e por ter escolhido a APAC como
339 tema para meu trabalho de doutorado. Encerraram os agradecimentos, cantando um louvor. A
340 equipe do coral da APAC, voz e violão, cantou: *“Benção sobre bênçãos! É benção sobre*
341 *bênçãos! Vivendo cada dia no Senhor! Irmão você também é uma benção para mim... que seria*
342 *da minha vida sem você! Aperte a minha mão, sinta meu coração bater, eu te amo porque vejo*
343 *Cristo em Ti!!”* (Refrão da música *“benção sobre benção”, Agnus Dei*). A seguir, as pessoas do
344 regime fechado bateram palmas e me desejaram uma boa viagem, me acompanhando até o
345 portão de saída do regime fechado. No regime semiaberto, este agradecimento também ocorreu,
346 mas sem música, já que o coral era formado por membros apenas do regime fechado.

347 Destaco as antinomias:

348 _ Receber a visita de uma pessoa na condição de fundadora da Instituição e
349 pesquisadora com cortesia e agradecimento para permanecer com eles uma semana e
350 acompanhar diariamente as atividades desempenhadas por eles em ambos os regimes x
351 estranhamento diante dessa visita;

352 _ Agradecimentos pela visita x receio quanto aos objetivos destas, haja vista que os
353 membros da FBAC também os visitam periodicamente.

354

355

356 1.7 A ROTINA DE DOMINGO NO CAMPO INSTITUCIONAL APAC: ACOMPANHANDO AS
357 VISITAS FAMILIARES

358

359

360 Em 23 de agosto de 2015, tive a oportunidade de acompanhar o dia de visita dos
361 familiares às pessoas em cumprimento de pena privativa de liberdade: o domingo. Eles acordam
362 às 6h00, conforme rotina, fazem a oração da manhã, tomam o café da manhã, e, a seguir, são
363 divididos em funções, cada um para uma tarefa, como lavar o pátio de cada regime, lavar a
364 quadra, limpar as mesas que serão utilizadas pelos familiares, preparar o almoço, cuidar do
365 jardim, limpar a cozinha, e, a seguir, ficam livres para se preparem para receber as visitas. Eles
366 se ajudam, conforme descreveu o inspetor de segurança que os acompanhava nesse dia. Ainda
367 que ao longo da semana tenha ocorrido algum conflito entre eles, segundo relatos desse
368 inspetor, eles se unem em prol de organizar a casa para as visitas. Observei que um ajudava o
369 outro a pintar o cabelo, outro delineava a sobrancelha, cortava o cabelo do colega. As pessoas,
370 de ambos os regimes, fechado e semiaberto dedicaram cerca de três horas em preparação para
371 receber os familiares.

372 Recebi a autorização para permanecer como voluntária durante as visitas. Auxiliei o
373 inspetor de segurança no recebimento dos alimentos e pertences que os familiares levam para
374 as pessoas que cumprem pena. Aos domingos, a partir das 13h, os familiares têm acesso
375 autorizado e podem permanecer até às 17h em ambos os regimes. Os visitantes são cadastrados
376 previamente pela Instituição, por meio da apresentação de documentos pessoais, confirmação
377 de vínculo familiar com a pessoa, bem como uma foto 3x4 e assinatura de um termo de
378 responsabilidade, conforme relatado pelo inspetor de segurança. As pessoas que não possuíam
379 cadastro, não tiveram permissão para entrar na Instituição, bem como pessoas trajando
380 bermudas e camisetas. A revista consiste em confirmar se o visitante está autorizado a entrar,
381 bem como registrar o que ele está trazendo para a pessoa em cumprimento de pena, sem
382 inspecionar os alimentos. Diferentemente do sistema convencional, na APAC os (as) irmãos (ãs),
383 primos (as) e tios (as) podem efetuar visitas. No presídio, apenas esposas, maridos, pais e filhos
384 possuem acesso permitido, conforme descrito pelos inspetores e pessoas em cumprimento de
385 pena. No presídio, os alimentos são inspecionados e há entrada liberada apenas para pães,
386 bolacha salgada, produtos de higiene pessoal e cigarro, e em pequenas quantidades, alegaram
387 as pessoas que cumprem pena.

388 Os familiares levaram objetos de uso pessoal, como chinelo, sabonete, creme dental,
389 xampu, desodorante, perfume, tintura para o cabelo, escova de dente, roupas, agasalhos,
390 almoço em marmiteix para fazer uma refeição juntamente com a pessoa que cumpre pena,
391 sobremesas, doces, sucos e refrigerantes, além de caixas de cigarro. Durante o recebimento das
392 mercadorias, os voluntários e inspetores conferem se há algum cigarro de palha, produto proibido
393 pela Instituição, caixas de cigarro abertas, bem como celulares. Os aparelhos celulares são
394 recolhidos na entrada da APAC. Não há revista vexatória, uma vez que nenhuma revista
395 efetivamente é realizada e também não são utilizados detectores de metais nessa unidade. Essa

396 revista sem constrangimentos favorece a entrada de crianças, pessoas idosas, deficientes físicos
397 e pode auxiliar no resgate de vínculo familiar, incentivando a presença da família na APAC,
398 conforme relato do inspetor de segurança e das pessoas em cumprimento de pena. Os
399 familiares, após a entrega de celulares, entram nos respectivos regimes. O pátio (no regime
400 semiaberto) e a quadra de esportes (no regime fechado) foram preparados para receber os
401 familiares com mesas e cadeiras para cada pessoa que estava com visitas, diferentemente das
402 visitas do sistema convencional em que as pessoas permanecem sentadas no chão do pátio
403 onde os mesmos tomam sol, conforme foi relatado pelo inspetor. Os demais que não possuem
404 visita naquela data, exceto os responsáveis pelas chaves dos portões em cada regime,
405 permanecem nos dormitórios para não prejudicarem a visita dos outros, explicou o inspetor.

406 No regime semiaberto, uma pessoa recebeu a visita da esposa, das filhas, das tias e
407 também de seu animal de estimação. Os animais domésticos de pequeno porte entram na APAC
408 desde que tenha a apresentação de cartão de vacinação atualizado, o que não seria possível no
409 presídio, assim como não seria permitida a entrada de parentes de segundo grau. Cada família
410 se organiza em um espaço do pequeno pátio do semiaberto e, como muitas famílias já se
411 conhecem, conversam também entre si. Algumas famílias levam notícia de outras pessoas do
412 mesmo regime do filho para o respectivo familiar quando a família não comparece nas visitas,
413 segundo relatado por eles. Percebi que algumas crianças também já se conheciam e brincavam
414 entre si durante a visita.

415 Alguns deles me apresentaram para seus familiares. Os pais de um deles narraram que
416 após a entrada do filho na APAC, conseguiam dormir com tranquilidade, devido à ausência de
417 violência na Instituição APAC em contrapartida às experiências vividas pelo filho no presídio.
418 Conversaram sobre a importância do trabalho e da profissionalização que a APAC oferece, uma
419 vez que a Instituição tinha oferecido, na ocasião, um curso de pedreiro em parceria com o SENAI
420 e o filho os mostrou o material do curso.

421 Também durante o período de visitas, uma pessoa do regime fechado me apresentou a
422 esposa. Este relatou que ela era a pessoa responsável por sua força e pela mudança em sua
423 vida. Ele me levou para ver vários locais da quadra que permitem evasão. E relatou que ele está
424 preso pelo coração, pela consciência de saber que esse período é necessário para sua revisão
425 de vida. Afirmou que a família do 'preso' é que os mantém na APAC uma vez que eles, enquanto
426 'presos', somente suportam a reclusão porque tem pessoas os esperando em casa, portanto,
427 estariam presos pela própria consciência.

428 Outras pessoas em cumprimento de pena do semiaberto me falaram que não sabiam se
429 receberiam visitas naquele dia, mas ficaram esperando, e não receberam visita. Um deles me
430 relatou que, no domingo, ele fica ansioso desde a manhã, sem saber quem irá vê-lo e se terá
431 notícias dos filhos, da irmã, dos pais. Expectativas de receber visitas muitas vezes frustradas
432 que parecem promover angústia, ansiedade e preocupação às pessoas em cumprimento de
433 pena. Percebo que uma ruptura de expectativas surge quando a família não aparece nas visitas
434 em domingos sucessivos, a ansiedade se eleva e o receio de que a esposa possa estar com
435 outro companheiro, bem como a família estar com problemas de saúde aparece nas narrativas

436 relatadas como um 'fantasma' que lhes roubam a paz. São descritos sentimentos de abandono,
437 exclusão, medo e incertezas que promovem tensões intrapessoais e pensamentos de que
438 poderiam evadir da Instituição.

439 Muitos receberam apenas a visita dos filhos e da esposa, como pude perceber. Outros
440 receberam a visita dos pais e dos irmãos mais jovens. A figura feminina foi bem acentuada
441 durante a visita, pois a maioria dos visitantes eram mães, esposas, namoradas, irmãs, tias e
442 avós, e também conforme verifiquei no cadastro de visitantes. Às 17h, o inspetor de segurança
443 avisou o término do horário de visitas e os familiares e pessoas em cumprimento de pena se
444 abraçaram e se despediram. Alguns deles levaram os familiares até o portão de saída do
445 respectivo regime e se despediram novamente.

446 Outro membro do regime fechado que estava na cozinha e picava os legumes do jantar
447 também me relatou que acredita que a Instituição APAC seja melhor que o presídio,
448 principalmente porque seus pais, que já são idosos, são bem recebidos, uma vez que
449 permaneceu muito tempo sem vê-los no presídio pelos constrangimentos que eles passavam, o
450 que o levou a solicitar que os mesmos não o visitassem. Relatou que a APAC favorece o vínculo
451 afetivo e a reaproximação da família durante o cumprimento de pena, seja pela ausência de
452 revista constrangedora, seja pela autorização de acesso para mais familiares, ou pelo respeito e
453 atenção dados às pessoas e parentes visitantes.

454 Uma pessoa do regime semiaberto durante as visitas se ofereceu para ajudar no
455 acolhimento às famílias, pois não receberia a visita do pai naquele domingo. Afirmou que não
456 gostaria que o pai dele se deslocasse de cidade aos domingos, único dia de descanso, para vê-
457 lo em outro município. Verbalizou que, inicialmente, o pai o visitava todos os domingos, mas que
458 proibiu o mesmo de ir semanalmente porque não achava justo o pai 'pagar cadeia junto com ele',
459 sendo que foi ele quem errou e não o pai. Ele mencionou que agora o pai comparecia apenas
460 uma vez ao mês. Entretanto, em mesma data, um pouco mais tarde, o pai dele chegou para
461 visitá-lo, ao agir de modo oposto ao pedido do filho. O pai mencionou que não consegue ficar
462 mais que quinze dias sem ver o filho e que é dever dele de pai também fazer isso, já que a mãe
463 e as irmãs dele não gostam de sair de casa aos domingos, uma contradição entre o desejo de
464 receber visitas e a proibição da visita do próprio pai.

465 O que mais emergiu nesse dia foi o convívio familiar no método APAC a partir das visitas
466 dominicais e confraternizações com a família, oferecidas pela Instituição, como um auxílio na
467 atribuição de sentidos para a pena, para a aceitação das normas institucionais e adesão aos
468 princípios deste método de execução penal, que apareceu na narrativa das pessoas como 'estar
469 presos pela consciência'.

470 Destaco as antinomias:

471 _ Estar presos pela consciência, em especial pelo fato de receber a família sem revistas
472 vexatórias x possibilidades de evasões e fugas.

473

474

475 1.8 TENSÕES DIALÓGICAS A PARTIR DA PRIMEIRA SAÍDA TEMPORÁRIA E OS
476 CONFLITOS INTERPESSOAIS EM CADA REGIME

477

478

479 No dia seguinte, 24 de agosto de 2015, estive acompanhando a rotina da APAC de
480 ambos os regimes. Dialoguei com várias pessoas e o que mais emergiu foi a saudade de casa.
481 Muitas pessoas do regime semiaberto tiveram a primeira saída temporária e disseram sentir
482 ansiedade, saudade e desejo de sair logo da APAC para ficar com a família em definitivo.
483 Narraram a ansiedade prévia para obter progressão de regime para o semiaberto, permitida após
484 o cumprimento de 2/5 do período determinado para a pena no regime fechado e com bom
485 comportamento (conforme prevê a lei de execução penal brasileira para crimes hediondos) e,
486 conseqüentemente, serem contemplados com o direito à primeira saída temporária, experiência
487 de regresso à sua casa após início da pena de reclusão.

488 O regime semiaberto possui a liberação legal para saída temporária, sendo em média
489 quatro ou cinco saídas ao longo do ano (em datas comemorativas) e, quando retornam de suas
490 casas, muitos descrevem uma sensação de angústia pelos problemas que encontraram,
491 segundo relato dos mesmos. Duas pessoas me relataram que ficam ansiosos após retorno de
492 saída temporária e outro me disse que ao retornar para a APAC ficava depressivo, triste e
493 revoltado por estar longe de casa novamente, ao passo que, antes da data, sofria pela ansiedade
494 provocada pela espera da saída. Percebi essas tensões dialógicas que se apresentam para o
495 *Self* da pessoa do regime semiaberto. Outro me narrou o receio de perder a guarda dos filhos,
496 uma vez que a cuidadora destes havia entrado com o pedido de guarda temporária. A possível
497 perda de contato afetivo com os filhos e de guarda dos mesmos foi relatado como algo que lhe
498 rouba o sono.

499 Logo após o almoço, alguns do regime fechado conversavam com um tom de voz mais
500 elevado uns com os outros no depósito de alimentos, ao lado da cozinha, mas sem agressões
501 verbais. Alguns estavam limpando a cozinha e outros preparando os legumes para o jantar. Um
502 deles se aproximou e pediu que eles deixassem aquela situação para ser resolvida na reunião
503 prisional (uma reunião semanal, aos sábados, entre eles e em cada respectivo regime, por meio
504 da qual as pessoas devem resolver suas insatisfações e conflitos entre si, mas sem agressões
505 verbais, conforme mencionaram e também consta no regimento), uma vez que tinham visita
506 (referindo-se a minha presença). Entretanto, outro disse que eu já era 'uma pessoa da casa' e
507 que eu sabia que esses desentendimentos acontecem entre eles no dia a dia da Instituição.
508 Percebi que alguns me incluíam como um membro da Instituição e não se preocupavam com a
509 minha presença, enquanto outros corrigiam a postura dos demais. Penso que posso dizer de
510 uma aproximação temporária, uma vez que ocupava uma posição ambígua enquanto
511 pesquisadora, visitava a Instituição mensalmente, mas não representava nenhum membro
512 efetivo da diretoria ou do quadro de funcionários.

513 A discussão presenciada me fez pensar que existem conflitos interpessoais a serem
514 resolvidas entre eles, tanto que as reuniões de convivência, a denominada reunião prisional, é

515 sempre semanal. Segundo relatos das pessoas em cumprimento de pena, durante a reunião
516 prisional, os membros do Conselho de Sinceridade e Solidariedade discutiram com os demais
517 sobre as regras disciplinares no regime fechado, aplicando penalidades em alguns, e isso havia
518 gerado um desconforto entre eles. Entretanto, esse ocorrido no sábado aparentemente não
519 rompeu com a colaboração entre eles no preparo do regime para receber os familiares no
520 domingo.

521 As pessoas que estavam na recepção, na acolhida aos familiares, conversavam comigo
522 sobre as penalidades sofridas por eles do regime semiaberto (estavam sem TV e sem uso de
523 aparelhos de som) em função de uma falta disciplinar coletiva. As pessoas em cumprimento de
524 pena diziam que essas situações promovem tensões, o qual identifiquei como um conflito entre
525 a posição pessoal (não prejudicar o colega de regime ao delatá-lo e todos correrem o risco de
526 ser penalizados por omissão) ou delatar o colega de dormitório, respeitando-se sua posição
527 institucional.

528 Também identifiquei, nessas primeiras visitas, que várias pessoas possuem assistência
529 psiquiátrica no Centro de Atenção Psicossocial local (por uso de drogas, alcoolismo, transtorno
530 de ansiedade, depressão) e também outros tipos de assistência (oftalmologia, odontologia,
531 ortopedia). O administrativo da APAC agenda as consultas e o funcionário condutor (motorista)
532 leva a pessoa em cumprimento de pena até a clínica na cidade local ou em outras cidades
533 vizinhas para ser atendida (preferencialmente na rede pública e, em alguns casos específicos,
534 na rede particular, quando o serviço é pago pela própria família). Nesse dia, vários deles foram
535 levados para uma cidade vizinha pelo condutor da Instituição para consultas oftalmológicas,
536 previamente agendadas pela APAC. Uma das pessoas do regime fechado disse que, quando
537 estão com o crachá de recuperando da APAC na fila de espera destas Clínicas, as pessoas
538 conversam com eles normalmente, mas quando saíam escoltados pela política ou pela
539 Subsecretaria de Administração Prisional – SUAPI, com uniformes vermelhos e algemados, as
540 pessoas não permaneciam sentadas ao lado deles. Já o serviço de farmácia na APAC, segundo
541 o que eu pude observar, é realizado por uma funcionária específica e, conforme o reajuste das
542 receitas, ela faz a separação das medicações para cada semana, que ficam trancados no
543 escaninho, separados por regime, dentro da sala dos inspetores de segurança, que fazem a
544 entrega da medicação nos devidos horários, sendo que as pessoas em cumprimento de pena
545 devem consumir a medicação na frente do inspetor de segurança. Em unidades maiores da
546 APAC as próprias pessoas em cumprimento de pena, sendo uma de cada regime, fazem esse
547 controle das medicações, conforme descrito pelos inspetores.

548 Percebi que a maioria dessas pessoas faz uso de medicações para transtornos de
549 ansiedade, tratamento para dependência química e /ou transtorno de humor. Percebo que a
550 ansiedade permeia o contexto de cumprimento de pena, e que as pessoas declaram que o tempo
551 cronológico ‘parece parar’ e que a vida institucionalizada promove uma sensação de ‘tempo
552 perdido’ para si e para as relações com os familiares, ‘páginas em branco’, conforme descrito
553 por uma pessoa do regime fechado. Entretanto, as pessoas descreveram que o uso de
554 medicação na APAC é bem reduzido em relação ao consumo de medicações no presídio, haja

555 vista que o tratamento psicológico e psiquiátrico é mais frequente e a pessoa encontra outras
556 saídas para lidar com a ansiedade e insônia, como as atividades laborterapêuticas, evitando-se
557 as impregnações medicamentosas que são comuns no sistema prisional convencional, conforme
558 relatado por eles.

559 Nesta visita à Instituição APAC, destaco uma antinomia entre posição pessoal e posição
560 institucional:

561 _ Seguir as normas da Instituição x seguir as regras do convívio do próprio dormitório:
562 Percebi uma posição ambígua para o *Self*, ora delatar o colega que cometa uma falta grave para
563 não assumir uma falta disciplinar por omissão, ora manter a boa convivência e os interesses
564 coletivos de cada regime.

565

566

567 1.9 TENSÕES DIALÓGICAS PARA A PESSOA QUE CUMPRE PENA NO REGIME ABERTO

568

569

570 Em 27 de setembro de 2015, eu tive a oportunidade de entrar no regime aberto para
571 conversar com as pessoas em cumprimento de pena que permanecem na Instituição apenas
572 aos domingos. Na ocasião, eram cinco pessoas em cumprimento de pena nesse regime, mas
573 uma pessoa havia abandonado o sistema, pois, na primeira liberação para trabalhar, não voltou
574 para a APAC no final do dia. Um deles também não estava na Instituição por trabalhar aos
575 domingos em uma mineradora. Os três com os quais conversei trabalhavam de segunda a
576 sábado, sendo dois na área de construção civil e um no corte de lenha. Eles relataram que o
577 domingo é o dia do descanso e de lavar a roupa, pois de segunda a sábado eles retornam à
578 APAC às 19h, apenas para dormir.

579 Disseram que nem sempre conseguem ficar em casa com a família antes de
580 regressarem à APAC, devido aos horários de trabalho deles e das esposas, bem como horário
581 de escola dos filhos. No final do dia, após término das aulas do filho e do trabalho da esposa,
582 ocasião em que estaria com eles em casa, descreveram que precisam retornar para passar a
583 noite na Instituição. Além disso, como estão no regime aberto, estes não possuem direito a visita
584 familiar ou íntima com a esposa nos finais de semana, limitando o tempo com a família ao tempo
585 em que normalmente estão trabalhando. Eles relataram a dificuldade para cumprir o regime
586 aberto devido à vontade de não regressar no final do dia e de permanecer em casa com a família,
587 mas que sabem que se trata do último estágio de cumprimento de pena, sendo necessário estar
588 focados para não perder o objetivo final de terminar o cumprimento da pena. Um deles, nessa
589 ocasião, narrou que o regime aberto era o mais difícil e que se a pessoa não tiver maturidade,
590 ela não volta para a Instituição no final do dia. Comentaram sobre o colega de regime que havia
591 saído há oito dias e ainda não tinha regressado, caracterizando abandono do sistema prisional.

592 Nesta visita à Instituição APAC, destaco uma antinomia entre posição pessoal e posição
593 institucional:

594 _ Regressar para a APAC no final do dia ou permanecer com a família.

595 Há um campo de tensões dialógicas entre regressar para a APAC no final do dia para
596 terminar de cumprir o regime aberto ou permanecer com a família, o que ocasionaria a perda do
597 direito de cumprir o regime aberto, regressão de regime ou ficar na condição de foragido da
598 justiça, além de regressar para o presídio convencional caso seja encontrado pela polícia,
599 conflitos que podem favorecer angústias e ansiedades, como percebi no relato das pessoas em
600 cumprimento de pena deste regime.

601

602

603

604 1.10 A APAC COMO UMA EXPERIÊNCIA DE ALTERIDADE PARA A PESSOA QUE CUMPRE 605 PENA E SEU GRUPO FAMILIAR

606

607

608

609 Durante a visita ao regime fechado, ainda referente ao dia 27 de setembro, ao
610 cumprimentar os visitantes reunidos com as pessoas em cumprimento de pena na quadra, fui
611 convidada a me sentar com a família de um deles. Na ocasião, a pessoa em cumprimento de
612 pena recebia a visita dos pais, irmão, cunhada e sobrinha que moram em outro estado. A pessoa
613 em cumprimento de pena me apresentou como voluntária e como pesquisadora que fazia
614 doutorado. Eles conversaram comigo sobre a Instituição e me perguntaram sobre meu trabalho
615 de pesquisa. Os familiares me agradeceram por escolher esse tema de pesquisa e por estar com
616 eles no dia a dia na Instituição.

617 A família relatou ser tratada com respeito pelos funcionários e voluntários da APAC, e
618 ter passado por situações constrangedoras no período em que o visitaram no presídio,
619 declarando-se satisfeitos pela oportunidade do filho cumprir pena na APAC. O pai dessa pessoa
620 relatou que experimentava crises de ansiedade aos domingos, antes de ver o filho no presídio,
621 devido às revistas constrangedoras. Este pai utiliza andadores em função de perdas motoras
622 decorrentes de um acidente vascular cerebral e, como esses instrumentos não são permitidos
623 no sistema prisional convencional, por apresentarem uma função implícita de 'arma' para as
624 pessoas em reclusão, precisava deslocar-se com auxílio dos familiares ou agentes
625 penitenciários. Afirmaram que na APAC são tratados como 'gente'. Conforme o relato desses
626 familiares, eles consideravam inesperado que a pessoa em cumprimento de pena e sua família
627 fossem respeitados dentro de um sistema prisional. A narrativa 'ser tratado como gente' aparece
628 como uma ruptura com as expectativas prévias construídas pela família a partir de uma interação
629 com o sistema prisional convencional e um discurso que segrega, maltrata e humilha a pessoa
630 que cumpre pena privativa de liberdade.

631 Algumas pessoas em cumprimento de pena nesta mesma data me descreveram que a
632 juíza da vara de execução do município fez uma visita à APAC, sendo que esta permaneceu
633 cerca de duas horas com eles e avisou que quem quisesse transferência para outra unidade da
634 APAC, mais próxima da família, poderia fazer o pedido formal que ela deferiria, mas explicou que

635 alguns pedidos demoram um pouco porque a Comarca que o receberá precisa ter vaga e aceitar
636 o pedido da solicitante. Estes descreveram um sentimento de valorização por contar com a
637 oportunidade de diálogo direto com a juíza, sem intermediários, como estagiários do setor jurídico
638 ou advogados. Esse diálogo com o sistema de justiça através da juíza de execução trouxe aos
639 mesmos, conforme as narrativas, o sentido de um acolhimento e uma escuta que os surpreendia
640 em comparação com o sistema prisional convencional no qual impossibilitaria uma conversa com
641 a juíza sem algemas e na ausência de um agente penitenciário armado ao seu lado. Segundo
642 relatado pelas pessoas que cumprem pena, a primeira vez que a juíza esteve na APAC, esta
643 apresentou-se armada na portaria da Instituição (conforme hábito rotineiro nos sistemas
644 prisionais), sendo orientada por um recuperando a deixar sua arma no carro para adentrar ao
645 sistema prisional que não permite esse procedimento.

646 Percebi a APAC nesse contexto como uma alteridade também para a família, uma
647 instituição desconhecida, algo insabido para estes principalmente no momento das primeiras
648 visitas e que permanece como outro desconhecido pelas características próprias da metodologia
649 e aspectos outros que escampam a compreensão dos membros familiares ainda que conheçam
650 em profundidade a metodologia do sistema de execução penal APAC. A APAC enquanto uma
651 Instituição de execução penal parece ser idealizada pela família, inicialmente, como outro meio
652 de cumprimento da pena que também os tratasse com revistas vexatórias. E ao romper com os
653 papéis socioculturais previstos para uma instituição penal, como o uso de escoltas policiais, uso
654 de armas de fogo, bem como revistas vexatórias para os familiares e, ao contrário, manter o
655 manuseio de facas e utensílios domésticos e de trabalho (armas brancas) pelas próprias pessoas
656 que cumprem pena, promove uma quebra de expectativas e a construção de novas
657 possibilidades de relações pessoa-família no sistema prisional APAC, além de um afastamento
658 das ideias preconcebidas acerca da relação funcionários-familiares em uma Instituição penal.

659 A antinomia que evidencio nessa data a partir dos fatos narrados acima é:

660 _ Aproximações na relação APAC-sistema prisional convencional x divergências e
661 afastamentos nesta relação do ponto de vista dos familiares das pessoas que cumprem pena. A
662 APAC enquanto sistema prisional se assemelha ao sistema convencional, porém apresenta
663 como um campo distinto, com regras e valores bem diferentes do sistema prisional convencional,
664 causando estranhamentos na relação família-Instituição por desconhecimento dessas regras.

665

666

667 1.11 O ENVOLVIMENTO AFETIVO-COGNITIVO DA PESSOA QUE CUMPRE PENA COM O 668 MÉTODO APAC

669

670

671

672 No dia seguinte, 28 de setembro de 2015, segunda-feira, na parte da manhã, conversei
673 com algumas pessoas em cumprimento de pena. Passei a manhã com o regime semiaberto. No
674 regime fechado, uma pessoa em cumprimento de pena narrou que alguns deles demonstram se

675 envolver afetivamente com a APAC ao ponto de não conseguirem imaginar como seria a vida
676 dessa pessoa fora da Instituição. Exemplificaram com a história de vida de um senhor de mais
677 de 60 anos que não possui familiares nas cidades vizinhas e que descreve os membros da
678 Instituição como sua própria família. Outra pessoa do regime semiaberto também alegou que
679 deseja retornar como funcionário para continuar mantendo vínculo com a Instituição e com as
680 pessoas que fizeram parte de seu processo de cumprimento de pena.

681 Destaco a seguinte antinomia:

682 _ A APAC como uma família x a APAC como Instituição de privação de liberdade.

683

684

685

686 1.12 EXPERIÊNCIAS DE RUPTURA DE EXPECTATIVAS DA PESQUISADORA NO 687 CONTEXTO INSTITUCIONAL

688

689

690

691 Ainda em 28 de setembro, uma pessoa em cumprimento de pena, após o almoço, me
692 perguntou como era meu ritmo de vida em São Paulo, onde eu trabalhava, como era o
693 deslocamento, o transporte público etc. Expliquei que sou professora de uma universidade na
694 região metropolitana de São Paulo, que fica a uma hora e meia da minha casa (zona norte) via
695 transporte público e que faço doutorado na USP, zona oeste. Então, o mesmo disse: *“Bom...
696 então eu tenho mais qualidade de vida que você! Eu aqui na APAC tenho café da manhã no
697 horário correto. Tenho mais de oito horas de sono por dia. Trabalho menos de seis horas ao dia
698 e ainda consigo tirar um cochilo depois do almoço!” ... Você é feliz desse jeito, com essa vida?
699 Porque eu não queria essa vida para mim não! Trabalhar tanto, estudar, dormir pouco e passar
700 quase três horas do seu dia em transporte lotado! (sic)”. Eu me pus a pensar nesses aspectos,
701 pois, afinal: A pessoa em cumprimento de pena descreveu que ele tem melhor qualidade de vida
702 do que outra pessoa, apesar de estar preso. Esse aspecto desconhecido e até então impensado
703 para mim enquanto pesquisadora me produziu tensões a partir do rompimento de uma
704 expectativa prévia de que o aprisionamento fosse fruto de uma instituição penal e de uma
705 privação de liberdade, mas comecei a construir novas perspectivas a partir do diálogo com essas
706 pessoas, pois as pessoas livres de penas judiciais podem se sentir aprisionadas em outros
707 lugares como em grandes cidades ou mesmo profissionalmente e afetivamente, ao possuir uma
708 vida também institucionalizada. Uma pessoa em cumprimento de pena também pode se sentir
709 livre enquanto pessoa, no campo da imaginação ou da percepção, pois está privado
710 temporariamente apenas de conviver com a sociedade, de ir e vir, e não de pensar, sentir e
711 relacionar-se consigo e com o outro.*

712 Destaco a seguinte antinomia:

713 _ Qualidade de vida durante o cumprimento de pena x estar cumprindo pena privativa
714 de liberdade. Acreditar que a pessoa que cumpre pena não tem ou não deveria ter qualidade de

715 vida faz parte de um percurso histórico de construção da prisão como pena e de um imaginário
716 social em que as prisões devem ser insalubres e não resguardar os direitos das pessoas que ali
717 estão.

718

719

720 1.13 TENSÕES NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM CADA REGIME

721

722

723

724 Em 25 de outubro de 2015, estive na APAC. Logo ao entrar no regime fechado, percebi
725 a ausência de algumas pessoas em cumprimento de pena desse regime. Uma das pessoas em
726 cumprimento de pena me explicou que três pessoas tinham voltado para o presídio. Três ainda
727 mantinham a reserva de vaga na APAC até decisão final do juiz, mas retornaram ao presídio
728 temporariamente como medida cautelar, uma vez que planejaram fuga.

729 Percebi que há um fluxo de entradas e saídas de pessoa em cumprimento de pena nos
730 respectivos regimes de um mês para o outro, ou seja, no intervalo entre as minhas visitas,
731 alterações previstas conforme a lei de execução penal e o tempo de pena de cada pessoa. Com
732 a saída dessas quatro pessoas em cumprimento de pena do regime fechado (que voltaram para
733 o presídio medida cautelar/falta grave) e saída de outro para o regime semiaberto, a partir de
734 progressão de regime, estava prevista a entrada de mais três pessoas em cumprimento de pena
735 advindos do presídio estadual para o regime fechado e uma pessoa em cumprimento de pena
736 para o regime semiaberto. Duas pessoas em cumprimento de pena que permaneciam em
737 adaptação- reclusos no regime fechado, sem convívio no pátio e cozinha- quando fiz a visita
738 anterior, já estavam na ocasião em convivência no regime fechado. Dentre essas quatro pessoas
739 em cumprimento de pena que saíram do método APAC por medida cautelar, dois eram do
740 Conselho de Sinceridade e Solidariedade - CSS (presidente e vice), ocasionando nova escolha
741 de representantes para o Conselho do regime fechado e cinco novos membros tomaram posse.

742 Algumas pessoas do regime fechado relataram preocupação com os colegas que
743 regressaram ao presídio, uma vez que alegaram conhecer o tratamento dado pelo sistema
744 convencional às pessoas em cumprimento de pena que planejam fuga: humilhações e castigos.

745 No regime fechado, uma nova equipe de pessoas em cumprimento de pena terminava o
746 almoço daquele domingo. Com a saída dessas pessoas em cumprimento de pena, uma nova
747 distribuição de equipes de cozinha foi feita. Naquele momento, em que me aproximei, apenas
748 um estava cozinhando, o outro já havia terminado de cortar os legumes. O cozinheiro me explicou
749 que preferiu trocar de tarefas com outra pessoa em cumprimento de pena e também lavar a
750 louça, porque o amigo estava muito atarefado para entregar os tapetes encomendados para
751 aquela data e que se dispôs a lavar a louça e a cozinhar no lugar dele, assim uma pessoa em
752 cumprimento de pena auxiliava o desempenho da função do outro para evitar penalidades para
753 o colega.

754 Também dialoguei com uma pessoa do regime fechado que me relatou que as pessoas
755 em cumprimento de pena na APAC convivem bem mesmo com quem cumpre pena de estupro
756 porque precisam respeitar, porque todos cumprem penas, todos erraram, mas que eles aceitam
757 essa pessoa, a princípio, porque a Instituição exige essa convivência e, ao conviver, eles
758 descobrem que essa pessoa também tem qualidades, assim como eles.

759 Esta visita me fez refletir sobre as circunstâncias nas quais os colegas delataram os
760 membros do CSS quanto a essa tentativa de fuga. Como membros do CSS, cabe a eles delatar
761 as faltas graves dos colegas e, em alguns casos de faltas leves e medianas, aplicar as
762 penalidades previstas no regimento disciplinar. Entretanto, essas duas pessoas em cumprimento
763 de pena do CSS já tinham assumido, perante os colegas, ter relatado ao encarregado de
764 segurança as faltas graves de outras pessoas do respectivo regime em outras situações. Nesta
765 última ocasião, os membros do CSS é que foram delatados pelos demais colegas deste regime.
766 Esses conflitos e tensões interpessoais entre os membros do Conselho e as demais pessoas em
767 cumprimento de pena se fazem presentes na rotina desta APAC, conflitos entre as posições
768 subjetivas/demandas pessoais e as posições institucionais. Ao delatar os colegas, estes
769 precisam manter um comportamento disciplinar exemplar para também não ser delatados pelos
770 demais, até mesmo porque o método pressupõe essa delação um do outro, como forma de
771 auxiliar no cumprimento da disciplina.

772 Destaco nessa visita a seguinte antinomia que também se coloca entre posição pessoal
773 e posição institucional:

774 _ Ser membro do CSS x ser uma pessoa que cumpre pena, assim como as demais em
775 cada respectivo regime: estas tensões nas relações interpessoais podem promover um
776 distanciamento dos papéis institucionalmente delimitados (delatar os colegas, por exemplo) e um
777 silenciamento diante dos fatos que ocorrem no regime de execução penal.

778

779

780

781 1.14 ABANDONO DO MÉTODO APAC POUCO ANTES DO TÉRMINO EM DEFINITIVO DA 782 PENA PRIVATIVA DE LIBERDADE

783

784

785

786 Ainda no dia 25 de outubro, no regime aberto, uma das pessoas na condição de
787 condenado, chegada a data prevista para final do seu cumprimento de pena, não regressou à
788 APAC após seu expediente de trabalho. O encarregado de segurança mencionou que explicou
789 a ele a necessidade de aguardar o recebimento do alvará de liberdade expedido pelo Judiciário
790 e que ele precisaria regressar à Instituição para não ter problemas com a Justiça. Entretanto, o
791 mesmo não retornou após o término da saída temporária, mesmo sem receber o comunicado
792 oficial de alvará de liberdade. Cronologicamente, a pena já estava cumprida, mas faltava ainda
793 a carta de alvará de soltura ser lavrada e assinada pelo juiz da vara de execução penal. A

794 ansiedade pela chegada da data de término também parece favorecer um conflito entre
795 permanecer ou sair antes mesmo da liberdade ser expedida judicialmente.

796 Também soube de uma pessoa em cumprimento de pena do regime semiaberto que
797 estava foragida, uma vez que não regressou da última saída temporária, e um aspecto que me
798 chamou a atenção foi o fato de que faltavam apenas quatro meses para essa pessoa sair com o
799 alvará de liberdade. Nesse caso específico, a pessoa poderá responder por abandono do sistema
800 prisional, ainda com pena para cumprir. Esse aspecto referente ao abandono ou evasão do
801 sistema prisional APAC pouco antes do término da pena será aprofundado e discutido teórico-
802 metodologicamente na discussão dos resultados.

803 Destaco a seguinte antinomia:

804 _ Ser membro do grupo das pessoas que cumprem pena x colocar-se como membro do
805 grupo dos egressos e para os quais as regras e preceitos legais perdem efeito.

806

807

808

809 1.15 TENSÕES DIALÓGICAS ENTRE POSIÇÕES PESSOAIS E POSIÇÕES INSTITUCIONAIS 810 VIVIDAS PELOS FUNCIONÁRIOS DA APAC

811

812

813

814 No dia seguinte, 26 de outubro de 2015, pela manhã, ao conversar com uma funcionária,
815 esta me relatou que além de funcionária já há quatro anos na Instituição, ela também trabalhava
816 como voluntária quando necessário e buscava doações de material de construção na
817 comunidade local. Ela afirmou que os funcionários do administrativo também sofriam
818 psicologicamente com as situações que ocorrem com as pessoas em cumprimento de pena.
819 Exemplificou que quando as pessoas em cumprimento de pena saem da APAC algemados e
820 retornam ao presídio por terem cometido faltas graves, eles (os funcionários), por vezes, choram
821 e se entristecem.

822 Nesta data, chamou-me a atenção a seguinte antinomia: Há um compartilhamento do
823 sofrimento das pessoas em cumprimento de pena com os funcionários, mas também um conflito
824 entre as posições pessoais e papéis institucionais: precisar comunicar as faltas graves e aplicar
825 as penalidades, mas descrever se sentir fracassada e frustrada com o retorno das pessoas em
826 cumprimento de pena para o presídio.

827 Tais conflitos os conduzem a um questionamento pessoal se poderiam fazer algo para
828 além do que está sendo feito profissionalmente e a atribuição de um sentido de culpa pelo
829 ocorrido, entendido enquanto uma falha no favorecimento da adaptação da pessoa ao método,
830 uma compreensão do fenômeno como fracasso institucional e pessoal.

831 Estas tensões dialógicas entre posições pessoais e institucionais também emergiram
832 nas narrativas dos inspetores e do encarregado de segurança da Instituição APAC.

833

834

835

836 1.16 A RELAÇÃO CONSTRUÍDA COM A INSTITUIÇÃO APAC E SUAS INTERFACES COM A
837 EXPERIÊNCIA PRÉVIA COM O PRESÍDIO ESTADUAL

838

839

840

841 Em 27 de novembro de 2015, estive na APAC para mais uma visita periódica.
842 inicialmente, visitei o regime aberto e conversei com duas pessoas em cumprimento de pena.
843 Um deles conseguiu autorização para sair do regime aberto do presídio e cumprir pena na APAC.
844 Ele me relatou que mesmo após mudanças na administração prisional local, o presídio ainda
845 estava com superlotação. Segundo ele, em função desses aspectos referentes a superlotação e
846 humilhações, poucos retornam no final do dia ao presídio para cumprir pena no regime aberto,
847 mas que na APAC a relação entre inspetores e as pessoas em cumprimento de pena é uma
848 relação de respeito e que essa relação promove o retorno diário para a Instituição em decorrência
849 de um desejo de terminar de pagar o que ele deve para a sociedade em termos de pena e
850 permanecer com a consciência tranquila posteriormente. Ele relatou que regressava para o
851 presídio após o expediente de trabalho externo porque tinha esperança de conseguir vaga na
852 APAC. Percebo aqui uma relação com a APAC permeada pela experiência prévia no presídio,
853 ou seja, a relação *Self- Instituição APAC* era permeada pelas experiências constrangedoras e
854 de humilhações vividas no método convencional.

855 Outro membro do regime aberto, nessa ocasião, relatou que estava desempregado, que
856 a mineradora onde ele trabalhava demitiu muitas pessoas em função da crise econômica. Como
857 reside em um município vizinho, o antigo juiz da Comarca deixou que ele regressasse para a
858 APAC apenas aos finais de semana. Relatou a dificuldade em deixar a família justamente nos
859 dias de folga da esposa e filhos, mas que era um sacrifício movido por um bom objetivo, terminar
860 sua pena com dignidade.

861 No dia seguinte, 28 de novembro, o que me chamou a atenção foi que uma pessoa do
862 regime fechado que não tinha conversado comigo até então, me procurou e disse que queria
863 uma orientação sobre seus direitos a respeito de pedir autorização para cumprir pena no
864 semiaberto e trabalhar na comunidade, já que a Lei de Execução Penal prevê essa possibilidade.
865 Expliquei a ele que estava fazendo doutorado em Psicologia, que não tinha conhecimento da
866 parte jurídica e que esses aspectos oscilam entre Comarcas embora sejam permitidos pela Lei
867 de Execuções, mas que ele poderia ver isso com a estagiária jurídica da APAC. Segundo essa
868 pessoa, no presídio ele não teria a quem recorrer para tirar essas dúvidas, exceto se pagasse
869 um advogado, mas que na APAC sente-se livre para pedir apoio aos funcionários e voluntários.
870 Como têm acesso à legislação, estas pessoas em cumprimento de pena buscam compreender
871 cada fase de sua condenação e solicitam auxílio para pedir recursos ou benefícios. O acesso à
872 biblioteca da APAC e às legislações penais (Código Penal e Lei de Execução Penal) os
873 empoderam e os incentivam a buscar alternativas para seu processo criminal.

874 No regime fechado, conheci dois novos integrantes que estavam como auxiliares na
875 cozinha e começaram a conversar comigo. Eles também comentaram que o presídio estava
876 superlotado, com 12 a 14 presos por cela, sendo que o máximo permitido são seis nesse espaço
877 físico, o que os leva a dormir no chão e sem condições de higiene. Notei que os dois estavam
878 muito magros e um deles comentou que havia engordado quatro quilos nos 20 vinte dias que
879 estava na APAC e que a comida do presídio não era de boa qualidade e que as pessoas não se
880 alimentavam bem. Relatou alegria em trabalhar, ter remição de pena e comer com talheres (garfo
881 e faca) e em uma mesa com as demais pessoas em cumprimento de pena. Percebi que esses
882 pequenos detalhes faziam diferença para ele em termos de dignidade e privacidade para
883 escolher os alimentos, preparar o próprio prato, alimentar-se de uma comida caseira e servida
884 por eles próprios, bem como o uso de talheres como uma atribuição de confiança aos mesmos.

885 Essas duas pessoas em cumprimento de pena estavam auxiliando outro que estava na
886 função de cozinheiro chefe. Explicaram-me que eles trocam periodicamente os membros das
887 equipes de cozinha à medida que alguns cozinheiros se aproximam da data de progressão de
888 regime ou de condicional. Eles ensinam uns aos outros, ao compartilhar o conhecimento
889 adquirido com aqueles menos experientes em atividades de cozinha. O cozinheiro e seus
890 auxiliares cantavam e dançavam de braços dados, sendo que mal se conheciam, mas estavam
891 interagindo durante o trabalho na cozinha. Eu perguntei se eles são bem-humorados assim e
892 eles mencionaram que ‘no presídio eles riam para não chorar’ e que ‘na APAC é uma alegria
893 verdadeira’. Narraram uma sensação de liberdade e privacidade para trabalhar e ouvir músicas,
894 cantar e dançar. Novamente percebi uma polaridade entre o estar preso e se sentir livre e feliz.
895 E declararam que no presídio a saída encontrada para as dificuldades, muitas vezes, era tomar
896 medicações para dormir.

897 Neste mesmo dia, uma pessoa em cumprimento de pena (recém-chegado ao regime
898 fechado) se aproximou de mim no pátio para conversar sobre os seus problemas mentais. E
899 rapidamente vários se aglomeraram para me dizer que tomavam medicações e que já tinham
900 reduzido o número de medicamentos após entrada na Instituição APAC. Alguns relataram: “*Eu*
901 *vivia dopado de calmantes quando estava no presídio*”; “*Cheguei aqui impregnado de*
902 *medicamentos*” (sic). Ocorre que o presídio possui atendimento médico psiquiátrico
903 internamente, diferentemente da APAC, porém o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do
904 município atende as pessoas em consultas pré-agendadas e também presta atendimento
905 psicológico, e a Instituição APAC oferece trabalhos grupais periódicos. Segundo as pessoas do
906 regime fechado, quando elas estão na APAC, elas participam da laborterapia, recebem os
907 familiares, de modo geral, com mais frequência que recebia anteriormente no presídio, também
908 podem transitar sem algemas pela APAC, tomar sol, são tratados com educação, alimentam-se
909 de forma mais saudável e segundo elas esses aspectos acabam por estimular uma melhoria no
910 âmbito psicológico evitando-se assim um uso excessivo de medicação. “*Aqui não precisamos*
911 *de remédio! Remédio é para não ver o dia passar, e não sofrer tanto lá em cima (presídio)!*”.

912 No regime semiaberto, eu conversei com algumas pessoas, principalmente com um
913 deles que já estava com o tempo de pena vencido para progredir para o regime aberto. Há 25

914 dias ele esperava a liberação da juíza para ir para o regime aberto. Relatou estar ansioso, pois
915 a juíza havia se afastado e o foro criminal estava sem juiz substituto temporariamente. Outros
916 dois que já concluíram a pena de regime semiaberto também se descreviam como angustiados,
917 um deles aguardava para ir para o regime aberto e o outro para a liberdade definitiva. Assim, já
918 não realizavam atividades laborais e estavam ociosos, o que, segundo eles, aumentava ainda
919 mais a ansiedade, mas que não queriam trabalhar, já que 'estavam com a pena paga'. Uma
920 dessas pessoas em cumprimento de pena ficaria apenas 20 dias no regime aberto (e, portanto,
921 já deveria estar em liberdade se as datas no sentido cronológico fossem seguidas), mencionou
922 que sentiria falta de alguns colegas da APAC, apesar de não conversar com todos, mas que
923 também não tinha inimizades. Ele comentou que já havia discutido e se afastado de alguns
924 colegas de regime, mas que depois se reconciliou, pois na APAC não há meios para permanecer
925 sem conversar com os colegas de regime, uma vez que sempre trabalham juntos.

926 Destaco nessa visita duas antinomias muito presentes no sistema penal APAC:

927 _ Colaboração x conflitos interpessoais: Percebo nas narrativas as relações
928 interpessoais permeando os processos de significação do *Self* que ora os move para um ou outro
929 posicionamento dentro da APAC, como cumprir regras disciplinares, negociar benefícios, pedir
930 desculpas ao colega, colaborar com as tarefas, dialogar para resolver conflitos rotineiros durante
931 a reunião prisional, ora para questionar seus direitos e lutar pelos mesmos, divergir e não seguir
932 os aspectos disciplinares.

933 _ Relações institucionais no Sistema prisional APAC x presídio estadual: A relação
934 estabelecida pela pessoa com o método APAC aparece permeada pela experiência prévia no
935 sistema prisional convencional, pois surgem no relato delas comparações entre as metodologias
936 de cumprimento de pena e descrições de uma sensação de dignidade e respeito aos seus
937 direitos na APAC. Uma relação de confiança estabelecida e depositada nos funcionários e
938 voluntários, em comparação com o presídio estadual, e uma cooperação entre as pessoas no
939 sistema APAC favorecida pela divisão de tarefas e trabalho em equipe. Muitas pessoas
940 descreveram que na APAC são tratadas com dignidade, e que a partir desse tratamento digno e
941 respeitoso, também aprendem a respeitar as pessoas, os colegas de regime, e a buscar uma
942 relação de respeito também com a sociedade local. Essa polaridade entre os dois sistemas
943 parece sugerir certa dependência entre os sistemas penais, reconhecer e validar o sistema APAC
944 a partir de uma experiência prévia divergente.

945

946

947

948

949

950

951

952

953 1.17 PARTICIPANDO DA CONFRATERNIZAÇÃO DE NATAL NA APAC
954

955

956

957 No dia 13 de dezembro de 2015, a APAC fez uma confraternização de Natal para as
958 pessoas em cumprimento de pena (regimes fechado, semiaberto e aberto). Após o almoço,
959 durante o horário regular de visitas, das 13h às 17h, a APAC recebeu os familiares das pessoas
960 que cumprem pena, conforme confirmação prévia de presença.

961 Cheguei por volta das 8h e presenciei os funcionários em conjunto com as pessoas em
962 cumprimento de pena e alguns voluntários no término da montagem da ornamentação da quadra
963 do regime fechado, onde foi realizada a festa. Havia árvores de natal montadas, mesas
964 decoradas para os familiares, mesa de doces e salgados. As pessoas em cumprimento de pena
965 almoçaram meia hora mais cedo para que todos eles, incluindo as pessoas que trabalham na
966 cozinha, pudessem ter tempo hábil para se preparar e receber os convidados. Aqueles, cujos
967 familiares não estariam presentes, foram incentivados pelos funcionários a participar juntamente
968 com os demais. Alguns deles se recusaram a participar da festa, ao afirmar que ficariam mais
969 tristes vendo os demais familiares reunidos com os colegas.

970 O inspetor de segurança fez a abertura da festa, agradeceu a presença de todos e deu
971 as boas-vindas aos familiares. Ele falou da importância da participação da família no método
972 APAC e justificou a ausência do diretor-presidente que estava naquele instante concedendo uma
973 entrevista na comunidade local a respeito da Instituição. Uma pessoa em cumprimento de pena
974 também falou em nome dos demais, ao desejar um feliz natal e bom ano novo para todas as
975 famílias. Ele mencionou que estava nervoso por falar em público, mas disse da gratidão de estar
976 na Instituição e ter a oportunidade de receber a família em uma festa de Natal.

977 Várias pessoas em cumprimento de pena não receberam a visita de seus familiares.
978 Uma pessoa me relatou que a filha dele reside com a ex-esposa e que ela não autoriza a entrada
979 da filha na APAC, alegando ser uma prisão. Entretanto, a ex-esposa já esteve na Instituição em
980 outras ocasiões, sem a presença da filha, e conhece as dependências da APAC, explicou ele.
981 Ele narrou seu descontentamento com a ausência da filha, uma vez que aqueles que são pais
982 receberiam presentes, doados por pessoas da comunidade para presentear as crianças. A FBAC
983 orienta a APAC a mobilizar a comunidade para arrecadar os presentes de natal para os filhos
984 das pessoas que cumprem pena. No caso dessa Instituição, os voluntários fizeram campanhas
985 para arrecadação de presentes e também houve a contribuição do Tribunal de Justiça de Minas
986 Gerais. Muitas pessoas em cumprimento de pena não estavam com os filhos presentes, uma
987 vez que esses residem em outro Estado, o que dificultava o deslocamento, mas receberam os
988 presentes para serem entregues via correio ou pessoalmente, durante as saídas temporárias
989 posteriores.

990 Estavam presentes cinco voluntários mais frequentes à Instituição. Eles ajudaram na
991 organização da festa, na acolhida aos familiares na portaria, bem como ao servir as famílias.
992 Também houve a participação dos jovens da Igreja Batista que visitam a Instituição

993 semanalmente, bem como de membros do *Lions Clube*, uma Organização Não Governamental
994 que presta assistência à comunidade. Esses fizeram brincadeiras com as crianças e um deles
995 se vestiu de “Papai Noel” para entregar os presentes para as crianças.

996 A Associação de Pais e Filhos de Crianças com Deficiência - APAE também fez uma
997 apresentação artística. O professor de teatro e dança dessa Instituição levou um grupo de oito
998 crianças com deficiência para apresentarem uma dança. Após a apresentação das crianças, as
999 pessoas em cumprimento de pena também se colocaram de pé e ergueram as mãos para pedir
1000 bênçãos para os familiares, agradecer pela presença dos mesmos e para pedir bênçãos sobre
1001 as crianças da APAE.

1002 Muitas pessoas em cumprimento de pena me relataram que ficaram felizes pela
1003 participação da APAE, ao afirmarem que a dança feita por eles mostra como as pessoas
1004 conseguem se superar e que eles não tiveram a ousadia de montar uma apresentação teatral
1005 para a família, mas que as crianças com deficiência assim o fizeram. Uma pessoa em
1006 cumprimento de pena mencionou que ficou muito triste porque os colegas do regime fechado
1007 não aceitaram participar de um teatro que foi proposto por ele para apresentação na festa.

1008 Nesse mesmo dia, a APAC recebeu a visita de figuras públicas do município, como
1009 políticos e outras pessoas que foram conhecer a Instituição. Um deles se descreveu sensibilizado
1010 com as atividades oferecidas pela APAC e relatou que estava impressionado com a forma com
1011 que foi tratado pelas pessoas em cumprimento de pena.

1012 As pessoas em cumprimento de pena do regime aberto (ficam apenas às noites e aos
1013 finais de semana na Instituição), embora não tivessem familiares presentes, também foram
1014 autorizados a participar da festa, desde que estivessem devidamente trajados, de calça jeans,
1015 camisa e sapato ou tênis. Três deles não haviam levado calça para a APAC, pois deixam as
1016 roupas na própria casa, e não puderam participar da festa. Outros conseguiram calça
1017 emprestada com outras pessoas dos demais regimes, conforme recomendação da equipe de
1018 funcionários e conseguiram participar da festa. Aqueles que não participaram, receberam os
1019 salgados, refrigerantes e doces no próprio dormitório.

1020 Duas pessoas em cumprimento de pena preferiram receber seus familiares no próprio
1021 regime, sem participar da festa, por motivos pessoais, e a administração autorizou esse
1022 procedimento. Um deles me falou que estava chateado porque o Tribunal de Justiça havia
1023 realizado a sua contagem de remição de pena de forma errada e produziu uma falsa expectativa
1024 de que ele passaria para o regime aberto, mas recebeu o comunicado de que houve erro no
1025 cálculo da remição anteriormente enviada a ele e que ele teria que cumprir mais um ano em
1026 regime semiaberto. Então, ele foi orientado pela APAC a recorrer com um advogado particular.
1027 Sendo assim, essa pessoa em cumprimento de pena me falou que não tinha clima para festa e
1028 preferiu se ausentar da mesma.

1029 Durante a festa, conversei com vários familiares, fui apresentada para várias famílias
1030 que ainda não tinha conhecido nas visitas de domingo e ouvi vários relatos de alegria com a festa
1031 e com a oportunidade de estarem ali com o filho, sem algemas, sem uniforme, bem vestido, com
1032 as crianças a correr pela quadra e brincar entre elas, os familiares se abraçando e contando

1033 piadas. A tia de um deles descreveu que desde que o sobrinho havia sido preso (a cerca de dois
1034 anos) ela não o tinha visto, pois não possuía permissão para entrar no presídio. Outros familiares
1035 mencionaram que a APAC reproduz um ambiente familiar saudável e resgata os vínculos afetivos
1036 e familiares até mesmo da família extensa.

1037 No dia seguinte, 14 de dezembro de 2015, conversei com alguns deles que se
1038 aproximaram e falaram sobre a ausência da família na festa, sobre os vínculos familiares
1039 rompidos, a saudade dos filhos que moram em outros estados, relacionamentos familiares e
1040 afetivos, problemas nos relacionamentos afetivos, problemas familiares, disputas de guarda etc.
1041 Muitos se descreveram como 'emotivos' e 'introspectivos' pela ocasião das festas de final de
1042 ano, 'pelos anos de cadeia a cumprir', pela pouca participação da família nos eventos da APAC,
1043 bem como pelo impedimento de estar nessas datas importantes com os filhos em casa. Ouvi
1044 muitos relatos, muitos aspectos da história de vida de cada pessoa. Ao sair da APAC nesse dia
1045 eu me sentia exausta, mentalmente e fisicamente, dada a complexidade das situações descritas
1046 e o sofrimento relatado por eles. Esses aspectos não serão explicitados em função da ética em
1047 pesquisa com pessoas.

1048 Outro aspecto interessante que emergiu durante essa visita foi o fato de que uma pessoa
1049 do regime fechado me perguntou se quando eu terminar a tese sobre a APAC, se eu deixaria de
1050 visitá-los. Eu expliquei que tinha autorização temporária para fazer visitas periódicas à Instituição
1051 e que depois poderia visitá-los quando estivesse em Minas e com a autorização prévia da
1052 diretoria. Então, disseram que sentiriam minha falta e que não gostariam que eu deixasse de
1053 visitá-los periodicamente. Isso me fez pensar sobre o meu processo de desligamento da
1054 Instituição, que foi feito a partir de visitas semestrais de curta duração ao longo de mais três
1055 semestres depois de concluídas as visitas periódicas, abrandando aos poucos esse contato com
1056 a instituição em função da metodologia de participação observante utilizada nesse estudo de
1057 caso e uma vez que cabia ao pesquisador a função de voluntário no campo institucional durante
1058 o estudo.

1059 Destaco as seguintes antinomias:

1060 _ Alegria por confraternizar com os familiares em uma festividade de natal x saudade e
1061 sensação de solidão daqueles que não possuem familiares na região ou que perderam os
1062 contatos afetivo-familiares em função da condenação. Se a família também cumpre o papel de
1063 mediadora do processo de inserção social, como essas poderão ter esse retorno para a
1064 sociedade sem preservação ou fortalecimento de vínculo afetivo-familiar?

1065

1066

1067

1068

1069

1070

1071

1072 1.18 O DESCONHECIMENTO DA PENA DE RECLUSÃO DOS FILHOS POR ALGUNS
1073 FAMILIARES

1074

1075

1076 Em 21 de fevereiro de 2016, após dois meses sem contato com a Instituição (em função
1077 do recesso de final de ano, saída temporária das pessoas em cumprimento de pena do regime
1078 semiaberto), o que mais emergiu foi a ansiedade das pessoas em cumprimento de pena para
1079 chegar o mês de abril e eles obterem o benefício da saída temporária, em especial para aqueles
1080 que recentemente tinham adentrado no regime semiaberto e aos que esperavam progressão
1081 (para o semiaberto) até essa data, pois relataram não retornar em casa desde a prisão. Alguns
1082 relataram sintomas de ansiedade como insônia, nervosismo, inquietação. Outras pessoas
1083 disseram que a ansiedade as conduziu a fumar cigarro. Um deles relatou que havia interrompido
1084 o uso de cigarro há um ano e que retornou após receber a contagem do tempo de pena (com o
1085 cálculo de remição atualizada), e que estava muito ansioso porque desejava ver os filhos e a
1086 mãe, após quase dez anos sem convívio. Como algumas pessoas em cumprimento de pena
1087 possuem família em outros estados brasileiros, algumas pessoas perderam o contato com os
1088 parentes após a prisão.

1089 Conforme o relato dessas pessoas, ao se aproximar o período previsto para progressão
1090 de regime e para as saídas autorizadas, há um desgaste emocional e mudanças de humor
1091 manifestas no comportamento das pessoas. Segundo eles, diante da oportunidade de
1092 reaproximar da família, dos filhos, bem como rever os amigos, o local onde morava, os pertences,
1093 e animais de estimação, isso os leva, por vezes, a ficar mais isolados ou irritadiços. Estes relatam
1094 que o tempo parece não passar, que a sensação experimentada por eles é de que “*o relógio está*
1095 *paralisado, as noites são mais extensas e os dias intermináveis*”.

1096 Também emergiu o fato de que algumas pessoas omitem dos pais a informação de
1097 estarem presos, em especial daqueles que são cardíacos, acamados ou que apresentam algum
1098 problema de saúde mental. Uma pessoa relatou que se angustia pelo distanciamento em relação
1099 à mãe. Conforme relatado por ele, a mãe é idosa e apresenta transtornos mentais, o que
1100 favoreceu a decisão da família em não dizer que o filho está preso, mas que está trabalhando
1101 em outro Estado, em uma empreiteira, e por isso não o vê há alguns anos. Essa pessoa narrou
1102 sentir-se constrangida pelo fato de mentir para a mãe, que já inclusive escreveu cartas para a
1103 mãe para acalentá-la ao dizer que está bem e trabalhando e por isso ficava impossibilitado de
1104 visitar a família. Ele também mencionou que ao entrar no método APAC imaginou que seria uma
1105 oportunidade para contar para a mãe que está cumprindo pena, uma vez que a estrutura física
1106 e a organização da Instituição favoreceriam uma melhor aceitação de sua pena por parte dela,
1107 bem como facilitaria o acesso da mesma à APAC nos dias de visita (por não contar com revista
1108 vexatória) e, assim, ele poderia vê-la. Entretanto, os familiares dele não concordavam em contar
1109 à mãe que ele estava preso, pois temiam que ela tivesse um novo surto, conforme relatado
1110 inclusive pelo pai durante a visita.

1111 Essa pessoa mencionou um forte vínculo com sua mãe, e que a mesma já questionou
1112 se a família estava escondendo dela alguma informação referente a ele, bem como se ele estaria
1113 preso por algum motivo. Narrou sua saudade da mãe e o quanto desejava abraçá-la como faz
1114 com o pai nos dias de visita. Ele concluiu dizendo que era melhor esperar a sua saída temporária,
1115 que, na ocasião, estava prevista para o próximo semestre, para que ele, pessoalmente, contasse
1116 sua situação para a mãe e a levasse até a APAC para que ela conhecesse onde ele cumpre
1117 pena. Vários outros trouxeram relatos semelhantes em relação a não dizer a verdade sobre sua
1118 pena para a família para evitar maiores sofrimentos, outros alegaram ter vergonha e não querer
1119 decepcionar os pais.

1120 Nesta ocasião, soube por uma pessoa do regime fechado que a família da esposa dele,
1121 que reside em outra cidade, também não tem conhecimento de que ele está preso (o que ocorreu
1122 há seis anos) e que preferem não relatar o ocorrido porque talvez não aceitassem que a filha
1123 permanecesse com esse relacionamento. Também mencionou que a esposa mantém um
1124 distanciamento afetivo em relação aos pais dela, para que não percebam o que eles estão
1125 vivendo após a condenação dele. E que precisam mentir e omitir informações até a chegada da
1126 primeira saída temporária quando poderão visitá-los juntos.

1127 Destaco aqui uma antinomia na relação pessoa e seus familiares:

1128 _ A vontade da pessoa que cumpre pena em estar próximo dos familiares nas visitas e
1129 eventos x medos e receios quanto a não ser aceito por esses familiares ou provocar a eles algum
1130 sofrimento e decepções.

1131

1132 1.19 A OPORTUNIDADE DE PROFISSIONALIZAÇÃO DURANTE O CUMPRIMENTO DE PENA

1133

1134

1135

1136 Em 22 de fevereiro de 2016, alguns me pediram para conversar comigo antes que eu
1137 regressasse para São Paulo. Assim, tentei me organizar e conversar com todos os que me
1138 pediram. Eles queriam tirar algumas dúvidas acadêmicas, pois seis foram aprovados no exame
1139 nacional do ensino médio (ENEM), e conseguiram certificação de conclusão do ensino supletivo
1140 para o segundo grau. Dois deles conseguiram bolsa do Programa Universidade para Todos
1141 (PROUNI) para 100% de desconto para os cursos de administração e logística. Esses dois já
1142 estavam fazendo os cursos à distância na biblioteca da APAC e realizavam as provas presenciais
1143 na sede da Universidade no próprio município. Alguns deles tentaram bolsas para o curso de
1144 direito, mas não conseguiram bolsa por ser um curso ofertado apenas para aulas presenciais e
1145 por oferecer poucas bolsas 100%. Para cursos presenciais, a juíza da vara de execução precisa
1146 aprovar a saída diária para ir à faculdade e a Instituição precisa disponibilizar um monitor para
1147 acompanhá-los nas aulas, procedimento não aprovado até então pela Comarca local.

1148 Na ocasião, um deles que descreveu interesse em fazer o curso de direito elabora
1149 petições para os colegas da APAC e algumas vezes já conseguiu aprovação do tribunal para
1150 agendar audiências e julgar o recurso. Duas pessoas já tinham sido beneficiadas com as petições

1151 que ele redige. Por exemplo, após a aprovação do decreto de Indulto Natalino pela Presidência
1152 da República em 2015 que defere a possibilidade de obter o perdão de pena à pessoa acima de
1153 70 anos de idade, réu primário e que tenha cumprido mais de um terço da pena em regime
1154 fechado, dentre outras cláusulas, ele se prontificou a pedir o auxílio para o colega que apresenta
1155 essas características, contando também com o apoio do setor jurídico da Instituição.

1156 Algumas pessoas em cumprimento de pena descreveram-se tristes e decepcionados por
1157 não obterem aprovação no ENEM e outros por não terem conseguido bolsa. Alguns relataram
1158 que não iriam desistir, mas que tentariam melhorar a nota no próximo ENEM e se inscreveriam
1159 até conseguir as bolsas. Como houve um atraso na liberação das notas das pessoas em
1160 cumprimento de pena que fizeram o provão do ENEM na APAC, a administração explicou que
1161 não conseguiu inscrevê-los em outros programas de bolsas, pois a data para inscrição do
1162 Sistema de Seleção Unificada (SISU) já havia terminado. Restou apenas a tentativa no PROUNI.
1163 O PROUNI oferece bolsas de 100% em universidades particulares para alunos aprovados no
1164 ENEM cuja renda familiar seja de até um salário e meio por pessoa na família e que tenham
1165 cursado o ensino médio em escola pública ou particular na condição de bolsista integral ou ser
1166 pessoa com deficiência (conforme dados divulgados pelo Ministério da Educação, 2016). As
1167 pessoas em cumprimento de pena que conseguiram bolsas de 100% ao apresentar estes
1168 quesitos e uma nota no exame nacional do ensino médio favorável à classificação entre os
1169 demais candidatos.

1170 As pessoas contempladas com a bolsa me perguntaram se a qualidade de ensino a
1171 distância seria a mesma de um curso presencial, bem como se a universidade onde eles fariam
1172 o curso estava credenciada ao Ministério da Educação (MEC) e se seria uma boa instituição de
1173 ensino. Uma pessoa narrou que pretende aproveitar o tempo de pena para se formar, pois, o
1174 ambiente na APAC, do ponto de vista dele, favorece essa dedicação, além de ser uma forma de
1175 passar o tempo se profissionalizando para o mercado de trabalho.

1176 Percebi um reposicionamento do *Self* dessas pessoas acerca de sua formação
1177 profissional, em função da oportunidade de se dedicarem a uma profissionalização durante o
1178 período de cumprimento da pena. Muitos alegaram que se estivessem em liberdade talvez não
1179 tivessem a oportunidade ou não se comprometessem com um ensino supletivo para conclusão
1180 do ensino médio e com a busca por um curso superior, uma vez que poderiam ainda estar
1181 envolvidos com o crime.

1182 Percebo nessas narrativas uma tentativa de ressignificação do tempo de reclusão como
1183 um tempo útil para o futuro dos mesmos e para uma mudança de vida:

1184 _ Pena como tempo inútil cronologicamente falando x tempo da pena potencialmente útil
1185 para uma qualificação profissional, rompimento com envolvimento o crime organizado, e uma
1186 reelaboração da história de vida da pessoa.

1187
1188
1189
1190

1191 1.20 A DEPENDÊNCIA QUÍMICA E O MÉTODO APAC

1192

1193

1194 Em 20 de março de 2016, muitas pessoas em cumprimento de pena do regime
1195 semiaberto não receberam a visita de seus familiares, o que segundo o plantonista e as próprias
1196 pessoas em cumprimento de pena, já era previsto, uma vez que era um final de semana, véspera
1197 da saída temporária destes na ocasião do feriado de Páscoa. Estava prevista a saída para o
1198 período entre 24 de março (quinta-feira) e 30 de março (quarta-feira) para as pessoas em
1199 cumprimento de pena do regime semiaberto.

1200 No dia seguinte, segunda-feira, 21 de março, conversei com várias pessoas do regime
1201 semiaberto que estavam ansiosos pela primeira saída temporária. No regime fechado, soube
1202 que um deles estava chorando em seu dormitório e recusava-se a conversar com os colegas
1203 sobre os motivos de seu choro. Expliquei à equipe do CSS do regime fechado que a pessoa
1204 também precisa ter esses momentos de privacidade para chorar e viver suas angústias e
1205 sofrimentos, uma vez que a institucionalização provoca um compartilhamento intenso de práticas
1206 e rotinas diárias e que a sensação de aprisionamento em seus próprios sentimentos para a
1207 pessoa seria uma sentença ainda maior para ela.

1208 Soube que três pessoas em cumprimento de pena do regime fechado voltaram para o
1209 presídio em função de exame toxicológico positivo. A Instituição APAC realiza tais exames
1210 periodicamente. Percebi que havia a preocupação de alguns deles sobre como ficaria a relação
1211 entre eles no regime fechado após a delação. Um deles me explicou que embora tivesse muito
1212 a agradecer a APAC por ter retomado os estudos, concluído o ensino médio e ganhado uma
1213 bolsa 100% para cursar o ensino superior, achava muito difícil a convivência na APAC, porque
1214 as pessoas se entregam, se delatam, causando mal-estar entre eles. Segundo informações
1215 narradas pelas pessoas do regime fechado, muitas apresentam algum nível de dependência
1216 química. Descreveram que muitos eram usuários de drogas, e alegam que recorrem ao cigarro
1217 como um substituto do antigo vício, uma vez que podem perder a vaga na Instituição se fizerem
1218 uso de drogas ilícitas.

1219 Ao mesmo tempo em que as pessoas que cumprem pena na APAC relatam o
1220 agradecimento à Instituição pela oportunidade de cumprir a pena mais próximo do núcleo familiar
1221 e com mais dignidade, também percebo que vivem posições ambivalentes que permeiam esses
1222 benefícios, ao lutar contra a dependência química e lidar com a delação entre os colegas de
1223 dormitório, conforme relato deles.

1224 Segundo a narrativa dos membros do CSS, eles fizeram uma reunião com os próprios
1225 colegas de dormitório e expuseram a possibilidade de que alguns estivessem fazendo uso de
1226 drogas, pedindo que aqueles que estivessem fazendo uso de drogas que descartassem essas
1227 drogas no sanitário porque a Instituição faria exame de sangue naquela semana. Uma das
1228 pessoas em cumprimento de pena do CSS afirmou que aqueles que estivessem descumprindo
1229 as normas da Instituição e, conseqüentemente, colocando os benefícios de todos em risco,
1230 deveriam dar licença para quem estava no presídio e desejava ter uma vaga na APAC. Duas

1231 pessoas desse regime disseram que queriam saber os nomes das pessoas que eles acreditavam
1232 fazer uso de drogas, e ao estarem incluídos na lista, elevaram o tom de voz e alegaram que
1233 procurariam pelos seus direitos, através dos advogados, já que a APAC não tinha provas contra
1234 eles. Entretanto, essas duas pessoas fizeram o exame de sangue uma semana depois e, após
1235 exame positivo para drogas, foram levados ao presídio pelos policiais, via decisão judicial.

1236 Os membros do CSS narraram que é angustiante e inquietante para eles acompanharem
1237 os amigos saindo algemados do regime fechado para regressarem ao presídio, e sem
1238 possibilidade de voltar futuramente para a APAC. Percebi que o vínculo afetivo entre as pessoas
1239 em cumprimento de pena coloca impasses ao próprio cumprimento das normas pelos membros
1240 do CSS. Há uma antinomia:

1241 - Cumprir as normas previstas pelo método e evitar punições pessoais por omissão, e
1242 entregar os próprios amigos, que, muitas vezes, estão prestes a conseguir condicional ou
1243 progressão de regime e, conseqüentemente, perderão essas oportunidades. A estratégia de
1244 reunir-se com eles e avisar do perigo iminente parece ser a tentativa de uma postura ENTRE as
1245 duas possibilidades, auxiliar os colegas e, ao mesmo tempo, cumprir as normas da Instituição.
1246 Entretanto, eles não correspondem nem a um interesse e nem ao outro, promovendo um campo
1247 de tensões dialógicas para a Instituição e para eles próprios em termos de convivência
1248 interpessoal.

1249 Como muitos eram usuários de drogas, a dependência química é um fator que se
1250 relaciona com os abandonos ao sistema prisional durante as saídas temporárias, bem como
1251 retorno ao sistema convencional por falta disciplinar grave ao fazer uso de tais substâncias. Se
1252 a Instituição APAC não adere a revistas vexatórias, não há como garantir que não há entrada de
1253 drogas eventualmente, o que dependerá da família e da atuação da mesma acerca de tais
1254 aspectos. Segundo a narrativa da juíza da vara de execuções, a perda de benefício de
1255 permanência na APAC por uso de drogas é algo que lhe promove uma inquietação, mas, alega
1256 que precisa cumprir com as determinações da metodologia. Narrou que entende que a
1257 dependência química fere os preceitos de saúde para a própria pessoa e não para os colegas
1258 de regime, portanto talvez não justificasse a constituição de uma falta grave. Entretanto, também
1259 descreve que se não houver exames periódicos e essas advertências e punições, a droga se
1260 faria muito presente no contexto de execução penal, haja vista que não há revista para os
1261 visitantes.

1262 Destaco nesta data as seguintes antinomias:

1263 _ O método APAC como mais digno para se cumprir pena ao favorecer o respeito aos
1264 direitos das pessoas e oferecer oportunidade de estudo e qualificação profissional x a APAC
1265 como um contexto institucional carregado de tensões nas relações eu-outro devido à
1266 metodologia que envolve delatar o colega de dormitório para evitar algo aversivo, como
1267 penalidades disciplinares.

1268

1269

1270

1271 1.21 OS RELACIONAMENTOS AFETIVOS DURANTE A PENA PRIVATIVA DE LIBERDADE NA
1272 APAC

1273

1274

1275 Em 21 de março de 2016, ao permanecer no pátio do regime semiaberto, percebi que
1276 uma pessoa desse regime questionava os demais se seria possível um relacionamento afetivo
1277 durante o cumprimento de pena, uma vez que ele era solteiro e observava que alguns de seus
1278 colegas iniciaram um namoro após adentrarem ao regime semiaberto. Conversaram sobre as
1279 adaptações que se fazem necessárias quando a pessoa inicia um namoro durante o
1280 cumprimento de pena (contato inicial que se dá exclusivamente na entrada dos visitantes aos
1281 domingos ou através das saídas temporárias); e quando a pessoa em cumprimento de pena já
1282 possui vínculo afetivo-familiar, ou seja, possui filhos e esposa a aguardá-lo. Relatavam que os
1283 familiares também podem afastar-se deles durante o tempo da pena, a depender de como esse
1284 vínculo é mantido durante esse período.

1285 Uma pessoa disse que não pretende se relacionar enquanto estiver preso: "*Prefiro não*
1286 *arrumar ninguém não, porque cabeça de homem sofre muito por pensar que a mulher estará lá*
1287 *fora sozinha!*". Esse receio em se relacionar com alguém durante a pena e se decepcionar, o faz
1288 direcionar suas energias para o trabalho e o estudo durante o cumprimento de pena, segundo o
1289 relato dele.

1290 Outras pessoas também narraram que é difícil manter um relacionamento durante o
1291 período da pena, uma vez que a esposa comumente relata se sentir abandonada, carente, e
1292 pode conhecer outras pessoas e prosseguir a vida afetiva com outro companheiro, o que percebi
1293 direcioná-los a receios em manter um casamento ou namoro durante a pena e talvez sofrer com
1294 o rompimento dessa relação posteriormente.

1295 Percebi que embora as visitas ocorram com o intuito de favorecer o resgate ou
1296 fortalecimento de vínculo afetivo-familiar, alguns desentendimentos também ocorrem entre
1297 pessoa e familiar; e muitas pessoas em cumprimento de pena relatam, posteriormente, a
1298 angústia e o receio de que esse membro (seja esposa, irmão, pai, mãe, filho) não retorne à
1299 Instituição após o ocorrido. Alguns relataram arrependimento por ter discutido sobre algum
1300 assunto e declararam esperar ansiosos pela data em que poderão receber e fazer ligações para
1301 os familiares. Cada pessoa em cumprimento de pena possui autorização para efetuar uma
1302 ligação de no máximo sete minutos ou receber uma ligação de mesma duração ao longo da
1303 semana em um dia pré-estabelecido. As ligações são recebidas/feitas no próprio escritório diante
1304 dos funcionários. As unidades de APAC's com maior capacidade de pessoas em cumprimento
1305 de pena contam com ramais em cada regime, sendo que um membro do CSS é responsável por
1306 atender os telefonemas e permanecer próximo das pessoas durante as ligações, sendo que
1307 essas são gravadas por solicitação do judiciário.

1308 Percebi que algumas discussões entre pessoa em cumprimento de pena e membro
1309 familiar podem ser favorecidas pela insegurança da pessoa em cumprimento de pena, que teme
1310 muitas vezes ser abandonado ou traído; pelos critérios de educação utilizados com os filhos;

1311 pelos conflitos já existentes na família antes da condenação e pelas correções feitas pelo
1312 membro familiar a respeito de algum comportamento da pessoa que cumpre pena, conforme
1313 relatado por eles no diálogo comigo. Algumas pessoas relataram que a família não deposita
1314 confiança neles e que desconfiam de tudo o que eles fazem. Outros narraram que precisam
1315 compreender que uma vez que causaram sofrimento e decepção aos pais pelo envolvimento
1316 com o crime não é fácil para os membros familiares confiarem neles como confiavam antes.
1317 Percebo essa afirmativa como uma disponibilidade para o envolvimento com o sofrimento dos
1318 membros familiares diante da condenação.

1319 Nesse dia, uma pessoa relatou que há anos não conseguia ver sua família e que se
1320 surpreendeu quando ao chegar na APAC sua família tinha sido informada e tão logo vieram
1321 visitá-lo e trazer seus pertences. Outra pessoa comentou que uma vez que sua família reside
1322 bem longe do município local, a APAC ainda não havia conseguido fazer contato efetivo com ela,
1323 já que os telefones mudaram e ele não recebia a família no presídio há alguns anos a pedido
1324 dele próprio que não queria ver a família passar por constrangimentos para visitá-lo. Outro ainda
1325 disse que pediria transferência para ficar mais perto da família, pois tem uma unidade da APAC
1326 mais próxima de sua cidade natal.

1327 Também ouvi de uma pessoa do mesmo regime que ela já havia evadido da APAC
1328 quando esteve nesta Instituição em outra ocasião, após saber pela família (durante as visitas)
1329 que a ex-esposa (que se afastou dele durante a pena), estava grávida do atual marido. Declarou
1330 que evadiu, ao pular o muro, e permaneceu quatro dias escondido na mata, e que estava 'com
1331 a cabeça quente', mas naquele momento afirmava ter consciência de que nada teria sido
1332 resolvido se tivesse procurado pela ex-esposa para cobrar satisfações dela. Ao contrário,
1333 declarou que atualmente entende que teria aumentado os seus problemas ao contrário de
1334 resolvê-los, como o aumento de pena que lhe foi atribuído. Ele se entregou para a justiça quatro
1335 dias depois e pediu para permanecer na APAC, mas foi regredido para o sistema convencional.
1336 Contou que estava próximo da saída para o regime semiaberto na época, e que poderia ter
1337 pleiteado a liberdade condicional, mas como evadiu, assumiu mais dois anos de pena no regime
1338 fechado.

1339

1340 1.22 ABANDONO DO SISTEMA PRISIONAL APÓS A PRIMEIRA SAÍDA TEMPORÁRIA

1341

1342

1343 No dia 23 de abril de 2016, ao chegar à Instituição APAC, uma pessoa do regime
1344 semiaberto estava foragida, pois, após primeira saída temporária, ele abandonou o sistema
1345 prisional, por não retornar após o término da saída temporária (sete dias de saída autorizada
1346 pela justiça em datas comemorativas). Percebi ao longo das visitas que alguns que possuem
1347 familiares distantes abandonam o sistema na primeira saída temporária após entrada no regime
1348 semiaberto, conforme também relatado pelos funcionários e por algumas pessoas do regime
1349 semiaberto. *“Sabia que ele não retornaria! Já havia tentado fugir uma vez quando estava no*

1350 *fechado, ao colocar o lixo lá fora! Saiu e levou todos os pertences, o armário ficou vazio! Sabia*
1351 *que não iria voltar! Família dele não é daqui, deve estar no Estado dele uma hora dessas!”,*
1352 *relatou um pessoa em cumprimento de pena, colega de regime.*

1353 O método APAC prioriza o cumprimento de pena em unidades mais próximas do núcleo
1354 familiar da pessoa que cumpre pena. Entretanto, como a metodologia APAC existe em apenas
1355 sete estados brasileiros, nem sempre a pessoa consegue pedir transferência para uma unidade
1356 de APAC próxima de sua família. Pessoas que residem em outros Estados, podem ter mais
1357 facilidade também para permanecer foragidas da justiça, conforme alegou o inspetor de
1358 segurança da APAC.

1359 Entretanto, outra pessoa do regime semiaberto narrou que os colegas de regime
1360 realizaram apostas entre si ao afirmarem que ele não retornaria após a saída temporária, uma
1361 vez que a família reside na capital, e que todos ficaram surpresos com o seu retorno na data
1362 prevista. *“Eu cheguei aqui, ninguém tinha chegado ainda, fiz até o café da tarde para aguardar*
1363 *os companheiros... mas quando toquei o interfone... o inspetor já olhou para mim e disse assim:*
1364 *você aqui, sério que você voltou, cara? E eu fiquei sem entender nada, mas depois soube que*
1365 *fizeram até bolão apostando que eu não voltaria mais, só porque muitos evadem quando tem*
1366 *família longe, mas eu já tinha dito que voltaria, mas não acreditaram na minha palavra”.* Este
1367 relatou que não decepcionaria a mãe e os membros da Instituição APAC.

1368 Percebi nesse relato um desencaixe e quebra de expectativas das pessoas e
1369 funcionários no sentido de que também há aqueles que retornam para a APAC após saída
1370 temporária mesmo possuindo familiares distantes e sem possibilidades de conseguir
1371 transferência. Um posicionamento do *Self* da pessoa que viveu um questionamento sobre o que
1372 o fez regressar para a APAC se fundamenta na busca pela manutenção de uma relação de
1373 confiança estabelecida com a equipe da Instituição APAC e também de sua mãe e padrasto.

1374 Destaco as seguintes antinomias:

1375 _ Abandono do sistema prisional após primeira saída temporária, em especial quando a
1376 família reside distante da cidade que sedia a unidade da APAC x retorno para o método prisional,
1377 embora tivesse a oportunidade de evadir e residir em uma cidade muito distante.

1378

1379

1380

1381 1.23 A ARTE E AS PRÁTICAS DE INSERÇÃO SOCIAL

1382

1383

1384

1385 Na segunda-feira, 24 de abril de 2016, conversei com várias pessoas do regime fechado
1386 a respeito da peça de teatro “Os Malacabados da APAC”, baseado no poema “José” de Carlos
1387 Drumond de Andrade, apresentação teatral organizada por um profissional voluntário da
1388 Instituição, que conheceu a APAC durante uma apresentação artística na confraternização de
1389 Natal no ano anterior. Nove pessoas em cumprimento de pena na APAC formaram este grupo

1390 de teatro, sendo seis do regime fechado e três do semiaberto (somando-se um desenhista e um
1391 sonoplasta também na equipe). A peça retratava a angústia do 'detento' que perdeu a família, a
1392 liberdade e que se questiona pelo envolvimento com o crime. O evento homenageou a professora
1393 que foi a fundadora do método APAC neste município (in memoriam), com quem eu trabalhei no
1394 período de fundação desta Instituição.

1395 Essas pessoas em cumprimento de pena estavam se preparando para a primeira
1396 apresentação no Centro Artístico Cultural do município (realizada em 27 de abril de 2016) e
1397 estavam repassando as falas, terminando a confecção do cenário, e relataram a ansiedade e
1398 expectativas, bem como o medo de falar em público. Neste dia, eles fizeram um ensaio no
1399 período da manhã neste Centro Cultural e fariam a apresentação para os alunos de um Colégio.
1400 Entretanto, por motivos de alterações no cronograma do colégio a apresentação foi suspensa.
1401 Alguns relataram que ao subir no palco começaram a tremer, a ficar com dificuldades na fala
1402 durante o ensaio. Outros relataram que o medo havia sido superado. Uma pessoa em
1403 cumprimento de pena que é desenhista fez vários cartazes para a campanha contra a dengue e
1404 estes foram disponibilizados no Centro Cultural durante a semana em que ocorreu o evento, bem
1405 como os artesanatos elaborados pelos demais. Além do receio da apresentação oral, alguns
1406 relatavam medo por ser a primeira atividade social que participariam após a prisão, o primeiro
1407 contato efetivo com a sociedade envolvente.

1408 Uma das pessoas em cumprimento de pena do regime fechado estava preocupada por
1409 nunca ter falado em público e porque tinha sido escolhido pela Instituição para relatar sua
1410 experiência de vida após a apresentação teatral. Essa pessoa dedicava-se às atividades da
1411 fábrica de blocos e de criação de porcos, terminou o ensino médio por meio do ensino supletivo
1412 após adentrar a APAC e havia conseguido recentemente uma bolsa PROUNI para cursar o
1413 ensino superior, ensino a distância. *“Eu vou falar da minha vida mesmo, com as minhas palavras.
1414 Treinar antes né! Mas eu vou contar o que a APAC fez com a minha vida. As oportunidades que
1415 eu tenho aqui... Quando eu iria ter acesso ao supletivo para terminar o segundo grau e fazer uma
1416 prova de ENEM, entrar na faculdade?... Se eu estivesse lá fora, na rua, eu não estaria estudando
1417 hoje, estaria no mundo do crime. Foi a APAC que me fez mudar de vida, querer largar o crime e
1418 voltar a trabalhar, estudar, ter meu dinheiro...”* (sic). Ele narrou esse aprendizado profissional e
1419 pessoal como fruto do contato com a APAC e que, inclusive, deseja retornar como voluntário e
1420 palestrar para adolescentes como forma de prevenção ao envolvimento com o crime. Portanto,
1421 ele relatou seu envolvimento pessoal com a Instituição APAC. *“Quero ajudar a APAC. Um dia...
1422 você ainda vai me ver fazendo palestras sobre a APAC, ajudando a APAC. Eu quero ajudar, ser
1423 voluntário, sabe!!!*

1424 Entrevistei a juíza na Vara de Execução Penal da Comarca local. Ela relatou admiração
1425 e respeito pelo trabalho realizado pela Instituição APAC, declarou apoiar a iniciativa, mas
1426 também descreveu que o Estado, enquanto governo estatual, transfere a responsabilidade
1427 quanto ao cumprimento de pena e ressocialização das pessoas para a sociedade. Também
1428 emergiu na narrativa da juíza que o Estado de Minas Gerais sugere aos Tribunais de Justiça o
1429 aumento do número de vagas nas APAC's, mas que é preciso melhorar as condições de

1430 segurança para atingir essa meta. Esta descreveu um contato prévio com a APAC no curso de
 1431 formação de juízes e que busca no critério de tempo de pedido de benefício para entrada no
 1432 método APAC como forma de se evitar o subjetivismo no processo de seleção das pessoas uma
 1433 vez que anteriormente também seguiam relatórios de bom comportamento das pessoas no
 1434 presídio.

1435 A administração da APAC informou que a apresentação da peça teatral “Os
 1436 malacabados” foi produtiva, que contou com a presença e fala da juíza na abertura do evento,
 1437 bem como de outras autoridades. Narrou que os membros deste grupo teatral estavam
 1438 descrevendo maior autoestima e satisfação em conviver mais próximos da comunidade local.
 1439 Além disso, segundo relatos das pessoas em cumprimento de pena e dos funcionários, a
 1440 população parecia estar conhecendo mais o trabalho realizado pela Instituição APAC ao
 1441 presenciarem os pessoa em cumprimento de pena sem algemas apresentando teatros que os
 1442 levam a refletir sobre o envolvimento com o crime, como ocorre na peça “E agora, José?” (atuação
 1443 teatral a partir do poema “José” de Carlos Drummond de Andrade).

1444 JOSÉ

1445 Carlos Drummond de Andrade

1446
 1447 E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José? e
 1448 agora, Você? Você que é sem nome, que zomba dos outros, Você que faz versos, que ama,
 1449 protesta? e agora, José? Está sem mulher, está sem discurso, está sem carinho, já
 1450 não pode beber, já não pode fumar, cuspir já não pode, a noite esfriou, o dia não veio, o bonde
 1451 não veio, o riso não veio, não veio a utopia e tudo acabou e tudo fugiu e tudo mofou, e agora,
 1452 José? E agora, José? sua doce palavra, seu instante de febre, sua gula e jejum, sua
 1453 biblioteca, sua lavra de ouro, seu terno de vidro, sua incoerência, seu ódio, - e agora? Com a
 1454 chave na mão quer abrir a porta, não existe porta; quer morrer no mar, mas o mar secou; quer
 1455 ir para Minas, Minas não há mais. José, e agora? Se você gritasse, se você gemesse, se você
 1456 tocasse, a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse.... Mas você
 1457 não morre, você é duro, José! Sozinho no escuro qual bicho-do-mato, sem teogonia, sem
 1458 parede nua para se encostar, sem cavalo preto que fuja do galope, você marcha, José! José,
 1459 para onde?
 1460

1461 O encarregado de segurança relatou: “*Está sendo muito bom para os recuperandos, eles*
 1462 *estão muito felizes e como está fazendo bem a eles! O fulano está mais calmo, o sicrano está*
 1463 *mais envolvido com os procedimentos da APAC! A peça está sendo uma benção para nós! Os*
 1464 *recuperandos também gostam muito do professor de teatro porque ele fala a linguagem deles!”.*
 1465 *(sic).*

1466 Após esta apresentação no Centro de Apresentações Artístico-Culturais do município,
 1467 eles fizeram uma apresentação para os adolescentes do segundo grau de uma escola estadual.
 1468 Ao final da peça, uma pessoa do regime fechado relatou sua experiência de vida. Ele me contou
 1469 que ficou muito feliz, que, a princípio, teve medo de não conseguir falar, mas que deixou o papel
 1470 que havia levado e passou a dizer com as próprias palavras: “*Eu fiquei bem nervoso, sabe! Eu*
 1471 *levei um papel para ler, mas não conseguia ler. Fui treinar antes e não saía nada. Aí eu me*
 1472 *desesperei! Aí eu pensei: falo do meu jeito mesmo... falei e deu certo! O pessoal parece que*
 1473 *gostou! Até foram me dar os parabéns depois. E eu estou gostando disso sabe, dessa história*
 1474 *de falar em público. Quando fui falar para os adolescentes do colégio... tudo adolescente assim,*
 1475 *difícil prender a atenção deles né, mas eu falei do jeito deles, na linguagem deles, entrei na*

1476 *mente deles. No início eles ficavam falando entre eles e rindo baixinho. Depois eles começaram*
 1477 *a me fazer perguntas e eu respondi todas. Eu falei que eu errei, que eu estava cumprindo pena*
 1478 *por um crime que cometei, mas que eu escolhi um caminho errado! Que quando eu tinha a idade*
 1479 *deles, eu poderia ter escolhido um caminho diferente, mas escolhi o errado. Mas que eu aprendi*
 1480 *com isso, com o sofrimento, sabe! Dei exemplos, assim, da realidade deles né... tudo*
 1481 *adolescente lá. Mas eu gostei muito disso! Quero continuar dando palestra!"*

1482 Ele relatou preocupação em ser persistente em suas atividades e estudos e não cair em
 1483 reincidência ou uso de álcool quando estiver no semiaberto ou liberdade condicional para dar
 1484 exemplo aos jovens de que é possível 'recuperação', bem como seguir caminhos fora do crime.
 1485 *"Eu estou muito feliz com essa oportunidade que a APAC está me dando... e não quero perder*
 1486 *isso não... mas quando tudo parece correr bem e você se sente forte e preparado... esse é o*
 1487 *maior perigo, você achar que pode enfrentar sozinho as dificuldades lá fora que vão aparecer...*
 1488 *e você relaxa e pensa que já tá tudo resolvido... é uma luta com você mesmo. A gente aqui não*
 1489 *luta contra a polícia, contra o sistema, contra as pessoas que nos ofenderam, a gente luta contra*
 1490 *a nossa própria vontade de errar novamente, de beber, de cheirar no caso de quem curte uma*
 1491 *droga, mas é essa luta... pensar que já dá conta é um erro! Você despreocupa e erra... Você não*
 1492 *vê que aqui mesmo alguns caem em falta disciplinar grave por besteira, você pode colocar tudo*
 1493 *a perder por muito pouco, é muito fácil".*

1494 Outras duas pessoas em cumprimento de pena também me relataram que participar da
 1495 peça tinha favorecido um desejo maior de mudança de vida, uma motivação a mais para lutar
 1496 por uma vida melhor e buscar alternativas de vida que rompem com o crime. *"Participar dessa*
 1497 *peça tem feito um bem enorme pra mim, eu fico mais tranquilo, mas firme nas minhas decisões,*
 1498 *busco mais permanecer fora do crime! Não tenho palavras para descrever o que está*
 1499 *acontecendo comigo depois de entrar nesse grupo de teatro". (sic).*

1500 Percebi que a prática teatral, a partir do relato das quatro pessoas em cumprimento de
 1501 pena, tem favorecido o processo de ressignificação da própria história de vida e uma reflexão
 1502 sobre a experiência de cumprimento de pena deles, bem como sobre as relações intra e
 1503 interpessoais. No contexto institucional APAC, percebo que o contato com múltiplas posições
 1504 dialógicas a partir da experiência de atuação teatral favoreceu as pessoas que cumprem pena
 1505 repensar suas interações e posições pessoais e institucionais.

1506 A administração da APAC informou que a equipe teatral possuía mais duas
 1507 apresentações agendadas, uma no auditório da Universidade para os alunos e outra em um
 1508 Colégio e que também pretendiam estender essas apresentações para as empresas em um
 1509 evento de "Café Empresarial" a ser oferecido nas dependências da Instituição APAC com o
 1510 objetivo de fomentar novos projetos labor terapêuticos e oficinas profissionalizantes em parceria
 1511 com as empresas da comunidade local. A juíza da vara de execução penal que estava presente,
 1512 segundo relatos das pessoas, pediu para ir até o camarim agradecer a cada um deles e
 1513 parabenizá-los. Algumas pessoas também me relataram que ficaram surpresos com a atitude da
 1514 juíza em procurá-los para parabenizá-los após o encerramento da peça e que se sentiram
 1515 prestigiados e valorizados pelo setor justiça.

1516 Percebi que a peça teatral tem favorecido o contato das pessoas da APAC com a
1517 comunidade local. Embora a APAC tenha oito anos de existência, e cerca de seis anos de
1518 convênio com o Tribunal de Justiça do Estado, a comunidade local não participa ativamente dos
1519 serviços voluntários prestados à APAC, sendo este restrito a poucas pessoas (cerca de 10
1520 voluntários) que em geral fazem parte da diretoria administrativa ou são familiares dos próprios
1521 funcionários (dois psicólogos; um professor de matemática; uma professora de informática; um
1522 propagador da “A viagem do prisioneiro”, fazendo o repasse deste curso oferecido pela FBAC;
1523 um membro do Centro Espírita; um pastor de uma igreja evangélica; e um membro da Igreja
1524 batista; um professor de teatro e um professor de Karatê). Embora o método APAC pressuponha
1525 um envolvimento da comunidade com a gestão desse método alternativo de cumprimento de
1526 pena, apenas alguns membros da diretoria a acompanham conforme percebi nos eventos e
1527 atividades promovidas pela APAC. Percebo que além do atual diretor, apenas o tesoureiro, o
1528 secretário e alguns membros do Conselho Deliberativo participavam das atividades e dos
1529 planejamentos da Instituição APAC.

1530 Como a APAC não recebia a visita da comunidade local, a estratégia da peça teatral
1531 favoreceu um movimento inverso, as pessoas em cumprimento de pena se deslocarem até a
1532 sociedade através de suas apresentações artísticas (no presente momento) e musicais (quando
1533 possuía um coral, sendo que este estava em fase de reestruturação com novos integrantes uma
1534 vez que os membros que tocavam instrumentos saíram da Instituição em liberdade condicional).
1535 O receio da população em relação ao comportamento das pessoas em cumprimento de pena
1536 parece ser amenizado, ao favorecer o interesse dos mesmos em conhecer a APAC. Após estas
1537 quatro apresentações teatrais (no Centro Cultural da Cidade, em um Colégio Estadual para os
1538 adolescentes, outra durante a missa na Igreja Matriz e uma para os seminaristas em formação
1539 durante um retiro em outra paróquia da Igreja Católica local), quatro pessoas da comunidade se
1540 apresentaram com interesse para serem voluntárias na APAC. Posteriormente, a Instituição
1541 recebeu doações de colchões novos e usados para alguns dormitórios, bem como outros apoios.
1542 Uma floricultura da cidade ofereceu apoio na confecção de bicicletas e outras peças decorativas
1543 para jardim. E duas pessoas da APAC estão confeccionando peças decorativas de jardim a partir
1544 de material do ferro velho e com os reparos em solda e pintura. A venda desses produtos, assim
1545 como dos artesanatos, além de auxiliar financeiramente as pessoas que os produzem, também
1546 divulga o trabalho da Instituição APAC. Outras apresentações teatrais também foram
1547 confirmadas como uma coroação na Igreja Matriz onde já se apresentaram na festa da padroeira
1548 do município, bem como na Universidade local e em outras escolas e colégios.

1549 Destaco as seguintes antinomias:

1550 _ Pessoas privadas de liberdade fora do convívio em sociedade x pessoas em
1551 cumprimento de pena, mesmo no regime fechado, participarem de atividades artísticas
1552 promovidas na sociedade envolvente, sem uso de algemas e de escoltas armadas.

1553

1554

1555 1.24 COMEMORANDO O DIA DAS MÃES NA INSTITUIÇÃO APAC

1556

1557

1558

1559 No domingo, 22 de maio de 2016, foi realizada a comemoração do dia das mães.
1560 Algumas pessoas em cumprimento de pena que não receberam a visita da mãe (algumas mães
1561 residem em outro estado ou cidade; outros não possuem convívio familiar), permaneceram aos
1562 fundos da quadra durante a festa e eu me direcionei até eles para lhes fazer companhia.

1563 Foi servida uma feijoada, com a colaboração do Centro Espírita da cidade e quatro
1564 voluntários da APAC. Nesse dia estavam presentes os funcionários da administração, os
1565 inspetores de segurança, os voluntários, a diretoria e encarregado de segurança, bem como os
1566 familiares das pessoas em cumprimento de pena de ambos os regimes, fechado e semiaberto.
1567 O regime aberto não contava com nenhuma pessoa em cumprimento de pena nessa data uma
1568 vez que os dois estavam trabalhando.

1569 Logo quando cheguei ao regime fechado, presenciei algumas pessoas picando couve
1570 para a feijoada ao lado de duas voluntárias no pátio, outros ajudando o cozinheiro voluntário,
1571 enquanto outros descascavam as laranjas para a feijoada, se dedicavam à ornamentação da
1572 quadra ou auxiliavam a transportar as sobremesas e refrigerantes. Dois deles me abordaram
1573 sorrindo ao contar que haviam terminado a pintura da quadra no dia anterior, e que estavam
1574 trabalhando o dia todo para terminar a reforma da quadra antes da realização da festa. Percebi
1575 que as pessoas estavam envolvidas na realização da festa do dia das mães e que estavam se
1576 disponibilizando para além o horário usual de trabalho em função dos preparativos.

1577 Foi feita uma ornamentação na quadra de esportes para a realização do almoço, bem
1578 como a colocação de mesas e cadeiras com forros coloridos e um vaso de flores decorativas
1579 sobre cada uma. Cada pessoa recebia a família em uma mesa. A entrada para visitas nesse dia
1580 foi antecipada para as 12h para favorecer maior contato das pessoas com a família. Na abertura
1581 da festa houve um breve discurso do encarregado de segurança em nome da diretoria, bem
1582 como uma apresentação musical de três pessoas do regime fechado que cantaram uma música
1583 em homenagem às mães em voz e violão. Muitas mães abraçavam os seus filhos durante a
1584 apresentação da música e foi possível ver algumas delas chorando.

1585 Uma pessoa do regime semiaberto também declamou uma poesia para as mães. Ele
1586 não recebe visitas de familiares com frequência, mas nessa ocasião estava recebendo a visita
1587 da mãe, e assim que terminou de declamar a poesia correu para abraçar e beijar sua mãe.
1588 Lembrei-me de várias conversas que ele teve comigo e sempre reclamava que a família o havia
1589 abandonado, mas durante o cumprimento de pena na APAC, ele foi se reaproximando da família.
1590 Isso me fez pensar sobre o papel da família na ressocialização da pessoa em cumprimento de
1591 pena. Se o trabalho da Instituição em si não garante a ressocialização, a família tem um papel
1592 mediador nesse processo, além de favorecer a autoestima, a confiança, e o incentivo para a
1593 pessoa reconstruir sua vida pessoal e profissionalmente.

1594 Conversei com uma mãe nesta data. Esta me relatou que não conseguia dormir quando
1595 o filho estava cumprindo pena no presídio. *“Eu sempre tive medo que meus filhos passassem*
1596 *fome e sempre teve fartura em minha casa. Quando eles saem de casa eu sempre mando uma*
1597 *matula (lanche) para eles não passarem fome e sede na rua. E o que mais me dói é saber que*
1598 *por mais que ele não me contasse as coisas que acontecia com ele no presídio, eu sei que ele*
1599 *passou fome. Lá é só uma marmita no almoço e uma na janta e café da manhã e ele sempre*
1600 *comeu muito e várias vezes ao dia. Eu sei que ele passou fome na cadeia! Sede não, mas fome*
1601 *sim! Isso me dói muito”*. Ela relatou que não dormia porque ficava pensando o quanto ele estaria
1602 sendo maltratado no presídio e que, agora, com ele na APAC, há seis meses, ela conseguia
1603 dormir tranquila, ao ter consciência de que o filho não estava sofrendo maus-tratos e nem
1604 passando fome. Relatou que a família dela, irmãos e primos, família extensa, afastou-se deles
1605 após a condenação do filho e que se sentem excluídos da própria família, vítimas de preconceito
1606 no próprio contexto familiar e que cumprem pena junto com o filho nesse sentido. Há uma
1607 inaplicabilidade prática da personalização da pena, uma vez que embora haja esse princípio
1608 jurídico, ele não assegura apenas à pessoa responder juridicamente pelo seu crime, sendo que
1609 a família também cumpre socialmente a pena com o membro familiar recluso.

1610 Ao conversar com uma das pessoas em cumprimento de pena do regime semiaberto
1611 que estava sem visita familiar nesse dia, ele comentou a respeito de suas angústias sobre se
1612 sentir provado durante as saídas temporárias, testado quanto ao uso de drogas e envolvimento
1613 com o crime. *“Eu não tenho que provar nada para a sociedade, eu tenho que provar primeiro*
1614 *para mim mesmo! Eu só saberei se não irei voltar para o crime lá fora, quando tiver na rua. Minha*
1615 *própria família desacredita em mim! Quando eu saio um pouco de casa e demoro a chegar,*
1616 *pensam que estou fazendo coisas erradas! Minha mãe me pergunta o que é que eu estava*
1617 *aprontando!”*. Relatou que temia esse retorno para a sociedade, pois se estivesse com os amigos
1618 antigos relacionados ao tráfico ele teria problemas com a justiça, pois os policiais já o
1619 observavam por ter passagem na prisão. Relatou uma situação na qual ele estava em saída
1620 temporária com outro ex-detento na rua e passou por uma revista da polícia, sendo que ele não
1621 estava cometendo nenhum delito, mas apenas por estar conversando com uma pessoa usuária
1622 de drogas e que os policiais conheciam, conforme relatado por ele. Narrou que os policiais não
1623 o conheciam, mas que ele se apresentou, explicou que cumpria pena na APAC, mas que não
1624 estava fazendo nada de ilícito, apenas conversando e que assim foi liberado. Este relato sugere
1625 que o preconceito da sociedade é uma das barreiras ao processo de ressocialização da pessoa.
1626 A fiscalização da polícia que tende a se fortalecer sobre o egresso de sistema prisional, a
1627 influência dos grupos de amigos, estar no lugar inadequado segundo o ponto de vista dos
1628 policiais, são preocupações que as pessoas em cumprimento de pena carregam ao saírem da
1629 Instituição.

1630 Outro fato que me emergiu durante a confraternização do dia das mães foi a dificuldade
1631 para localizarem a família de alguns que entraram no regime fechado (recém-chegados do
1632 presídio) e que não mais recebiam a visita da família no presídio. Perderam o convívio familiar e
1633 a APAC buscava um resgate de contato e vínculo entre eles. O que poderia favorecer esse

1634 rompimento de vínculo? Segundo relato das pessoas em cumprimento de pena, há algumas
1635 situações que favorecem esse distanciamento: a distância entre família e pessoa em
1636 cumprimento de pena quando a família reside em outro estado, uma vez que o pessoa em
1637 cumprimento de pena é julgado e cumpre pena na comarca onde ocorreu o delito; outro motivo
1638 descrito pelos mesmos foi a dificuldade de acesso ao presídio para crianças pequenas e pessoas
1639 idosas em função da revista constrangedora; mas também há aqueles que preferem que a família
1640 não os visite para não sofrer constrangimentos e humilhações. Um deles relatou que pediu para
1641 a família não ir visitá-lo: *“Eu pedi para minha mãe não aparecer mais, que não queria que eles*
1642 *tirassem cadeia comigo. E agora nem telefone atualizado eu tenho. Mas a APAC conseguiu*
1643 *localizar minha tia e agora eles já sabem que estou aqui”*. (sic).

1644 Destaco as seguintes antinomias:

1645 _ A perda de vínculo familiar durante o cumprimento de pena no presídio (devido às
1646 revistas vexatórias), ou antes mesmo da condenação x a tentativa de resgate e fortalecimento
1647 de vínculo que o método APAC busca oferecer à pessoa, dois campos culturais distintos e
1648 heterogêneos de cumprimento de pena.

1649

1650

1651

1652 1.25 MUDANÇAS NAS REGRAS DE SEGURANÇA NO MÉTODO APAC

1653

1654

1655 Na segunda, 23 de maio de 2016, soube que a APAC dessa unidade recebeu a visita de
1656 representantes da FBAC para verificar possíveis necessidades de adequações em termos de
1657 segurança. A FBAC determinou medidas de maior segurança para o regime fechado, tais como:
1658 aumentar a altura das paredes da quadra de esportes, retirar as grades e inserir concreto nos
1659 locais abertos, bem como aumento do muro, unindo-o ao muro do presídio ao lado esquerdo
1660 (muros mais altos do que os muros da APAC), bem como retirada do portão de acesso da quadra
1661 à horta e fábrica de blocos, para dificultar possíveis tentativas de evasão. O único acesso que
1662 havia ao regime fechado era pela portaria principal. Também foi solicitado, segundo relatos do
1663 encarregado de segurança, um muro no lugar das cercas de arame em volta do terreno utilizado
1664 pela APAC. Como a Instituição alega não possuir verba para tais empreendimentos, o Tribunal
1665 de Justiça se comprometeu a liberar valores para esse fim, perante a apreciação de um projeto
1666 de execução prevendo os gastos com materiais e serviços.

1667 Essas solicitações da FBAC trouxeram tensões dialógicas nas relações eu-outro-
1668 instituição APAC, uma vez que representam uma quebra de confiança da Instituição em seus
1669 membros. Quando essa Instituição foi fundada em 2005, os dois regimes fechado e semiaberto
1670 compartilhavam o mesmo espaço físico e os muros da Instituição eram baixos, permitindo
1671 evasões a qualquer momento. Entretanto, o que foi relatado pelas pessoas que conheceram a
1672 APAC nessa fase e que ainda cumprem pena no regime aberto e mesmo pelos egressos que
1673 foram entrevistados durante a presente pesquisa, é que nessa época a APAC não cumpria com

1674 nenhum critério de segurança, mas não houve registro de evasões, porque havia uma relação
1675 de confiança estabelecida, pois a quadra esportiva era aberta, o acesso à horta e a fábrica de
1676 blocos não tinha nem cercas de arame, os muros eram baixos, sem cerca elétrica e sem câmeras
1677 de segurança. Essas pessoas que cumpriram pena não se posicionaram contrários à colocação
1678 de câmeras ou elevação dos muros, mas disseram que a relação de confiança foi quebrada,
1679 então mesmo com todos esses aparatos as pessoas que quiserem evadir assim o farão, pois o
1680 que as prendem no espaço institucional é a confiança que nelas é depositada pelo judiciário e
1681 pelo administrativo da APAC, e não os aparatos de segurança.

1682 Percebi tensões dialógicas, pois algumas pessoas de ambos os regimes descreveram
1683 que estavam 'se sentindo vigiadas', como outrora no presídio e que a APAC jamais terá a mesma
1684 segurança que uma penitenciária, pois sua metodologia já pressupõe relações de cooperação e
1685 ausência de armas de fogo, sendo então incoerentes essas preocupações excessivas com a
1686 segurança, do ponto de vista deles. As escoltas não armadas, as atividades extramuros e saídas
1687 sem algemas também permitem as fugas, o que contradiz com as implantações de sistemas de
1688 segurança e novas adequações de portarias de acesso e de muros. Percebi que expectativas
1689 são feridas e reconstruídas pelas pessoas que cumprem pena a partir dessas mudanças de
1690 segurança em ambos os regimes. Destaco nestes aspectos, as seguintes antinomias:

1691 _ Autonomia e responsabilidade atribuídas às pessoas que cumprem pena privativa de
1692 liberdade no método APAC ao permitir portar as próprias chaves dos respectivos regimes x
1693 instalação de mais câmeras e outros procedimentos de segurança.

1694
1695

1696 1.26 A DESPEDIDA: A ÚLTIMA VISITA DE LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES NA 1697 INSTITUIÇÃO APAC

1698

1699

1700

1701 Em 26 de junho de 2016, acompanhei mais um domingo de visitas dos familiares na
1702 Instituição APAC. Como já havia mencionado para as pessoas em cumprimento de pena em
1703 encontros anteriores, seria a última visita programada a esta unidade da Instituição. Havia
1704 explicado a eles que precisaria me ausentar da Instituição no final da pesquisa de doutorado
1705 para me concentrar na escrita da tese e que ficaria apenas em São Paulo para me dedicar ao
1706 término do doutorado. Algumas pessoas do regime fechado me receberam já comentando que
1707 infelizmente seria minha última visita.

1708 Vários se aproximaram para me contar como tinha ocorrido a participação do grupo
1709 teatral durante a missa na Igreja Matriz da cidade (Igreja Católica) e que entraram pelo centro da
1710 Igreja juntamente com o celebrante e eles ficaram em um local reservado à frente do altar e ao
1711 lado das demais pessoas na Igreja. Uma pessoa relatou que se sentiu valorizada, respeitada
1712 pela sociedade, que se sentiu abraçada por todos, o que, segundo ela, a deixou comovida:

1713 *“Quando eu entrei naquela Igreja pelas portas da frente ao lado do celebrante e me sentei bem*
1714 *perto do altar ...eu nem consigo dizer do que senti... foi muito bom! Eu fiquei emocionado e depois*
1715 *desse dia pra cá eu me sinto abençoado e capaz de superar todas as minhas fraquezas e lutar*
1716 *por uma vida nova, pois a sociedade está abrindo as portas para nós. Eu me senti assim... sabe...*
1717 *aceito, valorizado, respeitado! Como disse o padre durante a missa que os ‘últimos seriam os*
1718 *primeiros... e a gente foi os últimos a entrar e a Igreja já estava cheia, mas nosso lugar estava*
1719 *reservado lá na frente.” (sic).*

1720 Acompanhei as visitas e percebi que a mãe de um deles que regrediu para o presídio
1721 em função do uso de drogas há cerca de dois meses estava visitando outra pessoa com a qual
1722 possui vínculo. Ela me procurou e relatou que se decepcionou muito com o filho, que não
1723 esperava que ele se envolvesse com drogas novamente, mas descreveu que parte da família é
1724 envolvida com drogas e que dificilmente ele conseguiria falar não ao vício diante das ofertas de
1725 drogas nas saídas temporárias. Também relatou que não pretendia visitá-lo no presídio, apenas
1726 mandar os objetos de uso pessoal e de higiene que ele solicitava nas cartas que enviava para
1727 ela e para a esposa. Dois meses tinham transcorrido e essa mãe que visitava o filho
1728 assiduamente aos domingos na APAC não o havia visitado no presídio. Ela relatou suas
1729 decepções e não querer passar por revistas constrangedoras novamente no presídio como
1730 outrora.

1731 Na segunda-feira, 27 de maio de 2016, conversei com várias pessoas em cumprimento
1732 de pena de ambos os regimes. No regime fechado, um deles que recentemente voltou a cumprir
1733 pena na APAC, após alguns meses no presídio devido à medida cautelar, me relatou que quando
1734 voltou ao presídio sentiu que estava sendo preso novamente: *“Quando eu fui chamado e vi que*
1735 *a polícia estava aqui dentro... eu pensei... agora eu estou perdido, caí no presídio de novo! Eles*
1736 *me colocaram a algema e a sensação era de ser preso de novo mesmo! Fui humilhado,*
1737 *maltratado e senti que perdi a confiança da minha família! Não sei como consegui voltar para cá,*
1738 *e espero não sair antes da pena acabar... lá é um inferno... quatorze em uma única cela”.*

1739 Também nesta ocasião, o pai de uma das pessoas em cumprimento de pena me relatou
1740 tristeza e sofrimento pelo retorno do filho ao presídio. O pai disse que havia recebido cartas do
1741 filho pedindo perdão, mas que não consegue ir vê-lo e não pretendia passar por tantas
1742 humilhações como já passou antes para visitá-lo no presídio como ocorreu durante alguns anos
1743 antes dele entrar na APAC. Relatou que apenas entregava os objetos de higiene pessoal na
1744 portaria do presídio. Mencionou que já tinha conseguido um emprego para o filho e que a
1745 liberdade condicional dele estava prevista para dois meses subsequentes, mas que ainda não
1746 sabia se seria possível ou se ele teria regressão de regime em função da audiência dele ter sido
1747 adiada. Relatou que a família que o esperava para a saída temporária do dia das mães ficou
1748 desapontada e preocupada com ele. O pai relatou que havia comprado um suíno da APAC para
1749 fazer um churrasco na casa dele para comemorar a saída do filho, mas a festa não aconteceu
1750 porque na terça-feira anterior ele foi recolhido pelos policiais.

1751 Antes do almoço, na segunda-feira, eu solicitei ao encarregado de segurança
1752 autorização para conversar com as pessoas do regime fechado (que são a maioria) e,

1753 posteriormente, com as pessoas do regime semiaberto, para explicá-los sobre o término das
1754 visitas periódicas à Instituição e agradecer a recepção e a participação deles na pesquisa. No
1755 regime fechado, antes da oração que antecede o almoço, o encarregado tomou a palavra e me
1756 agradeceu por ter contemplado essa unidade para a pesquisa e por ter auxiliado nas visitas aos
1757 domingos como voluntária, bem como agradeceu pela minha participação na Instituição desde a
1758 sua fundação. Agradei a recepção que recebi de todos durante esses meses de visitas, bem
1759 como a colaboração em minha pesquisa. Em seguida, três pessoas ergueram as mãos (em volta
1760 da mesa de almoço) e, um a um, em nome do grupo, agradeceram-me pela atenção, pelas
1761 conversas, bem como pelo tempo dedicado a visitar pessoas que estão cumprindo pena, algo
1762 que poucos esperam receber dentro de um sistema prisional. Desejaram-me boa sorte em meus
1763 estudos, colocaram-se disponíveis para outras informações e me pediram para não se esquecer
1764 deles, porque eles não se esqueceriam de mim. Pediram-me para ir visitá-los, mesmo que
1765 rapidamente, quando estivesse no município que sedia a Instituição.

1766 No regime semiaberto, no período vespertino, também agradei às pessoas pela
1767 recepção e participação na pesquisa e também recebi agradecimentos em nome do grupo e uma
1768 salva de palmas ao final. Durante o restante do período da tarde, recebi vários agradecimentos
1769 por escrito das pessoas, bem como presentes (livros, um pingente com o símbolo da APAC,
1770 alguns artesanatos). Uma pessoa em cumprimento de pena do regime fechado me disse que o
1771 presente tinha como objetivo que eu não me esquecesse deles. Às 16h, ao término do
1772 expediente, eu me despedi de cada um daquela unidade, regimes fechado e semiaberto.

1773 Destaco as seguintes antinomias:

1774 _ O respeito e a acolhida que as pessoas que cumprem pena no método APAC
1775 receberam durante as apresentações artísticas em eventos culturais e religiosos x a
1776 discriminação e a exclusão que a sociedade envolvente os proporciona.

1777 _ Estar privado de liberdade no método APAC x sentir-se em uma melhor qualidade de
1778 vida e maior liberdade em relação às pessoas no método convencional ao ponto de narrar a
1779 transferência para o presídio como uma nova prisão, apesar de já estar preso.

1780

1781

1782 1.27 VISITA À INSTITUIÇÃO FRATERNIDADE BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA AOS 1783 CONDENADOS (FBAC) E DUAS UNIDADES DE REFERÊNCIA PARA O MÉTODO APAC

1784

1785

1786

1787 Em 05 de setembro de 2016 estive na sede da Fraternidade Brasileira de Assistência
1788 aos Condenados, órgão fundado em 1995, consultor e fiscalizador do método APAC, situada em
1789 uma cidade do interior de Minas Gerais. Conforme agendado, realizei uma entrevista com um
1790 diretor executivo da FBAC (teólogo, advogado e divulgador do método APAC de execução
1791 penal). Na ocasião, também entrevistei um egresso do Complexo Penitenciário do Carandiru/São
1792 Paulo que conheceu o método APAC em São José dos Campos onde terminou o cumprimento

1793 de sua pena, posteriormente trabalhou como inspetor de segurança em outras unidades de
1794 APAC em São Paulo e hoje é um funcionário da FBAC em Minas Gerais, auxiliando na
1795 fiscalização das unidades da APAC e na divulgação deste método de execução penal.

1796 Visitei na ocasião duas unidades do método APAC que são referência para essa
1797 metodologia de execução penal, localizadas em uma cidade do interior de Minas Gerais, sendo
1798 uma unidade masculina e outra feminina. Estas visitas se justificam uma vez que me permitiram
1799 uma melhor compreensão enquanto pesquisadora dos aspectos de transição (fase de expansão
1800 para contemplar mais pessoas assistidas pelo método) vivenciados pela unidade da APAC em
1801 que se dá o estudo de caso da presente tese.

1802 A unidade masculina possui capacidade para 160 pessoas em cumprimento de pena
1803 privativa de liberdade, sendo, na ocasião, 72 pessoas no regime fechado, 69 no regime
1804 semiaberto intramuros, 10 pessoas no semiaberto trabalho externo e duas no regime aberto. A
1805 unidade está localizada em uma infraestrutura que, a princípio, seria um presídio, em um terreno
1806 que sediava um aterro sanitário, e, posteriormente, foi doado pela administração do município
1807 para sediar a APAC.

1808 Fui recebida na unidade masculina por uma pessoa em cumprimento de pena do regime
1809 semiaberto intramuros que trabalha na portaria principal de acesso à unidade. Somente ele opera
1810 toda a segurança da portaria principal, permanecendo com todas as chaves de acesso à rua. Fui
1811 direcionada para a sala da diretoria e a presidente da unidade me recebeu e me apresentou
1812 o setor administrativo formado por duas funcionárias que estavam em expediente de trabalho,
1813 assim como uma pessoa em cumprimento de pena que trabalhava no setor financeiro, a equipe
1814 de estagiários do setor jurídico, a assistente social e a psicóloga, bem como inspetores de
1815 segurança e responsáveis pelo transporte. A presidente me ofereceu hospedagem na Instituição,
1816 uma vez que as duas unidades, masculina e feminina, possuem dormitórios para visitantes, o
1817 que não foi necessário uma vez que retornaria para São Paulo em mesma data. Ela me convidou
1818 para almoçar na Instituição e me acompanhou para adentrarmos ao regime fechado. Ao pedir
1819 para guardar meus pertences antes de nos direcionarmos para o regime fechado (procedimento
1820 que faço sempre na unidade que sedia o estudo de caso), a presidente me disse que poderia
1821 levar o celular para registrar os dados e tirar fotos dos espaços internos, caso quisesse.

1822 Passei por duas portas blindadas de acesso ao regime fechado, sendo uma delas aberta
1823 por uma pessoa do regime semiaberto intramuros e a outra porta aberta por uma pessoa do
1824 regime fechado, sendo que esta dá acesso ao corredor dos dormitórios e nos leva ao refeitório.
1825 O regime fechado assemelha-se a um presídio porque utiliza a estrutura de um antigo pavilhão
1826 penitenciário.

1827 Durante o almoço, no refeitório do regime fechado, onde estavam 72 pessoas em
1828 cumprimento de pena, antes que as mesmas comessem a se servir, um assistente jurídico
1829 que foi funcionário da Instituição por cerca de cinco anos estava se despedindo das pessoas ali
1830 presentes uma vez que havia passado em um concurso público e por questões de
1831 incompatibilidade profissional e aspectos éticos não poderia permanecer na APAC. Este
1832 advogado agradeceu ao carinho das pessoas durante os anos de trabalho ali prestados, justificou

1833 sua saída da Instituição e afirmou que estava sendo difícil para ele desligar-se da Instituição com
1834 a qual havia formado vínculo. As pessoas foram uma a uma colocando-se de pé e aplaudindo o
1835 mesmo após o término de suas palavras. Alguns pediram permissão para cumprimentá-lo e se
1836 direcionaram para abraçá-lo. Percebi que parecia haver vínculo de confiança entre eles.

1837 Antes do início do almoço, todos deram as mãos e fizeram uma oração ecumênica em
1838 agradecimento ao alimento. Depois, fui convidada a me servir em primeiro lugar (antes de todos
1839 eles) e enquanto fui servida pelas pessoas daquele regime e pela nutricionista, uma a uma, elas
1840 me davam às boas vindas. A seguir, a presidente também pediu autorização a todos os presentes
1841 para se servir, à frente deles, e me fazer companhia. A equipe autorizou e ela se serviu. Como
1842 era uma segunda-feira, várias pessoas tinham recebido visita dos familiares no dia anterior e
1843 estavam com outros pratos disponíveis em suas respectivas mesas. Um deles me ofereceu um
1844 prato que a mãe havia levado especialmente para ele.

1845 O assistente jurídico que havia se pronunciado sentou-se à mesa conosco e com as
1846 pessoas em cumprimento de pena e afirmou que estava se sentindo “*com o coração partido de*
1847 *sair dali*”. Compartilhou que a APAC o transformou como ser humano e que seria difícil esquecer
1848 o que viveu dentro da APAC naqueles anos de trabalho.

1849 Os funcionários da Instituição almoçam com as pessoas que cumprem pena, no refeitório
1850 do regime fechado ou no semiaberto, conforme afirmou a presidente. Observei que vários
1851 funcionários estavam sentados entre as pessoas do regime fechado durante a refeição e, se não
1852 fosse pelos crachás de identificação nem seria possível definir quem dentre eles era funcionário.

1853 Após o almoço, fui conduzida por uma pessoa daquele regime que exerce o papel de
1854 relações públicas, que me apresentou todo o regime fechado. O regime fechado contempla
1855 atividades laborterápicas (38 pessoas), montagem de peças para a empresa Magneti Marelli
1856 (fabricante de peças automobilísticas para a empresa Fiat - envolve 12 pessoas), trabalhos para
1857 a própria Instituição (20 pessoas) como limpeza, administração, financeiro, portarias, farmácia,
1858 setor de atendimento médico e enfermagem, telefonia (recebimento de ligações autorizadas da
1859 justiça e gravadas pela Instituição).

1860 Esse membro do regime fechado me explicou a origem do método APAC desde a
1861 primeira unidade em São José dos Campos até a abertura da unidade nesta cidade mineira após
1862 contato do fundador Mário Ottoboni com o um diretor executivo da FBAC, Valdeci Antônio
1863 Ferreira. Contou que este diretor da FBAC, também advogado e membro da Pastoral Carcerária
1864 de Minas Gerais, militante da Pastoral desde os 21 anos de idade, conheceu o método APAC ao
1865 ler o livro “Cristo chorou no cárcere” de autoria do Mário Ottoboni, e que a leitura o fez tomar a
1866 iniciativa de conhecer o método em São José dos Campos e levá-lo para as cidades mineiras,
1867 incluindo aquela unidade. Assim, compreendi que esta unidade da APAC foi fundada a partir de
1868 uma experiência dialógica entre Mário Ottoboni e Valdeci tendo o livro como mediador dessa
1869 interação e estimulador para um encontro posterior, sendo que cada um desenvolvia uma
1870 intervenção pela Pastoral Carcerária e em Estados diferentes.

1871 A pessoa que me conduzia me explicava que acreditava no método porque era
1872 beneficiado por ele e porque antes de conhecer a APAC não pensava em mudar suas atitudes,

1873 cultivava raiva e desejo de vingança e que a APAC lhe mostrou outras oportunidades para seu
1874 futuro e sua família. Percebi que ele demonstrava estar envolvido pessoalmente com o método
1875 APAC e que defendia a metodologia em vários argumentos, bem como descrevia o código penal
1876 que o assegura a perda do direito de ir e de vir e não o direito de ser tratado com dignidade e de
1877 ter convívio familiar.

1878 Ele me apresentou inicialmente os painéis de dados disponíveis na entrada do regime
1879 fechado (localizados na parte superior da parede da recepção desse regime). Nesses painéis
1880 estavam informações quanto à população prisional da unidade masculina, bem como a
1881 distribuição das tarefas. Também havia um painel com dados da APAC desde a sua fundação,
1882 ocorrida em 1997. Estes deixavam visíveis os números de foragidos da justiça até então. Assim,
1883 ele me explicou a diferença entre evasão (saída da APAC sem autorização), fuga (casos em que
1884 a pessoa apenas foge durante as escoltas não armadas) e abandono (não retorno, após saída
1885 temporária autorizada pela justiça em datas especiais, específica para o semiaberto). Na
1886 ocasião, os dados revelavam desde a fundação da Instituição: 17 casos de evasão (sendo 12
1887 com retorno por motivação própria), 83 casos de fuga (sendo 73 com retorno por motivação
1888 própria) e 321 abandonos (sendo 299 com retorno posterior e sem a intervenção da polícia).
1889 Também me apresentou as estatísticas de reincidência do método (28 % a nível nacional) em
1890 comparação aos dados divulgados pelo INFOPEN (Informativo do Departamento Penitenciário –
1891 Ministério da Justiça, dados de 2015) para o sistema prisional convencional nacional (85% de
1892 reincidência) e mundial (70%). Este me apresentou um comparativo de despesas do sistema
1893 prisional APAC comparado ao sistema convencional brasileiro sendo R\$3.000,00 ao mês por
1894 pessoa em cumprimento de pena privativa de liberdade no sistema convencional (presídios,
1895 penitenciárias, casas de detenção) e R\$853,00 ao mês por pessoa no método APAC.

1896 E me apresentou as pessoas em cumprimento de pena responsáveis pelo atendimento
1897 no setor odontológico e médico. Explicou que tanto o regime fechado como o semiaberto se
1898 organizam em uma cooperativa que administra e divide o lucro das atividades (de artesanato e
1899 peças automobilísticas) entre eles, conforme valor de cada atividade desempenhada (no
1900 fechado), bem como outras tarefas lucrativas como blocos, horta, panificação e etiquetagem de
1901 embalagens para uma empresa de amaciante líquido (no regime semiaberto). Narrou que além
1902 da divisão de lucro entre eles há remição de um dia de pena para cada três dias trabalhados. E
1903 que a cooperativa administra parte dos valores arrecadados para manutenção do consultório
1904 odontológico e médico, compra dos materiais utilizados pelos profissionais e transportes destes
1905 voluntários que os atendem.

1906 Três pessoas que ali estavam me apresentaram a sala de atendimento e como se
1907 organizam para priorizar os casos mais urgentes de atendimento na agenda, bem como a
1908 organização do acesso aos armários que contemplam os perfumes e desodorantes utilizados
1909 pelos mesmos. Há escaninhos com os nomes das pessoas, cada qual com uma chave. O uso
1910 destes objetos é feito na frente da pessoa (na condição de pessoa em cumprimento de pena
1911 também) que trabalha nesse setor, conforme relatado por eles. Perguntei por que estes objetos
1912 não permanecem em cada dormitório e eles me explicaram que anteriormente estes ficavam no

1913 poder de cada pessoa, mas que eles se reuniram e sugeriram ao administrativo da Instituição
1914 para adotarem este procedimento uma vez que muitos deles estão em tratamento para
1915 dependência química (álcool e drogas) e que prefeririam o uso mais seguro na frente dos colegas
1916 para evitar o uso de álcool e uma possível recaída.

1917 Dois membros do regime fechado me explicaram como funciona o serviço de telefonia
1918 em cada respectivo regime: há uma lista de ligações autorizadas de familiares para cada pessoa
1919 em cumprimento de pena no setor administrativo e estas ocorrem em uma única vez na semana
1920 para cada pessoa, durante até 7 minutos; e cada regime possui um ramal que transfere a ligação
1921 para o responsável pelo serviço na sala de telefonia, sendo que este acompanha a ligação, a
1922 cerca de um metro de distância, para evitar que informações indesejadas sejam repassadas. As
1923 ligações são gravadas, mas somente se houver suspeita de informações inadequadas, a pessoa
1924 responsável naquele regime comunica o administrativo e este resgata a gravação para conferir
1925 infração disciplinar.

1926 A farmácia também contempla uma pessoa em cumprimento de pena como responsável,
1927 quem atualiza as receitas semanalmente e solicita novos medicamentos quando preciso. Os
1928 medicamentos são administrados e consumidos pelas pessoas à frente deste membro do regime
1929 fechado nos horários pré-determinados.

1930 Ele também me mostrou um dormitório. Este contempla quatro pessoas em cumprimento
1931 de pena, são quatro camas, quatro armários, um sanitário e chuveiro com água quente. Há um
1932 pátio coberto de tela onde eles lavam a própria roupa e a estendem para secar. Neste espaço
1933 também há uma quadra para prática de esportes. Fui conduzida para conhecer a marcenaria
1934 onde cerca de dez pessoas estavam trabalhando. Ele me mostrou como as ferramentas são
1935 utilizadas e que cada um se responsabiliza por sua ferramenta de trabalho durante o horário
1936 laboral e, após, outra pessoa se responsabiliza por recolher e guardá-las no armário com chave
1937 (ferramentas como martelo, faca, serrote, alicate, torquês, pé de cabra, furadeira, etc). Também
1938 conheci uma lanchonete interna mantida pela cooperativa em que são vendidos produtos como
1939 sucos, lanches naturais, pipoca, balas e doces (administrada por eles).

1940 A pessoa na função de relações públicas do regime fechado me levou para conhecer a
1941 sala de aula e de palestras em que há uma biblioteca, computadores para uso durante os cursos
1942 e também para aqueles que cursam o ensino superior à distância. Uma pessoa em cumprimento
1943 de pena me recepcionou e me mostrou o vídeo institucional da APAC, como eles recepcionam
1944 os iniciantes no método, passando uma formação inicial quanto à metodologia. Nesse sentido,
1945 como o método pressupõe “recuperando ajudando recuperando”, essa atividade se encaixa em
1946 um dos 12 pilares do método, auxiliar o outro no processo de adaptação.

1947 No final do corredor, além do refeitório há também uma cela forte que foi desativada
1948 quando a APAC assumiu o pavilhão. Entretanto, a pessoa que me conduzia me contou que
1949 haveria ali uma pessoa condenada que havia infringido regra disciplinar grave e que não
1950 poderíamos dialogar com ele, porque estava em solitária. Como eu conheço a metodologia APAC
1951 eu já sabia que as celas fortes dos antigos sistemas e estruturas prisionais deram lugar a uma
1952 capela para reflexão e silenciamento da pessoa em cumprimento de pena, quando esta quiser

1953 ficar a sós. Entretanto, eu deixei ele me contar e ele foi percebendo que não estava acreditando
1954 e daí ele me perguntou: “*Você já conhece o método, né senhora? É... percebi... algumas pessoas*
1955 *se emocionam quando eu abro essa porta!*”. Eu expliquei a ele que sabia, mas que sempre é
1956 uma nova experiência, que não seria como anteriormente, uma vez que já havia feito uma visita
1957 a esta Instituição em 2007, quando tive o primeiro contato com o método. Ele abriu a porta da
1958 cela forte e eu encontrei a capela um pouco diferente de como era anos atrás. Havia um crucifixo
1959 de madeira e uma parede pintada de azul e branco, o chão com almofadas, poltronas e carpete,
1960 algumas imagens e a bíblia. Apesar de a metodologia APAC sugerir respeito à religiosidade de
1961 cada pessoa em cumprimento de pena, a referência da Igreja Católica no método fica clara
1962 quando entramos na capela.

1963 A pessoa que exerce a função de relações públicas explicou que alguns visitantes e
1964 pesquisadores de outros países, em especial, muitas vezes ficam preocupadas e perguntam
1965 como o método poderia aceitar colocar alguém em cela forte. Este membro do regime fechado
1966 me explicou que os próprios membros do regime fechado sugeriram para a Instituição APAC um
1967 dia específico ao longo do mês para que eles fiquem reclusos nos dormitórios, como outrora
1968 permaneciam no sistema convencional, para atribuírem maior valor à dignidade que possuem no
1969 regime fechado do método APAC. Neste dia, eles se alimentam sem talheres, servem-se das
1970 marmitas (‘quentinhas’) e não saem dos dormitórios durante todo o dia. Ele me descreveu esse
1971 evento mensal como uma iniciativa válida para que não se esqueçam como sofreram no sistema
1972 convencional e para evitar envolvimento com faltas disciplinares graves que lhes favorecem a
1973 perda do direito de permanecer cumprindo pena no método APAC, o que me pareceu uma prática
1974 cultural de suplício internalizada por eles ao valorizar o sofrimento e a penitência como algo
1975 concreto para remissão dos ‘pecados’ e ‘erros’, como revisão de vida e como estratégias para
1976 lidar com as possíveis recaídas ao vício da bebida e das drogas, conforme pregado pelas
1977 religiões cristãs.

1978 Ao final da visita ao regime fechado (que contemplava na ocasião 72 pessoas cumprindo
1979 pena), a pessoa que me conduzia me convidou para ver os produtos artesanais produzidos por
1980 eles e que ficam à mostra dos visitantes no piso superior da Instituição. Para minha surpresa,
1981 todas as pessoas desse regime repentinamente não estavam mais ali. A marcenaria estava
1982 vazia, os corredores vazios, os dormitórios vazios e ninguém no pátio, nem mesmo na farmácia.
1983 Como conheço o método, não pensei que seria evasão coletiva, mas achei estranho. Pensei que
1984 pudessem estar em uma reunião na Cooperativa, mas não tinha espaço para reuniões ali.
1985 Quando subi as escadas, um silêncio sagaz, nenhuma ferramenta era usada, a porta estava
1986 fechada... quando a pessoa que me conduzia abriu a porta: lá estavam todos de pé cantando
1987 uma música de louvor em agradecimento à minha visita ao regime fechado. Pediram que eu me
1988 sentasse à frente deles em uma cadeira posta sobre um carpete e continuaram tocando violão,
1989 cantando e batendo palmas, pedindo bênçãos sobre bênçãos para meu trabalho. Um deles pediu
1990 a palavra e falou em nome do grupo ao me agradecer pela visita. Quando me passaram a
1991 palavra, eu apenas agradei a calorosa recepção. Percebi que se trata de um princípio
1992 institucional, por isso fazem esse procedimento de acolhida com todos os visitantes, o que

1993 também justifica as visitas serem agendadas, mas eles poderiam não se engajar, me receber
1994 por obrigação, mas não foi isso que eu visualizei à minha frente. Também o fato de ser recebida
1995 como voluntária de outra unidade tenha influenciado o modo como me trataram, pois, o voluntário
1996 no método APAC recebe uma forte atenção, pois são eles que mantêm a Associação.

1997 Ao sair do regime fechado, duas pessoas me conduziram até a porta de aço e se
1998 despediram desejando um bom regresso para São Paulo e me perguntando se não estava
1999 esquecendo o celular, que eu, por gentileza, conferisse se ele estava comigo. Um membro do
2000 regime semiaberto já me aguardava do lado de fora para me apresentar o regime intra e
2001 extramuros. Este último representante das relações públicas me conduziu pelo dormitório,
2002 refeitório, panificadora, cozinha, marcenaria e pátio. Depois, visitamos a área externa (cercada
2003 apenas de tela industrial sem cerca elétrica) em que há uma horta de legumes e verduras para
2004 consumo das unidades APAC, uma fábrica de blocos, o viveiro de mudas de diversas espécies
2005 de plantas frutíferas- projeto em parceria com o IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e
2006 dos Recursos Naturais Renováveis), a etiquetagem de embalagens de amaciantes para uma
2007 empresa local (ganho por produtividade), produção de peças automobilísticas (ganho também
2008 por produtividade) e coleta seletiva de lixo.

2009 O regime semiaberto intramuros envolve cinco pessoas nas atividades de cozinha,
2010 quatro na padaria/panificação, duas na horta, quatro na fábrica de blocos, 17 na produção de
2011 peças para a empresa Magneti Marelli, seis pessoas na marcenaria, três pessoas no viveiro de
2012 mudas e 39 em outros trabalhos de limpeza, administrativo, coleta seletiva de lixo e portarias
2013 internas.

2014 As oficinas profissionalizantes e as atividades de produção de peças automobilísticas,
2015 bem como viveiros de mudas e etiquetas para embalagens são decorrentes de parcerias com
2016 empresas locais que fizeram um contrato de trabalho com a Associação (APAC).

2017 O semiaberto extramuros constitui trabalho externo na comunidade local por mediação
2018 da Instituição (10 pessoas) assim como no regime aberto que contemplava duas pessoas na
2019 data da visita. Conheci a estrutura do regime semiaberto extramuros e o regime aberto, cada
2020 qual com uma saída independente e sem contato algum com o outro regime. Em nenhum deles
2021 havia pessoas, pois estavam em trabalho externo. Em cada regime há um refeitório com
2022 televisão, geladeira e armários para os pertences individuais.

2023 No pátio, eu me deparei com um jardim e área recreativa infantil do semiaberto
2024 intramuros muito arborizada, mesas e cadeias de pedra para interação familiar, uma capela com
2025 a imagem de Nossa Senhora de Fátima e uma fonte bem ao lado, que, confere ao lugar uma
2026 beleza natural, silêncio e muitos pássaros cantando. Por alguns momentos eu nem me lembrava
2027 que estava em um sistema prisional. Entretanto, ao ver o muro pintado de branco e com a
2028 seguinte frase em azul: "*Do amor, ninguém foge*", mas com cercas elétricas, senti quão frágil
2029 pareceria toda essa sensação de liberdade, mesmo no regime semiaberto. A gênese desta frase
2030 foi descrita pelo membro de relações públicas sendo de autoria de um egresso do método APAC
2031 que, após fugir várias vezes de sistemas prisionais, e entrar no método APAC, relatou ter
2032 desistido de fugir porque se sentiu tratado com dignidade, mesmo tendo a oportunidade de fuga

2033 e, que ao ser questionado porque ele não havia fugido, sendo que essa era a sua expertise no
2034 sistema convencional, ele respondeu com esta frase. Eu me lembrei que o muro do regime
2035 semiaberto que contempla essa frase não era tão alto e nem possuía cercas elétricas na ocasião
2036 de minha primeira visita a essa Instituição em 2007. Ocorreu que o Tribunal de Justiça a partir
2037 da Comarca Local solicitou tais ajustes na segurança da Instituição, conferindo um sentido
2038 contraditório para a frase que ali permaneceu, conforme também explicado pela pessoa que
2039 conduzia minha visita ao regime semiaberto.

2040 Quando conversava sobre a reinserção das pessoas que cumpriram pena no método
2041 APAC na comunidade local com este membro do regime semiaberto, ele colocou que a
2042 sociedade adere bem ao método APAC, porque várias empresas empregam os egressos e que
2043 o Tribunal de Justiça local acredita e respeita a proposta da APAC, mas que se o egresso do
2044 método APAC reincidir ele não voltará para a APAC facilmente, ficando como último na fila de
2045 solicitações, e que dentro do sistema prisional convencional o egresso da APAC não é bem-
2046 vindo, pois as pessoas em privação de liberdade nesse método têm a compreensão de que
2047 aquele que cumpriu pena na APAC é inimigo dos outros, ao delatar o próprio colega de regime,
2048 tal como pressupõe o método, e que eles têm conhecimento disso. Nas palavras dele: *“A gente*
2049 *já sabe, se cair em reincidência, esquece! O sistema comum não te trata bem não, é mais um*
2050 *motivo para não cair em reincidência lá fora”... (sic). Percebi um processo de tensões dialógicas*
2051 *e conflitos existentes entre os dois sistemas prisionais.*

2052 Sobre possíveis conflitos no método APAC quanto à execução dos papéis institucionais,
2053 este me descreveu que há conflitos entre eles no dia a dia, principalmente das outras pessoas
2054 com os membros do Conselho de Sinceridade e Solidariedade, mas que resolvem
2055 tranquilamente nas reuniões prisionais, e que o conflito maior é com a pessoa que cumpre pena
2056 em outro sistema prisional.

2057 A APAC masculina oferece ensino supletivo e ensino profissionalizante. Segundo dados
2058 divulgados nos murais da própria Instituição, na ocasião, eram 10 pessoas cursando os anos
2059 iniciais do ensino fundamental, 64 cursando os anos finais do ensino fundamental, 30 pessoas
2060 no ensino médio e 9 no ensino superior à distância.

2061 Também há uma padaria, do lado externo da APAC masculina, que vende produtos para
2062 a população local. Os produtos de panificação excedentes do consumo das duas unidades
2063 (masculina e feminina) são vendidos e movimenta renda para a cooperativa do regime
2064 semiaberto.

2065 No final da tarde daquele dia, a equipe de transporte da APAC masculina me levou para
2066 a unidade feminina, que fica no centro da cidade, juntamente com algumas funcionárias e um
2067 inspetor de segurança da unidade masculina que cumpriu pena na própria unidade, e que me
2068 contou sua experiência no método APAC durante o trajeto. Ele me descreveu que na função de
2069 inspetor não conseguia manter segurança se não tivesse um trabalho em equipe com todas as
2070 pessoas em cumprimento de pena, em especial para aqueles que possuem as chaves de cada
2071 respectivo regime. E que a APAC fazia parte de sua vida, que ela foi um divisor de águas em

2072 sua trajetória, “*o antes e o depois da APAC*”. E que por isso leva a bandeira do método APAC
2073 com ele, pois foi a chance que obteve para reorganizar a vida.

2074 O presidente da unidade feminina me deu as boas-vindas e justificou que não poderia
2075 me acompanhar, mas que a inspetora de segurança me receberia. Nesta unidade encontrei 30
2076 mulheres em cumprimento de pena em três regimes: fechado, semiaberto e aberto. Com exceção
2077 do presidente e de um enfermeiro, todos os funcionários são do sexo feminino. Nunca havia tido
2078 contato com unidades femininas, então foi uma experiência singular. Diferentemente da unidade
2079 masculina me pediram para deixar todos os pertences no setor administrativo.

2080 Fui recebida por uma jovem de aproximadamente 22 anos que me apresentou o regime
2081 fechado. O regime contempla três dormitórios coletivos: quarto rosa, vermelho e lilás. Os quartos
2082 estavam todos muito bem organizados, quase todos com fotos dos filhos e companheiros,
2083 pelúcias sobre as camas e outros objetos. Todo o regime fechado estava impecavelmente limpo
2084 e com perfume de lavanda. Naquele momento o cheiro dos dormitórios me trouxe a lembrança
2085 do mau cheiro das celas do sistema convencional feminino e masculino em que tive contato
2086 profissionalmente, ferindo as concepções socioculturais de sistema prisional que eu enquanto
2087 pesquisadora possuía de ‘celas femininas’ no sistema convencional.

2088 A cozinha fica localizada no regime fechado. Há um refeitório com TV, uma sala de estar,
2089 um pátio e uma lavanderia. Assim que entrei fui confundida por uma delas como uma nova
2090 integrante do regime fechado e logo foram me receber com um abraço e perguntando de onde
2091 eu era. Ao me apresentar como visitante, elas me pediram desculpas e eu disse que não teriam
2092 que se desculpar. Logo me levaram para a mesa de refeitório e várias se aproximaram e me
2093 perguntaram se eu já conhecia a casa e me ofereceram café, chá, suco, etc. Como a minha visita
2094 já estava agendada, se organizaram para me receber. Muitas delas estavam perfumadas e
2095 maquiadas, tinham inclusive separado lanches para compartilhar comigo.

2096 Uma das pessoas em cumprimento de pena me contou que quando chegou à unidade
2097 da APAC estava muito magra, sentindo-se muito fraca, pois não se alimentava adequadamente,
2098 e que tinha receios de não se adaptar ao método, mas que preferiu ir para a APAC a permanecer
2099 no presídio com quase vinte mulheres em uma cela. Afirmou que não esperava ser recebida tão
2100 bem, que as colegas de regime a emprestaram roupas, objetos de uso pessoal até que a família
2101 dela foi visitá-la e levou seus pertences. Narrou que ao receber a visita da mãe pela primeira vez
2102 naquela unidade, a mãe não a reconheceu, pois estava com sapato de salto, um vestido
2103 emprestado pelas colegas, estava maquiada, corada e mais gorda, e que a mãe se pôs a chorar
2104 ao vê-la, uma vez que o rosto desfalecido, os cabelos despenteados e a roupa surrada do
2105 presídio lhe atribuíam uma aparência mais envelhecida nos últimos anos.

2106 Uma senhora de cerca de 50 anos me contou que a APAC significava para ela um alívio,
2107 uma benção, que não suportaria cumprir pena no presídio como antes. Várias delas foram saindo
2108 dos quartos para conversar comigo. Mencionaram que o convívio não é fácil, que elas conversam
2109 muito e que sempre há conflitos, discussões, mas que elas choram, desabafam e logo se
2110 reconciliam, que raramente ficam sem falar uma com a outra. E que se respeitam porque o

2111 respeito faz parte do método APAC. Eu não fiz nenhuma pergunta, mas elas faziam questão de
2112 me contar detalhes do dia a dia delas na Instituição.

2113 Comentaram que elas acolhem o sofrimento umas das outras, uma vez que várias são
2114 mães e sentem muita falta dos filhos. Elas me mostraram fotos dos filhos, dos companheiros,
2115 familiares. Também relataram que a guarda dos filhos está com os avôs (em sua maioria) e que
2116 a visita na APAC é mais digna para receber os familiares e crianças por não ter revista vexatória.

2117 Elas se dividem nos trabalhos de cozinha, farmácia e limpeza. E dedicam-se aos
2118 trabalhos de artesanatos.

2119 Neste dia, elas me convidaram para permanecer até o horário de meu embarque, e que
2120 ficasse para o jantar com elas. Participei do jantar no regime semiaberto. A inspetora de
2121 segurança acatou a sugestão das pessoas do regime semiaberto e autorizou a minha
2122 permanência até este horário. Permaneci até as 20h, quando precisei deslocar para o terminal
2123 da cidade.

2124 Conversei com várias pessoas em cumprimento de pena. Nos dois regimes, emergiu o
2125 modo como a autoestima da mulher em cumprimento de pena fica abalada, bem como a saúde
2126 física e psicológica destas no sistema convencional de cumprimento de pena, uma vez que não
2127 podem manipular alicates, lixas, não possuem acesso a um dia de beleza, como possuem na
2128 APAC, em que recebem a entrada de cabeleira, manicure para prestar-lhes serviços. Também
2129 mencionaram que a higiene no sistema convencional das celas femininas é precária e que na
2130 APAC cada uma tem seu armário, tem a liberdade de pedir o absorvente que prefere, de pedir
2131 um xampu que gosta de usar, pois possuem o seu dinheiro da venda dos artesanatos.

2132 Uma pessoa que havia sido transferida para a APAC, regime semiaberto, logo após o
2133 nascimento de seu filho, que naquela data estava completando dez meses, teve o pedido de
2134 liberdade condicional deferido, e estava se preparando para sair no dia seguinte. As colegas do
2135 regime semiaberto relatavam estar 'tristes e felizes' ao mesmo tempo. Felizes com a saída da
2136 colega, mas tristes pela saudade que sentiriam da criança, uma vez que todas ajudaram a cuidar
2137 dele nos últimos meses. Cada uma delas colocava o bebê no colo, algumas nem conversaram
2138 muito comigo porque estavam envolvidas em aproveitar cada momento com o bebê. Algumas
2139 relatavam estar tristes e dizendo que a mãe dele teria que levá-lo nos dias de visita. Parecia que
2140 o bebê tinha várias mães ali no regime semiaberto, uma maternidade compartilhada e, por isso,
2141 estavam em luto pela saída dele do regime. Esta criança e sua mãe estavam em um quarto
2142 separado. A mãe alegou que recebeu o acompanhamento do pós-parto dentro e fora da
2143 Instituição, quando preciso.

2144 Uma pessoa em cumprimento de pena do regime semiaberto me contou que pediu para
2145 ir para a unidade da APAC porque queria fugir, pois já havia foragido de outro presídio e achava
2146 que seria fácil sair da APAC, mas que, ao se sentir bem recebida, principalmente por estar com
2147 uma infecção uterina e ter todos os cuidados médicos necessários, desistiu de tentar evadir.

2148 Durante a visita às pessoas em cumprimento de pena na unidade feminina percebi que
2149 a maternidade no espaço prisional muitas vezes é compartilhada por todas do mesmo regime e
2150 que os vínculos materno-infantis se dão permeados por este contexto de troca de papéis e de

2151 experiências afetivas, como o sentimento de saudade dos filhos, dos companheiros e desejos
2152 de resgatar o convívio familiar, muitas vezes perdido durante a pena no sistema convencional.

2153 A maternidade no contexto da institucionalização, assim como os problemas de saúde
2154 reprodutiva das pessoas do sexo feminino, bem como as práticas de higiene e beleza, são
2155 questões que diferenciam as duas unidades e as demandas das pessoas assistidas. Em
2156 comparação com o sistema prisional convencional, como as celas dos presídios são
2157 superlotadas e não permitem a entrada de objetos cortantes, bem como não oferecem espaço
2158 adequado para coloração e corte dos cabelos, depilação, dentre outros procedimentos, as
2159 mulheres em cumprimento de pena sentem-se violadas no direito de manter a autoestima e
2160 cuidados básicos com sua aparência e isso se torna significativo em suas narrativas no contexto
2161 do método APAC como uma oportunidade de resgate da identidade e da dignidade feminina.

2162 Essa unidade feminina está localizada em um bairro próximo do centro da cidade, entre
2163 residências da população local. Este espaço foi sede da primeira APAC masculina do município,
2164 quando tinha uma capacidade para apenas 30 pessoas. A estrutura física é de uma casa, com
2165 três ambientes separados para contemplar os três regimes.

2166 Ao conversar com os funcionários, percebi a partir do conteúdo das narrativas dos
2167 membros da Instituição que a primeira unidade ali localizada sofreu o preconceito e a pressão
2168 popular para não permanecer próxima ao centro da cidade, mas que, hoje, transcorridos 19 anos,
2169 a população visualiza um sistema prisional considerado modelo para o país e que não fere a
2170 ordem pública, mas, ao contrário, a resguarda, ao ressocializar a pessoa e reduzir a reincidência
2171 ao crime. Percebo como é necessário que a sociedade civil organizada acolha esta metodologia
2172 para efetivar as práticas de reinserção social por ela propostas, pois a Instituição em si não
2173 garante as forças macrossociais que se fazem necessárias para uma inclusão social efetiva dos
2174 egressos do sistema prisional brasileiro.

2175 Destaco as seguintes antinomias:

2176 _ Liberdade de expressão religiosa, conforme previsto no método APAC e Lei de
2177 Execução Penal x uso de instrumentos que marcam e delimitam a forte presença de um
2178 movimento pastoral da igreja católica enquanto fundador do método APAC, ainda que tenha um
2179 caráter de instituição ecumênica;

2180 _ Pedir transferência para a Instituição APAC como uma possibilidade de evasão e fuga
2181 x construir vínculo com as pessoas que conduzem a Instituição ao receber cuidados em saúde
2182 e assistência jurídica.

2183

2184

2185

2186

2187

2188

2189

2190

2191 **APÊNDICE B- Termo de consentimento livre e esclarecido do participante da**
2192 **pesquisa**

2193

2194

Universidade de São Paulo-USP

2195

Instituto de Psicologia

2196

Departamento de Psicologia Experimental

2197

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

2198

2199

2200

2201

2202

2203

2204

2205

2206

2207

2208

2209

2210

2211

2212

2213

2214

2215

2216

2217

2218

2219

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de doutorado nomeada “**Atravessamentos institucionais na relação Self-Cultura: um estudo de caso na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC)**”. O Objetivo deste estudo é **compreender de que forma os aspectos institucionais fazem parte do processo cultural de construção da pessoa na cultura**. A sua participação na pesquisa, caso tenha interesse em participar, **consiste em conceder duas entrevistas de até uma hora, a respeito da sua relação com Associação de Proteção e Assistência aos Condenados**, os significados e inquietações que essa experiência lhe traz.

Entrevistas adicionais, nos mesmos moldes, poderiam ser solicitadas, visando o esclarecimento de aspectos que forem relevantes para o andamento da pesquisa. As entrevistas serão gravadas em áudio, que será de uso exclusivo da pesquisadora responsável para a realização desse projeto.

As entrevistas serão realizadas na própria Instituição APAC (com condenados, funcionários, diretores, voluntários, fundadores da Associação), no Tribunal de Justiça (com representantes deste Órgão) e na residência dos familiares dos condenados (com familiares participantes e egressos). A entrevistadora será a pesquisadora responsável.

2220 Essa pesquisa não oferece nenhum risco previsível a você, na medida em que
2221 resguardamos o seu sigilo e anonimato. Durante a participação na pesquisa, caso
2222 você se sinta desconfortável com o relato de alguma experiência, poderá solicitar ao
2223 pesquisador a interrupção da entrevista, o descarte do material audiogravado, ou
2224 mesmo desistir de participar da pesquisa, retirando seu consentimento, a qualquer
2225 momento e sem qualquer prejuízo. **As gravações serão apagadas imediatamente**
2226 **após a desistência do participante da pesquisa. Caso contrário, as gravações**
2227 **permanecerão em poder da pesquisadora por cinco anos e depois serão**
2228 **apagadas.** Caso demonstre necessidade de uma escuta mais aprofundada,
2229 poderemos ajudá-lo no encaminhamento para atendimento psicológico na própria
2230 instituição. Essa pesquisa traz benefícios relacionados ao processo de construção de
2231 conhecimento sobre as dimensões psicológicas, intra e interpessoais, constitutivas da
2232 rede institucional. Portanto, ajudando a melhorar os serviços e procedimentos
2233 realizados pelas APACs. A sua participação é totalmente voluntária e não
2234 remunerada, ao mesmo tempo em que não deve haver nenhum prejuízo resultante de
2235 sua participação. Além de garantimos que será preservada sua identidade, também
2236 será preservado o sigilo e anonimato de todas as pessoas por você referidas nas
2237 entrevistas.

2238 Asseguramos o seu acesso à pesquisadora responsável, doutoranda Sirlene
2239 Lopes de Miranda, durante o processo da pesquisa, no seguinte endereço: Av. Prof.
2240 Mello Moraes 1721 CEP 05508-030 Cidade Universitária - São Paulo - SP, telefone(s)
2241 11- 95197-6296. Você poderá acessar o Comitê de Ética em Pesquisa com seres
2242 Humanos do Instituto de Psicologia-USP para eventuais dúvidas e esclarecimentos
2243 referentes, exclusivamente, a questões éticas do projeto de pesquisa ao qual irá
2244 participar: Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27. CEP 05508-
2245 030 – Cidade Universitária - São Paulo/SP. Atendimento de segunda a sexta-feira,
2246 das 8h30min às 12h e das 14h às 16h. Recomenda-se agendar seu atendimento por
2247 e-mail e/ou telefone. E-mail: ceph.ip@usp.br - Telefone: (11) 3091-4182. Você poderá,
2248 ainda, ter acesso ao conteúdo/relatório de pesquisa assim que este estiver finalizado.

2249 Eu, _____
2250 acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para
2251 mim, sobre o estudo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo
2252 que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a

2253 realização do mesmo, sem penalidades ou prejuízos. Declaro ainda que estou
2254 recebendo uma via deste Termo com todas as páginas rubricadas por mim e pelo
2255 pesquisador responsável.

2256 _____ / /
2257 Assinatura do sujeito/representante legal Local Data

2258

2259 Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e
2260 Esclarecido deste sujeito para a participação neste estudo.

2261

2262 _____ / /
2263 Nome legível e Assinatura do Pesquisador Local Data

2264

2265

2266

2267

2268

2269

2270

2271

2272

2273

2274

2275

2276

2277

2278

2279

2280

2281

2282

2283

2284

2285

2286

2287 **APÊNDICE C- Roteiro de entrevista semiestruturada para uso com as pessoas**
2288 **que cumprem pena**

2289

2290 • Conte-me sua história na APAC, quando chegou aqui e suas experiências
2291 nesse método de cumprimento de penas.

2292 • Como se dão as relações entre vocês, recuperandos, na APAC?

2293 • Como são as interações de vocês e os funcionários e voluntários da APAC?

2294 • Conte-me sobre as relações de vocês com o administrativo, com a diretoria da
2295 APAC. Há relações entre vocês e eles?

2296 • Você possui familiares? Eles participam da APAC?

2297 • A APAC faz parte da execução de penas e, portanto, inclui a parceria do
2298 Tribunal de Justiça, juiz e promotora da vara criminal. Conte-me um pouco de
2299 como você vê essa relação e parceria.

2300 • Há algo que te inquieta, incomoda, angustia, nessas relações na APAC?

2301 • O que significa a APAC para você? Qual significado/sentido da APAC?

2302

2303

2304

2305

2306

2307

2308

2309

2310

2311

2312

2313

2314

2315

2316 **APÊNDICE D- Roteiro de entrevista semiestruturada para uso com os**
2317 **funcionários**

2318

2319 • Conte-me sua história na APAC, como chegou aqui e suas experiências
2320 enquanto funcionário da Instituição.

2321 • Como se dão as relações entre vocês, funcionários, e os recuperandos?

2322 • Como são as interações de vocês e os voluntários da APAC?

2323 • Quais estratégias são utilizadas pela administração e diretoria para fazer
2324 parcerias com a comunidade, empresas, voluntários e com a família dos
2325 recuperandos?

2326 • Como a diretoria participa da rotina da APAC? Como se dá o contato da
2327 diretoria com o dia-a-dia da Instituição?

2328 • A APAC faz parte da execução de penas e, portanto, inclui a parceria do
2329 Tribunal de Justiça, juíza e promotora da vara criminal. Conte-me um pouco de
2330 como você vê essa relação e parceria.

2331 • Há algo que te inquieta, incomoda, nessas relações na APAC?

2332 • O que significa a APAC para você? Qual significado/sentido da APAC?

2333

2334

2335

2336

2337

2338

2339

2340

2341

2342

2343

2344

2345

2346 **APÊNDICE E- Roteiro de entrevista semiestruturada para uso com os**
2347 **familiares**

2348

- 2349 • Conte-me sua experiência com a APAC, quando conheceu a Instituição e suas
2350 expectativas quanto ao cumprimento de pena do seu filho na APAC.
- 2351 • Como se dão as relações entre vocês, familiares, e os funcionários da APAC?
- 2352 • Como são as interações de vocês e os voluntários da APAC?
- 2353 • Com qual frequência o (a) senhor(a) visita a APAC? Frequenta festas
2354 comemorativas e celebrações que a APAC oferece?
- 2355 • Qual o papel da família para a ressocialização do recuperando em sua opinião?
2356 Quais contribuições a família pode trazer para o recuperando da APAC?
- 2357 • Como a comunidade local vê a APAC em sua opinião?
- 2358 • Há algo que te inquieta, incomoda, aqui na APAC?
- 2359 • O que significa a APAC para você? Qual significado/sentido da APAC?

2360

2361

2362

2363

2364

2365

2366

2367

2368

2369

2370

2371

2372

2373

2374

2375

2376

2377

2378

2379 **ANEXO A – Transcrição da entrevista realizada com uma pessoa em cumprimento de pena do**
 2380 **regime fechado**

2381

2382 **Pesquisadora:** Conta para mim a sua história e experiência com a APAC.

2383 **Entrevistado:** Minhas histórias, aqui?

2384 **Pesquisadora:** Sim, quando chegou aqui e suas experiências na APAC.

2385 **Entrevistado:** Cheguei aqui no dia 14 de agosto do ano passado... **(2014)** e... a minha experiência foi
 2386 boa, eu conheci o A. (*condenado do regime fechado*) e ele me ensinou a fazer artesanato, coisa que lá
 2387 em cima (*presídio*) não faz, né? E eu gostei, nunca imaginaria que eu ia pegar na agulha pra fazer
 2388 crochê. Gostei, conheci todo mundo e graças a Deus me dou bem com todo mundo. Tanto aqui como
 2389 lá em cima (*presídio*) nunca tive desavença com ninguém. Estou há quatro anos já preso e estar na
 2390 APAC é muito bom, aqui é só coisa boa. Muito bom.

2391 **Pesquisadora:** Você já conhecia a APAC ou já tinha ouvido falar?

2392 **Entrevistado:** Não, foi a primeira vez. Foi a primeira vez também que eu fui detido, que fui preso. A
 2393 APAC eu achei uma casa de recuperação. Tem muita gente que fala que aqui é cadeia e considera
 2394 como cadeia, mas pra mim não. Quando eu falo com a minha mãe e ela diz que eu estou preso eu falo:
 2395 "Não, é casa de recuperação. É muito diferente de cadeia, uma coisa bacana". Aqui a APAC é muito
 2396 bom, gostei demais daqui, eu vou vencer.

2397 **Pesquisadora:** No presídio você ficou quanto tempo?

2398 **Entrevistado:** Três anos, vou fazer dia 14 agora, então já tenho quatro anos preso.

2399 **Pesquisadora:** Como são as relações aqui dentro, entre vocês, recuperandos?

2400 **Entrevistado:** Ah não é lindo não. Tá gravando?

2401 **Pesquisadora:** Sim. Tem algum problema? Se tiver, eu paro. Como eu te disse a APAC não tem
 2402 conhecimento dessas entrevistas, nem seus colegas, e você não será identificado. Quer parar?

2403 **Entrevistado:** Não... Não. Não tem problema, eu me dou bem com todo mundo! Eu converso com todo
 2404 mundo e me dou bem com todo mundo. Agradeço por ter conhecido as pessoas que conheci, só tem
 2405 o A. que a gente não conversa mais, mas é coisa do dia a dia mesmo.

2406 **Pesquisadora:** Vocês conversavam antes, então? Ele foi quem te ensinou o artesanato?

2407 **Entrevistado:** A mãe dele me visitava três anos lá em cima e eu até chamava ela de mãe. Aí depois
 2408 que eu desci pra cá (APAC) eu conheci o A., é uma pessoa boa só que a gente não dá certo não, sabe?
 2409 Mas é uma boa pessoa, agradeço a Deus todo dia por ter conhecido. Se não fosse ele, não saberia
 2410 nada do que eu faço aqui. Eu conheci a família dele!

2411 **Pesquisadora:** Hum... Você se relaciona com a família dele, que você me contou outro dia...

2412 **Entrevistado:** Com a moça que é irmã de criação dele e essa irmã dele é minha esposa hoje. A gente
 2413 casou no cartório e eu tô aqui há um ano e já tá 11 meses que a gente tá junto.

2414 **Pesquisadora:** Então, na verdade, você criou vínculo depois que você veio aqui pra APAC? Conheceu
 2415 ela e a mãe dela...

2416 **Entrevistado:** É... A mãe dela eu já conhecia lá em cima, ela me visitou lá três anos e eu ficava com o
 2417 irmão dele (*na mesma cela*), que eu considero meu irmão também. Aí eu sentava com ele lá em cima
 2418 (*presídio*), não deixava fazer coisa errada, né? Porque como eu sou uma pessoa que não tomo
 2419 remédio, não tenho vício nenhum com drogas, essas coisas. Então, eu dava uma boa ideia pro irmão
 2420 dele (*irmão de A. que cumpre pena no presídio*) - que considero muito como irmão - e fui pegando
 2421 amizade com a mãe dele, daqui e dali e, então ela, nunca deixou de me visitar nenhum dia lá em cima.
 2422 Eu chamo ele de irmão, ela de mãe, considero os irmãos tudo como irmão e é isso aí. Mas no momento,
 2423 que eu não estou falando com ele, ela parou de falar comigo e tem hora que eu choro, quando a mãe
 2424 dele vem aqui e não fala comigo - ela agora não está conversando comigo. Eu me sinto triste com isso.

2425 **Pesquisadora:** Ela não falou mais com você depois que vocês dois pararam de conversar?

2426 **Entrevistado:** É, porque ele falou umas coisas com ela e ela não quis falar comigo mais. Aquilo me
 2427 machuca muito por dentro.

2428 **Pesquisadora:** E você já tentou procurá-la para conversar, quando ela vem aqui?

2429 **Entrevistado:** Não. Ela vem todo domingo, mas a gente não se fala não. A minha vontade era a gente
 2430 continuar do jeito que tava, sabe? Depois que a gente se conheceu, conversando, dialogando, eu falo
 2431 que tudo o que fizer pra ela um dia vai ser pouco... **(choro!)** Eu sou muito grato a ela pelo que ela fez
 2432 por mim.

2433 **Pesquisadora:** Visitar e te dar um apoio?

2434 **Entrevistado:** Me ajudar, com pertences, chinelo, roupa, tudo de higiene ela dava pra mim. Nunca
 2435 deixou faltar.

2436 **Pesquisadora:** Então você criou laços de amizade tanto no presídio quanto aqui?

2437 **Entrevistado:** Quanto aqui.

- 2438 **Pesquisadora:** E sua família nesse tempo que você está aqui? Como sua mãe está na Bahia você não
 2439 a viu então nesse período?
- 2440 **Entrevistado:** Não, eu tenho dez anos que eu não vejo minha mãe. Morava aqui em Minas, em P.
 2441 (cidade). Aí na trajetória do serviço me mandavam de um lugar para outro. Meu trajeto era em S. (outra
 2442 cidade), aí depois que eu fui preso lá, nunca mais vi minha mãe. E depois que fui preso, ela sofreu de
 2443 Mal de Parkinson, adoeceu, ficou ruim. Agora que deu uma melhoradinha depois que desci pra cá.
 2444 Mas, tenho muita saudade da minha mãe.
- 2445 **Pesquisadora:** E com a sua família, nesses quatro anos, você teve contato com outras pessoas?
- 2446 **Entrevistado:** Minha irmã me liga direto aqui. Converso com ela, minha mãe e elas me ligam, mandam
 2447 carta. Tem retorno, elas me respondem a carta, e-mail. Eu falo com elas só através de carta, vim aqui
 2448 elas não podem.
- 2449 **Pesquisadora:** É muito longe, né?
- 2450 **Entrevistado:** Minha mãe só tem eu e minha irmã, então pelo fato de adoecer, minha irmã não pode
 2451 deixar ela pra vim pra cá.
- 2452 **Pesquisadora:** Entendi... Não tem outra pessoa que possa cuidar da sua mãe para que ela viaje. E
 2453 daqui dos seus amigos, o pessoal não vem te visitar? Visitavam você na penitenciária?
- 2454 **Entrevistado:** Não, lá na penitenciária quem ia era só a mãe do R. Só ela, a irmã do A. que vinha, a
 2455 D. Aqui tem visita da irmã do A., do M., o cabra que tava lá em cima comigo (*amigo dele da penitenciária,*
 2456 *na mesma cela- as irmãs desse amigo também o visitava*) tinha visita das irmãs dele. Agora, no
 2457 momento, eu tenho visita só da minha esposa.
- 2458 **Pesquisadora:** Entendi. Mas ela sempre vem aqui? Vocês têm direito à visita íntima?
- 2459 **Entrevistado:** Tem sim, ela vem sempre.
- 2460 **Pesquisadora:** Então ela participa da APAC?
- 2461 **Entrevistado:** Participa. Ela vem todos os domingos e nas quartas-feiras de 15 em 15 dias.
- 2462 **Pesquisadora:** E como são as relações aqui com os funcionários, com os inspetores e com a diretoria
 2463 da APAC?
- 2464 **Entrevistado:** A relação nossa aqui? É boa, graças a Deus. Sei respeitar todo mundo, uma coisa que
 2465 minha mãe sempre me ensinou é o respeito. Eu respeito todo mundo, tanto o J. como a P., todos do
 2466 escritório e os plantonistas, todos pra mim são maravilhosos. Não tenho nada o que queixar, todos
 2467 trabalham bem e todos estão de parabéns pelo trabalho. A única coisa que não faço é desrespeitar
 2468 alguém. Sempre quando eu penso em falar alguma coisa, por mais certo ou errado, eu fico calado, eu
 2469 não sei responder. Acho que é por isso que me dou bem com todo mundo.
- 2470 **Pesquisadora:** Então, em algumas situações você se segura?
- 2471 **Entrevistado:** É tem coisas que eu me seguro, mas não respondo não.
- 2472 **Pesquisadora:** Em relação à penitenciária, você faz alguma comparação ou não?
- 2473 **Entrevistado:** Faço. Pelo tempo que fiquei lá, três anos, o banho de sol que era quarenta minutos,
 2474 depois tinha que entrar pra dentro da cela e ficava a semana todinha dentro da cela. Não saía, a roupa
 2475 não tinha como lavar, depois que a SUAPI assumiu lá tem um lavatório, mas lá pra mim é uma coisa
 2476 muito terrível. Não sei se eu ia aguentar ficar mais lá não. Tem muita diferença, graças a Deus aqui a
 2477 coisa mudou, a gente tem liberdade de ver uma televisão, de jogar um futebol, de fazer crochê, tricô,
 2478 dialogar com os companheiros, ouvir uma música e lá em cima não tem isso não. É muito complicado,
 2479 dá dez horas da noite eles desligam tudo pra ninguém ouvir nada. Aqui não, é totalmente diferente,
 2480 sinto como se estivesse na minha casa. Eu falo pros companheiros que eu sou o preso mais feliz dessa
 2481 APAC!!!
- 2482 **Pesquisadora:** Você também era bem-humorado?
- 2483 **Entrevistado:** Sim, toda vida. É o meu jeito, apesar de.. assim, estou preso pelo seguinte:
 2484 (*desabafos quanto a sua condenação*). Sei que..., eu nunca falei isso aqui pra ninguém, sempre quando
 2485 perguntava eu nunca quis dizer que
- 2486
- 2487 *Entrevistadora ouviu o relato e desabafo do condenado que chorou muito e o orientou a procurar a*
 2488 *defensoria pública para ver a possibilidade de um recurso, bem como se orientar com a estagiária*
 2489 *jurídica da APAC. Omissão de trechos por aspectos éticos.*
- 2490
- 2491 **Entrevistado:** Eu nunca me expus pra ninguém. Mas tem hora que dá revolta.
- 2492 **Pesquisadora:** Entendi. Imagino o quanto você fica aborrecido com isso! A APAC também é uma
 2493 execução penal, então tem uma relação com a justiça, o Tribunal de Justiça, a promotoria ou a juíza
 2494 da vara. Como você vê essa relação da APAC com a justiça?
- 2495 **Entrevistado:** Aqui na APAC as coisas que devem ser feitas é tudo documentado com a juíza, a
 2496 promotora né? Tudo aqui é em cima da lei, é comunicado direitinho se pode fazer aqui ou se não pode.
 2497 Então esse aspecto da APAC, pra mim, eles fazem tudo em cima da lei, as coisas certas, corretas.

2498 Nada aqui é feito sem autorização da juíza, até pra gente ir num evento, que nem eu, que estou
 2499 participando de um coral. Eu canto, né? E quando a gente vai na igreja cantar tem que ter o aval da
 2500 juíza, se pode ou não pode, se ela não aceitar a gente não vai, entendeu? Então aqui só trabalham em
 2501 cima da lei. Juíza, promotora, todos os relacionamentos são bacanas.

2502 **Pesquisadora:** Você acha que tem uma parceria da justiça com a APAC?

2503 **Entrevistado:** Tem, tem uma boa relação. Admiro muito a Doutora M., pra mim é uma ótima juíza.

2504 **Pesquisadora:** Sua audiência não foi aqui né?

2505 **Entrevistado:** Não, foi em S. Mas minha precatória é toda aqui né, tô respondendo tudo aqui e
 2506 preferindo pagar aqui. No dia do julgamento me perguntaram se eu queria ficar lá e eu não quis não
 2507 porque eu já tinha relação, conhecimento das pessoas. Porque o presídio de lá tem briga todo dia e
 2508 toda hora, então eu falei que pretendia descer do presídio pra APAC e que ia pagar aqui porque já
 2509 conhecia as pessoas, tinha mais intimidade. Inclusive a Doutora M. falou que eu ia descer pra cá e eu
 2510 desci. Faz quatro anos que eu tô preso e minha conduta sempre foi ótima, nunca tive problema nem lá
 2511 em cima nem aqui. Lá em cima eu nunca respondi para um agente, nunca chutei uma grade. Aí eu pedi
 2512 pessoalmente pra Doutora M. a oportunidade de estar vindo pra cá e ela concedeu. Pedi num dia e no
 2513 outro ela concedeu, com três anos lá em cima.

2514 **Pesquisadora:** Qual o significado da APAC para você?

2515 **Entrevistado:** A APAC pra mim é tudo de bom, porque depois que eu conheci a APAC eu me firmei
 2516 mais com as coisas, meu pensamento não era igual ao que eu penso agora não. Antes eu pensava
 2517 totalmente diferente, quando estava lá em cima meu pensamento era outro. Aí quando conheci a APAC,
 2518 meu pensamento é mais de vencer essa batalha aí, montar meu próprio negócio, inclusive eu fiz um
 2519 curso de culinária e eu pretendo montar uma lanchonetezinha pra mim e fazer todos os cardápios que
 2520 eu aprendi, porque eu vou ganhar o livro. E tudo isso é graças à APAC, porque quando eu desci aqui
 2521 meu pensamento era só fazer bobagem. Eu pensava só em fazer bobagem na hora em que eu sair. Aí
 2522 depois que eu conheci aqui, minha vida melhorou bastante, lá em cima eu não falava com a minha
 2523 família, briguei com eles. E aqui eu tenho direito à ligação três vezes por semana, sete minutos. O
 2524 atendimento do pessoal do escritório é muito bom, então no dia a dia eu consigo vencer porque a APAC
 2525 pra mim é como se eu tivesse na minha casa, é muito bom. Gosto de trabalhar, uma coisa que eu não
 2526 tenho comigo é preguiça, sou pessoa de muita responsabilidade. Eu comecei minha vida cedo, eu
 2527 sempre cuidei dos meus quatro filhos, para todos eu já deixei a casinha pronta para morar. Depois que
 2528 eu cheguei na APAC, meu pensamento é só de montar meu próprio negócio, uma lanchonetezinha,
 2529 fazer as coisas que aprendi, eu adoro cozinhar. Inclusive já tive a oportunidade de ser cozinheiro aqui,
 2530 eu trabalhei, e lá fora como eu já tenho comércio - é um bar - eu pretendo fazer lanchonete, vender só
 2531 coisa de alimento, essas coisas naturais, empadinha, coxinha.

2532 **Pesquisadora:** Você tinha um pensamento de revolta?

2533 **Entrevistado:** De revolta! De revolta com o rapaz que falou que tinha sido eu (*corte por questões*
 2534 *éticas*). Quando eu tava (sic) lá em cima meu pensamento era(*cortes por questões éticas*)

2535 **Pesquisadora:** Um acerto de contas?

2536 **Entrevistado:** *Desabafa novamente sobre seu julgamento.*

2537 **Pesquisadora:** Você pegou uns três anos a mais, você deveria ter saído temporariamente em 2012.
 2538 Com a remição de pena você vai cumprir até quando?

2539 **Entrevistado:** No dia 10 de junho de 2016 tem o "saidão" (*saída temporária autorizada pela justiça*).

2540 **Pesquisadora:** Tem alguma coisa aqui na APAC que te incomoda, deixa preocupado ou chateado?

2541 **Entrevistado:** A única coisa é a saudade que eu tenho da minha mãe e dos meus filhos só. De resto,
 2542 sou feliz e gosto de tudo. Nada me incomoda!!!

2543 **Pesquisadora:** Como tem a APAC de J. que é uma cidade mais próxima da cidade da sua mãe você
 2544 está pensando em pedir uma transferência, como havia comentado comigo?

2545 **Entrevistado:** Eu tava pensando nisso, mas é que eu gosto daqui, né?

2546 **Pesquisadora:** E também tem a questão da sua esposa estar aqui.

2547 **Entrevistado:** É... mas se eu chegar a fazer esse pedido e for aceito - eu ainda vou pensar se vou
 2548 fazer isso - ela vem embora também. Ela fica meio assim, ela fala que quando conhece um preso, o
 2549 preso tá preso, depois sai e faz de conta que não conhece, porque já vi muita coisa assim, tem homem
 2550 que tá preso, a pessoa chega ali começa a gostar do preso e depois na hora que sai faz de conta que
 2551 não conhece a mulher, que nunca viu. Já a C. não, ela é uma pessoa mais madura, tem 41 anos, muito
 2552 batalhadeira (sic) e sofrida na vida. Aqui pra nós, ela leva os artesanatos que faço pra rua, me ajuda a
 2553 vender, ajuda no dia a dia, mas eu pretendo ajudar ela porque.... (*cortes por questões éticas*).

2554 **Pesquisadora:** Entendi. Você fica preocupado com ela (*a esposa*) lá fora e com saudade da sua mãe?

2555 **Entrevistado:** É mais uma preocupação, porque eu me pego pensando se ela almoçou, se jantou, tá
 2556 dormindo ou na rua... (*cortes por questões éticas*). Daí ela abriu mão de tudo pra poder ficar comigo,
 2557 inclusive da família, porque o irmão dela não conversa mais comigo, por causa dos nossos negócios

2558 aí, queria afastar ela de mim e pediu para que ela não viesse me visitar, nem na íntima nem de domingo.
2559 Ele falou pra ela escolher ou eu ou eles. E ela me falou que estava disposta a abrir mão da família pra
2560 ficar do meu lado e a única coisa que eu pretendo no momento é ajudar ela a sair do vício.. (*cortes por*
2561 *questões éticas*).

2562 **Pesquisadora:** Obrigada pela participação e pela contribuição na pesquisa (...)
2563 **Novos desabafo...**

2564 **Entrevistado:** Vou pensar, eu nunca me abri assim, nunca falei disso. Se eu tivesse lá fora, tanta coisa
2565 já tinha ganhado na vida. Sempre gostei de trabalhar e eu perdi tudo, ganhava R\$ 3 mil por mês.
2566 Pagamento de aluguel, de almoço, jantar fino eu pagava. Morava sozinho numa casa com dois quartos,
2567 sala, cozinha, banheiro, garagem. Se não tivesse sido preso nós já tinha (sic) construído uma casa por
2568 aqui já. No tempo em que eu tava (sic) lá em cima meu pensamento era totalmente diferente. Porque
2569 eu penso que o que eu tô (sic) pagando hoje é culpa do Fulano, pensei muita maldade com ele já.
2570 Agora não (*Cortes por questões éticas*). Mas hoje eu não penso mais em vingança, quero apenas paz.
2571 Me desculpa o desabafo, mas eu não tenho com quem desabafar e eu senti segurança em falar isso
2572 para a senhora. Desde o primeiro dia que eu vi a senhora, eu senti que poderia conversar...

2573 **ANEXO B- Transcrição da entrevista realizada com uma pessoa em cumprimento de pena do**
 2574 **regime semiaberto**

2575

2576 **Pesquisadora:** Eu vou te perguntar algumas coisas, mas se você não se sentir à vontade para
 2577 responder, basta me dizer que eu paro a gravação. Conta para mim sua história aqui na APAC. Como
 2578 foi o contato com a APAC e como você chegou aqui?

2579 **Entrevistado:** Eu cheguei e só tinha dez condenados e todos ficavam juntos no regime fechado e
 2580 semiaberto juntos. A gente nunca sabe nada né, só imaginava que seria melhor que o presídio.

2581 **Pesquisadora:** Você ficou um tempo no presídio e soube da APAC, daí fez um pedido para vir para
 2582 cá?

2583 **Entrevistado:** Na verdade foi a moça que fez para mim.

2584 **Pesquisadora:** A moça do presídio?

2585 **Entrevistado:** Não a do fórum. Porque ela me conhecia desde menino e eu já trabalhei com ela, e
 2586 porque eu era de menor.

2587 **Pesquisadora:** E ela te falou da APAC e fez o pedido?

2588 **Entrevistado:** Ela pegou e me falou pra eu ficar quietinho. Eu já sabia da APAC, né? Quando fui para
 2589 o presídio a primeira vez eu já passei por ela. E ela me falou pra eu ficar sossegado lá porque eu ia
 2590 descer pra cá (sic). Para não cometer falta, esse “trem”(sic).

2591 **Pesquisadora:** Você está aqui há quanto tempo?

2592 **Entrevistado:** Sem eu ter voltado? Fiquei dois anos e oito meses. Fiquei no fechado com o semiaberto.
 2593 Porque era tudo junto na época né? E mesmo assim eu quebrei a disciplina, quebrei minha progressão
 2594 de regime aqui já. Falta grave.

2595 **Pesquisadora:** Daí...você voltou e ficou mais um tempo no presídio?

2596 **Entrevistado:** Fiquei um ano e daí voltei. Já faz uns sete ou oito meses que eu tô aqui.

2597 **Pesquisadora:** E você já veio direto para o semiaberto?

2598 **Entrevistado:** Vim direto. Eu tava (sic) no regime do semiaberto lá.

2599 **Pesquisadora:** Entendi. Para você como é essa experiência de estar na APAC hoje? Você já ficou na
 2600 APAC anos atrás, depois voltou para o presídio e agora está aqui de volta, quase indo já para o aberto.
 2601 Como que é isso para você?

2602 **Entrevistado:** Para mim foi uma experiência que passei em minha vida que foi muito boa. Aqui a gente
 2603 tem que cumprir normas, que antes não pensava nisso. Então foi uma experiência muito boa e grande,
 2604 né! Porque aqui a gente tem que cumprir normas e coisa que eu não tinha na minha vida era normas,
 2605 coisas pra cumprir. Eu fazia o que colocava na cabeça.

2606 **Pesquisadora:** Em relação ao presídio, o que você acha da APAC para cumprir sua pena?

2607 **Entrevistado:** Aqui é mais fácil né? Porque aqui a gente tá aprendendo e lá em cima a gente não
 2608 aprende, não aprende nada. Lá a gente fica o dia todo lá, as pessoas né, só pensam o que que vai
 2609 fazer lá fora, já vai conhecendo pessoas diferentes e já vai tendo um meio de voltar pro crime, né!

2610 **Pesquisadora:** Como são as relações aqui dentro entre vocês, entre os recuperandos e o restante do
 2611 pessoal?

2612 **Entrevistado:** Aqui é de boa, sempre tem casos de discussões e tem né!!! Com irmão a gente discute,
 2613 mas a relação aqui é boa. Um respeitando o outro.

2614 **Pesquisadora:** Uma vez ou outra tem algum conflito... É isso?

2615 **Entrevistado:** É. E às vezes não conversa. Mas a gente acaba não indo embora daqui sem conversar
 2616 com o rapaz. A gente não é obrigado a conversar não, mas a gente não pode negar a palavra, né!

2617 **Pesquisadora:** Se a pessoa te perguntar você responde?

2618 **Entrevistado:** É, mas são coisinhas bobas mesmo. Coisas de convivência.

2619 **Pesquisadora:** Pessoas diferentes, histórias diferentes, preferências, jeito de ser...

2620 **Entrevistado:** Pode ser, né?

2621 **Pesquisadora:** E no regime semiaberto, há muitas diferenças de idade?

2622 **Entrevistado:** As pessoas mais novas é brincam.. agora as pessoas mais velhas gostam de ficar mais
 2623 reservado, né! No sistema, foi criado num sistema diferente (sic).

2624 **Pesquisadora:** E a relação de vocês com os funcionários, inspetores, diretoria, voluntários?

2625 **Entrevistado:** A relação é boa, nós respeita (sic) e eles respeitam também. Sabem conversar com a
 2626 gente, trata a gente como ser humano.

2627 **Pesquisadora:** Quando você diz que aqui vocês são tratados como ser humano é porque você está
 2628 comparando com o tratamento no presídio?

2629 **Entrevistado:** É, hoje em dia a gente não é chamado pelo nome da gente lá em cima (*presídio*), é
 2630 chamado de preso. Não chamam a gente pelo nome, é muito raro, só quando vai fazer chamada,
 2631 quando vai fazer contagem.

2632 **Pesquisadora:** Então os agentes penitenciários têm que fazer chamada?

- 2633 **Entrevistado:** É, duas vezes ao dia.
- 2634 **Pesquisadora:** E é o único momento em que vocês são chamados, no mais não tem esse tratamento?
- 2635 Não tem brincadeira, conversa?
- 2636 **Entrevistado:** Ai eles respeitam o nome da gente, no mais não tem não.. é difícil.
- 2637 **Pesquisadora:** Entre vocês nas celas no presídio, como era a relação?
- 2638 **Entrevistado:** Era mais difícil, pra conviver lá num espaço pequeno e com a cabeça diferente, fica mais difícil. Porque já vem juntando as coisas ruins na cabeça, daí já não fica bem (sic). A família da gente passando por aqueles negócios ruins (*revistas para visita*) e a gente já fica com a cabeça ruim, né!
- 2639 Com a cabeça esquentada, acaba arrumando desavenças.
- 2640 **Pesquisadora:** Em qualquer lugar com pessoas se relacionando, mesmo na APAC ou na penitenciária, nem sempre é tão simples a relação entre as pessoas, são pontos de vista bem diferentes. Aqui por um lado tem mais regras?
- 2641 **Entrevistado:** Aqui tem lugar pra gente sair pra lá e se quiser não chegam nem a discutir com a outra pessoa. Tem lugar pra poder evitar e lá não tem.
- 2642 **Pesquisadora:** Essa última vez que você estava lá tinham várias pessoas na cela?
- 2643 **Entrevistado:** Isso, nois (sic) era quatorze em uma cela.
- 2644 **Pesquisadora:** Mas normalmente uma cela tem capacidade para seis pessoas! Mais que o dobro. Os funcionários e voluntários aqui, como se dão?
- 2645 **Entrevistado:** É que nem eu te falei, dá o respeito pra eles pra gente ganhar o respeito, né!!! Entre eles é tranquilo também, conversam muito com a gente. Dá atenção né, porque às vezes é aquela atençãozinha (sic) que precisa né?
- 2646 **Pesquisadora:** E de vocês com a diretoria? A diretoria às vezes vem aqui? E vocês interagem?
- 2647 **Entrevistado:** Conversa né!!! Vou falar de mim, eu sei quando preciso, né... Está ali, às vezes não pode atender naquele horário que a gente precisa. Ai pedem pra gente esperar, aguardar. E depois até dá atenção pra gente.
- 2648 **Pesquisadora:** A diretoria faz reuniões com vocês?
- 2649 **Entrevistado:** Faz.
- 2650 **Pesquisadora:** Tem uma reunião também entre vocês, recuperandos? Essa é a reunião prisional?
- 2651 **Entrevistado:** É, tem todo sábado, nós se reunimos ali. É a hora em que, vamos supor, durante a semana, o cara fez uma coisa que não te agradou, daí é a hora de você tá conversando com ele.
- 2652 **Pesquisadora:** E geralmente as pessoas aproveitam esse espaço para dialogar?
- 2653 **Entrevistado:** Sim, é essa a hora. Tem uns que não tem nada pra falar, mas é a hora de lavar a roupa suja.
- 2654 **Pesquisadora:** As pessoas falam, se abrem? Tem alguém que conduz a reunião, o pessoal do CSS (*Conselho de Sinceridade e Solidariedade*)?
- 2655 **Entrevistado:** Sim.. E é o pessoal do CCS, o presidente, o secretário.
- 2656 **Pesquisadora:** Chega a ter discussão?
- 2657 **Entrevistado:** Sem alteração, né!!! A gente fala o que a gente quer, mas desde que não desrespeite a outra pessoa, né!!!
- 2658 **Pesquisadora:** Com o pessoal do CCS também é tranquilo ou geralmente são grupos separados?
- 2659 **Entrevistado:** Hoje em dia tá normal com nós (sic). Nós tudo conversa, né!!! Sempre tinha aquela implicação, mas hoje em dia não tem isso mais não. Lá ficavam pegando no pé da gente, e a gente ficava com rixinha (sic) né? Mas, hoje em dia, graças a Deus, tá tranquilo.
- 2660 **Pesquisadora:** Mas se alguém fala alguma coisa que você não gostou, você desconversa, sai.... É isso?
- 2661 **Entrevistado:** A gente conversa muito, né!!! Tem algumas coisas que acontecem e a gente conversa muito pra chegar numa decisão pra resolver né!
- 2662 **Pesquisadora:** A APAC é uma execução penal e está relacionada diretamente com o Tribunal de Justiça. Como é essa relação da APAC com a promotoria ou com a juíza em sua opinião?
- 2663 **Entrevistado:** Pergunta difícil essa!
- 2664 **Pesquisadora:** Ok. Todos vocês precisam da autorização da juíza, para saírem, para mudarem de regime, irem para o semiaberto, para algum benefício. É nesse sentido, que eu falo se há uma parceria.
- 2665 **Entrevistado:** Para sair (*ordem de prisão*), esse trem (sic) é fácil, eles resolvem muito rápido. O papel deles fazem aqui, mas o negócio lá é devagar (sic). Pode ser também porque tá cheio né? Prender, eles prendem a gente na hora certa. Quando é hoje, é hoje. Agora soltar está difícil mesmo, mas não é aqui é lá (*Fórum*) que tem dificuldade.
- 2666 **Pesquisadora:** Você diz porque, por exemplo, tem um rapaz que já está com o tempo de pena vencido e você está com o tempo vencido para ir para o aberto?
- 2667 **Entrevistado:** É, porque no dia em que venceu eles tinham que pôr a gente, né! Tem aquela tolerância de uns dez dias, né? É ruim, porque eu estou precisando sair para trabalhar, ajudar a família, né!!!

- 2693 **Pesquisadora:** Lá fora, você tem pais?
- 2694 **Entrevistado:** Tenho mãe e irmão só, né! Tenho minha esposa, que está com minhas duas meninas.
- 2695 Elas precisam de mim.
- 2696 **Pesquisadora:** Suas filhas e sua esposa vem aqui na APAC?
- 2697 **Entrevistado:** Vem me visitar, todo domingo graças a Deus.
- 2698 **Pesquisadora:** E elas participam aqui da APAC? Chegam a participar de festinhas e atividades?
- 2699 **Entrevistado:** Participam, minha mãe é que está mais devagar porque tem que cuidar do meu
- 2700 padrasto, né!!!
- 2701 **Pesquisadora:** Ele é doente e ela fica cuidando dele...
- 2702 **Entrevistado:** É, e ela vem menos. Minha esposa vem mais.
- 2703 **Pesquisadora:** Sua esposa já te visitava quando você estava no presídio?
- 2704 **Entrevistado:** Visitava. Esse tempo todo que eu tô preso ela tá comparecendo, nunca foi preciso ela
- 2705 faltar.
- 2706 **Pesquisadora:** Tem alguma coisa que te incomoda na APAC? Que te preocupa, deixa chateado,
- 2707 atrapalha ou que te gera uma inquietação?
- 2708 **Entrevistado:** Só o fato de estar preso mesmo e de estar com o tempo vencido!
- 2709 **Pesquisadora:** Quando você diz só o fato de estar preso é uma coisa muito complexa na verdade,
- 2710 porque é ficar longe de casa e da esposa e tem a saudade das suas filhas também, né? Por mais que
- 2711 elas venham todo domingo, você não está do lado delas todo dia e com sua esposa.
- 2712 **Entrevistado:** Não completa a gente, né! A mais velha eu já não vi crescer, ela tá (sic) com oito anos.
- 2713 Eu tenho uma de dois anos e seis meses e na época em que eu fui preso, a mais velha estava com
- 2714 dois e seis, estava com a idade da mais nova, entendeu? O bom é que agora vai ter essa oportunidade,
- 2715 ver ela crescer e estar participando, né!!!
- 2716 **Pesquisadora:** Qual o significado que a APAC tem para você e sua família?
- 2717 **Entrevistado:** Ela me ajudou, né!!! Porque eu era outra pessoa, totalmente. Até minha esposa me falou
- 2718 que eu não tinha juízo não. Graças à Deus, agora eu até parei de beber (e eu bebia muito). Nossa,
- 2719 mudou totalmente. Aprender a gostar do trabalho. Antes eu não trabalhava não, só quando era mais
- 2720 novo e morava na roça, trabalhava dia e noite. Aqui a gente trabalha todo dia e vai acostumando, tem
- 2721 que trabalhar. Agora, graças à Deus, toda vez que eu saio da APAC (*saída temporária autorizada pelo*
- 2722 *juiz*), não saio de casa, fico mais dentro de casa. Fiquei mais caseiro. Fico mais em casa, só não quando
- 2723 eu estou trabalhando. Quase não saio não. Essa saída, pra mim, o valor que ela tem é que eu posso
- 2724 ficar a noite com minha esposa, né! Com as minhas meninas, posso levar elas pra escola, na creche.
- 2725 O valor que ela tem pra mim é isso, não faço outras coisas.
- 2726 **Pesquisadora:** O pessoal da penitenciária também tem essas oportunidades de "saidão" (*saída*
- 2727 *temporária autorizada*)? No semiaberto, é direito?
- 2728 **Entrevistado:** É, depende da pena e do cumprimento da pena. As vezes tem que pagar tanto, né!!! Às
- 2729 vezes, é porque se tornou mesmo, porque foi sentenciado.
- 2730 **Pesquisadora:** Tem alguma coisa que você gostaria de dizer a respeito da APAC ou da penitenciária?
- 2731 **Entrevistado:** O que penso é que apesar de estar preso, de todo jeito, mas tenho que agradecer por
- 2732 ter existido essa casa. Ela me ensinou muita coisa.
- 2733 **Pesquisadora:** A questão da remição de pena também ajuda?
- 2734 **Entrevistado:** Ajuda demais, nossa! Acaba dando uma diferença grande. Porque eu sempre precisei
- 2735 pra progredir para o regime semiaberto, então, sempre adiantou. Senão era pra eu ficar no regime
- 2736 fechado mais tempo, né!!! Ajuda demais.. só tinha que ser dois por um né, pra acabar mais rápido.
- 2737 **Pesquisadora:** Tem outras APACs que são dois dias por um para remição de pena, né?
- 2738 **Entrevistado:** Não sei, na cozinha trabalha todo dia, mas é três por um também.
- 2739 **Pesquisadora:** Às vezes eles também revezam, não são sempre os mesmos. Não sei se em outras
- 2740 comarcas é diferente, se é remição de dois por um, não sei se varia de comarca por comarca.
- 2741 **Entrevistado:** Podia ser isso, porque ia ajudar mais ainda, né?
- 2742 **Pesquisadora:** Com relação à estrutura, alimentação e assistência médica, como é aqui?
- 2743 **Entrevistado:** É bom. Tem diferença pro que a gente já passou, né!!! A diferença pelo que a gente
- 2744 passou, é excelente.
- 2745 **Pesquisadora:** No presídio, como que é?
- 2746 **Entrevistado:** Ué, um auxílio ali só se a gente estiver morrendo mesmo!!! Ali é difícil, agora não sei
- 2747 com esse povo aí, com a SUAPI. Mas mesmo com eles, porque eu acho que eles não estão adaptados
- 2748 direito aqui dentro da penitenciária, né!!! Aqui (*na penitenciária*) já não tem, tem uma ou duas
- 2749 enfermeiras.
- 2750 **Pesquisadora:** E tem assistente social? Psicóloga?

- 2751 **Entrevistado:** Tem, tem. Depois que assumiu a SUAPI, porque antes não tinha não. Eu já passei por
2752 elas, mas pra gente chegar até elas é difícil, tem advogado. Advogado é mais difícil ainda. Agora, não
2753 sei esses sete, oito meses que estou aqui. Quando eu estava lá era difícil.
- 2754 **Pesquisadora:** A advogada presta uma assistência para vocês, igual a estagiária? Não é a sua
2755 advogada, mas te dá uma assistência? Ajuda com a papelada?
- 2756 **Entrevistado:** É, dá assistência sim, entra com pedido de alguma coisa.
- 2757 **Pesquisadora:** Então, hoje, tem mais assistência do que antes, quando não tinham esses profissionais,
2758 mas você não pode agendar e ter escolta na hora, como é feito na APAC, então?
- 2759 **Entrevistado:** Sim, não é a hora que a gente quer não. É a hora deles.
- 2760 **Pesquisadora:** E a escolta é com a polícia civil?
- 2761 **Entrevistado:** Não, é a com a SUAPI. Antes era a civil ou militar, né!!!
- 2762 **Omissão por aspectos éticos...**
- 2763 **Pesquisadora:** E o braço, algemado, quanto tempo?
- 2764 **Entrevistado:** Três dias.
- 2765 **Pesquisadora:** Tomando medicação?
- 2766 **Entrevistado:** Tomei a medicação só no segundo dia, porque nós chegamos de tarde, né!!! Seis horas
2767 da tarde, eu fui o primeiro a chegar ali.
- 2768 **Pesquisadora:** E quanto a sua família, como eles se relacionam aqui com a APAC?
- 2769 **Entrevistado:** A APAC aproximou demais a gente. O que eu mais faço é pra elas né *(para as filhas)!!!*
- 2770 **Pesquisadora:** Suas filhas te visitavam no presídio também?
- 2771 **Entrevistado:** Entrava, toda visita.
- 2772 **Pesquisadora:** Suas duas meninas com a sua esposa?
- 2773 **Entrevistado:** É, tá doído, era difícil. Tinha espelho pra mais velha abrir as pernas, a de oito anos. A
2774 pititinha (sic) tirava tudo, tirava a fralda dela e abria as pernas. A que ela estava não podia entrar, tinha
2775 que trocar e entrava com outra.
- 2776 **Pesquisadora:** Entendi, muito obrigada. Eu agradeço pela sua participação na pesquisa. Muito
2777 obrigada pela sua disponibilidade.
- 2778 **Entrevistado:** Por nada.

2779 **ANEXO C- Transcrição da entrevista realizada com um inspetor de segurança**
 2780

2781 **Pesquisadora:** Quando você chegou na APAC?

2782 **Entrevistado:** Eu fui informado dia 23 ou 24 de dezembro de 2014 (*que havia passado no processo*
 2783 *seletivo*) e comecei o primeiro dia em treinamento em 26 de dezembro, depois 27 e 28. E, então,
 2784 comecei no dia primeiro ou segundo de janeiro, não me lembro bem, não sei quando caiu a minha
 2785 escala, e comecei como plantonista já. Fiquei dois dias em treinamento e depois, logo mais, assumi e
 2786 fui registrado em janeiro de 2015.

2787 **Pesquisadora:** Você já conhecia a APAC ou já tinha ouvido falar?

2788 **Entrevistado:** Já havia ouvido falar. Na minha cidade tem uma. Eu sou de P. Tem o presídio e de
 2789 alguns anos pra cá quem toma conta é a SEDS, de alguns anos para cá, e tem a APAC. Eu conhecia
 2790 o trabalho, sabia da APAC, mas nunca havia entrado numa APAC. Sabia que era só o pessoal com
 2791 bom comportamento, tudo mais, descia do presídio pra APAC e aquela coisa toda. Esse sistema eu
 2792 conhecia, mas entrar dentro de uma APAC, aqui foi a primeira vez.

2793 **Pesquisadora:** E quanto a sua história nesses nove meses, qual é a sua experiência com a APAC? O
 2794 que você poderia falar sobre a APAC hoje?

2795 **Entrevistado:** Acho que aqui a gente aprende, ensina, cresce. Não tem só rosas, se eu falar pra você
 2796 que é tudo lindo, é mentira, não, não é!!! A gente sempre tem os contratempos, acredito que é como
 2797 em qualquer outro trabalho, né! É um trabalho que exige uma dedicação e uma atenção, exige um
 2798 comportamento que você tenha compostura diante dos recuperandos. Você precisa ter um
 2799 distanciamento, ora você precisa ter proximidade, precisa ter esse vai e vem. Precisa ter a percepção
 2800 de que é necessário, às vezes, dar um passo à frente, e, às vezes, um passo atrás. Porque uns
 2801 respondem por homicídio, outros por tráfico de drogas, então assim, são pessoas que estão no
 2802 processo de recuperação, então você tem que ter esse vai e vem. Eu costumo dizer como um elástico:
 2803 estica, volta, estica, volta. Para que a pessoa possa... você trabalhando o método consiga o objetivo
 2804 que é a APAC. Não sei se estou com 100% de razão, mas acho que o grande objetivo desse método
 2805 é pegar essa pessoa que cometeu um crime e que está no mundo do crime e conseguir trazer de volta.
 2806 A primeira frase que me chamou a atenção quando entrei aqui e que fica lá em frente, assim, quando
 2807 você entra, na sala do plantonista, que diz: "aquele que vier, e de onde vier, venha em paz". Então acho
 2808 que esse é o objetivo. Aqui eu vejo hoje com a experiência que eu tenho - ainda muito pequena e
 2809 imatura - acredito eu, a APAC como, não digo solução, seria pretensão minha, mas um grande pontapé
 2810 para resolver o problema do sistema carcerário brasileiro, porque a gente consegue abrigar uma
 2811 quantidade de encarcerados que desce de lá pra cá e consegue desafogar esse sistema.

2812 Então acho que ainda tem muito pouca APAC, a APAC tem acho que 50 ou 60 anos, mas acho que
 2813 precisava ter mais APAC. O trabalho é interessante, é pegar aquele cara que tava (sic) ali em cima e
 2814 que sofreu opressão (eles chegam com esses resquícios de lá, resquício do crime, da cadeia) e a gente
 2815 conseguir muito bem moldar, trazer ele de volta. Uma verdade e uma realidade. Uma verdade é que
 2816 eles são condenados pela justiça e a realidade é o que se vive aqui a cada dia. Então, é tentar tirar
 2817 esse criminoso, como na frase do Mário Ottoboni, se não me engano, que diz: "o crime fica lá fora, o
 2818 criminoso a gente traz ele pra cá", a gente traz pra recuperar. Eu acho interessante que aqui eles são
 2819 chamados de recuperandos, recuperar, ressignificar, de mudar!!! Então o que eu tiro de lição é que
 2820 tinha de ser, e não é, a menina dos olhos. Acho que a APAC consegue desafogar o sistema prisional,
 2821 trazer aquele cara de volta aquele cara do crime para a sociedade e consegue também ensinar
 2822 profissões, tem um respeito à família e todo um método a seguir que vai trazendo esses valores de
 2823 volta e é um processo. Esses dias escutei uma frase do gerente que dizia: "a gente precisa de mais
 2824 tempo". O recuperando que chega aqui e fica 15, 20 dias ou dois meses é pouco. A gente não consegue
 2825 fazer ferver nesse pouco tempo. Precisa de mais tempo de convivência, os atritos que dão, aquela
 2826 coisa toda. Então a gente precisa de um pouco mais pra poder resgatar. São 20 anos no crime e você
 2827 tem poucos meses pra trazer de volta, é complicado. É um processo, mas eu acredito que funciona,
 2828 acredito, do fundo do meu coração. Esses dias eu fiz uma foto dessa rosa que fica aqui do lado, no
 2829 jardim e, se você bater ela de longe você pega um pedaço do muro com as concertinas e dá pra ver
 2830 que é cadeia, dá pra ver que é um muro de um sistema carcerário. Mas quando você pega o foco e
 2831 põe a câmera bem mais perto, é uma rosa, como todas as outras. Então, olhando do jeito certo você,
 2832 consegue o seu objetivo. Acredito que com um olhar diferenciado a gente consegue trazer muita gente
 2833 de volta e não é porque alguém perdeu o seu caminho que se perdeu pra sempre. Acredito dessa
 2834 forma. Não sei se respondi a sua pergunta? É um discurso né?

2835 **Pesquisadora:** Sim. É a sua experiência aqui dentro mesmo. Na sua opinião, como que se dão as
 2836 relações entre os recuperandos de cada regime?

2837 **Entrevistado:** Olha, na maioria dos casos... É o que eu pude perceber é que isso vai de encontro às
 2838 circunstâncias. Tem uma frase do meu avô que diz: "a ocasião faz o ladrão". Então, depende muito da

2839 circunstância que a gente vai conseguir e do convívio também. Eu assisti uma palestra do padre Léo
 2840 em que ele diz que o único lugar que um ser humano consegue ficar do lado do outro sem brigar,
 2841 implicar ou por defeito é no cemitério. Então aqui, como em qualquer lugar, na sua casa, como na
 2842 minha casa, existem contratempos. Emburram... é igual menino, mas no geral, é um convívio até
 2843 tranquilo, se você for analisar, mas depende muito da circunstância, cada caso é um caso, cada dia é
 2844 um dia. Eles usam muito um termo aqui que é "a cadeia tá pesando", é a saudade da família, uma visita
 2845 domingo que trouxe a notícia que seu pai não está bem, uma má notícia, então é muito variável. Mas
 2846 em si, o comportamento entre eles geralmente é de amizade, companheirismo. O método pede isso,
 2847 de recuperando ajudar recuperando, então tem essa metodologia! Mas na maioria dos casos são os
 2848 "irmãos" do convívio" que eles falam!!!

2849 **Pesquisadora:** As coisas do dia a dia...

2850 **Entrevistado:** É, não é nada que você possa dizer que está exorbitante, algo extraordinário, não tem
 2851 esse tipo de situação. Eu usaria o exemplo de você morando em uma casa, com o esposo e três filhos.
 2852 Um quer assistir o SBT, o outro quer assistir a Globo, alguém tem que ceder.

2853 **Pesquisadora:** E aqui são idades diferentes, maturidades diferentes?

2854 **Entrevistado:** Sim, criações diferentes, personalidades diferentes, culturas diferentes.

2855 **Pesquisadora:** Idades, maturidades, personalidades e até expectativas para o futuro são
 2856 diferenciadas...

2857 **Entrevistado:** É variável. Alguns querem ir embora da cidade, outros são de fora e querem retornar
 2858 para sua terra. Então numa visão geral é um convívio até tranquilo. Culturas diferentes, como você
 2859 falou, mas é tranquilo. Eu definiria como tranquilo. Nada que você precisasse intervir sempre, tem um
 2860 método próprio, o próprio método diz o que pode e não pode, então tem as restrições e as regras da
 2861 casa também. Eu vejo um trabalho assim preventivo e contínuo. Então, antes que o negócio tome
 2862 proporções maiores, é feito um trabalho de conversa, individual, então tem esse relacionamento. E
 2863 principalmente aqui, por não ter um número tão grande de pessoas, a gente ainda, nesse momento,
 2864 consegue olhar nos olhos, conversar e perguntar o que está acontecendo. Entendo dessa maneira.
 2865 Ainda consegue fazer uma troca de informações, chama no particular, conversa, a pessoa desabafa.
 2866 Mas como te falei, nem todos os dedos da mão são iguais!!!

2867 **Entrevistadora:** Tem alguns que ficam mais reclusos dentro do dormitório, que não interagem...

2868 **Entrevistado:** É, mas tem dia que determinado recuperando quer ficar mais tranquilo. Tem dia que
 2869 está mais irritado, então isso é normal. Eu também sou assim, tem dia que eu levanto e não quero nem
 2870 me olhar no espelho. Nós somos assim, o ser humano é assim, tem dia que está mais tranquilo, tem
 2871 dia que está mais distante, outro dia está mais apaixonado, quer escutar Zezé de Camargo, Eduardo
 2872 Costa, Rinaldo Rossi, vai sofrendo... (rsrsrs).

2873 **Pesquisadora:** risos.

2874 **Entrevistado:** É um sistema carcerário? É. Então é um sistema carcerário, não podemos fugir disso.
 2875 Estamos lidando com condenados da justiça sim, mas também são seres humanos. Então tem um
 2876 paralelo e a gente tem que ficar no meio. Você lembra do que disse de um gráfico que sobe e desce o
 2877 tempo todo igual um batimento cardíaco? É assim, o tempo todo, ora tem que ter mais rigor, ora tem
 2878 que ser mais amável, mais afetuoso. Tem hora que você tem que punir, e quando punir, tem que punir
 2879 com rigor, senão não educa. Eu vejo nosso trabalho, não como educação, porque isso vem de trás,
 2880 vem da família, mas uma reeducação ou uma instrução, talvez, né!!!. Vejo nosso trabalho dessa forma,
 2881 é todo dia. Tem dia que te enfeza, pirraça o tempo todo e você tem que ter esse controle nas mãos,
 2882 analisar a questão e ver que o dia foi agitado e tudo mais, tem que olhar, observar. Eu colocaria como
 2883 um vai e vem, um vai e vem o tempo todo.

2884 **Pesquisadora:** Até porque, como você falou, chegam informações novas a cada visita. Isso pode
 2885 deixar eles mais felizes com notícias boas ou entristecidos, preocupados com algum fator que é até
 2886 externo como a família.

2887 **Entrevistado:** Eu sempre digo, informação é uma coisa e abraçar um problema ou situação é outra.
 2888 Conforme a sua condição você não tem como fazer nada. Então eu digo assim. Já disse muitas vezes:
 2889 "se você pegar o problema lá da sua família e trazer aqui pra dentro você não aguenta ficar aqui" e
 2890 "se você pegar um problema seu aqui e entregar pra sua família também não vai conseguir", então
 2891 roupa suja se lava em casa. Quando você estiver lá, você consegue resolver do seu jeito, mas aqui
 2892 dentro a gente resolve do nosso jeito. A gente conversa e entra num acordo, tenta resolver de alguma
 2893 forma. Esse é o conselho que dou, não adianta ficar pensando, minha mãe, meu pai, que está
 2894 acontecendo isso, você não está lá. Vive-se uma realidade aqui dentro e essa realidade tem que ser
 2895 levada a sério. Isso aqui é um sistema carcerário, mas tem que ser levado muito a sério, porque é uma
 2896 forma mais digna de se pagar. É mais tranquilo. Você tem a tranquilidade de servir a comida no seu
 2897 prato direto da panela. Tem condição de receber seus familiares aqui num pátio, tranquilo, na sombra.
 2898 Pode ficar um tempo com eles, conversar. Aqui você tem um chuveiro quente. Então eu acho que isso

2899 já é um bom negócio. Pessoas que podem conversar com você, tratar, te olhar nos olhos, você pode
2900 desabafar. Até um dia eu disse que um erro pequeno como esquecer o chinelo onde não pode ou
2901 esquecer de arrumar a cama, eu digo que esse tipo de erro é pra se fazer aqui. Para que vá errando,
2902 mas também vá se corrigindo nesses pequenos erros. Penso assim, não pode... Por exemplo, um
2903 pequeno erro, alguém colocou a caixa de som mais alto e não pode, aí você passa de novo e ele tá
2904 com a som alto de novo, você tem que falar. São 39 no total, se todo mundo quiser botar a caixinha
2905 alta, isso vira uma casa noturna de tanto barulho, não pode. Não é o objetivo, o objetivo é que você
2906 possa escutar sua música, mas também respeitando o colega que tá do lado. Porque às vezes você
2907 quer escutar uma música e ele não quer, quer fazer outra atividade. É esse sobe e desce que eu te
2908 disse. Sempre esse vai e vem. Toda essa elasticidade.

2909 **Pesquisadora:** E a interação entre funcionário e voluntário? Aqui parece que tem poucos?

2910 **Entrevistado:** Teve um curso de voluntários, temos alguns cadastrados, mas a nossa relação é
2911 tranquila!!! No meu horário vejo poucos, normalmente é mais no fim de semana que tem auxílio, e eu
2912 quase não venho. Mas os que visitaram no plantão que eu estava foi tranquilo e foi válida a ajuda!!!
2913 Porque no momento em que uma pessoa exerce uma função num dado local você deixa sob a
2914 responsabilidade dela. Assim, claro que o plantonista sou eu e a responsabilidade sobre o que eu
2915 preciso fazer do meu trabalho não posso colocar nas costas de ninguém. Mas é alguém que vem
2916 disposto a ajudar e toda ajuda é válida.

2917 **Pesquisadora:** A relação dos recuperandos com os funcionários, com a diretoria?

2918 **Entrevistado:** Eu acho que é tranquilo. É tranquilo. A gente não tem tido tem dificuldade não. Como
2919 eu disse, é como se fosse a família, né!!! A gente sempre tem um contratempo ou outro, tem quem a
2920 gente gosta mais, menos. Tem uns que gostam mais de determinado plantonista, é questão de bater o
2921 santo. Gostar não é porque é melhor ou pior do que ninguém, é questão de comunicação, de afeto, sei
2922 lá, gostei do jeito dele. Tem gente com mais afinidade com um, outro, ninguém vai agradar todo mundo.
2923 O objetivo não é agradar todo mundo, mas fazer esse trabalho, um dia de cada vez. Acho tranquilo,
2924 tem a hora de recreação, a hora de sorrir, de brincar e de disciplina.

2925 **Pesquisadora:** Como a APAC faz parte da execução penal, então tem uma parceria com o Tribunal
2926 de Justiça. Como você vê essa relação da APAC com a promotoria de justiça, a vara criminal, aqui?

2927 **Entrevistado:** Olha... eu não sou daqui. Mas o pouco que eu vi até o momento é tranquilo. O gerente
2928 está na administração aqui há quatro anos, então não tenho como te falar as dificuldades que ele teve
2929 ao longo desse tempo, mas nesses oito meses que estou aqui acho que foi tranquilo. A gente teve o
2930 curso de voluntários, solicitou à juíza a liberação dos meninos e eles foram liberados. Teve os meninos
2931 que foram cantar esses dias numa apresentação na igreja e ela liberou também. Tem esse curso que
2932 temos no momento em que foi feito ofício para liberação e liberou, então acho que... não sei, como foi
2933 feita essa ligação, mas até onde posso ver acho tranquilo. Está tendo uma troca legal, mas não sei
2934 dizer com firmeza como é esse relacionamento. Minha percepção até então é de ser tranquila.

2935 **Pesquisadora:** Tem uma coisa que te inquieta ou que incomoda aqui na APAC?

2936 **Entrevistado:** Alguma coisa que me incomoda? O que mais me incomoda pessoalmente - enquanto
2937 profissional eu desempenho minha função com tranquilidade - às vezes é que nós, de certa forma,
2938 como funcionários, a gente fica um pouco preso, amarrado. Dá pra ver nos olhos de cada um que a
2939 gente tem condição de fazer mais, mas não consegue, entendeu? Por quê? Vou ser mais específico.
2940 A gente depende de uma escritura e ela não sai, então a gente precisa aumentar, mas não consegue.
2941 Precisa de estrutura melhor e não consegue, de verba, mas a verba não sai, não libera papel, não
2942 resolve. Quando eu cheguei aqui eu escutei essa história e até questionei porque dá pra se fazer mais,
2943 existe força de vontade. Então, às vezes, é necessário a gente aceitar o que dá para fazer por questão
2944 de estrutura mesmo. Isso me incomoda. Então acho que quem tem a caneta no bolso tem que ler o
2945 papel e assinar logo e despachar isso, vamo embora, toca logo (sic). O mundo tá muito acelerado, é
2946 muita informação, muita coisa é nós estamos aqui há tempos esperando uma escritura pra aumentar o
2947 nosso espaço, aumentar isso aqui, conseguir verba do governo. Aí você liga a televisão e estão
2948 roubando bilhões no mensalão, em Brasília, tão roubando e quebrando tudo, mas, e nós? Estamos
2949 esquecidos aqui. Eu participei do curso de voluntário e vi que com o dinheiro que você constrói uma
2950 penitenciária de grande porte dá pra construir 10 APACs. Numa penitenciária onde você coloca 150
2951 pessoas, o valor que você gasta pra abrigar esses encarcerados dá pra abrigar 1500 pessoas em 10
2952 APACs. Então é gritante a porcentagem em nível de valores. Então precisava que alguém olhasse pra
2953 isso. Isso me deixa um pouco chateado. Porque a gente precisava de mais. Às vezes, precisa fazer
2954 algo e não tem dinheiro. Tem que esperar porque é tudo controlado, tudo muito justo, não dá pra fazer
2955 nada. Se eu preciso de um cômodo aqui, não tem dinheiro pra levantar. Tem os meninos, a mão de
2956 obra. Mas e o cimento? O ferro? A ferragem? Então essa infraestrutura tem condição de melhorar, acho
2957 que tinha que melhorar, não é falta de esforço da diretoria. É essa ligação de alguém pra abraçar essa
2958 causa, alguém que tenha força pra fazer isso. Isso me deixa um pouco incomodado porque você fica

- 2959 sem ação, fica impotente diante disso. Eu tô (sic) aqui trabalhando e vejo que no dia a dia a gente
 2960 precisava de uma estrutura, ter uma condição melhor. Não que a gente não tenha condição de trabalho,
 2961 mas precisava melhorar. Às vezes, a gente fica preso na burocracia e isso aqui é um trabalho que tem
 2962 possibilidades de ser bem feito. Existe um esforço, uma dedicação de você como pessoa de se doar
 2963 um pouco mais, de aprender a ouvir, de aprender a ensinar, chamar a atenção com rigor na hora certa.
 2964 Às vezes, isso deixa a gente travado na burocracia. Eu vejo que devagarzinho a gente vai conseguindo
 2965 colocar as coisas para ficarem do jeito que a gente quer, do jeito que é preciso. O semiaberto não
 2966 existia há uns anos atrás aqui, era tudo de lá, consegui construir e agora tem essas duas salas aqui,
 2967 a gente já tem um conforto melhor para trabalhar. Se precisa falar alguma coisa, conversar, fazer uma
 2968 troca de informação, tem local pra isso agora. Então o que mais me deixa chateado, é realmente é a
 2969 infraestrutura. Não que não tenha, mas essa impossibilidade da burocracia que nos impede.
- 2970 **Pesquisadora:** Porque a APAC está num momento delicado. Vocês já cresceram, mas para continuar
 2971 expandindo precisa de um terreno, um espaço a mais para dobrar o número de recuperandos.
- 2972 **Entrevistado:** Existe verba do governo pra isso, mas pra que isso aconteça a gente precisa ter
 2973 escritura. O terreno já está demarcado e essa APAC aqui vem de muitos anos já nessa luta. Então o
 2974 que mais me chateia é que quando o cara está aqui, a gente tá fazendo um trabalho a partir do método,
 2975 tudo dentro dos parâmetros legais e a gente fica nessa dificuldade toda. Um dia eu disse pro senhor J.
 2976 que nós tamos (sic) abandonado aqui. Quando eu cheguei, a gente chega um pouco eufórico querendo
 2977 ser quem a gente é de verdade, querendo despejar ali o que a gente tem, porque até então a gente
 2978 está se conhecendo também. Então quando a gente chega num local assim a gente quer fazer o que
 2979 sabe fazer, quer se mostrar, a gente quer doar aquilo que sabe. Eu sinto que falta um pouco...
- 2980 **Pesquisadora:** A sociedade, a comunidade lutar mais pela APAC?
- 2981 **Entrevistado:** É, o recuperando está aqui dentro e a gente tá fazendo um trabalho aqui com ele pra
 2982 colocar ele lá de volta e que ele não vá mais pular uma casa pra roubar, ele não vai mais dar tiro em
 2983 ninguém. A gente não tem garantia disso, mas o trabalho que a gente faz é na esperança de que isso
 2984 aconteça então eu costumo dizer que cada um que a gente consegue trazer de volta é um a menos pra
 2985 pular na sua casa. Não é só responsabilidade nossa, é responsabilidade de todo mundo. Cada um tem
 2986 uma história, uma situação, algo a se cumprir, pagar. Mas acho que esse trabalho que a gente faz é
 2987 um trabalho bonito. Eu até já disse, uma parte mais teológica, Jesus foi preso, Jesus pousou na cadeia,
 2988 foi encarcerado. Um dia um homem me questionou na na rua (*sobre a APAC*), e eu digo não, não é por
 2989 aí. São assassinos sim, são traficantes, são bandidos, mas não é por aí. Não é assim que se resolve
 2990 as coisas, me incomoda essa postura de virar as costas como se o problema não fosse seu.
- 2991 **Pesquisadora:** De a população pensar que é bom a APAC, funciona melhor que a cadeia, mas também
 2992 não querer se envolver.
- 2993 **Entrevistado:** Sim, existem as exceções e tudo, mas acho que é a minoria. Acho que precisaria mais
 2994 por parte de quem tem a caneta no bolso mesmo, quem tem condições de resolver. Porque nem tudo
 2995 é dinheiro, tem um pouco de burocracia.
- 2996 **Pesquisadora:** Se tivesse pressão popular...
- 2997 **Entrevistado:** Se tivesse um diálogo, não sei. Não sou dessa cidade, estou há pouco tempo então eu
 2998 ainda não consegui entender o porquê. Se é algo que acolhe, que traz de volta, não sei por que está
 2999 demorando tanto.
- 3000 **Pesquisadora:** Se a gente for parar para pensar, geralmente são as questões políticas que envolvem
 3001 o interesse da população. Se tem pressão da população, isso ajuda. Investimento na parte de execução
 3002 penal é algo de longo prazo e que a população não tem muita consciência.
- 3003 **Entrevistado:** Acho que precisavam agir mais, acelerar um pouco mais. Não sei se eu sou muito
 3004 acelerado, quando alguém pede algo pra mim eu tento resolver na hora, dentro do que posso fazer.
- 3005 **Pesquisadora:** Penso que em cada etapa da APAC, aumente a ansiedade de vocês, porque isso aqui
 3006 começou de um terreno sem construção. E não se sabia se teria aprovação do Tribunal de Justiça para
 3007 ser denominada uma APAC. Então muita coisa já aconteceu, mas agora vocês estão num momento
 3008 delicado para continuar crescendo. Vocês precisam desses documentos legalizados para o Tribunal de
 3009 Justiça do Estado liberar mais verbas, o convênio para expansão e construção.
- 3010 **Entrevistado:** Dentro da nossa possibilidade, a gente cresceu até onde podia. Agora para crescer
 3011 mais, pra ter essa infraestrutura maior, precisa resolver essa questão. No meu ponto de vista, hoje, o
 3012 que me deixaria muito contente, não digo nem resolver propriamente esse problema, mas se
 3013 aparecesse diante de nós uma possibilidade em que isso fosse caminhando para o lado da realidade,
 3014 acho que já ficaria mais confortável.
- 3015 **Pesquisadora:** Acho que você já falou disso, mas como última pergunta, qual o significado que a APAC
 3016 tem para você hoje?
- 3017 **Entrevistado:** Olha... Eu acho que a APAC é um método que traz de volta. Ela evangeliza, cuida,
 3018 corrige... Então, eu acho que tem pouco apoio, teria que ter mais. Eu já tive propostas para sair daqui

3019 e ganhar mais, mas eu resolvi ficar. Porque é aquilo que te disse, tem uma frase assim: "além do pão
 3020 e do trabalho, o amor". Então tem que ter, a gente precisa encontrar pessoas que sejam capazes de
 3021 se doar um pouco mais daquilo que é o seu salário. Não digo sofrer junto. Aqui eu pude encontrar
 3022 pessoas com experiências não tão longes da minha, mas eu fiz uma escolha, uma opção. Então eu
 3023 vejo, eu consigo absorver isso, isso é um trabalho, o meu trabalho, mas lá no fundo existe uma
 3024 esperança de que a gente precisa colocar. Eu repito, eu tive propostas, eu tenho carta de carreta, pego
 3025 numa carreta e viajo o Brasil inteiro. Trabalhei um ano e meio de carreta aqui na cidade. Cansei um
 3026 pouco de viajar e queria ficar um pouco mais no solo e vim pra cá. Então, eu vejo aqui como um lugar
 3027 que precisa de ajuda e sempre vai precisar. É importante que, mesmo que eu faça pouco, eu faça e
 3028 não fique parado. Acho que essa disposição que a gente coloca no ambiente de trabalho, não só fazer
 3029 bem feito porque você está sendo pago por isso, mas eu acho que o importante é o que você consegue
 3030 fazer além do seu trabalho ou o que você consegue fazer com aquilo que você tem de experiência na
 3031 sua vida e colocar dignidade e trazer esperança.

3032 Acredito que a missão do ser humano é levar Deus até o outro e isso é importante. Às vezes nem
 3033 sempre os que estão aqui, também com os que estão lá fora, não é dinheiro que eles precisam. Dinheiro
 3034 é importante, pra estrutura e tudo o mais. Mas, às vezes, você consegue, através de uma conversa
 3035 sincera, um diálogo e até mesmo uma punição, que diz: "você errou, você tem que pagar por isso". Até
 3036 dessa forma você consegue educar e trazer de volta. Então, acho que, hoje, para mim, estar aqui é
 3037 uma escolha. Eu tenho propostas para ir embora, tem gente que me diz: "no dia que você quiser a
 3038 carreta está aqui", até outros trabalhos, não sou daqui, tenho oportunidade de voltar pra casa. Mas eu
 3039 fiz uma escolha, a escolha de estar aqui. Porque eu acho que a gente tem que fazer por ajudar, sempre.
 3040 A gente tem que... não é só trabalhar, terminar o horário e ir embora, você vai ajudar o hospital do
 3041 câncer, tem que ter uma escolha. Se pudesse, o coveiro não ficava enterrando defunto, mas alguém
 3042 tem que fazer isso. Tem que ter o coveiro, o cara que limpa a fossa, o cara que tira o lixo, o que cuida
 3043 do jardim. Essas escolhas que a gente faz ao longo da vida é o que nós traz de volta também. Eu
 3044 costumo dizer pro J. que de vez em quando o senhor tem que sentar com nós e puxar a gente de volta,
 3045 pra que a gente possa entender qual o nosso verdadeiro papel aqui dentro (sic). De vez em quando,
 3046 chama a gente na sala e pergunta como está, para que a gente possa voltar, porque tem muita coisa,
 3047 muita história. Você consegue conviver com uma pessoa e absorver dela tanto as qualidades como os
 3048 defeitos que ela tem, dá pra observar tudo isso. Como a gente já disse, são personalidades, culturas.
 3049 Então eu vejo isso como uma escola que me ajuda e me dá oportunidade de ensinar o que eu sei. É
 3050 um trabalho que tem que ter rigor, nossa responsabilidade, mas voltando à frase do começo: se não
 3051 vier em paz, não precisa vir. Porque os que estão aqui precisam encontrar a sua paz e se você não
 3052 vier com essa paz, não adianta vim, você só vai atrapalhar. Por mais difícil que seja o dia a dia e o
 3053 convívio, as vezes uma coisa ou outra, o importante de toda essa lição é poder ajudar e saber que vai
 3054 ser ajudado em algum momento também, saber crescer junto. É saber que no final do ano você abriu
 3055 o portão para o cara ir embora, porque o alvará dele chegou, e a liberdade dele chegou e ele te dá um
 3056 abraço e sai pelo portão. Você deposita nele a esperança que construiu ao longo do tempo e diz: "meu
 3057 filho, vai com Deus, que Ele te abençoe e ilumine". E você coloca em seu coração até ali o melhor dos
 3058 seus votos e ele sai feliz, respira aquele ar e muda um pouco a fisionomia. Então acho que você sente
 3059 por um momento um sentimento de missão cumprida. Você conseguiu trazer aquela pessoa até ali.
 3060 Depois que ela vai embora, ganha a liberdade de volta alguns até voltam pra dizer obrigado, que está
 3061 bem. Eu recebi uma ligação esses dias de um que saiu, o G., que ligou pra eu anotar o telefone dele e
 3062 dizer que tá tudo bem, tá começando a trabalhar. Eu digo que isso aqui é um sistema carcerário e foi
 3063 levantado - você é testemunha disso - no suor e lágrimas de muita gente, nas dores e duras penas de
 3064 muita gente, então acho que se não amar, o que faz é melhor nem fazer. Tem uma frase que diz: "quem
 3065 tem dó de angu, não pode criar cachorro" e a partir do momento em que você se dispõe a vim, acho
 3066 que tem que vir em paz, com o coração aberto e sabendo que vai crescer, aprender, cair, apanhar - no
 3067 sentido de incapacidade, de impotência, derrota, fracasso- mas é um dia depois do outro. Eu fiz uma
 3068 pergunta pros meninos lá dentro, eu disse: "onde você tá?"; eles me responderam: "eu tô (sic) na
 3069 APAC"; eu disse: "não, você não tá na APAC, você tá aqui e agora". "Esse é o sentido, porque o início
 3070 da nossa entrevista já é passado, a gente só tem noção dele porque está gravado, mas já ficou pra
 3071 trás". E assim é a vida. Vai seguindo, continuando e a gente dentro de nossas possibilidades vai
 3072 fazendo o melhor que pode fazer, esse é o segredo.

3073 **Pesquisadora:** Obrigada por sua entrevista. Muito obrigada mesmo. Muitas informações boas que vão
 3074 contribuir para a pesquisa.

3075 **Entrevistado:** De nada, eu que agradeço.

3076 **Pesquisadora:** Tem mais alguma coisa que gostaria de falar?

3077 **Entrevistado:** Não, tranquilo.

3078

3079

ANEXO D- Transcrição da entrevista realizada com o presidente do CSS do regime semiaberto

3080

3081

Pesquisadora: Bom, eu vou te fazer algumas perguntas. Você só me responde aquilo que você se sentir confortável.

3082

3083

Entrevistado: Sim... sim.

3084

Pesquisadora: Conta para mim a sua história aqui na APAC, como você chegou, como é sua experiência aqui na APAC...

3085

3086

Entrevistado: Olha... Sirlene... eu cheguei aqui na APAC até sem pedir, sem papel, nada, nenhum papel pra juíza pra vir pra cá. Eu sou de I. (*outra cidade*) e eu vim pra cá porque fechou a cadeia de lá. Como eu sempre trabalhei em cela livre, acho que por isso a juíza me encaminhou até a APAC e não me deixou no presídio. Sobre APAC, quando eu cheguei aqui até que eu até não tinha nada a falar sobre APAC, nada para reclamar não. Hoje, eu vejo a APAC de (*cidade X*) totalmente diferente do que eu pensava. Eu achava que a APAC era um Centro de Ressocialização ao preso e... hoje e hoje eu vejo isso ao contrário no meu ponto de vista com relação a APAC de xxx de hoje. Eu vou falar sinceramente: Eu estou decepcionado!!!

3087

3088

3089

3090

3091

3092

3093

Pesquisadora: Então, na verdade... assim... você teve a oportunidade de vir de outra cidade?

3094

3095

Entrevistado: De I. para o presídio daqui. Depois de 5 meses que eu fiquei lá, eu desci pra APAC. Eu não fiz pedido pra juíza eu não pedi para vir pra cá. Simplesmente ela me mandou.

3096

3097

Pesquisadora: Tem quanto tempo que você está aqui?

3098

Entrevistado: Em novembro... dia 3 de novembro agora faz um ano! Dia 3 de novembro de 2014, do ano passado! Faz um ano em novembro agora.

3099

3100

Pesquisadora: Humm... Você mencionou que está decepcionado aqui na APAC agora. A princípio, você tinha uma expectativa e hoje você tem outra?

3101

3102

Entrevistado: Ah... Eu achava que as normas da casa, as regras, fossem cumpridas e hoje eu vejo que nem sempre são!!! [...] *Partes omitidas por questões éticas*[...] Então, minha decepção é muito grande sobre APAC. Estou doido para minha pena acabar e o ano que vem eu sair daqui!! Eu quero ir embora daqui o mais rápido possível!!!

3103

3104

3105

Pesquisadora: E você tem quanto tempo de CSS?

3106

3107

Entrevistado: Eu estou com...eu devo estar com mais ou menos 7 meses, uns 7 ou 8 meses de CSS (*Conselho de Sinceridade e Solidariedade – Conselho de condenados de cada regime para a aplicação do regime disciplinar*), que eu estou no CSS. Eu nem queria pegar ... quando eu cheguei era o D., só que ...ele tinha medo, então ele não punha regras, não cobrava nada. Eu cheguei aqui no semiaberto, eles não tinha ordem (sic) e algumas que eu achava que tinha que ter, como respeitar o próximo, oração, horários certos de refeição, higiene pessoal e higiene até da casa, porque lá não tinha, era uma bagunça, muita sujeira. Então, eu cobro mais. Algumas regras do método que eu até acho bobagem cobrar, tem algumas coisinhas igual de apelido, algum tipo de brincadeira que recuperando brinca um com outro, eu acho que não deveria ser cobrado. Eu acho isso bobagem! Eu acho que deveria ser olhado mais para as coisas mais sérias. Acho que essas coisinhas não vai atrapalhar (sic). Às vezes, cobra muita coisinhas bobas e o que precisa ser cobrado não cobra! [...] *Partes omitidas por questões éticas*[...] O arrependimento de presos no Brasil é mínimo. Em cada 10 presos que saem, apenas 3 recupera. Os outros sete não vai ter conserto!!! (sic). Não adianta falar que todo mundo tem conserto, todo mundo tem recuperação! Não existe isso! Quem quer recuperar, recupera; quem não quer, não recupera. E aqui na APAC a maioria não quer recuperar. Você vê na cara. Eu sou mais de reparar, menos de conversar e mais de observar em volta. Eu gosto de conversar com as pessoas. Eu sempre disse isso aqui não APAC tem muito recuperando que não tem recuperação, porque está ali no semiaberto e sai de saidão, em vez de passar o final de semana com a família, vai pra balada, vai traficar, vai fazer coisa errada, então... não tem recuperação. Ele está aqui passeando. Ele está aqui para não passar a humilhação que ele passa no presídio, só por isso, ele tá aqui e não para recuperar e pra ir pra APAC. [...] *Partes omitidas por questões éticas*[...]

3108

3109

3110

3111

3112

3113

3114

3115

3116

3117

3118

3119

3120

3121

3122

3123

3124

3125

3126

3127

Pesquisadora: E como são as relações aqui entre vocês, recuperandos?

3128

3129

Entrevistado: Entre nós recuperandos?

3130

Pesquisadora: Sim.

3131

3132

3133

3134

3135

3136

3137

Entrevistado: Eu fico mais na minha, porque o meu meio em que eu fui criado...eu estou preso por um crime que eu cometi. Foi um erro, eu não sou criminoso, eu não sou de ficar na vida de crime, foi uma coisa que aconteceu na minha vida, que eu cometi um crime. Mas então a minha vida lá fora é outra, eu não vou sair daqui no saidão e depois emanar com eles, ex-detento... (sic). Isso aí nunca vai acontecer! Eu não levo ex-detento na minha casa. "Ah na hora que você sair, vou lá passear na sua casa!". Não quero!!! Eu não quero amizade com ele. Eu tô aqui ... eu converso com eles porque eu estou pagando pena, porque eu tô pagando a minha cadeia, mas quando eu sair daqui pra fora eu não

- 3138 tenho amizade com ele não. Eles têm a vida deles, então não quero! Eu converso mais com as pessoas
 3139 aqui por obrigação, não porque eu quero conversar! Tem pessoas aqui com quem eu identifico, tem,
 3140 mas por quê? Por causa das nossas ideias que bate (sic), porque a maioria fala de crime, de tráfico de
 3141 drogas, isso não faz parte da minha vida. Então, aqueles que estão aqui e que querem consertar,
 3142 querem trocar uma alguma ideia de família, de futuro melhor ... mas no semiaberto tem poucos ali que
 3143 eu converso com Fulano, Sicrano e Beltrano. São só três pessoas, tirando eu, mas fora essas três, tem
 3144 mais onze. E, às vezes, para esses onze eu nem dou bom dia. Porque toda vez que vai conversar só
 3145 fala de cadeia ... Não, eu não quero isso pra mim! O que eu não quero é me desviar e me tornar um
 3146 criminoso. Pessoas vão para cadeia e se tornam mais criminosas, porque se envolvem com pessoas
 3147 erradas e acaba cometendo mais é crime. E, isso, não quero... eu não quero isso mais pra minha vida!!!
- 3148 **Pesquisadora:** Então você mantém essa postura?
- 3149 **Entrevistado:** É... eu mantenho um certo distanciamento, não só com os recuperandos, mas até
 3150 mesmo com outras pessoas da APAC. Tem pessoas que eu confio, tem outras pessoas que eu não
 3151 confio e quase não converso com eles lá fora. Eu também sou assim, eu não sou de muitas amizades.
 3152 Eu não sou!!! Tem alguns lugares que eu não frequento! Eu sou muito fechado, não sou muito assim
 3153 ... eu sou franco, sou correto, não tenho vergonha de falar as coisas...O que for preciso eu falo, mas
 3154 eu sou mais reservado nesse negócio de ter amizade, de envolver com as pessoas, de enturmar, eu
 3155 não gosto de festa de povão... igual, eu não curto exposição... eu não curto carnaval, festa do povão,
 3156 não frequento! Só frequento lugares mais *lights*.
- 3157 **Pesquisadora:** Festas de família?
- 3158 **Entrevistado:** É...coisa mais de família. Quando eu vou em cidade grande, eu procuro boate que tem
 3159 limitação de pessoas... igual tem muitas que vai até 100 pessoas e daí não entra mais. Eu não vou em
 3160 lugar que tem muita gente, não gosto, nunca gostei.
- 3161 **Pesquisadora:** E entre os recuperandos, entre eles, como é a convivência? Você por ser do Conselho
 3162 -CSS, algumas vezes já aconteceu de ter que intervir?
- 3163 **Entrevistado:** Tem. Às vezes, tem intriga... tem bate boca, tem recuperando que não dá certo com o
 3164 outro, então eles ficam naquela assim... a Fulano é caguete (*delator*)... (sic) então ele começa a bater
 3165 boca e a gente pede pra parar, entra no meio, porque aqui não pode ter discussão... [...] *Partes omitidas*
 3166 *por questões éticas* [...] Porque a gente não dá certo nem mesmo irmão com irmão, imagine então você
 3167 colocar um monte de preso junto cada um com uma personalidade, cada um com uma cabeça diferente,
 3168 cada um com um vínculo social completamente diferente, então, é complicado. É difícil conviver ... Igual
 3169 eu sempre falo, não é ruim ir para a cadeia. O mais difícil na cadeia é a convivência, você aturar certas
 3170 pessoas, ter que conviver com preso. O difícil é isso sim aqui na APAC.
- 3171 **Pesquisadora:** E aqui na APAC a convivência acaba sendo assim... inevitável, né? Vocês trabalham
 3172 juntos...
- 3173 **Entrevistado:** Sim. Inevitável...trabalhar junto, e mesmo dormitório, são quinze todos juntos e não tem
 3174 jeito. Você convive!!!
- 3175 **Pesquisadora:** Tem alguns que na reunião prisional discutem e você precisa intervir?
- 3176 **Entrevistado:** A gente tenta resolver, mas a maioria das reunião (sic) tem bate boca. Alguns ali ficam
 3177 batendo boca, dana um a falar: "é porque o Fulano e a Sicrana estão lá na casa deles tomando um
 3178 vinho, uma cervejinha, e a gente aqui brigando". Então, eles quer que quando eles (*o administrativo*)
 3179 não estejam aqui, eles querem que vira bagunça, que isso aqui corre solto. Eles querem assistir
 3180 televisão quando não pode, eles querem tomar banho o dia todo, ficar debaixo do chuveiro uma hora
 3181 com chuveiro ligado. E, aí, você vai cobrar eles acham ruim. [...] *Partes omitidas por questões éticas*
 3182 [...] É difícil!!!
- 3183 **Pesquisadora:** Entre vocês recuperandos, funcionários e voluntários, como é a relação? Na verdade,
 3184 voluntários tem poucos...
- 3185 **Entrevistado:** Voluntários a gente tem poucos eu não tenho o que reclamar. Gosto de todos que vêm
 3186 aqui, principalmente os evangélicos. Não tenho reclamação nenhuma dos voluntários. Em relação aos
 3187 funcionários, tem alguns que eu não concordo com as atitudes. [...] *Partes omitidas por questões éticas*
 3188 [...]
- 3189 **Pesquisadora:** E os seus familiares, participam da APAC?
- 3190 **Entrevistado:** Não... o meu pai vem mais aqui me visitar ... ele veio só uma vez aqui, que foi na festa
 3191 do natal do ano passado, que ele veio na comemoração, oração de Natal. A não ser isso, ele não tem
 3192 muita participação, nenhuma não.
- 3193 **Pesquisadora:** Na verdade, você também tem pouco tempo que tá aqui e sua família é de I.
- 3194 **Entrevistado:** De I. A minha mãe vem muito pouco aqui. A minha mãe é muito caseira e as minhas
 3195 irmãs também não vem, porque não gosta de frequentar esse tipo de lugar. Então, tenho visita mais do
 3196 meu pai. Quando eu fiquei preso na cadeia, mais era meu pai que me visitar. O restante da família não
 3197 vem não!!! Não adianta esperar que eles não vêm.

- 3198 **Pesquisadora:** E você tem irmãs, primos?
- 3199 **Entrevistado:** Sim. Tenho duas irmãs, primos, tenho tudo, tenho duas irmãs. Tenho sete sobrinhos,
- 3200 tenho primo, tenho família de U., de I., uma família bem grande, enorme!!!
- 3201 **Pesquisadora:** A diretoria e judiciário vem aqui com frequência também?
- 3202 **Entrevistado:** Ele e as outras pessoas da diretoria vai fazer um ano que eu tô aqui e até hoje eu vi o
- 3203 M. aqui três vezes: eu vi ele na festa de Natal e depois vi duas vezes que ele esteve aqui, A FBAC
- 3204 esteve aqui, acho que umas três vezes também, mas nunca conversou comigo.
- 3205 **Pesquisadora:** A juíza também frequenta aqui?
- 3206 **Entrevistado:** Não. A juíza, nesse tempo todo em que estou aqui, ela esteve aqui na semana passada
- 3207 agora. Ela não vinha aqui, não ouvia dizer que ela vinha aqui. A semana que passou ela teve aqui
- 3208 conversando com os recuperandos, só com alguns também. Não conversou com todos. Ficou um prazo
- 3209 por volta de uma hora e pouco e foi embora. Eu nem conhecia ela, fiquei conhecendo aqui nesse dia.
- 3210 **Pesquisadora:** E como você vê a parceria da APAC com Tribunal de Justiça? Com a juíza e com a
- 3211 promotora da vara criminal? Porque, na verdade, é uma execução penal né...
- 3212 **Entrevistado:** Então eu acho muito difícil o trabalho deles. Igual... tem a assistente jurídico.. mas não
- 3213 é advogar para a pessoa... [...] *Partes omitidas por questões éticas [...]*
- 3214 **Pesquisadora:** E quem não tem advogado particular fica mais na dependência da assistente jurídico
- 3215 da APAC?
- 3216 **Entrevistado:** Sim.
- 3217 **Pesquisadora:** Você já mencionou também algumas questões que te incomodam e que te preocupa
- 3218 aqui dentro, mas tem alguma outra questão que te deixa tenso, preocupado, inquieto aqui na APAC?
- 3219 **Entrevistado:** Eu não sou de ficar tenso, preocupado, Sirlene. Eu sou do tipo de pessoa que eu tento
- 3220 ser calmo e tento ser bom, mas eu tenho um lado ruim. Meu pai sempre fala ... não deixa o *fulano* ficar
- 3221 irritado, pra ele ou você é dez ou você não é nada. [...] *Partes omitidas por questões éticas [...]* Então,
- 3222 a única coisa que me chateia aqui dentro da APAC é isso: que quando eu cheguei aqui, porque desde
- 3223 quando eu vim pra cadeia, que eu errei, no início eu fiquei revoltado, falava que iria piorar, cabeça
- 3224 quente, mas depois que passou uns três meses eu comecei a pensar: mas isso é bobagem! Eu entrei
- 3225 aqui, mas eu não sou bandido, nunca fiz coisas erradas... foi uma coisa que eu fiz e que aconteceu na
- 3226 minha vida, então eu não posso aceitar me comportar como um assassino, um criminoso, então eu
- 3227 comecei a ver a cadeia com outros olhos, de uma outra forma, eu comecei a ajudar as pessoas que
- 3228 estavam presas, principalmente lá na minha cidade. E, quando eu vim pra cá para a APAC eu pensei
- 3229 aí eu já ouvi falar pela internet, alguma coisa que tinha ouvido falar, que eu nunca tive interesse de
- 3230 aprofundar, mas aí eu pensava a APAC deve ser um lugar onde todo mundo vai, é um Centro de
- 3231 Recuperação. Eu cheguei aqui, no início, pensando que era isso e hoje eu vejo que não é!!!
- 3232 **Pesquisadora:** E qual o sentido da APAC tem pra você hoje?
- 3233 **Entrevistado:** Bom... para mim hoje está sendo ótimo pra mim, no meu modo de ver pra mim está
- 3234 sendo bom porque na APAC eu tenho uma alimentação melhor, eu não sinto vontade, não passo
- 3235 vontade de comer coisas que antes eu não poderia comer na cadeia. Nunca fui tratado com falta de
- 3236 educação. Sou tratado muito bem até hoje. Não tenho nada a reclamar, mas também eu sou o tipo de
- 3237 pessoa que se você me der uma patada eu te dou duas. Eu sou correto, sou sincero, não sou de ser
- 3238 falso. Então, pra mim eu não tenho nada a reclamar não. É um alívio se eu estou aqui, se eu quero,
- 3239 eu tenho a oportunidade de sair daqui outra pessoa, de mudar. Mas em relação a maioria dos
- 3240 recuperandos é a minha decepção. [...] *Partes omitidas por questões éticas [...]*
- 3241 **Pesquisadora:** Isso gera um impasse na questão de ser presidente do CSS?
- 3242 **Entrevistado:** Sim. Eu até estou pensando em sair. Estou esperando o X. voltar e dependendo de
- 3243 como for, eu vou sair. Eu já falei com o gerente que eu vou sair do CSS, eu não vou ficar, porque eu
- 3244 não concordo com ... [...] *Partes omitidas por questões éticas [...]*
- 3245 **Pesquisadora:** Se, quando ocorre uma falta disciplinar grave e alguém assume, mas todos receberem
- 3246 punição, como fica?
- 3247 **Entrevistado:** daí eles começam a te chamar de Caguete, mas eu não sou caguete (*delator*). O que
- 3248 eu tenho pra falar eu falo na cara, mas aí se acontece alguma coisa eu chego e falo ... [...] *Partes*
- 3249 *omitidas por questões éticas [...]*
- 3250 **Pesquisadora:** E tem aqueles que descem direto para o semiaberto?
- 3251 **Entrevistado:** Eu também descí direto do semiaberto, mas eu vivia em cela livre. Eu já não ficava com
- 3252 esse assunto de cadeia [...] *Partes omitidas por questões éticas [...]* **Pesquisadora:** Entendi. Pelo que
- 3253 você está me dizendo, você está bem focado aqui no seu comprimento de pena, na sua vida e no seu
- 3254 futuro?
- 3255 **Entrevistado:** Sim. Com certeza.
- 3256 **Pesquisadora:** E a expectativa que você tinha de conseguir ajudar o método, contribuir com o método
- 3257 é que está frustrada?

- 3258 **Entrevistado:** Eu estou bem desanimado. Eu desanimei. Eu tinha a ideia de voltar. Estava nos casos
3259 de sair e voltar para trabalhar ou ser voluntário. Eu tinha até conversado com o *Fulano* sobre isso, pra
3260 que eu voltasse como voluntário para ajudar. Eu queria ajudar a Instituição a crescer. Mas, hoje, não
3261 penso nisso mais. Não quero mais isso pra mim.
- 3262 **Pesquisadora:** A APAC tá vivendo um momento em que sem documentação de fato ela não consegue
3263 crescer e não consegue oferecer outras oficinas.
- 3264 **Entrevistado:** Mas sempre tem algo que você pode fazer. Você pode ver, eu estou sempre ajudando
3265 na cozinha, na limpeza, em alguma coisa, eu ajudo todo mundo. Tem recuperando que ao invés de
3266 ajudar, não ajuda. [...] *Partes omitidas por questões éticas [...]* Igual teve uma situação aqui de gastar
3267 muita açúcar (sic), que estavam gastando demais. Eu falei já tem suco aqui que os familiares trazem e
3268 a APAC não é obrigada a dar açúcar para o suco. Eles tomam café a vontade pela manhã e à tarde. E
3269 eles reclamam? Porque a APAC recebe cerca de R\$850,00 por condenado para isso e dizem que não
3270 gasta o valor que arrecada. [...] *Partes omitidas por questões éticas [...]* Será que com um salário
3271 mínimo, hoje, eles conseguem viver bem? Um salário mínimo hoje não vale nada. Eu vejo meu pai que
3272 é aposentado, tem o salário dele, trabalha de pedreiro, ganha bem, em transportes, tem casa de
3273 aluguel. Tem sete netos e não deixa faltar nada para os netos, não falta nada para os netos. Eu e
3274 minhas irmãs nascemos em berço de ouro, sempre tivemos tudo, nunca faltou nada, sempre tivemos
3275 as melhores escolas. Eu me formei, até cheguei a entrar em faculdade. Entrei na faculdade, só que não
3276 dei sequência, não agradei, desagradei de todas! Minhas irmãs também... e o meu pai deu uma casa
3277 pra cada um dos filhos. Eu também tenho um cômodo comercial no centro da minha cidade e estou
3278 construindo um predinho lá com três apartamentos. Minhas irmãs tem as casinhas delas arrumadinhas.
3279 A gente fez muita coisa, e o meu pai, em algumas situações, passa aperto! [...] *Partes omitidas por*
3280 *questões éticas [...]*. Então fico pensando como que esses presos vão viver com mil reais lá fora, como
3281 ele fala mesmo, não tem como, porque hoje todo dinheiro que você ganha é pouco.
- 3282 **Pesquisadora:** A cada dia, nossa moeda está mais desvalorizada!
- 3283 **Entrevistado:** Sim, cada dia mais desvalorizada.
- 3284 **Pesquisadora:** Muito obrigada pela sua contribuição, com a sua experiência na APAC.
- 3285 **Entrevistado:** Me desculpa qualquer coisa que eu falei. Às vezes, eu até magoo as pessoas, porque
3286 eu sou muito franco. Mas eu prefiro ser fraco do que ser falso. Se eu não sair do CSS, talvez eu possa
3287 até prejudicar a casa. [...] *Partes omitidas por questões éticas [...]*
- 3288 **Pesquisadora:** Muito obrigada pela sua contribuição.
- 3289 **Entrevistado:** O que eu tenho que falar eu falo. Quando eu cheguei aqui, tinha uns plantonistas, nem
3290 estão aqui hoje, eu cheguei e vi o modo como eles estavam trabalhando. [...] *Partes omitidas por*
3291 *questões éticas [...]*

3292

3293

3294

ANEXO E- Transcrição da entrevista realizada com o encarregado de segurança

3295

3296

3297

3298

Pesquisadora: Conta para mim a sua experiência com a APAC. Como você conheceu a APAC? Quando você veio trabalhar aqui... sua experiência e suas expectativas em relação à instituição e a esse método de cumprimento de pena.

3299

3300

3301

3302

3303

3304

3305

3306

3307

3308

3309

3310

3311

3312

3313

3314

3315

3316

3317

3318

3319

3320

3321

3322

3323

3324

3325

3326

3327

3328

3329

3330

Pesquisadora: Então, na verdade, você já tem um envolvimento pessoal com a APAC. Mas, no primeiro contato, qual a primeira impressão que você teve? Na época, você não conhecia?

3331

Entrevistado: Sim, não conhecia.

3332

Pesquisadora: Então você já veio com um convite para assumir uma função?

3333

Entrevistado: Isso!!! O primeiro contato é bem assustador... é assustador!!! Você ficar frente a frente com todo tipo de crime... Para a APAC isso não importa, mas pra você primeiramente, a gente se assusta. Quando eu cheguei aqui, então, que tinha tido uma fuga, eu cheguei na segunda, no domingo tinha fugido uma pessoa, então, assusta mais ainda. Estava todo mundo apreensivo, muito nervoso mesmo! Então, a primeira impressão que você tem é que você está no meio de uma bomba atômica que a qualquer hora ela pode explodir, né!!! Isso te assusta, te amedronta, e só com tempo depois você vê que a coisa não é bem assim, que são pessoas que estão te pedindo socorro e não aquela bomba atômica que você imagina que pode explodir a qualquer hora. Não, não é assim. Simplesmente são pessoas que estão te pedindo ajuda. Quando você passa do portão aqui pra dentro é uma sensação de medo, de medo mesmo! Você não sabe o que vai acontecer aqui, você não sabe se você vai sair daqui vivo, porque você não tem arma, você não tem nada. É assustador!!! O primeiro impacto que você tem, que eu tive aqui dentro foi assim que... de susto e de medo e depois com tempo a gente vê que é totalmente diferente.

3334

3335

3336

3337

3338

3339

3340

3341

3342

3343

3344

3345

Pesquisadora: E como são as relações entre vocês aqui dentro de um modo geral, funcionários e recuperandos? Como você vê essa relação?

3346

3347

3348

3349

3350

Entrevistado: A gente tem que ser ao mesmo tempo um pouco diferente, a gente com eles e eles com a gente. Ao mesmo tempo que a gente vê eles como pessoas que precisam de ajuda a gente vê que são pessoas também que precisa que a gente puxe a orelha, quando for preciso...que a gente precisa saber dar um não na hora que precisa. Um ir e vir.

3351 *Nesse momento a entrevista foi interrompida, porque dois recuperandos queriam perguntar para o*
 3352 *gerente a respeito de um serviço que eles estavam fazendo no pátio. A entrevista, então, retomou*
 3353 *alguns minutos depois.*

3354 **Entrevistado:** A gente estava falando mesmo era da relação, né?

3355 **Pesquisadora:** Da relação entre vocês funcionários e os recuperandos.

3356 **Entrevistado:** É ...entre os nossos funcionários a gente tem, a gente precisa sempre ter um contato
 3357 assim direto, porque a gente precisa falar a mesma língua, porque de repente atrapalha demais, se eu
 3358 falo “não” e eles falam “sim” ou se eu falo “sim” e eles falam “não”, então a gente tem que tá sempre
 3359 unido, na mesma palavra, do mesmo jeito, mas isso não é fácil. Você sabe que isso não é fácil! Cada
 3360 pessoa, um relacionamento aqui dentro. Com uma pessoa é diferente de outra. Eu acho que ...uma
 3361 pessoa, não é que seja melhor, mas que você tem um jeito diferente ...e isso é normal do ser humano
 3362 em todo mundo, nem todos têm a mesma empatia, o mesmo lidar. E a mesma coisa ocorre com o
 3363 pessoal do administrativo... é a mesma coisa! Tem pessoas que eles têm empatia, tem outras que não
 3364 têm, outras ficam mais distantes. A ajuda é a mesma, só que as pessoas têm mais simpatia do que as
 3365 outras. Então, a gente tenta trabalhar entre a gente de uma maneira cada vez mais juntos. Não é fácil,
 3366 ainda mais que a gente tá trabalhando, né. Nem todo mundo tem a mesma aceitação, então tem gente
 3367 que é mais nervoso, tem gente que é menos nervoso, esse unir, ser todo mundo igual não é fácil não!!!
 3368 É, mas a gente tenta ser da melhor maneira possível em relação a eles. Em relação a eles, é o que eu
 3369 falei, é como se você estivesse ensinando uma criança a começar a andar novamente e você colocar
 3370 para andar, o que é muito difícil, ela já com sua personalidade formada. Saber sentar, saber alimentar
 3371 na hora certa, saber a hora de fazer oração. Então, a gente tem aqui fora com eles é o seguinte que a
 3372 gente tem que ser ensinar aquilo que muitas vezes dentro de casa eles não tiveram, que são regras.
 3373 Muita gente que tá aqui dentro é por causa de falta de regras, falta de uma chamada da família, do pai
 3374 e da mãe chamar atenção, ou não teve pai, ou foi um convívio em um ambiente muito pesado, tudo foi
 3375 falta de regras, a maioria aqui, vamos colocar 90 % é falta de regra. Então, você tentar colocar ele
 3376 dentro de uma possível regra, né, e o cidadão já tem uma cabeça formada. Então, não é fácil então
 3377 esse relacionamento entre a gente aqui, nem sempre são flores. Não dá pra dizer que são sempre
 3378 flores, porque nós estamos dentro de um sistema prisional, estamos mexendo com pessoas que
 3379 fizeram coisas erradas. Eu não digo que eu nunca errei. A gente já cometeu erros, mas não tanto como
 3380 quem tá preso. Se ele está preso é o erro dele, então essa união entre a gente, e esse tratamento vai
 3381 muito da maneira de como está acontecendo lá dentro. Isso depende muito da situação que você se
 3382 encontra no dia a dia, se eles estão nervosos... Um dia você entra pensativo, outro dia você entra e
 3383 aplica faltas, chama a atenção, ou outro dia entra sorrindo. Então esse relacionamento é uma ida e
 3384 vinda, um dia maravilhoso, o outro dia já não maravilhoso mais. Depende muito do jeito que a coisa
 3385 está acontecendo lá dentro, então...

3386 **Pesquisadora:** Depende das situações? Então depende das situações. Um dia pode estar tudo bem,
 3387 no outro dia pode ter uma suspeita de entrada de drogas e aí. Isso muda o clima do ambiente...

3388 **Entrevistado:** Sim.

3389 **Pesquisadora:** Então, já deixa o clima tenso, já vão formando grupos dentro dos regimes?

3390 **Entrevistado:** Isso!!! Sim. É isso!!! E você, nesse dia, não vai entrar lá sorrindo e brincando com eles.
 3391 Eles são adultos e a gente não utiliza armas e nem algemas, então a gente não pode entrar sorrindo,
 3392 se tem alguma coisa lá que não tá boa. A gente não sabe qual será a reação deles e aí você tem que
 3393 entrar lá com certo grau... Ah... então você é mais que eles? Não, não é isso! Não sou mais que eles,
 3394 mas eu estou aqui pra colocar regras.

3395 **Pesquisadora:** É a sua posição aqui na instituição?

3396 **Entrevistado:** Sim!!!

3397 **Pesquisadora:** E entre vocês funcionários e os voluntários da APAC, como são as relações? Aqui
 3398 vocês têm poucos voluntários. Em outras unidades têm um número grande de voluntários, mas aqui
 3399 são poucos, alguns psicólogos, um professor de matemática e alguns membros de igrejas que fazem
 3400 encontros e celebrações à noite... Mas como se dá essa relação entre eles e vocês?

3401 **Entrevistado:** Então... o que acontece é que a gente até fez o primeiro curso de formação de
 3402 voluntários. Eu acredito que a partir do segundo curso de formação de voluntários isso deve dar uma
 3403 melhorada. O primeiro foi de experiência. Chegaram a vir alguns dias aqui e depois abandonou (sic).
 3404 Porque não adianta você vir aqui como voluntário de 30 em 30 dias. Ah.. eu posso vir aqui uma vez por
 3405 semana, então tem que estar uma vez por semana. Viram que o serviço aqui não é fácil, não adianta
 3406 vir aqui de mês em mês, de 30 em 30 dias, se você é voluntário, aí eu posso ir aí toda semana uma
 3407 vez. A gente sabe que é difícil a pessoa sair da sua casa pra vir aqui, mas o que a gente tem aqui são
 3408 pessoas que já vem mais tempo.., para qualquer tipo de voluntário, deixamos a casa bem aberta pra
 3409 eles, suas reclamações, suas necessidades e tudo é organizado em termos de horário. Eu não posso
 3410 deixar a pessoa chegar aqui em qualquer horário e entrar não. Tem que marcar um horário pra vir aqui.

3411 Se é trabalhar de 5 às 6, então é de 5 a 6, nesse horário ele tem total liberdade aqui dentro pra trabalhar
 3412 da maneira que ele quiser, dentro do ramo que ele está trabalhando. Ah, então ele vai vir aqui para
 3413 oferecer um culto? Ah... não dá para ele querer dar aula, então? Culto é culto. Então, a gente tem que
 3414 organizar isso, não pode ser de qualquer jeito, vem aqui pra uma outra coisa, mas no momento que ele
 3415 está aqui dentro, ele tem total liberdade de trabalho. A relação comigo é da seguinte maneira: a gente
 3416 tenta ser, a gente lida com o pessoal o mais perto possível, lidar mais direto com eles, que é igual o
 3417 pessoal que vem de tarde e a gente está sempre mais perto deles. O mais difícil são os que vem à
 3418 noite, que é o culto, que nem sempre a gente tá podendo vir pra conversar com eles. A gente tem
 3419 expectativa de que no ano que vem a gente consiga mais voluntários.

3420 **Pesquisadora:** E quais estratégias são utilizadas pela administração e diretoria para formar parceria
 3421 com a comunidade, com as empresas, os voluntários e com as famílias dos recuperandos?

3422 **Entrevistado:** Referente a parcerias... quando nós começamos, a APAC estava bem longe da
 3423 sociedade saber que existia APAC aqui na cidade. Isso já melhorou! Melhorou, mas 100% eu acho que
 3424 ainda não! Vamos colocar uns 50 a 60%, então estamos bem longe ainda. Talvez ainda hoje você
 3425 encontra gente que ainda não conhece, então é um trabalho árduo, do dia a dia da gente correr atrás
 3426 e mostrar trabalho. Primeiramente a gente precisa estruturar aqui dentro, para depois mostrar lá fora.
 3427 Mostrar que existe a APAC, trabalhar pra gente poder mostrar a APAC lá fora. Esse ano, o presidente
 3428 tinha feito um trabalho, tinha até construído um plano de ação pra gente divulgar a APAC lá fora. O
 3429 presidente teve alguns problemas e precisou ficar um pouco afastado do serviço dele aqui. Mas é uma
 3430 das coisas que o presidente quer para o próximo ano, mostrar a APAC para a sociedade, não
 3431 conseguimos fazer isso esse ano, por causa dessas questões pessoais do presidente, ausências
 3432 justificadas, mas acredito que o ano que vem a gente já vai ter como fazer isso. Nós já tivemos um
 3433 curso com o Sesi Senai, fizemos parceria e nós também planejamos fazer um café empresarial aqui
 3434 dentro.

3435 **Pesquisadora:** Bem interessante!!!

3436 **Entrevistado:** Isso. E o Sesi Senai vai convidar os empresários para vir aqui. É ...é a gente tem que
 3437 trabalhar nesse sentido mesmo, fazer com que as empresas conheçam a APAC. Eu acredito que do
 3438 meio do ano pra frente a gente consegue fazer isso. Até o final desse ano é bem difícil mexer com isso
 3439 com as empresas. É preciso projetar para o próximo ano, não adianta chegar batendo à porta agora,
 3440 sendo que agora não é o momento, todo mundo apertado por ser final de ano. Então, um planejamento
 3441 que a gente tem relação a isso é ver se a gente consegue mais parcerias no próximo ano, mais oficinas
 3442 pra gente estar fazendo a nossa cooperativa, que isso é muito importante pra APAC. Hoje, a gente não
 3443 consegue fazer porque não tem renda suficiente pra isso, mas a gente tenta dar um jeito de trazer mais
 3444 oficinas pra cá através dessas ações, né. Trazer um ramo de empresários aqui dentro, depois talvez o
 3445 comércio, pretendemos fazer essas coisas pensando em fazer pro ano que vem, mas esse
 3446 planejamento para esse ano infelizmente não deu, ficou pro ano que vem. Mas já melhorou bastante!
 3447 Mas há ainda hoje muita gente que não conhece a APAC. Em relação à família, a gente tem um plano,
 3448 acredito que novembro, a gente consiga, a gente tenta organizar um encontro com as famílias. O que
 3449 seria isso? Nós vamos pegar por exemplo psicólogos voluntários, uma pessoa que dá valorização
 3450 humana, nós vamos fazer um domingo de encontro com as famílias, eles vão chegar mais cedo e vão
 3451 almoçar aqui com a gente e depois eles vão sentar com a gente antes de encontrar com os
 3452 recuperandos. Nós vamos mostrar o que é a APAC, o quanto a APAC é importante para a vida deles.
 3453 Isso já está planejado eu acredito que agora em novembro a gente consiga pelo menos um mini
 3454 encontro. Alguns domingos eu venho, quando é necessário falar alguma coisa com a família, eu venho
 3455 no domingo, único dia que eles vêm aqui é o domingo. Então, fora isso é o que a gente tem pra fazer
 3456 hoje, no domingo. Há essas duas maneiras da gente ter contato com a família, pelas reuniões e nas
 3457 visitas. Mas, em geral, as famílias vêm em datas comemorativas sim e tem esse contato que a gente
 3458 tem, contato na rotina aqui, principalmente por telefone e nas festas comemorativas. A gente até
 3459 conseguia trazer eles para os cultos, mas hoje está proibido pela juíza. A juíza e a promotora proibiram,
 3460 porque elas querem que os cultos sejam somente para os recuperandos. A gente tem que acatar, a
 3461 gente tem que assumir. Mas eles vêm aqui em datas comemorativas, ou por exemplo, quando no
 3462 saidão do semiaberto o pessoal do fechado, por exemplo (*saídas temporárias autorizadas*), no dia das
 3463 mães, Natal, eles almoçam aqui dentro com todo mundo. Os recuperandos do fechado estão aqui, e o
 3464 pessoal do semiaberto pode estar na rua, de saidão, então a gente libera pra eles (*do fechado*) fazer
 3465 um almoço com os familiares. Isso é bem constante sim, é bem constante, eles têm bastante liberdade
 3466 aqui de bater na porta da APAC.

3467 **Pesquisadora:** Geralmente os familiares se abrem, eles pedem ajuda a vocês funcionários em alguma
 3468 situação?

3469 **Entrevistado:** É... depende da necessidade deles! Igual ao que eu te falei, a gente trabalha de uma
 3470 maneira com o pessoal que nem todo mundo consegue se abrir. Então a família por mais que seja, ela

3471 tem vergonha, ela fica reprimida com relação, mas na necessidade deles, quando eles precisam de
3472 alguma coisa, a gente tenta resolver.

3473 **Pesquisadora:** Então, quando eles procuram ajuda, são necessidades mais pontuais? E eles vêm aqui
3474 no escritório, no horário de expediente?

3475 **Entrevistado:** Sim!!! Sim!!! Eles procuram e até mesmo pra conversar, mas eles também têm a rotina
3476 deles de trabalho. Quando eles precisam de alguma coisa, a gente tenta resolver. Eles não podem
3477 largar o trabalho e até esse encontro que a gente tá tentando fazer muitas vezes é tentar passar esse
3478 negócio que você falou que a gente pode ajudar em outras coisas. Como a gente não tem assistente
3479 social pra fazer isso, visitar as famílias, também fica sobre nós. A família, quando a gente vê que pode
3480 ajudar, a gente tenta ajudar. Apesar de que tem muita coisa que a gente não consegue entrar, coisas
3481 particulares, mas é isso que a gente tá tentando fazer pra trazer a família pra mais perto da gente.

3482 **Pesquisadora:** É... então, pra formar uma parceria com a família, uma relação de confiança?

3483 **Entrevistado:** Uma confiança para que a família possa contar com a gente, visando melhorar cada vez
3484 mais. Então esse encontro que a gente tá programando tem como objetivo isso também. Já existem
3485 coisas boas, então, procurar melhorar ainda mais é no sentido de que a família esteja mais perto.
3486 Também outra coisa... existem pessoas erradas de toda maneira. Nem todas as famílias ajudam. E aí
3487 então colocar na cabeça deles que eles também não podem fazer nada de errado, trazer coisas erradas
3488 pra eles, como drogas, mas usufruir dessa liberdade que a gente dá pra eles aqui. Pra não passar a
3489 mão na cabeça dos recuperandos, pois não adianta nada a gente tentar ajudar e a família não ajudar,
3490 então isso tudo, nesse encontro que a gente pretende fazer é pra isso, trazer eles e mostrar pra eles
3491 como será bom se a gente se unir, andar juntos, será bom para os próprios recuperandos. Explicar que
3492 se eles ficarem trazendo muita coisa, como eles fazem, geralmente trazem muitas coisas... de repente
3493 ao invés de ajudar, uns estão atrapalhando. Então, é isso que a gente quer trazer eles pra cá, que o
3494 nosso intuito de que eles fiquem mais unidos com a gente, pra gente poder ajudar cada vez mais.

3495 **Pesquisadora:** Como os membros da diretoria participam da rotina da APAC? Como se dá esse
3496 contato da diretoria hoje com a APAC e com o dia a dia da instituição?

3497 **Entrevistado:** Então você tá dizendo do administrativo ou da diretoria?

3498 **Pesquisadora:** Da diretoria mesmo, pois o administrativo já está lidando com eles o tempo, vocês já
3499 têm um contato direto.

3500 **Entrevistado:** Sim, a gente tem contato direto. Nós temos que dizer que é complicado mas, hoje, sem
3501 ser os funcionários que estão no dia a dia, é difícil você tirar uma pessoa do serviço dela para vir aqui.
3502 Eu não falo que a gente tem uma diretoria seja diretamente implicada se eu dissesse isso, eu estaria
3503 mentindo, pois se não for o presidente e o tesoureiro que a gente precisa deles, mas não temos mais
3504 ninguém não, não temos ajuda nenhuma nas reuniões se precisar. Mas tem um lado bom e um lado
3505 ruim. O lado bom é da seguinte maneira: Eles confiam no nosso trabalho e isso é ótimo para nós
3506 trabalharmos. Mas o outro lado é ruim e se eles tivessem sempre por aqui, duas cabeças pensam mais
3507 que uma, não ficaria só na questão da administração. O presidente no primeiro semestre foi muito ativo
3508 e no segundo semestre deu uma afastada por questões pessoais. Então, o que que tá acontecendo?
3509 A gente está esperando agora uma nova eleição em dezembro, uma nova diretoria para assumir APAC
3510 e a gente tá tentando ver se a gente consegue uma diretoria mais ativa com a gente. Eu não tenho
3511 nada a reclamar da diretoria atual, tudo que a gente precisava deles, do presidente e do tesoureiro, em
3512 tudo eles estavam com a gente, tudo que a gente faz aqui dentro, eles sabem! Mas somos nós que
3513 chamamos, nós que passamos. Esse contato hoje é pouco? É pouco! É muito pouco!!!

3514 **Pesquisadora:** E são muitos os membros da diretoria e do Conselho Deliberativo? **Entrevistado:** Eram
3515 umas 20 pessoas como membros da diretoria, mas hoje diminuíram um pouco. Hoje são menos, um
3516 número menor de pessoas na diretoria, mas naquela época era muito. Só assinavam os documentos,
3517 na verdade, e não tinham uma participação ativa no cotidiano da instituição. O que estamos tentando
3518 agora, na próxima diretoria, é o que até já conversei com o presidente atual é que a gente tenta
3519 encontrar um aposentado. A gente está tentando demais, porque você tira uma pessoa do seu trabalho
3520 pra ficar vindo aqui é difícil, a pessoa já chega em casa cansada, ela já chega em casa às 17 às 18
3521 horas em casa e ainda precisa vir aqui resolver algum problema. Então é muito complicado e a gente
3522 tá tentando conseguir um aposentado. E aí, simplesmente, ele vai ter mais disponibilidade para ficar
3523 mais aqui. Por isso, estamos pensando em alguém que no presente esteja aposentado, que possa
3524 estar vindo mais vezes... já falei a gente tem quatro anos que a gente está mexendo aqui, a gente já
3525 mostrou que pelo menos a gente conhece o caminho, a gente conhece muita coisa aqui dentro, e de
3526 repente também é o novo presidente e talvez nem queira a administração que já tem hoje aqui dentro.
3527 Mas se ele quiser administração atual, com certeza, não terá nenhum problema e o que a gente mais
3528 precisava é ter um presidente que tivesse mais disponibilidade pra correr atrás das coisas porque, por
3529 exemplo, eu não sou o presidente da APAC. É muito melhor o presidente da APAC tentar formar
3530 parcerias, tentar conseguir apoios. Eu me apresentar, eu sou gerente da APAC, eu vim aqui pra gente

3531 fazer uma parceria... eu acho mais difícil porque deveria ser um diretor para ser mais bem visto e
3532 procurar para formar parcerias e não eu enquanto funcionário.

3533 **Pesquisadora:** Seria ajudar o administrativo na tomada de decisões, então? Porque vocês lidam no
3534 cotidiano da Instituição mais sozinhos e talvez as coisas mais difíceis do cotidiano sejam cobradas do
3535 administrativo e de você enquanto gerente?

3536 **Entrevistado:** Sim!!! Caí tudo em cima de mim, vem tudo pra cima de mim e muitas vezes, por exemplo,
3537 temos uma reunião de presidente das APAC's e não posso ir e aí a gente não tem representante,
3538 porque o presidente não pode estar. E aí tem uma reunião de presidente e a gente não fica sabendo o
3539 que foi dito lá, porque a gente não tem representante. Apesar de que o presidente quando ele não pode
3540 estar presente faz um contato posterior pra saber o que foi discutido, mas muitas coisas não fica né...
3541 a gente não fica sabendo, então acredito que ano que vem talvez os diretores tenham mais tempo.
3542 Não que o atual não tenha feito as coisas... Até julho desse ano, com certeza, ele fez muita coisa! Ele
3543 sempre deu *feedback*. Do mês de julho pra cá ele tem ficado mais distante em função de vários
3544 problemas pessoais e se desligou um pouco de lidar com a APAC. Mas ele sempre esteve presente
3545 até então, ele confia na gente e ele sabe de tudo porque tudo passa na mão pra ele assinar, e ele sabe
3546 de tudo. É claro que também foram dois mandatos nesses quatro anos que ele está na diretoria, o
3547 primeiro mandato foi ótimo, nós conseguimos muitas melhorias aqui crescemos nessa parte juntos. E
3548 o segundo mandato foi um meio termo, iria ficar mais para o social na parte pra divulgação da APAC,
3549 mas a gente precisava muito dele pra isso, então ficou um pouco um marasmo no social, e no próximo
3550 pretendemos nos dedicar mais a essa questão social da APAC novamente.

3551 **Pesquisadora:** A APAC enquanto um método de execução penal, há uma relação com Tribunal de
3552 Justiça o tempo todo. Fala pra mim, por gentileza, segundo o seu ponto de vista, como se dá essa
3553 relação e parceria com o Tribunal de Justiça, com a vara de execução penal?

3554 **Entrevistado:** Boa, inclusive é a juíza que traz e que retira as pessoas daqui a hora que ela quiser. Ela
3555 só precisa de um *feedback* meu, o que está acontecendo, o que aconteceu. Agora, colocar ou retirar,
3556 só o tribunal de justiça. Aqui a gente só olha eles, a gente tenta melhorar a vida deles. Pelo menos, eu
3557 vejo dessa maneira, eu vejo assim. E a relação com o Tribunal Superior nesses quatro anos que estou
3558 aqui ...

3559 *Novamente interrupção de outro recuperando ...*

3560 **Entrevistado:** Eles são parceiros e os vejo como parceiros. [...] *Partes omitidas por questões éticas.*
3561 [...] Eles trabalham com a gente plenamente e abrem as portas quando a gente precisa e acho que eles
3562 têm que cobrar da gente também. Eles têm que cobrar nosso trabalho correto, a nossa palavra correta.
3563 Isso eles têm que cobrar da gente. Por que você fez isso e aquilo? Porque o papel deles é cobrar
3564 sempre da gente o andamento da casa, da melhor maneira possível. Mas, em termos deles com a
3565 gente, é abertura plenamente. Qualquer hora que a gente chegar, a não ser que ela esteja em audiência
3566 em sala, se estiver no meio de uma audiência, por exemplo, mas terminou a audiência, no intervalo,
3567 ela vai me atender, ela nos atende em tudo que seja possível. Dela a gente tem um amplo apoio, em
3568 termos de pena. Em termos de aspectos financeiros, hoje mudou. O apoio financeiro pra gente hoje é
3569 trabalhado somente com projetos. Hoje, a gente manda os projetos pra eles, pra depois o Tribunal de
3570 Justiça aprovar e daí liberar o dinheiro pra gente. Esse dinheiro é designado para um determinado
3571 projeto. O dinheiro é somente para aquele projeto. A gente não pode utilizar de outras formas pra outras
3572 coisas que a gente precisa. Essa parte foi muito ruim pra nós, bem horrível, atrapalhou bastante, porque
3573 era um dinheiro que a gente tinha para uma situação emergencial, para comprar um pouco mais de
3574 arroz, uma coisa mais que de repente precisasse de emergência e hoje a gente não tem mais. Então,
3575 nessa parte hoje deixa um pouco a desejar, mas são regras para ficar mais claramente justificado o
3576 gasto financeiro da instituição, então a gente segue. Mas até então tudo que eu precisei eles me deram
3577 carta branca para executar, entendeu. É uma parceria forte mesmo, na hora de puxar orelha, eles
3578 puxam, na hora de chamar atenção... Olha gente, isso não está certo vamos resolver desse jeito!!! Ele
3579 nos chama, eles convocam o presidente para ir até uma reunião, se há uma controvérsia de alguma
3580 coisa, se a FBAC manda um relatório que não seja do agrado dele, ele chama a gente pra prestar
3581 esclarecimentos, dar uma resposta sobre o que está acontecendo, entendeu? Então, ao mesmo tempo
3582 que é bem tranquilo, a gente vê que eles estão olhando a gente totalmente e a qualquer hora podem
3583 chamar a gente para ver o porquê que aconteceu isso, ou o que está acontecendo. Então, a gente tem
3584 esse tratamento com eles que é muito interessante de relação, ao mesmo tempo ela é branda, ela
3585 também te chama atenção com relação às nossas necessidades. No nosso dia a dia aqui dentro ter
3586 que resolver algum problema de remição, progressão, ela (*juíza*) é muito boa também, mas eles (*o*
3587 *judiciário*) tem um trabalho muito pesado. Eles têm muito serviço... quantos presos existem no presídio
3588 para cuidar e também atender a gente aqui!!! Então, eles tentam atender da melhor maneira possível.
3589 Apesar de que na secretaria a gente chega lá e é muito bem atendido, nos dão um *feedback* rapidinho.
3590 Mas nessas partes é um pouco lento e os recuperandos reclamam muito e muitas vezes eles acham

3591 que a gente, que nós estamos segurando os papéis ou que a gente não manda o papel na data e não
 3592 temos nada a ver com isso tudo. É lá no Fórum. Igual, eu estou com uma lista de dez recuperandos
 3593 que não receberam a remição deles esse mês, então a gente tem com cópia e protocolado, mas o
 3594 recuperando não entende que a coisa demorada e eles querem tudo na hora, né, no tempo deles, na
 3595 hora que eles querem.

3596 **Pesquisadora:** Eles têm dificuldade em esperar essas respostas importantes para eles?

3597 **Entrevistado:** Isso.

3598 **Pesquisadora:** Existe alguma coisa que te inquieta, que te incomoda aqui na APAC, nas relações ou
 3599 questões institucionais?

3600 **Entrevistado:** Hoje o que mais me incomoda aqui na APAC, nessa área que eu trabalho hoje, é a
 3601 ingratidão, a ingratidão pesa muito, dói muito. Lógico que eu faço meu trabalho e eu quero o bem deles,
 3602 eu não espero nada de volta pra mim não, mas a gratidão você sempre quer. Eu não quero que as
 3603 pessoas falem “Ah... olha ele fez isso, fez aquilo!” Eu quero que a pessoa saia daqui, me abrace lá fora,
 3604 venha me dizer “Graças a Deus eu estou bem pelo tempo que eu passei aqui, que eu passei na APAC”.
 3605 E isso é muito importante pra gente que trabalha aqui, porque tem vários casos que me veem na rua e
 3606 começam a gritar, quando eles estão lá fora e estão ruins, eles fogem de mim, eles passam longe da
 3607 minha pessoa. Quando eles estão bem, eles começam a gritar, vem pegar na minha mão. Agora, tem
 3608 alguns que não tem gratidão do trabalho que você fez aqui dentro. Não é da sociedade, eu deixo bem
 3609 claro, não é minha relação com a sociedade, é o pessoal, é o meu pessoal com eles. Igual ao que nós
 3610 conversamos, né, a gente espera um sorriso. Eu entro lá dentro e se hoje você dá pra ele uma bola pra
 3611 jogar eu sou bom, mas se amanhã eu tiro essa bola deles, eu sou a pior pessoa do mundo e tem alguns
 3612 que veem esse lado correto, que se eu tirei a bola é por um motivo certo, e tem alguns que não, que
 3613 eles fazem é ingratidão, falam da gente usando disso para manter o coração deles mais pesado. Então
 3614 isso dói, isso é um pouquinho cansativo nessa profissão, né, essa ingratidão, esse *feedback* que não
 3615 vem pra gente.

3616 **Pesquisadora:** A sensação que eu tenho te ouvindo... a gente até já falou um pouquinho sobre isso
 3617 mais cedo hoje... que o que parece ocorrer muitas vezes é que as pessoas que trabalham aqui, de
 3618 modo geral, não buscam meramente o trabalho em si, a remuneração, parece ser mais o papel social
 3619 a exercer em prol da ressocialização dos condenados. Então parece que o que mais move vocês, nesse
 3620 sentido, é a preocupação com o papel social e não tanto a questão financeira e o exercício profissional
 3621 aqui dentro. É isso? E aí, talvez você tenha uma expectativa de que o fruto do trabalho de vocês está
 3622 na ressocialização e não reincidência dessas pessoas que cumprem pena. Esse parece ser o principal
 3623 retorno que vocês esperam...e o reconhecimento de participação na história deles. Seria isso?

3624 **Entrevistado:** Isso. É isso que a gente quer, simplesmente que a pessoa reconheça que você fez parte
 3625 desse processo, que eu fiz parte da história dele. Existe duas coisas... existe isso e existe também um
 3626 lado que é quando você não consegue fazer isso para o condenado, por exemplo, quando eu preciso
 3627 comunicar uma falta grave, essa pessoa vai voltar para o presídio. É uma sensação de frustração muito
 3628 grande. “O que eu fiz? O que é que eu errei? Toda vez que eu preciso levar um lá pra cima, pro presídio,
 3629 eu penso o que eu posso melhorar... porque aconteceu isso? Faltou alguma coisa em mim, faltou uma
 3630 coisa nesse sentido... porque aconteceu isso?” E a gente sabe que, muitas vezes, eles estão voltando
 3631 por conta deles mesmos, por erro deles.

3632 **Pesquisadora:** Ahamm...

3633 **Entrevistado:** Mas será que eu levei ele a causar esse erro? Eu levei ele a fazer isso? Então essa
 3634 frustração do dia a dia aqui dentro é pesada, e se a gente não estiver sabendo equilibrar isso, essa
 3635 frustração... ela machuca muito!!!

3636 **Pesquisadora:** Então, é conflitivo esse papel pessoal e profissional aqui dentro no seu dia a dia?

3637 **Entrevistado:** Sim, totalmente!

3638 **Pesquisadora:** Você sabe que essa atitude sua traz consequências para a vida do condenado,
 3639 imediata, que ele vai perder o benefício, que ele vai voltar para o presídio e vai voltar recluso para o
 3640 regime fechado ou vai para o presídio. Mas você tem uma função institucional aqui... Seria isso? Então
 3641 existe esse conflito?

3642 **Entrevistado:** Sim!!! Esse conflito você tem ele 24 horas, relacionamento de medo eu não tenho não
 3643 tenho, eu não tenho medo nenhum da pessoa sair e tentar me prejudicar e querer me descontar alguma
 3644 coisa. Eu acho que a gente tem que acreditar muito no trabalho. Aí você acredita e ele tem que colocar
 3645 na minha cabeça que eu não fiz o mal pra ele, que eu só fiz o bem. O conflito maior é aquilo que eu
 3646 poderia fazer melhor, o que eu poderia fazer para que aquilo não acontecesse. Eu sei que até aquele
 3647 momento a minha conduta com ele foi da melhor maneira possível, que o erro não foi meu, o erro foi
 3648 dele, então existe esse conflito. Medo eu não tenho!!! Porque se ele quiser ir atrás de mim amanhã e
 3649 me ameaçar com uma coisa, eu tenho a consciência plenamente limpa de que eu fiz a minha parte.

3650 Pesquisadora: E se você tenta amenizar, deixar de comunicar uma falta grave ao judiciário para evitar
3651 essas consequências drásticas para o recuperando, você pode ser advertido por isso.

3652 **Entrevistado:** Com certeza!!! Eu posso carregar uma carga que amanhã poderá me penalizar sobre
3653 isso. É muito complexo e muito confrontante!!! Você precisa tomar decisões rápidas, sem muito tempo
3654 pra pensar, e tentar seguir o mesmo parâmetro e de vez em quando você tem que sair desse parâmetro,
3655 quando você não pode usar o mesmo parâmetro, depende de cada coisa. Se eu tenho problema com
3656 sete recuperandos, são sete decisões que eu tenho que tomar diferentes, uma diferente da outra.

3657 **Pesquisadora:** E aí você tem um método a seguir de determinada forma, mas você também tem a
3658 parceria com o município, tem o Tribunal de Justiça que pensa de uma maneira, a demanda individual
3659 dos recuperandos e ainda a questão de que você precisa manter o número mínimo de pessoas aqui
3660 dentro em termos de manutenção financeira...

3661 **Entrevistado:** Exatamente isso! São diferentes pressões e cobranças. O TJ que exige outras coisas,
3662 pensa de outra forma.

3663 **Pesquisadora:** Para manter a instituição, talvez, em alguns momentos, você precise solicitar que
3664 venha pessoas para o semiaberto, sem passar pelo fechado, mas porque é necessário um número
3665 mínimo conforme a capacidade da casa e o convênio com o Tribunal.

3666 **Entrevistado:** E aí eu tenho que pensar na Instituição, porque ele vai passar direto para o semiaberto,
3667 isso pode causar problemas futuros como fugas, com certeza! Mas, ao mesmo tempo, eu preciso dele
3668 para manter a instituição com tantos condenados assistidos. Se você me perguntar assim, você entra
3669 por aquele portão ali na frente e você sabe o que você vai fazer? Você tem uma linha reta para você
3670 trabalhar? Você não sabe o que está esperando, eu nunca tenho uma decisão. Eu sei assim, tem um
3671 papel, um documento hoje que eu tenho que assinar, um papel para mandar de progressão de regime
3672 de tal pessoa, isso eu sei que eu tenho que fazer, mas eu terei tempo pra fazer isso, também não sei.
3673 São tantas coisas, você mesma viu quantas vezes que eles abriram a porta durante a entrevista pra
3674 conversar comigo... então não tem como você ter uma linha direta de raciocínio certinha não. Então,
3675 hoje vou fazer isso, aquilo e aquilo, eu vou no fechado eu vou no semiaberto... Você viu quantas pessoas
3676 parou pra conversar comigo quando entrei no regime fechado? Tem horas que eu tenho que falar hoje
3677 eu não vou no semiaberto e nem no fechado... Tem dias que eu tenho outras prioridades e que eu não
3678 posso ir lá. Naquele dia, não posso entrar lá porque eu sei que não saio fácil lá de dentro e tenho outras
3679 coisas urgentes a resolver. Então, é um serviço aqui que, ao mesmo tempo, em que te dá um prazer
3680 enorme, que te leva lá em cima, no auge do prazer, que é você ver uma pessoa saindo, indo te abraçar
3681 chorando... Já chorei várias vezes aqui com recuperando saindo daqui de dentro... foram várias vezes,
3682 choro mesmo! Choro porque eu acho que todo ser humano é passível disso e ao mesmo tempo quando
3683 eu vejo os policiais pra tirar essa pessoa daqui de dentro, algemando alguém aqui dentro, estão te
3684 levando lá embaixo, você vai dos extremos da sua frustração ao extremo da sua alegria aqui dentro
3685 direto, desse jeito, você tem um prazer, uma decepção, uma tristeza. Estão colocadas uma na outra,
3686 essas sensações.

3687 **Pesquisadora:** Um misto de sentimentos?

3688 **Entrevistado:** Um misto de sentimentos... então totalmente...isso é direto!!! São 24 horas assim... tem
3689 dias que eu chego sorrindo lá em casa, tem dias que eu chego triste, pensativo, tem dias que eu não
3690 durmo, isso é inconstante, entendeu, bem inconstante mesmo, é um serviço que eu nunca imaginei ter
3691 isso na minha vida. Nunca imaginei vir pra isso e gosto muito de administração, de papel e de
3692 computação, mas mexer com ser humano é muito inconstante, inconstante demais. E depois que eu
3693 aprendi que sabia lidar com isso, depois que eu vim pra cá, que eu aprendi.

3694 **Pesquisadora:** Então, o trabalho demanda um equilíbrio emocional para lidar com esse misto de
3695 sentimentos e ao mesmo tempo sentimentos deles também que eles trazem para vocês, que eles
3696 compartilham com vocês, como perda de familiares, sofrimento da família, problemas de saúde...

3697 **Entrevistado:** Isso tudo cai em cima de mim e eles trazem tudo pra mim. É frustrante o que eu tenho
3698 que falar é que é frustrante, que a relação APAC e cidadão, a APAC é um serviço apaixonante, é bonito,
3699 é bonito você tirar uma pessoa do buraco, estender a mão a ela.

3700 **Pesquisadora:** Mas será se todos querem ou estão preparados para receber essa ajuda? Esses
3701 aspectos e consequências das atitudes, muitas vezes, também parecem perpassar a escolha da própria
3702 pessoa.

3703 **Entrevistado:** E aí você se frustra. E às vezes também somos surpreendidos. Você fica preocupado
3704 quando ele sair lá fora, a gente pode esperar que ele vai ter problema, vai dar problema, vai voltar pro
3705 mundo do crime, e de repente, ele sai lá pra fora e se torna outra pessoa, abandona o mundo do crime,
3706 então te surpreende. Então é assim, é muito, é muito intenso a palavra que descreve isso ... é intenso
3707 ...aqui é tudo intenso!!! Na mesma hora que está tudo lá embaixo, melhora, depois cai de novo. É raro
3708 chegar na segunda-feira e estar calmo como se está hoje, geralmente tem fila pra conversar comigo,
3709 porque a maioria passa o final de semana, recebe visitas de família falando coisas na cabeça deles,

3710 tentando resolver coisas que eles não dão conta de resolver. Então, vem cada explosão na segunda-
 3711 feira!!! E você tem que tentar acalmar a todos, ter paciência pra falar. A gente coloca regras aqui dentro
 3712 de horário de atendimento, a gente chega às 8h00 e só atende a partir das 8h30, porque se não eles
 3713 não deixam a gente nem ligar os computadores.

3714 **Pesquisadora:** De modo geral, acho que você já disse um pouco sobre isso, mas qual o sentido, qual
 3715 o significado que a APAC tem pra você hoje nesse contexto todo que você mencionou?

3716 **Entrevistado:** Vivência de vida! (*Lágrimas nos olhos*). Aprender a viver, pois eu aprendi a viver de uma
 3717 maneira diferente da que eu era, mais solidário e tentando ajudar mais as pessoas, ter esperanças.
 3718 Essas diferenças entre as pessoas eu achava que era ruim. Essa questão dos preconceitos que a gente
 3719 tem, eu tinha muito preconceito e hoje eu vejo que é preciso sair de um mundinho e conviver com a
 3720 vida completamente, diferente de como eu era. Acredito que hoje, se eu precisar sair daqui amanhã,
 3721 eu saio com meu espírito muito mais fortalecido, de solidariedade, de carinho e amor, saber
 3722 compreender as coisas, a APAC tem como um dos seus fundamentos esse lado religioso. É um ícone
 3723 dela, a religiosidade, então a gente..., o meu espiritual hoje, se eu sair daqui hoje, meu espírito sai mais
 3724 forte, sei que a minha parte foi feita, o que a APAC me trouxe só benefícios.

3725 **Pesquisadora:** Eu imagino que as pessoas que convivem com o método APAC e pessoas
 3726 discriminadas como os condenados experimentem uma quebra de preconceitos e de julgamentos em
 3727 relação aos outros... porque na convivência você identifica todo o contexto no qual aquela situação
 3728 ocorreu. E aí a gente começa a se colocar naquele contexto.

3729 **Entrevistado:** Sim. E se a gente estivesse nessa situação, talvez acontecesse com a gente também.
 3730 Se amanhã, não sei o que vai acontecer, mas se eu sair da APAC eu não vejo como eu não ajudar
 3731 outras pessoas em outras instituições. Eu não pensava isso na minha vida e hoje eu vejo que é preciso.

3732 **Pesquisadora:** Na atividade social e no serviço voluntário a gente tem um ganho com isso, a gente
 3733 tem um ganho secundário que é o bem-estar em ajudar.

3734 **Entrevistado:** Isso! O bem-estar que você sente, a gente fala muito, a FBAC fala muito, que se você
 3735 cai para uma APAC não é à toa, alguma coisa, um porquê, te colocou ali. Eu simplesmente vim fazer
 3736 um serviço administrativo na época, que estava bem difícil a situação e a APAC estava quase fechando
 3737 por uma questão financeira, já não ia mais receber o convênio e eu vim pra resolver esse problema
 3738 administrativo. E no final eu virei o "pai" como eles falam. Eles falam que eu sou como um pai, uma
 3739 mãe, um psicólogo, passei a ser isso, passei a ser uma outra pessoa. A gente tem os nossos valores
 3740 e a gente aprende com pai, com mãe, agora esse valor que você falou aí de preconceito ele foi muito
 3741 forte em mim e hoje isso foi por água abaixo. Esse pensamento... mesmo acreditando que alguns não
 3742 vão dar conta, preconceito perante aquela pessoa, ele saiu de mim, então o que me faz acreditar que
 3743 pode mudar mesmo sabendo que 'mas aquele cara ali não tem jeito mesmo, não tem como, mas só
 3744 depois que eu vi que a gente tenta até o último instante e às vezes a gente consegue'.

3745 **Pesquisadora:** Muito obrigada pela entrevista. Tem alguma coisa que você queria mencionar que você
 3746 não disse?

3747 **Entrevistado:** Não... eu só queria agradecer por você fazer esse trabalho aqui, esse tão bonito e você
 3748 conhece aqui bem mais que eu, você já estava aqui a mais tempo antes de mim.

3749 **Pesquisadora:** Imagina! Eu fui voluntária, mas não ficava aqui todos os dias e já faz algum tempo. E
 3750 você está aqui todos os dias, não consigo conhecer a APAC como você. Você está aqui há quatro
 3751 anos, diariamente, faz parte de dois mandatos e de um período com muitos avanços, você conhece
 3752 muito melhor.

3753 **Entrevistado:** É, mas você já estava aqui quando eu entrei, com certeza sabe um pouco sobre a APAC.
 3754 Como você sabe, esse serviço aqui é apaixonante e eu espero continuar aqui. A única coisa que eu
 3755 tenho a falar é que eu sou apaixonado e essa paixão que me faz querer permanecer aqui por uns bons
 3756 tempos ainda. Não quero largar isso aqui não.

3757 **Pesquisadora:** Muito obrigada pela entrevista.

3758

3759 **ANEXO F- Transcrição da entrevista realizada com uma pessoa em cumprimento de pena do**
 3760 **regime aberto**

3761 **Pesquisadora:** Conte-me sua história na APAC, quando chegou aqui e suas experiências nesse
 3762 método de cumprimento de pena.

3763 **Entrevistado:** Eu desci do presídio, sem pedir, na época não conhecia a APAC. Só sabia que não tinha
 3764 polícia aqui né! Faz mais de quatro anos que estou aqui! Cumpri fechado, semiaberto e agora aberto.
 3765 Fui da primeira turma!

3766 **Pesquisadora:** Mas você foi do segundo grupo, não? O primeiro grupo voltou integralmente lá para
 3767 cima, apenas ficou um no fechado, na época? Lembra?

3768 **Entrevistado:** Ah... é mesmo... quando entrou droga aqui e todos voltaram... foi mesmo! Eu sou da
 3769 segunda turma mesmo, Sirlene! Quanto a APAC eu não tenho nada a reclamar, eu só tenho a
 3770 agradecer mesmo!

3771 **Pesquisadora:** Como se dão as relações entre vocês, recuperandos, na APAC?

3772 **Entrevistado:** Não é fácil não! É bem difícil conviver! Hoje eu convivo pouco porque estou no aberto já
 3773 há algum tempo e o juiz, o Dr. X, me liberou para voltar apenas no sábado para a APAC, porque eu
 3774 moro em P., então ele me liberou. Eu estava trabalhando na Mineradora Y, mas como estão com corte
 3775 de funcionários com a crise, eu fui mandado embora há uma semana. Daí eu estou em casa, mas já
 3776 olhando outro serviço e venho para cá somente aos sábados à noite para ficar até a segunda de manhã.
 3777 Saio na segunda às 7h00. O ônibus da empresa passava aqui embaixo, e agora sem trabalho, eu vou
 3778 de ônibus normal pra casa (sic).

3779 **Pesquisadora:** Como são as interações de vocês e os funcionários e voluntários da APAC?

3780 **Entrevistado:** Quando preciso conversar com o *Fulano* (*encarregado de segurança*) ou resolver
 3781 alguma coisa eu venho aqui, passo aqui na APAC, para resolver, papelada, alteração de datas de
 3782 alguma coisa, falar alguma coisa. Eu estive aqui esses dias para conversar com ele para contar para
 3783 ele que o que tem acontecido no aberto nos fins de semana. Está uma bagunça lá e eu fico com medo
 3784 disso me prejudicar, agora no finalzinho da minha cadeia, sabe! Eu falei que tá acontecendo coisas que
 3785 não deveriam e que eu não tenho nada a ver com isso e não quero ser punido com os outros, porque
 3786 não faço parte desse grupinho... essas coisas de errado que não podem entrar aqui (sic).

3787 **Pesquisadora:** Entendo...!

3788 **Entrevistado:** É... você sabe né... que eles faz muito isso! O *Fulano* já sabia quando eu vim avisar pra
 3789 ele! Só não quero problema para mim que não tenho nada a ver com isso. Mas ele me falou que sabe
 3790 que eu não tenho nada a ver com isso. Ele inclusive me ajuda muito, porque eu não dou trabalho para
 3791 eles aqui, sabe! Ali só tem eu e o *Fulano* que tá de boa, que não quer mais coisa errada, os outros
 3792 aprontam muito... (sic). Com os voluntários, eu nunca tive o que reclamar! Hoje mal vejo os voluntários...
 3793 sempre na rua né!!!

3794 **Pesquisadora:** Conte-me sobre as relações de vocês com o administrativo, com a diretoria da APAC.

3795 **Entrevistado:** Eles resolvem o que podem resolver para ajudar e é bem tranquilo.

3796 **Pesquisadora:** Você possui familiares? Eles participam da APAC?

3797 **Entrevistado:** Meus pais vinham me visitar desde a cadeia, mas aqui na APAC é melhor que não tem
 3798 revista, não tem que tirar a roupa né... para entrar, então é mais tranquilo. Agora eu já sou pai, mais
 3799 uma responsabilidade, depois te mostro a foto dela! Vai fazer um aninho! Só quero sossego, não quero
 3800 mais pagar cadeia não! Minha família vinha sempre me ver quando estava no fechado e no semiaberto,
 3801 agora eu fico com eles a semana toda e passo o domingo aqui.

3802 **Pesquisadora:** Imagino que seja difícil voltar para a APAC só para passar final de semana?

3803 **Entrevistado:** Sim. É muito! Mas tem que ter cabeça, tem que querer, senão não volta mesmo! Mas
 3804 se não voltar, é cadeia de novo! Não quero mais isso! (sic).

3805 **Pesquisadora:** A APAC faz parte da execução de penas e, portanto, inclui a parceria do Tribunal de
 3806 Justiça, juiz e promotora da vara criminal. Conte-me um pouco de como você vê essa relação e
 3807 parceria.

3808 **Entrevistado:** Acho que é boa sim! Eles demoram muito a liberar papelada, mas a APAC não tem
 3809 culpa disso!

3810 **Pesquisadora:** Há algo que te inquieta, incomoda, angustia, nessas relações na APAC?

3811 **Entrevistado:** Só a distância da família mesmo quando tava no fechado. Mas, agora, eu vejo eles
 3812 quase todo dia! Trabalho e depois do trabalho já volto para casa para ver minha filha (sic). Quero
 3813 terminar de pagar isso logo...

3814 **Pesquisadora:** O que significa a APAC para você? Qual significado/sentido da APAC?

3815 **Entrevistado:** Pra mim foi só coisa boa, muito bom pra mim, remissão de pena, senão ainda iria ficar
 3816 preso por mais tempo e com a minha filha crescendo, só quero ficar perto dela agora.

3817 **Pesquisadora:** Muito obrigada por sua entrevista!
3818 **Entrevistado:** De nada! Se precisar, só falar comigo!

3819 **ANEXO G- Transcrição da entrevista realizada com um egresso do método APAC**

3820

3821 **Pesquisadora:** Conta pra mim um pouco da sua história na APAC, quando conheceu a APAC e suas
3822 experiências nesse método de cumprimento de penas.

3823 **Entrevistado:** Oia... eu conheci a APAC quando eu desci da cadeia pra baixo, do presídio para a
3824 APAC. Os primeiros dias que eu cheguei na APAC, oia, não foi fácil não!!! Na APAC não é fácil não,
3825 né? Tem muita regra, muita regra, oração de manhã cedo, hora do almoço e de tarde. Lugar de conviver
3826 com Deus mesmo. Lugar de recuperação (sic). Eu fiquei três anos e pouco na APAC. O que ela
3827 ofereceu para mim foi tudo de bom.

3828 **Pesquisadora:** E você fez o pedido para entrar na APAC?

3829 **Entrevistado:** Eu nem fiz pedido, eu acho que os agentes olharam o meu lado lá dentro, eu não fazia
3830 bagunça, eu andava direitinho né, não fazia nada de errado lá. Já trabalhava no externo e não dava
3831 problema (sic).

3832 **Pesquisadora:** Você acha que foi por relatório de bom comportamento, então?

3833 **Entrevistado:** Sim. Relatório de bom comportamento!

3834 **Pesquisadora:** Você nem conhecia então?

3835 **Entrevistado:** Não. Eu só sabia que não tinha polícia, não tinha violência, isso eu sabia, mas não sabia
3836 como era lá dentro, não sabia das regras.

3837 **Pesquisadora:** Como eram as relações entre vocês, recuperandos, na APAC?

3838 **Entrevistado:** Ah... não era fácil não! Era bem difícil! Tinha dia que era mais tranquilo, mas outro dia
3839 que era mais difícil. Muita disciplina, Conselho Disciplinar. E eu era do CSS, era vice-presidente, então
3840 tinha que colocar regras, aplicar falta, comunicar para o inspetor ou encarregado, o gerente lá na época.
3841 Era difícil.

3842 **Pesquisadora:** Existia conflitos entre vocês?

3843 **Entrevistado:** Sim, muito todo dia tinha conflito. Mas a gente tinha que seguir, senão a gente voltava
3844 para o presídio e a gente vivia morrendo de medo de cair em uma falta grave e voltar lá para cima, né!
3845 Ninguém queria voltar, mas era muita regra, muita disciplina. O gerente era muito certinho e tem que
3846 ser né, é um cumprimento de pena, então tem que andar certo. Quase toda semana subia uns dois,
3847 por semana, e a gente ficava morrendo de medo. A APAC é uma panela de pressão ali dentro, tem dia
3848 que se não controlar a pressão, podia explodir, uma panela de pressão a beira de estourar, explodir
3849 mesmo.

3850 **Pesquisadora:** Quando tempo você pegou de pena?

3851 **Entrevistado:** Paguei quatro anos e dois meses (com a remição de pena) e mais um ano e pouco de
3852 liberdade condicional. Terminei de pagar a condicional no ano passado. Graças a Deus, agora não
3853 devo mais nada não! Ando certo, estou trabalhando. Já tinha tudo certo para eu trabalhar de novo da
3854 loja (**uma empresa de venda, montagem e entrega de móveis onde ele trabalhava antes de ser**
3855 **preso, desde 1998**). Eu saí, depois com três dias, eu já estava fichado de novo na loja. Nunca dei
3856 problema né! Então eles me queriam de novo lá com eles. Eu faço entrega, monto móveis, pego serviço
3857 extra também depois do horário com o meu colega. Quando eu fui pro semiaberto eu pedi para
3858 trabalhar, já tinha tudo certo, tudo assinado na empresa, mas o juiz não aceitou não. Eu iria para a rua
3859 e só assinaria no final do dia, mas o juiz não autorizou não.

3860 **Pesquisadora:** Como eram as interações de vocês e os funcionários e voluntários da APAC?

3861 **Entrevistado:** Ah... funcionário, quem a senhora fala? Os inspetores, funcionários da administração,
3862 gerente, todo mundo?

3863 **Pesquisadora:** Sim, todos eles.

3864 **Entrevistado:** Dependia muito do funcionário né! Tinha funcionário que era tranquilo, tinha inspetor de
3865 segurança que só da gente falar mais alto lá dentro já marcava falta, então dependia muito de um pro
3866 outro. Com os voluntários, depende também. [...] *partes omitidas por questões éticas [...]*

3867 **Pesquisadora:** Conte-me sobre as relações de vocês com o administrativo, com a diretoria da APAC.

3868 **Entrevistado:** Era tranquilo também.

3869 **Pesquisadora:** E seus familiares? Eles participavam da APAC?

3870 **Entrevistado:** Eles iam me ver, meu pai, minha mãe, minha irmã. Eles acharam bão demais eu tá na
3871 APAC, soh (sic). Nossa! Para minha família eu entrar na APAC foi a melhor coisa do mundo! Sem
3872 revista constrangedora para eles. Minha mãe tinha que tirar a roupa na frente deles para entrar no
3873 presídio para me ver. Fiquei lá um ano e pouco e eles sofreram muito. A família sofre mais que a gente
3874 né!

3875 **Pesquisadora:** A APAC faz parte da execução de penas e, portanto, inclui a parceria do Tribunal de
3876 Justiça, juíza e promotora. Na sua opinião, como era essa relação e parceria?

3877 **Entrevistado:** O *Fulano* (gerente na época que ele entrou) estava todo dia lá no fórum conversando
3878 com a promotora, com o juiz, e, qualquer problema, ele já comunicava!!! (sic). Teve época que subiu
3879 (para o presídio) quase a metade dos recuperandos! Então era bem exigente mesmo.

3880 **Pesquisadora:** Você pegou duas épocas na APAC, então? Duas diretorias diferentes?

3881 **Entrevistado:** Foi... eu peguei dois mandatos de uma e um de outra. Eu convivi com o *Fulano* e
3882 *Sicrano*, depois, entrou o atual gerente, que é gente boa demais, não tenho a reclamar dele, mas é
3883 bem diferente mesmo. A APAC cresceu, os regimes se separaram, a turma ficou dividida...O gerente
3884 aí me ajudou demais... ele foi muito bom pra mim. Quando terminou minha cadeia e não vinha o papel
3885 da condicional eu fiquei meio desesperado lá dentro. Eu tomei medicamento com café e fiquei meio
3886 grogue, meio impregnado (**de medicamentos**), tomei escondido e não aguentava esperar a hora de
3887 sair. Ele teve muita paciência comigo e me falou pra voltar para o dormitório, que era preciso paciência,
3888 para eu não perder a cabeça... ele ajuda demais, ele conversa muito (sic).

3889 Duas diretorias diferentes... com o *Fulano* não tinha nhe..nhê... nhê... não...

3890 **Pesquisadora:** Como assim? Não tinha diálogo, não tinha meio termo?

3891 **Entrevistado:** Não tinha... era 8 ou 80!!! O gerente conversa muito, ajuda muito... mas acho que tem
3892 que exigir mesmo, senão vira bagunça lá dentro... aquilo ali é uma panela de pressão... mais de 40
3893 homens ali dentro fechado, sem policial, vira bagunça se não tiver regra mesmo.

3894 **Pesquisadora:** Há algo que te inquietava, incomodava, angustiava, nessas relações na APAC?

3895 **Entrevistado:** Ahhh. Uai... Incomodar assim... era do dia a dia mesmo! Eu ficava triste era quando a
3896 família ia embora, no final da visita de domingo, e tinha que esperar até o próximo final de semana,
3897 para ver eles lá de novo! Era difícil! Quando acaba a visita é ruim! Até chegar no outro final de semana,
3898 era ruim. Quando tinha saidão (**saída temporária**), igual eu consegui uma vez só, outros foi induto de
3899 natal, depois ter que voltar para a APAC não era fácil não! O meu advogado V. me ajudou a conseguir
3900 saída no dia do meu aniversário, quando estava no semiaberto, pois a minha cadeia era diferente da
3901 dos outros e eu não conseguia saída temporária não. Não deu prazo de sair de novo não, foi só essa
3902 saída.

3903 **Pesquisadora:** O que significa a APAC para você? Qual significado/sentido da APAC?

3904 **Entrevistado:** Aprendizagem de tudo... Experiência de vida. Experiência de vida lá é outra. Regras
3905 importantes... de fé, de tudo... aprendi tudo lá dentro! Não sabia fazer o nome do pai, aprendi tudo lá
3906 dentro, não rezava, não tinha oração. Tem o serviço lá que ajudava com a remição de pena, ajudava a
3907 pegar uma profissão, de quem não tinha né! E o artesanato, a psicologia, eu tive duas psicólogas lá
3908 dentro, me ajudaram demais mesmo! Tudo foi bom demais para mim, eu só tenho a agradecer. Os
3909 cultos, a missa, as atividades de valorização humana, tudo foi bom demais para nós! Muitos voltaram
3910 para lá, mas eu estou firme, não quero saber de cadeia mais não! . Eu fiquei de ir lá num domingo, mas
3911 não fui ainda, tenho que ir lá fazer uma visita para o pessoal lá! Mais alguma coisa, era só isso que
3912 você precisava... se quiser aproveitar... pode perguntar mesmo... sobre serviço, você não perguntou
3913 nada! Sobre serviço eu sempre trabalhei na APAC, fiquei sempre na cozinha. O tempo todo só na
3914 cozinha, de domingo a domingo, ganhei oito meses de remição.

3915 **Pesquisadora:** Muito obrigada por sua contribuição, era só isso mesmo que eu precisava! Muito
3916 obrigada!

3917 **Entrevistado:** Se precisar de mais alguma informação, é só me falar, a gente marca... eu trabalho muito,
3918 mais se precisar a gente marca outra entrevista.

3919

3920

3921

3922

3923

3924

3925

3926

3927 **ANEXO H- Transcrição da entrevista realizada com uma voluntária**

3928

3929 **Pesquisadora:** Bom, conta pra mim um pouquinho da sua história na APAC. Como que você conheceu
3930 a APAC? Como que é seu contato com a APAC?

3931 **Entrevistada:** A APAC daqui, ela começou assim de uma forma muito inadequada, dividindo espaço...
3932 com a cadeia municipal. E... uma amiga pediu que eu levasse uma carta para um presidiário lá na
3933 cadeia, né? Não era ainda o presídio como é hoje. E eu fui levar essa carta, era uma pessoa de fora,
3934 de xxx e fui levar essa carta. Chegando lá, é... estava tendo uma pequena comemoração do lado de...
3935 é, intramuros, mas de fora da cadeia... na área reservada pra APAC. Aí uma pessoa me grita, lá sabe:
3936 "*Fulana*" e eu olhei, era um amigo da minha cidade que estava lá, é... condenado por uma ação de um
3937 crime de estupro. Então ele veio, me abraçou né? Muito emocionado, sabe... e começando a
3938 conversar... e a diretora da APAC na época chegou e falou assim: "Quem é essa?". Perguntou para o
3939 recuperando, né? "Pois essa aqui é como uma irmã pra mim". E eu tive vontade assim, que o chão se
3940 abrisse pra mim. Por quê? Porque eu sabia, era um amigo de infância meu e de meus irmãos, de x, e
3941 eu sabia que ele estava preso. E não tinha tido a... sensibilidade, nem de visitá-lo, nem de perguntar
3942 se precisava de ajuda, nem nada. Então aquilo fez um impacto muito grande sobre mim e eu comecei
3943 a perguntar né, o que era a APAC... me inteirar um pouquinho... e perguntei o que que eu podia fazer.
3944 Como eu tenho assim, sou palestrante, faço oratória há muitos anos, pensei: "Olha, acho que eu posso
3945 contribuir é falar sobre ética, valores humanos, evangelho...". E foi assim que eu comecei o trabalho
3946 por lá. Na verdade, eu entrei, assim... porque eu fiquei com vergonha de mim mesma, sabe? Assim...
3947 com relação a esse meu amigo. E depois a gente foi realmente se apaixonando, né? Pelo método.

3948 **Pesquisadora:** Anham. Então na verdade isso já faz mais ou menos uns 10, 11 anos?

3949 **Entrevistada:** É... 12, 12 anos. Foi bem no início.

3950 **Pesquisadora:** 12 anos. Foi antes de a APAC ser reconhecida como APAC, bem antes né?

3951 **Entrevistada:** Sim, foi bem antes. E, não sei se você vai perguntar na sequência, ela... a instituição
3952 estava operando de forma inadequada até que o juiz decretou que ela fosse fechada.

3953 **Pesquisadora:** Anham.

3954 **Entrevistada:** Somente algum tempo depois ela foi reaberta, já num prédio próprio e que é o prédio
3955 abaixo da cadeia, aquele que no início não tinha o que tem lá hoje.

3956 **Pesquisadora:** Anham. E como que se dão as relações entre vocês - que são voluntários, né? E os
3957 funcionários, os recuperandos da APAC? Como que são essas relações?

3958 **Entrevistada:** Os funcionários sempre nos tratam muito bem, tanto o pessoal lá da diretoria, do
3959 escritório, como os monitores que nos atendem, sempre com muita cortesia e muita educação. Com os
3960 recuperandos, eu... estou lá há muito tempo, então a gente têm realmente uma relação de amizade,
3961 eles têm muito respeito, muito carinho por mim.

3962 **Pesquisadora:** Anham.

3963 **Entrevistada:** Eu ganho presentes, é... há 15 dias atrás, um recuperando fez uma cadeirinha, mini,
3964 pequenininha... de palitos pra mim, e me deu. O outro faz desenhos e manda pra minha neta... então
3965 eles me tratam sempre muito bem e com muito respeito. Eu posso te dizer que eu nunca fui
3966 desrespeitada lá. Então até... é... com os elogios, né? Que às vezes eles me fizeram, nunca foi de uma
3967 forma desrespeitosa. Eu chego lá, pinte o cabelo, eles: "Oh, dona x! Pintou o cabelo?! Ficou bacana..."
3968 não sei o quê, sabe? Mas nunca teve nenhuma coisa que me desrespeitasse, né? Não posso dizer
3969 assim, se houve alguma conversa depois que eu saí... porque nenhum deles nunca me chegou e me
3970 contou. "Olha dona xxx, depois que a senhora saiu fizeram isso, falaram...", enfim. Nunca aconteceu.
3971 E eu tenho ido esses anos todos, salvo algumas vezes que eu levei outros companheiros comigo, né?
3972 Pra ver se a gente conseguia mais voluntários, eu vou sozinha. Então, são... 30 e poucos homens, 20
3973 e poucos homens numa sala... e eu, de mulher sozinha. E nunca tive nenhum problema. E a gente tem
3974 assim, é... uma relação, não vou dizer de amizade, que eu não tenho contato, né? Diário com eles. Mas
3975 de proximidade, que me dá abertura e que eu brinco com eles. Entendeu? Eu brinco com eles, e falo
3976 com eles que só eu posso fazer aquilo com eles. Brincar e zoar com eles. Porque eles não podem,
3977 porque desrespeitar voluntário é falta grave. Brinco dessa forma. Então é um ambiente assim, bem leve
3978 sabe? Apesar... me tratam muito bem, todas as minhas palestras... eu faço palestras, eu faço dinâmica
3979 de grupo, faço algumas técnicas de estudo com eles. O que, o que pode ler ali dentro, naquele espaço
3980 pequeno que a gente tem. E... é sempre assim, muito legal. Apesar de que eu sei, né? Que eles são
3981 obrigados a participar, porque é... são o que eles chamam de atos socializadores. Então o recuperando
3982 é obrigado, né? A gente sabe, a gente olha pra umas carinhas, que eles... Você pensa que eles devem...
3983 Fico eu imaginando, eles devem tá pensando assim: "O meu Deus do céu, acaba logo", não sei o quê.
3984 Outros... você percebe pelo olhar, sabe? Pela expressão facial, pelo interesse, que eles estão vidrados
3985 naquilo que você fala. Eles participam, né? Muitos participam, eu pergunto muito. Eu gosto muito que
3986 eles interajam comigo, e também dentro desse processo de relacionamento, muitas vezes, eu fui

3987 confidente. Termino esse trabalho eles falam assim: "Ô dona xxx, eu quero conversar com a senhora".
 3988 Então muitas vezes eles me contam coisas, coisas íntimas deles. Porque que eles estão lá, porque eu
 3989 nunca pergunto. Nunca pergunto: "Que crime você fez para estar aqui?". Não é? Então já me
 3990 confidenciaram minúcias do crime que cometeram, como foi... e eu fico feliz, assim, no sentido de que,
 3991 acho que isso é uma amostra da confiança deles na gente, né?

3992 **Pesquisadora:** Anham. É... [Silêncio]. As suas atividades são semanais, né? Você trabalha tanto no
 3993 semiaberto quanto no fechado?

3994 **Entrevistada:** Sim, é... antes de fazer... de a APAC fechar realmente os espaços do semiaberto com
 3995 o aberto... desculpe, do semiaberto com o fechado, eu fazia com eles todos juntos. Agora, como eu
 3996 trabalho durante a semana e o horário que eu tenho é no sábado, e eles têm que trabalhar também,
 3997 então é das cinco às seis. Depois tem o jantar, então como os horários lá são muito... rígidos, né? Eu
 3998 faço uma semana com o semiaberto e outra semana com o fechado, eu vou revezando.

3999 **Pesquisadora:** Entendi. É, na verdade é uma atividade de valorização humana no caso.

4000 **Entrevistada:** Isto. Eu falo de valores humanos, eu falo de ética, falo de evangelho, sabe? Eu trabalho
 4001 muitas questões, é... o que os levou a perpetrar os crimes. Né? Muitos falam assim: "Ah... eu fui
 4002 traficante de drogas". "Não, mas não é isso o que eu tô perguntando. O que te levou a ser traficante?
 4003 Será que não é a cobiça? Que você queria dinheiro fácil. Será que não foi a preguiça? Porque você
 4004 não queria trabalhar e achou que fosse mais fácil". Então eu procuro... você que é psicóloga sabe mais
 4005 do que eu essas questões. Eu procuro entrar na raiz do problema, tá? A gente trabalha muitas questões
 4006 familiares também, onde dá pra antever... as famílias desequilibradas, sabe? Que os levaram muitas
 4007 vezes à... ou deixaram que eles fossem pro caminho do crime. Como também já tivemos depoimentos
 4008 de recuperandos, somente num dia que a gente trabalhou as questões familiares, que ele falou que ele
 4009 foi muito bem criado. O pai dele morreu e ele foi criado pela mãe e pela avó. E que ele foi muito bem
 4010 criado. Ele é que se desvirtuou dos ensinamentos que recebeu. Então é isso que a gente procura...
 4011 sabe?

4012 **Pesquisadora:** Anham.

4013 **Entrevistada:** Procura mexer com eles, fazê-los refletir mais profundamente sobre, sobre suas próprias
 4014 realidades.

4015 **Pesquisadora:** Entendi. E qual o papel do voluntário na APAC, em sua opinião? Quais as contribuições
 4016 do voluntário no método APAC?

4017 **Entrevistada:** Bom, eu já fiz vários cursos do método da APAC, né? Então a gente sabe que sem o
 4018 voluntário a APAC não... não funciona, né? Então ele é de suma importância, em todas as áreas.
 4019 Porque... para o recuperando, é... é muito importante ele saber que alguém vai lá, sem ganhos
 4020 financeiros fazer algo por ele. Ter alguém que se importe com ele, porque na verdade... é um processo
 4021 de baixa estima muito grande que eles têm, por "tá" ali naquela condição e... mesmo antes de tá na
 4022 cadeia, né? Eles sabem que as pessoas, que é voz corrente as pessoas dizerem: "Bandido bom é
 4023 bandido morto"...

4024 **Pesquisadora:** Anham.

4025 **Entrevistada:** Não é? Então vem uma pessoa que fala assim: "Ah não, eu vou dedicar algum tempo
 4026 pra ajudar de alguma forma" é muito importante pra eles. E é o que faz o trabalho da APAC crescer e
 4027 se solidificar. A gente já escutou dirigentes de APACs, inclusive o xxx da APAC de xxx, falando que se
 4028 a comunidade não apoiar a APAC, como voluntários ou como apoiadores da causa, de uma forma ou
 4029 de outra, como... é... ajudando a dar trabalho pro pessoal que já sai da APAC, a APAC não vai pra
 4030 frente. Então a comunidade tem que... abraçar a causa. E os voluntários fazem isso, né? Um trabalho
 4031 assim, importante porque é o que faz a... a instituição andar.

4032 **Pesquisadora:** Anham. E como que a comunidade local, como que o município vê a APAC em sua
 4033 opinião? Qual a opinião da sociedade hoje aqui no município a respeito da APAC?

4034 **Entrevistada:** Olha a gente ainda enfrenta assim, muito esse preconceito né? Porque as pessoas
 4035 acreditam no aumento da violência... então aquele que promoveu a violência, ele é estigmatizado. Ele
 4036 tem, né? Que sofrer, sabe... As pessoas falam pra mim: "Você vai lá passar a mão em cabeça de
 4037 preso? Passar a mão na cabeça deles?" Como se a gente tivesse, é... com a APAC, ajudando,
 4038 diminuindo o sofrimento deles e que eles não merecem que isso aconteça, entendeu? Têm pessoas
 4039 assim já conscientes, que é um trabalho de regeneração daquele que praticou um crime, que todo
 4040 mundo tem outra chance. Mas o preconceito ainda é grande, o poder público ainda... não faz o que
 4041 poderia fazer, né? Mas a gente tá caminhando e uma coisa que eu sempre trabalho com eles, com os
 4042 recuperandos, é o seguinte: que a conduta deles deve ser a melhor possível aqui fora. Porque todas
 4043 as vezes que a gente tem boas notícias da APAC, né? A gente consolida o nome da APAC na
 4044 comunidade. E o contrário também: toda vez que, por exemplo, foge um recuperando, tem algum
 4045 problema... vai a notícia pro jornal e o nome da APAC, a credibilidade também já é abalada. Sabe?

4046 **Pesquisadora:** Anham.

- 4047 **Entrevistada:** Mas a gente já tem encontrado mais pessoas acreditando na... na obra, no método. Eu
 4048 particularmente sou entusiasta, né? E eu uso as palestras que eu faço, uso as redes sociais. Sabe?
 4049 Pra... valorizar o trabalho. Essa semana passada mesmo, eu coloquei uma foto. Tem uma foto lá mais
 4050 antiga, aí que o *Facebook* volta a te mostrar aquilo lá, eu e os meninos da APAC. Então eu falei
 4051 novamente sobre a APAC, sabe? Sobre a metodologia... valorizar assim o espaço que eu tenho...
 4052 **Pesquisadora:** Pra divulgar.
 4053 **Entrevistada:** Pra divulgar, para que as pessoas tenham uma melhor impressão, né? E tem muita
 4054 gente que não sabe o que... que é, né? Não sabe o que é e não se informa, e fala mal sem se informar,
 4055 sem conhecer... Mas a gente tem caminhado.
 4056 **Pesquisadora:** É, é um município pequeno, mas a gente vê que ainda não conhece, ainda não valoriza
 4057 o método? Principalmente nessa área de assistência ao condenado. É... E tem alguma coisa que te
 4058 incomoda, que te angustia em relação à APAC, ao trabalho que você faz ou o contato com os
 4059 recuperandos? Tem alguma coisa que em algum momento te gera um desconforto ou uma angústia?
 4060 Ou a sensação de querer fazer alguma coisa que você não consegue? Porque, às vezes, a gente se
 4061 sente impotente, queria fazer algo mais e não consegue. Tem alguma coisa que te incomoda nesse
 4062 sentido?
 4063 **Entrevistada:** Não Sirlene, porque eu já tô lá há muito tempo. Então eu já... trabalhei, sabe? Um
 4064 questões internas. Tipo assim... é... que me incomodava muito, quando algum dos recuperandos fazia
 4065 algo errado e voltava pra cadeia. Entendeu? E a gente assim, tipo: "Poxa, não valeu o que eu fiz? Não
 4066 valeu a... os alertas, as conversas?". Aí depois eu mesmo fui fazendo um trabalho comigo. Tipo assim:
 4067 isso não me pertence. Quer dizer, o trabalho da gente é lançar a semente, é tentar ajudar. Se a pessoa
 4068 não quis absorver... aí já é com ela. E também... faço um trabalho comigo pra que isso não me
 4069 desmotive. Entendeu? O dia que eu chego lá e: "Nossa, dona xxx! Teve um problema". Ou... ou alguém
 4070 fugiu, ou... "cê" entendeu? O... pessoal da diretoria me conta algo. Eu tento não ficar desmotivada,
 4071 porque eu sei que a obra é maior e... a maioria dá valor, né? A maioria dá valor. Mas eu não me sinto
 4072 incomodada não, até porque - como te falei - eles me tratam com muito respeito e também eu sou muito
 4073 brava, se me desrespeitar, vai ser na hora que eu vou falar e vai ser na hora que eu vou denunciar pra
 4074 diretoria. Não tem...
 4075 **Pesquisadora:** É, na verdade assim: esse ter que lidar com alguma frustração, parece que faz parte
 4076 do serviço do voluntário, do funcionário da APAC, porque... querendo ou não a gente é ser humano, a
 4077 gente cria uma expectativa. Então quando você se doa, você cria uma expectativa de que você vai ver
 4078 um resultado nítido, claro do que você tá... fazendo...
 4079 **Entrevistada:** Anham.
 4080 **Pesquisadora:** Então no caso da APAC, o voluntário se doa, mas não sabe se suas expectativas se
 4081 concretizarão?
 4082 **Entrevistada:** Sim.
 4083 **Pesquisadora:** E muitas vezes nossas expectativas são feridas, porque... nessas situações em que
 4084 um retorna pro presídio ou que tem entrada de drogas... ou que alguém tenta fugir. A tendência é isso
 4085 fazer as pessoas se questionarem, os funcionários, a gerência e os voluntários, né? E realmente é
 4086 importante esse trabalho com a gente mesmo pra não se frustrar, porque realmente é escolha dele,
 4087 né? Você oferece o que você pode oferecer, mas a escolha é do condenado. Ele vai escolher o caminho
 4088 que ele quer seguir, não é a gente que vai fazer essa escolha por ele.
 4089 **Entrevistada:** Ô Sirlene eu já tive, assim, mais impactos do que o próprio recuperando voltar pro regime
 4090 fechado... eu trabalho há muitos anos como voluntária evangelizando crianças. Há muitos anos. Então
 4091 por duas vezes eu encontrei meus ex-evangelizando os meninos da periferia que a gente evangelizava
 4092 lá. Então isto foi **muito** (ênfase, suspiro) assim...
 4093 **Pesquisadora:** Impactante...?
 4094 **Entrevistada:** Forte em mim! Sabe? De eu me segurar, pra não chorar... sabe? Esse tipo de coisa. E
 4095 tive que fazer esse trabalho comigo. Falei: "Gente, o que eu pude fazer foi o que eu fiz. Não fui eu que
 4096 eduquei, eu não fiquei o tempo todo com essa criança, era uma hora, duas horas por semana. Por
 4097 algum tempo". Sabe? E eu percebi Sirlene, que eles também tiveram a extrema vergonha de me
 4098 encontrar lá também, entendeu? Então realmente, sabe? Não é fácil, não é fácil. Porque... a gente fica
 4099 se questionando. Eu falei: "Poxa vida, eu fiz errado?". Nossa! Eu fiz mal feito? Foi por isso? Então eu
 4100 tive, né? Foi a escolha dele, cada um decide o que vai fazer da sua vida, né?
 4101 **Pesquisadora:** Anham.
 4102 **Entrevistada:** Eu lembro da... daquela, da humorista que falava: "Ah, isto não te pertence". Eu lembro
 4103 e coloco isso pra mim: isso não me pertence.
 4104 **Pesquisadora:** Sim, que perpassa a escolha da pessoa, né? Que senão a pessoa sai com um estado
 4105 emocional abalado, sai se sentindo desmotivada e até desiste de... de continuar com o voluntariado,
 4106 porque...

- 4107 **Entrevistada:** Não vou te dizer que alguns dramas lá não... sabe, não exercem um impacto muito
4108 grande dentro da gente. Exercem. Quando a gente... ouve falar que aconteceu isso e isso, ou alguma
4109 coisa negativa, aquilo né? Mexe com a gente. Mas... eu tenho procurado ver o objetivo maior da obra,
4110 sabe? E não desisti não porque... a gente viu tanta gente começar e depois desistir... eu mesmo, teve
4111 um dia de eu levar 10 voluntários comigo.
- 4112 **Pesquisadora:** E hoje tá só você?
- 4113 **Entrevistada:** Onde eles estão?
- 4114 **Pesquisadora:** É, teve curso de voluntários e acho que dos voluntários acho foi um que hoje é... um
4115 dos inspetores. Acho que pouquíssimos...
- 4116 **Entrevistada:** Não, tem um que ficou como professor de física, matemática. Tá dando aula lá também.
- 4117 **Pesquisadora:** Ah o seu xxx?
- 4118 **Entrevistada:** Seu xxx.
- 4119 **Pesquisadora:** Quantos que participaram e quantos que ficaram, né?
- 4120 **Entrevistada:** E foi até um número bom de voluntários.
- 4121 **Pesquisadora:** E o que que significa a APAC pra você hoje? Com essa experiência aí, de quase 12
4122 anos na APAC, acompanhando o início dela e diversas fases, né? De abertura, fechamento,
4123 credenciamento no Tribunal de Justiça... expansão agora pra 45 condenados... Qual que é o significado
4124 que a APAC tem pra você hoje?
- 4125 **Entrevistada:** Olha Sirlene, é assim uma... uma ideia que eu acredito, entendeu? Então eu já... já
4126 incorporei à minha vida, incorporei ao meu trabalho... assim... pra mim é muito importante. Porque...
4127 como realização pessoal é bom pra mim eu ver pessoas se melhorando, se organizando... e eu chego
4128 lá, com exceção de uns quatro ou cinco, são todos muito jovens. São todos mais ou menos da idade
4129 dos meus filhos. Então eu fico vendo neles os meus filhos. É... é assim que, sabe? A coisa funciona
4130 pra mim, e vai me dando motivação, sabe? Pra continuar. Porque eu acho que é uma metodologia
4131 fantástica, viu? E assim, das opções que a gente vê do sistema prisional no Brasil, eu penso que seja
4132 a melhor. Não sei se existem outras tão boas quanto, mas eu duvido. Eu acho que... é... a APAC, o
4133 doutor Mario Ottoboni fechou muito, sabe? Fechou o esquema, sabe!!! Com muita competência.
4134 Colocou espiritualidade, colocou disciplina, trabalho, valorização humana. Não é? Então eu acho que...
4135 que fechou bastante. E pra pessoas que às vezes nunca tiveram, né? O ideal é que as crianças já
4136 sejam educadas. Tanto intelectualmente quanto espiritualmente pra não chegar lá. Mas chegou, então
4137 aquilo lá... se o recuperando se der essa chance, ele se torna um homem com "h" maiúsculo.
4138 Disciplinado, trabalhador, não é? Porque a gente vê que há alguns que não quer trabalhar Sirlene. O
4139 xxxx nos contou no curso da metodologia APAC que certa feita um recuperando, que há pouco tempo
4140 tinha chegado na APAC de xxx, falou com ele: "... eu quero que você me manda pra cadeia de novo".
4141 Ele falou assim: "Por quê? Você não teve nenhuma falta grave!? Tá bem". Ele falou: "Não xxx, eu nunca
4142 trabalhei na vida e não gosto de trabalhar não. E aqui tem que trabalhar, na cadeia não tem que
4143 trabalhar". Então, quer dizer... essa imposição do trabalho, essa imposição de regras... a gente percebe
4144 lá pessoas que nunca tiveram regras, né? Nunca tiveram limites. Então lá tem. Lá tem disciplina.
4145 Pessoas que nunca arrumaram uma cama, lá tem que arrumar. Lá tem que... tem que procurar sair da
4146 mentira, o conselho diz: "sinceridade e solidariedade". Quer dizer, leva eles... aquilo. A gente sabe que
4147 tem muita gente lá fazendo teatro, né? Porque acha que lá é uma forma mais leve de cumprimento de
4148 pena do que a barra pesada do presídio. Mas... quer dizer, é uma ideia. Ensinar a pessoa a ser
4149 verdadeira, não é? E um conjunto de coisas que... se a pessoa quiser sair de lá, gente!
- 4150 **Pesquisadora:** Uma oportunidade de fato pra ressocializar, né?
- 4151 **Entrevistada:** Com certeza.
- 4152 **Pesquisadora:** Xxxx, muito obrigado pela sua entrevista. Era exatamente isso o que eu precisava. Tem
4153 alguma coisa que você gostaria de acrescentar?
- 4154 **Entrevistada:** Não, não Sirlene, acho que é isso.
- 4155
- 4156
- 4157
- 4158
- 4159
- 4160
- 4161
- 4162
- 4163
- 4164
- 4165
- 4166

4167

4168

4169

ANEXO I- Transcrição da entrevista realizada com a esposa de uma pessoa em cumprimento de pena

4170

4171

4172

Pesquisadora: Bom, conta pra mim um pouco da sua experiência com a APAC... Como que você conheceu a APAC e a sua expectativa aqui em relação ao cumprimento de pena, no caso do seu marido, né?

4173

4174

4175

Entrevistada: Eu conheci a APAC, através dele, né? Quando ele desceu pra cá, eu fui conhecendo o regime, o que é feito aqui, como que é o processo de, de reabilitação, dos condenados, entendeu? Então foi por aí que eu conheci. Eu não tinha a menor ideia, por aí então.

4176

4177

4178

Pesquisadora: Anham.

4179

Entrevistada: Eu fiquei sabendo quando meu marido desceu pra baixo (*do presídio para a APAC*).

4180

Pesquisadora: Anham. Você nunca tinha ouvido falar da APAC?

4181

Entrevistada: Não, não. Eu já tinha ouvido falar sim! Tipo assim, ouvir falar um nome, cê escuta, mas sabe, como que é, visitá, entendeu? (sic). Nunca teve alguém que eu conhecesse que, passasse por aqui não. Tipo, experiência com APAC, com prisão, essas coisas eu fui ter agora com meu marido quando ele foi preso, entendeu? Então eu não tinha.

4182

4183

4184

Pesquisadora: Entendi. E... E o que você a respeito da Instituição, do método? Assim, você tem alguma expectativa em relação à APAC?

4185

4186

Entrevistada: Eu acho que todo o preso deveria passar por esse sistema antes de sair pra rua.

4187

4188

Pesquisadora: Anham.

4189

Entrevistada: Porque eu acho que, se tem uma preparação melhor pra você tá voltando pra sociedade, sabe? (sic).

4190

4191

Pesquisadora: Anham

4192

Entrevistada: Porque lá em cima, né (*no presídio*)? Nos presídio, nas cadeia, eles te... eles te prendem, mas eles não te dão uma base pra você poder voltar pa sociedade, entendeu? Eu tinha, tipo assim, às vezes, eu estava esperando pra chegar minha visita, lá em cima, às vezes eu via soltar algum preso de manhã cedo, sabe? Parece que eles, sabe quando cê solta, abre uma gaiola e solta um passarinho? Eles saem assim, até bobo.

4193

4194

4195

4196

Pesquisadora: Anham.

4197

Entrevistada: Sabe? Então, e aqui não! Aqui cê já, antes de cê sair pra rua, você tem uma preparação pra pode voltar pra rua. Você já sai mais preparado (sic).

4198

4199

Pesquisadora: Entendo. É, e as relações entre vocês familiares e os funcionários da Instituição? Como, como é essa relação?

4200

4201

Entrevistada: Eu não tenho nada a reclamar, me tratam muito bem, se eu preciso de alguma coisa eu posso tá ligando aqui, que eles me atentem muito bem, e quando acontece alguma coisa, igual, com A. que tá recuperando aqui, eles... se acontece alguma coisa de doença, qualquer coisa que precise, eles entram em contato comigo, entendeu? Então, eu posso ficar despreocupada. É um atendimento muito bom.

4202

4203

4204

4205

4206

Pesquisadora: Anham. Ok! E as interações entre vocês familiares e os voluntários da APAC? Assim, aqui a gente sabe que tem poucos voluntários, né? E geralmente as famílias têm pouquíssimo contato com voluntário. Mas, os poucos que vocês convivem, que você acha dessa relação entre família e voluntários?

4207

4208

4209

4210

Entrevistada: Eu acho importante. É um, é um... apoio a mais que eles têm, entendeu? Então eu acho muito importante.

4211

4212

Pesquisadora: Sobre sua frequência de visita à APAC. Pelo que eu vejo, acho que você vem quase todos os domingos.

4213

4214

Entrevistada: Quase todos os domingos. Só se acontece algum imprevisto e não der pra mim vir, mas eu tento vir todos os domingos (sic).

4215

4216

Pesquisadora: Ou quando geralmente ocorre, é coincidência de você ter uma visita íntima no final de semana.

4217

4218

Entrevistada: No final de semana e, às vezes, se eu tenho uma visita íntima no sábado e na segunda-feira eu vou trabalhar, eu... eu opto por não voltar no domingo. Mas se tenho uma íntima e eu tenho um feriado na semana aí eu fico mais tranquila. Dá pra mim voltar (sic).

4219

4220

4221

Pesquisadora: E qual é o papel da família do recuperando, na sua opinião, aqui para a APAC? Assim, qual é o papel, qual a importância da família para o recuperando durante o cumprimento de pena?

4222

4223

Entrevistada: Dá apoio, eu acho que o apoio, a visita é, eu acho que é fundamental, entendeu? Porque se você não tiver apoio, você, como é que você fica. Só APAC, eu acho que não é suficiente se cê não tem um apoio da família. Então, o apoio da família junto com a APAC é muito importante (sic).

4224

4225

4226

- 4227 **Pesquisadora:** Anham. É, é, geralmente, na segunda-feira, é comum os funcionários relatarem que
 4228 muda o clima aqui na segunda, em função das visitas no domingo, porque tem aqueles que recebem
 4229 boas notícias, tem aqueles que recebem más notícias, né? Notícias que tem alguém doente, ou que
 4230 aconteceu alguma coisa ruim, ou uma discussão entre casal, ou problema com a família, enfim... Outros
 4231 já estão mais felizes porque viram a família e viu que está tudo bem. Então assim, eles falam que tem
 4232 uma, um... como se fosse um termostato do humor deles. Se está tudo bem com a família eles ficam
 4233 mais tranquilos.
- 4234 **Entrevistada:** Mais tranquilos.
- 4235 **Pesquisadora:** Se está acontecendo alguma coisa eles ficam mais agitados.
- 4236 **Entrevistada:** Isso! É!
- 4237 **Pesquisadora:** Já aconteceu de alguns passarem por separação ou perder ente querido, coisas assim.
 4238 Então, nesse contexto a gente começa a pensar o papel da família em tentar ajudá-los. Obviamente
 4239 nem sempre a gente tem só boas notícias para dar pra pessoa nas visitas, porque as vezes você não
 4240 vai conseguir esconder o que tá acontecendo alguma coisa...
- 4241 **Entrevistada:** É, e nem sempre certas coisas também não tem como você esconder. Cê fala assim:
 4242 Nó... Parente seu morreu e cê vem na visita e não fala que aquela pessoa morreu, vê fala que aquela
 4243 pessoa tá no hospital.
- 4244 **Pesquisadora:** É, não tem jeito.
- 4245 **Entrevistada:** Não tem como você não falar. Se a pessoa morreu e teve aqui e não me falou.
- 4246 **Pesquisadora:** E não me falou...
- 4247 **Entrevistada:** Então, mas certas coisas dá pra evitar de tá comentando (sic), certas... (sic). Eu, pelo
 4248 menos, faço assim. Certas coisas que eu vejo que num tem importância e eu sei que vai deixar ele mal,
 4249 eu procuro não trazer (sic). Às vezes, igual aconteceu um caso hoje e ele ficou bravo comigo, assim:
 4250 “devia ter me contado!”. Porque ficou sabendo por bocas de terceiros. “Mas, porque eu ia te contar?”
 4251 “Num, num, num, eu sabia que ..., eu sabia que se eu contasse na íntima ia acabar a noite, eu te
 4252 conheço. Então eu acho não tinha necessidade de te conta isso”. Aí ele: “Não, mas eu tinha que saber”.
 4253 Certas coisas eu prefiro num...
- 4254 **Pesquisadora:** Não comentar naquele momento?
- 4255 **Entrevistada:** Naquele momento, entendeu? Porque... realmente... qualquer lugar, qualquer pessoa,
 4256 se você tem um fim de semana bom, se cê tem um dia bom, cê tem um serviço, tem dia que tem gente
 4257 que chega mais nervoso, mais bravo, porque nem sempre tá bem em casa. Só que a gente tem que
 4258 aprender a conciliar um pouco... igual aqui na APAC o problema deles tá preso, como o problema de
 4259 casa, de fora. Porque, as pessoas que estão ali tudo, não têm nada a vê com seus problema, entendeu?
 4260 Então, eu acho assim. Mas não é fácil cê esconder esses problemas, ainda mais pra eles que tá preso
 4261 (sic).
- 4262 **Pesquisadora:** É... e eles percebem quando você está triste. E se você está chateada com alguma
 4263 coisa, o que aconteceu? Vão te perguntar e também é uma questão que, às vezes, é comentada, que
 4264 quando a família incentiva o recuperando a cumprir a pena...a suportar a pena privativa.
- 4265 **Entrevistada:** Ah. Mas tem, tem, tem briga. Não? Tem briga, tem. E tipo assim, igual hoje mesmo ele
 4266 falou bem isso: “Eu sou treinado no Exército, pra que que vou ficar aqui dentro... Daí eu digo: “Você
 4267 errou, você vai pagar pelo seu erro e ainda vai fazer a coisa certa uma vez na vida e não vai sair
 4268 correndo de qualquer lugar. Eu não vou sair daqui fugida com você. Você pode ficar quieto e cumprir a
 4269 sua pena, entendeu?”. Ele tava quase chorando ali, entendeu? Ele mesmo falou que não precisa ficar
 4270 aqui, isso aqui não segura ele. “Não é questão, o muro não vai te segurar, o que vai te segurar ocê aí
 4271 dentro é sua consciência”. Cê errou, cê tem que pagar pelo seu erro e aprender a não errar, a fazer as
 4272 coisas certas. A gente tem que incentivar porque, lógico, claro que pra eles é muito difícil ficar preso,
 4273 entendeu? Então, igual ele: “Tem dois anos que eu tô parado, tem dois anos que eu perdi minha
 4274 liberdade. Mas imagina se não tivesse perdido...” Então dá desespero, é lógico! Dá vontade de fugir,
 4275 da vontade de... entendeu? Mas a gente tem que impor um pouco assim... incentivar eles a cumprir a
 4276 regra e impô um pouco ali: “Se você fugir você não precisa aparecer, eu num, num, num vou te apoiar,
 4277 entendeu?” (sic).
- 4278 **Pesquisadora:** Anham.
- 4279 **Entrevistada:** Está fazendo que eles possam entender um pouco as coisas. Porque pra eles eu sei
 4280 que não é fácil (sic).
- 4281 **Pesquisadora:** Percebemos a importância da família, principalmente no método APAC. Aqui se tem
 4282 uma abertura muito grande para família entrar, não é? Tem um acesso muito mais facilitado e,
 4283 realmente, tem famílias que trazem droga, tem famílias que trazem celular. Aí o que acontece? Esse
 4284 recuperando é pego em falta grave e volta para o presídio. Se os outros omitem, vai a turma inteira do
 4285 semiaberto para o fechado, se um não assume. Então um pode prejudicar os outros nesse sentido.

- 4286 **Entrevistada:** E entra, porque você não tem uma revista. Não tem nada, então assim... o método da
4287 APAC, o que que prende, o que que faz ser o melhor? A sua consciência!
- 4288 **Pesquisadora:** A consciência!
- 4289 **Entrevistada:** Nada mais que sua consciência. Porque se você quiser tudo a gente agrega. Tudo, tudo.
- 4290 **Pesquisadora:** É bem simples. E na sua opinião, como que é a comunidade local vê o método APAC?
4291 Será que a cidade conhece a APAC? E como eles vêem a APAC?
- 4292 **Entrevistada:** Oh desculpa, eu não vou poder te responder muita coisa, porque eu quase não tenho
4293 contato com o pessoal daqui.
- 4294 **Pesquisadora:** Ah! Você não é deste município?
- 4295 **Entrevistada:** Eu não sou daqui, entendeu? Eu tô aqui, mas tipo assim, eu conheço, eu conheço um
4296 pouco de pessoa que eu tô fazendo serviço em casa, de casa eu venho pra cá. Então eu não tenho
4297 aquele leque de...
- 4298 **Pesquisadora:** De conhecimento.
- 4299 **Entrevistada:** De conhecimento, de sociedade, entendeu? De, de participar do que a sociedade do
4300 município xxxx e participa, do que eles pensam, do de que eles falam, do que acontece dentro de xxxx.
4301 Então, nessa pergunta eu vou ficar te devendo um pouco de...
- 4302 **Pesquisadora:** Não, não, sem problema! E quando você está aqui, tem alguma coisa que te
4303 incomodada ou angustiada, ou alguma coisa que aconteça que você vai embora preocupada?
- 4304 **Entrevistada:** Não! Em hipótese alguma teve alguma coisa que me deixou preocupada, porque eu sei
4305 que aqui... é lógico, a não ser que eles vai caçar encrência lá dentro e, vão brigar entre si e vão se
4306 esfaquear, né? Porque eles sabem que lá dentro eles também têm contato com facas. Vai atrapalhar
4307 eles que podem, podem trazer coisas que, que...
- 4308 **Pesquisadora:** Anham.
- 4309 **Entrevistada:** Como se diz, todo mundo tá aqui pra pagar alguma coisa, ninguém é santo. Então, mas
4310 tirando disso, do método APAC, mesmo, eu não tenho nada a reclamar e falar assim: "Nossa! Eu tô
4311 preocupada com ele, de eles fazerem alguma coisa com meu marido. Com a APAC não!"
- 4312 **Pesquisadora:** Do que no presídio você tinha mais preocupação, então?
- 4313 **Entrevistada:** Do presídio, eu saia de lá sem saber se ele ia tá vivo na outra semana, entendeu? Teve
4314 uma época que eles tava dopando ele, ele tava tomando remédio controlado, entendeu? E eles tavam
4315 dopando demais, ele de remédio. Então, teve fim de semana de eu chegava lá e ele muito dopado, ele
4316 ficava o dia inteiro deitado no meu colo babando, mas babando mesmo, sabe? Eu mandei ele embora
4317 passear, porque não tinha condição de ficar no pátio, entendeu? Eu cheguei a comentar, de ir lá e
4318 brigar com a enfermeira de plantão, a enfermeira chefe de lá, que eles estavam dopando muito ele de
4319 remédio que eles iam matar ele lá dentro, entendeu? E lá dentro é muito mais fácil de acontecer uma
4320 rebelião, uma coisa assim. Os agentes são mais agressivos, tendeu? Eu tinha, sei lá, eu tinha muita
4321 preocupação, entendeu? (sic).
- 4322 **Pesquisadora:** Entendi. É, e o que significa a APAC pra você hoje? Qual é o sentido da APAC para
4323 você enquanto familiar?
- 4324 **Entrevistada:** Boa, boa, eu tenho mais tranquilidade aqui, mais, é... como, é que eles vive como uma
4325 grande família, entendeu? Eles mesmo, eles têm que fazer um pelo outro, entendeu? Então é um
4326 ambiente quase familiar. A APAC é como se fosse, tipo assim, como aquele orfanato, entendeu? De
4327 criança, que, é todo mundo, os mais velhos cuidando dos mais novos, entendeu? Então, aquilo ali, todo
4328 mundo têm que cuidar um do outro, então é um ambiente mais familiar, muito mais familiar.
- 4329 **Pesquisadora:** Anham. É, então o significado que você atribui a APAC é de uma família?
- 4330 **Entrevistada:** De uma família, as diferenças, suas qualidades, seus defeitos, é familiar.
- 4331 **Pesquisadora:** Anham. Entendi. De, por mais que tenha desavença, porque família também tem.
- 4332 **Entrevistada:** Tem...
- 4333 **Pesquisadora:** Conflito.
- 4334 **Entrevistada:** Conflito, ou mais, quer dizer, uma família, eles acorda todos eles ali, eles tomam café
4335 junto, eles fazem o almoço junto, eles almoçam junto, entendeu? Então eles compartilha o quê? Vinte
4336 e quatro horas do seu dia aqui dentro, então é uma família (sic).
- 4337 **Pesquisadora:** Anham. Ok!

4338 **ANEXO J- Transcrição da entrevista realizada com um egresso do método APAC**

4339

4340

4341 **Pesquisadora:** Bom, conta pra mim um pouco da sua experiência com a APAC? Quando que você
4342 conheceu a APAC? Como que foi essa experiência de conhecer e de passar pela APAC.

4343 **Entrevistado:** Ah eu conheci a APAC através da condenação, né? Porque eu fui condenado por tráfico
4344 e... passou dez meses e eu consegui ir pra APAC.

4345 **Pesquisadora:** Anham.

4346 **Entrevistado:** E eu conheci ela através disso. Agora... a passagem, você quer saber sobre a
4347 passagem?

4348 **Pesquisadora:** É, o tempo que você cumpriu pena...

4349 **Entrevistado:** Uai, eu acho que a APAC é mais assim... pra quem quer restituir a sociedade, né?
4350 Porque tem lei, tem regra, tem tudo, né? Quem quer cumprir, quem quer sair de lá e voltar a integrar a
4351 sociedade consegue cumprir a meta da APAC, mas quem não quer não consegue não. Porque lá têm...
4352 regras, tem lei, horário, pra tudo.

4353 **Pesquisadora:** Anham. E quando você foi pra lá então, você não tinha muito conhecimento do que era
4354 a APAC?

4355 **Entrevistado:** Não, não sabia o que que era não.

4356 **Pesquisadora:** Você tinha ouvido falar alguma coisa?

4357 **Entrevistado:** Não, ouvido falar eu já tinha. Eu sabia que tinha ela lá, não sabia como que era o 'passar
4358 ali dentro', o funcionamento não sabia.

4359 **Pesquisadora:** Porque geralmente a informação que fica pra quem tá cumprindo pena no presídio é
4360 que é um tempo... que você cumpre pena mais rápido, que é mais tranquilo porque não tem agente
4361 armado. Acho que é só essa informação que é passada, né?

4362 **Entrevistado:** É... na linguagem do presídio também falam que a APAC é lugar de gente que "cagueta"
4363 os outros, que a APAC ... que o lugar de quem é preso é ficar na cadeia, que a APAC não é lugar de
4364 preso ficar... essas coisas, lá eles falam também.

4365 **Pesquisadora:** Que é a questão do CSS e dos próprios recuperandos também identificarem e
4366 aplicarem faltas disciplinares uns aos outros?

4367 **Entrevistado:** É. Isso eles falam, né? Porque preso julgando preso, no que eles falam de verdade, né?
4368 A fala da cadeia, você é preso de outro preso.

4369 **Pesquisadora:** Então eles criticam na verdade a APAC nesse sentido, de falar que um preso...

4370 **Entrevistado:** É. Preso mandar em preso. É, isso eles criticam muito.

4371 **Pesquisadora:** Que seria o papel do CSS no caso?

4372 **Entrevistado:** Isso. Na verdade, em interior gera até ameaça, né? Porque os próprios presos falam:
4373 "Oh, cadeia não é pro resto da vida não. Oh, uma hora nós vai topa na rua", coisa assim né? Cadeia
4374 não é perpétua não?

4375 **Pesquisadora:** É, mas... tinha isso na APAC de fato? De ter conflito?

4376 **Entrevistado:** Não, verbal né? Às vezes acontecia, tipo quando um CSS pegava pesado demais, dava
4377 uma má resposta no cara, na pessoa, que o recuperando tava pendurado com uma falta e o CSS não
4378 deixava passar, aí ficava... pegava em cima pesado, às vezes acontecia tipo uma ameaça ou alguma
4379 coisa assim, né?

4380 **Pesquisadora:** Verbal?

4381 **Entrevistado:** Verbal, lógico. Pôr a mão não, né?

4382 **Pesquisadora:** Anham. Esses conflitos na verdade fazem parte da... da convivência, né? E imagino
4383 que no presídio também tenha, só que são outros tipos.

4384 **Entrevistado:** Ah não, presídio... presídio tem agressão verbal, manual, de tudo quanto é tipo que você
4385 pensar.

4386 **Pesquisadora:** E como que eram as relações entre vocês, assim, os recuperandos?

4387 **Entrevistado:** Ah, a nossa relação era boa. Na época que nós tava lá, a turma nossa era tudo
4388 conhecido né? Era tudo...vamos dizer... entre amigo, era boa. Era a mesma coisa que ter uma família
4389 mesmo, tá unida lá dentro (sic).

4390 **Pesquisadora:** Era o fechado e o semiaberto juntos?

4391 **Entrevistado:** Era, na época era.

4392 **Pesquisadora:** Muro baixo, agora muro alto. Não tinha cerca elétrica, não tinha nada né?

- 4393 **Entrevistado:** Não, não tinha segurança nenhuma na época nossa não. Nós que tava lá era porque
 4394 queria pagar e ir embora. Porque ir embora lá era só passar a perna por cima do muro e ir embora, não
 4395 tinha nada que segurava não.
- 4396 **Pesquisadora:** E a relação de vocês com os funcionários... com os voluntários?
- 4397 **Entrevistado:** Boa também. Assim, tem aquela coisa né? Que tem aqueles que quer cumprir pra ir
 4398 embora e têm aqueles que quer ... Que quer cumprir, mas quer... sempre tem alguma coisa mal pra
 4399 falar ou alguma coisa... na época nossa não. Não tinha funcionário, e o voluntário era tudo bem-vindo.
 4400 Até nós "gostava" porque a hora que os voluntários "ia" saía da rotina né?
- 4401 **Pesquisadora:** E na verdade naquela época eram pouquíssimos funcionários, pouquíssimos
 4402 plantonistas que revezavam né?
- 4403 **Entrevistado:** Era. Era só quatro plantonistas que tinha na época.
- 4404 **Pesquisadora:** Ah. E voluntários também, sempre vocês tiveram poucos voluntários na APAC?
- 4405 **Entrevistado:** Foi. Lá tinha culto de... segunda e terça... uma vez por mês tinha missa. E dia de sexta,
 4406 às vezes ia uns formandos de direito da PUC ou psicólogo igual cês ia também de final de semana... a
 4407 Sra. xxx ia também, ia também.
- 4408 **Pesquisadora:** É a Sra. xxx está até hoje. Ela é voluntária.
- 4409 **Entrevistado:** Até hoje né?
- 4410 **Pesquisadora:** Até hoje. Ela frequenta lá nos sábados, ela faz atividade com os recuperandos.
 4411 OBS: Ruídos da cozinha- mãe do entrevistado preparando o jantar e chuva...
- 4412 **Pai do Entrevistado:** Uai fia não "baruiada" não porque ela tá gravando. *(ao falar com a mãe dele)*.
- 4413 **Pesquisadora:** Não, não tem problema. Problema não. E... na sua opinião, como a comunidade local
 4414 vê a APAC? Qual que é a opinião que a comunidade tem sobre a APAC hoje?
- 4415 **Entrevistado:** Olha, a gente não sabe né? Tipo... eu acho que uns "vê" com boa índole, né? Acho que
 4416 uns "vê" que a APAC é bom e outros já vê que é ruim, principalmente depois que começou essa fuga
 4417 que teve aqui em xxx né? Que fugiu uns quatro ou cinco recuperandos seguidos... foi aquela coisa, aí
 4418 o povo fica com um certo medo né? Que tem bandido perigoso, aí ele sai a hora que ele quiser.
- 4419 **Pesquisadora:** Anham.
- 4420 **Entrevistado:** Mas em questão disso, eu acho que a sociedade gosta. Porque eu acho que... na faixa
 4421 de 50% ou 60% talvez, volta a reintegrar à sociedade quando sai de lá.
- 4422 **Pesquisadora:** É, será que ainda têm muitas pessoas que não conhecem a APAC... Apesar de ser
 4423 uma cidade pequena... mas... talvez hoje seja bem menos resistência do que quando começou?
- 4424 **Entrevistado:** Ah hoje tem, bem menos... "nó!...", hoje é... a resistência de antigamente era de 90% e
 4425 hoje deve "tá" na faixa de 20, 30% a resistência. Baixou bem mesmo, hoje a... a visão da sociedade,
 4426 principalmente assim, dependendo das "área" né? Já é voltado que a APAC é bom pra ajudar, né?
 4427 Recuperando preso, na verdade.
- 4428 **Pesquisadora:** Anham. E... tinha alguma coisa que te incomodava, te angustiava na APAC no período
 4429 que você cumpriu pena? O que era mais difícil assim, em cumprir pena na APAC naquela época?
- 4430 **Entrevistado:** Eu, não... Tipo, não era dificuldade. O que era mais, o que era mais incomodado mesmo
 4431 era as regra, né? (sic). Tinha um horário de levantar, um horário de deitar. Às vezes a gente... tava
 4432 passando um filme bão, não era questão de levantar e deitar, às vezes tava passando um filme bão e...
 4433 aí pedia e o presidente na época não deixava, aí essa resistência era essa, sabe? Mas não... é igual
 4434 eu tava te falando, cê tá ali pra cumprir, cê quer cumprir porque quer sair, então... não tinha nada que
 4435 incomodava não (sic).
- 4436 **Pesquisadora:** E qual o significado que a APAC teve ou tem para você?
- 4437 **Entrevistado:** Oh, a APAC pra mim... o significado que ela teve é que além de a gente tá num lugar
 4438 que era o regime fechado, ela mostra pra gente que a vida tem que ter regra e horário e tudo ser
 4439 cumprido, né? Eu acho que mostra pra gente que a vida não é do jeito que a gente quer, né? (sic).
- 4440 **Pesquisadora:** E... você ficou quanto tempo na APAC?
- 4441 **Entrevistado:** Oh Sirlene acho que... minha cadeia foi 1 ano e 8 meses. Eu fiquei 309 dias lá no presídio
 4442 e o resto eu cumpri na APAC. Acho que foi uns 10 meses também, um pouco mais, um pouco menos.
 4443 Mais ou menos isso.
- 4444 **Pesquisadora:** Na APAC?
- 4445 **Entrevistado:** Anham.
- 4446 **Pesquisadora:** Aí depois você teve regime aberto ou não, você já saiu direto para o semiaberto?
- 4447 **Entrevistado:** Eu tive regime... eu cumpri... minha pena foi assim, com 1 ano e 6 meses que eu tava
 4448 pagando, minha cadeia voltou. Aí eu tive 2 meses de aberto, na APAC também.
- 4449 **Pesquisadora:** Anham. Você saiu foi quando? Foi 2012?
- 4450 **Entrevistado:** 2012; 23 de abril de 2012.
- 4451 **Pesquisadora:** E aqui fora, como foi pra você? Voltar a trabalhar, voltar a sua vida?

- 4452 **Entrevistado:** Olha, no começo assim, não foi muito fácil não. Mas assim, já tinha... quando eu estava
 4453 no aberto eu já trabalhava com meu pai. Aí o dia que acabou eu continuei trabalhando com meu pai.
 4454 Aí agora depois de quatro anos que vai fazer, né? Que eu saí... agora eu arrumei um serviço de cortar
 4455 lenha. Que vai fazer dois meses agora.
- 4456 **Pesquisadora:** Anham. Que bom. Você teve uma dificuldade inicial, mas você conseguiu voltar
 4457 para o mercado de trabalho e está trabalhando...
- 4458 **Entrevistado:** Tô trabalhando, desde que saí de lá. Desde quando eu "tava", eu saí pro aberto eu tô
 4459 trabalhando...(sic).
- 4460 **Pesquisadora:** Já trabalhava, né? Durante o aberto? Que bom. É... tem alguma coisa que você queria
 4461 acrescentar sobre a APAC? Sobre o tempo que você ficou na APAC?
- 4462 **Entrevistado:** Não, na verdade... eu acho assim, meu acréscimo não tem nada a ver com a entrevista.
 4463 Eu acho que a APAC tinha que... tinha que ter uma fiscalização em cima de gerenciamento, entendeu?
 4464 [...] *Partes omitidas por questões éticas.* [...] Tipo, acho que: "Ah, faz isso que eu te dou aquilo". Não é
 4465 bem assim.
- 4466 **Pesquisadora:** Uma relação de troca?
- 4467 **Entrevistado:** É. Eu acho que ele tem que ser pontual, firme. Igual na época que o Na outra época,
 4468 quando eu entrei. Era sim, sim, não, não. Entendeu? Na época que eu entrei, não ouvia falar em fuga...
 4469 chegava, conversava, "tem condição de fazer isso?". "Tem", "não, não tem". Não tinha esse negócio,
 4470 entendeu? Era bem menos falta... era bem menos, bem menos "coisa". Não tinha aquele muro, igual
 4471 você mesmo viu lá que tá. Na época que vocês iam lá, "cê" lembra que tinha um banquinho lá? "Cê"
 4472 subia no banquinho, "cê" via de lá do muro, ninguém tinha nem pensamento em fugir, nem nada. Eu
 4473 acho que tinha que ter uma fiscalização nisso aí, entendeu? [...] *Partes omitidas por questões éticas.*
 4474 [...]
- 4475 **Pesquisadora:** É, você tá dizendo no sentido de, assim: ter uma regra clara pra todo mundo.
- 4476 **Entrevistado:** Isso.
- 4477 **Pesquisadora:** E ser rígido naquela regra?
- 4478 **Entrevistado:** É, eu acho assim... tipo assim, igual na APAC sabe? Falta grave é uma grave. Se tiver
 4479 uma leve, tá bom. Entendeu? Então é o seguinte, eu acho assim: é falta grave? Tomou falta grave? Se
 4480 tomasse uma leve, não tinha conversa. Eu acho que tinha que ser assim. [...] *Partes omitidas por*
 4481 *questões éticas.* [...]
- 4482 **Pesquisadora:** Entendi.
- 4483 **Entrevistado:** Entendeu? Aí fica um jogo, um jogando contra o outro, porque era assim: tinha falta
 4484 grave, o recuperando já ficava daquele jeito. Fazia tudo certinho, não tinha problema, não tinha nada.
 4485 Porque sabia que, se dentro de um ano ele tomasse outra falta, e ele tivesse muita cadeia pra pagar,
 4486 ele não ia querer voltar pra cima (*para o presídio*). Aí se tomasse outra falta dentro de um ano, ele ia
 4487 subir. Aí ele já ficava com medo, entendeu? [...] *Partes omitidas por questões éticas.* [...]
- 4488 **Pesquisadora:** Anham. Entendi. É, são muitas coisas que mudaram na APAC. A parte de
 4489 infraestrutura, a FBAC pediu que eles fechassem. Que eles colocassem muros altos, porque não... não
 4490 tinha infraestrutura adequada conforme as orientações da FBAC. E aí eles colocaram grade, aquele...
 4491 no pátio que era do regime de semiaberto e fechado junto, hoje é só fechado. E o semiaberto é
 4492 separado. Ali tem tela, antes não tinha.
- 4493 **Entrevistado:** É, eu... eu fui lá, deve ter o quê... deve ter uns cinco meses, mais ou menos. Eu fui lá,
 4494 tive lá, conversei com o presidente lá. Tive lá. Tá tudo... lá não é igual cadeia, porque a APAC não é
 4495 cadeia. Mas bendizendo, o regime tá como se tivesse na cadeia, só que com regras. Cadeia é fechado,
 4496 só que sem regra.
- 4497 **Pesquisadora:** É, a estrutura... eles foram fazendo as adequações que a FBAC foi exigindo e a
 4498 intervenção da FBAC talvez tenha favorecido a mudança...
- 4499 **Entrevistado:** Isso.
- 4500 **Pesquisadora:** Então ficou mais... o regime fechado das outras APACs, ele é muito parecido com
 4501 presídio mesmo.
- 4502 **Entrevistado:** É.
- 4503 **Pesquisadora:** Na verdade vocês pegaram uma fase que a APAC estava em construção e tudo era
 4504 aberto.
- 4505 **Entrevistado:** Era.
- 4506 **Entrevistado:** Não, cê lembra lá, nós na quadra sentava lá de tarde e ficava olhando o movimento dos
 4507 carros passando. Se alguém quisesse...
- 4508 **Pesquisadora:** É. Hoje a quadra é toda fechada.
- 4509 **Entrevistado:** Quem quisesse fugir na época, era só pegar o caminho e ir embora.
- 4510 **Pesquisadora:** É. Acho que a comparação que você faz é que mesmo tendo uma infraestrutura que
 4511 deixava a desejar, que dava espaço para evasões, as pessoas não fugiam né?

- 4512 **Entrevistado:** Não fugiam. Por que? É, tinha um compromisso e gostava de estar ali. Não... ninguém
 4513 gosta de estar preso, só que em vista de estar preso na cadeia e de tá na APAC, ali tinha... 200% a
 4514 mais de liberdade, né? [...] *Partes omitidas por questões éticas.* [...]
- 4515 **Pesquisadora:** É como se fosse uma casa? É esse o sentido que você quer dizer?
 4516
- 4517 **Entrevistado:** É, ali é como se fosse uma... ali, na época que nós tava, nós era uma família. Um
 4518 ajudava o outro, às vezes um queria uma coisa e o outro que tinha dava. A hora que não tinha o outro
 4519 dava, era uma família mesmo. Era como se fosse uma família, na época.
 4520 [...] *Partes omitidas por questões éticas.* [...]
- 4521 **Pesquisadora:** Entendi. No sentido de cumprir rigorosamente as regras.
 4522 **Entrevistado:** É, igual era antigamente né? Mudou as coisas, mudou... o interior da APAC tinha que
 4523 continuar como era né? Que nem era antigamente. Porque... ficava, tinha recuperando e lá era aberto
 4524 e ninguém fugia. Como é que agora vai fugir?
- 4525 **Pesquisadora:** E quando você entrou na APAC você teve algum susto, assim de ver um ambiente
 4526 diferente? Você teve um choque, assim quando você entrou e falou: "Nossa... muro baixo, as pessoas
 4527 comem com faca e com garfo. Tem acesso a essa cozinha...".
- 4528 **Entrevistado:** É tipo um mundo diferente, né? A hora que cê sai de um lugar que tá, que é a cadeia e
 4529 cê cai num lugar daquele lá, cê já... aquele peso que tava nas suas costas já fica bem mais tranquilo.
 4530 "Não, agora eu tô que nem se eu tivesse em casa". Igual em casa, principalmente à noite. Quando tem
 4531 um plantonista, não sei como é que tá lá hoje, igual antigamente, era um plantonista só nós vinha", às
 4532 vezes adoecia e podia vim no hospital só com um membro do CSS. Não precisava de ter ninguém,
 4533 escolta de plantonista nem nada. Ligava, ambulância buscava, vinha pra cá e fazia o que tinha que
 4534 fazer. Voltava, não tinha que ter ninguém. Aí era bom, na época. Nesse ponto. Só que era aquele
 4535 negócio também, tinha confiança né? Ninguém pisava na bola. Vinha pro hospital, vinha pro hospital.
 4536 Dalí não ia lá no boteco da esquina, não ia ver uma revista do outro lado da rua, ler um jornal. Não...
 4537 **Pesquisadora:** Era só o hospital...
 4538 **Entrevistado:** Era só no hospital e voltar.
- 4539 **Pesquisadora:** Hoje no fim de semana quando alguém adocece, eles pedem a ambulância e...
 4540 geralmente vai um membro do CSS. Eles ainda fazem isso.
 4541 **Entrevistado:** Ainda fazem isso?
 4542 **Pesquisadora:** É, aí sai.
 4543 **Entrevistado:** É um tipo de liberdade né? Porque... mesmo com aqueles muros lá, do jeito que tá lá e
 4544 tudo, se o recuperando falar que quer fugir... não tem nada que segure ele. Tem acesso na cozinha,
 4545 pega uma faca daquela lá e passa no pescoço de um outro recuperando o que que o plantonista vai
 4546 ter que fazer? Vai ter que abrir a porta.
 4547 **Pesquisadora:** É, não tem o que fazer. O próprio plantonista se torna refém.
 4548 **Entrevistado:** É, ué?
 4549 **Pesquisadora:** Tomar as chaves dele e pronto.
 4550 **Entrevistado:** Trancar ele dentro de uma cela daquela, toma o celular dele, até pensar em ir lá, pra
 4551 saber cadê ele, todo mundo já tá na rua.
 4552 **Pesquisadora:** É, seria muito fácil todo mundo fugir.
 4553 **Entrevistado:** É. Só que é igual eu tava falando, tá lá é pra cumprir. Quem quer cumprir tá lá, quem
 4554 não quer já voltou, tá quase voltando... É que eu não... Eu tinha até vontade de conhecer a APAC de
 4555 Itaúna e a outra que eles falam muito dela...
 4556 **Pesquisadora:** xxxx?
 4557 **Entrevistado:** Hanham
 4558 **Pesquisadora:** xxxx...
 4559 **Entrevistado:** Não sei se é xxx, é uma outra porque a de xxxx é a...
 4560 **Pesquisadora:** É a... a APAC considerada como...
 4561 **Entrevistado:** A base né?
 4562 **Pesquisadora:** A base.
 4563 **Entrevistado:** É, eu tinha até vontade de conhecer lá, pra saber como funciona. Se as regras lá são...
 4564 exigentes, igual era.
 4565 **Pesquisadora:** Creio que sim, são rigorosos.
 4566 **Entrevistado:** Pois é. E lá eu... eu ouvi falar que é bem fechado, quase como se fosse um presídio
 4567 mesmo.
 4568 **Pesquisadora:** Porque era um presídio. A estrutura era de um presídio, aí acho que passaram pra
 4569 APAC. Então o regime fechado lá é uma penitenciária. Tanto que os corredores é corredor de
 4570 penitenciária e os dormitórios é estilo cela.

- 4571 **Entrevistado:** Mas tem aquela... tem alguma mordomia, tipo... pode trabalhar? Ou tem que ficar só
4572 fechado na cela?
- 4573 **Pesquisadora:** O regime fechado, eles têm atividades laborterapêuticas. **Entrevistado:** Fica só
4574 fazendo tricô, esse "trem"?
- 4575 **Pesquisadora:** Artesanato. Que eles vendem. É... tem ensino supletivo, oficina de música, teatro.
4576 Tem... que mais eles faziam? Eles faziam várias coisas para vender, vários produtos de pintura,
4577 artesanato.
- 4578 **Entrevistado:** Aquelas casinha de caixinha de fósforo, aquelas coisa né?
- 4579 **Pesquisadora:** Tudo. Tapete, uma série de opções de artesanato que eles faziam. E eles tinham muita
4580 atividade profissionalizante lá dentro, estudo, acesso à biblioteca e mais, atividades artísticas. Dança,
4581 música, teatro... e o coral, no regime fechado.
- 4582 **Entrevistado:** Anham.
- 4583 **Pesquisadora:** Mas não tinha trabalho em ambiente externo. É porque a APAC aqui na sua época
4584 todas as atividades eram juntas, semiaberto e fechado.
- 4585 **Entrevistado:** É, na época era.
- 4586 **Pesquisadora:** Então não era adequado ao método APAC porque não tinha infraestrutura para poder
4587 ter o semiaberto separado. Era só o aberto que era separado.
- 4588 **Entrevistado:** Era.
- 4589 **Pesquisadora:** Agora lá não, é separado. O semiaberto é um prédio, o fechado é outro prédio e o
4590 aberto é outro. No semiaberto que eles trabalham na padaria, tem uma padaria lá dentro que eles
4591 trabalham. Então eles fazem pães, produzem pães para vender pra comunidade. Bolos, e...
- 4592 **Entrevistado:** E pra sustentar a própria APAC...
- 4593 **Pesquisadora:** E pra APAC... Tem uma marcenaria, que eles produzem muitos móveis. E o lucro é
4594 dividido entre eles. Tinha a horta, a jardinagem. É... fábrica de blocos eu não lembro de ver, mas tinha
4595 marcenaria. Tinha uma parte elétrica lá, parte industrial. Que o pessoal trabalhava e ao mesmo tempo
4596 aprendia um curso técnico profissionalizante. Tinha uma série de atividades, é porque tem que ter
4597 espaço né? Para ter essas marcenarias, essas oficinas.
- 4598 **Entrevistado:** É. Tem que ser maior né? Mais amplo.
- 4599 **Pesquisadora:** O que não tem aqui ainda. Mas tinha muitas oficinas no semiaberto. E no aberto o
4600 pessoal trabalhava fora. Agora têm algumas APACs que o semiaberto, eles já tão indo para rua para
4601 trabalhar, quando a Promotoria... quando a Comarca libera.
- 4602 **Entrevistado:** Anham.
- 4603 **Pesquisadora:** Já pra trabalhar no regime semiaberto. Que seria semelhante ao aberto. E ir só pra
4604 dormir. Mas na maioria das APACs ainda é o trabalho interno e ao ar livre no semiaberto. O serviço de
4605 artesanato no fechado, que é tipo um presídio mesmo. Mas pra 200 homens. A APAC de xxxx é bem
4606 grande.
- 4607 **Entrevistado:** É eu já ouvi falar.
- 4608 **Pesquisadora:** Então aí pra um número maior, imagina se todos estivessem...
- 4609 **Entrevistado:** Ah não, não pode né? Aqui porque na época nós "era" 20, 30 recuperandos no máximo.
- 4610 **Pesquisadora:** É pequenininho. Mas lá é bem semelhante a um presídio de regime fechado. Muito
4611 semelhante.
- 4612 **Entrevistado:** Eles falaram que a de xxx (cidade vizinha) também é bem semelhante com um presídio
4613 também.
- 4614 **Pesquisadora:** É, mas enfim, tem essas atividades. Muito obrigada pela sua participação na minha
4615 pesquisa. Eu te agradeço muito, muito mesmo. Obrigada mesmo.
- 4616 **Entrevistado:** De nada.
- 4617 **Pesquisadora:** Eu te desejo tudo de bom. Que as coisas realmente se encaminhem como você planeja
4618 para sua vida, para o seu futuro e obrigada mesmo pela entrevista.

4619 **ANEXO K- Transcrição da entrevista realizada com uma funcionária do administrativo**

4620

4621

4622

Pesquisadora: Conta para mim um pouco da sua experiência com a APAC, como e quando conheceu a Instituição, há quanto tempo trabalha aqui e sua expectativa em relação à mesma.

4623

4624

4625

4626

4627

4628

4629

4630

4631

4632

4633

4634

4635

Pesquisadora: Anham.

4636

4637

4638

4639

4640

4641

Entrevistada: E... pra mim, vou te falar: eu tô aqui, igual, eu trabalho de auxiliar de prestação de contas. Faço só com prestação de contas. Mas, meu Deus do Céu... desde que eu entrei aqui, eu mudei muito na minha vida pessoal, me acrescentou muito. Muitas coisas, às vezes lá fora, com família e tudo, a gente agora vê com outros olhos. Entendeu? Não sei, aqui a gente trabalha direto com... com pessoas, com muitos problemas. A gente vem com nossos problemas pra cá, mas chega aqui e vê que os nossos muitas vezes não é nada (sic).

4642

Pesquisadora: Anham.

4643

Entrevistada: Entendeu? E é isso.

4644

Pesquisadora: Como que se dão as relações aqui entre vocês, funcionários e os recuperandos?

4645

4646

4647

4648

4649

4650

4651

Pesquisadora: Anham. Então na verdade você diz que a APAC mexeu um pouco com o seu pessoal?

4652

4653

4654

4655

4656

4657

4658

4659

4660

4661

4662

4663

4664

4665

4666

Entrevistada: Um pouco não, muito! Porque a gente assim, quando a gente têm uma certa idade, a gente têm mania de reclamar muito. Porque nada tá bom... É... porque, ah, igual... eu sou casada e tenho um filho de 14 anos. A gente reclama: "Ai, dá trabalho!", faz isso, faz aquilo... Aqui a gente vem e com o passar do tempo, vai vendo as coisas com relação à família aqui. A família vem direto, vem em festa de natal, tudo. A gente vê, vê e fica emocionado. Meu Deus, que problema que eu tenho, em vista dessa mãe? Eu sou mãe de um adolescente em casa, mas em vista dessa mãe com esse... Entendeu? É... eu vou te falar, de uns três anos pra cá o meu eu tá bem diferente, tá bem... nóh. "E é igual a gente fala, a gente conversa muito aqui e acha que as pessoas que estão aqui não estão por acaso, trabalhando aqui na APAC. A gente trabalha, a gente precisa de um salário? Precisa, mas a gente está aqui para ajudar, mais para ajudar. Tanto a gente é funcionário normal, mas a gente também aqui é voluntário. As pessoas vêm de fora realmente para ajudar, mas... porque, entre aspas, tem dó. Não é dó, entendeu? Muitos têm... Alguns querem contar uma coisa que aconteceu, e só de você estar falando, não é coisa material que alguns precisam. É só um minuto que você para ali e conversa, ouve o que eles falam, entendeu? Então, isso aí... me tocou muito e vem me tocando muito a cada dia que passa (sic)".

4667

Pesquisadora: Anham. É que na verdade vocês acabam convivendo com as alegrias e as tristezas que eles têm, né?

4668

4669

4670

4671

Entrevistada: Principalmente de segunda-feira, chega aqui, como eles tiveram a visita de domingo, vêm contar. Senta, fala: "ah, minha família veio ontem". "Ah, minha família não veio". "Eu tô triste", igual tem um aqui... posso citar nome?

4672

Pesquisadora: Depois eu tiro.

4673

4674

4675

Entrevistada: O seu xxxx. A filha dele não vem aqui ver ele. "E aí, como que tá o meu neto?" Chama o meu filho de seu neto, porque os neto dele "tá" longe. E fala: "Liga pra minha filha, ninguém vem me ver". "Me largou". Entendeu? Fala, sente emocionado e aquilo a gente vê e fica... [Suspiro].

- 4676 **Pesquisadora:** Anham.
- 4677 **Entrevistada:** Se a gente pudesse ajudar mais, mas... isso aí nem tem como explicar direito. E o que
- 4678 eu posso fazer, igual ele tá pedindo, eu paro e conto história. Ele gosta muito de pescador, contar
- 4679 história de roça. Eu contei porque o meu pai gosta muito, meu pai vem vai "pras" roças aqui na região.
- 4680 Ele falou: "Traz o seu pai aqui pra 'mim' conhecer". É uma pessoa carente, então... é... eu falo, fico até
- 4681 emocionada porque, vou te falar... E lá em casa, não sei se mudando um pouco o assunto, quando eu
- 4682 vim, meu esposo falou: "Você tem certeza do que cê tá fazendo? E tanto é que eu começo contando
- 4683 as coisas hoje aqui, e ele fala assim: "Eu não acredito que você tá falando isso". "Cê sabe o que cê tá
- 4684 falando? Você lida até com dó" Agora não, porque eu tô falando mais as coisas e ele tá familiarizando
- 4685 mais. "Você tem dó de preso?" Porque a gente chega lá e conta, eu emociono. Eu choro. Teve duas
- 4686 semanas atrás que subiram quatro de uma vez...
- 4687 **Pesquisadora:** Anham.
- 4688 **Entrevistada:** Se você ver a tristeza que foi aqui. De você ver gente chorar e de passar mal nesse
- 4689 escritório, praticamente pega um amor. Entendeu? Então... mas contar isso pras pessoas de fora é
- 4690 complicado, é difícil.
- 4691 **Pesquisadora:** Porque vocês convivem com eles aqui...
- 4692 **Entrevistada:** Muito!
- 4693 **Pesquisadora:** E de repente vê-los saindo algemados, voltando para a penitenciária.
- 4694 **Entrevistada:** A gente já conhece a família de cada um. A gente aqui fica imaginando que é como se
- 4695 fosse a família da gente. Aí de repente... a gente nunca viu um preso aqui algemado. Aí vimos quatro
- 4696 de uma vez. Com polícia, com arma na cabeça. Aquilo pra gente foi uma coisa horrível, entendeu?
- 4697 Então a gente fala, a gente vive aqui como uma família, não é um serviço normal. "Ah, eu trabalho
- 4698 numa loja", ou "Trabalho num escritório". Não é!
- 4699 **Pesquisadora:** Tem toda uma função social pra além de uma questão financeira.
- 4700 **Entrevistada:** Muito! Muito! Muito mesmo.
- 4701 **Pesquisadora:** E vocês acabam se envolvendo de alguma forma? Não tem jeito, porque a gente é ser
- 4702 humano e se envolve com alguma coisa. As relações humanas são permeadas pela afetividade.
- 4703 **Entrevistada:** E ainda mais quem tem filho. Quem tá aqui e tem filho. Isso aí eu falo pras meninas, têm
- 4704 duas ou três aqui que eu estou passando serviço. Eu vou te falar, gente. Se ponha no lugar sempre!
- 4705 Porque uma mãe... quando a mãe vem aqui a primeira vez e a gente fica esperando aqui a visita de
- 4706 domingo, quando tem festa, na hora que a mãe aponta lá na frente. Que ela viu que ela não teve que
- 4707 ser revistada, que ela encontra o filho, ela vem correndo abraçar! Ela sai do portão, ela entra correndo.
- 4708 Aquilo é Meu Deus! Aquilo é... bem emocionante.
- 4709 **Pesquisadora:** E como aqui tem poucos voluntários, como é a relação com eles?
- 4710 **Entrevistada:** O que a gente mais tem, igual a psicóloga xxx, que ela vem, mas acho que na hora que
- 4711 ela chega, a gente também tá indo embora... A convivência é bem pouca, não tenho muito contato não.
- 4712 Tem o... esqueci o nome dele, que ele vem também, eles normalmente chega a hora que a gente tá
- 4713 indo embora, não tem muito convívio assim não. É bem pouco.
- 4714 **Pesquisadora:** Bem pouco. É mais quando tem uma festa, uma comemoração.
- 4715 **Entrevistada:** Aí sim, porque reúne todo mundo. Aí com certeza, quando tá todo mundo reunido. Mas
- 4716 fora disso, não tem muito não.
- 4717 **Pesquisadora:** Humm. E em geral, assim... vocês, como funcionários, têm contato com a comunidade
- 4718 lá fora, com a família de vocês e tal. E em geral, é... há uma tentativa de formar uma parceria com a
- 4719 comunidade, com cooperativas, com empresas lá fora?
- 4720 **Entrevistada:** Você fala, no caso, eu mesmo particular? Ou o administrativo?
- 4721 **Pesquisadora:** Não. A direção.
- 4722 **Entrevistada:** Isso, até no caso aqui ele fica mais por conta de certos funcionários ali, que já tem na
- 4723 área. Mas eles sempre tão correndo atrás sim, eu não sei te falar, te aprofundar não. Mas sempre... até
- 4724 não tinha esse cargo, que é o da xxx. Ela fica por essa conta dessa área mesmo que é de tá correndo
- 4725 atrás. Agora, de um tempo pra cá tá tendo muito sim. Antigamente, não. Mas agora tá tendo mais (sic).
- 4726 **Pesquisadora:** De interagir com empresas?
- 4727 **Entrevistada:** Isso.
- 4728 **Pesquisadora:** Igual vocês conseguiram os cursos pelo Senac?
- 4729 **Entrevistada:** Isso. Agora ela só tá por essa parceria, tanto é que não tinha nada disso aqui antes.
- 4730 Entendeu? Agora tá tendo vários cursos, ela corre atrás de várias empresas, procura saber... mas tem
- 4731 sim (sic)..
- 4732 **Pesquisadora:** Entendi. É... e a comunidade lá fora, quando vocês contam de APAC. As pessoas
- 4733 conhecem a APAC?
- 4734 **Entrevistada:** Não conhecem. De um tempo pra cá tá conhecendo mais porque a gente... sempre
- 4735 divulga mais, mas não conhece e quando chega a falar... é, eu falo que tem um pouco de discriminação.

4736 Independente de a gente explicar que não... não é um sistema igual ao da cadeia, mas tem muita
 4737 discriminação ainda. Mas assim... não é muita gente que conhece não. Igual, tava tendo um curso de
 4738 voluntário, a gente põe faixa, essas coisas. Muita gente fala: "Que isso? APAC?". Não sabe. Até eu,
 4739 tanto que quando eu entrei aqui, não tinha noção... nunca tinha ouvido falar. Então muita gente ainda
 4740 não sabe o que é (sic).

4741 **Pesquisadora:** E a cidade é bem pequena.

4742 **Entrevistada:** Bem pequena. E não sabe, e quando procura e fica sabendo... tem um pouco de
 4743 discriminação. Tanto é que um ponto e quando tem essas festa aqui de final de ano, a gente pede
 4744 muita ajuda. Sai, vai no supermercado. "Pode dar um refrigerante, alguma coisa?" Igual, a gente
 4745 compara muito... se fosse só da APAE ou só do asilo, a ajuda seria maior. Entendeu? Se fala que é da
 4746 APAC, aí "pega": "O que é APAC?". A gente vai explicar o que é... "Depois você dá uma explicação
 4747 então". Entendeu? Tem uma diferença.

4748 **Pesquisadora:** É... e... bom, a APAC faz parte da execução penal. Então existe uma parceria aí,
 4749 obviamente, direta com o Tribunal de Justiça, com a juíza e promotora da vara criminal. Como que, na
 4750 sua opinião como funcionária da APAC, que você vê dos contatos com o Tribunal de Justiça... como
 4751 que se dá essa relação, essa parceria? Como que funciona isso, é uma parceria mesmo?

4752 **Entrevistada:** É, eu assim... por alto, que eu vejo. Que a xxx que é do jurídico sempre tem contato
 4753 mais, ela que tem esse contato, quando precisa a ajuda é presente sim. Eu não sei te aprofundar muito
 4754 não, mas pelo que a gente vê por alto... entendeu? Tem uma boa parceria, o que pode tá ajudando lá,
 4755 consegue sim. Mas pra te aprofundar muito nesses ponto aí, eu não vou poder te falar não (sic).

4756 **Pesquisadora:** Anham. E assim, na sua parte de... de... que é prestação de contas né? O Tribunal de
 4757 Justiça contém um convênio que tem a manutenção da Instituição. Tem muita cobrança de que vocês
 4758 fiquem dando satisfação?

4759 **Entrevistada:** Bastante. A gente fala assim, igual o que tinha... essas parcerias. Pelo Fórum, ainda tem
 4760 toda uma prestação, tem toda uma documentação. É tudo muito certo, então eu até passo... eu ajudo
 4761 a xxx que mexe mais com isso, mas têm coisas bem rigorosas mesmo pra tá cumprindo. Agora, o maior
 4762 que a gente mexe aqui, até com o Fórum não é tanto, é mais é com o Estado. Que é a prestação. É
 4763 muito detalhada, entendeu? É coisa bem explicativa, é coisa bem... tanto é que a de quem mexia era
 4764 uma só, com prestação. Agora, precisou de mais pessoas pra tá ajudando, entendeu? É coisa bem
 4765 detalhada mesmo (sic).

4766 **Pesquisadora:** Vocês têm que prestar atenção... prestar contas de centavo por centavo.

4767 **Entrevistada:** Muito! Muito! E ali no finalzinho, aonde ela vai fechar as planilhas dela tem que bater
 4768 mesmo. Se não bater tem que ter uma justificativa muito... que, às vezes, nem acontece, não existe
 4769 justificativa. Entendeu? Tem que bater mesmo, é coisa séria.

4770 **Pesquisadora:** Anham. Então vocês têm certa pressão, com data... cumprimento de data, envio de
 4771 relatório...

4772 **Entrevistada:** Muito! Igual a funcionária xxx agora foi fazer curso de dois dias. E nós vamos ter que
 4773 entregar a prestação na primeira semana, agora, de novembro. Então ainda tem nota pra pagar, tem
 4774 funcionário... para depois juntar aquilo tudo pra tá fechando. E a prestação de contas, a gente faz agora
 4775 todo mês. A gente fecha uma pasta. Então, é muita coisa! Tanto é... igual você pode ver, cada nota
 4776 fiscal de um supermercado, de alguma coisa, você tem que colher ali no mínimo três orçamentos. Tem
 4777 que ter! Se não consegue, tem que justificar mesmo o porquê não tá tendo. Entendeu? É bem...
 4778 complicadinho mesmo.

4779 **Pesquisadora:** Bem rigoroso?

4780 **Entrevistada:** Muito!

4781 **Pesquisadora:** E tem uma coisa aqui na APAC que te faz sentir impotente? Ou situações que você
 4782 presencia e que mexem emocionalmente com você, que você sai daqui pensativa ou angustiada, que
 4783 inquieta e incomoda?

4784 **Entrevistada:** Não... Eu acho até que é difícil falar, é outra questão. É questão de recuperandos. Eu
 4785 falo que aqui, tanto... pra mim, não tô falando por outros do escritório. O que eu posso fazer, eu faço.
 4786 Nos limites, lógico. Mas tem recuperando aí dentro que são recuperandos... o que você faz ou você
 4787 não faz, você tenta fazer ao máximo, mas nunca tá bom. São pessoas... que palavra que eu uso? Não
 4788 sei agora. Que não reconhecem... que, às vezes, já para sempre fazer uma reunião "separado" deles.
 4789 Cê vê que a gente tá correndo atrás das coisas, é médico, é cirurgia, é tudo. E a pessoa tá ali dentro,
 4790 tentando te derrubar mesmo, falando a maior... "Eu não tô tendo assistência, não...". Isso aí... isso dói.
 4791 [...] *Partes omitidas por aspectos éticos* [...] Porque o que dessa prestação de contas minha, que é
 4792 coisa bem complicada, e tira uma semana pra mexer com dentista, com cirurgia, médico que tá
 4793 precisando. Correndo atrás de remédio e tudo... e aí você ainda escuta umas coisas dessas, entendeu?
 4794 No mais, não tem nada que me incomode assim. Isso eu acho bem complicado. Não são todos, mas
 4795 tem. Entendeu?

- 4796 **Pesquisadora:** Anham. É porque na verdade, assim: como são perfis diferentes, na verdade a gente
4797 é... se a pessoa conseguisse fazer as coisas sem ter expectativas de gratidão, seria melhor para ela.
- 4798 **Entrevistada:** Isso. Ah, com certeza. Mas aí eu acho que a gente não sabe separar muito. Aí é
4799 complicado. Eu fico um pouco chateada, mas depois passa e a gente esquece. É difícil.
- 4800 **Pesquisadora:** É, e você continua fazendo, depois vem outra coisa...
- 4801 **Entrevistada:** Com certeza. É igual a gente conversando um dia assim: a gente tem um trabalho aqui.
4802 Eu sou auxiliar, eu auxilio na prestação de contas, mas é que a gente é mais voluntário do que é
4803 funcionário normal. E é verdade.
- 4804 **Pesquisadora:** Porque é muito além do salário de vocês do que qualquer outra coisa?
- 4805 **Entrevistada:** É muito além, entendeu? E eu não faço: "Ah, eu tô fazendo..." ou "Vou fazer só o meu
4806 serviço". Não existe isso. Não existe mesmo. Aí vêm umas coisas assim que chateia a gente, mas não
4807 é com todo o mundo. É um ou outro então a gente... passa.
- 4808 **Pesquisadora:** Anham. E o que significa a APAC pra você hoje, nesses três anos que você tá
4809 trabalhando aqui? Qual o sentido, o significado que a APAC tem pra você?
- 4810 **Entrevistada:** Então... eu no caso aqui, eu penso que... aqui pro ser humano, é... falando deles, é uma
4811 maneira de tá pagando uma pena com mais dignidade. Aqui sim é um local que ajuda o ser humano -
4812 e no caso deles - com a necessidade deles de tá cumprindo. Então aqui... cada dia que passa a gente
4813 tá, é... a APAC tenta melhorar as coisas, mas aqui seria um lugar ideal pra um ser humano infrator, no
4814 caso deles, tá cumprindo a pena, pagando com dignidade. Pra sair sim, um ser humano daqui. Não
4815 igual à cadeia, que... infelizmente, que entra ali com um delito pequeno e sai dali com um monte de
4816 coisa, entendeu? Então pra mim é isso (sic).
- 4817 **Pesquisadora:** Anham. Muito obrigada pela entrevista.
- 4818 **Entrevistada:** Não, que isso!
- 4819 **Pesquisadora:** Obrigada pela participação.
- 4820 **Entrevistada:** Que isso!

4821

4822 **ANEXO L- Transcrição da entrevista realizada com uma juíza da Vara Criminal de uma cidade do**
4823 **interior de Minas Gerais**

4824

4825 **Pesquisadora:** Bom... primeiramente eu gostaria de agradecer pela disponibilidade em conceder uma
4826 entrevista. Sei que vocês possuem inúmeras atividades aqui no Fórum e parar para dar uma entrevista
4827 é muita colaboração com meu trabalho. Muito obrigada mesmo!

4828 **Pesquisadora:** Gostaria de ouvir um pouco da experiência de Vossa Excelência com o método
4829 alternativo de cumprimento de pena, Associação de Proteção e Assistência aos Condenados – APAC.
4830 Como Vossa Excelência conheceu o método e qual a visão a respeito do mesmo?

4831 **Entrevistada:** Tá... Eu conheci o método quando eu passei no concurso né... Eu passei no concurso e
4832 na... escola judicial que a gente faz para...preparação mesmo. Foi quando eu conheci o método. Antes
4833 eu tinha ouvido falar a respeito, mas bem superficialmente. Não tinha maiores detalhes mesmo. E na
4834 escola judicial eu fiquei conhecendo porque o curso disponibilizava algumas visitas, à APAC de xxx, de
4835 xxxx, que são as mais de referência, são as maiores...

4836 **Pesquisadora:** Haamm!

4837 **Entrevistada:** E foi quando eu conheci o método...Comecei a trabalhar há dois anos quando eu vim
4838 para cá, eu não... nunca tinha trabalhado com APAC não. Foi minha primeira experiência... tem dois
4839 anos só que eu estou aqui... então são dois anos de experiência que eu tenho direta com a APAC.
4840 Então talvez eu nem tenha tanta assim... tanta informação para te prestar porque minha experiência é
4841 curta né na coordenação indireta da APAC. O que eu penso da APAC é o que eu vejo que hoje em dia
4842 a ideia de APAC está muito desvirtuada sabe... Eu estou bem desanimada para falar a verdade com
4843 isso.(Riso). Acho que hoje em dia a APAC está sendo um refugio para a falta de recursos do Estado
4844 para a administração prisional né. Então, o Estado hoje em dia não tem recursos para nada e cada dia
4845 menos e a má administração também é muito grande. Hoje em dia nós somos muito pressionados pra
4846 aumentar o número de vagas, mesmo que não tenha estrutura pra que... e nas comarcas onde não há
4847 APAC para que sejam instaladas uma APAC e a única razão que... nos oferecem é essa. A gente tem
4848 que diminuir o custo para o Estado porque o Estado não está conseguindo porque o Sistema prisional
4849 está superlotado e tudo... então eu acho que hoje em dia está muito desvirtuado é...e
4850 consequentemente não está dando a credibilidade que é preciso e nem a seriedade que se precisa por
4851 isso.. porque virou um refúgio para a falta de estrutura do Estado e eu acho que se continuar assim eu
4852 acho que tem muito a prejudicar o sistema da APAC. É aqui... eu vejo... não consigo te falar de
4853 resultados ainda...

4854 **Pesquisadora:** Humhum...

4855 **Entrevistada:** Eu sei que pelos estudos parece que salvo engano que um terço ou quarto de
4856 reincidente a menos do que no sistema comum. Agora aqui em xxx eu não tenho... eu não posso te
4857 falar porque eu ainda não vivi essa pós fase dos recuperandos que saíram e quais não voltaram. Tenho
4858 algumas dúvidas quanto também a essa estatística de reincidência depois deles serem liberados
4859 porque os que... pelo menos os que... na minha experiência os que realmente ficam na APAC são
4860 aqueles que acabam tendo um perfil mais fácil de... lidar..., que não são tão violentos, que não estão
4861 tão inseridos no crime organizado. Por que normalmente os outros vão para a APAC e cometem alguma
4862 falta e voltam para o sistema comum. Então eu acho que isso também facilita para o número de
4863 reincidência ser menor. Eu acho que que...o dia em que a gente tiver uma APAC que realmente
4864 continue com todos independente da característica pessoal de cada um, do meio no qual estaria
4865 inserido e das dificuldades que cada um tem, aí sim a gente vai saber se o método realmente funciona,
4866 sabe. Eu tenho isso! É uma impressão pessoal minha.

4867 **Pesquisadora:** Entendi.

4868 **Entrevistada:** Eu tenho dúvidas assim se não é porque os presos que vão para a APAC acabam já
4869 tendo uma característica...pessoal... algo deles...

4870 **Pesquisadora:** Mais favorável...

4871 **Entrevistada:** É.. pessoal deles! É! Eu tenho essa dúvida!

4872 **Pesquisadora:** O índice de reincidência já esteve em torno de 12 a 15 % e varia muito de unidade para
4873 unidade. Em relação ao sistema de execução penal convencional que tem cerca de 80%, ainda tem
4874 um índice de reincidência um pouco menor. Mas há sim um relativo aumento de reincidência. A APAC
4875 aqui no município tem uma característica muito peculiar... que eu vejo assim comparado a outras
4876 APAC's não tem um espaço físico tão adequado...

4877 **Entrevistada:** Hamham...

4878 **Pesquisadora:** Não tem atividades para todos os recuperandos e isso dificulta a própria proposta da
4879 APAC e aí temos questões institucionais e burocráticas que dificultam o trabalho porque é uma APAC
4880 de porte pequeno, por não ter ainda o convênio de construção e outros que poderiam ser formulados
4881 diretamente com o tribunal em função de não ter a documentação de escritura... não tem as
4882 documentações... essa questão toda que impede o crescimento e isso afeta as relações também.

4883 **Pesquisadora:** A APAC se inclui nos serviços oferecidos pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais a
4884 partir do Projeto Novos Rumos na Execução Penal. Como Vossa Excelência compreende essa relação
4885 e parceria entre APAC, a comunidade e a Tribunal de Justiça?

4886 **Entrevistada:** É... eu acho que o Tribunal de Justiça ele entra muito na questão de preparação nossa
4887 e de ... e...de instrução. Né... a gente está sempre recebendo instruções sobre vamos fazer isso... para
4888 que a APAC desenvolva... eu acho que é importante porque a medida que a gente trabalha com, por
4889 exemplo, aqui é a Vara Mista, eu trabalho com tudo, são todas as áreas, é... falta tempo para a gente
4890 se dedicar mais a...isso. Tanto na APAC quanto ao presídio comum, no geral, falta tempo mesmo,
4891 então eu acho que é importante isso, porque eles me cobrando e também me dando rumo do que eu
4892 tenho que fazer, de onde que eu tenho que procurar, o que eu tenho que... com quem eu... converso...
4893 os cursos, a preparação que eles me dão é que ajuda a fazer alguma coisa pela APAC. Eu acho que
4894 ainda poderia ser melhor. Acho que tem muito a melhorar. Acho que tem muito a melhorar ainda, mas
4895 se não fosse esse caminho que eles me dão seria muito mais difícil.

4896 **Entrevistada:** É em relação a comunidade eu não vejo o Tribunal de Justiça trabalhando na
4897 comunidade não. Na teoria isso existe, a gente sabe que a APAC é essencial que a comunidade
4898 participa, mas a gente não tem nenhum rumo a seguir, vamos dizer assim, para efetivar esse contato
4899 com a comunidade. Não... Quanto a comunidade não, o tribunal não dá ainda esse suporte para a
4900 gente não.

4901 **Pesquisadora:** Mas pelo fato de que APAC é uma administração compartilhada com a comunidade
4902 através da diretoria, são pessoas voluntárias e que fazem parte da comunidade, de certo modo
4903 compartilha uma parcela da administração da Associação, embora a gente saiba que em relação ao
4904 número de pessoas que fazem parte da diretoria, geralmente uma ou duas tem uma participação mais
4905 ativa. Geralmente são os próprios funcionários e gerência que mais se envolvem.

4906 **Entrevistada:** Hum... hum...

4907 **Pesquisadora:** E, em geral, quem mais se envolve são os próprios funcionários e a gerência. Ainda
4908 há desconhecimento da própria sociedade de que existe uma APAC no município e quais objetivos
4909 desse método. E nesse sentido que eu coloco, como se dá essa parceria? Como você vê essa questão
4910 de passar para a comunidade uma administração de uma execução penal?

4911 **Entrevistada:** Pois é... eu acho que esse é o grande problema da APAC que eu vejo, a maior
4912 dificuldade delas é essa. Eu acho que culturalmente nós não estamos preparados para isso, pois o
4913 brasileiro em geral tem muito o que amadurecer nesse sentido, e é uma questão geral mesmo, não é
4914 uma questão só daqui...

4915 **Pesquisadora:** Ham... ham...

4916 **Entrevistada:** E eu acho que a responsabilidade é muito grande para uma cidade que no nível de
4917 formação cultural em relação ao voluntariado, em relação a enxergar o que é a execução penal e suas
4918 consequências e... eu acho que esse é o grande problema da APAC, eu acho que é complicado é
4919 deixar a execução penal ser administrada pela comunidade nesse nível de amadurecimento da nossa
4920 sociedade, eu acho que ainda é um caminho muito longo, eu acho que tinha que ser passo a passo,
4921 eu acho que tinha que ser um trabalho de muitos anos e que o Estado fosse aos poucos saindo e não
4922 da forma como é ou tem tentado ser... eu tenho algumas ressalvas quanto a isso, mas eu não acho,
4923 que... na teoria eu até concordo que tem muito que dar certo, mas acho que a gente ainda não está
4924 preparado para isso.

4925 **Pesquisadora:** É...mesmo que a APAC esteja oferecendo o que se prevê de assistência na Lei de
4926 Execução Penal...?

4927 **Entrevistada:** Pois é... A APAC está oferecendo o que deveria ser oferecido pelo Estado. Né... A APAC
4928 é o que eu vejo que deveria ser o cumprimento da pena. A APAC deveria ser a regra. Né... Pelo menos,
4929 em termos de humanização da pena e individualização da pena o que a gente não tem no sistema
4930 comum é o que a gente tem na APAC. É por isso que apesar de todas as ressalvas que eu tenho da
4931 APAC, assim..., eu patrocino mesmo, eu acho que tem que ter mesmo, a gente tem que lutar mesmo,
4932 mesmo com todas as dificuldades, porque a gente tem todas essas dificuldades porque é aonde a
4933 gente vê mais próximo das finalidades da execução penal o que... que seria... é... hoje em dia, você
4934 deve ter conhecimento de como é a execução penal convencional hoje. Ele não tem individualização
4935 nenhuma na pena, eles não têm nada dos princípios e objetivos da LEP estão na execução penal
4936 comum então eu acho que a APAC é o que deveria ser, a APAC deveria ser a regra nesse sistema.

4937 **Entrevistada:** O que eu tenho visto até então, em todo o tempo que eu tenho acompanhado a APAC
 4938 e agora mais exatamente enquanto pesquisadora mesmo é que assim a APAC é uma alternativa mais
 4939 humanizada, mas ela não garante a ressocialização e tem algumas questões que interpelam o
 4940 funcionamento do próprio método. Uma questão é a comunidade, se ela acredita, se ela realmente
 4941 abraça a questão, e a ressocialização também depende da família, depende da sociedade, e muitas
 4942 vezes a ressocialização é falha porque a própria família quebra o vínculo com o condenado e, sem o
 4943 apoio da família, diante da primeira dificuldade, às vezes, ele volta para o crime. Isso ocorre às vezes
 4944 mesmo que o condenado tenha tido um bom comportamento durante o cumprimento de pena cai na
 4945 rua e diante da primeira dificuldade “bom, tentei viver de forma honesta, mas está vendo, eles não dão
 4946 oportunidade, então vou retornar para o crime, daí consigo viver como vivia antes”; e depende também
 4947 da escolha da pessoa. Tem pessoas que pedem autorização para cumprir pena na APAC, reconhecem
 4948 que na APAC se cumpre a pena de forma mais humanizada, reconhece isso, mas ela acha mais difícil
 4949 cumprir pena na APAC do que no presídio. Aqui eu desconheço casos como eu vou te relatar agora,
 4950 mas em xxx tem relatos de pessoas que pediram para retornar para o sistema convencional. Então,
 4951 alguns dizem que “na APAC é mais difícil para se cumprir pena do que no presídio porque tem que
 4952 manter a disciplina, as relações entre eles, o respeito...”

4953 **Entrevistada:** Da responsabilidade também...

4954 **Pesquisadora:** Da responsabilidade daquilo que é colocado para eles e também da questão da
 4955 dependência química que é outra questão. Alguns apresentam dependência química e fazem um
 4956 tratamento no CAPS, mas não há um tratamento contínuo, pois depende de vagas, a APAC não é uma
 4957 clínica de recuperação. Eles precisam aprender a lidar com os colegas de regime, lutar contra os
 4958 próprios vícios, saber lidar com a família, para serem inseridos na sociedade. Isso é gradativo e não
 4959 depende apenas da APAC. Então, penso que a reincidência muitas vezes está relacionada com essa
 4960 relação com a família e com a sociedade. E muitos deles perdem esse vínculo, pois a esposa reconstrói
 4961 uma segunda família, às vezes perdem o vínculo durante a pena, outros muitos pedem para a própria
 4962 família para não irem visitá-los em função das revistas constrangedoras no presídio e quando chegam
 4963 à APAC já não possuem um telefone de contato atualizado do familiar com o passar dos anos. Então
 4964 tem essas questões que interpelam a ressocialização. Tem as dificuldades da APAC e tem outras
 4965 questões que interpelam a Instituição... Isso que eu tento compreender, como esses aspectos
 4966 interferem na ressignificação da trajetória de vida da pessoa que está cumprindo pena na APAC.

4967 **Pesquisadora:** Há algo que inquieta e incomoda Vossa Excelência no que diz respeito ao método de
 4968 execução penal APAC? Algo que acredita que poderia ser melhorado ou reformulado? Acho que vossa
 4969 excelência já comentou um pouco disso.

4970 **Entrevistada:** É mesmo a questão do voluntariado mesmo! Que eu acho que um sistema de execução
 4971 penal né não pode trabalhar tantos com base só no voluntariado. Acho que o voluntariado... tem que
 4972 ter alguma medida que se não tem voluntariado naquele momento, porque acho que isso vai muito de
 4973 momento para momento, tem época que as pessoas vão fazer outras coisas e não tem outras pessoas
 4974 para substituí-las e acho que a execução penal não pode ficar na mão do voluntariado. Eu acho que
 4975 tem que ter sim, tem que ter um trabalho sim, mas não pode se resumir apenas nele. Acho que o que
 4976 mais me incomoda hoje é isso.

4977 **Pesquisadora:** Humm... humm. Aqui a gente tem poucos profissionais...

4978 **Entrevistada:** Pois é...

4979 **Pesquisadora:** E acaba faltando profissionais da área da saúde... O que já o sistema comum já
 4980 oferece... como médico... enfermeiro... até existem APAC's que já possuem também... depende do
 4981 número de recuperandos.

4982 **Pesquisadora:** E qual significado/sentido Vossa Excelência atribui a APAC a partir de vossa
 4983 experiência como juíza criminal nesses dois anos?

4984 **Entrevistada:** Eu acho que esse significado também é aquilo que eu já falei ... é da humanização da
 4985 pena, e da individualização da pena, que eu acho que é o básico para o cumprimento da pena e é o
 4986 básico que não temos no sistema comum, né, pelo menos em Minas, que é a minha realidade, mas
 4987 acho que na maioria do Brasil é assim... é o que a gente não tem. Então eu acho que a APAC tem que
 4988 servir de modelo e de ... de base mesmo para isso. Eu acho que a APAC tem que ser o exemplo da
 4989 execução penal como um todo, pelo menos nessa questão. Eu não vejo muito... eu acho que o que se
 4990 elogia da APAC quanto a isso, não tem que ser um elogio, tem que ser a obrigação... para mim a
 4991 obrigação é essa... teria que ter em todo sistema penitenciário e não tem...

4992 **Pesquisadora:** Nesse sentido, isso que você coloca de que talvez seja uma manobra talvez do Tribunal
 4993 de Justiça de passar a responsabilidade para a comunidade.

4994 **Entrevistada:** É ...Na verdade do Estado né. É mais do governo de Minas mesmo que cobra isso. Vou
 4995 te dar um exemplo concreto do que aconteceu com a gente aqui. É o ano passado. Final do ano
 4996 passado, não... ano atrasado. Eles tinham possibilidade de aumentar o número de vagas

4997 consequentemente aumentar a questão da receita, do subsidio do Estado e precisava de minha
 4998 autorização, mas em contra partida tinha um controle exercido pela FBAC, um procedimento
 4999 administrativo para sanar algumas irregularidades dentro de nossa APAC. Tanto a APAC, quanto o
 5000 tribunal, começaram a me pressionar que precisavam de mim, que perderiam o prazo, que tinha que
 5001 aumentar o número de vagas. Então eu disse, não é assim. No meu ponto de vista, se tem um número
 5002 de irregularidades, enquanto essas irregularidades não forem sanadas, eu não vou aumentar o número
 5003 de vagas, para mim isso é uma coisa lógica. Isso eu falei, respondi os ofícios, conversei pelo telefone
 5004 pessoalmente num dia, dois dias. Em dois dias depois o sistema o processo administrativo já estava
 5005 sanado. É claro que não é real, que em dois dias todos os problemas foram sanados, não é. É
 5006 importante aumentar o número de vagas, é. É importante ter mais subsidio é... mas não de qualquer
 5007 forma. A coisa tem que ser levada a sério, tem que ter seriedade, que sanar as irregularidades, senão
 5008 não irá resolver. Então é nisso que eu vejo o problema. A pressão que o governador tem sobre o
 5009 Tribunal de Justiça, o presidente do Tribunal de Justiça sobre o Judiciário, a FBAC junto, e sem
 5010 estrutura não vai resolver. Acho que daqui a pouco as APACs não vão funcionar mais.... vai deixar de
 5011 existir, porque quando há problemas que não são resolvidos o sistema começa a ficar desacreditado.
 5012 Então serão dois problemas, problema do sistema prisional comum e o problema da APAC. Então eu
 5013 estou vendo por esse caminho... Então isso me preocupa um pouco. Mas acho que se isso não for
 5014 sanado, a APAC não tem vida longa não. Porque usar a APAC para mascarar um problema do Estado,
 5015 não é função da APAC, não pode ser assim. Vamos ter dois problemas daqui a pouco... isso me
 5016 incomoda muito... e não tem muito o que fazer porque a pressão é de cima para baixo. É isso que me
 5017 incomoda!

5018 **Pesquisadora:** Você comentou também do perfil das pessoas que entram na APAC. A APAC sugere
 5019 aqueles critérios de mais tempo de pena, aqueles que tiveram um bom comportamento dentro do
 5020 presídio, só que isso é muito relativo... mas se conversarmos com um agente penitenciário ele diz “Ah..
 5021 este aqui é super tranquilo!” e outro diz “Não é terrível”...

5022 **Entrevistada:** Eu acho que a relação dele com outro recuperando acaba sendo essencial para o
 5023 método APAC... eu acho que é aí que... é aí o diferencial do método APAC porque quando se passa
 5024 ele a ter que delatar e ter que entrar no sistema e ter que participar da sua recuperação de algum modo
 5025 da sua recuperação e da recuperação do outro, acho que é essa responsabilidade que faz a diferença,
 5026 mas nem todos estão preparados para isso. Aí que eu acho que não dá para saber se vai dar certo se
 5027 vai dar errado, porque depende de quem está lá dentro no momento, não é só da APAC, mas também
 5028 igual você disse, da família, da sociedade, e a questão pessoal deles também, que talvez naquele
 5029 momento ele não esteja preparado para a APAC, mas talvez alguns anos depois esteja. Não sei se
 5030 seria definitivo. Não sei se seria isso, não tenho nem ideia para falar a verdade. Mas para mim foi e
 5031 continua sendo muito difícil quem vai e quem não vai para a APAC, então agora eu fiz uma questão
 5032 genérica, vai ser só o tempo da pena, porque eu estava sentindo isso, eu ia liberar e depois no presídio
 5033 eles me questionavam e depois eu não tinha como justificar quem foi e que ficou porque era subjetivo
 5034 mesmo e eu colocava aquele que eu achava que tinha melhor perfil, mas não tenho estudo nenhum
 5035 para saber disso... enfim... para definir se teria perfil ou não... eu conversava com o diretor do presídio
 5036 e como gerente de segurança da APAC para ver se eles concordavam e eu não achava isso bom,
 5037 então achei melhor colocar algo mais objetivo aqui... já que a gente não tem como definir, então ter um
 5038 critério que favoreça a todos que dê oportunidade a todos; o que me incomoda porque não oferecia
 5039 oportunidade a todos e eu acho injusto. Eu acho injusto alguns terem oportunidade de cumprir a pena
 5040 de maneira adequada pelo menos e outros não terem oportunidade por falta de vaga...

5041 **Entrevistada:** Outra questão que me incomoda também é que sempre que eles têm uma situação de
 5042 recaída por uso de drogas dentro da APAC, a gente retorna, eles retornam para o sistema comum, isso
 5043 me incomoda, não sei se isso seria o correto. Não sei se talvez se aqueles que são dependentes e os
 5044 outros sentem falta... Tudo bem que tem que manter a ordem, tem que dar exemplo, mas acho que é
 5045 diferente de outros atos...de uma fuga... a droga me incomoda um pouco.

5046 **Pesquisadora:** Uma fuga, um ato agressivo prejudicaria o sistema como um todo, mas a droga seria
 5047 um prejuízo a si mesmo. De certo modo... mas dentro da APAC eles entendem de uma outra forma,
 5048 porque eles querem cortar essa questão de usar drogas e bebidas... quando eles vão para o semiaberto
 5049 e para saídas temporárias eles terão contato e oportunidade de voltarem a usar drogas e bebidas. Eles
 5050 terão oportunidade de usar... Essas questões também me geram interesse... pois não há como se
 5051 trabalhar com redução de danos já que o uso não é permitido, mas também não é uma clínica de
 5052 tratamento e recuperação de dependência química e não tem como ter um tratamento efetivo... Há uma
 5053 dependência orgânica...

5054 **Entrevistada:** que não pode ser ignorada né!

5055 **Pesquisadora:** E que não é tão simples assim, “aqui sou tratado como gente, a família é bem recebida,
5056 mas quando entra droga e poderia usar não vou usar... vai muito da posição de não querer mais fazer
5057 uso de drogas ou álcool... e nem todos tem essa decisão...”
5058 **Entrevistada:** O que me incomoda um pouco é isso... não é algo simples para fazer, não é assim... é
5059 a punição por uma questão que não é simples... não é uma simples ordem que tem que ser cumprida...
5060 é uma questão de saúde mesm

5061

5062 **ANEXO M- Transcrição da entrevista realizada com o pai de uma pessoa em cumprimento de**
5063 **pena**

5064

5065 **Pesquisadora:** Conta pra mim sua experiência com a APAC, como o senhor conheceu a APAC, qual
5066 que é sua expectativa com relação ao cumprimento de pena do seu filho na APAC?

5067 **Entrevistado:** Bom, é..., bom, eu vim a conhecer através de meu filho, né? É, conheci a APAC através
5068 do meu filho, que tá aqui.

5069 **Pesquisadora:** Anham.

5070 **Entrevistado:** E a expectativa de vida que eu tenho, né, é que aqui dentro da APAC ele já mudou muito
5071 o comportamento, porque ele era o filho que nunca tinha parado pra ficar com a gente, ele, hoje, aqui,
5072 depois que ele tá convivendo aqui dentro, ele tem prazo (*tempo*), chega hoje ele tem ... é uma facilidade
5073 pra falar com a gente, que ama a gente, de abraçar a gente, de beijar a gente. Coisa que antes, isso
5074 nós não tinha!(sic).

5075 **Pesquisadora:** Anham.

5076 **Entrevistado:** Tanto eu, como minha esposa, né? E o outro irmão dele! E, assim, aqui dentro da APAC
5077 ele cresceu muito espiritualmente e nós também! Porque... assim, não tô dizendo sobre religião, mas,
5078 hoje dentro da APAC ele veio a conhecê a Deus, coisa que ele não tinha (sic).

5079 **Pesquisadora:** Anhummm

5080 **Entrevistado:** Que não tinha conhecimento nenhum de Deus. Ele... eu falo, antes de ele vim pra cá,
5081 ele não vivia não, ele vegetava. Porque... infelizmente ele envolveu no mundo do crime, envolveu com
5082 drogas, envolveu com essas coisas assim e hoje a cabeça dele é outra, né? Igual, ele já veio, ele já
5083 formou aqui dentro da APAC, né? Portanto, é igual, não sei se você tem oportunidade de saber, mas
5084 passou até no ENEM.

5085 **Pesquisadora:** Anham.

5086 **Entrevistado:** Né? Entre os que fez, e o que ele, ficou muito bem né? E isso aí, enche a gente de
5087 orgulho porque, quantas vezes que gente lá fora, gente calejando o punho pra estudar, para arrumar
5088 um serviço e nada. Hoje, coisa que, ele aprendeu a se virar, a cuidar dele, hoje ele já sabe até cozinhar,
5089 cozinha, quer dizer, é, hoje, ele busca a Deus e outra, ele mesmo falou da boca dele que quer estudar,
5090 quer fazer direito. Porque, hoje ele viu o tanto que aquela vida que ele tava vivendo lá fora, não era
5091 boa, não prestava, e outra, ele veio descobrir tudo isso aqui dentro, da APAC, porque, eu creio, na
5092 minha concepção de pai, eu creio que aqui dentro, tem tudo pra regenerar uma pessoa, porque, nós
5093 não convivemos aqui diariamente a semana toda, mas pelo que eu vejo da diretoria, entre as pessoas que
5094 contribuem aqui dentro, é, os voluntários, as pessoas que tão aqui dentro mesmo recuperando, eles
5095 são bem tratados demais, são tratados como pessoa, como ser humanos, né? É um monte de...
5096 portanto, eles aprende aqui dentro a ter amor com a gente, a ter carinho com a gente, e tudo isso vem
5097 através da, da APAC, porque aqui dentro, aqui, tem as norma, né? Têm as leis aqui dentro que são
5098 aplicadas aqui dentro, que eles obedecem, e outra, e isso aí, só sé, só faz eles cresce, e a gente como
5099 família, eu como pai, eu fico muito engrandecido com isso, ter esse ambiente. Hoje, eu vim descobrir o
5100 que é o amor. Foi através da APAC, né? Que eu vim descobrir que meu filho me ama, que eu amo ele,
5101 né? E que, tanto eu, minha mulher, o meu outro filho. Assim, se ele continuasse lá fora, a cada dia que
5102 passa nois ia só perdendo ele (sic), porque, infelizmente, quando meio que foi preso, infelizmente a
5103 gente, os pais, na verdade é os último a sabe, porque, eu por mim, ele não tinha esse envolvimento
5104 com essas coisas de drogas, com essas coisas lá fora, e outra, mas era aquela coisa, não trabalhava,
5105 a gente ia conversar não tinha prazo, nada na vida dele, não dava papo para a gente, não tinha um
5106 pingo de atenção (sic).

5107 **Pesquisadora:** Entendo.

5108 **Entrevistado:** Ele não tinha um pingo de respeito, nem amor com a gente. Agora hoje não, agora hoje
5109 eu tenho prena certeza, que meu filho mudô... (sic), serviu pra mim, pra mim e pra minha esposa,
5110 serviu muito. Porque tanto eu e ela crescemos muito espiritualmente, sabe? (sic) Porque, eu, hoje assim,
5111 até através da convivência, aqui dentro, do carinho que ele trata a gente, me trata, trata minha esposa,
5112 quer dizer, eu aprendi, muito com aqui, que aqui dentro eu aprendi que, nunca é tarde pra gente amar
5113 e pra gente acreditar nas pessoas. Porque, depois que ele tá aqui dentro, eu voltei acreditar nele, sabe?
5114 eu, hm... tô depositando um voto de confiança, muito grande, nele, e outra, eu tenho certeza que ele
5115 não vai me decepcionar, sabe? Eu tô apostando as fichas tudo nele, porque eu sei que, assim, aqui
5116 dentro da APAC que ele aprendeu a ser gente, né? Porque, ele teve oportunidade, e o comportamento
5117 daqui é muito bom, porque pelo seguinte, não recupera quem não quer! Porque aqui dentro, as pessoas

5118 que tão aqui dentro, o recuperando, são tratada como pessoa, com dignidade, com, com respeito (sic).
 5119 Eu só tenho que, primeiro agradecer a Deus e depois agradecer a APAC, né? Porque foi aqui dentro
 5120 que eu tô reconquistando o meu filho.

5121 **Pesquisadora:** Então houve uma reaproximação da família depois que ele veio para a APAC?

5122 **Entrevistado:** E muito grande! É o que eu tô dizendo, e outra, depois que ele veio pra cá, o amor entre
 5123 nós, renasceu, sabe? O respeito, o carinho, sabe, a amizade, confiança. Tudo foi depois que ele veio
 5124 pra cá, que nós conseguiu adquirir. Porque, eu disse antes no início, porque, quando ele tava lá na rua,
 5125 até mesmo quando ele foi preso, que ele tava no presídio, entre nós não tinha convivência, não tinha
 5126 diálogo, não tinha conversa, não tinha nada, sabe? (sic). Nossa vida era só sofrimento... Hoje não! Hoje
 5127 graças a Deus, portanto, eu sei que ele tá cumprido a pena dele, tá pagando a pena dele, mas ele tá
 5128 pagando com dignidade, e nós como família também só temos que agradecer (sic).

5129 **Pesquisadora:** Bom, vocês ficam mais tranquilos em saber que ele está aqui em relação à quando ele
 5130 estava no presídio?

5131 **Entrevistado:** É, na verdade, é porque num presídio, infelizmente, aquilo ali é uma bomba... É... Porque
 5132 ali, você tá ali dentro, ali, você não sabe o que tá acontecendo, o que passa na mente de cada um,
 5133 porque quando eu ia fazer visita pra ele lá, os próprios agentes tiravam minha muleta, guardava, pra
 5134 não ficar ali dentro ali, porque eles falava que ela tornava uma arma na mão deles, e como de fato é!
 5135 Porque infelizmente, é... vô te falar, cadeia não concerta ninguém não, sabe? Infelizmente que a pessoa
 5136 que tá ali dentro, só tranca a mente só. Deus me perdoe, porque ali, infelizmente, a pessoa não trabalha,
 5137 não faz nada, só fica ali, martirizando cada dia. Porque, o que eles vão esperar de bom ali dentro? Não
 5138 tem nada. Em compensação, a aqui dentro da APAC é outra vida, aqui dentro a pessoa aprende a
 5139 viver, é igual, o que eu disse. Aqui, aqui dentro da APAC eu vim descobrir meu filho, porque,
 5140 infelizmente, dentro do presídio não. Pra você ter uma ideia, dia que eu ia... que era dia de eu fazer
 5141 visita, minha pressão aumentava, eu passava mal, porque, é um procedimento do presídio, mas, era
 5142 muito humilhante! (sic). A gente passava pelas aquelas revista, aquelas coisas muito, sabe? (sic). É
 5143 muito rigoroso. Infelizmente, é o trabalho, é a função deles, porque eles têm que prevenir isso de
 5144 acontecer. Mas só que, eu, igual eu falei, eu acho que presídio não regenera ninguém não...
 5145 infelizmente não.

5146 **Pesquisadora:** Anham. E como são as relações entre vocês familiares e os funcionários da APAC,
 5147 diretoria da APAC?

5148 **Entrevistado:** Graças a Deus são ótimas, porque, igual eu disse, tantos os voluntário como o diretor
 5149 da APAC, como as pessoas que trabalha aqui dentro, eles trata a gente com dignidade, com muito
 5150 respeito (sic).

5151 **Pesquisadora:** Anham.

5152 **Entrevistado:** São ótimas pessoas!

5153 **Pesquisadora:** E com os voluntários também é tranquilo?

5154 **Entrevistado:** A mesma coisa! São ótimas pessoas, trata a gente muito bem!

5155 **Pesquisadora:** E, geralmente com qual frequência que o senhor visita a APAC?

5156 Quase todos os domingos, na verdade, né? Sempre tenho encontrado o senhor aqui...

5157 **Entrevistado:** É, todos os domingos!

5158 **Pesquisadora:** Datas comemorativas? Você também vem?

5159 **Entrevistado:** Em datas, já passei por várias datas comemorativas aqui. Ótimo!

5160 **Pesquisadora:** Na opinião do senhor, qual é o papel da família do recuperando? Quais as contribuições
 5161 que a família pode trazer para um recuperando da APAC?

5162 **Entrevistado:** Óia, a família, é a base essencial, né? No meu ponto de vista, porque é através da
 5163 família que o recuperando vem descobrir o amor e que a vida faz sentido, porque... não só pra quem
 5164 tá aqui recuperando, mas pra todo mundo, pra família mais a vida. Assim, eu penso, né? Porque, eu
 5165 não sei? No meu modo de vê, assim, a família é tudo, primeiro Deus, mas depois a família, sabe?
 5166 Porque, uma família bem estruturada, unida, ela vai vencendo todas as barreiras que a vida vai
 5167 oferecendo pra gente, né? Eu acho que, na minha opinião, a família é a base de tudo, e outra, a pessoa
 5168 que tá aqui dentro, precisa demais da família, porque... já tem os problemas deles aqui dentro, sabe?
 5169 Tem uma pena pra pagar. Já pensou ficar isolado? Sem um parente, uma pessoa próxima ali.
 5170 Infelizmente não tem como, porque, por mais que a pessoa queira melhorar o comportamento, mudar
 5171 de vida e se não tiver ninguém pra dar um apoio, pelo menos uma palavra amiga, fica difícil, né? É
 5172 assim, o que eu penso.

5173 **Pesquisadora:** Anham. E tem alguma coisa que te inquieta, te incomoda aqui na APAC, alguma coisa
 5174 que você fala: "Ah, isso me preocupa, isso me angustia."

5175 **Entrevistado:** Não, no momento não!

5176 **Pesquisadora:** Anham.

5177 **Entrevistado:** É igual, porque, pra você ter uma ideia: sabendo que meu filho tá aqui dentro da APAC,
5178 eu durmo mais tranquilo. Porque, as pessoas que vem cá, pra APAC, no meu modo de vista, no meu
5179 modo de pensar, eles... eles vêm pra melhorar de vida, porque eles chegando aqui na APAC... pra você
5180 ter uma ideia, no meu modo de pensar, eles têm oportunidade de tomar um banho, sentar numa mesa
5181 pra alimentar, tem uma hora de lazer, de ver uma televisão, as pessoas que estão aqui dentro, aqui
5182 muitos querem recuperar, querem cuidar de si, né? Quer dizer, igual, meu filho tá aqui e eu vejo o
5183 comportamento dele, eu vejo a forma dele tá vivendo hoje, eu fico tranquilo, porque, se ele tivesse lá
5184 em cima, no presídio, igual eu falei no início, aquilo lá é uma bomba, a gente não sabe o que pode
5185 acontecer. Agora, pelo menos, o que pode ter um problema, que não sabe como ver o funcionamento
5186 deles, comportamentos deles lá dentro, que a gente não convive, assim no dia e noite com eles. Mas,
5187 eu tenho prena certeza, que aqui dentro, aqui... tanto pra eles, como pra família é muito mais tranquilo!
5188 (sic).

5189 **Pesquisadora:** E como a comunidade vê a APAC na sua opinião? Assim? Como é? Como a
5190 comunidade enxerga a APAC?

5191 **Entrevistado:** No meu ponto de vista, a população, todo mundo vê a APAC como uma benção, porque,
5192 é igual eu falei, só de você poder vim visitar uma pessoa que tá aqui dentro e ser tratada na portaria
5193 com dignidade, e aqui dentro com dignidade, isso é muito importante! Porque não tem nada é... não
5194 tem nada que... é... que deixa a gente constrangido, sabe? A gente é bem tratado, tanto na chegada,
5195 como na saída (sic).

5196 **Pesquisadora:** Mas será que a população conhece a APAC? Porque assim, vocês têm filho aqui.

5197 **Entrevistado:** Conhece! Não, conhece! Porque, pelo trabalho da APAC faz, né? Inclusive, igual...
5198 muitos recuperandos que tá aqui dentro que trabalham, né? E tem parente lá fora, e gente que... igual...
5199 eu que tenho um, que tá recuperando aqui dentro, e convivo lá fora com muitas pessoas, tenho
5200 oportunidade sempre de encontrar com um, com outro e eles falam: Nossa, aquela APAC é uma
5201 benção, né? E você pode ter certeza que é! Sabe? E a população toda, aqui. Portanto, é pra você ter
5202 uma ideia do que é, os grupos religiosos vem aqui dentro, fazem reuniões aqui dentro, grupos do A.A
5203 vem aqui dentro, fazem reunião (sic).

5204 **Pesquisadora:** Anham.

5205 **Entrevistado:** Quer dizer, é a APAC pra população de xxxx é uma benção!

5206 **Entrevistado:** É, o senhor já até comentou um pouquinho disso, né? Acho que até senhor já falou
5207 disso. Mas, é... qual o significado que a APAC tem pra você, hoje?

5208 **Entrevistado:** Paz.

5209 **Pesquisadora:** Paz?

5210 **Entrevistado:** Isso! Amor, tranquilidade, e outra, hoje, APAC na minha vida, é igual, foi fundamental,
5211 porque dentro da APAC que eu vim descobrir o amor. Porque como eu disse, não tinha amor, não tinha
5212 convivência na minha família não, e aqui dentro, hoje, dentro da APAC, eu tenho prazer de abraçar,
5213 beijar meu filho, é igual, pra falar com ele, na hora que eu saia ele me beijou e falou: "Papai, eu te amo!"
5214 Coisa que, lá fora não tinha isso. Ele veio, ele veio descobrir isso dentro da APAC. APAC pra nós hoje
5215 é fundamental pra nossa vida, foi fundamental e é! Porque... Hoje dentro da APAC a gente foi descobrir
5216 o que é vida.

5217 **Pesquisadora:** Entendi. Muito obrigada pela entrevista.

5218

5219

5220

5221

5222

5223

5224

5225

5226

5227

5228

5229

5230

5231

5232

5233

5234
5235

5236 **ANEXO N- Transcrição da entrevista realizada com o presidente da Instituição**

- 5237 **Entrevistado:** Eu posso ter acesso a essa cópia também, da entrevista?
- 5238 **Pesquisadora:** Pode, pode ter acesso sim.
- 5239 **Pesquisadora:** Sim.
- 5240 **Entrevistado:** Ok.
- 5241 **Pesquisadora:** Bom, primeira questão é saber um pouco da sua experiência com a APAC. Como é
- 5242 que o senhor conheceu a Instituição APAC, como se deu esse contato, o interesse em participar da
- 5243 diretoria e as suas expectativas em relação à APAC.
- 5244 **Entrevistado:** Bom... tudo começou dentro da Maçonaria. Eu sou membro hoje, já há sete anos, da
- 5245 maçonaria. E na oportunidade de uma reunião nos foi feito um convite, pra poder tá assumindo junto à
- 5246 diretoria daqui da APAC.
- 5247 **Pesquisadora:** Anham
- 5248 **Entrevistado:** E justamente com o M., antigo diretor, eu fui tesoureiro durante quatro... quatro anos. E
- 5249 esse é o quinto ano, agora, mas à frente da presidência.
- 5250 **Pesquisadora:** Anham.
- 5251 **Entrevistado:** A gente entende que o que a gente tá fazendo é um trabalho em prol da sociedade,
- 5252 certo? E a gente acredita num método como recuperação das pessoas que estão aqui hoje, que são
- 5253 denominados "recuperandos".
- 5254 **Pesquisadora:** Anham. Então o contato do senhor já é de longa data, são cinco anos?
- 5255 **Entrevistado:** Cinco anos.
- 5256 **Pesquisadora:** Então o senhor conheceu através da Maçonaria?
- 5257 **Entrevistado:** Através da Maçonaria.
- 5258 **Pesquisadora:** Na época do [antigo diretor].
- 5259 **Entrevistado:** É, eles precisavam de duas pessoas né? Pra poder assumir a diretoria e a tesouraria e
- 5260 eu fui um dos convidados.
- 5261 **Pesquisadora:** Entendi. A Maçonaria já tem esse elo com a comunidade no sentido de... tentar
- 5262 desenvolver atividades sociais também?
- 5263 **Entrevistado:** Sim, o trabalho da Maçonaria com relação a... a sociedade, é um trabalho amplo em
- 5264 todos os sentidos. A gente fabrica hoje fraldas geriátricas, temos um banco de cadeira de rodas, com
- 5265 mais de 530 peças, equipamentos, né? Também estamos juntos à diretoria da APAE, aos Alcoólatras
- 5266 Anônimos, certo? À APAC e outras instituições da cidade.
- 5267 **Pesquisadora:** Que bom. E quando o senhor teve o primeiro contato, o senhor veio pra conhecer a
- 5268 APAC... como foi esse primeiro contato?
- 5269 **Entrevistado:** É, no primeiro momento eu vou ser franco, porque eu não acreditava...
- 5270 **Pesquisadora:** Anham.
- 5271 **Entrevistado:** No trabalho que é feito aqui, eu não sabia da extensão desse trabalho e nunca tinha é...
- 5272 tido nenhum tipo de contato. Certo? Então a primeira impressão, é... confesso que fiquei um tanto
- 5273 quanto assustado...
- 5274 **Pesquisadora:** Anham.
- 5275 **Entrevistado:** Nós fomos muito duramente criticados por aceitar. Os próprios companheiros de...
- 5276 Maçonaria, não entendiam e... não acreditavam, não conheciam o método e tudo. Mas a partir do, da
- 5277 convivência e... propriamente do trabalho que a gente vem executando aqui dentro, é... a gente passou
- 5278 a acreditar mais no método. A gente passou a... a fazer parte do sistema como diretor-tesoureiro e
- 5279 tudo... então assim, hoje eu vejo que procuro disseminar essa metodologia né? E o que acontece
- 5280 realmente na Instituição.
- 5281 **Pesquisadora:** Anham. E em sua opinião como são as relações aqui, entre o administrativo e diretoria,
- 5282 família, voluntário? Como são essas relações? Porque na verdade, a APAC é uma Instituição formada
- 5283 por muitas mãos né? É a comunidade aqui dentro, através dos voluntários... os funcionários, que muitas
- 5284 vezes se identificam muito com o método ... que tem um envolvimento também no sentido de que têm
- 5285 uma expectativa de que o método traga resultados. E, ao mesmo tempo, vocês também estão
- 5286 relacionando o tempo todo com os próprios recuperandos. Então é uma rede de relações...
- 5287 **Entrevistado:** De relações... o próprio Poder Judiciário...
- 5288 **Pesquisadora:** Anham.
- 5289 **Entrevistado:** É, enfim. Bom, nós somos um órgão hoje... é, do Estado ou do setor público, com
- 5290 poderes extensivos ou delegados né?

- 5291 **Pesquisadora:** Anham.
- 5292 **Entrevistado:** Por quê? Porque... da condenação ao cumprimento da pena, a gente sabe que é uma
- 5293 responsabilidade do Estado. E o Estado, por acreditar e por ver que a metodologia é... além de
- 5294 recuperar e de ter números mais interessantes do que o sistema convencional, eles também já
- 5295 observaram que o custo per capita é menor.
- 5296 **Pesquisadora:** Anham.
- 5297 **Entrevistado:** Eu diria que é algo em torno de quase 200%. O preso convencional hoje custa R\$ 3000
- 5298 e o recuperando custa R\$ 900. Então existe o interesse grande do Estado, como também da própria
- 5299 comunidade, que não acreditam nas relações de um presídio convencional, certo? Que têm uma
- 5300 imagem deteriorada de um presídio convencional, quando relacionado com as relações aqui na APAC.
- 5301 **Pesquisadora:** Anham. E vocês têm uma relação intensa né? Vocês têm contato com os próprios
- 5302 recuperandos, conversam com eles e com a família...
- 5303 **Entrevistado:** Sim. É, eu falo que a gente não pode deixar de... "linkar" o que acontece aqui. Afinal de
- 5304 contas, aqui em determinado momento é uma empresa, que nós temos todo um setor administrativo,
- 5305 com funcionários, pagamos impostos, enfim. Cumprimos toda a legislação, a burocracia da legislação,
- 5306 é... com relação a uma Instituição. Nós tamo(sic) lidando com pessoas que cometeram delitos de uma
- 5307 forma ou de outra contra a sociedade, contra os bens patrimoniais, enfim... contra o próprio ser humano,
- 5308 certo? E também estamos lidando com um interesse que a sociedade tem em receber pessoas
- 5309 melhores do que quando entraram pra cumprirem suas penas.
- 5310 **Pesquisadora:** Anham.
- 5311 **Entrevistado:** A questão da disciplina aqui dentro é fator primordial, certo? A gente precisa e tem que,
- 5312 a todo o momento, tá (sic) cobrando essa disciplina. Porque não existe recuperação sem disciplina,
- 5313 né? E eu acredito muito no tratamento através do corpo, através do espírito. Sabe? Eu acredito muito
- 5314 nisso, então a gente têm que tá (sic) introduzindo no espírito das pessoas a questão de tratar melhor o
- 5315 corpo. O seu corpo, ou seja, a matéria. Que a matéria não esteja transgredindo a lei de uma forma ou
- 5316 de outra né? Como eu te falei, que seja contra a vida, que seja contra os bens patrimoniais, que seja
- 5317 contra a sociedade, enfim. Então eu acredito muito nisso, você vê (sic) que em todo o método a gente
- 5318 têm alguns programas, né? Da viagem do prisioneiro, por exemplo, reflexão da viagem do prisioneiro.
- 5319 Que fala muito da questão, né... religiosa, né? E psicológica do preso, né? Do preso não, retiro o que
- 5320 eu disse. Recuperando. Aqui não tem preso, ninguém é preso aqui. Certo?
- 5321 **Pesquisadora:** Silêncio
- 5322 **Entrevistado:** Então eu acredito nessa situação, de você tratar o espírito para que o espírito controle
- 5323 a matéria, que é o corpo né? Que as pessoas deixem de ser violentas, que elas comecem a entender
- 5324 que é importante você ser integro, que é importante né? Você ter uma idoneidade, que é importante
- 5325 você ter é... eu diria, dignidade né? Através do psíquico.
- 5326 **Pesquisadora:** Anham
- 5327 **Entrevistado:** Então eu acho que, que, que... o grande trabalho que é feito aqui é exatamente esse. É
- 5328 você trabalhar, trabalhar a cabeça né? Já dizia os primórdios aí... mente sã, corpo são.
- 5329 **Pesquisadora:** E, às vezes, a gente coloca a palavra condenado porque na universidade, em termos
- 5330 de Academia, a gente usa o nome "condenado ou pessoa em cumprimento de pena". O nome
- 5331 recuperando é mais específico da metodologia APAC, né? Aí quando eu vou me referir à APAC eu falo
- 5332 "recuperando" e me justifico: "Na metodologia APAC, a nomenclatura é recuperando".
- 5333 **Entrevistado:** É eu acho até que o termo "condenado", veja bem... realmente, houve uma condenação
- 5334 e a partir dessa condenação que eles passaram a cumprir uma pena, pra poder pagarem seus delitos.
- 5335 Mas aí que entra a diferença do método APAC com o método convencional.
- 5336 **Pesquisadora:** Sim.
- 5337 **Entrevistado:** Aqui entra o homem, o delito fica lá fora...[silêncio]
- 5338 **Pesquisadora:** Fica?
- 5339 **Entrevistado:** Fica lá fora.
- 5340 **Pesquisadora:** E a metodologia é bem diferente de uma execução convencional né? E assim, o
- 5341 contato... O contato de vocês com os condenados. É frequente eles procurarem vocês para conversar?
- 5342 Porque às vezes eles procuram um funcionário...
- 5343 **Entrevistado:** É, até assim... esse contato tá muito na linha da.. da segurança e da...
- 5344 **Pesquisadora:** Gerência.
- 5345 **Entrevistado:** É, aqueles que tão mais próximos no dia a dia, certo? Eu venho muito e inclusive tem
- 5346 uma coisa que me admira, todos eles me chamam pelo nome. Francisco. Me conhecem e tudo, não
- 5347 tem... e assim, faço alguns trabalhos diretamente com alguns deles e tudo. E nesse trabalho a gente
- 5348 consegue identificar a vontade que eles têm de tá (sic) aprendendo, de... sabe? Tá (sic) se entregando
- 5349 à metodologia e tudo, pra se reintegrarem. É... eu sou profissional da área de engenharia elétrica e
- 5350 mecânica e sempre que eu tenho oportunidade de tá (sic) colocando isso pra eles, de tá (sic)

- 5351 mostrando, ensinando né? O que eu sei, o que eu domino e tudo, eu vejo que existe um brilho nos
5352 olhos muito grande por parte deles.
- 5353 **Pesquisadora:** Para aprender...
- 5354 **Entrevistado:** Isso. Pra aprender.
- 5355 **Pesquisadora:** Uma vontade de ter um conhecimento novo.
- 5356 **Entrevistado:** Sim. E até de... de mostrar que além de... de recuperando, eles são pessoas comuns,
5357 iguais à gente. Às vezes podem ter algum desvio de personalidade, algum desvio de conduta, mas no
5358 fundo no fundo são pessoas comuns como nós.
- 5359 **Pesquisadora:** Anham.
- 5360 **Entrevistado:** E tem uma frase que eu acho interessante né? De um recuperando... que quando no
5361 sistema convencional fugia de todas as cadeias que ele era preso. Presídios em São Paulo, no Paraná,
5362 em todas as cidades que você imaginar. Ele era reconhecido como um cara especializado em fugas. E
5363 já no final da vida né? Em idade já bem avançada e... em estado já doente e tudo fizeram uma entrevista
5364 perguntando pra ele: "Olha, depois que você veio pra APAC nunca mais você fugiu. Por quê? O que
5365 aconteceu? Aqui é mais difícil fugir?".
- 5366 **Pesquisadora:** Anham.
- 5367 **Entrevistado:** "Aqui os seus métodos não deram certo?" Aí ele falou a seguinte frase: porque... "Não
5368 é isso não. Porque do amor ninguém foge". Você já deve ter visto essa frase em algum lugar na APAC.
- 5369 **Pesquisadora:** Anham.
- 5370 **Entrevistado:** Então é exatamente isso. Quando as pessoas são tratadas com respeito, onde existe
5371 uma relação saudável, exista um amor de qualquer forma, de qualquer natureza que ele seja, então
5372 isso cria vínculos. Qual pessoa quer fugir do amor? Qual que é o principal objetivo de cada um de nós?
5373 É ser feliz.
- 5374 **Pesquisadora:** Sim.
- 5375 **Entrevistado:** E se você tem direito à felicidade né? Isso já preenche a lacuna na vida da pessoa.
5376 Então acho que essa relação de respeito é fundamental, não só aqui como em qualquer instituição, em
5377 qualquer relacionamento, o respeito é a base fundamental de qualquer relação.
- 5378 **Pesquisadora:** Bom, quais estratégias são utilizadas pelo setor administrativo, pela diretoria hoje,
5379 para formar parceria com a comunidade, com as empresas, com voluntários e até com a família do
5380 recuperando, com a sociedade envolvente?
- 5381 **Entrevistado:** Hoje... eu até cobro isso muito da minha administração e de toda a diretoria. A gente
5382 não tem o hábito de demonstrar o que a gente faz. Então muitas pessoas não conhecem, não têm
5383 acesso ao que é a metodologia e como que ela funciona. E nem o que acontece aqui dentro. Então é...
5384 é muito simples as pessoas criarem uma imagem lá fora e criticarem o método e tudo. Porém, a gente
5385 tenta... igual eu tô preparando um trabalho pra essa semana tá (sic) apresentando na Maçonaria
5386 sobre... acerca da metodologia, dos números, do que realmente acontece aqui. Porque é igual eu falei,
5387 além de ser uma Instituição de recuperação, nós temos uma estrutura de empresa. E nós temos
5388 números, né? E nós temos números até... estatística pra poder comprovar que o método realmente
5389 funciona. Que são números, por exemplo, de quantas saídas de indulto... é... do nível comportamental
5390 das pessoas aqui dentro, do nível de reincidência das pessoas que... né? Que já passaram pelo
5391 sistema, que foram reinseridas na sociedade. Então a gente têm números que controlam todos esses
5392 parâmetros, até pra gente poder ter certeza de que a coisa tá funcionando. Não é só criar um prédio e
5393 encher de recuperando, e falar que a APAC tá recuperando todo mundo. Não é isso. A gente têm um
5394 método, ele tem que ser aplicado, a pessoa tem que absorver esse método para que ela consiga se
5395 recuperar. E nessa trajetória existe todo um aparato de dados que a gente precisa tá (sic) analisando
5396 pra poder realmente confirmar que o sistema funciona, certo? A nossa relação com a sociedade é...
5397 realmente tá mostrando esses dados e mostrando esse trabalho que é feito aqui dentro. A relação com
5398 os familiares, no meu entender, ela tem que ser de profundo respeito pra que eles possam ser agentes
5399 canalizadores desse respeito, pra retornar aos recuperando. Porque às vezes você acha que o
5400 recuperando olha pra mim como presidente e tudo... ele não deixa de pensar. Ele fala: "Aquele cara ali
5401 é o cara que tá segurando a cela que eu tô aqui. É o cara que tá...", né? Então é importante a gente tá
5402 (sic) tratando a família com respeito pra que ela consiga canalizar esse respeito né? E ser a gente
5403 dessa informação aos recuperandos, certo?
- 5404 **Pesquisadora:** Anham.
- 5405 **Entrevistado:** Com relação às empresas, a gente procura fazer um trabalho de parceria, apesar de
5406 que muitas empresas não entendem isso ainda. Mas é importante a gente fazer esse trabalho de
5407 divulgação pra que a credibilidade da instituição esteja presente nas empresas e na sociedade em
5408 geral.
- 5409 **Pesquisadora:** É... porque ainda existe muito preconceito?
- 5410 **Entrevistado:** Sim, ainda existe uma barreira grande...

- 5411 **Pesquisadora:** No início, assim, a população não acreditava em absolutamente nada. Era uma... uma
5412 descrença mesmo. Então a gente brinca que quando a gente pediu um benefício pra APAE, as
5413 empresas logo de imediato...
- 5414 **Entrevistado:** Se prontificam.
- 5415 **Entrevistado:** ...Eu tinha um amigo que me perguntou se eu tinha um recuperando que pudesse
5416 trabalhar pra ele. Ele tava (sic) precisando fazer umas coisas lá e tal e... Então a gente identificou a
5417 pessoa, e falou: "Ó, o cara é esse aqui", tal... dei o nome dele e tudo e passou a trabalhar pra ele. Ele
5418 falou pra mim que fez uma diferença tão grande, que ele começou a ficar apertado, porque o cara era
5419 muito mais disciplinado do que as pessoas que já trabalhavam pra ele.
- 5420 **Pesquisadora:** Anham.
- 5421 **Entrevistado:** O serviço dele rendia muito mais, sabe? E às vezes ele pedia pra trabalhar aos fins de
5422 semana, coisa que os outros não faziam. Então, assim é... ele teve que começar a mudar um pouco o
5423 conceito e até a forma de... de... enxergar esse recuperando porque ele se sobressaía sobre os...
- 5424 **Pesquisadora:** Em relação aos outros...
- 5425 **Entrevistado:** Em relação aos outros. E outra coisa que ele falou comigo, ele sempre pedia pra tá (sic)
5426 aprendendo. "Olha eu, eu posso dirigir?". "Você é habilitado? Então pode, pode dirigir sim". "Agora e
5427 se eu quiser mudar minha carteira, eu posso dirigir caminhão? Posso..." "Pode, sem dúvida". Então,
5428 assim: houve uma ascensão né? E uma vontade muito grande de estar se entregando ao trabalho.
- 5429 **Pesquisadora:** Bom, é em relação a rotina de vocês na Instituição, acho que você já acabou
5430 mencionando? A APAC faz parte da execução penal, então pertence a uma parceria com o Tribunal de
5431 Justiça, com os juízes, a promotoria. Principalmente com a juíza da vara criminal, então conta para mim
5432 um pouco de como o senhor vê essa parceria com o Tribunal de Justiça.
- 5433 **Entrevistado:** É... veja bem, no Tribunal de Justiça é... é um setor que cumpre pena né? Com o seu
5434 papel, que é do Judiciário lá e tudo...
- 5435 **Pesquisadora:** Anham.
- 5436 **Entrevistado:** Eles tão (sic) ali pra poder julgar os delitos, certo? E de uma forma ou de outra nós
5437 temos que reconhecer que essas pessoas que aqui estão, estão pagando por crimes que foram
5438 cometidos contra a sociedade, contra os bens patrimoniais - como eu já disse né? Ou contra a
5439 instituição familiar, contra as próprias pessoas, certo? Então em momento nenhum nós podemos deixar
5440 de levar isso em consideração. São pessoas que cometeram um delito né? E que tem que pagar por
5441 esses delitos, certo? É... os magistrados, na minha opinião são pessoas que realmente estão
5442 preparadas pra poder fazer esse julgamento, mas não estão acima de... de tudo, né? Não são deuses.
5443 São pessoas como nós que têm uma interpretação e... melhor da justiça, certo? Como você é
5444 especializada na sua área, como eu sou especializado na minha.
- 5445 **Pesquisadora:** Anham.
- 5446 **Entrevistado:** Mas existe uma relação muito bacana por parte da... da doutora xxx, né? Da... da juíza,
5447 que hoje tem um contato maior com a gente. Ela sabe como funciona, ela frequenta a casa, né? E nós
5448 temos liberdade também de frequentar o gabinete dela. Acima de tudo sabendo, igual nós acabamos
5449 de comentar, que nem todo mundo vai recuperar né? Tem pessoas que realmente não vão ter jeito,
5450 né? Pessoas que vão ter que pagar pelos seus delitos e que, às vezes, ao caírem lá fora vão reincidir
5451 muitas vezes de maneira até... pior do que já fizeram. Então a gente tem essa consciência, né? Eles
5452 também têm. E a gente sabe que em momento nenhum a gente tá lidando, igual eu já escutei, meninos
5453 né? São meninos, mas são meninos que precisam melhorar. Então a relação com o Judiciário é boa,
5454 muito boa. Na pessoa do xxx, né? Na pessoa da xxx, né? Na pessoa dos desembargadores, enfim toda
5455 comarca né? A gente tem um relacionamento muito, muito bom. E até através da própria FBAC.
- 5456 **Pesquisadora:** Sim. E tem alguma coisa que hoje te incomoda, que te angustia em relação à APAC?
5457 Alguma coisa que o senhor gostaria de fazer, de promover e que não consegue? Algo que de repente
5458 você gostaria de executar e que não está no seu alcance... Uma limitação do próprio município,
5459 qualquer coisa que talvez te cause algum incômodo, alguma angústia.
- 5460 **Entrevistado:** É... veja bem, o governo é... é igual eu te falei, é o grande responsável pela população
5461 carcerária do país. Certo? E de uma forma ou de outra ele nos delegou, ou seja, nós hoje somos
5462 representantes legais nesse sentido, do governo, porque ele viu que a coisa flui melhor, gasta-se menos
5463 e recupera-se às vezes mais. Então é... eles entregaram, delegaram essa responsabilidade pra FBAC
5464 e pra (sic) as APACs. Porém o que acontece? Muitas vezes a gente não têm verba suficiente pra poder
5465 aplicar 100% da metodologia. Isso por quê? Existem características diferentes, quando você pega uma
5466 APAC, por exemplo, com 200 recuperandos, ela tem um sistema. Quando você pega uma APAC igual
5467 à nossa, com 40 recuperandos ela tem outro sistema. Nem tudo que se aplica lá, com 200
5468 recuperandos, você consegue aplicar aqui, com 40 recuperandos. Por quê? Até a própria estrutura é
5469 menor, os repasses dos subsídios são menores, né? E muita coisa a gente têm que tá fazendo através
5470 de doações, isso me deixa um pouco angustiado, sabe? A gente têm que tá pedindo tudo e... igual

- 5471 você mesmo disse, você pedir pra recuperando, né? Entre aspas, pra "preso", não é fácil. O não é
 5472 muito mais consistente do que a pessoa tentar ajudar. Então quem ajuda? São os familiares, são as
 5473 pessoas que conhecem, é o amigo do diretor, o amigo do... sabe? Do recuperando... né? É o pessoal
 5474 da Justiça que conhece como funciona, mas assim... é, eu acho que o próprio governo poderia tá (sic)
 5475 fazendo mais pra essas Instituições. Poderia tá (sic) ajudando mais, e quando eu falo ajuda eu quero
 5476 dizer: recursos financeiros pra que a gente...
- 5477 **Pesquisadora:** Para a APAC.
- 5478 **Entrevistado:** Exatamente.
- 5479 **Pesquisadora:** Igual a questão da própria estrutura atual da APAC? Porque... sem uma documentação
 5480 de escritura, vocês não conseguem...
- 5481 **Entrevistado:** Nada.
- 5482 **Pesquisadora:** Dobrar o número de recuperandos...
- 5483 **Entrevistado:** Não.
- 5484 **Pesquisadora:** Vocês não conseguem montar oficinas, não conseguem...
- 5485 **Entrevistado:** E eu vou ser franco pra você, não existe, na minha opinião, um interesse muito grande
 5486 por parte da magistratura em aumentar isso aqui muito não. Por quê? Porque se eu aumento aqui, isso
 5487 aqui é condizente com a situação da cidade, do município. Certo? Nós sabemos que a gente tá dentro
 5488 de uma Comarca e a Comarca são vários municípios. Então se a gente começa a abrir vaga demais,
 5489 vem gente de tudo quanto é lado, de tudo quanto é tipo, de tudo quanto é interesse... E quando você
 5490 consegue trabalhar com as famílias, mais próximos, que possam vir às visitas e que possam realmente
 5491 conhecer... que possam tá (está) fazendo trabalho de agente nas comunidades, se torna mais fácil.
 5492 Não adianta, por exemplo, eu querer trazer para cá uma Instituição pra colocar, é... 200 recuperandos
 5493 aqui dentro da APAC de xxx, por quê? Porque nem existe essa população carcerária aqui.
- 5494 **Pesquisadora:** Não, sim... e... e também tem a questão do convênio de manutenção, né? Que hoje,
 5495 vocês não têm. Então só o convênio de manutenção já...
- 5496 **Entrevistado:** É, na medida em que você vai crescendo você vai conseguindo mudar esse convênio.
 5497 Pra... pra... pra... um, dois, três. Enfim... mas aí depende do número de recuperandos pra que você
 5498 consiga aumentar o seu subsídio junto ao governo, às Instituições que fazem os repasses.
- 5499 **Pesquisadora:** E além do convênio de manutenção - que vocês já têm né? Seria o convênio de
 5500 construção, de expansão...
- 5501 **Entrevistado:** Também.
- 5502 **Pesquisadora:** Depende de questões políticas e institucionais?
- 5503 **Entrevistado:** E hoje eu preciso, por exemplo, da documentação do terreno que nós tamos (sic)
 5504 instalados aqui, que é uma coisa que tá na mão do município e a gente não consegue, a gente vê
 5505 exatamente o que você tá falando. Existe um interesse político por trás disso, né? E eles só vão liberar
 5506 se caso a gente atender às expectativas políticas, a gente têm que ter um bom relacionamento, né?
 5507 Ou seja, um relacionamento mais próximo aos... aos políticos pra poder conseguir essa liberação da
 5508 documentação.
- 5509 **Pesquisadora:** Anham. Ou seja, mais uma questão que atravessa o intuito da Instituição, que é, de
 5510 fato, promover a recuperação, a ressocialização, né? Para oferecer mais atividades profissionalizantes,
 5511 mais oficinas...
- 5512 **Entrevistado:** Precisa ter espaço, precisa de terreno.
- 5513 **Pesquisadora:** Você tem que ter espaço, e aí...
- 5514 **Entrevistado:** Exatamente. Uma infraestrutura para que possa...
- 5515 **Pesquisadora:** É uma dificuldade a mais, né? E assim, para encerrar: qual o significado que a APAC
 5516 tem para o senhor hoje, enquanto voluntário, enquanto presidente-voluntário da Instituição?
- 5517 **Entrevistado:** É, bom... eu gostaria de primeiramente reafirmar o meu compromisso com a disciplina
 5518 aqui dentro. Isso é fundamental pro bom andamento das coisas, certo? Segundo, hoje eu trabalhando
 5519 como voluntário, tenho uma visão totalmente diferenciada de uns tempos atrás. Eu consigo levar isso
 5520 para o meu meio. Onde eu estou, onde eu vivo... com as pessoas que eu me relaciono. E... tanto que
 5521 hoje, por exemplo, a minha filha é voluntária também. No setor administrativo, ela é universitária, faz
 5522 administração e é voluntária do sistema. Há um tempo, a gente não imaginaria nunca tá (sic) fazendo
 5523 um tipo de trabalho desse, certo? Mas hoje, além de fazer eu consigo convencer as pessoas a fazerem
 5524 também. Por quê? Por causa da credibilidade que a gente têm mostrado do sistema em si. Eu acredito
 5525 muito, igual eu falei, na mudança das pessoas através do intelectual, através do espírito né? Através
 5526 do psíquico, pra que elas consigam conduzir melhor a matéria que é o corpo, certo? E se tornarem
 5527 pessoas melhores, certo? A filosofia da Maçonaria é essa e a gente preza muito por isso, em se tornar
 5528 pessoas melhores enquanto cidadão, enquanto pais, enquanto filhos... e enfim, a gente acredita muito
 5529 nisso. E eu digo que a nossa passagem por aqui, por esse plano... se a gente fizer só do umbigo pra
 5530 dentro não valeu a pena passar por aqui (sic).

5531 **Pesquisadora:** Entendo.

5532 **Entrevistado:** Então é... o meu trabalho caminha em torno disso, igual te falei. Nunca deixando de
5533 esquecer a questão da disciplina e a questão é... das pessoas estarem aqui pagando por delitos que
5534 cometeram, mas sempre prestando também muita atenção no fator de respeito e nessa questão aí da
5535 prevalência do espírito sobre a matéria.

5536 **Pesquisadora:** Muito obrigada senhor xxx, pela entrevista, muito obrigada mesmo.

5537 **Entrevistado:** Eu que agradeço.

5538

5539 **ANEXO O- Transcrição da entrevista realizada com o presidente do CSS, regime fechado**5540 **Pesquisadora:** Bom, conta para mim um pouquinho da sua experiência na APAC.5541 **Entrevistado:** Bom. É a primeira vez que eu venho pra APAC.5542 **Pesquisadora:** Anham.5543 **Entrevistado:** Foi uma experiência boa, porque fui condenado aí tentei reduzir a pena e não teve como
5544 ... então... aí aqui eu, seria um lugar melhor pra pagar porque diminuiria o tempo de.. de pena, né?5545 **Pesquisadora:** E quando você veio para cá, você já conhecia a APAC?5546 **Entrevistado:** Já. Já conhecia porque eu já cheguei a fazer um serviço aqui dentro. Quando eu estava
5547 na...5548 **Pesquisadora:** Na rua?5549 **Entrevistado:** Quando eu "tava" na rua (sic).5550 **Pesquisadora:** Anham.5551 **Entrevistado:** Foi feito o escoramento aqui do semiaberto, aí fui pago pra fazer.5552 **Pesquisadora:** Entendi. E aí você veio fazer serviço aqui. Aí, depois disso, que você foi condenado, aí
5553 você foi para o presídio e...5554 **Entrevistado:** Isso... depois disso que eu fui preso.5555 **Pesquisadora:** Aí você veio pra cá, tempos depois?5556 **Entrevistado:** Anham.5557 **Pesquisadora:** Você já tinha quanto tempo de pena?5558 **Entrevistado:** Já um ano e seis meses.5559 **Pesquisadora:** Anham.5560 **Entrevistado:** De pena... no sistema prisional.5561 **Pesquisadora:** Anham. E aqui você já tem quanto tempo, aqui na APAC?5562 **Entrevistado:** Já... 10 meses, vai fazer 11. Vai fazer 11 meses.5563 **Pesquisadora:** Onze meses?5564 **Entrevistado:** Já.5565 **Pesquisadora:** As relações entre vocês aqui, como são? Você como presidente do CSS deve viver
5566 alguns conflitos, né? Porque você ao mesmo tempo em que você está cumprindo pena, sendo um
5567 recuperando, você também faz parte da organização da Instituição como CSS... Então imagino que
5568 seja bem conflitivo pra você, porque você tem que delatar seus colegas, você tem que aplicar falta... e
5569 ao mesmo tempo, também está cumprindo pena no mesmo regime que muitos deles, né?5570 **Entrevistado:** É.5571 **Pesquisadora:** Então imagino que seja conflitivo.5572 **Entrevistado:** Eu até não sou muito de aplicar falta, não. Só se for último caso mesmo, sou mais é de
5573 conversar.5574 **Pesquisadora:** Anham.5575 **Entrevistado:** Dá uma boa ideia ou... "tá errado", "vamo melhorar". Entendeu? Mas conflito tem, porque
5576 eles acha (sic): "Ah, o cara tá... no mermo barco que eu, mesma situação e fica querendo mandar".
5577 Mas aí "cê" chega e fala: "Não, não é mandar não. Se você aceita uma boa ideia, acata ela. Agora se
5578 você não aceita, pode chegar muitas vezes de te aplicar falta ou de eu levar adiante pro encarregado
5579 de segurança..." Eu mesmo... mas cria, sempre cria um "atritozinho" entre as pessoas porque eles
5580 acham que o presidente do CSS fica sabendo de tudo e na realidade ele não sabe, não...5581 **Pesquisadora:** Às vezes não tem informação do que está acontecendo, né? Na verdade, vocês
5582 também estão no mesmo barco.5583 **Entrevistado:** Isso...5584 **Pesquisadora:** Você tem uma função extra, de ajudar no cumprimento da disciplina?5585 **Entrevistado:** Anham. A outra coisa que tem é essa, é zelar pra... pra não ficar acontecendo coisas de
5586 errado. Que também, se ficá acontecendo coisa de errado também, num instantinho... ou sobe a pessoa
5587 (*vai para o presídio*), ou a pessoa é punida... às vezes, a gente até de não aplicar a falta, às vezes, a
5588 gente toma uma punição.5589 **Pesquisadora:** Você fica entre a cruz e a espada. Então você faz, você fica como mal diante dos seus
5590 colegas. Se você não aplica, você também...5591 **Entrevistado:** Sou cobrado!!!5592 **Pesquisadora:** É cobrado...5593 **Entrevistado:** Anham.5594 **Pesquisadora:** E... mas em geral, você chega, conversa. E não acontece de ter algum conflito mais?

- 5595 **Entrevistado:** Só uma vez só que teve. Um conflito a mais, mas mesmo assim, você chegando e
5596 conversando... Sempre depois, eles sempre falam nas costas... "Ah, o cara tá demais". "O cara tá
5597 querendo ser o melhor...". Que isso aí depois, outras pessoas chegam e me falam assim, "Foi dar uma
5598 boa ideia e o cara tá isquentado' (*agitando*) lá, tá... metendo a poda, lá e falando que você não vale
5599 nada" (sic).
- 5600 **Pesquisadora:** Anham.
- 5601 **Entrevistado:** Sempre acontece.
- 5602 **Pesquisadora:** Anham. E as relações entre vocês e os funcionários, os voluntários da APAC?
- 5603 **Entrevistado:** Bom no meu, na minha pessoa, trato eles super bem. Nunca desrespeitei nenhum deles.
5604 Também nunca fui desrespeitado. Às vezes pensam: "Ah, porque o cara é... preso, trata eles de
5605 qualquer jeito". Não. Muito pelo contrário, já recebi até muito elogio de voluntário que vem cá, fala: "Ah,
5606 super educado. Ele não conversa muito, mas na hora que vai conversar com a gente é super educado".
- 5607 **Pesquisadora:** Anham. Vocês têm poucos voluntários na verdade, né?
- 5608 **Entrevistado:** É.
- 5609 **Pesquisadora:** Pouquíssimos voluntários. A diretoria da casa teve troca recente... Mas também há
5610 uma certa interação?
- 5611 **Entrevistado:** Anham.
- 5612 **Pesquisadora:** As pessoas visitam vocês?
- 5613 **Entrevistado:** Isso.
- 5614 **Pesquisadora:** Você tem vínculo familiar? Tem pessoas da família aqui no município?
- 5615 **Entrevistado:** Tem, tem.
- 5616 **Pesquisadora:** Na verdade sua família é daqui então?
- 5617 **Entrevistado:** É.
- 5618 **Pesquisadora:** E eles vêm te visitar, assim como ontem durante a visita?
- 5619 **Entrevistado:** Vem, vem. Vem minha mãe, meu pai. Minha irmã, meu cunhado. Meu irmão tem vez
5620 que vem, tem vez que não vem. Só tem um irmão meu que... o tempo dele é curto e aí que ele não...
- 5621 **Pesquisadora:** Fica difícil para ele vir.
- 5622 **Entrevistado:** Fica difícil.
- 5623 **Pesquisadora:** Mas então na verdade você tem vínculo com a sua família toda e eles te visitam?
- 5624 **Entrevistado:** Tem.
- 5625 **Pesquisadora:** Lá no presídio eles também te visitavam?
- 5626 **Entrevistado:** Só meu pai.
- 5627 **Pesquisadora:** Lá era só o seu pai que te visitava?
- 5628 **Entrevistado:** É. Minha mãe foi lá só umas duas vezes, quando eu... "tava" trabalhando do lado de
5629 fora, aí ele "teve" lá umas duas vezes só (sic).
- 5630 **Pesquisadora:** Por causa da revista, né? Ela não queria passar por isso?
- 5631 **Entrevistado:** Isso. Anham.
- 5632 **Pesquisadora:** É. Imagino. A APAC está dentro de um processo de... de um sistema de execução
5633 penal, então vocês continuam na mão da Justiça, tudo aqui depende do Tribunal de Justiça, depende
5634 da juíza, né? Como que você percebe essa parceria da APAC com o Tribunal de Justiça assim...
- 5635 **Entrevistado:** Bom... é... pelo pouco tempo que tô aqui, entendeu... em alguns atos demora, entendeu?
5636 Porque eu já tô com quase 10 meses aqui, e... recebi documentação de lá uma vez só, uma vez.
5637 Conversei com o xxxx: "Não, não precisa se preocupar não. Ela procura mais quem tá próximo já de
5638 sair pro aberto e passar pro semiaberto. Você ainda vai demorar um pouco". Mas fica aquela coisa
5639 assim... "Ah, mas será que tá mandando mesmo?" Sabe, porque o presídio. Entendeu? Fiquei preso
5640 mesmo dentro da cela cinco meses. Depois comecei a trabalhar, ganhar minha provisória ainda, me
5641 enrolaram até mesmo... não adiantou em nada!!!
- 5642 **Pesquisadora:** Aqui na verdade tem um procedimento, né? Eles mandam esses documentos para o
5643 Fórum. O problema é que fica nas mãos do Fórum?
- 5644 **Entrevistado:** Isso...
- 5645 **Pesquisadora:** E não é só aqui. É aqui, é lá no presídio... São outros casos que que o Tribunal tem
5646 que acompanhar, e a Justiça é morosa, é muito... demorada.
- 5647 **Entrevistado:** Anham.
- 5648 **Pesquisadora:** E aí gera um impasse, porque vocês ficam esperando. O pessoal da APAC vai lá e fica
5649 cobrando... mas ao mesmo tempo não pode criar um atrito, porque precisa do Tribunal. Então né...
- 5650 **Entrevistado:** Isso... tranquilo, eu... acho normal.
- 5651 **Pesquisadora:** E tem alguma coisa que te incomoda na APAC? Alguma coisa que você gostaria que
5652 fosse diferente, ou que te incomoda ou que te deixa preocupado, insatisfeito... chateado...
- 5653 **Entrevistado:** Só um negócio, desconfiança. Entendeu? Da administração. Quer mais confiança nos
5654 recuperandos, coisa que é difícil? É. Mas... tem que ter. Porque no próprio método fala, "você está aqui

- 5655 pra recuperar". Então se não tiver aquela autoconfiança, aí a pessoa já fica assim: "Pô meu, vim pra
 5656 cá. Fala que eu sou cobrado a andar dentro do método. Toda vez me cobram e não tem confiança".
 5657 Tinha que... eu acho que tinha que ter mais confiança.
- 5658 **Pesquisadora:** É. O próprio fato da APAC existir já é uma... uma forma de te dar uma oportunidade.
 5659 De dizer: "Olha, aqui você tá tendo uma oportunidade diferente". O problema é que eu acho complicado
 5660 também, pelo ponto de vista do administrativo. E eles não estão com vocês ali dentro o tempo todo.
- 5661 **Entrevistado:** Anham.
- 5662 **Pesquisadora:** Então, eles não sabem o que está acontecendo ali dentro.
- 5663 **Entrevistado:** Isso, anham.
- 5664 **Pesquisadora:** Então é difícil né? Mas eu acho que assim, da mesma forma que... que eles também
 5665 dependem de vocês, vocês dependem deles, né? É uma relação de dependência também?
- 5666 **Entrevistado:** Anham.
- 5667 **Pesquisadora:** Vocês dependem do administrativo da APAC. O administrativo da APAC depende do
 5668 Fórum e é uma relação de dependência que tem outras coisas que eles não conseguem resolver... né?
 5669 Não conseguem intervir.
- 5670 **Entrevistado:** É.
- 5671 **Pesquisadora:** E acho que essa relação de confiança fica meio... limitada por isso daí. Por exemplo,
 5672 vocês ficam angustiados por causa das documentações. A APAC também não tem como mudar isso.
- 5673 **Entrevistado:** Anham.
- 5674 **Pesquisadora:** E vocês ficam já inseguros. Será que... o documento foi entregue, não foi... será que
 5675 aconteceu alguma coisa? Será que eles demoraram a entregar? E a mesma coisa quando acontece
 5676 alguma coisa com vocês, né? Será que foi isso, será que aconteceu outra coisa? É difícil né?
- 5677 **Entrevistado:** É. Porque eu não sou aquela pessoa assim, sabe? De todo dia tá chegando e
 5678 perguntando a mesma coisa. Eu não. Chego, pergunto uma vez só. "O negócio lá deu certo?". "Deu",
 5679 "não". Então... entendeu? Eu depusitei minha confiança na pessoa (sic).
- 5680 **Pesquisadora:** Anham.
- 5681 **Entrevistado:** Aí se deu certo, e ele fica só demorando e demorando... aí cê já pega e "pá": "não deu
 5682 certo". Porque... tá demorando demais. Você vê um chegar, depois vê o do outro. Ah... vai dar certo.
 5683 Porque eu não sou daqueles de ficar, toda vez: "Ah...", que geralmente é a estagiária ou o seu xxx que
 5684 faz isso no Fórum. Eu só chego e pergunto: "Ó seu xxx, o negócio lá... os papel já foi pra lá?". "Já".
 5685 Tranquilo. Assim que tem que... no meu ponto de vista. [...] *Partes omitidas por questões éticas.* [...]
- 5686 **Pesquisadora:** Entendi. Aí já gera uma comparação, né? Você se sente comparado.
- 5687 **Entrevistado:** Isso. Aí a pessoa fala: "Pô, pra outra pessoa...". Isso daí eu escuto direto.
- 5688 **Pesquisadora:** Entendi. E aí gera uma insatisfação.
- 5689 **Entrevistado:** Isso. Eu chego e: "Não, o seu vai dar certo também. Calma". "Não o meu foi bem mais
 5690 primeiro que o dele e... o dele chegou primeiro". E eu: "Não, calma. Vai dar certo".
- 5691 **Pesquisadora:** É... a parte de documentação realmente eu sei que eles não têm a menor autonomia
 5692 para decidir. As decisões são do Judiciário. E aí eles ficam na mão do Fórum tanto quanto vocês, né?
 5693 Até a liberação de verba, eles são cobrados também por entrega de documentação para o TJ porque
 5694 senão não tem verba. A verba não vem e aí eles não recebem, não tem como pagar as despesas e...
 5695 enfim. E aí se tudo não correr bem na prestação de contas, a APAC fecha. Então, é uma cobrança em
 5696 cima deles, e a parte de documentação de vocês eu sei que a APAC em si não tem autonomia. Não
 5697 depende deles, né? Mas tem as relações interpessoais que são diferentes, né? As relações... de
 5698 repente com uma pessoa é de uma forma, com outra talvez seja diferente. Mais ou menos isso que
 5699 você está querendo dizer?
- 5700 **Entrevistado:** É.
- 5701 **Pesquisadora:** Entendi. E qual o significado que a APAC tem pra você hoje?
- 5702 **Entrevistado:** Hoje? Pra quem tá pagando pena, tá sendo o melhor lugar. Se fosse no presídio, se
 5703 tivesse em penitenciária, aí no caso seria pior né? Porque aqui, na APAC, 90% das pessoas que
 5704 passam aqui na APAC sai... "Ah, você passou na APAC? Então você foi 'cagueta' (*entregou os*
 5705 *colegas*) lá dentro". Foi esse, aquele outro. Entendeu? E... não é o meu caso. Chegar toda vez, eu toda
 5706 vez: "Óh, tá acontecendo isso e isso". Não. Eu tento resolver lá dentro primeiro. Resolveu, fica lá
 5707 mesmo. Não resolveu, telefona. Quando não é droga, não é bebida... Aí não, aí já não é... igual dessa
 5708 última vez, já me chamou de lado e falou comigo: "Ó, tá tendo droga na casa, entra lá dentro e tenta
 5709 resolver". Aí eu entrei lá dentro, marquei uma reunião prisional. Falei, o próprio recuperando xxx ficou
 5710 bravo, deu com os braços, bateu na mesa e tal. "Vai... tem que dar os nomes". "Tá, eu vou te dar os
 5711 nomes". "O seu nome tá no meio". "Ah, vai ter que provar. Pode fazer um exame em mim agora...".
 5712 "Fica calmo, não vai adiantar nada". "Tô dando uma boa ideia e o homem quer que ... E vai subir, se
 5713 pegar no exame vai voltar lá pra cima".. Duas semanas foi ... a gente lá e o exame dele deu positivo.
 5714 Ele ainda chega no presídio e ainda mete a ripa. "Ah, fulano que tá lá não vale não. Fulano é isso..."

- 5715 Sobre a Instituição APAC mesmo, super boa. [Silêncio]. Tem algumas "faltazinhas", mas isso aí é
5716 coisas... normais mesmo, do dia a dia. Acho que ninguém é perfeito.
- 5717 **Pesquisadora:** É, não tem jeito né?
- 5718 **Entrevistado:** Não tem como.
- 5719 **Pesquisadora:** Agora, a sua posição como... como Presidente do CSS é que é difícil, né?
- 5720 **Entrevistado:** Muito difícil.
- 5721 **Pesquisadora:** É uma posição que ...?
- 5722 **Entrevistado:** Me deixa dividido... perdido...
- 5723 **Pesquisadora:** "Eu sou um recuperando, mas eu também tenho que aplicar... medidas"?
- 5724 **Entrevistado:** Isso!
- 5725 **Pesquisadora:** Aí... por isso lá fora as pessoas falam que a APAC não é legal, porque tem "caguete",
5726 que tem isso, aquilo...
- 5727 **Entrevistado:** É...
- 5728 **Pesquisadora:** Mas é justamente a metodologia APAC que pressupõe isso? A metodologia APAC é
5729 nesse sentido de que se você alerta o colega, você está ajudando a ele.
- 5730 **Entrevistado:** É. Em momento algum você tá querendo afundar ele, tá querendo reerguer ele. "Ô,
5731 per aí. Isso tá errado...".
- 5732 **Pesquisadora:** Anham.
- 5733 **Entrevistado:** "Ah, mas lá em cima no presídio podia". "Não, mas... aqui não pode. Lá podia, aqui não
5734 pode".
- 5735 **Pesquisadora:** Anham. Com o voto de confiança que é dado né? Que as pessoas não vão usar, porque
5736 oportunidade há. Porque não tem revista constrangedora né? Qualquer pessoa da família pode trazer
5737 alguma substância.
- 5738 **Entrevistado:** Pode.
- 5739 **Pesquisadora:** Então é um voto de confiança. Ao mesmo tempo em que não tem revista, que não tem
5740 isso, aquilo... deposita-se uma confiança de que a pessoa não vai fazer o que não pode, nesse sentido.
- 5741 **Entrevistado:** Anham.
- 5742 **Pesquisadora:** E muitos deles possuem problema de dependência química?
- 5743 **Entrevistado:** Tem.
- 5744 **Pesquisadora:** A maioria?
- 5745 **Entrevistado:** Na APAC aqui uns 80%.
- 5746 **Pesquisadora:** E assim, eles fazem tratamento no CAPS e tal, mas... não é fácil ficar completamente
5747 sem uso? Porque no presídio parece que entra...
- 5748 **Entrevistado:** Entra.
- 5749 **Pesquisadora:** Embora tenha toda aquela revista que eles fazem...
- 5750 **Entrevistado:** Acaba entrando.
- 5751 **Pesquisadora:** Mas aqui tem esse problema. Entrou, fez o uso... constou no exame, eles não
5752 conseguem segurar.
- 5753 **Entrevistado:** Não.
- 5754 **Pesquisadora:** E aí se você, por exemplo, como Presidente do CSS... às vezes eles podem falar: "Ah,
5755 foi o Fulano". Mas não foi, foi o exame dele.
- 5756 **Entrevistado:** Foi ele mesmo que foi lá, ele fez a armadilha e ele mesmo foi que caiu nela. Porque te
5757 digo uma coisa, se você usar e não cair no exame, aí sim. A pessoa chegar e te acusar, foi alguém que
5758 foi lá e falou. Porque quando chegou no meu ouvido, eu cheguei, peguei e conversei com ele. "Tá
5759 acontecendo isso e isso... [Para]". "Não, eu tô limpo". "Bom, então eu fico satisfeito de saber então". Aí
5760 depois veio o exame, tornei a conversar com ele. "Não, preocupa não. Eu tô limpo". Beleza. Quando
5761 chega eu falo o nome dele.
- 5762 **Pesquisadora:** Deve ser ruim, quando vocês vêem algum colega saindo e voltando para o presídio...
- 5763 **Entrevistado:** É. É. Por isso, cê lembra que eu te falei que eu gosto de ficar mais quieto? É por isso,
5764 porque quando eu me apego àquela amizade da pessoa e acontece alguma coisa com aquela pessoa,
5765 eu sofro.
- 5766 **Pesquisadora:** Você sofre?
- 5767 **Entrevistado:** Sofro, entendeu? Sofro e muito. Igual, pessoa ali dentro ali. Gosto dela pra caramba,
5768 admiro muito ela. É o xxx. Daqui uns dias já tá na rua. Aí eu sofro. O xxx, gostava muito do xxx. O xxx.
5769 Aí eu já procuro não pegar tanto... vínculo com aquela pessoa, porque aí depois acontece alguma coisa
5770 eu pego e...
- 5771 **Pesquisadora:** Você sofre!
- 5772 **Entrevistado:** Eu sofro mais do que aquela pessoa. Eu fico mais... mais quieto!

- 5773 **Pesquisadora:** Mas o intuito da metodologia é que um ajude o outro e que não seja algo que o outro
5774 levasse a mal, mas que todos entendessem que aquilo é para manter o sistema APAC funcionando,
5775 né?
- 5776 **Entrevistado:** Anham.
- 5777 **Pesquisadora:** Mas é difícil as pessoas entenderem isso, terem esse ponto de vista.
- 5778 **Entrevistado:** É, não importa que é difícil né? Tem uns que entendem, mas tem uns que...não...
- 5779 **Pesquisadora:** Tem alguma coisa que você queria acrescentar, falar?
- 5780 **Entrevistado:** Não.
- 5781 **Pesquisadora:** Obrigada pela entrevista.

5782

5783 **ANEXO P- Transcrição da entrevista realizada com um voluntário**

5784

5785 **Pesquisadora:** Conta para mim a sua história na APAC, como você conheceu a APAC, como se deu
5786 os primeiros contatos e o que você oferece como serviço voluntário para a Instituição.

5787 **Entrevistado:** Eu conheci a APAC através do presidente e do gerente. O gerente me convidou para
5788 tentar levar alguma atividade para os recuperandos, que eles estavam ficando muito tempo sem
5789 atividade na casa e que precisava de voluntários para isso. Como eu sou da Igreja Batista e participo
5790 do grupo de jovens da minha igreja, a princípio, eu ofereci um grupo de jovens semanal com eles.
5791 Depois, com o passar do tempo, surgiu a oportunidade de ir para a APAC de xxx para fazer o curso “A
5792 viagem do Prisioneiro” e oferecer esse curso para os recuperandos da APAC. Eu fiquei uma semana
5793 em xxxx, eu e o recuperando do fechado, o R., e fizemos o curso. Um curso muito interessante, a gente
5794 não trabalha com a bíblia, a gente trabalha com um livrinho do evangelho de São Marcos, que menciona
5795 que Jesus esteve preso, e este curso de baseia nele, são oito semanas de curso, duas vezes por
5796 semana. Foi uma iniciativa da FBAC para evangelizar os recuperandos e evitar uma certa “bagunça”
5797 que estava se formando na cabeça dos presos devido a diferentes religiões dentro da APAC. Com esse
5798 livrinho, porque cada bíblia tem uma tradução, conforme a religião, e o livro não está enfatizando nada
5799 de nenhuma igreja, mas apenas o Evangelho de Marcos, com os ensinamentos de Cristo, em uma
5800 linguagem mais simples de compreender. Por exemplo, eu sou evangélico, mas eu não coloco a minha
5801 Igreja Batista nesse curso, eu falo do evangelho de Marcos apenas. Eu gostei muito do curso e comecei
5802 a trabalhar com eles nessas atividades. O curso oferece dinâmicas, oferece reflexões, um trabalho em
5803 duplas, durante oito semanas. Cada semana uma reflexão diferente. Uso vídeos, textos. Isso veio do
5804 Reino Unido, lá eles já utilizam essa reflexão com os recuperandos, e como teve bom resultado, a
5805 APAC adotou.

5806 **Pesquisadora:** Você então não conhecia a APAC?

5807 **Entrevistado:** Não, não conhecia. Eu fui conhecer por meio do gerente e depois fiz o curso de formação
5808 para voluntários que teve no semestre passado. Depois ainda... como estive em xxx, passei a
5809 compreender mais a APAC e sua importância na ressocialização dos recuperandos.

5810 **Pesquisadora:** Como se dão as relações entre vocês, voluntários, e os recuperandos?

5811 **Entrevistado:** Não foi fácil não! Eles não queriam participar do curso (Curso: “A Viagem do
5812 Prisioneiro”), no início, não. E a gente aprende no curso, quando a gente faz a formação, que não
5813 devemos forçar os recuperandos para participar, que participa quem quer, então, deixei à vontade, mas
5814 expliquei como seria. Que a primeira parte do curso é mais chata, mas depois eles vão participando
5815 mais... expliquei e assim... começamos. Foi difícil porque não tínhamos lugar, cadeiras, espaço
5816 suficiente, nada! Aos poucos fomos organizando. Comecei no fechado com 20 recuperandos, depois
5817 das primeiras semanas ficaram apenas 15, e no final, apenas oito receberam o certificado! Foi difícil
5818 porque na primeira semana eu pedi para eles se organizarem em dez duplas, e eles foram se
5819 organizando conforme amizade entre eles lá dentro. E eu percebi, que muitos não conversavam uns
5820 com os outros, então pedi que eles ficassem com quem tinham menos contato na APAC, e daí eles
5821 ficaram muito irritados com isso: “Fica muito fácil fazer o trabalho com quem a gente gosta, então vocês
5822 vão fazer com quem mal conversa, agora!” Mas, durante as atividades, alguns se entrosaram,
5823 passaram a conversar mais entre eles, e outros foram saindo à medida que as semanas passavam.
5824 Talvez por eu pedir para que ficassem em duplas com quem não tinha muita conversa tenha favorecido
5825 isso, mas quem ficou aproveitou até o final e foi muito bom o curso, discussões boas. Até teve um
5826 episódio em que a gente discutia o que tinha acontecido com um recuperando do Reino Unido, que ele
5827 escreveu para a justiça assumindo o crime que havia cometido, e um recuperando da APAC contou
5828 que também tinha feito a mesma coisa, que todos o chamaram de bobo, mas que ele preferiu se
5829 entregar. Outros também deram o exemplo do que tinha acontecido com eles, foi muito bom!

5830 **Entrevistado:** No semiaberto, eu tive muitos problemas lá. Eles não queriam o curso semanalmente,
5831 queriam que fosse de quinze em quinze dias e eu precisei ligar para o ministrante desse curso na FBAC
5832 para me orientar, como eu deveria fazer. E a FBAC me orientou a fazer duas vezes por semana como
5833 havia feito no fechado. Pedi ajuda ao gerente e a gente foi conversar com eles. Eu dei o curso, mas
5834 muitos não se envolviam, estavam ali, mas não participavam. O recuperando R., nesse período, saiu
5835 do regime fechado e foi para o semiaberto, então ele me ajudou e eu pedia aos outros que seguissem
5836 as orientações dele, que ele já havia feito o curso em xxxx e também no regime fechado. Tinha dias
5837 que era muito difícil, muito complicado... tem dias que eles querem é desabafar e falar do que está

- 5838 acontecendo na casa, querem que eu me envolva com as questões administrativas, que eu dê a minha
 5839 opinião, e eu não entro nisso. Eu falo que eu estou lá para dar o curso, que essa é a minha contribuição.
 5840 Quando eles reclamam muito, querem escolher muito o que querem fazer, por acharem que já estão
 5841 com um pé na rua, eu paro e falo: 'Vocês estão aqui por quê? O que vocês fizeram para estar aqui?
 5842 Santinhos vocês não são! Alguma coisa, algum crime vocês cometeram para estar aqui, então será
 5843 que tem o que reclamar? Aqui vocês tem banho quente, tem cama limpa, tem serviço, cumpre pena
 5844 mais rápido, tem café da manhã no horário certo, almoço, comida boa, comem melhor que eu na minha
 5845 casa, e ainda estão reclamando!' Eu falo mesmo, pois já tenho intimidade com eles para isso! Quando
 5846 eles me contam que estão de castigo, sem música, sem TV, sem fumar cigarro de palha, etc. Eu
 5847 pergunto: 'Ah... mas o que vocês fizeram para estar de castigo, alguma coisa vocês fizeram, senão não
 5848 estariam de castigo não! Será que estavam fumando outra coisa no meio do cigarro de palha, para não
 5849 dar alarme para perceber uso de outra coisa?' Daí me contaram que um deles estava fumando cigarro
 5850 de palha com maconha e que eles não contaram para o gerente e todos ficaram como cúmplices.
 5851 Então, eu novamente falei para eles: 'então tem um motivo para isso, não! Quem errou foi a
 5852 administração ou vocês? E agora vocês perderam a liberdade de fumar cigarro de palha'.
- 5853 **Entrevistado:** Então, não é fácil... no semiaberto, muitos ali estão com cabeça na rua, não trabalham
 5854 lá dentro e acham que não precisam mudar, por estar no final da pena deles. É bem mais difícil que no
 5855 regime fechado. Agora, mais recente, esse curso se tornou obrigatório, apesar de que eu aprendi na
 5856 formação que eles poderiam participar conforme interesse, hoje se tornou obrigatório, porque muitos
 5857 não queriam participar. Quem não fez, terá que fazer o curso! Estou passando a formação para alguns
 5858 recuperandos para eles orientarem e darem o curso para os outros, novatos, que entrarem em cada
 5859 regime.
- 5860 **Pesquisadora:** Como são as interações de vocês e os funcionários da APAC?
 5861 **Entrevistado:** Não é muito fácil também não. Quando comecei o curso, eu precisei de um xerox para
 5862 usar com os recuperandos, precisei também de dois DVD's em cada regime e não tinha. Eu saí da
 5863 minha casa, gastando meu tempo, gastando gasolina, e fui até lá para pedir o material para eles
 5864 xerocarem, mas ... [...] *Partes omitidas por questões éticas [...]* . E daí eu falei com eles, eu estou me
 5865 prontificado a dar o curso, mas sem material eu não consigo e não tenho como arcar com o valor do
 5866 xerox. Daí, eles passaram a me oferecer tudo que eu pedia, mas, a princípio, tive algumas dificuldades.
 5867 Depois eles arrumaram dois DVD's para o semiaberto também que eu usei quando precisei ao longo
 5868 do curso, que antes só tinha no fechado.
- 5869 **Pesquisadora:** Como se dá a parceria entre a APAC e a comunidade local? A comunidade conhece o
 5870 método APAC?
 5871 **Entrevistado:** Eu sempre falo bem da APAC nas instituições em que eu faço serviço voluntário, falo
 5872 para as pessoas, incentivo as pessoas a conhecerem, mas vejo que a sociedade não conhece e tem
 5873 muito preconceito ainda. Poucas empresas são parceiras, porque a população não conhece. Tivemos
 5874 o curso de voluntários, éramos 26 voluntários, muitos deram ideias muito boas, mas depois sumiram.
 5875 Também no final do curso, o administrativo falou das responsabilidades dos voluntários, disse que não
 5876 poderiam fazer nada sem o consentimento da instituição, está certo que tem que informar mesmo, mas
 5877 da forma como foi falado, acho que colocou medo nos voluntários. Eles entregaram um papel para eles
 5878 assinarem, um termo de responsabilidade, e acho que isso deixou o pessoal com medo de assumirem
 5879 compromissos com a APAC. Dos vinte e seis restauram dois, eu e outro que é funcionário hoje da
 5880 APAC. Alguns advogados dando ideias, dizendo vamos fazer isso, vamos correr atrás da legalização
 5881 da escritura, vamos isso e aquilo... e agora não saiu anda... ninguém fez nada! E algumas ideias que o
 5882 pessoal dava, muitas tinham empecilho... então o pessoal desanima mesmo.
- 5883 **Entrevistado:** Quando eu falo que sou voluntário da APAC com as pessoas na rua, elas me falam
 5884 assim: "Não perde o seu tempo, não tem recuperação para esse povo não! Eles não querem saber de
 5885 recuperação! Faz outra coisa". E eu fico defendendo a APAC, elogiando o serviço, mas quando os
 5886 recuperandos fazem algumas coisas que me decepciona, eu até lembro do que as pessoas me falaram
 5887 que eu estou perdendo meu tempo. Mas depois, eu paro e penso, e decido continuar a fazer o meu
 5888 papel.
- 5889 **Pesquisadora:** A APAC faz parte da execução de penas e, portanto, inclui a parceria do Tribunal de
 5890 Justiça, juíza e promotora da vara criminal. Conte-me um pouco de como você vê essa relação e
 5891 parceria.
 5892 **Entrevistado:** Eu não participo dessas coisas com o judiciário, não sei como é feito isso. Sempre vou
 5893 na APAC é a noite e não fico sabendo disso, apenas quando o gerente me conta alguma coisa ou os
 5894 recuperandos, mas eu não participo mesmo dessas questões com a justiça.
- 5895 **Pesquisadora:** Há algo que te inquieta, incomoda, angustia, nessas relações na APAC?
 5896 **Entrevistado:** O que mais me incomoda é a gente querer fazer alguma coisa a mais para a APAC e
 5897 para os recuperandos e não conseguir! Igual essa história da escritura da APAC, desde o ano passado

5898 que eles estão negociando, que eles estão tentando ver com a prefeitura para passar a escritura e
5899 conseguir um espaço maior para expandir a APAC, mas o prefeito não assina essa escritura, eu não
5900 sei porque isso não saiu até hoje. Eu vi que eles gostavam de cantar, tinha até coral deles lá, você
5901 chegou a ver eles cantando?

5902 **Pesquisadora:** Sim. Eram quatro recuperandos do regime fechado, mas hoje restam apenas um do
5903 coral no regime fechado, dois foram para o semiaberto, um saiu de condicional e apenas um está no
5904 fechado, mas que já estava afastando também. Já tinha pedido para sair.

5905 **Entrevistado:** Você conhece o hino da APAC que eles criaram?

5906 **Pesquisadora:** Não.

5907 **Entrevistado:** É muito lindo! Vou pegar aqui para te mostrar! O recuperando que toca violão, agora ele
5908 já está na rua, fez esse hino e eles cantavam muito bem. Eu até falei para o gerente que esse hino eles
5909 precisam cantar todos os dias, de manhã, de tarde e à noite. Que isso deveria ser colocado para eles
5910 como é colocado a oração antes das refeições. Pode tirar cópia se você quiser ou levar esse daí. Sabei
5911 do coração do recuperando... E o que eu não entendo ele escreve isso que é tão lindo e depois foge
5912 da APAC, depois fala mal da APAC, gera conflitos lá dentro, como aconteceu, não dá para entender.
5913 Os dois que mais se destacaram durante o curso "A viagem do prisioneiro", eles tentaram uma fuga
5914 recentemente e voltaram para o presídio. Mas eu fico pensando, lá na APAC de xxx está sempre escrito
5915 que a pessoa merece uma segunda chance, e de repente, eles comentam entre si que estão
5916 preparando uma fuga, sabe lá se era intenção deles mesmo, fazerem isso, e eles voltam lá para cima
5917 porque o inspetor registrou a falta grave, mas não era para dialogar com eles antes e entender o que
5918 estava acontecendo? Você soube disso?

5919 **Pesquisadora:** Eu soube pelos próprios recuperandos que foram três na verdade, que eles já tinham
5920 enviado os pertences para as suas casas, através dos familiares e que planejavam uma fuga coletiva.
5921 Que isso foi testemunhado por vários recuperandos e como eles já tinham entregado os colegas de
5922 dormitório em uso de drogas por serem do CSS, os demais não deixaram de comunicar o fato, gerando
5923 comunicado formal ao juiz substituto que determinou a medida cautelar. Isso que tive notícia!

5924 **Entrevistado:** Essas coisas me deixam desanimado. Porque eu vi os dois animados durante o curso,
5925 dando testemunho, falando bem da APAC e depois eles tentam fugir... mesmo sabendo que seriam
5926 presos novamente e iriam para o presídio! Eu penso que eles não vão mais errar e de repente, eles lá
5927 cometendo faltas graves de novo! Eu também fico triste porque eu levei a ideia de um coral com
5928 maestro, pedi um maestro para o prefeito e a prefeitura não pode disponibilizar um maestro uma vez
5929 por semana, duas horas que fosse, para ir para a APAC. Também sugeri uma panificação na APAC,
5930 mesmo com pouco recurso, começar fazendo pãezinhos, bolos para próprio consumo, em fornos
5931 caseiros mesmo, mas ninguém se mexeu para comprar as coisas e apontam que tem empecilhos, que
5932 não tem espaço, colocam barreiras, isso me deixa desanimado! Estive um dia lá, durante todo o dia,
5933 almocei com eles, e fiz a parte elétrica dos dormitórios. Eu faço esse serviço de manutenção elétrica
5934 também para as instituições como Asilo, APAC, APAE. E vi o recuperando S. o tempo todo andando
5935 de um lado para o outro, fumando sem parar, e fiquei pensando aqui tinha que ter atividade para o dia
5936 todo e para todos aqui dentro, mas não tem. Isso me deixa incomodado... queria ajudar a APAC a
5937 melhorar! Mas colocam tantas barreiras! Depois eu conversei com o gerente e ele me explicou que
5938 depende da juíza a autorização para que o pessoal do semiaberto possa trabalhar na rua, em obras da
5939 prefeitura. Também sugeri um grupo de teatro, mas não foi para frente. Até um recuperando, o A., se
5940 ofereceu para ajudar, mas depois ele foi para o semiaberto e ficou mais difícil.

5941 **Pesquisadora:** O que significa a APAC para você? Qual significado/sentido da APAC?

5942 **Entrevistado:** Amor ao próximo! Doação ao outro! Uma obra de Deus, uma recuperação para o
5943 condenado, uma oportunidade para repensar e mudar de vida mesmo! A população precisa conhecer
5944 mais a APAC e ajudar mesmo!

5945 **Pesquisadora:** Obrigada pela entrevista e pelas contribuições ao meu trabalho!

5946

5947 **ANEXO Q- Transcrição da entrevista realizada com um membro da FBAC**5948
5949

5950 **Pesquisadora:** Bom, gostaria que você contasse um pouco da sua experiência com o método de
5951 cumprimento de pena, Associação de Proteção e Assistência aos Condenados. Quando foi que você
5952 conheceu o método, como se deu sua trajetória no método APAC?

5953 **Entrevistado:** Então, eu entrei na APAC há 30 anos, mais ou menos, através de uma bibliografia do
5954 Doutor Mário Ottoboni. Na época o livro "Cristo chorou no cárcere". Eu já fazia um trabalho de pastoral
5955 aqui no presídio aqui de *uma cidade do interior de Minas Gerais*, num trabalho de assistência material
5956 e assistência espiritual. Já tinha mais ou menos, uns três além de mim fazendo esse trabalho. E quando
5957 nós conhecemos o método através dessa bibliografia, primeiro fizemos contato por telefone e uma
5958 semana depois nós fomos lá para conhecer. E quando chegamos em São José dos Campos, no
5959 presídio Humaitá, onde iniciou toda essa experiência, já não havia mais dúvidas de que nós deveríamos
5960 trazer essa experiência para nossa cidade. Uma vez que aquela primeira APAC, em que nós
5961 encontramos um ser humano sendo tratado com respeito, com dignidade, num presídio sem polícia,
5962 sem armas, sem violência, sem drogas. Exatamente o oposto daquilo que nós verificávamos no nosso
5963 dia-a-dia no presídio xxxx, onde nós já fazíamos esse trabalho. Certamente que não foi fácil, você
5964 transplantar uma experiência. A primeira dificuldade foi ultrapassar as barreiras do preconceito, da
5965 sociedade, daquela ideia de que preso tem que sofrer, que preso tem que morrer, e que 'bandido bom
5966 é bandido morto'. E depois, a segunda grande dificuldade foi convencer as autoridades locais públicas
5967 acerca da possibilidade de se ter um presídio sem polícia, isso era impensável naquela época. Mas
5968 aos poucos fomos superando as dificuldades, os obstáculos e as coisas foram acontecendo.

5969 **Pesquisadora:** Bom, a APAC se inclui nos serviços oferecidos pelo Tribunal de Justiça, a partir do
5970 projeto "Novos Rumos na execução penal". Como que você compreende essa relação e parceria entre
5971 a APAC, comunidade e o Tribunal de Justiça?

5972 **Entrevistado:** Bom, a vinda do Tribunal foi muitos anos depois. No princípio nós não contávamos com
5973 apoio institucional, de nenhuma instituição, era um trabalhado muito isolado e por vários anos ele ficou
5974 isolado, meio que num anonimato. Só em 1997, quando nós tivemos a CPI carcerária no estado de
5975 Minas, foi feita uma "devassa" no sistema prisional, e a última visita que os deputados fizeram foi nessa
5976 cidade do interior de Minas Gerais, quando eles conheceram a APAC e eles ficaram impactados, e
5977 fizeram constar no relatório final que única experiência válida de Minas Gerais era a APAC xxx. Então
5978 foi a partir dali que o método começou a ficar conhecido. Tivemos depois a visita da secretaria
5979 institucional na época, nas outras duas APACs, APAC de Y (*cidade mineira*), APAC de Z (*cidade
5980 mineira*). Então foi por volta de 2002 que nós recebemos a visita de uma turma de desembargadores
5981 da vara criminal, e aí com essa visita, eles ficaram realmente muito impactados. O presidente do tribunal
5982 na época *Fulano*, ele designou um dos desembargadores para acompanhar o trabalho das APACs e
5983 baixou então, uma resolução, criando o programa "Novos Rumos", e nesse programa a APAC então
5984 passava a ser política no Tribunal de Justiça. E com isso eles mobilizavam o poder judiciário, estimulava
5985 os juízes, mobilizava as comarcas para criarem a APAC, para apoiarem as APACs. Eu diria que foi um
5986 divisor de águas na história das APACs. Antes desse apoio institucional do Tribunal de Justiça e após
5987 esse apoio. Digo isso, porque uma experiência ousada como a nossa, onde você administra um Centro
5988 de Reintegração Social que não tem que ser presídio, sem o concurso da polícia, uma experiência
5989 como essa só consegue ter êxito se tiver o apoio incondicional do poder judiciário e também da
5990 sociedade. Então, falar de APACs funcionando sem polícia, sem esse apoio incondicional do judiciário
5991 é difícil.

5992 **Pesquisadora:** E é uma parceria também com a comunidade por ser uma Associação. E, a
5993 comunidade, a princípio, tem que abraçar o método APAC e acreditar nele a partir de uma diretoria
5994 voluntária. Como você vê essa parceria com a comunidade local?

5995 **Entrevistado:** Eu creio que esse é um dos segredos do sucesso da metodologia APAC. Porque o
5996 sistema prisional ele faz exatamente o contrário. Uma vez preso o infrator, ele fica isolado da
5997 comunidade. E a comunidade se sente tranquila, uma vez que aquela "pessoa nefasta", agora está
5998 presa, agora está isolada. E a comunidade se sente segura durante esse período de confinamento. Só
5999 que ela comete um grave equívoco, um grande erro, de acreditar que somente prender resolve o
6000 problema. Ela se esquece que após o cumprimento da pena, aquele que foi abandonado atrás das
6001 grades vai voltar muito pior, muito mais revoltado. Então o método APAC, desde os seus primórdios,
6002 ele busca exatamente na participação da comunidade, senão a solução, um dos caminhos para que
6003 você possa trabalhar na recuperação daquela pessoa que cometeu um delito. São dois elementos

6004 fundamentais na metodologia, e um deles é exatamente a participação da comunidade, isto é, manter
6005 a APAC como um decreto, pela vontade desta ou daquela autoridade, seja do judiciário, do executivo,
6006 do legislativo, eclesiástico, o que for. A APAC como resultado da sociedade civil organizada que tem a
6007 consciência do problema e resolvê-lo.

6008 **Pesquisadora:** E pela questão de ser algo imposto é que talvez não tenha tido tanto êxito no Estado
6009 de São Paulo. Porque, na verdade, depois das experiências bem-sucedidas, houve uma tentativa do
6010 Tribunal de Justiça do Estado passar os presídios para a administração da APAC, uma imposição.
6011 Colocar para administração, mas sem o apoio da comunidade, então inverte a ordem natural de
6012 direcionamento da APAC. E hoje em São Paulo há somente centros de reintegração, mas com presença
6013 policial. Porque, às vezes, utilizam parte do que pressupõe no método APAC, mas que não é o mesmo
6014 método devido à presença policial.

6015 **Entrevistado:** Aí tem uma longa história, né. A APAC de São José dos Campos em São Paulo foi a
6016 primeira. Funcionou durante 25 anos, sem nenhum apoio institucional. Nem de Tribunal de Justiça, nem
6017 de procuradoria, nem do poder executivo. É um trabalho todo co-voluntário. Houve um momento em
6018 que o método começa a ser disseminado, nascem várias APACs juridicamente organizadas, mas não
6019 tinham os prédios, os centros de reintegração social. E o primeiro é o que vai nascer justamente em
6020 Bragança com o N. que era juiz naquela comarca. Só que quando o juiz N. ele traz o método APAC em
6021 Bragança, ele faz uma inversão. Se em São José dos Campos o foco principal é essa espiritualidade,
6022 agora em Bragança o foco principal vai ser o trabalho. Aí ele já começa a fazer uma mudança. Você
6023 celebra um convênio com o Estado, por meio deste convênio eles mantêm a polícia, atuando na área
6024 de segurança, a polícia e os agentes prisionais atuando na disciplina e a APAC atuando na metodologia.
6025 Então já houve uma inversão completa, ela começa uma co-gestão. Ele assume a secretaria de
6026 administração penitenciária, agora reproduz no Estado esse modelo de penitenciária. Então, naquela
6027 época nós já víamos isso com preocupação e a FBAC era praticamente inexistente, praticamente só
6028 um nome, ela não tinha essa estrutura que ela tem hoje, de acompanhamento, de consultoria, de apoio,
6029 de suporte, de fiscalização. Então esse modelo de Bragança, ele cresce, e quando nós tivemos aquele
6030 advento das grandes rebeliões no estado de São Paulo, que de dentro dos presídios se decidia de
6031 matar policial, de colocar fogo em ônibus e etc, naquele período o juiz N. deixa a Secretaria de
6032 Administração Penitenciária e agora quem assume tem como primeira iniciativa cancelar todos os
6033 convênios daquelas quase 25 experiências que aconteceram na cidade de São Paulo. Então, hoje,
6034 você ainda tem em São Paulo o modelo do Centro de Ressocialização Social, que não tem nada a ver
6035 com o método APAC, embora nós sabemos que lá dentro eles acabam aplicando algumas dessas
6036 ideias, mas não é APAC, definitivamente.

6037 **Pesquisadora:** Tem alguma coisa que te incomoda, te inquieta no que diz respeito a sua experiência
6038 aí no método de execução penal APAC ou alguma coisa que você acredita que poderia ter
6039 reorganizado, reformulado...

6040 **Entrevistado:** O que me inquieta, o que me angustia é como que o método que, pelo tempo de
6041 aplicação se mostrou eficiente, embora não seja a solução, um método pronto e acabado, ele vem se
6042 mostrando como uma ótima alternativa pro sistema prisional, seja porque reduz os índices de
6043 reincidência, seja porque o custo é um terço do valor daquilo que se gasta num sistema prisional
6044 comum, seja porque nunca registramos rebeliões e mortes, atos de violência. Então você vê que apesar
6045 de tudo isso, ainda tem um crescimento muito tímido, você vê que é exatamente porque o método
6046 APAC vai à contramão do que a indústria que mais cresce no país almeja. Então, que sempre
6047 mantiveram o status, as organizações, as entidades, quer dizer é muita gente que vive às custas da
6048 miséria do preso. Com o método APAC ele está aí, mas ainda pouco conhecido e naquelas cidades ou
6049 estados onde já é conhecido não se tem muito estímulo exatamente porque são muitas as corporações
6050 que não querem o método APAC.

6051 **Pesquisadora:** Não é um método lucrativo como uma parceria público-privada, ou nos presídios
6052 brasileiros privatizados...

6053 **Entrevistado:** O Brasil insiste em copiar exatamente aquilo que não deu certo lá fora, né.

6054 **Pesquisadora:** Os Estados Unidos estão fazendo um movimento inverso...

6055 **Entrevistado:** Inverso, porque que depois de mais de 20 anos eles chegaram a conclusão de que a
6056 lógica da prisão privada é exatamente o lucro. Então é bom, cada vez ir mais presos, é bom que a
6057 criminalidade cresça, que a violência aconteça porque com isso você tem mais lucro. Então vai
6058 simplesmente na contramão daquilo que a APAC apregoa, que se a lógica deles é o lucro, a nossa
6059 lógica é a recuperação. Nós queremos exatamente acabar com o círculo vicioso do prende-e-solta,
6060 cada vez maior, nós queremos que as pessoas que foram condenadas pela justiça, que cumpram a
6061 pena, que paguem essa dívida, digamos assim, com a sociedade. Mas que elas possam sair sendo
6062 pessoas diferentes, pessoas de bem, como cidadãos que podem participar da sociedade.

6063 **Pesquisadora:** E qual o significado que você atribui a APAC, a partir da sua experiência enquanto

6064 diretor executivo da FBAC, fundador dessa unidade masculina, nesse período todo que você está
6065 trabalhando com o método APAC... Qual o significado, o sentido que a APAC tem para você enquanto
6066 profissional e enquanto pessoa que está acompanhando o método?

6067 **Entrevistado:** Bom, eu visitei o presídio pela primeira vez eu tinha 21 anos de idade. De lá pra cá
6068 passaram 33, eu não fiz outra coisa da minha vida, senão cuidar de preso. Eu tive que abrir a mão de
6069 muitas coisas, fiz renúncias seja de ordem afetiva, seja de ordem profissional, mas acredito que tudo
6070 valeu a pena, sou muito grato a Deus, não tenho dúvida que Deus me chamou pra esse apostolado.
6071 Eu não sei onde começa a história da APAC e termina a minha história, e onde começa a minha história
6072 e termina a da APAC, que estão de alguma forma interligadas uma com a outra. Eu respiro a APAC o
6073 tempo todo, e a cada momento estou trabalhando, quer dizer isto acontece o tempo inteiro, você
6074 andando pelas ruas da cidade você encontra com pessoas que passaram pela APAC, sendo
6075 condenadas, consideradas irrecuperáveis, e que se não fosse a APAC estariam aí abandonadas nos
6076 presídios, sem esperanças, sem projeto de vida. Não tem nada que gratifique mais o ser humano do
6077 que você ver que o outro que mudou de vida e agora é feliz e, sendo feliz ele pode fazer outras pessoas
6078 felizes também.

6079 **Pesquisadora:** Sobre as relações aqui entre funcionários, voluntários e recuperandos, aqui do método
6080 APAC. Há algum tipo de vínculo entre eles no contexto da APAC, de confiança, ou até de amizade?
6081 Cria-se um vínculo entre funcionário, voluntário e recuperando? Como são essas relações dentro da
6082 Associação?

6083 **Entrevistado:** Durante muitos anos, a APAC era só voluntariado. São José dos Campos durou 25 anos,
6084 em X (*cidade do interior de Minas Gerais foram*) por vários anos. E depois com o crescimento das
6085 APACs, multiplicação das APACs, nós fizemos uma... eu diria... inversão de marcha, porque tinha-se
6086 uma ideia nos primórdios de que onde o Estado coloca a mão, o Estado estraga né, e outras coisas.
6087 Então por isso também, não se buscava essa parceria com o poder executivo. E nós mudamos com o
6088 tempo essa mentalidade. O Estado ele tem a tarefa institucional de construir, de equipar e de manter
6089 os presídios e os presidiários. Então dentro dessa lógica nós buscamos o governo de Minas, e foram
6090 celebrados então convênios de custeio. E nesses convênios de custeio se prevê a possibilidade de
6091 mão-de-obra para o setor administrativo, e com isso surgiu agora a figura do funcionário. Nós temos
6092 agora funcionários, voluntários e também recuperandos. Certamente que isso já está bem disciplinado,
6093 no caso dos funcionários você tem seleção por edital, de contratação, de seleção, de treinamento. E o
6094 mesmo acontece com os voluntários, quer dizer, como é que você vai agora trabalhar com essas
6095 pessoas na sociedade, depois como é que você vai capacitar e etc. Um dos diferenciais do método
6096 APAC em relação ao sistema prisional comum está exatamente nesta relação que existe dentro das
6097 APACs, onde muitas vezes você entra e não sabe quem é recuperando, quem é funcionário, quem é
6098 voluntário, porque estão de uma forma misturados, vivendo harmoniosamente que você não sabe quem
6099 é quem. Mas se você ficar mais tempo dentro da instituição você vai perceber que os papéis são
6100 definidos, que as atribuições estão definidas. E o que nós sempre falamos é isto, quer dizer, eu tenho
6101 que manter uma distância ética exatamente para que você não entre naquilo que é do outro. Quer dizer,
6102 você trabalha essas relações de amizade. O plantonista, o inspetor, por exemplo, não está ali pra vigiar
6103 o preso. Seria impossível você ter 150, 200 recuperandos, por exemplo, numa APAC e em várias
6104 delas... e dois, três pra cuidar de segurança. Na verdade, não é o nosso inspetor quem acaba vigiando
6105 o preso, é o preso quem acaba vigiando o inspetor. É uma relação mais de amizade do que essa relação
6106 que o sistema prisional tem, de o agente estar ali para impedir que o outro fuja. Nós não temos essa
6107 visão, até porque todas as chaves estão nas mãos dos recuperandos. Lá você tem que manter uma
6108 distância ética, pra não cair nesses erros de desvio, de corrupção, de envolvimento afetivo. E já tivemos
6109 vários desses problemas. Hoje procuramos, assim, disciplinar muito bem, de capacitar muito bem as
6110 pessoas que trabalham nas APACs. Um trabalho como o nosso não pode ser na base do amadorismo.
6111 Embora, sendo uma instituição diferenciada, se exige uma gestão profissional muito competente, se
6112 exige transparência em tudo o que acontece.

6113 **Pesquisadora:** Como são as relações entre os recuperandos e os familiares, dentro do método da
6114 APAC? Quais estratégias são utilizadas para fortalecer ou resgatar o vínculo afetivo-familiar?

6115 **Entrevistado:** São várias as ações. Mas é importante que só a notícia de que aquele ente querido foi
6116 transferido para uma APAC, isso já muda as coisas. Porque as relações tiveram essas rupturas por
6117 causa das humilhações, das revistas vexatórias que são realizadas no sistema prisional comum, essa
6118 brutalidade do sistema, essa imprudência, essa falta de sensibilidade... a impressão que se tem no
6119 sistema prisional comum é de que quem cometeu o crime foi o pai, a mãe, a esposa, os filhos, como
6120 se eles é que tivessem cometido o crime pela forma como eles são enquadrados nas portas das
6121 penitenciárias. Então, só a notícia de que aquela pessoa foi transferida para a APAC, muitos daqueles
6122 que já estavam distante começam agora a querer visitar. E a APAC, por sua vez, tem uma série de

6124 experiências, ela facilita muito a questão das correspondências, as ligações telefônicas certamente que
6125 são gravadas, mas as APACs permitem isso. As visitas são muito diferentes do sistema prisional, o
6126 tempo é maior, não tem aquelas filas de espera debaixo de sol e de chuva, as revistas são muito
6127 respeitadas. E outra coisa é que aqui você tem cursos de valorização humana, tem palestras, tem
6128 jornadas. E a família não tem que ficar marginalizada, ela tem que receber também este amor por parte
6129 da APAC, esse respeito, essa dignificação humana. A FBAC lançou no ano passado uma cartilha para
6130 as APACs, se você quiser você pode pedir para tirar um xerox. Uma coisa simples, exatamente com
6131 algumas estratégias que a FBAC sugere que as APACs trabalhem para trazer a família e aqui nós
6132 trabalhamos bem essa questão da família. Como que ela entre no processo, qual que é a
6133 responsabilidade dela, seja com o surgimento do preso, seja também para a recuperação. Então
6134 depois, se você quiser você pode pegar.

6135 **Pesquisadora:** Vou pegar sim. Tem alguns recuperandos que perdem até telefone de contato durante
6136 o cumprimento da pena no sistema convencional, e não consegue localizar a família. E as unidades
6137 maiores têm também um assistente social...para verificar essas questões?

6138 **Entrevistado:** É, e o trabalho de um técnico é fundamental, né. De psicologia, de serviço social. Pois
6139 é, a FBAC orienta... A primeira orientação nossa é exatamente essa na cartilha: criação de um serviço
6140 de orientação familiar, constituído, coordenado por técnicos com a participação de voluntários para
6141 conseguir fazer esse trabalho junto com a família.

6142 **Pesquisadora:** A assistência social e psicológica eu vi que vocês têm na APAC masculina, é mais um
6143 trabalho voltado para a família e feito também com estagiários, tem uma movimentação de estagiários...

6144 **Entrevistado:** Com a família e com os recuperandos, nós trabalhamos concomitantemente a família e
6145 o recuperando. Não dá pra você trabalhar com um e esquecer o outro. Porque os dois vão ser muito
6146 importantes para a recuperação.

6147 **Pesquisadora:** Caminhando já para o final da entrevista, quais são os critérios que hoje, em geral, os
6148 juizes da execução penal, utilizam para que o preso seja encaminhado para o método APAC? Segue o
6149 que prevê o método?

6150 **Entrevistado:** Na verdade, quando o sujeito está normatizado. O próprio tribunal de justiça de Minas e
6151 agora já é seguido por outros tribunais, outros estados, que já tem APAC também, ele define alguns
6152 critérios objetivos, primeiro, que a pessoa já esteja com a sua situação jurídica definida. Ou seja, nós
6153 só trabalhamos com presos condenados. Segundo critério, que a família tenha seu domicílio na
6154 comarca onde aquela APAC está. Em sequência, que o preso manifeste por escrito seu desejo, que
6155 mostre que está se comprometendo a respeitar as normas e etc. E o critério da antiguidade, ou seja,
6156 pela data da sentença você tem uma lista de espera, na medida em que surgem vagas na APAC esses
6157 presos vão sendo transferidos. Isso naquelas APACs que já estão bem consolidadas, que tem já uma
6158 estrutura de segurança, que está muito bem trabalho. Então, dependendo do tempo de APAC, vamos
6159 supor uma APAC recém inaugurada ou uma APAC que não tenha condições de segurança boas, né. O
6160 juiz pode criar outros critérios, ele pode constituir uma comissão para se fazer uma entrevista dos
6161 presos que se manifestam que querem ir para a APAC pra aferir se, de fato, esse preso manifesta essa
6162 convicção de que quer mudar de vida, o juiz pode mudar, por exemplo, pelo menos um ano de bom
6163 comportamento nesse sistema prisional, mas em tese, são quatro os critérios, e a FBAC trabalha nesse
6164 sentido, senão você começa a querer escolher os bonzinhos pra ir pra APAC, e os bonzinhos não
6165 precisam de médico, quem precisa ir para o médico é quem está doente.

6166 **Pesquisadora:** E em geral são aqueles que têm mais tempo de pena. Essa questão também do bom
6167 comportamento, depende muito de como ele é feito dentro dos sistemas prisionais convencionais...

6168 **Entrevistado:** Eu parto do princípio de que não tem possibilidade de se aferir isso no sistema prisional
6169 comum. Porque uma coisa é mudar de comportamento, outra coisa é mudar de mentalidade. É muito
6170 fácil mudar o comportamento, você se faz de bonzinho, mãos pra trás, "Sim, senhor", "Não, senhor",
6171 cabeça baixa, mas isso tudo não quer dizer nada. O importante na APAC é mudar a mentalidade, então,
6172 pode ser que às vezes com base nisso, eles constituam essas comissões exatamente para verificar se
6173 a pessoa, além da mudança do comportamento, se ela mudou de mentalidade. E é aí é muito difícil
6174 num sistema prisional onde você tem feras, onde as pessoas vivem em ambientes superlotados, com
6175 coação psicológica, etc, que a pessoa "Ah, agora eu quero mudar de vida". Muitas vezes em que o
6176 Doutor P. ele pega e ele fala, que se fosse possível você ter um aparelho pra colocar no braço da
6177 pessoa, e esse aparelho dissesse se essa pessoa quer ou não mudar de vida, seria muito fácil. Mas
6178 como você não tem esse aparelho pra aferir, então o único caminho é você confiar e acreditar em todo
6179 mundo, que é exatamente o que ele faz entrar lá, qualquer condenado da justiça, ele vai ter a
6180 possibilidade de ir para a APAC.

6181 **Pesquisadora:** Sobre o relatório de bom comportamento, depende de como se dá a relação de cada
6182 pessoa em cumprimento de pena com cada agente penitenciário: um agente penitenciário pode avaliar
6183 como "x", e o outro relatar "y" a respeito da mesma pessoa. E isso leva ao subjetivismo.

6184 **Pesquisadora:** Qual a reincidência hoje, atual, da APAC da unidade masculina aqui, que foi se
6185 tornando referência, hoje qual a média de reincidência?

6186 **Entrevistado:** Hoje a média das APACs, de modo geral, é de 28%, a média nas APACs. Umas mais
6187 outras menos, vai depender do tempo de constituição daquela APAC, do próprio perfil do preso. Era
6188 um trabalho que a FBAC não tinha antes, hoje temos, foi criado um *software* pra poder colher os
6189 apontadores da APAC e atualizar. E nós consideramos muito alto, entendeu? Em relação ao que já foi.
6190 E nós mudamos também a forma de cálculo de reincidência. Então, antes, seis meses atrás, por
6191 exemplo, o período de livramento condicional, não entrava no ponto da reincidência, pessoal de prisão
6192 domiciliar e etc. Hoje não, cumprimos o que está realmente previsto na lei, então durante cinco anos
6193 após a saída da pessoa da APAC, seja no gozo do livramento condicional, condicional, de prisão
6194 domiciliar, cumprimento integral da pena, em quaisquer dessas condições, durante os próximos cinco
6195 anos, ela cometeu outro delito e for condenada, ela vai entrar no ponto da reincidência. Então com essa
6196 mudança de cálculo, a reincidência aumentou bastante. Mas subiu muito, e esse crescimento não é só
6197 por causa desse novo cálculo, a FBAC avaliou que nós tivemos alguns casos de ruptura da
6198 metodologia, então a FBAC está tentando estimular nas APACs, trabalhar esses casos de ruptura, um
6199 deles é o acompanhamento do livramento condicional. Antes as APACs não faziam isso, agora são
6200 obrigadas a fazer.

6201 **Pesquisadora:** Então vocês têm o acompanhamento agora do egresso, aquele que está em liberdade
6202 condicional e dos outros! Entendi, era isso que eu ia te perguntar.

6203 **Entrevistado:** Exatamente. Uma das APACs fazia, muito esporadicamente, mas ou nós vamos ter que
6204 fazer isso ou nós vamos ter que pagar um preço alto, entendeu. Esse foi um ponto. Segundo, a questão
6205 da dependência química que aumentou demais a questão do consumo das drogas. Em qualquer
6206 cidade, inclusive do interior, a droga está disseminada, então a pessoa que passa pela APAC durante
6207 os próximos cinco anos, se ela se envolve com a droga, a possibilidade de ela vir a cometer algum
6208 outro crime é muito grande. Então isso exige que você tenha um trabalho muito mais sério dentro das
6209 APACs, na questão da dependência química.

6210 **Pesquisadora:** A questão de um tratamento, de um acompanhamento. E aí vocês contam com algum
6211 apoio do SUS ou tem algum médico que faz o atendimento?

6212 **Entrevistado:** Aí, são várias as ferramentas. Inclusive vários dos recuperandos aqui da FBAC se
6213 internaram voluntariamente, em terapias para poderem ter material, agregando à metodologia APAC.
6214 E a próxima cartilha, nós conseguimos soltar a cartilha da família porque inclusive, era também um
6215 ponto de ruptura, você vai ver lá eles explicam bem isso aí. Agora a questão da dependência química
6216 que nós vamos soltar também uma cartilha. Depois tem outras coisas, como a questão da gestão, tem
6217 uma empresa de consultoria que está nos ajudando a criar um modelo de gestão para as APACs.
6218 Dependendo do modelo de gestão, os índices de reincidência ficam menores, entendeu. Um trabalho
6219 que não tem fim.

6220 **Pesquisadora:** Na verdade, o método está sempre sendo reformulado e adaptado, é um fator em
6221 construção, na realidade. Eu ia te perguntar sobre isso, a questão do egresso, se vocês têm projetos
6222 de acompanhamento desses egressos, feitos pelos profissionais também.

6223 **Entrevistado:** Aí são os voluntários, visita, acompanhamento. O pessoal assinava no fórum, uma vez
6224 por mês, agora eles assinam na APAC a condicional. Nesse assinar, eles são entrevistados, vê como
6225 é o retorno, vê a questão do emprego, e aí a cada dois meses marca ponto com eles, com palestras,
6226 com testemunhos...

6227 **Pesquisadora:** E a questão da dependência química atravessa o próprio método, porque muitas vezes
6228 eles têm uma recaída por uso de droga, e aí cai em falta grave, e aí tem consequências, pode perder
6229 a permanência na APAC. O que eu vejo, do ponto de vista da psicologia, é que eles vivem num conflito
6230 constante. O receio de cair por uma questão de uma dependência química, de cair por uma falta grave,
6231 de perder a permanência na APAC. Muitos têm que "ah, aqui estou estudando, aqui estou tendo
6232 capacitação, aqui minha família é bem-vinda, aqui minha família não passa por revista vexatória, não
6233 quero perder isso, mas também estou lutando contra uma dependência que é química". E vejo hoje
6234 que muitas vezes é um motivo das faltas graves. O que a FBAC orienta quanto a isso?

6235 **Entrevistado:** Hoje, na verdade, a entrada de drogas nas APACs, ela é cada vez mais restrita. Eles
6236 criam uma consciência com a família, e também com o próprio recuperando da APAC, eu vejo que isso
6237 acontece com eles nas saídas autorizadas em família, quando num trabalho externo. Não estou dizendo
6238 que isso não aconteça no dia-a-dia do trabalho da APAC, ainda acontece, mas é cada vez menos,
6239 porque vai se criando essa consciência coletiva, de que na APAC não pode ter droga, por diversas
6240 razões. Porque não vai contribuir com o processo de recuperação, quando ele sai pra saída autorizada
6241 em família ou trabalho externo é um momento realmente de conflito muito grande, mas foi exatamente
6242 pra isso que o legislador instituiu essas saídas, como uma possibilidade da pessoa lidar consigo
6243 mesmo.

6244

6245 **Pesquisadora:** Quando os recuperandos trabalham em atividades que tem algum tipo de renda, por
6246 exemplo, tem trabalho em marcenaria... E a APAC por ser uma Associação sem fins lucrativos, como
6247 vocês fazem com essa questão do lucro, como é feita essa administração do lucro?

6248 **Entrevistado:** A FBAC ela orienta que se crie no regime fechado, uma cooperativa, porque o trabalho
6249 é com questão do artesanato, e uma cooperativa né. No caso, a sua pergunta é mais no semiaberto,
6250 onde a renda geralmente é maior, você tem padaria, etc, etc, aí vai depender de APAC para APAC.
6251 Todos recuperandos, sempre que possível eles vão ser remunerados, é importante que sejam
6252 remunerados, que seja estimulada a criação de contas-poupança, etc, etc. Porque às vezes são
6253 empresas que trazem trabalhos para dentro da APAC, linhas de montagem e etc, e a empresa acaba
6254 sendo remunerada e a APAC também fica nesse lucro, digamos assim. Agora, como a APAC é uma
6255 entidade civil sem fins lucrativos ela não pode auferir lucro, porque o lucro ele tem que retornar em
6256 benefício do recuperando ou da família do recuperando. Então muitas vezes com a contratação de um
6257 médico, de um dentista, então você vai ver, por exemplo, você tem um médico que vai lá uma vez por
6258 semana, tem dentista uma vez por semana, com que dinheiro você paga, com os produtos das oficinas
6259 profissionalizantes.

6260 **Pesquisadora:** Entendi, e ainda assim ele está com certa remuneração. E aí eles entendem que está
6261 retornando para eles em benefício.

6262 **Entrevistado:** Isso, sim, exatamente.

6263 **Pesquisadora:** Muito obrigada pela sua entrevista.

6264 **Entrevistado:** Qualquer coisa se precisar, para completar, você manda por e-mail.

6265
6266
6267
6268
6269
6270
6271
6272
6273
6274
6275
6276
6277
6278
6279
6280
6281
6282
6283
6284
6285
6286
6287
6288
6289
6290
6291
6292
6293
6294
6295
6296
6297
6298
6299
6300
6301
6302
6303
6304
6305
6306
6307
6308
6309
6310
6311
6312
6313
6314
6315
6316
6317
6318
6319
6320
6321
6322
6323
6324

ANEXO R- Transcrição da entrevista realizada com um funcionário da FBAC, egresso do método prisional APAC e também da penitenciária do Carandiru.

Pesquisadora: Bom, x..., conta pra mim um pouco da sua história com o método de execução APAC. Qual a sua experiência com o método de execução e como você conheceu o método?

Entrevistado: Eu posso dizer que eu tive o privilégio de ser um dos primeiros recuperandos da APAC, em *uma cidade do interior de São Paulo*, surgiu lá. Que eu tinha sido preso lá, eu tinha 23 anos. Sou da capital de São Paulo, mas eu tinha ido lá pra *uma cidade do interior de São Paulo*, pra me refugiar. Eu já estava com muitos processos, tinha cumprido pena no Carandiru, e peguei, a convite de um irmão que estava trabalhando (ruído), eu tinha saído do Carandiru na época. Então a família estava assim... muito preocupada, eu estava jovem ainda e enfiado no crime e eles batalhando pra me tirar dessa vida e aí um irmão me fez o convite pra eu ir pra *uma cidade do interior de São Paulo*. Assim que eu saí de São Paulo, toda família acha assim, que a pessoa saindo do lugar onde ela tá, que eu já tava ali muito bem, conhecido na Zona xxx, eu morava na Zona xxx de xxx. Eu estava assim, várias prisões, muito conhecimento com os policiais, estava no crime já, envolvido com o crime, bastante! Até que um irmão meu falou, "vamos embora daqui, ter uma vida nova", aí ele me chamou pra ir pra *uma cidade do interior de São Paulo*. Tem que sair fora, né? Aí não adianta, você acaba saindo fora, acaba chegando naquela cidade e encontra os mesmos problemas, as mesmas... drogado, acaba se envolvendo, que você vai, vai levando também, vamos dizer assim, aquele criminoso de dentro de você. Então você vai e acaba se envolvendo, acabei me envolvendo novamente lá em *uma cidade do interior de São Paulo*. Quer dizer, fui pra lá arrumar emprego mas... não estava assim, estava já dentro de mim aquele, vamos assim dizer, "aquele bandido", né. E mexia muito com xxx naquela época. Você chega depois de uma vida dessas, você pede pra sair. Eu já estava comprometido com isso desde menor, xxx. Fui pra lá, e acabei, enfim me envolvendo novamente. Acabei sendo preso lá. Aí cheguei lá e fui preso no comecinho de 1973 e a APAC estava ainda iniciando, a APAC surgiu em Novembro de 1972 e eu fui preso no começo de 1973, eu lembro quando eu cheguei naquele presídio estava começando o trabalho da APAC. Aí, logo de cara eu não aceitei, estava começando, eles não tinham um trabalho, a APAC não era assim forte, era um grupo que trabalhava só dentro do presídio, junto com (ruído), na época era a Polícia Militar, né. Então, é por aí, inclusive muitas barreiras, o pessoal pra trabalhar até da Igreja Católica, eles tinham que lidar com amor, com carinho pra trabalhar conosco. Encontrava muitas barreiras, com delegado, com a polícia. [...] *Cortes por questões éticas* [...] Realmente, no início, quando eu cheguei lá, eles estavam começando, eu não dei muita bola não. Eles iam lá, tinham dias que eles iam lá fazer palestra, não tinham também muitas condições pra fazer muitas palestras, porque não tinha assim, como tem hoje na APAC, não tinha um lugar adequado, com uma só cela. Então eles tiravam para o pátio, pra bater um papo com os presos, numa cadeia pequena ali na xxx, que era na Rua xxxx, ficou conhecido como presídio da xxxx. Então assim, nessa parte não tinha assim, acesso lá dentro. Entrava na hora que podia, uma vez eu queria, o delegado falou que não podia de... enfim, era muita barreira pra eles. E eu fui me envolvendo com eles, levei uns dois anos pra poder me envolver com a APAC. Eles iam, às vezes, não iam, sabe. Na minha cabeça, passava de eu fugir. Porque eu sabia que de uma hora pra outra, meus projetos eram todos em São Paulo, eu tinha 13 processos em São Paulo, então eu sabia que de uma hora pra outra eu estaria ciente que eu iria ser transferido lá pra São Paulo. Então o que eu ia tentar fazer, era uma fuga né, uma cidade com uma cadeia pequena né, aqui eu vou fugir pra onde? Eu sabia que lá na periferia, no Carandiru novamente, que meus companheiros estavam todos lá, eu já tinha passado por lá. E ali, você entrou ali, você sabia que era muito complicado, que você sabia que não tinham condições de fuga mesmo. Então eu realmente tentei muitas fugas lá em *uma cidade do interior de São Paulo*. Fiquei lá uns 2 anos assim, indiferente com o grupo. Eles iam, tentavam bater um papo conosco. E umas vezes eu estava assim, numa boa, trocava ideia com eles, outras vezes não estava. Porque na minha ideia, assim "esses caras vão fazer o quê pra mim? Daqui a pouco vou pra São Paulo, estou cheio de processos, se eu não tentar fugir, já era". Daí depois de 2 anos, numa tentativa de fuga que caiu e eu já estava apavorado, mais os processos em São Paulo estourar, que nós costumamos dizer "estourar", comecei a ir no fórum, aí eu falei assim "agora, se eu realmente não tentar uma fuga, estou ferrado". Eu estava ciente de que iria voltar pra lá. O delegado já estava pedindo a minha remoção, né, "você já está perturbando de mais aqui, se manda, você tem que ir embora". Fiz uma tentativa de fuga, inclusive com carro forte, porque se eu fosse embora mesmo, eu sabia que teria que pegar guarda, tudo e enfim. Aí caiu a fuga por causa disso, eu apanhei bastante, fui jogado na cela forte... na época ainda existia cela forte, né..., aí naquela cela forte eu fiquei muito doente e tive que ir pro hospital. E quando eu fui pro hospital, o pessoal da APAC ficou sabendo e começaram a me ajudar assim, com frutas, com remédios, sabe, porque pelo que

6325 dependesse da polícia, não teria. E ali naquele tratamento com ...(ruído) nas grades, as mulheres que
6326 trabalhavam na Igreja me ajudavam, e eu fui pegando com eles assim, "poxa, o pessoal está aí todo
6327 esse tempo e eu não dou muita bola pra esse pessoal, mas esse pessoal é bacana, né. Aí eu conheci
6328 esse pessoal, sabe, na época que eu me recuperei, que eu fiquei realmente muito doente, fiquei uns
6329 três, quatro dias no hospital, muito doente e voltei. Aí eles começaram a me ajudar, com frutas, com
6330 tudo, lá a comida era ali muito ruim. Aí, nunca fui tão burro assim, comecei a meditar e pensar "pô, esse
6331 pessoal é bacana, eles se preocupam comigo né, nunca dei atenção pra eles". Aí, a partir dali eu
6332 comecei a pegar carinho por eles. Quando eu melhorei eu agradeci eles, "obrigado" pelas frutas, pela
6333 visita que eu não tinha visita né, e comecei a frequentar pra tudo que eles me chamavam. "Ah, vai ter
6334 uma missa", eu ia, "vai vir aí o Doutor F. *(militante da APAC, morto quando estava como refém durante
6335 uma intervenção da polícia em um presídio e fuga de algumas pessoas que cumpriam pena)*, vai ter
6336 uma festa", aí eu ia, comecei a participar. As portas se abriram pra mim, sem eu esperar, porque
6337 ninguém esperava que ia ter toda essa força, achava que ia ficar só aquele grupo que ficava ajudando
6338 no que podia, ajudavam com remédio. Uma vez por mês davam uma compra pra cada cela. Os presos
6339 faziam uma lista do que precisava. Eles faziam assim, todo mês tinha uma missa, então cada cela fazia
6340 um pedido, pasta de dente, isso e aquilo, faziam os pedidos pra eles. Ninguém pedia coisa demais,
6341 macarrão que a comida era ruim demais lá, sabe (risos). Então eles davam, todo mês eles davam uma
6342 cesta pra cada cela, sabe. O Doutor M. sempre foi assim um homem muito esperto, inteligente, ele foi
6343 assim, nos comprando na manha. Com preso é assim, sempre costume dizer é igual aqueles filmes de
6344 índio, vai encomendar aquele espelho pro índio que ele vai começar a agradar, e na época eles iam
6345 indo assim, nos agradando. As vezes nós pedíamos assim, "o companheiro aqui está precisando,
6346 arrumar um dentista", sabe. Ele vai cativando, porque nós éramos, assim carentes né. E nós fomos nos
6347 envolvendo com eles. Então eu acabei pegando todo esse começo, sabe. Aí, justamente quando eu
6348 sabia que eu ia embora, envolvido com eles, de repente veio pra eu ir embora pra São Paulo. Daí veio
6349 o carcereiro e falou "Ô XXX", que eles me chamam de XXX né, "pega todas essas coisas suas, que a
6350 captura está aí, que você vai embora pra São Paulo". Aí eu falei, "valeu", me despedi dos companheiros,
6351 dei pra eles algumas coisas porque eu sabia que iria para o Carandiru. Lá é só fardamento, não adianta
6352 você levar nada, fica tudo guardado. Aí deu 10 minutos, 15 minutos, meia hora e eu chamei o carcereiro
6353 e falei "olha, estou pronto". Daí deu mais meia hora, 40 minutos, e aí o carcereiro chegou pra mim e
6354 falou "você não vai mais". Eu falei "por que mudou?", ele disse "Ah, não sei, dizem que ligaram para o
6355 Doutor M., ele ligou para o juiz, o juiz ligou lá para o juizado de São Paulo, os caras da captura saíram
6356 até xingando, bravos, que vieram aqui à toa. "Você vai ficar por aqui, não sei o que está acontecendo,
6357 mas você vai ficar por aqui", e realmente, noutro dia o Doutor M. mandou uma carta pra mim "está
6358 vendo, meu irmão, Deus quer que você fique aqui conosco". Melhor, né? E realmente comecei a me
6359 envolver com a APAC, sabe. Fiquei oito anos lá, aí eu vesti mesmo a camisa, comecei a me envolver
6360 com a APAC, aí depois (ruído) começaram a se fortalecer dentro do presídio, fizeram um semiaberto
6361 que não tinha do lado de fora, que era um terreno vazio. Aí o juiz foi e pegou, e fez a primeira experiência
6362 com semiaberto. Porque ali, realmente, em xxxx era um laboratório, tudo começando ali. Então fizeram
6363 um semiaberto do lado, que a cadeia muito lotada, aí como tinha uma turma boa envolvida igual eu na
6364 APAC, aí eles tiraram acho que uns 30 e poucos. Foi numa sexta-feira, de tardezinha no Doutor M.,
6365 "oh, vou chamar os nomes, o pessoal vai abrir a cela, vocês vão saindo com colchão aqui pra fora" e
6366 todo mundo dizia "é bode", bode na gíria quer dizer ir embora, então acho que acabou o negócio aí,
6367 acho que a polícia né, arrumou um jeito de acabar com essa APAC e mandou todo mundo embora. Aí
6368 reuniu todo mundo no corredor, tudo com colchão, com roupas, com as trouxas, e aí Doutor M. me
6369 acompanha, e aí ele levou nós, pra uma porta, levou e disse assim: "vocês vão ficar aqui". Era, tipo
6370 assim um outro espaço, né? Tudo coberto, e nós falamos assim "é mesmo?", ele falou "É, aqui vai ser
6371 o seu novo teto, vocês vão ficar aqui", aí ficou todo mundo "ah, é mesmo? Mas com a polícia?", ele,
6372 "não, não vai ter polícia, vai ter voluntários". E realmente eu fiquei ali, fui viver em regime semiaberto,
6373 cinco anos. Na época eu viajava muito, quando a APAC começou a se expandir, começou a ter muitas
6374 palestras. Doutor M. me levava pra palestra, sabe, porque estava começando a APAC. Outras cidades
6375 começaram a convidar, lembro que, depois de *uma cidade do interior de São Paulo*, a primeira palestra
6376 que teve foi em xxxx, depois começou a se expandir por São Paulo, e eu sempre junto com o Doutor
6377 M., dando testemunho, até que acabou vencendo a minha pena, deu oito anos. Aí saí, continuei, a
6378 minha ideia não era voltar pra São Paulo. Aí já tinha conhecido uma moça lá, em São Paulo, acabei
6379 casando, tendo filho. Acabei ficando na cidade mesmo, arrumei um bom emprego e fiquei ajudando a
6380 APAC, como voluntário, na época não tinha funcionário, era voluntário mesmo. Na época o Estado só
6381 fornecia a comida para a APAC, não tinha funcionários, só voluntários na época. Eram uns 20 e poucos
6382 casais da igreja que ajudavam. Aí foi fortalecendo, chegou um ponto em que a APAC acabou
6383 dominando o presídio, acabou a polícia saindo, a APAC acabou assumindo o presídio, foi reformando
6384 o presídio, foi ficando só na frente com a delegacia, a polícia. Acabou ficando todo o presídio para a

6385 APAC. Aí tinha o fechado, que era o normal, que as celas eram tudo fechado, e tinha aquele semiaberto,
 6386 igual existe hoje, fechado, semiaberto. Mas naquela época, foi realmente de muita luta, no início da
 6387 APAC. Chegou a fechar duas vezes, que lá não tinha como tem aqui em Minas Gerais, esse apoio dos
 6388 "Novos Rumos" e um juiz gostava e ia ver a APAC. Daqui a pouco chegava lá, um juiz que não dava
 6389 apoio nenhum e fechava. O tribunal, infelizmente, em São Paulo não dava apoio. Vamos dizer, o juiz
 6390 chegava e fazia o que ele queria, ninguém tinha coragem de chegar pro juiz e dizer: "Doutor, está
 6391 acontecendo aí uma obra tão bacana, a única coisa que temos de experiência", mas não, eles vão
 6392 fechar. Não é como hoje, como aqui em Minas que tem o programa "Novos Rumos", graças a Deus,
 6393 né. Então, infelizmente, às vezes, encontramos alguns que talvez não acreditam, mas pelo menos ele
 6394 é obrigado a, vamos dizer, engolir realmente a decisão do superior, né? Tem o tribunal que dá força e
 6395 tudo, graças a Deus, em Minas Gerais realmente fortaleceu muito, por causa deste programa "Novos
 6396 Rumos". Eu estou aí até hoje, fiquei lá em *uma cidade do interior de São Paulo*, aí infelizmente, como
 6397 eu falei, fechou, não teve apoio. Era assim, chegou em 1982, fechou, ficou dois anos fechado.
 6398 Mandaram um juiz lá que até não era a favor da APAC, era APAC. De 1982 a 1990, não, era (ruído). E
 6399 aí foi bem. Depois, foi até 1999 e fechou e... até hoje tá fechado. O juiz chegou lá, perseguindo muito,
 6400 infelizmente tem essa situação né. Que APAC é pra ajudar, infelizmente eles, não sei. Eu até por conta
 6401 própria, eu costume dizer que...[...] *partes omitidas por questões éticas*[...]. Porque APAC está pra
 6402 ajudar, pra recuperar, como recuperou eu, tenho certeza, recuperou tantos companheiros em *uma*
 6403 *cidade do interior de São Paulo*, nós sabemos que há um índice muito grande de recuperação. Então,
 6404 está aí pra ajudar. E um juiz de uma cidade que não quer, quer fechar, não entendemos.

6405 **Pesquisadora:** Na verdade, muitos juízes, e principalmente de outros estados, não conhecem o
 6406 método APAC. Às vezes é desconhecimento...

6407 **Entrevistado:** Mas hoje é realmente difícil não conhecer, porque a APAC, graças a Deus... naquela
 6408 época quando começou, realmente era meio, né. Agora, hoje, como nós temos hoje aqui em Minas
 6409 Gerais, graças a Deus, 40...

6410 **Pesquisadora:** Em Minas é conhecido, mas em São Paulo...

6411 **Entrevistado:** Não, mas em São Paulo deveria ser conhecido, porque nasceu lá. Lá que surgiu.

6412 **Pesquisadora:** E no Rio de Janeiro... menos ainda. Agora, aqui em Minas, por ser uma política pública,
 6413 os próprios juízes que estão se formando, que estão passando por processo seletivo agora, que vão
 6414 fazer aquela formação de juízes já conhecem, eles já visitam antes mesmo de começarem a atuar.
 6415 Agora os juízes antigos, que não conheceram e de outros Estados, não conhecem a metodologia APAC.

6416 **Entrevistado:** Como o caso de *uma cidade do interior de São Paulo*. E o juiz, ele, "não, vou dar todo
 6417 o meu apoio", mesmo que ele não se envolvia, ele deixava o Doutor M. trabalhar. Que nem quando nós
 6418 tínhamos o (ruído), é até meu padrinho, o primeiro juiz foi inclusive antes que o Doutor M., que o Doutor
 6419 M. encontrava muita dificuldade. Aí veio o Doutor X lá, ele ficou sabendo que tinha uma turma lá que
 6420 trabalhava no presídio, ele chamou o pessoal. Eles ficaram até meio assim, "ué, por que será que o
 6421 juiz está chamando", que a polícia botava muitos problemas, sabe. Se fosse celebrar uma missa, sabe,
 6422 a polícia não deixava, "não, não pode", inventava umas coisas, então o negócio daí pra ter um buxixo...
 6423 Enfim, muitos problemas. Então esse juiz chegou lá, pegou e ficou sabendo, chegou para o Doutor M.
 6424 e falou "eu sou religioso, católico, sou cursilista, não sei se você já ouviu falar do Cursilho da Igreja
 6425 Católica que surgiu, aí ele disse vou dar todo apoio que você precisa, sempre quis ter um pessoal assim
 6426 pra trabalhar no presídio", quero, sei que tem muitos problemas, já era um presídio que haviam pedido
 6427 interdição, realmente muito velho né, muitos problemas mesmo. Aí ele pegou e falou assim: "estou
 6428 sabendo que vocês são (ruído) da igreja, vou dar todo apoio. Doutor M., o que você quiser, se quiser
 6429 um laboratório...", aí chegou o juiz, chegou o delegado e o Doutor X chegou e falou "não, vou dar todo
 6430 o meu apoio", mesmo com o juiz pedindo né (risos). E realmente foi forte, com o Doutor X tinham muitas
 6431 barreiras, mas tudo com o Doutor S. abriu as portas, com o juiz dando todo o apoio. E realmente aí a
 6432 APAC começou a ajudar. Incentivou os presos a pintar a cela, lembro que quando chegou no primeiro
 6433 natal, sabe o que é presídio todo, tudo escrito, sujo. Daí lembro que o Doutor M., sempre foi muito
 6434 esperto, pegou e falou "cela que se ficar mais bonita ela vai ganhar um prêmio?" e aí arrumou tinta, os
 6435 presos pintaram, colocaram bolinha, sabe? Graças a Deus e aí, foi indo pra frente, a APAC foi
 6436 conseguindo, o pessoal de fora viu, ficaram sabendo que nossos irmãos de fora, de outros países iam
 6437 lá na época pra conhecer, realmente foram 25 anos, graças a Deus, de glória. Mas infelizmente, como
 6438 eu falei, no final em 1999, realmente, a polícia chegou lá de madrugada e por coincidência, eram mais
 6439 ou menos umas 11 e meia da noite, os caras bateram no portão...

6440 **Pesquisadora:** Nessa época você já estava como voluntário?

6441 **Entrevistado:** Como voluntário, naquela noite era o meu plantão, aí bateram no portão, era um portão
 6442 grande de ferro né. "Quem será que é nessa hora, 11 e meia né, nunca batem nessa hora", aí abriu
 6443 aquele montão de policial, uns 20, 30 policial tudo de capuz na cabeça, aí começamos a por uma ordem
 6444 pra (ruído) enquadrar também. Aí pôs todo mundo pro pátio. "Está fechada a cadeia". E foi uma tristeza,

6445 lá fora tinha um monte de ônibus, de carro, (ruído) pela cidade, eu fiquei a madrugada inteira arrumando
 6446 as coisas, tinha rádio ligado, desligando, etc. Aí quando foi de manhã cedo o pessoal que ia chegando
 6447 perguntava "o que aconteceu, está tudo quieto aqui" e aí ficou emocionado eu falei "dá uma olhada lá
 6448 pra dentro, não tem mais ninguém". "Mas o que aconteceu?", falei "olha, infelizmente a polícia chegou
 6449 aí 11 e meia e levou todo mundo, ordem do juiz" e aí ficou fechado até hoje. Foi em 1999, em outubro
 6450 de 1999, me lembro até hoje. Aí fechou, hoje é lá um presídio feminino. Ficou uns dois anos fechado,
 6451 eles ficaram na dúvida do que iriam fazer, se iam fazer presídio de menores, aproveitar aquilo tudo. Aí
 6452 realmente hoje está um presídio feminino, 150 mulheres. Até eu fiquei lá dois anos ajudando, porque
 6453 não tinha ninguém tinha que ficar tomando conta das coisas né. Aí a (ruído) administração, que lá se
 6454 chama SAP né, penitenciário. Fiquei lá dois anos, foi a engenharia lá, arrumando, reformando. Aí
 6455 fizeram, como lá no xxx não tinha penitenciária feminina, hoje está lá.

6456 **Pesquisadora:** E aí você veio trabalhar em Minas?

6457 **Entrevistado:** É depois começou o trabalho (ruído de celular) e nós afastamos porque... Começou até
 6458 a APAC, de os voluntários quererem começar a dar uma mão lá, os meninos. Mas começaram a
 6459 encontrar muitas barreiras, muitas barreiras perante a polícia. [...] *Cortes por questões éticas [...]*. E
 6460 acabou a APAC saindo de lá e sei que não tem mais nada, só tem um presídio mesmo e, não sei. Aí
 6461 depois de um tempo, uns dois, três anos a (ruído) voltou. Nós tínhamos pego muita amizade aqui com
 6462 o V., que é o diretor executivo. Antes de abrir aqui ele foi pra lá, ficou três anos conosco aqui. Ele veio
 6463 fazer um trabalho, pra abrir aqui, a mesma coisa: dificuldades, igual lá em Aí ele (ruído) pra abrir
 6464 aqui, caiu na mão dele um livro do Doutor M., um amigo dele deu, você deve estar sabendo, deve ter
 6465 lido, ele pegou e falou "pô, será que existe um presídio assim mesmo?", ele trabalhava com as mesmas
 6466 dificuldades que tinham aqui no presídio. Aí ele falou, vamos lá em *uma cidade do interior de São Paulo*
 6467 ver se é verdade isso aí, que tem um presídio assim, sem polícia. Ele foi lá, V. também sempre foi
 6468 assim, sem pressa, ficou conosco lá três anos, aprendendo tudo que tinha pra aprender e trouxe pra
 6469 cá. Foi uma benção, quer dizer, fechou lá em 1999 e ele já estava com dois anos, já tinha inaugurado
 6470 em 1997. Fechou lá e aqui abriu (risos). Quer dizer a semente caiu aqui.

6471 **Pesquisadora:** E aqui o método foi crescendo...

6472 **Entrevistado:** É, aí eu falei. Aí o tribunal deu todo apoio, também não foi logo de início, né, muitos
 6473 problemas e tudo. Mas o tribunal com o Projeto "Novos Rumos"...

6474 **Pesquisadora:** E tem alguma coisa que te incomoda, que deixa o senhor pensativo em relação ao
 6475 método da APAC, alguma coisa que o incomoda nessa experiência que você tem com o método?

6476 **Entrevistado:** Não me incomoda nada, pelo contrário. Hoje eu tenho muitos anos, praticamente 43 de
 6477 APAC, fiquei oito anos lá como preso e depois tudo como voluntário. Hoje, de três anos pra cá estou...
 6478 trabalhando na APAC, como eu te falei, só tinha voluntarismo, e aí eu peguei e vim aqui pra xxxx. Na
 6479 realidade só vim pra passear, eu ia ficar só um mês. O V. me convidava muito pra vir, mas eu vim pra
 6480 passear. Aí acabou o V. "poxa, fica conosco e tal, você tem tanta experiência, nós precisamos de você",
 6481 e aí eu acabei ficando. Ele me convidou pra trabalhar na APAC. Estava num serviço na época em *uma*
 6482 *cidade do interior de São Paulo*. Aí ele pegou e falou "estou precisando de um motorista aqui, porque
 6483 o motorista vai pra outro setor porque ele está fazendo faculdade e foi para o jurídico...". E aí eu falei,
 6484 eu fico. Aí acabei ficando, fiquei na APAC uns três, quatro anos e ele me convidou para a FBAC, ele
 6485 falou "vem conosco para a FBAC, nós viajamos bastante, nós ajudamos nas jornadas", enfim tudo que
 6486 nós podemos que seja experiência para nós... e aí estou aí né. Estou na FBAC agora, de três anos pra
 6487 cá como inspetor, né. Viajamos, inspecionamos, participamos de palestras, jornadas, enfim, tudo em
 6488 que precise de nós, estamos aí. O pessoal brinca, "olhe, uma Lenda", porque eu sou o mais antigo
 6489 (risos).

6490 **Pesquisadora:** Mas é isso ..., você visita outras unidades para participar da fiscalização e verificar...

6491 **Entrevistado:** Sim, isso, de inspetor, nós fazemos nessa parte, somos uns 10 inspetores aqui, vamos
 6492 às APACs, damos apoio porque precisa, né.

6493 **Pesquisadora:** E a maior parte de vocês que são inspetores já cumpriram pena e conhecem os
 6494 sistemas prisionais?

6495 **Entrevistado:** São, um ou outro não. Mas nós estamos em 10 inspetores, somos em 6 que pegaram
 6496 já.

6497 **Pesquisadora:** Entendi. Então, na verdade você tem experiência com alguém que cumpriu pena, como
 6498 alguém que foi voluntário e que hoje é funcionário...

6499 **Entrevistado:** É, são 43 anos de APAC. O nosso objetivo é ir nas APAC, percebemos que aqueles que
 6500 estão cumprindo pena é, muitas vezes embora digamos que é pecador, eles querem nos seguir, ouvir
 6501 o nosso testemunho, de que vale a pena mudar de vida. Porque eu tenho já uma bagagem de crimes
 6502 na época, comecei ... [...] *Cortes por questões éticas [...]*. E graças a Deus, através da APAC, como eu
 6503 falei né, no começo ficava na dúvida, o preso nunca acredita que alguém possa ajudá-lo. Quando eu
 6504 entrei em *uma cidade do interior de São Paulo*, aí eu vi aquele pessoal entrar lá dentro e falar de oração

6505 e falar "olha, queremos ajudar vocês e tudo", eu ficava desconfiado. Também porque na nossa época,
 6506 nós jamais poderíamos pensar que teríamos alguma oportunidade, na época era só cumprir pena. A
 6507 única coisa que existia na lei era condicional. Se você fosse condenado há 20 anos na época, 12, 15
 6508 anos você só aguardava uma condicional. Não existia que nem hoje, um sexto da pena no fechado e
 6509 você recorrer. Hoje eles sabem que o preso sabe que se ele trabalha... na época não existia nada disso.
 6510 Era pesado. Sabíamos que não tinha essas colheres de chá, não.

6511 **Pesquisadora:** E você pagou parte da pena no Carandiru...

6512 **Entrevistado:** Paguei. Na minha época o Carandiru era pesado. Na época tinha cela forte, tinha um
 6513 andar que era só cela forte. Se você fosse conversar com um funcionário como aconteceu comigo uma
 6514 vez, você já ia pra uma cela forte, ficar 10, 15 dias numa cela forte. Era um metro quadrado, tinha seis,
 6515 sete detentos. Três ficavam de pé, três sentados, não existia direitos humanos, época do no DEIC
 6516 *(Departamento de investigações sobre o crime organizado) ... [...] Cortes por questões éticas [...]*

6517 **Pesquisadora:** No DEIC?

6518 **Entrevistado:** No DEIC. Departamento de Investigação.

6519 **Pesquisadora:** O Departamento de Investigação Criminosa!

6520 **Entrevistado:** Eu fui preso muitas vezes na época... [...] *Cortes por questões éticas [...]*.

6521 **Entrevistado:** Não, no Carandiru você ia preso. Eu fui conhecer o Carandiru eu estava ainda nos meus
 6522 20 anos de idade. Você era preso no DEIC, [...] *Cortes por questões éticas [...]*. E assim você vai
 6523 arrumando bastante processo, até que chega um momento em que você vai "bater as costas" no
 6524 Carandiru, você já está cheio de processos.

6525 **Pesquisadora:** Entendi. E qual o significado que esses 43 anos convivendo com a APAC tem para
 6526 você? Qual o sentido a APAC tem hoje?

6527 **Entrevistado:** Ah, a APAC não tem porque... quer dizer, como nós falamos anteriormente, ela é uma
 6528 alternativa, não é uma solução, você tem muitos problemas ainda. Mas perante o mundo, sabemos que
 6529 o problema é mundial, o problema de presos. Ir preso, ser jogado na cadeia, cumprir pena e acabou,
 6530 onde não tem APAC. Fica ali, sem preparação nenhuma, sem tratamento nenhum. Então a APAC ajuda
 6531 no que pode, (ruído), espiritualmente, enfim, de tudo pra pessoa poder, né, valorização humana, então
 6532 ele cumpre uma pena com dignidade. Porque tem muita gente que não tem APAC, não conhece a
 6533 APAC, nós deixávamos o preso, "ah, tem mordomia", até hoje encontramos pessoas assim. Pelo
 6534 contrário, tem preso que prefere não cumprir pela APAC, porque lá, pelo contrário, tem que trabalhar,
 6535 estudar, tem que levantar cedo... que eles trocam o dia pela noite. Ficam o dia inteiro dormindo, a noite
 6536 ficam usando drogas, jogando baralho e enfim, só pensando em porcaria. Que nem, nós temos a nossa
 6537 cadeia, aqui perto há 500 metros, que elas são iguais, jogam lá 30, 40 numa cela e ali, o dia inteiro
 6538 ficam trocando *know-how* de crime e porcarias, e coisa ruim, né. A APAC não, você acorda as 6 horas
 6539 da manhã, faz sua oração, aí cada um vai pro seu trabalho, aí vai pra escola, tem tratamento digno, a
 6540 família é respeitada, agora se você for passar ali você vai ver aquela fila, eles todos no sol, a família
 6541 paga pena também, ali bem na esquina, você passa ali, estão as visitas: mãe, pessoal de idade, tudo
 6542 ali na calçada, a família sendo humilhadas. Na APAC não, as famílias, pelo contrário, a APAC prega
 6543 que elas têm que ser tratadas com amor, elas já sofrem demais, como por aí nos presídios elas são
 6544 tratadas. Começa a ver com tudo isso, que a família dele é bem tratada, que ele é bem tratado, então
 6545 chega uma hora que cai a ficha nele. Ele diz "puxa, tenho que...", né? (sic).

6546 **Pesquisadora:** Muito obrigada pela sua contribuição, com a minha entrevista

